um romance de

VALENTINA K. MICHAEL



Vossa Alteza

UMA PROMESSA DE HONRA

VALENTINA
ROMANCES

VOSSA ALTEZA

UMA PROMESSA DE HONRA

VALENTINA K. MICHAEL

Copyright © 2018 Valentina K. Michael

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Fabiano Jucá

Capa: Murilo Guerra

Diagramação Digital: Valentina K. Michael

Título – Vossa Alteza – Romance

LIVRO UNICO

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.

Sumário

PRÓLOGO
01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32

33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68

Próximos lançamentos da autora:
CONTATO

PRÓLOGO

Chovia bastante naquela noite. Quase não dava para ver um palmo à minha frente, na estrada principal que levava ao palácio. Era uma viagem perigosa, sem batedores ou seguranças me precedendo como mandavam as leis reais. Eu, pouco importava se o rei — no caso, meu pai — tinha um puxão de orelha preparado para mim. Seria mais um para a coleção de sermões que possuo. A raiva já tinha extrapolado ao limite naquela noite e mais uma gota era o suficiente para eu explodir e jogar toda a merda no ventilador.

Já me considerava mesmo um merda renegado. Sentia por dentro, lá no fundo, a dolorosa sensação de desprezo a despeito das minhas escolhas: eu mesmo escolhi afastar de tudo por não aguentar mais a opressão do meu pai, com a mesma ladainha de assumir uma posição junto a ele.

Conseguia prever ele calado em sua poltrona, acho que escolhendo as melhores palavras que serviriam de açoite quando eu tocasse o pé em casa.

E claro, não podia deixar de prever Dominic, meu irmão, andando impaciente pela sala com um celular na mão. Desliguei logo o meu, pensar em Dom me enchendo o saco já elevava mais ainda minha fúria.

Sei exatamente o que Dom gritaria comigo. Ele ordenaria que eu parasse o carro até que serventes reais chegassem. Eu, como motorista experiente, primeiro sargento no exército do rei e ainda príncipe herdeiro, deveria mesmo precaver: parar o carro e esperar a chuva passar; deveria tentar preservar minha vida e das pessoas que estão no carro comigo. Eu fui ensinado a fazer isso, as leis ordenam que principalmente eu, como integrante da realeza, faça isso. Todavia, eu estava cagando para qualquer lei ou ensinamentos. Os braços do para-brisa estavam mexendo velozes limpando a água da chuva, e ainda assim eu não conseguia enxergar nada.

Tentei não olhar de lado, no banco de passageiro, e ver Mariah soluçando pelo pranto recente. Estava enfim parando de chorar depois da acalorada discussão que tivemos havia pouco, antes de sairmos do hotel. Prometi a mim e a Deus que a jogaria em qualquer canto e sumiria no mundo. E que se foda o resto. Estava prestes a dizer isso quando ela decidiu me azucrinar.

— Você poderia ao menos ser mais complacente. — Balbuciou, incerta de que eu a ouviria.

Eu não disse nada. Como resposta, pisei no acelerador.

— As coisas não são tão fáceis como imagina. — Ela continuou. — Você passou muito tempo fora servindo ao exército e estudando, e não sabe nada desse país, seu pai ama você e quer apenas seu bem... Pelo amor de Deus, fale alguma coisa, Phelipo.

Já que era para eu falar...

— Dane-se! Agora eu que não quero mais você. Se adora tanto o rei, que se foda para lá.

— Seu miserável! — Gritou e achou que era uma boa ideia sacudir meu braço. — Então é só isso? Depois de tudo que arrisquei, é isso que vai jogar na minha cara?

— Eu já disse tudo que tinha para dizer, Mariah! Porra. — Tentei ainda ser controlado, meus dedos se apertaram mais que o necessário em volta do volante. — Vai ter sua vida de volta. E eu terei a minha.

— Não quero minha vida de volta. — Ela já estava aos prantos novamente. — Poxa Phelipo, eu te amo, você me ama. Vamos resolver isso. — O tom de Mariah era quase implorativo. Mas não era suficiente para me fraquejar.

Ri com um acentuado tom sarcástico e isso a deixou mais furiosa ainda.

— Phelipo! — berrou.

— Acabou, porra! — gritei e bati várias vezes no volante. — Acabou. Você não vai me procurar mais, ouviu? — Meu corpo tremia de raiva. Não pensem que estava sendo legal tomar essa decisão, para eu vê-la chorar e ser o culpado pelo choro. Sentia meus nervos pulsando e minha boca seca. Achava que estava até ofegante. Ela disse certo: o amor existia entre a gente, mas depois de tanta coisa que ganhei na cara, durante minha vida, o amor não tinha tanto espaço em meu coração.

— Está me descartando? Depois de me usar? Pense o que será de mim, da minha vida...

Essa não era uma acusação justa.

— Problema seu! — cuspi as palavras com rancor. — Eu sou igual uma embarcação, minha querida. Você não quis quando eu estava ancorado te esperando, agora acabei de partir e não tem mais volta.

— Deixe o orgulho de lado...

— Sou orgulhoso mesmo. — Um bolo de ódio tampava minha garganta e a força das lágrimas quase fazia eu lembrar o que era chorar. — Todo esse tempo eu doei tudo a você. Você pisou no meu calo lá no hotel. Sabe como eu odeio ser substituído e preferiu o rei e o país a ficar comigo, eu te dei opções e você escolheu a sua.

— Não é tão fácil. Eu não posso deixar o país. — Entre as lágrimas, tentava defender a sua opção.

— Então acabou! Pronto, foda-se.

— Desgraçado! — Aos prantos ela voltou a gritar e bater ferozmente no meu braço. — Porco nojento, espero que apodreça no inferno, espero que tenha a vida mais...

Ela não terminou de amaldiçoar. Uma luz alta na minha frente e um barulho de buzina com rodas tentando frear no asfalto molhado interrompeu nossa briga. E o esmagamento veio logo em seguida.

Dor dilacerante... um grito de socorro... choro baixinho bem ao meu lado; e por fim, o silêncio sob a chuva.

01

LAR, AMARGO LAR



PHELIPO

— Sr. Miklos.

Acordo sobressaltado, com uma dor trucidante na minha perna. Meu corpo molhado de suor mesmo com o clima frio. Lá fora, um relâmpago clareia a noite chuvosa e logo em seguida um trovão reverbera pela madrugada.

— Alteza... — Estão me chamando na porta. A voz é de meu lacaio (e braço direito) Levi. Minha consciência vai voltando aos poucos, junto com o tortuoso sonho que é uma lembrança desagradável de anos atrás. O acidente... tão real. Minha perna lateja como se tivesse acabado de acontecer.

— Sr. Miklos. — A voz volta a chamar e as batidas soam mais altas. Ele sabe que tem permissão de importunar meu sono apenas em caso extremo e por isso sei que algo de ruim aconteceu. Solto o ar pela boca e olho para as duas garotas enroladas no edredom, na mesma cama que eu.

— Fora. — Chacoalho uma delas. Em seguida bato de leve na outra. — Ei, acorde, precisa sair. — A noite gostosa que eu desfrutei me vem à mente, não deixando espaço para qualquer entusiasmo ou nostalgia; tinha sido apenas uma noite qualquer e que daqui a pouco será esquecida. Sacolejo novamente as garotas, antevendo o início da raiva. — Senhoritas, precisam deixar o quarto. — Eu ainda tento ser terno. Mas, como podem testemunhar, elas não colaboram. Paciência nunca foi meu dom.

— Hum... — Uma murmura e se vira para o outro lado.

— Eu disse pra fora, PORRA. Saiam! — Precisei de apenas um grito para que as duas se levantassem ao mesmo tempo e sem reclamar, juntassem as coisas delas e saíssem correndo do quarto. Elas sabem o que fazer. Levi saberá como instrui-las.

— Levi! — grito e ele entra rápido no quarto. É alto como um armário e sutil como uma seda. Seu porte atlético se deve ao antigo cargo, até pouco atrás como sargento. Está comigo desde que me resumi a um homem desagradável, isolado e renegado, vivendo entre Nova Iorque e a ilha de Noirmoutier, na França, que é onde estou.

— Alteza. — Levi faz uma breve reverência, se colocando ao meu dispor e inflamando minha

raiva. Ele sabe como eu odeio toda essa merda, mas foi criado para servir a casa real; ao menos ele devo suportar.

— Um analgésico. — Massageio devagar minha perna, no joelho. — Espero que o motivo de ter interrompido meu sono, seja muito bom. — Como se eu não fosse acordar de qualquer forma com o maldito pesadelo.

— Vossa majestade o seu pai. Precisa vê-lo.

— Meu pai? — Levanto o rosto e o encaro sob a luz tênue da luminária. — Não diga que o velho está de partida? — Sua expressão abatida diz que sim.

— Temo dizer que sim, meu senhor. Precisa se apressar, ele teve outra recaída. Pode ser que dentro em breve o país precisará de uma posição sua.

— Puta que pariu. — Tiro o edredom que me cobre e estou pelado, nem sei onde diabos estão minhas roupas. A farra ontem estava tão boa que fui despido na entrada da casa. Jogo as pernas para fora da cama e Levi se posiciona ao meu lado para me ajudar a levantar. Ele estende sua mão e uso ela como apoio.

De pé, totalmente nu, ando mancando mais que o normal pelo quarto, sirvo dois dedos de uísque e olho para a tempestade tórrida lá fora. Outro raio clareia tudo e é como um presságio, me mostrando que muita merda pode estar para acontecer.

Levi vem do meu closet e estende em minha direção uma calça de flanela.

— Senhor, não devia beber. Irei te trazer o analgésico.

— Álcool ajudará mais nesse momento, Levi. Prepare o jatinho, iremos ver o rei.

***

A ilha onde eu estava fica na Europa, ocasionando uma viagem longa, diria que quase atravessar o mundo para chegar ao meu destino, na Oceania.

Meu pai reside em Turan, um país de médio porte comandando pela casa real e por um congresso, abaixo do rei. O governo de cada um dos nove distritos que compõe o país fica sob a escolha do rei, e ultimamente o povo pede que seja feita a democracia e que os governadores sejam eleitos pela sociedade.

Eu não envolvo na política do meu país natal, na verdade não tenho envolvimento em nada sobre ele, o que deixa meu pai louco de raiva. Entretanto, às vezes me flagro pensando no que eu faria se tivesse que assumir. Não sou nem um pouco patriota e por isso acho que daria ao povo o poder de escolha e fim.

Mais de vinte e quatro horas depois, quando o jatinho parou no campo de pouso real, um pequeno exército já se encontra de prontidão para fazer minha escolta.

— Vossa alteza. — Um comissário do rei me cumprimenta solenemente quando desço as escadas do jatinho. Faço, em resposta, um breve aceno de cabeça. — Queira me seguir, senhor. — Ele se vira. Levi, eu e Luck, meu cão e fiel companheiro, o seguimos sob o céu quase escuro de Del Rey, a capital de Turan.

Apoiando-me em uma das minhas bengalas — de uma valiosa coleção que possuo —, caminho

até o carro preto que contém um pequeno escudo no capô, indicativo de que pertence ao rei.

A combinação entre eles é ligeiramente formada, presumo que agem sempre assim: harmoniosamente. Dois homens vão à frente, cada um em uma moto, um carro com seguranças logo em seguida e só depois vem o meu. Atrás de mim, outro carro preto e mais duas motos por último. É uma pequena comitiva real.

Por essas e outras que fui embora desse lugar. Meu pai exagera nos protocolos, ele segue à risca tudo que manda a tradição. E por causa de todas essas merdas minha mãe sumiu e ele vetou a entrada dela ao país. Nunca mais tive notícias dela.

Olhando o dia findar, vou relembrando de cada momento de minha vida conforme o carro corta a cidade.

O clima aqui no país pode variar dependendo de onde a pessoa estiver. Por exemplo, a temperatura diminui conforme se viaja para o sul. Mas o país fica na encosta, o que torna o clima um pouco mais ameno. A maior parte do clima é temperado, quase tropical. Temos belas praias, coqueiros e palmeiras em todo lugar.

Estamos quase entrando em junho — o início do inverno aqui — e eu me lembro de como essa época era esperada e odiada por muitos. Recordo de minha mãe vestindo meu irmão e eu com belas roupas para aproveitarmos a neve. Era a época que eu mais amava.

Quando o carro entra pelos portões do palácio, meu coração gela mais do que se estivéssemos de verdade no inverno e eu ficasse sem meias por dez minutos na neve pura.

Como um tiro doloroso, todas as lembranças vêm me dar boas-vindas ao passo que vamos adentrando. Estou todo tensionado e minha perna dói pra cacete.

Posso ver o jovem Phelipo, aos dezesseis anos correndo pelo jardim após a partida noturna da minha mãe. Eu gritava e chorava enlouquecido por ela ter partido deixando apenas um bilhete emocionante. Meu irmão, atrás de mim, conseguiu me capturar e fui coberto com seu abraço. Caímos na grama e ficamos ali, bem naquele ponto próximo à fonte da Vênus, chorando abraçados. Ele e meu pai eram minha única família desde então. E hoje estou prestes a perder o pouquinho do que restou.

Os carros param e imediatamente alguém vem abrir a porta para mim.

Luck pula na frente e de orelha em pé começa a farejar. Me sinto tocado profundamente quando piso fora do carro e sustento o peso do corpo na bengala.

— Vossa alteza. — Um homem, que desconheço, é o selecionado para minha recepção; e educadamente aceito seu cumprimento. — Deseja se acomodar ou prefere ir aos aposentos do rei?

— Quero ver meu pai. Imediatamente.

— Seja feita a tua vontade. — Ele faz uma breve reverência e gira nos calcanhares, começando a andar.

— Cuide do Luck — peço a Levi e sigo o homem.

A enorme construção datada do século dezoito ainda é a mesma coisa que deixei quando fui embora de vez, quatro anos atrás.

O palácio é branco perolado e contém cinco torres frontais. Tem dezenas de alas e casas. Meu irmão tinha a própria casa na ala leste, quando se casou. E eu ganhei a ala sul, que tem vista para o suntuoso pomar. Em época de frutos, acordar com o cheiro das maçãs era, inicialmente, melhor coisa que existia. Mais tarde se tornou inoportuna.

Muitas lembranças estão impregnadas em cada móvel e parede desse palácio. Minha história, minhas dores, Dominic... Pensar sobre ele me faz querer cair aos prantos, todavia a ferida está bem guardada e impede que eu lamente mais uma vez.

Eu nem precisava de guia para andar pela minha própria casa, mas o engomadinho na minha frente deve seguir os ensinamentos de meu pai, então decido não contradizê-lo.

Chegamos aos aposentos reais, ele anuncia minha presença e, quando é autorizada pela voz fraca do meu pai, entramos no quarto.

Ele está lá, deitado na sua gigante cama que usa sozinho por anos a fio, desde que minha mãe partiu.

Com semblante pálido, mostra-se muito acabado fisicamente. Tem apenas setenta e três anos, mas a doença o massacrou.

— Meu pai. — Tomo sua mão e beijo seu anel real, que ele jamais tira. Me sento ao lado dele. Meu pai é do tipo rigoroso e protetor, dificilmente vai voltar atrás com sua palavra. Levando em conta essa sua compleição, era sempre nosso motivo de briga.

Seus olhos cansados cravam no meu rosto e um breve brilho me faz acreditar que ele gostou de me ver aqui.

— Phelipo — murmura. — Chegou cedo.

— Vim assim que recebi o comunicado.

— Ah, meu filho. Receio que meus dias se findam. Eu não poderia ir sem antes te abençoar.

Ele sempre foi mais ligado ao Dominic e se mantinha afastado de mim por eu escolher o caminho rebelde desde cedo e manter teimosamente a ideia de que um dia eu reencontraria minha mãe.

Já o meu irmão era sua cópia e mantinha todo o rigor que o trono mandava. Ele seguia nosso pai assiduamente, era mais que seu braço direito, era seu confidente e melhor amigo. Uma enfermidade colocou meu pai em cima da cama quando Dom partiu cedo demais.

— Estarei aqui com o senhor, meu pai. Farei com que seus últimos dias se tornem felizes.

Calado, apenas me olhando, ele chorou.

— Eu perdi muito. Helida me deixou— pronuncia o nome da minha mãe com rancor e tristeza. — Dom se foi também, e está em você minha última chance de remissão. Minha chance de manter um reino digno a meu povo.

— Pai...

— Calado, quero que me escute. — O tom dele muda de choroso para bruto em uma facilidade que é própria de sua característica — Phelipo, você fez coisas terríveis, coisas que eu jurei nunca perdoar. Por sua causa meu filho se foi.

Baixo os olhos e apenas aceito receber essas palavras. O rancor voltou à voz do meu pai, como nos vários telefonemas que ele tinha me dado.

— Você tem a obrigação de tomar isso para você, esse cargo. Você é o atual príncipe e ofendeu profundamente a mim, à memória de seu irmão e ao povo, quando resistiu e não veio aceitar esse título.

— Não sou príncipe, pai, eu não quero...

— Não tem querer! Deixe de rebeldia uma vez na vida e atenda a meu pedido.

— O que quer que eu faça? — Fico de pé furioso e gesticulo com uma mão, a outra apoiando meu peso com a bengala. — O quê? Aqui não é minha casa, não é minha vida. O Dom era o príncipe que o povo precisava e queria. Você está certo, ele se foi e talvez eu tenha culpa...

— Talvez? — Ele grita. — Você é uma piada. Vai agora mesmo aceitar o que é seu por direito e me deixar partir sossegado.

— Não vou. — Aproximo da janela e olho o jardim lá fora. Me lembro de ser criança e ver minha mãe aqui me olhando enquanto eu brincava lá no jardim. — Aceito qualquer coisa, menos o principado — murmuro como se fosse apenas para mim.

Uma decisão que já tomei antecipadamente.

Eu simplesmente não posso. Há milhares de coisas que corroboram minha resistência, e talvez eu me sinta roubando o lugar que era do meu irmão e que ele desempenhava tão bem. Um silêncio quase assombroso cai pelo quarto, ouço apenas a respiração pesada do meu pai, e percebo que está se acalmando.

— Então não tem desejo de se redimir? — O tom choroso voltou. Que conveniente. — De todo o mal que causou a esse país, de todos os seus erros, de toda dor que fez essa casa passar?

Continuo calado, de costa, apoiando na minha bengala. Só Deus e eu sabemos o quanto sofri e sofro até os dias de hoje, a cada vez que fecho os olhos; preferia ter ido no lugar do meu irmão, e nas noites solitárias, chorei aos gritos com a dor dilacerante que nunca se curou em mim. Me redimir é o que mais quero, fazer meu pai feliz apenas uma vez na vida e deixá-lo partir contente comigo.

De costas para ele, fitando a enorme janela, eu pondero:

— Gostaria de fazer o senhor feliz ao menos uma vez, meu pai. — Me viro para ele. — Mas creio que não terá como, visto que não posso cumprir esse seu pedido.

— Venha aqui. — Ele bate de leve na cama, onde eu estava sentado. Volto mancando e me sento.

— Me entenda, pai...

— O tempo te fará aceitar seu título, sua herança real. — Ele escolhe não entender meu suplicio — Mas há uma maneira de me fazer feliz e me deixar ir embora tranquilo e de consciência leve.

Uma luz parece brilhar no fim do túnel. Se há outra coisa que o fará ter orgulho de mim, então é certo que empenharei e farei.

— Diga-me, meu pai, qualquer coisa e até metade dos meus bens eu daria para vê-lo satisfeito comigo.

Sem titubear, ele diz:

— Há uma moça.

— Moça?

— Josephine. Esse é o nome dela.

Rapidamente, no meu banco de dados mental, abro a gaveta intitulada “mulheres” e não me recordo de nenhuma com esse nome.

— Não a conheço... — minhas sobrancelhas se juntam em curiosidade.

— Mas vai conhecer. Quero que se case com ela.

Passo segundos mirando os olhos dele, pensando se foi mesmo isso que entendi.

— O quê? — Foi quase um grito de perplexidade. — Pai...

— Escute. — Ele captura minha mão. — Josephine e a mãe são minhas responsabilidades desde que o pai dela, o comandante D'Angelo, morreu em uma missão real.

Abro a boca para protestar diante desse gigantesco cúmulo, mas meu pai é mais rápido na contestação:

— Calado, Phelipo. Eu prometi sob o túmulo do pai dela que jamais a deixaria desamparada. É minha promessa de honra, pegue essa promessa para você, meu filho. É o que peço, case-se com Josephine, não a deixe desamparada.

— Pelo bom Deus, meu pai. Existem várias formas de eu não deixá-la desamparada...

— Não. Não existe. Josephine deve continuar aqui, nesse palácio.

— Ela mora aqui? — Eu já ia expressar minha surpresa com esse absurdo, entretanto, outro absurdo maior veio em seguida:

— Quero que ela faça parte da realeza, quero dar isso a ela. Nem que seja por um ano, case-se com ela, faça dessa moça uma princesa e por fim afaste-se dela, deixando-a com um bom título de duquesa e uma vida digna pela frente. É tudo que te peço. Apenas que pegue para você a promessa que fiz ao pai dela.

Fui pego desprevenido, como uma picada de cobra.

— Pai... eu nem a conheço. Pelo amor de Deus!

— Mas vai conhecer. — Ele aperta firmemente minha mão. — Phelipo, já que não aceita ser coroado príncipe, me dê essa alegria antes de minha morte, case-se e me deixe ver o matrimônio.

02

BOAS NOVAS



JOSEPHINE

— Meninas, vocês se apaixonam fácil demais; sou a mais forte entre todas. — Com uma xícara de porcelana nas mãos, vibro com uma suave gargalhada, quase em deboche. As garotas à minha volta riem também.

— Desde Christian Grey eu não tenho uma paixão tão forte por um personagem. — Allegra diz e balança o livro "Desastre Iminente". — Travis é meu mais novo futuro marido.

— Meu top ainda continua sendo Mr. Darcy. — Bernadete confessa e eu aponto a xícara para ela, concordando.

— Mr. Darcy é inigualável.

— Só perde mesmo para Heathcliff. — Susan discorda e imediatamente eu balanço meu dedo veemente negando, quase na cara dela. Bernadete faz o mesmo que eu.

— Nunca ouvi tamanha afronta. Daqui a pouco você até coloca o Noah Calhoun na disputa.

Estamos em mais uma reunião do clube do livro. Ler é minha maior paixão e compactuo isso com mais quatro garotas que são minhas melhores amigas.

Allegra é a líder, do tipo instigante e observadora. Bernadete está sempre falando pelos cotovelos, Nádia as vezes é meio rabugenta e além de mim, tem a Susan, a caçula que ama ser mimada, mas não deixamos que ela se torne fútil.

Sempre escolhemos um livro, lemos e debatemos sobre ele. E uma vez por semana nos juntamos para trazer os livros favoritos e falar dos personagens que mais nos agradaram.

Hoje estamos reunidas na casa de Allegra, que é uma anfitriã de classe alta. Seu pai é um famoso empresário aqui no país e foi amigo do meu pai quando este ainda era vivo.

Allegra ajeita os belos cabelos loiros e atiça: — Josephine nunca escondeu seu ranço pelo coitado do Noah. Eu não gosto da Allie, ela ferrou tudo no livro.

— Ela? Cala essa boca! — Nádia já entra em defesa da personagem do livro "O Diário de uma paixão". — Foi a família dela que fez toda aquela cachorrada. O Noah é um príncipe.

— Não tenho ranço por ele, apenas não me conquistou — comento e sinto meu celular vibrar na bolsa. Abro e vejo que é minha mãe.

— Um instantinho, meninas. — Mais rápido que o necessário, vou para a outra sala.

— Diga, mãe. — Certeza que ela está me ligando para que eu volte logo. Minha mãe acha que ficar muito tempo fora de casa pode deixar uma moça de família mal falada. Eu sei, pensamento machista, mas estamos em Turan. — Ainda estou na Allegra.

Seu recado é rápido ao telefone, ela apenas queria me contar uma fofoca e disse que eu preciso ir urgente para casa. E o motivo? Seremos recebidas na presença do rei em seus aposentos. Volto para a sala em passos largos, de olhos arregalados, anuncio:

— O príncipe voltou.

Isso chama atenção das quatro meninas. Bernadete até se levanta.

— O príncipe? Tipo, o duque que se renegou ao título?

Me sentindo eufórica e assustada, volto para meu lugar e conto:

— Sim. Phelipo está de volta ao palácio desde ontem à noite e parece que vai ficar. — Coloco a mão no peito pressentindo algo ruim. Sinto até minha boca seca e minhas mãos frias, em uma espécie de pressagio. — Minha mãe disse que seremos apresentadas ao rei.

— Aaahhh! — Nádia berra com seu excesso de drama. — Meninas, ele é o homem mais gostoso e lindo que eu já vi. É minha chance de ser uma duquesa.

Quase engasgo com o chá que tive que beber para tentar disfarçar minha perplexidade.

— Vire essa boca para lá, Nádia, não queira esse mau agouro na sua vida. — Com elegância, desconsidero o sonho fútil dela. — Sei algumas coisas sobre aquele cara e te digo com certeza: ele é feio e podre por dentro.

— Como assim, Josephine? Que coisas?

As quatro estão boquiabertas e tenho total atenção de cada uma delas. Sei que não devo falar o que não tenho certeza, mas são minhas amigas e com elas tenho confiança.

— Minha mãe me contou por alto, mas parece que ele tem a ver com a morte do Príncipe Dom.

— O quê? — Elas gritam em uníssono.

— Que isso não saia dessa sala, pelo amor de Deus. Pode ser apenas fofoca de empregados do palácio, eu não sei de verdade. Entretanto, o que o deixa mais feio e escroto é tudo que falam sobre ele na internet.

— Isso é verdade. — Bernadete concorda. — Fiquei besta com todas as merdas que esse homem apronta fora daqui. Metade da população do país o reprova.

E esse fato me preocupa de uma forma bizarra.

— Me conte, pessoal, estou por fora. — Allegra implora. — Só acho ele muito bonitão, chega a ser chocante como ele é lindo.

— Isso é verdade. — Eu digo. — Não tem como negar. Mas já foi preso — começo a enumerar nos dedos —, bateu em um funcionário, quebrando o nariz do coitado — pasmas, as meninas se entreolham —, dirigiu embriagado várias vezes, e se envolveu em diversos casos de adultério. — Curvo-me para frente em direção a elas, que me assistem sem piscar e, como se fosse um segredo, divulgo: — É conhecido pelo apelido "carinhoso" — faço aspas com os dedos — de Mr. Divórcio.

— Mr. Divórcio?

Me animo com as expressões de incredulidade delas e desando a falar:

— Especialista em levar casamentos a divórcios. Sempre fica com mulheres casadas e nem faz questão de esconder isso, ao contrário, eu vi vídeos dele se gabando sobre isso, sendo sarcástico com as denúncias das revistas. E até deu uma surra em um marido uma vez, que foi tirar satisfação.

— Você tem obsessão por ele? — Após meu relato minucioso, digno de agente do FBI, Susan me surpreende com essa pergunta infame.

— Oi?

— Você sabe todas essas coisas... — Constrangida, Bernadete mexe na renda de sua saia. Fito cada uma, mas elas preferem desviar o olhar.

— Pesquiso, Susan. Está na internet. — Gesticulo elegantemente, disfarçando minha apreensão com esse questionamento.

— Josephine, você tem namorado. — Bernadete resolve pegar um prego emprestado com Susan para me crucificar também. — Por que estaria pesquisando coisas de um homem que você despreza?

Como se tivesse sido pega no flagra, encaro o rosto de cada uma delas, que esperam uma resposta convincente de mim. Fico indignada com essa acusação velada. Eu odeio aquele homem com todas as minhas forças.

Pego minha bolsa e fico de pé.

— Vocês estão loucas. — Passo o dedo apontando para cada uma delas. — As coisas simplesmente aparecem pela internet. Apenas olhar para aquele degenerado me faz querer benzer.

— Ok. Não precisa ficar enfurecida. Já está indo? — Os olhos verdes de Allegra estão arregalados, achando que me deixou brava.

— Tenho que me preparar. Como já disse, eu e minha mãe deveremos nos apresentar ao rei hoje à noite.

— Ai meu Deus! — Allegra berra. — Então vai ficar frente a frente com o príncipe malvado gostosão. Tire uma foto e mande para nós, Josy, por favor.

Reviro os olhos enquanto termino de vestir minhas luvas de pelica.

— É bem capaz que irei sacar um celular e bater uma foto do desgraçado, bem na frente do rei moribundo. Se aquietem. — Vou até elas e me despeço com um beijinho em cada uma. — Não esqueçam de começar o Madame Bovary. — Deixo o lembrete. Esse foi o próximo livro escolhido pela votação.

— Ainda vou comprar o meu. — Allegra vem comigo até a porta.

— Te ligo assim que chegar em casa, vai me ajudar no vestuário — A convoco em um cochicho.

— Estarei esperando. Meu Deus, ainda nem acredito que Phelipo está de volta.

— Nem eu. — Me viro e saio, deixando-a me olhando da porta. Atravesso o jardim e entro no carro, que já está aberto à minha espera. Ultimamente o rei deliberou um motorista para mim e minha mãe, por mais que tentemos recusar.

Dentro do carro, dou um último até logo para Allegra e suspiro quase aflita. Preciso ligar para o Bart, meu namorado. Estou com sensações muito ruins.

***

Bartolomeu acaba de ser aceito na guarda real; claro, teve o dedo da minha mãe, ela intercedeu junto ao rei para dar um lugarzinho a Bart. Meu pai era comandante das forças especiais e grande amigo do rei Alfred. E isso ajudou bastante para que o pedido dela fosse aceito.

Minha mãe, às vezes, me azucrina e me irrita muito com o jeito orgulhoso dela, sempre se portando com pompa. E agora que estamos em uma das casas do palácio, ela acha que já faz parte da realeza.

Não digo que minha mãe seja interesseira, mas é o que o povo fala.

O carro para em frente à bela e humilde casa em que Bart mora com os pais. Desço e peço ao motorista para ir embora. Eu irei mais tarde, acompanhada do mais belo soldado da região. Meu namorado.

Estou há apenas dois meses de volta ao namoro. Antes estávamos distantes, pois eu fiquei por quatro longos anos num colégio interno.

Minha felicidade transborda a níveis inimagináveis. Conheço Bart desde os treze anos, nosso namoro sempre foi visto com bons olhos, e agora, depois que retornei à cidade, estou pronta para dar um passo a mais com ele. E esse é o motivo da minha imensa felicidade: meu casamento que, pelos nossos cálculos, será no próximo ano, assim que se iniciar a primavera e a beleza aflorar por toda Del Rey.

— Josy, que prazer em vê-la. — Bart chega à sala onde estou sentada, com a mãe dele. Levanto-me e o recebo em um abraço. Mais alto que eu e com um porte atlético, ele é um colírio para meus olhos. Ele é descendente do povo nativo do país, acho um charme seus cabelos negros baixinhos e os olhos meio esverdeados.

— Deixarei vocês a sós. Irei preparar um café. — Ela sai e eu me afasto para olhar nos olhos de Bartolomeu.

— O duque voltou. Está sabendo?

— Sim. Ficamos sabendo hoje cedo, o pelotão em que estou lotado fará a segurança dele, acho que posso ser escolhido. — Ele se senta e me leva para acomodar-me ao seu lado. Segura minha mão e acaricia sem pressa minha aliança de compromisso. — Isso te afeta?

— O quê? A presença do duque, ou você ser escolhido?

— A presença dele.

— Claro que não. Por que me afetaria? — Semicerro os olhos para ele.

— Não sei. — Ele meneia a cabeça e posso ver nitidamente um tom desconfortável...

Quase ofendida, seguro o queixo dele fazendo com que nossos olhares se encontrem.

— Bart. O que está pensando?

— Você mora no castelo. Ouvi boatos de que esse tal duque...

Pressinto o que ele vai dizer e o interrompo, colocando minha mão em sua boca.

— Nem venha com isso. Pelo amor de Deus. Eu nem preciso olhar para o duque, primeiro que não nos conhecemos. Quando eu cheguei ao palácio para morar, ele estudava fora. Sem falar que... meu bom Cristo! Você sabe onde eu e minha mãe moramos. — Minha garganta até dói com minha voz urgente. Minha necessidade chega a se tornar ardente em tirar esses pensamentos da cabeça dele.

— Sim, eu sei. Depois do pomar.

— E por que essa cara? Eu desconsidero totalmente aquele homem. Ele é tudo que eu acho errado.

— Um nojento. — A voz de Bart range com desdém. — Ouvi falar.

— Nem me lembre. Ele é uma blasfêmia ao nosso povo.

— Bom, vamos deixar o sujeito de lado e falar da gente. — Segura minhas duas mãos e, feliz, aperto as dele de volta.

— Novidades? — Quase pulo no sofá, de tanta euforia. Já pressinto sobre o que ele quer me falar.

— Nosso terreno.

Meus olhos quase pulam das órbitas.

— Não me diga...

— Nosso! Tenho a escritura comigo. Enfim temos onde construir nosso lar.

— Ahhh! — berro feliz e pulo nos braços de Bart. — Meu amor! Que felicidade! — Seguro a cabeça dele e planto vários beijos em todo seu rosto. — Meu Deus, achei que jamais conseguiríamos. O lugar é lindo.

— Seremos felizes lá. Prometo a você.

— Eu sei que seremos. Eu sei! — Minha euforia é tanta que derrubo ele de costas no sofá e fico por cima o agarrando, pouco me importando que meu vestido possa estar mostrando demais. Em alguns poucos momentos da vida, podemos ser um pouquinho fora das regras.

Nada nessa terra pode estragar minha felicidade. Esse é o momento que esperei tanto.

03

DECRETO REAL



JOSEPHINE

Obsessão por ele. Ah bom, era o que me faltava. Susan não se enxerga.

Entro no meu quarto, jogo minha bolsa na cama e me sento olhando para a parede e tirando a luva um dedo por vez. Começo minhas indagações:

O rei estaria morrendo? Isso explicaria a vinda de Phelipo para cá. E não há dúvidas de que será péssimo para todos nós. Para o país em geral. Precisamos de diplomacia com outros países e a monarquia daqui é uma das mais respeitadas e invejadas por ter sido bem regida pela família Miklos. Nossos índices de crimes, pobreza e corrupção são baixíssimos. Não podemos perder isso.

Ter a possibilidade de Phelipo na regência seria um suicídio social do nosso país diante do mundo.

Enquanto me dispo do vestido e corro de calcinha e sutiã para meu closet, faço uma breve prece silenciosa pela vida do rei. Fico de verdade amedrontada com o nosso futuro. Imagino o caos que pode se abater ao país caso o rei morra e o filho-do-cão — também conhecido como Phelipo — tenha que assumir. Porque sabemos que ele não assumirá e sabemos que, se assumir, acontecerá uma grande rebelião pelo país. Será a hora do povo que pede democracia tentar derrubar a realeza.

Prendo meus cabelos numa touca plástica e vou para o banho. Noto que preciso fazer minhas unhas que estão um horror e dar um jeito nas pernas.

Caramba! Por que esses pelos nascem tão rápido? Queria me depilar por completo, mas morro de medo. Sei que terei que fazer quando for me casar com Bart, todavia, enquanto isso, resolvo na gilete mesmo.

Termino o banho, toco na tela do computador, abro o Skype e chamo Allegra. Ela atende prontamente.

— Estou vendo sua bunda, Josephine, me chamou para ver isso?

Visto a calcinha e me aproximo abotoando o sutiã diante da tela. Allegra está em seu quarto, deitada na cama vestindo apenas camiseta e calcinha estilo cueca, estampada com coraçõezinhos. Posso ver parte de sua bunda.

— Fui no Bart. Ele comprou o terreno — anuncio prontamente, à queima-roupa.

— Comprou? — Ela grita quase tão ensandecida quanto eu fiquei. — Ai Josey! Que maravilha

— Estou muito feliz. — E nem preciso dizer, minha cara já mostra isso. — Já tínhamos desenhado tantas plantas para a construção.

— Você só pensa nisso ultimamente, parabéns.

Corro, pego escova e babyliss e já deixo preparado.

— Obrigada. Depois avisarei as meninas.

— A Nádia que ficará de bico, sabe que ela não gosta muito do Bart.

Tiro o rosto de dentro da gaveta de acessórios para cabelo e olho para o computador. Gostaria de entender toda essa picuinha da Nádia, mas me limito ao humor.

— Nádia vai ter que aguentar e ainda será minha madrinha. — Gargalho e dou as costas. — Vou pegar os vestidos para você me ajudar a escolher para hoje à noite.

— Certo, vamos começar. Uma visita aos aposentos do rei precisa de luxo. Me dê as melhores opções, Josephine.

***

Eu passei o dia sem querer pensar que eu poderia ficar cara a cara com o duque logo mais, na visita ao rei. Entretanto, tudo em mim dizia que aconteceria justamente isso, afinal por que outro motivo o rei Alfred convidaria eu e minha mãe? Claro que ele quer nos apresentar ao filho.

A propósito, nem pude passar a saber mais a respeito por fontes seguras, que no caso é minha mãe. Ela simplesmente sumiu e só deixou o aviso para que eu me arrumasse, e que viria me encontrar dez minutos antes da hora marcada para ver o rei.

Ter folga da minha mãe é satisfatório, mas justo hoje? Estranho.

Na minha rápida consulta de moda com Allegra, chegamos a uma conclusão que preto não seria aceito essa noite. O velho está morrendo e com que cara eu chegaria lá de preto? Decidimos por um azul suave abaixo dos joelhos, com renda cobrindo os ombros e quase todo o pescoço.

Com a ajuda online de Allegra, fiz uma trança embutida e não passei maquiagem. Preferi a humildade.

— Onde pensa que vai assim? — Sou surpreendida com minha mãe à porta, que parece estar indo a um casamento real. Usa até chapéu. Céus! Eu já estou envergonhada de chegar diante do rei acompanhada dela.

— Mãe! — ralho. — Pra que isso tudo?

— Eu te contei que Phelipo está no palácio. — Ela entra no meu quarto.

— Sim, eu sei, mas não estamos indo a uma festa. O rei Alfred está doente, não é um momento feliz.

— Para mim é. — Ela se olha no espelho do meu quarto, se autoaprova com um olhar feliz e gira nos saltos, me mirando de cima a baixo sem deixar escapar sua expressão de pouco caso.

Rolo os olhos e pego minha surrada bolsa de mão.

— Vamos logo. — Precedo indo para a porta.

— Sabe por que conseguiu apenas aquele soldadinho mequetrefe? — Nem respondo e ela já

emenda: — Porque não se dá o valor, Josephine. Phelipo está aqui e você nem mesmo se esforça.

— Me esforçar para quê? — Viro bruscamente para ela. — Ele para mim é a mesma coisa que nada. E Bart pode ser um soldadinho mequetrefe, mas é o que eu escolhi.

— Nem mesmo considerou saber mais do que dizem desse Bartolomeu, enquanto você esteve fora?

Pelo tom e olhar, sei que minha mãe não quis ser maldosa comigo. Ela, de verdade, se envolve muito em falatórios, sempre quer dar respostas ou saber a verdade se eu ou ela formos alvos das más línguas. Entretanto, eu quero distância de picuinhas.

— Não ligo pra fofocas. Confio nele.

— Que seja. — Dá de ombros, mas minha convivência com ela me deixa saber que ela não disse "que seja" por dentro. Minha mãe vai pesquisar mais a respeito, eu sei.

Com um pouco de floreio por parte de um criado, somos levadas a uma sala onde dois homens já nos esperam. Um deles me cumprimenta e diz ser um escrivão do rei. Sem saber o que está acontecendo, me sento diante da mesa com minha mãe e recebemos um documento timbrado e selado com o anel real.

— Isso é uma ordem real. — O homem fala para a gente, confirmando o que eu suspeitava. — O rei está em estágio avançado de sua enfermidade e espera que vocês duas cumpram o último desejo dele.

Chocada, vejo minha mãe assinar como se já soubesse do que se trata.

Começo a ler e o pequeno texto diz que o rei preparou algo muito especial para mim e meu noivo. E que juntos celebraremos um belo casamento na data que será preenchida abaixo.

— Josephine, isso é um pedido do rei. Assine de uma vez. Ler tudo isso chega a ser desrespeitoso, está colocando em dúvida o último pedido de vossa majestade?

— Lógico que não, mãe. — Miro o tal escrivão e peço desculpas com um rápido olhar.

Nem termino de ler, apenas passo rapidamente os olhos pelas cláusulas.

Um abrupto lapso de fúria me toma. Tenho quase certeza que estou ganhando uma festa de casamento perfeita. Mato minha mãe se foi ela que veio pedir isso ao rei. Tenho quase certeza que foi. Cheia de vergonha e trêmula, eu assino.

Terminamos e somos, então, conduzidas ao quarto real.

Para minha felicidade, estão presentes apenas ele e Dino, um de seus criados de honra.

— Olá, Dino — cumprimento baixinho e vou até a cama cumprimentar o rei, beijando seu anel e pedindo sua benção.

Ele parece muito mal, completamente debilitado, entretanto feliz. E notar essa dualidade me deixa pensativa. É um brilho de felicidade muito suspeito. Como se visse em uma maneira de se salvar.

— Ah, minha querida. — Ele fala segurando minha mão. — Não te vejo há um bom tempo. Como está bela e adulta.

Sorrio com educação, quase emocionada. O rei é tudo de bom que o país carrega e me ver aqui, diante dele, me causa um frisson de tantos sentimentos incontroláveis.

— Obrigada, vossa majestade.

— Dino! — Ele chama. — Acomode as damas e apresse o meu filho. Nosso assunto é sério.

Um frio quase de morte se apossa do meu peito e não consigo nem mesmo engolir seco. Sutilmente coloco dois dedos na minha jugular constatando que ela pode saltar fora, de tão rápido que está batendo.

Fecho os olhos e respiro fundo quando Dino sai, deixando minha mãe e eu sentadas em poltronas confortáveis, um pouco afastadas da cama do rei.

Eu vou ver o miserável e nem sei o que falar com ele. Queria na verdade dizer poucas e boas. Ele renegou a sua linhagem e ao povo e eu acho isso uma tremenda falta de caráter e ética.

Phelipo ganhou um título de duque quando Dom ainda era vivo e era o primeiro na linha de sucessão. Mas com a morte dele, o rei esperava que seu outro filho assumisse o lugar e estivesse aqui para receber as honras e ficar pronto para se tornar o próximo rei. O que obviamente não aconteceu.

Amo meu país o suficiente para ter asco de Phelipo, pelo descaso que ele demonstrou pela nossa sociedade.

Gostaria de teclar agora para as meninas. Mas meu nervosismo é tanto que nem mesmo deixa eu faltar com esse respeito.

Minutos de silêncio depois, e muita aflição, Dino volta, mas não é o duque que o acompanha, é outro homem. Enorme, careca e negro, tem traços de um nativo de uma das ilhas de Icarios, um dos nove estados de Turan.

Ele olha para mim e minha mãe e vai cumprimentar o rei. Em seguida, em alto e bom som, diz:

— O duque não pôde comparecer.

Que alivio. Vamos festejar!

— Como é que é? — O rei até se senta. — Como ele ousa negar um decreto meu?

— Vossa majestade, seu filho lhe pede perdão, mas a sua ausência foi necessária.

— Como necessária? Onde ele está?

— Creio que ele não se encontra mais no palácio, meu senhor. A mensagem que tenho é que ele já está indo ao limite cumprindo o último desejo do rei, a vossa majestade, e que não deve impor a ele a obrigação de ter que participar de uma de suas reuniões.

Acho as palavras bem desrespeitosas. Olho para o rei, que não parece mais tão pálido como antes, a fúria o faz ficar ruborizado. O mensageiro do duque olha para mim e minha mãe e diz:

— Senhorita D'Angelo, a vossa alteza, o duque real, está convencido e aceita a honra de desposá-la em matrimônio o mais breve possível, como cumprimento da ordem real que vocês já devem ter assinado.

Para resumir: demorei apenas dois segundos para assimilar o que acabara de ouvir.

Não sei se gritei, mas sei que o rei danou-se a tossir. Eu me levantei rápido demais, para correr, creio eu, mas tomei um tropeção e fui de cabeça contra o piso. Ao menos fiquei feliz por ter ficado desacordada.

04

O DUQUE DE DEL REY



PHELIPO

HORAS ANTES...

Hoje eu acordei às onze da manhã e nem fiz questão de sair dos meus aposentos. Não consegui ler e nem trabalhar em algumas coisas no laptop. Conversei com um dos meus funcionários em Nova Iorque, dei algumas ordens e me mantive pensativo e reservado, sentado no batente da janela assistindo o dia lá fora.

Olho para a porta do banheiro e vejo ali vestígios de minha fúria na noite passada. Meu pai foi irredutível — como sempre — e eu acabei sendo obrigado a prometer que cumpriria seu desejo. Cheguei ao meu quarto e descontei minha raiva na porta, com chutes e pancadas.

Me casar. Isso chega a ser irônico.

A única coisa que consigo sentir é ódio apenas; nem conheço a pobre vítima e já a odeio. Pobre vítima, pois com certeza não terá os melhores dias de sua lastimável vida depois que se casar comigo. Não sou homem de pegar leve, a menos que eu tenha algum interesse. Já sou todo corrompido mesmo, não faço questão de mostrar o contrário. E não irei de modo algum transparecer o que não sou, por uma mulher que nem conheço e já desconsidero.

Caralho! Farei em breve trinta e cinco anos e ainda assim meu pai quer comandar minha vida. Sou um homem de alto status fora daqui, respeitado e temido nas esferas do grande comércio, e não preciso me sujeitar a um casamento forçado.

Mas farei, porque quero ficar em paz com minha consciência. Todo o mal que eu causei ao meu povo e à minha família me fazem querer me redimir, mesmo que isso não seja do meu feitio.

Três toques na porta do quarto dizem que Levi veio pelo meu chamado.

— Entre.

Levi entra e eu o vejo pelo espelho. Termino de arrumar meus cabelos e viro-me para ele.

— Alteza. — Me cumprimenta.

— Diga ao meu pai que não me juntarei a eles essa noite. Não estou com saco algum para encontrar essa tal Josephine.

— Não?

— Não. — Pego o terno na cama e visto. — Você me representará. Estou de saída, diga que tive um mal-estar e precisei me retirar.

— Mas, senhor...

— Meu pai já fez exigências demais. Não irei dar a ele um modelo de bom moço que ele acha que sou.

Ele desvia o olhar, um pouco preocupado.

— O senhor precisa, às vezes, aceitar...

— Se você me der a porra de um sermão, juro que estará destituído do cargo agora mesmo. Minha bengala. — Estendo a mão. Ele se apressa em pegá-la e coloca em minhas mãos.

— Peço desculpas, meu duque.

— Assim é melhor. Prepare um carro para mim. Estou de saída.

— Sim, senhor.

Não sei como meu pai recebeu o recado de que eu não estaria nos aposentos dele, onde a tal Josephine receberia a notícia de que seu destino se juntaria ao meu. Dirigindo um *Maybach Coupe*, eu deixo toda essa merda — que tomou minha vida — de lado e curto a noite da cidade. Piso no acelerador e sorrio quando o carro novo responde com entusiasmo e potência.

Eu queria ter alguma distração apenas, portanto parei o carro em um local permitido e decidi percorrer a pé a *Miklos King Street*, que é a principal via comercial de Del Rey e, sim, essa gigante avenida que praticamente corta a cidade foi nomeada em homenagem ao meu bisavô.

Del Rey é uma puta cidade, a mais populosa de Turan. É moderna e linda aos olhos, como uma gigante Time Square. Turistas do mundo inteiro passeiam por aqui, principalmente à noite, em que tudo fica mais belo, com as luzes e placas luminosas.

Há nativos fazendo danças em calçadas ou malabarismo com fogo, vitrines com roupas produzidas aqui, e bares dos mais variados tipos.

As vitrines ainda estão acesas e os restaurantes, começando a encher. Com saudade das deliciosas cervejas artesanais próprias de Turan, entro em um bar que eu reconheço que sempre vinha com Dominic.

Sem falar, é claro, que devo aproveitar enquanto a mídia *miserável* não espalhou por aí que eu estou de volta ao país. Hoje sou apenas um homem qualquer entrando em um bar qualquer. E torço para que ninguém me reconheça.

Descanso a bengala apoiada no balcão e peço uma cerveja. Quando ela chega, eu bebo quase o copo todo em longos goles ininterruptos.

Caralho! O cheiro de lúpulo que envolve o ambiente ativa memórias olfativas bem distantes, me fazendo respirar fundo dolorosamente. Podem falar o que quiserem, mas nem todas as cervejas são iguais. As daqui, garanto, são as melhores. Assim como nem todos os príncipes são iguais. Meu irmão e eu preferíamos muita cerveja a bebidas mais requintadas.

Sorrio nostálgico ao lembrar de Dom, a tristeza e a dor quase enlouquecedora vindo logo em seguida. Meu irmão era tudo para mim e, por minha culpa...

— Olá. — Olho de lado e uma bela morena interrompe meus pensamentos autoflagelantes.

— Oi.

— Está sozinho?

Sem tentar disfarçar, passo os olhos pelo corpo dela. Totalmente em forma, coberto por um vestido negro. Peitos adequados e lábios carnudos. Dá conta do recado de uma noite.

Eu posso escolher a mulher que quiser, trabalho com carros e posso garantir que elas não são muito diferentes. Tem que saber escolher o modelo que vai levar definitivo para casa, mas antes, pode fazer quantos *test drives* quiser, em quantos carros quiser.

— Estou sim — respondo.

O olhar dela é divertido. Cheia de si, parece não se afetar facilmente. Gosto de mulheres assim.

— Por que olhou para meu corpo antes de dizer que está sozinho? — Ela se senta ao meu lado, vai levantar o dedo para pedir uma bebida, mas eu ajo com destreza e seguro a delicada mão.

— Aceite um drinque em desculpas das minhas futuras palavras. — Levanto a mão, o barman vem e eu peço: — Um Martini para a dama.

Distraidamente, ela acaricia uma pulseira. Não tira os olhos de mim.

— Por que desculpas pelas suas futuras palavras?

— Você me perguntou por que eu a medi com os olhos antes de responder.

— Sim.

— Garantia de que eu poderia terminar a noite fodendo com dignidade.

A bebida dela chega e a bela morena sorri para mim bebericando o Martini. Já ganhei um ponto. Eu disse isso e ela apenas sorriu. Um flerte descarado é como uma negociação de carro. O "não" a gente já tem, o que vier é lucro. Há riscos e eu não tenho medo de arriscar em nada.

— E como sabe que pode acabar a noite transando comigo? — Ela mexe o Martini com o dedo e lambe em seguida.

— Minhas chances só aumentam. Você ainda está aqui, se não tivesse interesse já tinha saído.

— Posso querer apenas conversar. — Desafia, em tom sedutor.

— Sem nem perguntar meu nome?

Sopra e tira a azeitona do palito com os dentes e sorri enquanto mastiga devagar. Olhar de quem está vendo a conversa como um desafio.

— Como o digníssimo cavalheiro se chama?

— Maxwell. — Claro, entrego apenas meu primeiro nome. Se ela não me reconhece, não tenho por que dar meu currículo de duque.

— Hum... belo nome. Sou Daiana.

— É um prazer, Daiana. É daqui mesmo? — Bebo minha cerveja e, com um gesto, peço outra. Sei que ela não é, já que me viu e não reconheceu minhas fuças.

— Turista. E você?

— Também. — O que não deixa de ser uma verdade. Não me considero parte desse país.

— Legal. Então temos para onde ir caso queira prolongar essa conversa? — Charmosamente, cruza as pernas fazendo o vestido subir, exibindo belas coxas. Um a bela maneira de pescar um

homem desavisado. Eu já esperava.

— Hum... acho que não. Ao menos não no meu quarto. Mas motéis tem aos montes para isso, não é?

— Você é um pouco grosso. — Ela termina de tomar todo o Martini. Com a mão no queixo, me analisa. — Talvez eu não queira nada com você. É bonito, mas bem presunçoso.

— E fodo bem pra caralho. Te garanto. Por isso eu tenho o direito de ser presunçoso. — Pisco para ela. Bebo um gole da cerveja, e passo a língua devagar pelos meus lábios. Consigo manter sua atenção na minha boca e decido jogar com ela. — Mas acho que hoje estou sem interesse — solto isso apenas para dar a ela uma sensação de perda. Para que eu nem precise me empenhar, ela que deve me convencer a comê-la.

— Sem interesse? — Se assusta. Pronto. Já pesquei.

— É. Vim apenas beber um pouco e voltar para casa. Mas você apareceu.

— Tem namorada?

— Ainda não. — Com um gesto sutil, agradeço pela nova caneca de cerveja que acaba de ser colocada diante de mim.

— Então, se eu não quiser nada, vai embora e dormir numa boa?

— Tranquilo como um anjo. — Sorrio confiante.

— Sem sexo?

— Nem com minha mão.

Olho para sua garganta e tenho vontade de sorrir quando ela engole seco. Está mesmo convencida que pode perder a oportunidade de ter a mim essa noite. Caralho! Eu gosto de verdade disso. Ter meu ego inflado por mulheres me faz sentir cada vez mais alfa.

— O que falaria para me convencer a ir com você a um motel? — Ela ainda tenta se fazer de descontraída, jogando cartas, mas as dela já acabaram faz tempo e eu detenho as regras do jogo.

Rio suavemente, noto os olhos dela saltarem de leve e mais uma vez ficarem parados na minha boca. Ela gostou mesmo de mim. O que não é uma surpresa.

— Você já está convencida. Ainda está aqui me perguntando isso.

— Caralho! Que merda é essa? — Ouço a voz ao meu lado e me viro, dando de cara com alguns sujeitos. Um deles está com minha bengala nas mãos, analisando.

— Por favor, deixe-a de volta no lugar — peço educadamente.

O homem é grande, meio careca e os braços estão à mostra em um colete de couro sem mangas. Eu diria que é um caminhoneiro roqueiro. Ele olha para mim e dá uma gargalhada.

— Você é desse século, oh engomadinho?

Eu, engomadinho?

— Estou conversando com a dama, poderia devolver minha bengala e nos dar licença? — Mais uma vez, ajo com educação. Estou em um país que me considera uma abominação. Quero e preciso ficar na minha. Sem confusões e picuinhas. Ainda mais em bares.

— Dama! — Ele berra e cai na gargalhada. O hálito de álcool toma quase todo o ambiente ao redor. Respiro fundo e me levanto.

— Ok. Apenas me devolva e sairei daqui.

— Está com medinho? — Ele debocha e a fúria começa a esquentar minhas pernas e vem subindo mais rápido do que eu gostaria. Olho para a cara de cada um dos homens que estão com ele, e passo o olho em volta no bar, analisando minhas chances de sair sem levantar tumulto.

Mas, como ironia do destino, um dos caras que está com o grandão careca aponta para mim e, quase horrorizado, berra:

— Tu é a cara do príncipe. Cacete! É mesmo o príncipe. — Agora tenho a atenção de todo o bar. Até Daiana me olha estatelada. A fúria passa do meu ventre e já toma meu peito. Se chegar à cabeça, aí ferra tudo e eu ficarei cego.

Volto a estender a mão.

— Minha bengala.

O grandão olha para a bengala que é uma das mais valiosas da minha coleção. A ponta dela é uma cabeça de dragão de ouro com cem pequeninos diamantes incrustados e esmeraldas no lugar dos olhos. Ela foi feita em Tóquio pelas mãos de um mestre que me deu um grande conforto espiritual depois que eu saí destroçado daqui, após a morte de Dominic.

A seguir, o homem vira-se para o bando e se volta para me encarar. Ergue a bengala, encosta a ponta dela no meu queixo e levanta minha cabeça. Meus punhos fecham.

— Então é o tal príncipe que faz pouco caso de nós, o povo de Turan? O último que falta para cair e então teremos nossa democracia?

— John. — Um dos caras, o que me reconheceu, parece aflito e tenta parar o amigo encrenqueiro. É até irônico um homem desse porte e com essa cara de valentão se chamar John.

— O rei está com um pé na cova. — Ele volta a falar, a plenos pulmões. — O outro principezinho falhou até mesmo na missão de viver, já esse...

Pronto. A fúria chegou à minha cabeça assim que falou do meu irmão. Puxo minha bengala de sua mão, surpreendo-o, giro-a e com o cabo de dragão acerto em cheio seu nariz, fazendo-o se desequilibrar e ir trotando para trás como um porco alucinado.

Como se fosse dada uma largada, os outros vêm para cima de mim. Eu arranco meu terno, jogo no balcão e recebo com golpes certeiros cada um deles. Eu fui sargento no exército, fui duramente treinado e uso golpes eficazes contra eles. Nenhum tem noção alguma de defesa.

Cotovelada no queixo de um, golpe de direita em outro, chute no joelho e soco certeiro logo em seguida e, por fim, me sobra o grandão novamente que volta para cima de mim com o nariz sangrando.

Sou mais rápido que ele, desvio do soco que pesaria forte no meu nariz. Puxo seu braço, giro para suas costas fazendo com que se vire e o coloco de costas para o chão. Ele ainda tenta me dar um chute, mas eu finalizo, curvando-me e socando seu queixo. Pego minha bengala, desembainho mostrando — para a perplexidade geral — uma espada bem fina e com ela cravo a mão do homem no chão.

Ele grita de dor e se debate tentando tirar a lâmina que ainda perfura sua palma.

— Que isso sirva de lição para todos aqui. Não admitirei nenhuma rebelião ou afronta contra o rei ou a mim. — Olho para o cara do bar e ordeno: — Chame a polícia. — Arranco a lâmina da mão do homem, piso no pescoço dele para me apoiar e limpar o sangue no seu próprio colete; embainho a

espada e pego meu terno. Um silêncio cai no ambiente e todos me encaram assustados.

— Sim, eu, o duque de Del Rey, estou de volta. Podem espalhar a boa nova.

05

EU QUERIA ESTAR MORTA



JOSEPHINE

Não estou mesmo sendo dramática por estar de cama desde ontem à noite. E agora já são seis da tarde. Na verdade, me levantei para fugir, mas impediram. Os guardas receberam ordens para me vigiar. Bart ainda não sabe e eu nem estou atendendo as ligações dele. Eu acho um milagre ele não ter aparecido aqui. Deve estar em serviço. Ou deve ter vindo e minha mãe o expulsado. Isso combina bastante com ela.

Pensar nela faz meu estômago embrulhar.

Quero matar minha mãe e morrer em seguida, porque tenho certeza que isso teve o dedo dela, e mesmo que não tivesse, ela já sabia antes de mim. Por isso foi tão arrumada ao encontro com o rei, e por isso queria que eu me arrumasse melhor. Ela sabia e, conhecendo-a, deve ter sido conivente de bom grado.

Eu ainda não pensei direito no assunto, mas já chorei o que tinha de chorar, gritei e até acabei com o espelho do meu quarto ontem, quando voltei à consciência depois de ter desmaiado em consequência da minha queda.

E essa minha atuação deve ter preocupado o rei, pois ele queria me ver hoje, mas pedi que deixasse para depois, não estou ainda pronta para falar com ninguém. Nem mesmo com ele. Na verdade, com uma raiva gigantesca dele, como jamais imaginei sentir.

Por isso Phelipo se recusou a comparecer. Meu Deus! Ele deve estar com muita raiva. Deve estar pensando coisas horríveis de mim, que eu armei isso tudo só para me tornar esposa dele.

Com certeza, vindo daquela mente maligna, coisas boas não saem a meu respeito, ou de qualquer outra pessoa que entre em seu caminho.

Me viro de lado no travesseiro ainda úmido pelas minhas lágrimas. Quero apenas sumir, fazer algo para me tirar dessa aflição terrível. Dormir e não acordar mais, ir embora do meu tão amado país. Não quero ter que olhar para a cara daquele filho do demônio.

Casar! Com Phelipo! Caramba, que loucura. Logo eu, a pessoa que mais o odeia.

— Josy, meu amor. — Pela enésima vez minha mãe bate na porta. — Filha, por mais horrível que seja, precisa encarar, é seu destino, o rei quis assim.

O rei quis e fim. Choro inconsolavelmente. O pior de tudo é não poder ir contra uma ordem

dele e ainda assinada por mim. Eu fui ludibriada. Cada um deles sabia que eu não assinaria nada se soubesse do que essa maldita ordem se tratava.

Preciso de respostas. Levanto rápido da cama. Ainda estou com o vestido de ontem e minha cabeça dói pelo penteado não desfeito.

Abro a porta e volto para dentro, tomando lugar em frente a um pedaço do espelho que sobrou da minha penteadeira.

Relutante, minha mãe entra, olha para os cacos no chão e escolhe uma posição segura longe de mim. Como se eu fosse capaz de ataca-la.

— Como isso aconteceu? — Questiono. É a oportunidade que estou dando para que ela me explique. Começo a retirar, com brusquidão, os grampos do meu cabelo.

— Eu soube ontem mesmo. — Ela diz mansamente, sem cruzar o olhar com o meu pelo espelho. — Dino me chamou e o rei me comunicou da decisão. Ele está fazendo isso pelo seu pai.

— Meu pai? — grito virando-me para ela. Ódio pulsa em minhas veias me deixando a ponto de um ataque.

Ainda assim, minha mãe não parece entender meu surto.

— Foi uma promessa de honra que ele fez sob o túmulo de Petrônio, eles eram amigos. Ele quer fazer de você uma mulher de respeito em todo país e só pensou nessa forma de cumprir o que prometeu a seu pai.

Limpo as lágrimas e me controlo um pouco, deixo a desconstrução de meu penteado de lado e me levanto, andando pelo quarto.

— Me tornar uma duquesa? É isso?

— Sim. Esse casamento não precisa ser afetivo, minha filha...

— Mãe, vou me casar com o Bart! — berro relembrando-a desse pequeno detalhe. Giro enlouquecida com as mãos no pescoço. Isso não pode estar acontecendo.

— Sim, eu sei. Você e o duque não precisam se tocar, é apenas uma união de conveniência. Tenho certeza que ele não se oporá a seu relacionamento com Bart.

Volto-me para minha mãe e ela se afasta levemente ao ver na minha expressão de loucura uma possível ameaça.

— Isso é doentio. — Minha ira sai alta no meu tom de voz. — Como eu estarei casada com o príncipe herdeiro e namorando outro? E minha imagem diante da sociedade? E a reputação deles, tanto de Bartolomeu como de Phelipo? Será que ninguém percebe o quanto isso está errado?

— Querida, venha cá. — Ela se aproxima e segura minhas mãos. Pressinto que ela vai usar psicologia branda de mãe para me convencer e já desando a chorar.

— Não quero, mãe. — Ela puxa meu rosto para seu ombro. — Isso é machista e opressor — soluço tristemente —, onde fica meu desejo? Só o do rei que vale?

— Infelizmente sim, minha filha. O próprio filho está curvado a aceitar as ordens reais.

Assim que ouço isso, uma luz brilha acima da minha cabeça. Uma ideia me faz engolir o choro. Afasto o rosto do ombro da minha mãe e limpo minhas lágrimas.

— Ele também não quer, certo?

— Não sei. Mas é bem provável que não.

Claro que não quer. Phelipo é o maior mulherengo que já ouvi falar, sem contar que não se sente nem um pouco ligado ao país e não vai querer uma esposa aqui.

— Se o rei morrer, Phelipo será o poder maior do país, certo?

Intrigada, minha mãe semicerra os olhos, tentando compreender onde quero chegar.

— Sim. Mesmo não sendo coroado rei, ele é o príncipe herdeiro e tem o título de duque real, será o maior poder.

Me afasto, ando pelo quarto passando as mãos pelos olhos e pensando. Eu tenho a faca e o queijo na mão, preciso saber usá-los. Me olho pelo espelho quebrado sem me espantar com minha aparência destruída. Vestido amassado, rosto inchado e uma parte do penteado desfeito.

— Josephine, em que está pensando?

— Simples. — De braços cruzados, volto-me para minha mãe. — Depois que o rei falecer, Phelipo pode muito bem anular nosso casamento e me deixar livre. Não pode?

— Sim, claro. Mas isso caberá a ele escolher se quer ou não ir contra uma ordem do pai.

— Ele vai aceitar. Lógico que vai. — Convenço a mim mesma. — Preciso falar com Bart. Ele já sabe?

— Bart se ausentou da cidade essa manhã. — Como se isso não importasse, minha mãe comunica. — Tentou te avisar, mas eu disse que você estava com enxaqueca.

— Mãe! — berro e corro para pegar meu celular. Bart precisa saber por mim, antes de ler algum decreto real por aí. Já com o celular no ouvido, ignoro minha mãe, que dá um sermão pelo espelho quebrado.

Ela entrou aqui toda relutante, com medo da minha fúria, mas agora já viu que tudo está tranquilo e voltou a ser a mesma de sempre.

Bart não atende. Rosno e toco na tela para fazer uma nova ligação. Afasto meus cabelos dos olhos e espero a ligação cair novamente em caixa de mensagem. Melhor deixar um recado.

— Bart, meu amor. Me ligue urgentemente. — Desligo e, totalmente esgotada, deixo meu corpo cair na cama, sentada, olhando para mim mesma pelo pedaço de espelho. Minha aparência faz pensar que eu estava numa lata de sardinha, toda amassada.

— Vou preparar um banho de sais e pétalas para você.

— Mãe... — lamento, cansada demais para resistir.

— E se Phelipo resolver vir te visitar? Será um horror.

Ela corre para o banheiro e eu caio de costas na cama de olho no teto. Queria abraçar um gambá só para afugentar esse ridículo. Se bem que a culpa não é dele. Está no mesmo barco que eu.

Um mosquito brinca no lustre, eu o observo, mas minha mente está longe. Especificamente no belo rosto do duque.

Só agora começo a pensar de verdade sobre ele. Nos vimos apenas uma vez, cara a cara, entretanto nem fomos apresentados na ocasião, pois eu era uma pirralha de treze anos e ele já era um homem de aproximadamente vinte e três ou vinte e quatro; sequer me notou.

Mas eu o notei, não no sentido de ficar gamada por ele, afinal eu era criança, entretanto o porte

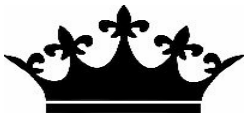
esguio e elegante dele e do irmão me deixaram encantada. Idealizei os dois como príncipes dos contos de fadas.

Mas nossos caminhos sempre se desencontraram. Nunca mais vi Phelipo cara a cara e tenho certeza que ele nem sabe quem sou eu. E com o passar do tempo, eu estava mais convencida de que ele não era um príncipe encantado e sim o próprio sapo, ou o Belzebu.

Pego meu celular e digito um número. Passou da hora de eu ter minhas fiéis escuderias comigo.

06

DAMAS DE HONRA



JOSEPHINE

— Viemos o mais rápido possível. — Allegra lidera o grupo que chega para me visitar.

Já de banho tomado, apenas com uma toalha em volta do corpo e outra nos cabelos, recebo as meninas no meu quarto. Minha mãe me olha feio e sai sem se dar ao trabalho de dizer boa noite para as convidadas.

Susan, Bernadete e Allegra esperam minha mãe fechar a porta e se voltam para mim, quase com o mesmo olhar urgente de quando eu contei o segredo de *Miles Archer*[1] para elas, pegando-as de surpresa. Queriam me matar por eu ter revelado um *spoiler* tão gigantesco.

— Como assim sua vida acabou, Josephine? — Allegra me segue até meu closet e as outras vêm atrás. — Espero que não seja apenas por ter assistido toda temporada de *Outlander* e agora ter que esperar a outra temporada sair.

— Minha vida definitivamente acabou, meninas. — Sem forças para me vestir, me sento em uma poltrona em forma de sapato, em meu closet.

Elas ficam em torno de mim, de pé, me olhando com pena nos olhos, sem nem saber do que se trata meu martírio. Não me envolvo demais com a prolongação, conto tudo de uma vez. E assim que termino de narrar, as três estão com as mãos na boca e com as mesmas expressões de perplexidade pavorosa.

— Casar com o duque Phelipo? — Bernadete indaga quase em um berro. Todas estão estáticas e chocadas. Nem o final do livro "O melhor de mim" as deixara nesse estado.

— Não tenho como escapar, é uma ordem real e eu fui ludibriada, assinei o documento do rei como se concordasse com toda essa palhaçada.

— Jojo, não estou querendo ser maldosa — Susan começa mansamente — mas, poxa... é o *Henry Cavill* de Turan. Tá certo que ama outro, mas... minha nossa! É o duque Phelipo, o cara mais gostoso que meus olhos tiveram a graça de pousar.

Me levanto e, com uma força desnecessária, causada pela minha indignação, começo a correr

os vestidos na arara do closet, procurando um que diga que estou de luto.

— Isso pra mim não importa, Susan. — Pego um vestido preto de gola alta e coloco diante do corpo, me olhando no espelho que vai do chão ao teto. — O duque pode ser lindo e tudo mais. — Guardo o vestido e volto a escolher. — Entretanto é incapaz de respeitar ou sentir compaixão por outras pessoas. Incapaz de qualquer sentimento bom.

De soslaio, vejo elas se entreolharem.

— Você nem o conhece, como o julga...

— Vai por mim, Bernadete! — Me viro já gritando. — Eu conheço aquele traste muito bem e nem precisei de internet. Eu moro aqui no fundo do palácio e ouço coisas absurdas a respeito dele, de tudo que ele fez e como acabou trazendo a morte ao príncipe Dom. Esse sujeito deveria estar atrás das grades.

— Chega, Josephine! — Allegra me puxa e me faz sentar de volta na poltrona. — Susan, escolha um vestido de tom claro. Bernadete, pegue a escova. — As meninas se mexem para obedecer e Allegra agacha na minha frente. — Josephine, não há mais volta, como você mesma disse. Agora é necessário que deixe todas essas emoções e julgamentos de lado e encare isso como um jogo de xadrez. Tenho certeza que o duque já sabe as jogadas que ele usará.

— Sabe que eu não consigo ser fria. Eu me envolvo demais, eu brigo quando acho algo errado, eu...

— Mas chega um momento que tem que aprender a ser fria. Você vai conversar com Bartolomeu e negociar como tudo acontecerá. Entrará e sairá desse casamento completamente intocada. É simples, vocês nem mesmo precisam dormir no mesmo quarto. Meus pais não dormem, e vivem juntos por aparência há mais de trinta anos.

— Allegra tem razão. — Bernadete volta com a escova e se posta atrás de mim, começando a ajeitar meus cabelos. — Além do mais, você tem a gente, que te dará o apoio necessário.

— Seremos suas damas de honra. — Susan exibe, na frente de seu corpo esbelto, um vestido meu, rosa claro com renda. — E depois do divórcio, se quiser leiloar o ex-marido para uma de nós, digo logo que minha senha é a número um. — Ela me faz sorrir. E até suspiro pesadamente. As meninas me fazem ter certeza que tudo sairá bem, só preciso de planejamento.

— E Nádia? — pergunto, só então dando por falta de uma de nós. Somos em cinco. Me sinto em um time desfalcado.

— Não pôde vir. — Bernadete faz pouco caso com a falta de Nádia. — Mas depois comunicaremos a ela o ocorrido. Agora, venha aqui, vamos deixar a futura duquesa de Del Rey um arraso.

— Duquesa não, princesa. — Susan corrige. — Pois tenho certeza que Phelipo aceitará seu título oficialmente.

Deixo-as me levarem pela mão, de volta para o quarto.

— Ao menos terei um título e poderei fazer algo pelo meu adorado país — digo baixinho, como um pensamento que vazou pela boca. Só estou tentando me convencer mais uma vez.

— O que houve aqui? — Só então Susan parece reparar no espelho quebrado.

— Com certeza Josephine demonstrando sua incapacidade de ser fria com as situações. — Allegra encontra o secador e liga na tomada. — Espero que as bolas do duque saiam intactas desse

casamento.

07

PRISÃO



PHELIPO

Hoje pela manhã andei no pomar do palácio com Luck e parei ao longe, atrás de uma macieira, observando a casa da tal Josephine. Levi fez um rápido levantamento sobre ela, descobrindo que há boatos sobre a mãe ser uma interesseira, quase como uma caçadora de dotes, e isso só fez minha raiva aflorar. Tive quase certeza de que essas duas tramaram para se dar bem às minhas custas; já me sinto em uma prisão e isso não é legal para quem estiver ao meu redor.

Estou a par de quase tudo sobre a vida dela. Só não sei mais, porque a investigação ainda não acabou.

Caminhei paralelamente às árvores, observando tudo. É uma casa simples, mas dentro das mediações reais, e isso é um privilégio para poucos. Elas sempre estiveram de alguma forma ligadas ao meu pai. Primeiro, por causa do comandante Petrônio — morto em combate —, e agora, por essa tal promessa que meu pai tinha feito a ele. Sem falar na ligação com um dos soldados reais, o Bartolomeu, que também está sendo investigado. Preciso do dossiê de cada uma dessas pessoas.

Bartolomeu, o namorado dela, se encontra em minhas mãos, no pelotão que vai me servir enquanto eu estiver por aqui. Ando ainda pensando que fim darei a ele. Não que eu o considere uma ameaça ou algo do tipo, todavia eliminar as chances da tal Josephine se rebelar contra mim é meu primeiro objetivo. O que melhor do que tirar de perto dela seus aliados?

Não vou me sujeitar a um casamento para ter dor de cabeça, seguirei minha vida normalmente e quero obediência por parte dela.

Depois do passeio cheio de indagações e reflexões, fui até a academia do palácio, que para minha surpresa fica no mesmo lugar em que eu me lembrava.

Um homem apareceu prontamente, materializando-se na porta dizendo que é o preparador físico que Levi contratou para meus cuidados.

Eu quis agradecer generosamente a Levi por pensar em todos os detalhes. Ele sabe que não fico sem exercícios e que, além dos treinos, existem apenas duas coisas para eu afogar frustrações: trabalho e bebida. Não estou com clima para trabalhar, e não vou ficar de porre aqui, debaixo do teto do rei. Um saco de pancadas será perfeito para despejar minhas emoções.

Ermes, o preparador físico, já tinha conversado com Levi e sabia das minhas limitações e tinha em seu tablet as sequências que eu costumava fazer na academia em Nova Iorque e França, onde eu

passava a maior parte do tempo.

Isso me deixou mais confortável mesmo estando longe de casa.

Depois de uma hora e meia malhando, me dirigi para meu quarto para me refrescar antes do almoço e fui informado que o rei queria me ver com urgência. Verifiquei meus trajes e não fiz questão de me vestir adequadamente, aparecendo no quarto de short de corrida, tênis e camiseta regata.

— Meu pai. — Seguro sua mão e beijo seu anel. Ele está cada vez pior, agora já usa continuamente o oxigênio. Dino, o súdito, dorme no quarto com ele para uma eventual casualidade. — Como tem passado?

Vejo ternura em seus olhos, quando fita meu rosto. Os lábios tremem querendo curvar-se e, fracamente, aperta minha mão.

— Se apresse, meu filho — sussurra. — Cumpra meu desejo antes de minha partida.

— Seja feita a tua vontade, meu pai. Ainda esse mês assistirá sua promessa sendo cumprida.

— Obrigado. — Uma lágrima banha seu olhar e corre pela bochecha. — Isso não trará Dominic de volta e nem fará com que você passe a amar sua herança, mas Josephine é a melhor moça para te guiar quando eu partir.

— Meu pai... Não diga bobagens, uma garota de vinte e um... — Começo a desdenhar, mas ele me para com um olhar cáustico.

— Ela é patriota, ela sente a mesma paixão que Dom sentia e que eu sinto pelo país. Não tente pará-la. Se não quiser a responsabilidade, delegue tudo a Josephine, tenho certeza que ela saberá o que fazer pelo país.

Ouvir algo assim só deixa minha raiva aflorada mais ainda. Essa garota e a mãe seduziram pra valer meu pai. Solto a mão dele e jogo meus cabelos para cima.

— Pai, me desculpe, mas isso é exagero. Eu não vou dar meu título ou poder a uma desconhecida, a alguém que não faz parte de minha família.

— Então o assuma.

— Não posso... — Fico de pé, escondendo meu olhar do dele. — O senhor nunca vai entender.

— Por quê? — Ele ofega. — Me diga! Me dê um bom motivo, por que não aceita a coroa e aceita o seu povo?

Como se tivesse corrido uma maratona, meu pai busca fôlego, mesmo usando o oxigênio. Abaixo os olhos sentindo a dor voltar a me corroer por dentro. O passado me aflige tão cruelmente que tenho vontade de sair correndo, tudo fica pequeno demais para mim quando as lembranças me afogam.

Não posso. Essa coroa não me pertence. Por mais que tecnicamente eu já seja um príncipe e futuramente rei, não posso aceitar ser coroado. E creio que jamais conseguirei dizer o motivo em alto e bom som.

— Desde que Mariah faleceu... — Começo a falar e paro abruptamente. Um nó gigantesco tampa minha garganta. Meu pai sabe o que quero dizer e, apenas com um olhar intenso, ele diz que me compreende.

— Naquela noite, você assinou seu fatídico destino, Phelipo. Mas o retorno está aí, na sua frente. Nada vai trazer ela de volta, entretanto você tem nas mãos o poder de dar dignidade à memória dessas pessoas que perdemos.

Viro-me para encará-lo. Meu pai se arrasta e senta-se recostado nos travesseiros.

— Me sinto numa prisão, meu pai — confesso quase baixando minha guarda e mostrando a dor que nunca compartilhei com ninguém.

— Talvez porque você esteja se aprisionando. Eu não vou durar muito tempo, já pedi para chamar seu tio, pois minha partida se aproxima e tudo estará nas suas mãos.

Volto para a cama, me sento e seguro novamente a mão fria dele.

— Farei tudo que estiver ao meu alcance, meu pai.

Meu tio ligou para mim. Mora há muito tempo no oitavo estado ao sul, em Andrômeda — há uns mil quilômetros daqui —, desde de que eu era muito novo. Ele é como eu, nunca quis nada com o trono, sempre desejou ser livre e foi fazer a vida dele, feliz, como empresário.

A chegada dele só mostra que as coisas estão mesmo ruins. E tudo de ruim virá, como um presente, para mim: minha fatídica união forçada, a morte do meu pai batendo na porta...

E só então percebo que me casarei em breve e ainda não conheço pessoalmente minha noiva.

***

No meu quarto, tomo um banho demorado na banheira; mergulho por alguns segundos enquanto deixo minha mente tramar cada passo que darei daqui para a frente; deixarei meu pai pensar que serei complacente com essa tal patriota do caralho.

Em seguida, só de cueca, ando pelo quarto mancando, passando uma toalha nos meus cabelos e Levi chega.

— Levi, preciso de uma massagista. Arranje uma urgente. — Nem preciso comentar que meu corpo dói pelos exercícios. — Alguma que possa passar um tempo depois. — Traduzindo, alguma que eu poderia foder depois da massagem. Alguém que cumpra os requisitos dos parâmetros que eu sempre impus.

— Sim, senhor.

Viro-me para ele. — Alguma novidade? — Ele assente e estende um jornal para mim.

— Já está em toda a mídia.

Para meu desgosto e nem um pouco surpreso, vejo meu rosto estampado no jornal com um título debochado: *Vossa Alteza*. Se meu pai ver uma desgraça dessas ele morre antes da hora. Nem preciso ler a matéria para saber que narra minha briga no bar de uma forma isenta da verdade.

Fodidos miseráveis.

— Não permita que meu pai saiba sobre o que houve ontem à noite. — Jogo o jornal na cama. Ontem, na confusão do bar, fiquei lá até a polícia chegar, mas os guardas reais chegaram antes para assegurar minha integridade. Eu dei o perdão aos baderneiros e foram liberados. O que teve a mão transpassada pela minha espada foi encaminhado ao pronto-socorro.

Apesar de não gostar do que a mídia fala a meu respeito, eu gostei de ter dado aquele recado.

— Mais alguma coisa, Levi?

— Sim. Aqui está. — Ele me estende duas pastas. — Os dossiês estão prontos. Vai gostar de saber algo sobre Bartolomeu, que ele parece querer esconder a qualquer custo.

— Ótimo. — Sorrio olhando os nomes nas duas pastas. — Vamos começar a planejar. Quero esse cara riscado antes mesmo do casamento.

— Já tenho a ideia perfeita, senhor.

Me acomodo numa poltrona, Luck se apressa em deitar aos meus pés e eu começo a leitura. — Sente aqui e me conte tudo que está pensando, Levi.

08

PREPARATIVOS



JOSEPHINE

— E então? Conseguiu uma hora com a estilista que fez o vestido da Kate Middleton?

Uma pálida cerimonialista encara minha mãe com muita apreensão. Do espelho recém-substituído, assisto a cena.

— Não, senhora, mas temos uma lista de possíveis...

— Não quero possíveis! — Minha mãe berra descontrolada. — Quero a mesma estilista! Minha filha será uma princesa e futura rainha, precisa...

— Mãe! Chega, pelo amor de Deus! — intervenho em um tom o mais alto que posso, fazendo ela se calar. Com um olhar, ordeno para a jovem deixar meu quarto levando consigo sua inseparável prancheta. Penso que ela deve ter anotado ali até mesmo a cor das roupas íntimas do duque, o que não é uma boa coisa para eu pensar nesse momento.

A propósito, hoje é o dia do jantar que nos apresentará a pessoas grandes da alta sociedade e realezas de outras partes do mundo. Será como um noivado, apenas seguindo os protocolos reais.

Bart soube disso e virou poeira, desapareceu o dia todo me deixando a ver navios. Ele está com muito ódio, na verdade ele mal consegue respirar de tanta raiva. Desde três dias atrás — quando descobriu e surtou — não conseguimos mais ter um diálogo amigável em ao menos dez minutos de conversa.

Eu só queria que ele estivesse do meu lado para me ajudar a passar esse cálix amargo que estou sendo obrigada a beber. Principalmente com minha mãe gritando todas as horas do dia, coisas fúteis como: “esse não é o branco certo para as toalhas dos convidados”.

Casamentos reais são produzidos e planejados pela família real, e não pela plebe, como eu e minha mãe, entretanto ninguém ouve muito falar de Phelipo desde que chegou aqui, e o rei mal consegue tomar banho sozinho. Assim, não é surpresa para ninguém que minha mãe tenha tomado a frente.

E eu não consigo nem relaxar. O calendário e o relógio não deixam, me lembrando com ironia, a cada segundo, que meu sacrifício está se aproximando.

O dia do meu sepultamento — chamado pelos outros, carinhosamente, de casório — está se aproximando mais rápido do que eu gostaria. Ter apenas vinte e um anos, ainda fazendo faculdade e ter que sentir uma corda ser amarrada no pescoço, não é algo que toda garota imagina.

Por que não fazem logo uma placa e colocam em frente ao palácio, com os dizeres: *"Hoje uma virgem será sacrificada e dada de mão beijada ao diabo, venham assistir"*.

— Josephine, você não pode me desautorizar na frente da criadagem. — A voz da minha mãe se torna irritante, e eu coloco as mãos nos olhos; na verdade, queria colocá-las nos ouvidos, mas isso seria falta de respeito com ela.

— Quer, por favor, não se referir mais às pessoas dessa maneira?

— Quê?

— Mãe, ela é de uma empresa particular que o duque contratou. Não é sua criada. Pelo amor de Deus, estamos em 2018 e não em 1800.

Sim, apesar de não aparecer muito por aí, não dar as caras pra nada, o duque está mexendo os pauzinhos. Toda hora chega alguém aqui dizendo que foi contratado por ele. Tudo para preparar o casamento ao gosto do rei. Infelizmente minha mãe está fazendo ao gosto dela.

Se fosse por mim?

Um casamento simples e bonitinho, bem no jardim real, eu vestindo renda, e na cabeça uma coroa de flores, quebrando todos os protocolos reais. Mas eu entendo que a Abadia de Del Rey já foi reservada para o grande dia. É o ultimo herdeiro, o último príncipe casando e deve ser com todas as pompas que ele merece.

— Escute, mãe! Eu permito que...

— Permitir? — Ela grita. — Você não tem que permitir nada.

— Sim, eu tenho — devolvo no mesmo tom. — Eu permito que se envolva com as coisas do casamento lá fora, comida, recepção, flores. Mas de mim, cuidarei eu. Não quero a estilista da Kate Middleton, não quero que ninguém escolha meu penteado, não quero que tente fazer de mim a boneca que não sou. — Com rapidez, pego um par de botas e começo a calçar.

Minha mãe vem atrás. Claro que ela não acabou.

— Não é qualquer casamento, Josephine. É o casamento do último herdeiro de Turan. O mundo todo estará voltado a esse evento.

Grandes bostas. Ele tecnicamente nem é o último. O tio dele que é. Se Phelipo morrer, o tio assume.

Continuo calada calçando as botas com minhas mãos trêmulas que não ajudam em nada.

Termino, passo por ela e alcanço um casaco no gancho da porta, enrolo os cabelos num coque mal feito e pego minha bolsa.

— Onde você vai, Josephine? E a prova do bolo?

— Escolha qualquer um, não comerei mesmo. Estou indo ver a Allegra.

***

— Sua mãe está mesmo tirando a paz dos ingleses querendo a mesma estilista? — Fingindo surpresa, Allegra pergunta ao ouvir meu relato. Ela sabe que minha mãe é capaz disso. Coloca dois brincos diferentes e se olha no espelho, se decidindo.

— Dá para acreditar? — Fico ao lado dela, diante de sua gigantesca penteadeira. — Minha mãe quer que a Kate Middleton interceda e ordene que a mulher desenhe um vestido único para mim.

— Sua mãe é uma figura. Será que eles virão ao seu casamento? O pessoal da rainha. — Allegra me olha do espelho, agora sim mostrando-se animada.

Aspiro profundamente e rolo os olhos, não pela pergunta dela, mas por dizer "seu casamento".

Céus! Isso parece universo paralelo, era para eu estar me casando com Bart e não com um cara que não conheço.

— Creio que sim. Os convites já foram expedidos — digo com desprezo.

— Amiga, não fica assim. — Allegra deixa seus brincos de lado e vem me acudir. Ela massageia sem pressa meus ombros. — Daqui a pouco você terá passado isso e estará rindo da situação.

Abano a cabeça negativamente, desiludida, e me afasto indo para a cama dela.

— Acho pouco provável. Estou com a sensação de que minha vida só vai afundar mais. — Distraidamente, pego o diário dela na cabeceira. Eu dei esse diário no aniversário passado.

— Deixe de ser pessimista. — Ela vem para a cama e senta ao meu lado. — Pense pelo lado bom, você vai ter a chance de ser uma duquesa ou princesa e poderá mudar alguma coisa nesse país.

— Tem razão. — Estranhamente o diário de Allegra está em branco, mas eu paro na primeira página, onde se lê:

"Querido diário, eu amo bundas de homens. Eu simplesmente sou apaixonada por traseiros másculos. Eles são redondos, grandes e musculosos. Obrigada pela atenção, beijos, Allegra."

— O que é isso, Allegra? — exclamo horrorizada, quase sem voz. Eu e ela compartilhamos dessa mesma preferência sobre os homens, mas eu não anoto assim para que qualquer um veja.

— É isso que viu. Pare de xeretar. — Ela toma o diário da minha mão e o joga com indiferença dentro de uma gaveta. — Agora me conte sobre o seu vestido.

Allegra não engana ninguém. Escreve e pensa essas coisas, mas não passa de uma tímida virgem. Quase tão pudica como eu. Ela foi a única que fechou o livro e arregalou os olhos com perplexidade quando, em 50 Tons, Christian disse: *"Não faço amor, eu fodo...com força"*.

— Minha mãe está contatando os melhores estilistas. Como eu disse, quer o mesmo que criou o vestido da Kate, mas pensei ir na dona Lili. O que acha?

Dona Lili é uma modista antiga que fez vestidos fabulosos ao longo de sua vida, todavia já não trabalha, uma vez que as pessoas simplesmente a abandonaram, a trocaram por marcas caras de estilistas famosos. As meninas e eu não pensamos dessa forma, somos fiéis clientes dela. Só dona Lili tem uma impecável costura a mão e um bordado perfeito.

— Vamos lá? — Allegra se anima.

Me sento começando a sorrir, entretanto, ainda não convencida, prendo meu lábio nos dentes

pensando a respeito disso. O fatídico casamento é daqui a uma semana, eu deveria estar presa na minha casa, a imprensa do mundo todo começou a chegar na cidade e não quero arranjar problemas para a família real.

— Vamos, Jojo! — Allegra implora.

— Aah, não sei. Minha mãe está cuidando disso.

— Não tem nada a ver, será algo sem compromisso. Só vamos conversar com dona Lili. Vou ligar para as meninas e dizer que passaremos para pegá-las. Tudo bem?

Penso no que minha mãe vai falar se sonhar que estou indo em dona Lili ver modelo de vestido. Dou de ombros e pulo da cama.

— Vamos. Eu aceito. — Já estou no fundo do poço mesmo.

Com o motorista bem-apessoado — e gentil — do pai de Allegra, saímos de casa em casa pegando as meninas. Só Nádia que mais uma vez deu para trás. Já estávamos na rua dela, mas mandou uma mensagem dizendo que não podia sair naquele momento.

— Olha só aquilo! — Bernadete aponta para a mansão dos pais de Nádia, chamando a atenção de nós quatro. — Não é um carro com escudo real?

Nos amontoamos na mesma janela para ver e, sim, era um carro todo preto e tem o escudo identificando-o como carro real.

— Será que aconteceu alguma coisa com o rei? — Susan volta para seu lugar e se questiona, me fazendo cogitar também essa hipótese. — O pai de Nádia é médico... — Ela acrescenta, deduzindo assim o motivo do carro estar ali.

— Sim. — Eu concordo. — Ele é amigo do rei. Pode ser que tenha piorado e os guardas vieram buscá-lo.

Por precaução, olho meu celular e levo a mão à boca ao ver duas ligações da minha mãe. Deus queira que não seja nada grave.

Será que se o rei morrer antes do casamento, eu tenho a chance de escapar ilesa desse decreto cruel?

— Ok, meninas. Vamos nos apressar. Eu tenho que voltar para casa urgentemente.

09

UM VESTIDO COM SENTIMENTOS



JOSEPHINE

Dona Lili é como qualquer outra senhora de setenta anos, magra, baixinha, sempre com um coque nos cabelos grisalhos, mas sempre muito bem arrumada. Com sua casa cheia de enfeites, toalhas de renda e gatinhos fofos deitados em qualquer lugar, ela nos recebe com felicidade e nos encaminha para seu maravilhoso mundo de criações.

Abre as portas francesas revelando manequins cobertos de vestidos glamorosos, tecidos enrolados nas prateleiras, máquinas de costura paradas.

Era uma das lojas mais conceituadas de Del Rey nos anos 80 e 90, entretanto perdeu força e agora existe apenas uma portinha lateral que ela abre de vez em quando.

— Ah, eu fiquei sabendo do seu casamento, minha querida. — Ela para de andar e vira-se de repente, fazendo a gente parar de caminhar atrás dela. Me olha por cima dos óculos e seus olhos franzem. — Não me lembro que era com o duque Phelipo.

— Foi de repente — digo num sorrisinho sem graça.

— Está certo. — Ela assente, ainda com um olhar de dúvida e começa a tirar vestidos de cima das poltronas. — Sentem-se, crianças, fiquem à vontade e me digam o que desejam. — Ela mede as três e tenta adivinhar: — Vestidos de madrinhas?

— O meu vestido, dona Lili. — Eu adianto e ela geme com perplexidade.

— O vestido da futura rainha?

— Eu só gostaria de ver se talvez a senhora teria algo... uma ideia para o que vestir...

— Não encomendou nada ainda? — Ela está cada vez mais petrificada e pasma.

Penso na minha mãe perdendo noites de sono querendo um estilista badalado. Nesse momento deve estar importunando alguém para que consiga.

— Infelizmente, ainda não.

— Querida, sabe que em uma ocasião dessa, o vestido deve ser exclusivo. Nem mesmo eu tenho como desenhar e costurar um em menos de uma semana.

— Não? — Bernadete deixa escancarada sua incredulidade.

— Bom, talvez se eu ficar uma ou duas noites em claro. Mas não vale o sacrifício, precisa de um nome forte para dar título ao vestido.

— Meu nome já é forte o suficiente, Dona Lili. Não preciso me escorar em estilista.

Ela dá uma risada, acompanhada das meninas.

— Não é escorar, é apenas uma regra a ser seguida no mundo da moda. Sempre que há um vestido, ele deve carregar um nome consigo.

— Ok. Entendo. A senhora teria alguma sugestão do que eu poderia vestir? Pensei em renda.

Ela fica de pé, calada, olhando para mim, com a mão no queixo, pensativa. Em seguida, solta todo o ar num sopro e diz:

— Eu tenho apenas um vestido de noiva na loja. Você se lembra da pobre Ayla?

— Ayla? — Susan e Bernadete se entreolham.

— A garota que morreu de amor. — Dona Lili faz a referência, mas continuo sem me lembrar.

Agora nós quatro nos olhamos chocadas e encantadas ao mesmo tempo com essa história. Leitoras assíduas que somos, vemos romance em tudo à nossa volta.

— Eu acho que me recordo brevemente — digo sem de verdade me recordar da tal história.

Dona Lili faz um sinal com a mão para esperarmos. Vai ao fundo da loja e volta em pouco tempo, carregando uma caixa vermelha.

— Ayla foi uma jovem garota que ia se casar, acho que há uns cinco ou seis anos. Estava feliz, absolutamente radiante. — Nos levantamos e rodeamos a mesa de cortar tecidos. Dona Lili abre a caixa vermelha e posso ver algo branco. — Entretanto, o rapaz terminou tudo uma semana antes e foi embora com outra mulher.

— Que cafajeste! — Susan exclama.

— Um patife — concordo.

Dona Lili assente com um breve gesto e pigarreia antes de continuar: — A dor e tristeza de Ayla foi tanta que ela faleceu uma semana depois. — Dona Lili tira da caixa um fabuloso e enorme vestido e estende sobre a mesa.

Enchemos o ambiente com uma sonora, porém suave exclamação de surpresa.

— O vestido ficou pronto dois dias depois da morte e eu nem mesmo comuniquei a família. Aqui está ele. Nunca foi usado e foi desenhado pela própria Ayla.

— Nossa, que triste! — Meu coração até deu algumas batidas falhas em consequência da trágica história da pobre Ayla. Como se fosse algo sagrado, passo a mão pelas pedras do delicado bordado. — Porém, é lindo.

— Está sugerindo que a Josy vista o vestido de uma morta? — Pela maneira que Bernadete questionou, deixou as coisas bem mais cruas e menos românticas.

— Não colocaria dessa forma. — Dona Lili interfere. — Ela nem mesmo fez a primeira prova do vestido.

— Mas carrega uma fortíssima carga sentimental. — Allegra analisa e nós três concordamos, balançando a cabeça.

Não tem nada de romântico na situação, apenas algo trágico, de alguém que não conseguiu suportar uma traição. Vesti-lo seria uma honra para mim; seria uma forma de homenagear o amor não correspondido da Ayla.

— Quero experimentá-lo — decido. Os pares de olhos voltam-se para mim, Dona Lili desconfiada e as meninas pasmas.

Ninguém diz nada, mas os olhares deixam claro que elas estão com um pé atrás da situação.

Dona Lili me leva ao provador e me ajuda a vestir. O vestido é cheio de camadas, entretanto bem leve e muito romântico. Tem formato princesa, com uma bela e longa saia de tule, costurada em camadas e o busto de gola alta feito em renda bordada com cristais swarovski. É incrível, pois apesar de não ter mangas, a gola alta e as costas forradas de renda bordada deixam o vestido elegante e comportado.

Dona Lili pede licença e arruma meus cabelos num coque alto para colocar o véu gigantesco; disse ainda que, como o vestido é de gola alta, seria mais prudente não deixar os cabelos soltos, para exibir meu pescoço. Ela informa que eu, como noiva de um príncipe, certamente usarei uma coroa que o rei me oferecerá, pertencente à casa real.

Quando saio do provador para me posicionar em cima do pequeno tablado redondo em frente ao espelho, as meninas, sentadas em poltronas, exclamam em aprovação.

As três se levantam e me rodeiam.

— Meu Deus! Josy! Ele é lindo! — Allegra se abaixa e ajeita o extenso véu atrás de mim.

— Estou apaixonada! — Bernadete fala. — Se apertar um tiquinho aqui nas laterais, veja só. — Ela puxa um pouco o tecido nas laterais do meu corpo, deixando-o mais ajustado. — Será como se fosse feito para você.

— Sim. É um vestido digno de princesa. Entretanto... — Susan sussurra. Posso ver ela olhar de soslaio para Dona Lili, tendo certeza que essa não esteja ouvindo.

— Entretanto o quê? — sussurro para ela de volta. — É lindo! — Giro de leve vendo meu corpo moldado pelas camadas de organza da cintura para baixo. — Não conseguirei algo melhor em tão pouco tempo.

— Está mesmo cogitando...?

— Por que não? Me diga, Susan.

— Oras, Susan tem razão, Josephine. — Allegra entra no debate sussurrando também. — É um vestido cheio de emoção, a dona está morta...

— Sem falar na história que pode trazer mau agouro. — Susan engrossa seu ponto de vista.

As duas parecem minha consciência soprando no meu ouvido, me ajudando a decidir ou ficar mais confusa.

— Mau agouro? — Bernadete indaga no mesmo tom de cochicho.

— Sim. — Allegra olha para Dona Lili lá atrás antes de continuar: — Noivo babaca fugiu com outra, deixando a coitada da Ayla sozinha. Jamais usaria um vestido que represente essa tristeza... Imagine se acontece o mesmo?

— Comigo? — Encaro-a do espelho. — Eu nem ligo se acontecer. Não amo o duque e quero que ele se exploda.

— Mas seria horrível para você, para sua imagem, uma traição dele.

— Eu usaria uma possível traição dele para me fazer de vítima e deixar todos contra ele. — Empino meu queixo, me sentindo imponente e maior que qualquer merda que Phelipo possa aprontar.

— Faria isso?

— Por que não? Serei uma duquesa, não é? Terei voz e posso até organizar uma rebelião para derrubá-lo.

Rio com os olhares incrédulos que elas trocam. Allegra revira os olhos ao comprovar que nessa parte de rebelião estou apenas sendo cômica.

— Você é puramente hilária, Josephine. Tire logo esse vestido e vamos embora.

— Vou mesmo tirar. — Olho para dona Lili e, me sentindo muito satisfeita, digo: — Ajeite para mim, vou levar.

Todas abrem perplexas as bocas, principalmente dona Lili.

— Vai usar um vestido meu no casamento real?

— Sim. E será o vestido mais lindo de todas as mulheres que casaram naquela família.

— Está louca? — Recebo um beliscão de uma das meninas. — Vai mesmo levar?

— Se esse vestido me trouxer tudo que trouxe à Ayla e fizer o inescrupuloso duque fugir com outra, eu serei a mulher mais sortuda. Vou levar.

10

ENCARANDO SATÃ



PHELIPO

Dirigindo meu próprio carro, chego ao palácio e me apresso, ignorando o hall de entrada e indo pela lateral. Alcanço a pequena escada de incêndio, chego a um discreto corredor do segundo piso e, sem olhos curiosos, atinjo meu quarto.

Me dispo na velocidade da luz, chamo Levi por uma mensagem de celular e corro para o banheiro. Nem a barba conseguirei fazer. Hoje não era o dia mais indicado para um encontro sexual, entretanto, tinha que me distrair de alguma forma. Estar nesse jantar, com uma mulher que não conheço — e que será minha esposa —, está me deixando esgotado a ponto de surtar.

Enfim encararei Satã. Ou Josephine, como costumam nomear.

Meu banho é rápido. Lavo apenas o cheiro de sexo e corro, ainda molhado, para fora do quarto. Levi já chegou e escolhe a roupa que usarei essa noite.

— Preto, Levi. Por favor. — Termino de secar meu cabelo e já tenho uma camisa preta estendida em minha direção.

— O que acha desse? — Ele me mostra um terno preto risca de giz.

— Perfeito. — Quero estar parecendo a porra de um capo das milícias italianas, metendo medo em quem me olhar.

Se os preparativos do jantar estiverem adiantados, creio que meu pai já espera lá embaixo recebendo os convidados.

Quando enfim me apronto, escolho uma entre as quatro bengalas que trouxe, Levi abre uma caixinha de veludo para mim.

— Infelizmente, o senhor tem que usar.

Olho com descaso para o anel real. Como se fosse de pouco valor, de plástico vindo como brinde em pirulito, eu o coloco no dedo.

Vestindo tudo preto, inclusive uma gravata de seda, saio do quarto apoiando na bengala e exalando o delicioso cheiro de uma colônia feita exclusiva para mim, produzida por uma perfumista francesa e que vem a ser uma das minhas amantes há uns dois anos.

Na escadaria, olho para as pessoas lá embaixo na sala dourada. É um cômodo central, antes da

sala de jantar, aberta nas laterais por portas francesas que levam ao jardim que circunda o palácio. As paredes e o teto são brancos e adornados de dourado, assim como as janelas gigantescas brancas com cortinas grossas douradas. Todas estão abertas para a noite lá fora. Vendo daqui de cima, tudo parece uma grande obra de arte. O gigantesco lustre central ilumina acima das pessoas e o chão brilhante quase pode espelhar o reflexo dos convidados.

No canto, um pianista toca uma música suave e indecifrável em um piano preto lustroso.

— O Duque de Del Rey. — Levi, à frente, anuncia minha entrada. — Phelipo Maxwell Miklos — As pessoas se viram para me apreciar. Desço a escada olhando cada rosto que me observa. Alguns com temor, outros com reverência, outros com curiosidade.

Todos aqui sabem que não estou satisfeito, deixo visível em minha cara.

No meio de tantos rostos, consigo encontrá-la. A mulher que terá o desprazer de ser minha esposa. Ela me fita, pálida e completamente mexida, não consigo discernir qual o seu sentimento nesse instante. Nossos olhares ficam cravados por alguns instantes.

Ela é bonita. Não tão bela e gostosa como muitas que estão na minha lista. Ela nem mesmo entraria na minha lista se não fosse a ocasião. Josephine é apenas normal, é de pequena estatura e tem cabelos castanhos, não loiros como eu gosto.

Com seus vinte e um anos, tem uma delicada compleição de jovem virgem, e não de mulher experiente e safada, as que eu prefiro.

Está usando um belo vestido comportado numa cor que lembra champanhe. Ele não deixa ver quase nada de sua pele, não é longo e por isso posso ver que usa saltos.

Ela está ao lado da mãe, e ambas bem perto do rei. Isso me deixa louco de ódio, essas duas são megeras influenciando meu pai. Volto a descer os degraus e tento não ser muito carrancudo enquanto cumprimento as pessoas que vão abrindo caminho para eu passar.

Quando enfim tomo a benção do meu pai e fico diante dele, a ladina noiva demonstra uma apreensão que julgo falsa.

Visto uma máscara de bom moço e até ensaio um sorriso sutil.

— Meu filho, estas são Josephine e sua mãe, Aretha. — Animado, meu pai encontra fôlego para fazer as apresentações.

— Senhora D'Angelo, é um prazer — cumprimento a mãe.

— O prazer é todo meu, Vossa Alteza.

Como resposta, exibo um olhar reprovador e ela percebe. Odeio que façam essas frescuras comigo, como reverências e me chamar de "vossa alteza". Entretanto, é algo que preciso me acostumar. Aqui, mesmo os que me odeiam farão isso ao ficar frente a frente comigo.

— Josephine. — Chegou enfim o momento de encará-la. Seguro sua delicada mão, que está gelada, e planto um beijo acima. — É um prazer conhecê-la. — Incrivelmente, o cheiro dela me agrada. O perfume é discreto, entretanto intenso, algo marcante que faz as pessoas lembrarem de onde sentiu esse determinado cheiro.

— O prazer é todo meu, Vossa Alteza. — Ela se curva brevemente em uma reverência e capto a falsidade de suas palavras. Assim como eu, ela não sente prazer algum de estar aqui e de estar diante de mim. Ao menos compartilhamos de uma mesma opinião.

Alguns empregados vêm ajudar meu pai a se levantar e ir para a outra sala, o jantar será

servido em breve.

Antes de Josephine dar um passo eu a intercepto.

— Gostaria de dar uma rápida volta no jardim comigo?

O olhar de surpresa dela mostra que esperava um meteoro na cabeça, menos uma proposta de passeio vinda de mim. Estou apenas tentando ser cordial, e claro, quero saber de perto qual é a dessa pilantra.

Ela olha em volta. A mãe se afastou e isso pareceu deixá-la vulnerável.

— Receio que o senhor não queira caminhar comigo no jardim. — Ela mantém o olhar fixo no meu. Noto um nível de coragem que me faz interessar, como uma abelha é atraída pelo pólen.

— Não quero mesmo. — Faço uma careta e debocho em seguida: — Achei que eu pudesse ser capaz de disfarçar.

— Oi?

— Tem medo de mim, senhorita D'Angelo? — Ofereço meu braço dobrado. Ela olha e sobe os olhos para meu rosto.

— Não. Por que teria?

— As pessoas falam... Tenho uma reputação questionável.

— Se o senhor diz... Mas não tenho medo. — A coragem expressa em sua face continua me atiçando.

— Então, não vejo problema. — Encosto meu braço mais perto dela, que não demora em aceitá-lo. Saímos juntos em direção às portas laterais e quando chegamos ao jardim muito iluminado, eu provoco: — Vai por mim, deveria ter medo.

Paramos debaixo de um poste de jardim, olhamos o banco, mas não sentamos. Josephine me encara intrigada.

— Alteza...

— Por favor, não quero esse tipo de tratamento.

— Ahm... Phelipo, eu...

— Por que não me conta algo sobre você? — Me apoio, com as duas mãos, na bengala.

— Sobre mim?

— É, nos conhecer. Eu tenho trinta e quatro anos, tenho uma empresa bilionária e sou de origem inglesa por causa da minha mãe. E você?

— Ah! — Ela parece entender o que quis dizer quando a pedi que falasse dela. Olha para os sapatos, alisa o vestido e parece meio constrangida. — Tenho vinte e um anos, estou cursando arquitetura e... sou de origem espanhola, mas meu pai era nativo daqui. — Levanta os olhos para mim.

Me calo sem deixar de encará-la, quase sem piscar, capturando-a com a minha melhor expressão de soberano. Ela começa a ficar sem graça, olhando para os lados e tentando me evitar. Josephine parece um bichinho acuado e isso me agrada muito. Não será tão difícil sobressair nesse casamento.

— Ah... senhor... digo, Phelipo, acho que devemos entrar...

— Já implorou alguma vez, Josephine?

— Implorar? Como assim? Pelo quê?

— Por qualquer coisa.

— Eu... — O fôlego dela falha e deixa isso visível. Tenho vontade de rir, saboreando esse momento como uma aranha brincando com um mosquitinho.

— Terá que se acostumar a isso. — O canto de minha boca curva malicioso, dando indícios do que me refiro. — Pois é o que farei você fazer. Vai me implorar para que eu te ensine como conquistar um pingo de minha credibilidade em você.

Ela engole seco e seu olhar gela, cravado no meu. Os lábios tremem e seu belo rostinho inocente se torna lívido.

— Dizem que sou tão fodido e contaminado que causo danos por onde passo.

— Por que está me falando isso? — A voz dela é um fraco fio tremulante.

— Porquê de repente sinto necessidade de te intoxicar — mantenho uma voz baixa e suave, em um timbre que pode fazê-la se arrepiar —, de deixar você tão esgotada que será incapaz de tramar novamente contra um príncipe.

— Eu não tramei...

— Xiu. Falar só piora sua situação. — Toco nos lábios dela e sinto meu sorriso quase demoníaco direcionado à boca angelical. — Quero ver tanto de você, quero saber até quanto pode se empenhar e se doar, quero saber se consegue gritar para valer a plenos pulmões, eu darei muitos motivos para que quebre o silêncio da madrugada implorando sem parar, até que eu termine com você.

— Você é um... porco. — O rancor e o ódio estampam a face dela. — Você nunca tocará em mim.

Dou uma risada sarcástica.

— Sou como uma cobra, quando você menos esperar, já estará envenenada. E o mais impressionante é que gostará disso, meu bem. Ficará tão dependente da minha presença que será incapaz de respirar sem que eu esteja por perto.

Ela ofega, levanta a mão, creio que para me bater, mas se detém. Lambe o lábio inferior, se vira e sai quase correndo de volta para a parte lateral da sala de jantar.

As vezes em uma guerra, atacar psiquicamente é a melhor maneira de ter uma vitória. Eu acabei de mostrar a Josephine o que ela deve esperar e não importa que armas ela escolha, já sabe que eu estou preparado. Com tantas cartas jogadas pelo destino, não aceitarei uma posição menor que vencedor.

Chego à mesa de jantar e meu lugar é ao lado de Josephine. Ela ainda está branca como papel.

Cada convidado tem um lugar marcado na imensa mesa de jantar. O rei na cabeceira e eu na lateral. Meu tio à minha frente e ao lado da mãe de Josephine.

Essa sala não é como a outra. O chão é uma cor como terracota, também brilhoso, e as paredes são de um bege claro, adornadas de marrom. Grandes lustres se penduram sobre a gigantesca mesa

com cadeiras vermelhas. Sem falar nos castiçais de ouro espalhados pela mesa dividindo espaço com os pratos brancos, as taças de cristal e os talhares de prata com insígnia real.

Em volta da mesa, vários serventes uniformizados esperam o momento para começar a servir.

Antes de tudo, o rei diz poucas palavras, abençoando o matrimônio. Todas as taças são erguidas selando e brindando o breve discurso. Ele está bem debilitado, mal consegue dar um passo. Segundo o último boletim médico, apenas quarenta por cento de seu coração está funcionando adequadamente. E nunca achei que isso pudesse me amedrontar tanto.

Quando a entrada é servida, eu cochicho para Josephine ao meu lado:

— Então mora no fundo do palácio. — Não foi uma pergunta, afinal já estou ciente desse fato.

— Sim. — Ela não tira os olhos do prato à sua frente.

— Como conseguiu tal proeza?

Agora ela me olha, levemente ruborizada.

— Seu pai, o rei, nos convidou.

— Ótimo. Creio que aceitaram na primeira oportunidade.

Ela descansa os talheres no prato e toma um pouco de água. Noto que não aceitou vinho. Ela não bebe? Que otária! Essa Josephine tem cara de ser daquelas pessoas que tropeçam sozinhas na rua e dizem "opa" para si próprias.

— Vossa alteza estaria insinuando algo? — Ela cochicha para mim. Sua mãe está à nossa frente, inquieta, curiosa para saber do que falamos.

— Claro que não. E pare de me chamar desse caralho de alteza. O que eu teria para insinuar de duas damas honestas e respeitadas pela sociedade que vivem às custas do rei?

Agora tenho uma expressão de pura perplexidade me encarando. A raiva transborda nos olhos dela e vejo o momento que ganharei uma facada cravada na minha mão. Tranquilamente, tomo um gole de vinho.

Fazê-la perder a pose é o que quero. E certamente estou conseguindo.

— Se for do seu interesse saber, eu e minha mãe estamos lá provisoriamente e...

— Claro. Até conseguir um lugar dentro do palácio. Se casando com o príncipe, por exemplo.

— Como pode ousar dizer algo assim?

Sorrio agradado com a cena à minha volta. Ela berrou e quase todos da mesa ouviram. Agora, enquanto mastigo feliz, Josephine está querendo enfiar a cara debaixo da mesa de pura vergonha.

— O duque acaba de dizer que a lua de mel deles será de apenas dois dias no lago de Andrômeda, e minha filha achou isso um absurdo. — Aretha diz alto para as pessoas, sem nem mesmo ter ouvido minha conversa com a filha dela. Encaro-a intrigado. Diferente da filha, ela é bem perigosa, devo tomar cuidado. As pessoas riem e o clima agradável volta a envolver o jantar.

Josephine mal tocou na entrada e nem no prato principal. Ela está muito tensa, sempre de olhos baixos e robótica, sem olhar para o lado e dar de cara comigo.

— Espero que seja virgem. — Na hora da sobremesa, curvo-me para o lado e cochicho. Ela levanta os olhos para mim e fica paralisada assistindo eu lamber a calda de chocolate da colher. Seu semblante torna-se carregado.

— Oi?

— Espero que você seja virgem. Não aceitarei passar por tudo isso para ter que, no fim, comer uma mulher rodada.

— Você é nojento...

— Precavido. — Coloco uma colherada de sobremesa na boca. — Depois que eu te comer, poderá dar pra quem quiser. — Quebrando todos os protocolos, Josephine empurra a cadeira com força e se levanta sem nem pedir licença. Mal-educada.

A mãe, mais uma vez, tapa o sol com a peneira: — Meu Deus, peço licença ao rei. Minha filha não está nada bem. Deve ser o nervosismo. Irei acudi-la. — Ela também se levanta e, bem debochado, eu recomendo:

— Cuide da minha pequena noiva.

11

SIM, VOSSA ALTEZA



JOSEPHINE

— Maldito! — Com muita força arremesso uma caixinha de música contra o espelho novo que foi colocado no lugar do outro que quebrei. Os cacos voam e eu ando de um lado para o outro no quarto, completamente desorientada. Morta de ódio.

— Deus! Onde eu errei? — grito revoltada. Tiro meus saltos e taco com muita força contra a porta. Sou uma capricorniana do bem, sempre mantenho tudo bem planejado, sempre penso no meu futuro e arquiteto até mesmo os passos de outras pessoas. O que fiz de errado para merecer um miserável como esse no meu caminho? Com certeza o desgraçado deve ser aries com ascendente em gêmeos.

A porta se abre e minha mãe entra.

— O que deu em você, Joseph...

— Mãe! — grito. — Por favor, agora não. Eu não estou nada bem. Eu estou abrindo mão do meu futuro e da minha felicidade para agradar uma merda de ordem real. Eu não tenho que ouvir seus sermões.

Ela se cala e eu me sento na cama com o rosto entre as mãos. Deus! Estou trêmula e meu coração salta na garganta. Todas aquelas merdas que o Belzebu me falou ainda pulsam em minha mente. Me fazer implorar? Ele pode ir sonhando.

— Você só precisa se controlar — fala em tom mais baixo.

— Me controlar? — Torno a ficar de pé. O quarto parece pequeno para mim, é como se eu fosse explodir de tanta raiva. Com as mãos nos cabelos, prestes a enlouquecer, encaro-a. — Eu amo meu namorado, eu ia me casar com ele, tinha tudo planejado!

— Você pensa que ama o Bartolomeu. Vocês conviveram pouco tempo, ficaram mais afastados do que juntos. Como pode afirmar que...

— Vai querer mandar nos meus sentimentos também? — Viro-me para ela. — Colocá-los em debate? Já não basta minha vontade não ser ouvida?

Relutante, minha mãe suspira.

— Você está muito nervosa. Descanse, não saia mais do quarto hoje. Amanhã iremos ver alguns vestidos prontos, já marquei um horário com a...

Não é o momento, mas tenho que interrompê-la. Ela precisa saber.

— Mãe, eu já tenho o vestido. — Caminho até a porta e a abro. — Por favor, preciso ficar sozinha.

— O quê?

— Eu já tinha dito que dessa parte eu cuidaria. Eu já escolhi meu vestido. A senhora verá em breve.

— Como assim já escolheu? — Os berros dela me fazem revirar os olhos. — Com quem? Qual o estilista? — Minha mãe está praticamente em pane. Eu já sabia que ela ficaria assim. E ficará pior ainda quando eu contar que o vestido é da Dona Lili.

— Saberá amanhã. Prometo. Agora me deixe descansar.

— Josephine, pelo amor de Deus! Isso aqui não é um joguinho qualquer de...

— É um jogo sim! — grito perdendo a paciência. — E se eu não for esperta acabarei perdendo. — Fecho os olhos, respiro pausadamente e sibilo cada palavra: — Preciso. Ficar. Sozinha.

Ela respeita meu pedido, sai e eu fecho a porta passando a chave. Me recosto nela e quando fecho os olhos vejo o belo rosto debochado do duque. Desgraçado. É tão bonito, todavia sua beleza se perde no meio de tanta mediocridade.

E parece muito maior em altura e mais bonito ao vivo do que nas fotos que vejo na internet. Está de barba e seus cabelos negros estão mais fartos. Os olhos azuis malignos continuam os mesmos.

Babaca sem vergonha!

Ele me faltou com o respeito, como posso esperar que algo saia bem desse casamento? Mesmo que de conveniência.

Percebo que fiz papel de ridícula saindo da mesa daquele jeito e dando a ele a vitória. Caminho pelo quarto olhando ao redor, pensativa.

Além de tudo, o patife é cheiroso e meu corpo tinha que captar esse detalhe e armazenar dentro de mim como algo inesquecível. Sim. O cheiro dele é único e inesquecível. Daquele perfume que a pessoa sentirá uma única vez na vida e lembrará para sempre.

Ainda pensando no que aconteceu e no primeiro encontro com o duque Phelipo, tomo um rápido banho, visto uma camisola e pego meu celular. Bart atende depois de quase cair a ligação.

— Diga. — Soa seco quando atende.

— Oi amor. Sou eu, onde está? — Ajeito os travesseiros e deito recostada. Ouvir a voz dele me traz um delicioso acalento.

— Estou deitado para dormir, onde mais estaria? — rosna quase em sussurro.

— Nossa, o que houve, Bart? Liguei, pois quero ouvir sua voz antes de dormir e está frio comigo.

— Não sou eu que está em um jantar de noivado, com outra pessoa.

Fecho os olhos e massageio as pálpebras. Meus sentimentos até doem em ouvir ele dizer isso, pois soa como se eu estivesse gostando dessa situação. Tenho várias opções, mas não escolho discutir com Bart e nem desligar. Preciso desabafar e ele tem que me ouvir.

— Eu queria tanto ter uma rota de fuga, algo que me tirasse dessa enrascada que me meti — confesso baixinho sentindo meus olhos arderem com as lágrimas que brotam com facilidade. Sou uma pessoa centrada, que mantém tudo muito planejado e que medito muito antes de tomar uma decisão. Ter que encarar essa carta na manga que o destino jogou em mim é o pior dos meus pesadelos.

Bart não me consola e nem diz: *"calma amor, vamos encarar juntos"*, como eu achei que ele faria. Ao contrário, ele bufa sem paciência e vomita de mau gosto as palavras:

— Uma enrascada que fará de você autoridade máxima do país te dando todos os privilégios. Muitas matariam para estar nessa sua enrascada.

Me sento bruscamente na cama. Se deboche foi um punhal em meu peito.

— O que disse, Bartolomeu? Como tem coragem...? Logo você, que me conhece mais que qualquer pessoa, vem jogar isso na minha cara?

Ouço o sopro cansado que ele dá pelo telefone.

— Desculpe. Fui longe demais. Não penso isso de você. Mas acontece que...

— Não pode tacar pedras em mim quando eu sou a maior vítima disso tudo. Se eu tivesse interesse no duque eu nem estaria ligando para você, ouviu bem?

— Calma, meu amor. Eu perdi a cabeça, aconteceu tanta coisa, fui transferido...

— Como é que é? Transferido?

— Pois é. Ordem real, do maldito duque. Ficarei seis meses em Andrômeda, a mil quilômetros daqui.

Perco minha voz. Meu lábio inferior treme e quase deixo o celular cair tamanho é meu choque. Não acredito que aquele energúmeno fez isso. Além de tudo, ficarei sem Bart por perto. Tenho vontade de gritar, ou me jogar no chão em pose fetal e chorar, mas faço algo impensável que jamais faria em meu juízo normal.

Desligo o celular e saio do quarto, quase correndo, descalça e com os cabelos bagunçados, como uma leoa transtornada. Só deu tempo de pegar um casaco na porta e vesti-lo por cima da camisola.

Não tenho problemas para entrar no palácio pela porta de serviço dos fundos, passar pela gigantesca cozinha, entrar na copa e alcançar o corredor que leva ao salão. Até mesmo ganho reverência de alguns guardas enquanto adentro, indo diretamente onde sei que ele está.

Phelipo ainda estava no jantar e peço ao lacaio dele que o chame. Espero numa pequena sala de chá toda de vidro, do chão ao teto, com vista para a bela noite de Del Rey.

Quando a porta se abre e ele entra mancando elegantemente apoiado em sua bengala, eu ainda estou cega de ódio. Miro seu rosto másculo e muito bonito, e a raiva cresce dentro de mim, fazendo minha espinha arder.

Suas espessas sobrancelhas se juntam quando ele faz uma careta, me olhando de cima a baixo.

Tiro os cabelos dos olhos e me aproximo dele tendo que levantar o rosto para encará-lo.

— Você mandou meu namorado embora! Não pense que será fácil. — Desafio-o com um dedo em sua cara.

— Pense bem antes de apontar um dedo para mim. — Ele se enfurece, mas não perde a pose, continua quase inalterado, e eu nem ligo, ainda não dei meu recado. — Achou mesmo que eu correria

o risco de levar a fama de chifrudo? Ele fica longe enquanto estivermos casados.

— Saiba que pode tentar qualquer coisa, mas nada vai me parar. Assim que o rei falecer, tudo estará acabado.

— Estará acabado quando eu quiser. Você precisa entender uma coisa. — Curva-se para cima de mim e seu nariz quase toca no meu. — Eu mando, você obedece. Se se comportar, não doerá tanto.

Solto um fraco riso.

— Você passou a vida rodeado de baixaria e mediocridade, a pobre Mariah que o diga. — Toco nesse nome e a ira estampa a cara do duque. Sua mandíbula endurece e sua boca se transforma numa fina e dura linha. Seus olhos brilham com crueldade, como se pudesse, a qualquer momento, ferir alguém, dando prazer a si próprio. — Acha que pode qualquer coisa. Não vai ter nenhum poder sobre mim — concluo, sentindo o ar quente de sua respiração.

Caramba! Das duas uma: sou muito corajosa, ou louca demais. Estou gritando e jogando merdas na cara de um homem que em breve poderá ser o rei desse país. Entretanto, será também meu marido, então... que se dane.

Tento sair, mas inesperadamente ele levanta a bengala e a coloca na minha frente.

Eu não devia reparar isso, mas o homem fica muito mais bonito quando está puto. Suas narinas estão infladas e seu furo no queixo quadrado parece mais vistoso. Ele notavelmente está mordendo os dentes com raiva. Me olha com desprezo e isso — de uma forma inexplicável — causa mágoa em um lugarzinho no fundo de minha alma.

— Se não quiser ser quebrada e destruída, fique na sua, garota. Se tocar no nome dela outra vez, eu juro pelo meu pai que te resumirei a pó. — As palavras são cortantes, sua voz é grossa e tão grave que parece de um tenor rouco.

Eu poderia continuar gritando com ele, ou poderia abaixar a cabeça e implorar perdão. Mas escolho a chacota. Percebi que ele não gosta muito de títulos. Então, após ouvir essa ameaça, mesmo morrendo de ódio, seguro a barra da minha camisola e curvo-me lentamente em uma reverência exageradamente falsa:

— Sim, vossa alteza. — Ele se endurece com minha resposta, a bengala abaixa e eu passo, saindo rápido da pequena sala.

12

ESPELHO, ESPELHO MEU



JOSEPHINE

Ah Rapunzel! Que inveja tenho de você que apenas foi trancada em uma torre. Ou de você querida Aurora, que espetou o dedo e dormiu por cem anos. Como eu queria cair dura e dormir por cem anos.

Minha vida está um caos.

Um dia após o jantar de noivado, uma mulher toda fechada em um terninho preto veio até minha casa dizer que eu terei que mudar para o palácio por ordem real. Não teve choro que a fizesse me compreender. Arrumei minhas malas e fui ao lado da minha sorridente mãe.

Estou instalada em uma ala oposta à de Phelipo, ficando muito longe um do outro, e ainda tem guardas rodeando meu quarto. Como se eu fosse escapar durante a noite e ir vê-lo. Só se for para matar.

Meu novo quarto é digno de uma princesa. Nada do que meus planos e sonhos de moça humilde poderiam prever. Caberia com folga parte da casa antiga que eu e meus pais ocupávamos em um bairro distante daqui.

É todo decorado em branco e sutis ornamentos azul claro e dourado. Claro que teria uma cama enorme com dossel e forrada com inúmeras camadas até chegar ao colchão. E tem coisas que eu sozinha jamais usaria. Como um divã branco e, do outro lado, algo parecendo uma sala íntima de leitura, bem organizada com mesa de chá, estante para livros e poltronas brancas com detalhes dourados.

Não pude deixar de perceber e dar o braço a torcer, admirada em como eles souberam exatamente do que gosto. Primeiro que há muitas flores naturais em vasos grandes e segundo que todo o espaço foi meticulosamente decorado com peças de artesanato de nativos, que eu amo. O tapete, a colcha da cama, as dezenas de almofadas e até as luminárias.

— Meu Deus! Olha o lustre! — exclamei olhando para o alto, completamente embasbacada com tanto luxo.

Minha mãe abriu duas portas francesas, mostrando uma romântica sacada com uma vista exclusiva para nada mais, nada menos, que a varanda dos aposentos do duque, a metros de distância, do outro lado. A mulher do terninho preto teve a bondade de me dizer.

Fiquei chocada com a provocação latente de quem tinha me colocado aqui.

O banheiro é igualmente lindo, com mármore claro do chão ao teto, pia com duas torneiras,

espelho gigantesco e uma banheira com hidromassagem.

Não vou mentir, me adaptei rápido ao quarto. É muito a minha cara e eu posso arrumar minhas coisas e principalmente livros, dando mais ainda vida ao quarto.

Todavia, ainda tinha mais. A mulher do terninho preto, que se chama Zoe, me fez abrir o closet e mostrar a ela minhas roupas. Fiquei perplexa quando confiscou várias que disse serem inapropriadas. E ainda me deu uma lista do que eu deveria usar e que o rei se encarregaria de pagar as despesas de meu novo guarda-roupa.

Adiantou eu bater o pé e protestar? De jeito nenhum. Era protocolo. Eu devia apenas seguir.

Não posso mais usar esmaltes de cores fortes e nem roupas decotadas. Zoe será a responsável de agora em diante para aprovar meu vestuário. Vou ter que largar a faculdade, pois terei que me empenhar apenas em assuntos sociais. Não posso fazer qualquer coisa que vá colocar minha vida ou a do príncipe em risco, ou seja, matar Phelipo está fora de cogitação. E ainda terei que obedecê-lo, como ordem superior na casa e no país.

Isso tudo me cansou em menos de uma hora. Eu serei praticamente controlada, um fantoche.

Para piorar tudo, Bart foi embora. Há uma semana não o vejo mais e estamos nos falando pouco, pois ele está trabalhando demais e ainda está magoado. A mãe dele está devastada e me culpou por isso. Fui me despedir dele e quase sai de lá escorraçada.

Bart continuava frio e distante comigo, mas eu o prometi que assim que o rei falecer — o que deve ser breve —, fugirei, se Phelipo não quiser me libertar, então o encontrarei em Andrômeda. Prometi que me manterei intocada até o dia que enfim o reencontrar. Passe o tempo que for.

Ele não se mostrou muito interessado, mas ficou satisfeito com minha promessa e até acertamos os detalhes de minha fuga. Ninguém será capaz de interromper nosso amor. Não serei uma espécie de Julieta Capuleto, lutarei até o fim pelo meu final feliz.

— Josy. — Acordo do meu devaneio e olho para as meninas e minha mãe à minha volta diante do grande espelho do meu quarto no palácio, onde estou me arrumando, toda vestida de noiva.

Chegou o grande dia. O fatídico dia em que estarão enrolando uma corda no pescoço de minha felicidade. Olho para meu reflexo à frente e suspiro. Passei essa noite meditando e chorando. E agora nem tenho mais forças para lamentar.

Eu estaria sorrindo maravilhada se fosse o meu casamento verdadeiro, porque, de verdade, estou ótima no vestido que era da garota morta. Ele está totalmente ajustado ao meu corpo e me faz parecer mais alta e esguia. A cintura é marcada por um cintilante cinto coberto de pedraria.

Passo a mão no ventre, encantada com a perfeição dos detalhes bordados meticulosamente.

Na minha cabeça já está uma delicada tiara real que Dino trouxe ainda há pouco. Veio dos cofres do rei e é tão preciosa e importante, que tem guardas na porta dessa suíte. Foi da bisavó dele e será de todas as mulheres que se casarem com um sucessor.

Dona Lili termina de ajeitar o véu gigantesco preso à coroa e se afasta para ver seu trabalho pronto. Minha mãe olha torto para ela. Foi difícil fazer com que ela aceitasse o vestido que Dona Lili tinha feito. Difícil, mas não impossível. Ou era esse, ou casava com um normal do meu closet. Ela sabia que eu falava sério e para não ter um vexame, aceitou minha escolha.

— Agora você pode dizer: “Espelho, espelho meu...” — Susan bate palmas de alegria. Está, inclusive, emocionada. Assim como Allegra e Bernadete, as três me admirando como se de verdade

eu fosse uma princesa.

Encaro o espelho e digo: — Espelho, espelho meu, existe alguém mais azarada do que eu?

— Queria eu ter esse azar. — Susan suspira. Rimos, pois ela é a que mais adora o duque. No quesito beleza apenas, afinal minhas amigas não fazem ideia de tudo que aquele homem é. A própria caçamba de lixo.

— Bom, faltam apenas trinta minutos para começar. — Minha mãe estende para mim o belo buquê.

Levantamos os olhos ao mesmo tempo e temos uma breve sintonia cúmplice. Sabemos o que esse buquê significa. Seguiremos os costumes reais da Inglaterra, onde a noiva deposita o buquê sobre o túmulo de um soldado desconhecido. Mas eu depositarei no túmulo de meu pai, que foi um bravo soldado e comandante, e por isso as flores vermelhas na minha mão representam mais que uma tradição.

— Apesar de tudo, obrigada por ter me dado força — digo a ela e recebo seu abraço carinhoso.

— A Oprah está aí. — Allegra anuncia e eu quase me desequilibro. Boquiaberta, encaro-a.

— Não só a Oprah, como também a Madonna. — Bernadete acrescenta.

— E claro, a realeza de diversas partes do mundo.

Volto a encarar o espelho e inesperadamente estou sorrindo. Ao menos algo para me fazer feliz no meio de toda essa tragédia. Já esperava que tivesse a presença de figuras famosas e marcantes, mas ouvindo falar torna tudo mais realista.

Minha mãe e Dona Lili saem e eu fico com as meninas. Elas estão vestidas com belos longos e rodados pretos de renda. Sim, preto. Eu não posso mostrar meu luto, mas elas podem, por mim.

As três com coques altos, quase iguais ao meu. Allegra é loira e tem olhos verdes, Bernadete é nativa legítima de pai e mãe, negra dona de longos cabelos bem pretos e encaracolados, e Susan é a mais baixinha, tem cabelos pretos cortados chanel e bem lisos. Todas essas diferenças delas deixaram mais belas ainda as três juntas.

Sairei daqui a pouco, assim que for me dada a ordem. Sei que Phelipo deve estar tão nervoso quanto eu. Nervoso e furioso, ele acha mesmo que eu e minha mãe bolamos isso para poder subir na vida. Aquele escroto não me conhece, ele terá uma bela surpresa quando enfim estivermos debaixo do mesmo teto.

Allegra acaba de desligar uma ligação. Estava num canto falando baixinho e sorrindo manhosa. Susan nota meu interesse e adianta a fofoca:

— Você não sabe?

— Sobre o quê? — Olho para as três. Esses dias foram tão tensos que nem mesmo pudemos nos reunir no clube do livro. Estou por fora de qualquer coisa da vida das meninas, inclusive de Nádia, que precisou viajar com o pai e não poderá estar em meu casamento. Fiquei tão indignada com ela, mas nos falamos e ela pediu mil desculpas e disse que era necessário.

— Allegra está de casinho com o filho do motorista dela. O Pernalonga. — Susan relata, me fazendo ter um sobressalto. Conheço o motorista, mas não sabia que ele tinha um filho.

— O quê?

— Xiu. — Allegra coloca o dedo nos lábios e olha para os lados, apreensiva. Então me confidencia: — Não é casinho. Estamos apenas nos conhecendo. Mas vocês conhecem meus pais e eles podem armar um escândalo se souberem que estou dando papo para o Matthew, que é um Zé ninguém.

— Só papo que você está dando? — A ironia de Susan nos faz gargalhar. Ela tenta correr, mas ainda assim a bolsa de Allegra acerta suas costas.

— E que história é essa de Pernalonga? — questiono, ainda curiosa com o assunto. Perdi até a apreensão com meu casamento que acontecerá dentro de minutos.

— Alle, mostre uma foto do dito cujo para a Jojo. Ela ainda não o viu. — Bernadete pede.

Allegra não contesta, abre a carteira de mão, pega o celular e após procurar um pouco, estende para mim.

— Uau! Ele é bonitão — elogio, colocando *zoom* na foto para ver com mais detalhes. Ele é bem alto, tem umas pernas enormes e creio que por isso ganhou o apelido carinhoso de Pernalonga. — O cara é enorme! — exclamo.

— Ele tem vinte e três anos, mede 1,95m e joga basquete na faculdade. É o melhor do time. — Toda contente, dá o currículo do dito Matthew.

— É bom que em um boquete, você não precisa nem ajoelhar, amiga. — Bernadete zomba e ganha uma bolsada no ombro, acertada por Allegra. Olho do espelho e ela está toda ruborizada, constrangida.

— Vocês são ridículas. O Matt é um cara sério...

— Mentira sua. — Susan interfere. — Ele é intrometido, metido a engraçadinho e todo taradão. — Ela me cutuca e assim que tem minha atenção, acrescenta: — Josy, ele quase transou com nossa amiga no banco de trás do carro do pai dela.

— Verdade. Só não aconteceu, visto que o pai dele chegou e quase fez o flagra. — Bernadete termina de narrar a história. Olho incrédula para Allegra, que se encolhe, mais constrangida ainda.

— Não acredito que não me contou nada disso.

— Ai... você estava muito mal esses dias... mas hoje você o conhecerá. Fiz mal em trazê-lo para seu casamento? Dei a ele o cartão de entrada que era da Nádia — pede desculpas com um olhar murcho.

— Você trouxe o Pernalonga para cá? — Susan berra tão surpresa como eu estou. A garota não quer que os pais descubram seu casinho, e o que ela faz? Traz o cara para um lugar onde será foco do mundo inteiro.

— Meus pais não vão nem se lembrar de quem ele é filho. — Ela diz, acho que tentando se convencer disso.

— Como começou isso, Allegra?

— É uma longa história, mas, resumindo, ele foi cobrir o pai dele um dia e ficou lá em casa sendo o motorista por um dia.

— Essa safada gamou quando viu a terceira perna do Pernalonga.

— Ah, cala a boca! — Allegra rosna com os punhos fechados e dentes cerrados. — Vou te matar, Susan!

Susan se afasta rindo, correndo pelo quarto tentando escapar de Allegra. Bernadete ao meu lado me confidencia:

— Seja discreta, Josy, não olhe para as partes do Pernalonga quando for cumprimentá-lo.

— Oi? — exclamo meio aturdida.

— É. Ele tem um senhor pacotão. É daí que vem o apelido de Pernalonga.

E eu ainda me surpreendo com essas meninas.

13

O CASAMENTO



PHELIPO

Apesar de estar prestes a completar trinta e cinco anos, nunca imaginaria que vestiria esse caralho de traje tão cedo. Aliás, nunca pensei que eu chegaria a vesti-lo de nenhuma maneira, afinal nunca tinha sido do meu interesse me casar como realeza.

Trata-se de traje militar feito exclusivamente para eu entrar hoje na Abadia, no meu casamento. É um uniforme de gala de capitão do regimento da guarda real de Turan. A farda nupcial é composta por calça preta e blazer champanhe ornado com todas aquelas porcarias: ombreiras, insígnias, cinto e bainha para a espada.

Ao meu lado, Levi me entrega o quepe branco, eu o pego, olho por um momento e depois, em frente ao espelho, o coloco. Ao meu lado, me encarando interessado, Luck late em alerta. Abaixo a mão e faço um cafuné na cabeça dele.

— É isso aí, garoto. Não importou o quanto eu fui independente e dono da verdade. No fim, acabei sendo pego. — Olho para mim mesmo e prometo: — Mas isso não ficará barato.

— Sabe que não é por muito tempo, senhor. — Levi me lembra desse detalhe, me consolando. Na minha mente, a expressão petulante de Josephine me faz comprimir os lábios.

Desejo dar a ela um bom corretivo, pois estou nessa enrascada por causa dela e ainda por cima me desrespeitou, não abaixou a cabeça para mim, o que eu espero de qualquer pessoa abaixo de minha posição. Entretanto, desejo deixar o orgulho de lado e nos libertar desse casamento assim que meu pai falecer.

— Sim. Talvez não seja por muito tempo.

— E quando se separar dela? O que fará? Aceitará a coroa e o reinado ou dará seu país nas mãos dos democratas?

Olho para Levi e de volta para minha imagem no espelho. É algo a se pensar. Pensar e se preocupar. De uma coisa preciso ter orgulho desse lugar: ele está à frente de muitos países governados por homens eleitos pelo povo.

Turan é famoso pelo seu minério, assim como o Brasil tem seu petróleo. Os governantes, escolhidos pelo rei, são súditos fiéis que estudam para isso e sabem exatamente o que fazer com nossas riquezas pois, acima de tudo, são patriotas.

— Pensaremos a respeito. — Dou a resposta vaga. Na verdade, por dentro, Levi me pegou desprevenido. É mais um problema imenso para eu resolver.

***

A abadia de Del Rey está repleta. Tudo muito organizado como mandam os protocolos. De um lado, apenas a realeza; não só daqui como também de outras partes do mundo. Do outro, os demais convidados.

Me posiciono ao lado do meu tio. Ele também veste uma farda e entrará comigo e seguiremos atrás do arcebispo. Atrás da gente, dois integrantes do exército real, da mais alta patente.

Fico o tempo todo distante e reservado. Cumprimento modestamente algumas pessoas que acenam felizes para mim, limitando-me apenas a um breve aceno de mão e um sorriso forçado.

Estar aqui é mais difícil do que eu imaginava. É tudo muito recente e corta meu coração todas as lembranças que esse lugar traz. Parece que consigo ver Dominic se casando anos atrás e, em seguida, anos depois, o batizado de seu filho.

Ah...! Ergo o queixo olhando para o teto decorado com uma bela pintura barroca. Quase deixo uma lágrima escapar ao me lembrar do pequeno Alexei.

— Vossa alteza. — Ouço me chamarem e olho para o lado. É um dos guardas. — Está na hora.

Apenas assinto e, conforme orientado, começo a andar para entrar na longa nave da igreja. À frente, meu pai espera sentado num trono ao lado do altar. A fodida marcha começa seguida de um coral de vozes angelicais, provocando um pequeno alvoroço entre os convidados de merda; todos querendo ver minha passagem pelo vasto corredor ornado com as mais belas flores brancas.

Desejei estar passando dentro de um caixão. Seria mais satisfatório.

De queixo erguido, mancando com o apoio de minha bengala, nem faço questão de olhar para os lados, até chegar à frente e curvar em direção ao meu pai para cumprimentá-lo.

Em seguida, a inquietação é maior. Não só entre os convidados, mas também dentro de mim. Caralho! É algo difícil de explicar. Eu não quero essa porra toda acontecendo. Gostaria de estar em minha cobertura em Nova Iorque, entretanto só em saber que estou aqui para trocar alianças e que já assinei um contrato pré-nupcial, sinto-me quase vacilando. O que é muito difícil de acontecer comigo.

Ela está entrando.

Eu tenho que ficar de costas para a noiva até ela chegar em mim, entretanto viro o pescoço e a vejo.

Ela vem sozinha. Não tem pai para acompanhá-la e nem um homem de seu sangue que possa fazer isso. À sua frente, duas jovens garotas, aproximadamente da idade de Josephine. Ambas com vestidos negros, o que me causa grande estranheza. É como se as damas de honra dela passassem uma mensagem que a noiva não pode passar. Preto no casamento não é algo apropriado.

Curvo meus lábios brevemente por encontrar alguém tão forte para um embate comigo. Isso será divertido até que eu a aniquile.

Atrás de Josephine, outra garota, também aparentando a mesma idade, tem a missão de segurar a barra do quase gigantesco véu.

Assim que as garotas tomam seus lugares e ela se posta ao meu lado, nos olhamos no mesmo momento. Sua expressão é indecifrável, mas nem posso afirmar com precisão, afinal o véu lhe cobre o rosto.

Percebi que o vestido é muito bem feito e se adequa ao corpo, deixando-a mais elegante e quase aristocrática.

Como meu pai disse, ela é patriota e fará de tudo para que esteja dentro das leis do país. Inclusive usar um vestido digno de futura princesa.

— Oi, Satã. Ansiosa para se foder da pior maneira possível? — cochicho para ela.

— Existe coisa pior do que estar ao seu lado, alteza? — Ela retruca baixinho sem mover o pescoço. — Achei que já estava fodida.

— Boa resposta. Vai ganhar um bônus por entender as regras do jogo.

Assistimos calados o arcebispo presidir toda a cerimônia usando o discurso que ele já sabe decorado. As mesmas palavras que disse no casamento do Dom. Acabo me sentindo terrível em estar aqui, é como se eu estivesse roubando a vida do meu irmão e, tecnicamente, foi o que aconteceu. Além de tudo, ainda querem que eu ocupe oficialmente o título que era dele por direito.

Eu acabei com a vida dele e destruí toda a minha família. Nunca conseguirei perdão para meus pecados. E acho que nem quero. Sentir essa culpa dolorosa já faz parte de mim e me ajuda a lembrar o filho da puta que sou.

Troco um olhar com meu pai antes de repetir as palavras de promessa que o arcebispo diz compassadamente, para serem direcionadas à noiva.

Em seguida é a vez dela, e inesperadamente, quando ele diz: “prometo obedecer e amar meu marido...”

Josephine repete de outra forma: — Prometo respeitar meu marido. — Apenas isso. Não me prometeu amor e obediência, e eu não deveria me importar com esse fato. Afinal, quem é essa mulher na minha vida? Ninguém. Uma completa estranha. Mas não foi com essa frieza calculada que meu coração reagiu, é mais uma que não gosta de mim entre centenas.

Trocamos as alianças e automaticamente nossos olhares travam-se numa quase disputa de poder. Senti faíscas deixando os meus e ela não ficou para trás. Inclino levemente, seguro-lhe a cintura e beijo de leve seus lábios, fazendo todos aplaudirem sorridentes. Um beijo frio, de desafetos.

Como marido e mulher, saímos atrás das damas de honra, atravessando o gigantesco corredor da igreja. Me esforço e dou um sorriso e alguns acenos para os convidados. Todos achando que estão presenciando um casamento cheio de amor.

— Espero que esteja feliz por conseguir a preciosa chance de se casar comigo — cochicho para Josephine. Ela mantém um sorriso igual ao meu, de pura falsidade.

— Ainda não consegui minha preciosa chance, que seria enfiar uma espada em sua boca.

— Isso, me mate logo e acabe com esse meu tormento de ter você como minha esposa.

Continuamos atravessando a nave da igreja, sorrindo para os convidados, encenando um casal feliz. Josephine retruca:

— Não me tente, vossa alteza. Eu adoraria enfiar uma espada em sua boca, entretanto receber o título de heroína nacional por ter acabado com uma ameaça ainda não está nos meus planos.

O riso sarcástico que dou faz as bochechas dela enrubescerem, acho que de raiva.

— Ótimo, porque me tornar uma ameaça está nos meus planos.

***

Eu fiquei de longe esperando, assistindo-a depositar o buquê no túmulo do pai. De certa forma, parece emocionante, algumas pessoas aplaudem e os guardas dão uma salva de tiros. Josephine enxuga uma lágrima e abraça a mãe em seguida.

Depois disso entramos em um carro aberto para fazer o cortejo até o palácio, onde nos apresentamos, como marido e mulher, ao povo de Turan. Nas ruas em que passamos somos ovacionados, como se fosse um desfile do Dia da Independência. O povo balançando bandeirinhas do país e acenando com alegria. Ouvi dizer que veio gente de outros países apenas para estar aqui e assistir esse momento histórico para Turan. Eu sou o último príncipe da geração do rei Alfred, por isso toda essa festividade.

Entretanto, algo dentro de mim ironiza dizendo que talvez as pessoas estejam festejando por Josephine e não por mim. Ninguém aqui vai com minha cara, meus inimigos querem ver meu tombo e a mídia deseja há anos fazer a cobertura em primeira mão do meu funeral. Mas o que eles não sabem é que nem adianta me derrubar, afinal cobra rasteja.

Ouvi até dizer que pode ser que eu tenha mudado de comportamento, visto que aparentemente encontrei o amor em uma conterrânea. Desandei a rir com essa manchete de uma revista nacional. Puta que pariu! O povo achando mesmo que eu, o rei dos carros velozes, nome frequente nas altas rodas sociais americanas, estaria mesmo querendo me enraizar nessa merda de país. É de foder mesmo.

Na sacada da frente do palácio, meu pai sai primeiro, sentado em uma cadeira de rodas empurrada por Dino, e é recebido por gritos e aplausos de comoção. Entrei logo atrás com Josephine, vendo à minha frente o mar de gente que se emocionou com o aparecimento do meu pai.

— Precisamos dar a eles algo a que confiar. — Aparentemente mexida, também emocionada, ela sussurra: — Me beije — pediu em um murmúrio quase doloroso, sem tirar as vistas do povo que nos aplaudia.

— O quê?

— Faça um gesto de amor, Phelipo. Para que nosso povo veja que pode ainda confiar em algo. Olha só para essa gente sentindo a dor antecipada de uma possível perda de nossa majestade, o seu pai.

Abaixo meu rosto encontrando-a com os olhos banhados de lágrimas. O aceno de Josephine para o povo não é apenas gentil, é sério e verdadeiro, passando confiança para eles, como se prometesse que ela fará algo por todos que residem aqui. Quase posso ver Mariah nela, a mesma atitude ligando as duas, e isso me comove bem lá no âmago.

Toco em sua cintura, ela me olha e eu a puxo para meu corpo. Tensa, Josephine mantém seus olhos, sem piscar, compenetrados nos meus. Dessa vez, o beijo foi casto e nem um pouco frio. Teve algo diferente quando nossos lábios se tocaram.

Fechei os olhos e, para meu espanto, em minha mente tive um vislumbre de Dom sorrindo e me aplaudindo, e não enraivecido, como eu tenho certeza que ele ficou antes de morrer.

14

ALMA NEGRA



Josephine

"Belzebu deixou um diabo reservado para mim". Essa frase da música *Bohemian Rhapsody* pulsa em minha mente como um presságio para o que está acontecendo na minha vida.

Estou casada. Presa numa ordem real e nas unhas de um crápula. Me recuso a olhar a delicada aliança e o anel no meu dedo, portanto, mantenho as vistas presas no jardim do palácio, vendo a água refletir sobre as luzes na fonte da Vênus. A coitada não tem braços, exatamente como eu estou me sentindo nesse momento: sem braços para me defender.

— Josy. — Me viro quando alguém me chama. É Allegra ao lado de um cara muito alto trajando smoking. O reconheço de imediato, eu tinha visto por fotos. O Pernalonga. Controlo minha vontade de abaixar os olhos e conferir o tal pacote, só mesmo por curiosidade. — Esse é o Mathew. — Ela o apresenta. — Te falei sobre ele mais cedo.

— Oi, Mathew. É um prazer.

— O prazer é meu, vossa alteza. — Ele faz uma rápida reverência e só então tenho consciência de que agora as pessoas vão se dirigir a mim com esse tipo de tratamento. Phelipo tem razão, isso é uma merda. Me sinto muito desconfortável.

— Apenas Josephine, por favor — peço educadamente e ele sorri assentindo. — E vocês? — Olho de um para o outro. — Estão numa boa por aí? — indago sobre o caso deles ser escondido.

— Hoje o Matt está como um "Cinderelo". — Alegra graceja. — Meus pais acham que estou acompanhada de algum herdeiro milionário, nem se tocaram que o Matt é filho do motorista.

Sinto minhas bochechas arderem por ela ter dito isso na frente dele, mas o próprio Matt ri e assente mostrando que sabe da aversão que os pais dela têm de rapazes não ricos.

— Mas, em compensação, tenho outra riqueza. — Ele insinua deixando Allegra enrubescida e, com certeza, eu também.

— Vossa alteza. — Levi chega perto da gente se dirigindo a mim. — O duque deseja vê-la. Precisam estar juntos para uma dança.

Reviro os olhos sem nem me importar se isso vai ou não parecer antiético ou fora dos protocolos. Despeço-me de Allegra e Matt, e caminho atrás de Levi. Ao longe, por entre as pessoas, já posso ver Phelipo me olhando.

Cruzes! O olhar dele até causa calafrio.

Entretanto, não chego até ele, Bernadete entra na minha frente, Levi segue sozinho.

— Toma. — Me estende o meu celular que eu pedi que ela deixasse em sua bolsa, apenas por precaução.

— O que houve?

— Bart não para de ligar.

— Ai meu Deus.— Passo o dedo na tela e me assusto com a quantidade de ligações. Nem penso em nada ou em qualquer merda de consequência, toco na tela para retornar a ligação. — Fique de olho — peço a ela e corro para o outro lado do salão, em um lugar mais tranquilo, num cantinho entre uma parede e uma coluna branca e dourada. Meu vestido de noiva, já sem o véu, se arrastando pelo chão lustroso.

— Bart? — falo quando ele atende.

— Oi. — A voz soou triste e não seca como das outras vezes.

— O que houve? Me ligou dezenas de vezes.— Olho em volta e Levi sumiu de vista. Bernadete está de vigília me protegendo.

— Só queria saber o desenrolar... de tudo. — Bart diz— Tive esperança de uma reviravolta no último segundo. Queria que me perdoasse, Josy. Fui fraco.

— Não diga isso. Você não teve culpa, ninguém teve culpa.

— Um dia você compreenderá. — Ele faz uma pausa dramática, me obrigando a chamá-lo:

— Bart?

— Sabia que o casamento foi televisionado, mostrado ao vivo até mesmo no YouTube? — O rancor expresso em sua voz abre uma cratera no meu coração e tenho vontade de chorar.

— Sim. Eu sei disso. Bart, meu amor. Veja isso apenas como negócios. Breve estaremos juntos, te prometo.

— Dói bastante ver você se casar com outro Jojo, feriu meu coração, como se sentiria se me visse com outra?

— Eu morreria, mas sei que você, assim como eu, vai aguentar firme. Nosso momento chegará, te prometo. Ninguém vai tocar em mim, pois o único homem que tem esse direito é você.

Ele não parece tão animado em ouvir isso. Com uma voz muito fraca, diz:

— Eu fico mais aliviado em ouvir isso. Obrigado por ligar para mim, agora, em um momento que tem todos os holofotes para você.

— Eu não ligo para isso. Apenas você me interessa e eu te prometo que...

— Não prometa o que não pode cumprir.

O celular é arrancado da minha mão. Tomo um susto e me deparo com Phelipo transfigurado em uma expressão sardônica me olhando. Nem tenho tempo de protestar e me refazer do choque de ter sido pega no flagra. Bernadete me encara com os olhos saltados de horror.

Phelipo olha para a tela, vê quem está na ligação e sobe as vistas para meu rosto, como se dissesse silencioso: “te peguei no pulo”. Agora sorri de modo pachorrento. Leva o celular ao ouvido e sem deixar de me encarar, vocifera:

— Se ousar falar novamente com a duquesa e minha esposa, vai pagar caro. Tenha uma boa

noite, meu jovem. — Em seguida, para meu completo terror, ele toma uma taça grande com água que Levi segura (e creio que já trouxe com esse propósito), afogando o celular dentro e me olhando desafiador; e para completar, zomba falando: “ops”.

Meus punhos fecham e sinto o ódio tomar cada veia do meu corpo.

— Seu cretino miserável! — berro, pronta para atacar.

— Olha como fala comigo. — Ele adverte sem perder a pose de Belzebu aristocrático. — Venha, tem que ficar ao meu lado.

— Não espere isso de mim, seu patife de merda! — Minha ofensa sai em alto e bom som. Como resposta, ele bufa mostrando que perdeu a paciência, todavia não exibe vestígios de surto, apenas um sopro forte.

Phelipo entrega a bengala para Levi e comanda: — Me dê cobertura. — Imediatamente Levi tampa a visão com seu corpo e Phelipo me segura muito forte, me jogando contra a parede e me espremendo com seu corpo colossal. Estou totalmente presa e ofegante, mirando fixamente seus olhos malignos. A adrenalina me toma por inteiro, mas não posso reagir porque uma de suas mãos segura facilmente minhas duas, apertadas contra meu ventre, e sua outra mão enluvada está em minha garganta.

Por ser bem mais alto que eu, ele precisa se curvar para ameaçar, bem pertinho do meu rosto.

— Não vou te falar de novo. Mantenha-se na linha comigo ou vai ter sérios problemas.

— Não vai ter poder sobre mim. Jamais. — Mesmo afogada na merda, ainda tenho coragem de peitá-lo.

— Posso dar ordens. Sua mãe, Bartolomeu, suas amiguinhas queridas. A escolha é sua. Pode manter isso entre a gente me obedecendo, ou ver cada um deles fodidos gratuitamente, graças à sua insolência com uma autoridade e seu marido.

Eu não consigo fugir do olhar dele. Minha garganta aperta e a vontade de chorar aumenta, mas isso seria perder o embate, além de ser humilhada. Tenho vontade de gritar, mas apenas murmuro:

— Eu cheguei a achar que algo bom existiria em você. Mas sua alma é negra, você gosta de ver as pessoas humilhadas abaixo dos seus pés. E isso será cobrado, tenha certeza.

— Não interessa o que acha de mim, com o tempo se acostuma. Agora me obedeça e vamos para o meio da porra do salão.

— Eu não...

— Calada! — vocifera me fazendo sentir seu hálito de vinho. — Pense no que de verdade importa para você e faça suas escolhas a partir de agora. — Ele se afasta, recebe novamente a bengala que Levi entrega e estende para mim sua mão forrada por uma luva preta de couro. Já está sorrindo charmoso, como se nada tivesse acontecido.

— Me conceda uma dança, querida.

Ele já me mostrou o que pode fazer, mandou Bart embora; e não quero perder minha mãe e minhas amigas e sei que Phelipo não é de brincar. Nunca. Ele destruiu a própria família, o que não faria com uma desconhecida? Engulo seco, olho para Levi, que está indiferente, e após respirar profundamente e controlar os olhos ardendo para não chorar, eu pouso minha mão na dele.

— Assim está bem melhor. Boa garota.

Passamos por Bernadete — petrificada como uma estátua após assistir toda a cena —, e não fico surpresa por sobrar um recadinho para ela também. Phelipo se detém e diz baixinho: — Bico fechado, ou seu pai perde tudo que construiu até hoje. — Sorri para Bernadete, que parece um fantasma de tão assustada e acrescenta: — Aproveite a festa.

Meu Deus. Ele é louco. Além de mau, é totalmente louco e bipolar. Eu gostaria tanto de bater nele, mas apenas caminho ao seu lado.

As pessoas se afastam conforme a gente vai passando, mostrando o respeito e temor que tem pelo duque, até formar um círculo de gente, e ficarmos no meio. O rei sorri vitorioso com a certeza de que fez a coisa certa pela memória do meu pai.

Meu pai odiaria me ver magoada, na verdade devastada. Engulo seco e passo o olhar pelas pessoas. Minha mãe sorri mais vitoriosa ainda e eu nem tenho ânimo de me revoltar. Giro meu rosto de volta para Phelipo e ele está sério, com seus olhos azuis muito profundos grudados na minha face. Totalmente ilegível sua expressão. Pode ser raiva ou tédio. Impossível saber.

Uma valsa tocada por uma orquestra de cordas começa e ele me move pelo salão. Não fico para trás. Enquanto estava fora da cidade, morando no colégio interno, aprendi tudo que precisava para ter um bom casamento. Para fazer bonito em qualquer ocasião.

Deixo meu corpo leve para que ele possa conduzir, como a dança pede. Estamos nos encarando sem piscar. Bem no fundo dos olhos mesmo. Então o maxilar dele enrijece e seus lábios se apertam numa careta de raiva.

Ele está me encarando e com raiva de mim, como se eu fosse morrer por isso. Olha só, queridão, também te odeio profundamente.

Eu não acho que ele vai me bater aqui no meio de todo mundo, então jogo a racionalidade para o alto e provoco:

— Você chegou mesmo a achar que eu seria tão submissa como todas as outras?

— Pode não ser, mas vai aprender.

— Mariah aprendeu, ou já era? — dizer o nome foi como um balde de água fria na cara de Phelipo. Os olhos até arregalaram. Nem espero ele abrir a boca e emendo: — Ou, talvez, se ela fosse petulante, não tivesse morrido.

Ele olha para as pessoas, sem parar de dançar. Sua mão se aperta nas minhas costas e nossos olhares voltam a se chocar. Então ele ri.

— Achou mesmo que continuar tocando no nome dela vai me fazer perder a compostura e armar uma cena?

— Eu...

— Eu jogo há anos esse joguinho que você está tentando. Espere o troco. Eu te avisei. — Ele faz um sinal e a música para. Os convidados ficam confusos, mas aplaudem a gente. O duque apenas me leva até o rei e sai sem dizer nada.

Recebo com aflição a notícia de que vou para outra ala do castelo ficar com Phelipo. E adivinhe só? So-zi-nhos.

A festa acabou cedo, pois o rei precisa repousar. E eu estou surtando em meu quarto ainda dentro do vestido de noiva. Essa merda de vestido de noiva que não trouxe a sorte que eu precisava.

— JOSEPHINE!— Minha mãe grita me fazendo parar de destruir o quarto. Na verdade, não estava destruindo, estava apenas desforrando a cama e jogando as almofadas para o ar.

— Eu não vou, mãe. Isso é um cúmulo.— Desfaço meu penteado sem nem perceber.— Phelipo sabe que esse casamento é puramente de conveniência, por que ele me quer morando em um cubículo com ele?

É evidente que minha mãe parece não compreender meu destino infernal.

— Talvez ele queira mostrar ao rei. Arrume-se e vai agora. Os guardas estão te esperando para conduzi-la.

Encaro-a totalmente horrorizada.

— Eu te contei que ele me disse coisas horríveis. A senhora deveria ficar do meu lado.

— O duque é um homem difícil e você não tem que ficar arrumando picuinhas com ele. A partir de hoje quero que você diga apenas "sim senhor" e "não senhor" quando for conversar com ele. Ou quer que acabemos mal por causa de sua rebeldia?

Apesar de tudo, ela tem razão. Se eu tentar bater de frente com ele, as coisas ficarão piores para as pessoas que amo. Me sento no chão ao lado da cama me sentindo derrotada. Ele venceu, podem dar o troféu ao cretino. De cabeça baixa e ofegante, eu reflito. Phelipo não parecia ser assim quando o irmão era vivo. Quer dizer, ele sempre pareceu rebelde, mas não tão odiável.

Toda a tragédia que se abateu nesse palácio ainda é misteriosa, pois o rei conseguiu manter os segredos apenas aqui dentro. Eu estava fora na época que Dom morreu e lembro de ver seu funeral pela televisão.

Se eu não posso combater Phelipo, talvez eu possa chantageá-lo com alguma informação.

Minha mãe termina de retirar os grampos do meu cabelo e fica estática, me fitando quando eu a encaro. Ela sabe que tenho indagações em mente.

— O que foi?

— Sente-se aqui, mãe. — Me sento na cama e ela senta ao meu lado.

— O que quer saber? Que olhar é esse?

— Me conte sobre o príncipe Dominic.

Ela faz uma careta e dá de ombros.

— Não tem nada para contar. É o que todo mundo já sabe.

— Os boatos sobre ele ter brigado com Phelipo...

— Podem ser apenas boatos.

— E o Alexei?

Uma expressão de dor estampa a face da minha mãe. Olha os grampos em sua mão e abana a cabeça como se quisesse arrancar pensamentos ruins.

— Era apenas uma criança no meio de uma guerra.

Lembro da mídia anunciando a morte do menino pouco depois do pai ter sido sepultado. Meu coração se aperta. Eu nem cheguei a conhecer o coitadinho. Faleceu quando tinha apenas 2 aninhos. Era o segundo na sucessão do trono, e por isso, cabe agora a Phelipo ser o próximo rei de Turan.

— E a rainha Helida e a Mariah? Me fale sobre elas.

— Bom, conheci Helida; era a rainha do povo, uma pessoa maravilhosa, superprotetora e amável, simplesmente ninguém entendeu por que ela foi dormir e não amanheceu, deixando apenas uma carta de despedida. O rei nunca superou, nunca se casou novamente. Já Mariah...

Alguém bate na porta interrompendo minha mãe. Ela se levanta para abrir e não fico surpresa em ver Zoe entrando no seu costumeiro rompante.

— Alteza, vim escolher suas roupas nupciais. O duque te espera.

Merda. Minha mãe não contou o suficiente. Por hora, não tenho nada para usar contra Phelipo.

15

ESCOLHAS



PHELIPO

Hoje no casamento ela estava deslumbrante. E gostaria de me punir por fazer um paralelo entre Josephine e Mariah, porque é um erro tremendo. Não sei se é a falta que ela me faz ou a minha volta para esse palácio que me faz lembrar, todavia Josephine se parece, a cada instante, mais ainda com a mulher que amei.

Eu parei, respirei fundo e pensei em tudo que está acontecendo. Tenho que recriar algumas rotas, não dá para continuarmos em pé de guerra como hoje mais cedo. A ideia de morar com ela me desceu amargamente, mas estou digerindo.

A ala que foi preparada para eu residir com Josephine fica bem perto dos aposentos de meu pai. Eu devia suspeitar que ele iria aprontar uma dessas. Fui pego desprevenido. Eu não tinha visto ainda, estavam preparando tudo às escondidas.

Acabo de entrar me sentindo péssimo, soltando todo o ar dos pulmões ao ver a sala de estar à minha frente.

É um lugar pequeno que lembra muito a casa de Dom. Uma casa que de alguma forma celebra a família, os recém-casados. A sala não tem o toque real com colunas douradas, tetos pintados e cortinas pesadas. Ao contrário, é um ambiente moderno, fizeram tudo seguindo o meu gosto por modernidade, uma tentativa de me agradar.

Tem um grande sofá de couro branco aparentemente confortável e, à sua frente, um rack com painel para televisão em tom amadeirado, combinando com o tapete felpudo marrom, as luminárias brancas com metal e o papel de parede bege. Ainda tem duas poltronas brancas e um bar de vidro do outro lado.

Levi se apressa em abrir as persianas brancas e eu escolho uma das poltronas para me sentar.

— E Luck? — pergunto.

— Está sendo bem cuidado, senhor. Deseja beber algo?

— Uísque. — Começo a tirar as luvas descartando-as no chão e em seguida tiro as pesadas botas que fazem parte da farda que estou vestindo.

— Macallan doze anos. — Levi diz.

— Traz. Sem gelo. — Recebo o copo de uísque, mas não tomo. Continuo com os olhos parados

no nada, refletindo sobre meu dia de merda. Casado! A porra da aliança pesa no meu dedo me fazendo lembrar desse detalhe.

— Vou preparar um banho para o senhor.

— Deu a ordem para que Josephine venha para cá?

— Sim senhor. Deve chegar a qualquer momento.

— Ok. — Tomo um gole do uísque e de canto de olho vejo Levi entrar por um corredor. Ordenei que trouxesse Josephine, pois preciso jogar as cartas na mesa e ainda darei a ela a chance de ter escolhas. Não gostei nem um pouco de vê-la conversando com o filho da puta do Bartolomeu.

Levanto-me e vou conhecer a casa. É maior do que imaginava. Quando chego ao quarto, tenho uma surpresa em ver uma réplica exata do meu quarto em Nova Iorque.

A cama está de frente para uma clara vista das paisagens de Turan. Uma parede inteira toda de vidro. Em Nova Iorque a vista em frente à cama é para o Central Park. Do outro lado, um grande espelho que fica exatamente num lugar calculado para refletir a cama e nem preciso empurrá-lo para saber que atrás está o grande closet, provavelmente sendo dividido para Josephine e eu.

As luminárias de cristal, as poltronas de couro e o tapete preto dão um ar masculino e sofisticado. Vejo que a preocupação aqui não era criar um quarto de casal e sim me agradar. Fazer com que eu me sentisse em casa.

Minha perna lateja mais que o normal. Levi me ajuda a retirar a farda e quando estou nu, analiso com cuidado o meu joelho.

— Droga! Minha perna está fodida. Preciso de um fisioterapeuta — digo em um pensamento alto.

— O senhor quer que eu chame um nesse momento ou...

— Não há necessidade. — Ando mancando para o banheiro, seguido por Levi. — Se tudo der certo, viajo pela manhã para a ilha Noirmoutier. — Entro na banheira de mármore e repouso a cabeça no encosto. Levi traz mais uma dose de uísque, deixa ao lado junto com toalhas limpas e meu smartphone.

Ele sai apagando a luz central, deixando acesa apenas as luminárias e velas aromáticas, tornando o ambiente mais agradável.

Sorrio ao lembrar o que fiz mais cedo com Josephine. Não gostaria de ser mau com ela, entretanto a infeliz me obriga. Me tira do sério mais do que qualquer outra mulher que já cruzou meu caminho.

Eu nunca tive saco para frescuras femininas e peso a mão sem piedade quando alguma sai dos trilhos. Busco formas de castigá-las sem precisar tocar em ninguém, apenas mostrando meu poder. E isso tem me dado, ao longo dos anos, uma boa fama para que inimigos, amantes e amigos me respeitem como eu mereço.

As outras, até mesmo Mariah — que tinha um título importante —, sabiam o limite para se dirigir a mim. Todas me respeitavam e temiam minha presença. Menos essa fedelha petulante.

Sinto necessidade de fazê-la engolir as palavras e obrigá-la a se curvar a mim. Sei que se eu não agir, será quase impossível que tenha sexo nesse casamento, se esperar por ela não terá. Josephine ama outro cara e tem repulsa por mim, todavia não me cai bem a ideia de vê-la com outra

pessoa. Querendo ou não, é minha esposa e passa a ser meu o direito de desposá-la.

Por sorte Levi já previa isso e me ajudou a fazer um delicado plano que fará Josephine vir por conta própria para meus braços. Como já mencionei: não toco em ninguém, jogo com as pessoas — como peças de um tabuleiro — para conseguir o que quero. Vou apenas cercá-la e coagi-la até não suportar mais e se entregar. Uma vez tendo momentos íntimos comigo, ela abaixará a cabeça passivamente.

Depois de deixar o banho, visto uma cueca *boxer* e Levi me ajuda em uma rápida massagem na perna, passando um analgésico em spray. Sou avisado que Josephine chegou, visto apenas um roupão e vou para a sala.

Ela está de costas olhando janela afora. Admiro por segundos o seu corpo. Pequeno, mas curvilíneo. Seus cabelos estão soltos e vão até as costas. Ela usa um vestido preto de alta costura, com a gola redonda bem fechada ao redor do pescoço e maga três-quartos.

Vou até o bar e pego duas taças.

— Cabernet ou Malbec?

Ela se vira e me olha. Bem séria, de braços cruzados. Se desestabiliza rapidamente ao me ver só de roupão — ainda por cima aberto, mostrando minha cueca —, e seus olhos fazem uma rápida viagem do meu rosto até meus pés descalços.

— Por que me chamou aqui?

— Eu te fiz uma pergunta primeiro — digo levantando a taça, lembrando-a do vinho.

— Não bebo.

— Cabernet é melhor. — Sirvo em duas taças e caminho até ela estendendo uma em sua direção. — Sente-se, temos que conversar.

Josephine recebe a taça e senta-se elegantemente no sofá, de pernas cruzadas e ereta.

Me sento na poltrona. Uma parte do roupão escorrega e os olhos dela pousam na minha perna doente. Cubro novamente com o roupão e fixo em seus olhos.

— Josephine, somos adultos e não vamos continuar nos estranhando pelos cantos.

— Certo. — Ela olha para o vinho e de volta para mim.

— Vou ser sincero, se vamos ter que viver juntos pelas próximas semanas ou meses, precisamos de sinceridade acima de tudo.

— Acho justo. — Apesar de concordar, seus olhos mostram medo. Ela não está nada confortável. Tento não sorrir, mas meus lábios curvam levemente. Gosto tanto de ver esse tipo de olhar, me sinto ainda mais poderoso.

— Não sou um carrasco — tranquilizo-a. — Não partirei para punições antes de dar opções civilizadas. Quero te propor algumas coisas, ou melhor, tudo que acontecerá nesse casamento você escolherá.

Ouvir isso a deixa curiosa e interessada. Seus seios sobem e descem devagar pela respiração prolongada. Gostei de olhar para os seios dela; são médios e firmes, peitos de virgem, que nenhum outro tocou. Descubro que estou mesmo interessado em ter uma mulher tão jovem e pequena gemendo na cama comigo.

Nem me importo com minha ereção esticando a cueca.

— Bom, você é o tipo de mulher que não está nos parâmetros que eu costumo me relacionar — confesso e ela se arma toda para contra-atacar. Levanto minha mão para ela se acalmar e continuo: — Entretanto, me chamou atenção e estou mais que interessado em tentar criar um clima bom entre a gente.

— O que quer dizer com isso? — intrigada, enruga a testa.

— Eu não queria esse casamento, assim como você. Mas não custa tentar fazermos coisas legais enquanto estamos presos um ao outro.

— Como por exemplo...

— Sexo.

Ela gargalha secamente. A ironia até faz seus olhos brilharem e eu sorrio em ver isso. Jesus! De verdade, estou querendo comê-la. Sei que vai vir um insulto e já me preparo.

— Você é um ridículo. — Se levanta imediatamente. — Acha mesmo que vai poder me tocar em algum momento?

— Sente-se, Josephine, não terminei. — Mantenho a compostura.

— Escuta aqui. — Coloca a taça de vinho na mesinha e aponta um dedo para mim. — Eu tenho namorado e quero respeito, além do mais...

— Ok. Sente-se.

Ela senta, bastante ressabiada, e eu prossigo:

— Primeiro: você não tem namorado enquanto for casada comigo. Não tente me fazer de otário, não será bom para você. Segundo... — Me recosto na poltrona, abro as pernas propositalmente deixando o roupão aberto, mostrando meu corpo; ela tem uma visão privilegiada de minhas coxas e cueca volumosa. Sorrio eroticamente quando Josephine enrubesce — devia rever seus conceitos, foder comigo te faz viver menos...

— Como?

— Menos triste, menos frustrada, menos entediada.

As bochechas ficam ainda mais vermelhas e seus olhos se acendem perplexos. Ela não gostou da minha piadinha erótica.

— Você é muito...

— Eu amo as mulheres e apenas encontro atalhos para nos levar a uma deliciosa noite de prazer, sem as chateações. Sou prático.

— Se me chamou aqui para oferecer sexo fique sabendo que...

— Não exatamente — interrompo-a. — Sexo é apenas a consequência de nossa boa convivência. Quero te comer, isso é inegável, mas não vou forçá-la. Antes de tudo, quero manter boa relação, uma vez que não estou com saco para foder a vida de algumas pessoas, pois requer tempo e raciocínio. Mas vai acontecer se você me desobedecer.

Ela engole em seco e olha para a taça sobre a mesinha e eu imagino que queira beber um gole de vinho para tentar se acalmar. Não dou trégua, coloco mais lenha na fogueira:

— Josephine, quero te dar escolhas. Terá duas opções e você vai escolher uma e falar em alta e boa voz para que eu ouça o que escolheu.

Mostrando-se corajosa, assente concordando.

— Diga logo.

— Você vai ficar trancada nessa residência que foi feita para nós, não poderá sair em hipótese alguma. Eu tenho negócios a tratar na França e viajo esta manhã. Levi já arrumou alguém de estatura parecida com a sua apenas para sair do palácio comigo e todos vão achar que estamos em lua de mel. E terá uma lua de mel. Preparei uma boa festa na minha casa na ilha Noirmoutier e tenho mulheres me esperando. Farei sexo, e aproveitarei ao máximo. Por isso não poderá sair daqui, pois todos precisam pensar que está comigo em lua de mel.

Seu semblante empalidece instantaneamente. E ela murmura:

— Vai trair seus votos?

Apenas faço uma careta e dou de ombros deixando subentendido que não me importo.

— E eu não poderei nem sair daqui?

— Isso.

Mais revoltada ainda, eleva o tom de voz. Deixa para trás a postura temerosa e torna-se brava. Adoro essa versão dela. Brigar com gente que reage é bem melhor, mais satisfatório.

— Só te falta escrúpulos. Então terá uma lua de mel, mas será só para você, enquanto eu fico trancada aqui e você tem festas como se fosse solteiro? — Está quase gritando.

— Entendeu perfeitamente. — Rio.

— Eu posso ficar com minha mãe...

— Negativo. Os empregados falam demais. Ficará aqui.

— E se eu não quiser...

— Tem outra opção. Pode preparar as malas e viajar comigo. — Ela se retesa ao ouvir isso. — Terá uma festa maravilhosa lá na minha mansão esperando por nós dois. Você conhecerá lugares novos e desfrutará da melhor lua de mel que um dia pôde imaginar. E claro, será a única na minha cama. Visto que não ficarei sem sexo, portanto terá que me servir. Sou um homem difícil na queda, já adianto que terá que lutar bastante para dar conta de mim.

Meu flerte não surtiu efeito. Ao contrário, a deixou mais revoltada. Josephine fecha a expressão, mantendo o rosto erguido.

— E então, esposa, o que quer? Ter a oportunidade de ser minha amiga, ser minha companheira e fazer uma boa viagem ou...

Sem nem pensar duas vezes, ela fala:

— Prefiro ser trancada numa prisão a ter que dormir com você.

— Ok. Levi! — grito e ele aparece imediatamente na sala.

— Senhor.

— Quero que testemunhe a duquesa afirmando que não deseja ir com a gente para a França. — Encaro-a bem sério. — Josephine, poderia repetir o que decidiu?

— Não vou viajar com você. — A voz dela tremula, mas sai alta o suficiente.

— Muito bem. Fique à vontade na casa. Você receberá um celular novo assim que eu voltar, daqui há cinco dias. Por enquanto está proibida de fazer ligações para outros estados, uma prevenção

para que não fale com Bartolomeu. Poderá receber visitas aqui, desde que sejam agendadas antes com os guardas. Eles não serão autorizados a deixar qualquer um passar e nem você a sair.

— Terei que dormir aqui sozinha?

— Sua mãe poderá vir dormir aqui. Os guardas a conduzirão toda noite. Dúvidas?

— Não.

Me levanto e viro todo o vinho da minha taça na boca. Levi se apressa em pegar a taça e me entregar a bengala. Josephine também fica de pé.

— Você deseja dormir no quarto principal comigo, ou prefere o pequeno quarto de visitas? — Mantenho a voz macia, em um tom sedutor.

— Quero o quarto de visitas.

— Ótimo. Levi te levará ao quarto. Tenha uma boa noite. — Me viro escutando um suspiro profundo atrás de mim. De soslaio vejo-a sentar e abaixar o rosto contra as mãos.

Não poderão me acusar de nada, afinal tudo será escolhido por ela. Sorrio debochado, adorando jogar essas cartas.

16

LUA DE MEL



JOSEPHINE

O quarto onde fui colocada é bem humilde em comparação com o restante da casa. Uma cama de solteiro, um armário pequeno, janelas altas e cortinas marrons. A pintura das paredes é nova, entretanto nada tão encantador. É um cinza monótono.

Não dormi à noite, nem um pouco. Só pensando e tentando raciocinar. Já percebi que o duque é mais esperto que um agente secreto especializado. E por isso não posso ficar para trás.

Quando a manhã estava chegando e Phelipo saía de seu quarto já arrumado e muito bem vestido, com um sobretudo negro cobrindo seu terno de três peças, pronto para a viagem, se deteve em me ver na sala. Fico de pé e o encaro.

— Vou com você — digo.

A surpresa fica por pouco tempo em seu bem esculpido rosto. Ele sorri e vem até mim.

— Então, mudou de ideia?

— É o que parece. — Dou de ombros.

Eu pensei bastante. O que as meninas fariam no meu lugar? O que as mocinhas dos romances que leio fariam no meu lugar? Ficar trancada por cinco dias não era a opção de nenhuma. Não progredirei se ficar aqui; já se for com ele, terei um vislumbre um pouco maior da vida de Phelipo, do que ele faz enquanto está fora de Turan. Não necessariamente dormirei com ele, isso não falarei por enquanto, entretanto, estar por perto me parece melhor do que esperar alguma mágica a meu favor. O que nunca vai acontecer.

Escolhi um vestido adequado, novinho, dos que Zoe trouxe para eu escolher. É na cor vinho, tem mangas três-quartos de renda e uma bonita gola princesa. Vesti por cima um sobretudo bege de caxemira e ajeitei meus cabelos em uma trança de lado.

— Levi, temos uma visitante a bordo.

— Ficarei feliz em servi-la, vossa alteza. — Levi diz para mim e parece de verdade feliz com minha presença na viagem.

Ele chega a ser mais alto que Phelipo, negro e bem atlético, diria que está na casa dos quarenta. É um lacaio muito fiel, criado para essa função. Minha mãe contou que os pais de Levi trabalham aqui no palácio para o rei e que o filho foi designado para servir ao príncipe herdeiro desde que Dom faleceu. E isso já faz quatro anos.

Antes de partir, me despedi da minha mãe — que ficou muito feliz de me ver viajar com o duque — e em seguida embarcamos no jatinho real. Antes, posei ao lado de Phelipo para uma foto oficial.

Eu nunca tinha entrado em um jatinho. Fiquei chocada pelo luxo que vi à minha frente. É todo adornado em cores sóbrias, marrom e bege. Tem um sofá grande com uma mesinha à frente, almofadas café enfeitando e poltronas evidentemente confortáveis, de frente uma para outra. Tudo como uma pequena sala de estar. Sentei em frente a Phelipo. Uma mulher me cumprimentou dizendo ser comissária de bordo. Pegou minha bolsa de mão e me ajudou com o cinto.

Fecho os olhos e respiro fundo quando o avião se põe em movimento e alça voo. Quando abro os olhos, já estamos subindo. À minha frente, Phelipo sorri malicioso.

— Tem medo de voos?

— Apreensão apenas.

— Devo adiantar que teremos mais ou menos um dia de voo.

— Um dia?

— Mais ou menos.

Caramba. Olho pela janelinha. Estamos alcançando mais altura a cada segundo, não tem mais volta, eu decidi vir, espero que valha a pena. Queria falar com Bart, sinto tanta falta dele, me dói não estar ao seu lado quando ele mais precisa de mim. Deve estar sofrendo tanto sozinho em Andrômeda.

— Vai beber alguma coisa, alteza? — A comissária chega ao meu lado e eu levanto os olhos para encará-la.

Eu não tinha comido nada desde a noite anterior, estou faminta. Olho para Phelipo que parece muito interessado em me observar. O homem é estranho demais: uma hora sorri, em seguida fecha a cara. Seu semblante não é nada bom, parece que há exasperação em seu olhar. O maxilar anguloso está enrijecido e seus olhos brilham. Já devo ter comentado como ele fica mais bonito quando está sério.

Ele está tramando algo contra mim, isso é evidente. O que estou fazendo nesse avião? Meu Deus, sou louca. Devia tomar distância desse homem.

— Alteza? — A mulher volta a me chamar.

— Ah... vocês têm café?

— Claro. Acompanhamentos?

— Traga um café completo para ela. — Phelipo se intromete. — Para mim apenas o café puro.

— Pois não. Com licença. — Ela se retira e ficamos em silêncio nos encarando. Mudo o olhar, analiso em volta, aliso meu vestido, mas não tem jeito, volto a encarar o duque na minha frente.

— Por que decidiu vir? — Semicerra os olhos, intrigado.

— Acho melhor do que ficar trancada. Ah... eu... — ajeito meu relógio de pulso — então, eu gostaria de deixar claro que eu estou indo, mas não irei dormir com você.

— Muito precoce falar em dormir juntos, quando nem chegamos ainda. Tem medo de gostar?

— Gostar?

— Todas gostam muito de passar a noite comigo e sempre querem repetir. Tem medo de deixar eu te comer e se apaixonar pelo cara que teoricamente você abomina?

Por causa das palavras chulas dele, olho ávida em busca de Levi, com medo dele ter ouvido essa baixaria; vejo que está do outro lado, lendo e com fone nos ouvidos. Sinto minhas bochechas arderem e tenho vontade de respirar fundo, mas não faço. Phelipo ri divertindo com minha expressão.

— Não é por medo, alteza. É respeito mesmo, pelo meu namorado.

— Então, se não tivesse ele no caminho...

Decidi parecer moderna e forte. Encaro-o torcendo para não enrubescer e nem tremular a voz.

— Se não fosse ele, nada me impediria.

— Hum. É bom ouvir isso. Namoram há muito tempo?

— Creio que o senhor já deva saber. Não deve ter se casado comigo sem antes ter pesquisado.

— Você me surpreende a cada minuto. Parece me conhecer mais que muitas que se iludem. Entretanto, se vamos ficar tanto tempo nesse avião, fingiremos que eu não sei. Me responda.

Exalo profundamente me sentindo pressionada.

— Sim. Namoramos desde a adolescência.

— Mas ficaram afastados muito tempo. — Ele emenda, mostrando que sabe mesmo tudo sobre mim.

— Sim. Eu fiquei quatro anos em um colégio interno, e Bartolomeu estava em Del Rey.

— Fiquei sabendo. O que foi fazer em um colégio interno? — A testa dele enrugou e a ironia banhou sua face. — Era de freiras, não é?

— Sim. Era. Eu estava estudando.

Uma sonora gargalhada vinda dele enche o ambiente. Fecho a cara e tenho vontade de bater na boca grande com o cabo da própria bengala.

— Por que está rindo?

— Não poderia ser mais cômico. Eu, o barão da foda, estou preso a uma aprendiz de freira. Meus amigos vão rolar de rir.

— Por que precisa ser tão escroto? Será que não pode ao menos fingir?

— Não mesmo. Você é muito caricata. Agora vejo por que meu pai teve essa ideia mirabolante. Você foi ensinada a ser uma boa esposa, submissa e prestativa.

Apesar de não aceitar esse termo, não digo nada porque nós dois sabemos que é verdade. Meu pai só me colocou naquele colégio interno porque queria uma filha idônea, pudica, um exemplo para a sociedade. Uma mulher que não teria voz, apenas concordaria com tudo agradando a todos. E Phelipo sabe disso.

Ele para de sorrir e após refletir sem deixar de me fitar, fala mansamente:

— Josephine, eu pesquisei sobre você, mas você não sabe muito sobre mim. Então quero te esclarecer algumas coisas.

Balanço a cabeça positivamente. Tive um rápido vislumbre de sinceridade nele, isso me satisfez.

— Eu sou um homem que gosta de viver com grandiosidade, costumo dar festas íntimas em minha residência, e quando digo íntima, é bem nesse sentido mesmo. Orgias, para ser mais exato. Nada do que você fizer vai me surpreender, já vi tanta coisa que me fez ficar imune ao longo dos anos.

— A vida é sua, não quero me envolver.

— Você faz parte de minha vida agora. Eu estou de trégua com você nesse momento, mas não pense que só por que estudou com freiras ou que é uma virgem, ou novinha demais, eu vou pegar leve. Não vou mudar meu modo de agir, a menos que você faça as escolhas certas.

Sinto minhas mãos pingando de suor. Descubro, contra minha vontade, que Phelipo mexe muito comigo e não é só ódio ou desprezo. É algo inexplicável. A presença forte dele faz meu coração bater acelerado e toda vez que ele sorri com chacota, meu sangue ferve. E não é de raiva.

O café chega e eu agradeço por ter algo para me distrair. Eu não devia ter vindo. Serão longos cinco dias no território dele, sem que eu tenha um aliado do meu lado.

***

Chegamos na manhã do dia seguinte. E não poupei elogios ao lugar, pois é mesmo lindo. Enquanto passávamos de carro pelas ruas, Phelipo me contou sobre o local.

A ilha de Noirmoutier é um dos lugares que mais o encanta no mundo por vários motivos, segundo ele. Mas não mencionou quais motivos. O lugar tem um clima suavemente frio e é conhecido por Ilha das Mimosas, consequência do florescimento das acácias no inverno.

A mansão fica em um penhasco, afastada de todo o resto. De lá descortina-se uma vista espetacular do mar e das ondas quebrando contra as pedras. É uma construção moderna, toda rodeada de vidro, como se fosse um observatório para ver toda a beleza da ilha.

O carro que nos leva sobe pela estrada cheia de curvas e quando para em frente à imponente fachada, não me detenho e olho pela janela, encantada, como sei que muitas ficam ao chegar aqui.

Levi me ajuda a descer do carro, ajeito minha roupa e sigo os dois para a escadaria da frente; e nem precisa bater na porta para ela se abrir. Uma mulher jovem, muito elegante, com cabelos curtos de tom vermelho escuro sai e dá um pulinho sobre os saltos altíssimos.

Coloco a mão no peito, totalmente pasma quando ela se joga nos braços de Phelipo e o beija apaixonadamente. Meu estômago revira com repulsa.

Levi pigarreia e então ela se solta e olha para a gente. A boca toda borrada de batom, assim como a dele.

— Ah. — Ela murmura. — Você deve ser a esposa. Sou a amante. — Ri tentando ser cômica, mas só faz pesar o clima.

— Josephine, essa é a Jasmim. — Phelipo apresenta, limpando a boca com um lenço.

— Além de perfumista exclusiva, sou uma das fixas do Phelipo. — Ela cisma em se intitular como se fosse um prêmio ser fixa dele. Alguém poderia dizer a ela o tamanho da vergonha que está

passando.

— Jasmim... por favor. — Ele alerta.

— Tudo bem, querido. — Olha para mim de cima a baixo e confidencia: — Eu sei que o casamento é de conveniência, Phelipo me contou. Já preparei o quarto para você, separado, é claro.

Olho para ele totalmente indignada. Quer dizer que eu não posso nem ligar para meu namorado, mas ele pode ter a casa cheia de amantes? Isso não pode ficar assim. Esse homem tem que levar na cara.

— Essa casa é sua? — pergunto a ele.

— Sim. — Phelipo me olha intrigado.

Sopro o ar do pulmão, acho que criando coragem, e olho para a tal amante fixa.

— Eu quero que você saia da casa, por favor. — Tento não parecer mal-educada. Quero apenas ferir ele. Phelipo me olha incrédulo e os olhos da Cabelinho-liso-vermelho saltam perplexos.

— Como é que é?

— Escuta, ele te contou errado. Só porque ele e eu não temos intimidade, não quer dizer que o casamento é uma farsa. Eu recebi um título e será oficial em breve, portanto sou a duquesa e tão dona dessa casa como ele. Por isso te peço, saia e vá se encontrar com o duque em outro lugar.

O queixo dela está no chão. Olha para Phelipo e sou alvejada pelo olhar cáustico, seus olhos azuis cravados em mim, sem piscar; estão até brilhando. Apesar de sério, de ter sido pego desprevenido, ele está adorando, vendo isso como um desafio.

— Phelipo! — Ela grita, querendo que ele tome uma atitude.

— Infelizmente ela tem razão, Jasmim — suspira resignado. — Josephine é também duquesa.

— Mas em Turan, não aqui.

— Aqui ela é minha esposa e as leis desse país dão a ela direito a meus bens, enquanto estivermos juntos. Vai embora, depois te ligo.

Sorrio para a amante. Passo por ele, dou um tapinha em sua bochecha e digo:

— Obrigada por ter escolhido a melhor opção. Levi, minha bagagem. Eu mesma escolherei meu quarto.

Entro na casa deixando todos pra trás.

Meu Deus. Eu não sou esse tipo de mulher que joga indireta e tenta ser melhor que as pessoas. Mas estou descobrindo na própria pele que no mundo de Phelipo, eu preciso jogar ou sairei esmagada como uma formiga.

17

CHANTAGEM REAL



PHELIPO

Josephine está no meio da sala, olhando em volta. Admirada com a beleza do lugar. E eu admirando-a. Seus olhos param no lustre e depois seguem passando pelo sofá vermelho sangue, réplica dos anos 70, e para o tapete persa. Eu não espero ela olhar tudo, seguro-a fazendo se virar e olhar para mim.

Pega de surpresa, arregala os olhos e engole seco. Nossos rostos bem próximos.

— Não pense que poderá dar as cartas.

— Mas posso jogar seu jogo — retruca no ato.

— Você não aguentaria jogar o meu jogo.

— Será que não? — Dá um sorriso irônico.

— Não.

— Pois tente.

— Apesar de ter gostado de sua coragem, não torne a me envergonhar na frente de outras pessoas. Será pior para você. — Solto-a e me afasto. — Venha, vou te mostrar onde irá dormir.

Essa casa eu mesmo construí. Me lembro de ter sentado com o arquiteto e desenhado uma verdadeira residência de um príncipe. Quando os portões se abrem, um jardim plano, ladeado das mais belas e diversificadas flores, recebe os visitantes. São muitos metros de grama verde, árvores em formato redondo, arbustos altos podados em formatos quadrados em volta de um caminho de pedra até chegar a uma escadaria branca com dez degraus. E, lá em cima, está construída a casa.

— Aquele é meu quarto. — Aponto para uma porta no fim do corredor. — Pode dormir lá comigo, ou pode ficar nesse. — Abro a porta e Josephine entra atrás de mim. Esse é menor, mas também é uma suíte. Tem tons claros de amarelo e branco nas paredes. A cama é grande, mas não tão grande como a minha. Tem poltronas de metal e vidro, armário branco indo do chão ao teto e uma parede toda de vidro atrás da cama.

— Aqui está ótimo. — Ela diz e se vira para mim.

— Hoje à noite tem festa aqui, para me receber. Sugiro que desça bem antes para receber os convidados comigo. — Caminho para a porta e antes de sair, digo: — Vou mandar trazer um vestido para a festa.

Não vi mais Josephine. E eu queria ficar sozinho, tomei uma ducha e dormi até às três da tarde. Depois, Levi trouxe uma massagista que sempre me atende. Ela tem mãos pequenas e sabe fazer pressão nas áreas certas. Eu estava precisando, louco por um relaxamento desse.

Assim que acabou, eu levantei da mesa de massagem que ela sempre traz consigo. Nu, andei pelo quarto e alcancei uma das toalhas brancas.

A jovem fica no meio do quarto e, em francês, pergunta:

— Deseja que eu lhe sirva, alteza?

— Talvez, se deixasse de me chamar assim. Aqui eu não sou a porra de uma alteza. — Enrolo a toalha na cintura e encaro-a. — Saia do quarto.

— Sim senhor. Peço que me perdoe.

— Vá e peça alguém para vir recolher essa tralha.

— Com licença.

É até bonitinha. Seria uma foda mediana, mas no momento minha mente não está trabalhando junto com meu pau.

Vou para o chuveiro e penso em Josephine e na sua repulsa em relação a mim. Não deveria ferir meu ego dessa maneira. Entretanto é involuntário que eu me sinta estranho. Nunca tive que lidar com rejeição por parte das mulheres. Por causa da minha herança real, da minha beleza e riqueza, nunca precisei implorar atenção de mulher alguma. E nem fodendo Josephine alimenta meu ego.

Penso que isso mudará. O plano que eu tracei a levará a toda a verdade e com certeza poderei passar de fase. Poderei dar a ela um vislumbre do fogo que há em mim.

É só um jogo de conquista. Quero fazer com que ela se vicie em mim, apenas por mero despeito. É como se alguém não acreditasse que um acrobata pudesse dar piruetas perigosas em uma corda bamba e o acrobata fará o possível para dar as piruetas apenas para mostrar seu dom.

Eu sou assim. Ela desprezou meu poder, e terei que mostrar a ela para que eu me sinta melhor.

Já vestido, recebo Levi no meu quarto trazendo uma caixa grande bem embrulhada. Ele deixa sobre a cama e espera que eu diga algo.

— Tem tudo que eu pedi aqui dentro?

— Sim senhor. A duquesa está no banho e eu já retirei as roupas dela do quarto.

— Ótimo. Vamos lá.

Eu o sigo até o quarto em que Josephine está. É o momento de dar a ela escolhas. Já que ela decidiu vir comigo e está disposta a participar do meu jogo, darei as cartas de hoje. Talvez não faça progresso, entretanto sei que algumas mulheres, se pressionadas, amolecem mais rápido.

Peço Levi para me esperar do lado de fora, me deito na cama, recostado nos travesseiros e espero. Reflito sobre estar tendo bastante paciência com isso tudo. Na verdade, é uma diversão para mim. Imagino o que acontecerá quando ela descobrir tudo que rodeia sua lastimável vida, queria estar perto para ver o circo pegar fogo. Mas me controlo e espero o meu momento, que acontecerá em breve.

A porta do banheiro abre e Josephine sai tranquila, com o rosto corado, uma toalha em volta do corpo e uma enrolada na cabeça.

Assim que me vê na cama, dá um grito e bate as costas na parede, ficando pálida no mesmo instante.

— Olá — cantarolo.

— O que está fazendo aqui?

Meneio o pescoço, admirando-a.

— Vim conversar.

Sua incredulidade é quase cômica.

— Agora?

— Sim.

Ela se refaz do susto, a cor começa a voltar no seu rosto e acaba assentindo.

— Ok. Só preciso me trocar. Será que pode...

— Não vou sair. — Me sento na cama e empurro a caixa para ela. — Disse que consegue participar de meus sórdidos joguinhos. Está na hora de jogar.

— Jogar? Está louco, Phelipo? Será que pode esperar eu me trocar...

— Não posso. Cale a boca e escute perfeitamente o que direi. — Ela se encolhe no canto com as duas mãos em frente aos seios. Fico de pé. Isso a faz reagir, estremecendo temerosa. Olha para a porta do banheiro como se preparasse uma rota de fuga.

— Vou te dar duas opções, e espero que pense bem antes de escolher.

Ela se limita a balançar o pescoço afirmativamente, sem desgrudar os olhos dos meus.

— Levi levou suas coisas para meu quarto...

— O quê? — O grito ecoa pelo quarto. Ela corre olhando ao redor. Quando percebe que está sem a bagagem, o pânico em seus olhos chega a ser belo. Alimenta meu ego mais ainda.

Gira nos calcanhares de volta para mim.

— Por que fez isso?

— Escute, Josephine, espere eu falar, aproveite que estou tranquilo, paciente.

— O que fez com minhas roupas? — Eu posso estar tranquilo, mas ela perdeu a cabeça visivelmente. A fúria em seus olhos pode ser capaz de queimar qualquer um; felizmente, sou imune.

— As escolhas: fica comigo no meu quarto e me serve como eu tinha oferecido antes, e seremos só nós dois durante todo esse tempo. Desceremos juntos na festa, você terá um vestido maravilhoso e seremos companheiros e amantes quando a festa acabar. Vou cuidar da sua virgindade e te fazer mulher hoje mesmo.

Os nós dos dedos dela estão esbranquiçados com a força do punho fechado. Os lábios afinados numa linha de ódio e seus belos olhos me fuzilando em chamas.

— Não. Vou. Dormir. Com. Você.

— Calma. A outra opção será: descerá sozinha e escoltada para a festa, continuará nesse quarto sem poder sair a não ser com minha autorização e a única coisa que terá para vestir é a toalha que te enrola e isso aqui. — Empurro a caixa para ela. Josephine olha e não vou negar que me deliciei com seus olhos castanhos se arregalando. Ela não discute, a curiosidade bate mais forte. Caminha desconfiada até a cama, empurra a tampa da caixa e olha dentro. Se afasta e me olha atônita.

— O que é isso?

— O que vai ter que vestir na festa de hoje. Devo adiantar que as pessoas presentes esperam se surpreender com você.

Eu sei que estou tocando em uma ferida delicada. Mulheres tem obsessão por roupas e por estarem bem arrumadas em festas. Moda é um dos pontos fracos da mulher. Foi o que encontrei para tentar abalar.

Ela toma coragem e tira de dentro da caixa um vestido. Josephine o deixa cair na cama quando vê do que se trata.

— Eu não vou vestir isso! — berra enlouquecida. — Está querendo o quê? Me humilhar?

— Você que vai escolher se humilhar ou não. Tem um vestido digno de rainha esperando por você lá no meu quarto, entretanto, se não aceitar meus termos, tem que se contentar com esse.

Ela respira longamente, o sorriso que aparece nos lábios é de raiva. A língua passa no lábio inferior e então vem até mim e rosna na minha cara:

— Fique com essa merda de festa para você. Eu não desço. Fim.

— Não? — Rio, pego meu celular e digito um número. Assim que a pessoa atende, coloco no viva-voz e pergunto: — Gostaria de saber se a vaga na ilha de Icarius, para a senhora Aretha, ainda está de pé?

— Claro que sim, Alteza. Apenas esperando o senhor ordenar. Ela será conduzida coercitivamente e terá que prestar trabalhos ao rei pelo período de doze meses. É o que está no contrato que ela assinou, se colocando à disposição de qualquer membro da família real.

Rio para Josephine, apática e com as feições retorcidas como se estivesse acabado de ganhar um soco no estômago. E foi mesmo um soco na bravura dela.

— Ótimo. Por enquanto deixe como está. Vou me decidir.

— Sim senhor.

Assim que eu desligo, ela vem como uma louca para cima de mim tentando inutilmente me acertar com um único golpe.

— Desgraçado! Vou acabar com você!

— Quieta! — Seguro nos braços dela, parando-a. Curvo-me para cima de seu rosto. — Fique comigo, nos meus termos, desça ao meu lado como a duquesa que é, e à noite seja minha mulher, me satisfazendo, ou fique aqui apenas com esse vestido nem um pouco apropriado e seja obrigada a descer. Nem que seja pelada. Se não quiser ver sua mãe indo para longe de você por um ano.

Solto-a, ela tropeça para trás e cai sentada na cama me encarando chorosa e derrotada. Sem fala, completamente entre a cruz e a espada.

— Você disse que conseguiria jogar. Agora aguente. — Vou até o espelho do quarto, arrumo minha camisa e me viro para ela, tendo certeza que meu sorriso é o mais satânico possível. Puro deboche. — Não precisa se decidir agora. Mais tarde Levi virá saber a sua decisão. — Caminho para a porta, Josephine se põe de pé, limpa uma lágrima e eu sorrio ao ver garra em seu olhar. Ela aceitou o desafio. Sua expressão puta de ódio me faz pensar que já está maquinando uma saída. Espero para ver se vai mesmo conseguir.

Me sentindo mais leve e com sensação de vitória, vou para meu escritório. Preciso resolver

algumas coisas das fábricas automotivas. Não estou sendo maldoso, estou dando opções a ela. Josephine terá o céu se souber fazer a escolha certa.

No meu escritório, peço a um funcionário que me sirva um uísque, Luck deita aos meus pés e eu recosto na cadeira, fechando os olhos, pensando em tudo que está acontecendo.

Josephine é uma pessoa boa que está lutando pelo que acha certo. Ela pensa que ficar com Bartolomeu é a melhor coisa que lhe vai acontecer, e isso é uma mentira. Não a julgo quanto a isso, só quem ama sabe como é difícil estar longe ou perder o amor da vida.

A voz de Mariah me amaldiçoando me vem à mente. Não foram suas últimas palavras. Antes do socorro chegar, eu consegui sair do carro e rastejar até ela, mesmo com minha perna dilacerada.

Ela estava consciente e vi o medo de morrer nos olhos cheios de lágrimas. Chorei também, pedindo perdão. Mas ela me parou e a fez escutar. Me pediu algo, quase sem fôlego.

Lutarei até o último minuto para cumprir a promessa que fiz a Mariah naquela noite chuvosa que quase acabou com tudo que eu tinha, mas me deu a chance de recomeçar e de fazer a coisa certa.

Pego o telefone na mesa do escritório, digito um número e quando a pessoa atende, me identifico.

A voz de mulher soa animada:

— Alteza. Sua ligação estava sendo aguardada.

— Não pude ligar ontem, pois estava viajando. Transfira, por favor.

Espero um minuto, a ligação é transferida e quando a voz suave e alegre atende, eu sorrio sentindo meus olhos se banharem de lágrimas.

— Oi meu amor, também estou morrendo de saudades.

18

BONEQUINHA DE LUXO



JOSEPHINE

O quarto que foi separado para mim era perfeito. E não poderia ser diferente, até porque a casa toda era justamente o que eu esperava. Quando enfim eu estava sozinha, me deu até vontade de subir na grande e alta cama e pular por causa do meu breve surto de felicidade. Todavia, minha criação refinada me impedia de agir tão bestamente.

Decidi apenas conhecer o ambiente. E o que mais me impressionou foi a estonteante vista privilegiada da sacada. Uma bela paisagem é sem dúvida a melhor coisa em um cômodo. E é o que sempre procuro. A daqui não deixou a desejar. Eu tinha uma visão ampla do mar e devia ser absurdamente perfeito pela manhã.

Corri para o banheiro e suspirei ao ver a beleza do lugar. Todo construído em mármore claro com adornos dourados. Na banheira cabem perfeitamente quatro pessoas e o espelho toma toda a parede. Entretanto, isso tudo foi desprezado aos meus olhos quando minha atenção se voltou para um telefone dourado na bancada.

Sim. Um grande bônus do destino para mim.

Nem pensei duas vezes, fui até ele, peguei e estava funcionando. Eu não estava tão solitária, portanto.

Eu só não esperava que minha felicidade de estar em um quarto confortável e de poder ligar para Bart fosse tragada com a presença odiosa de Phelipo e seus joguinhos de escolhas. Por que eu não bati nele quando tive chance? A ira me consome viva. Como um fogo doloroso torrando a carne de fora para dentro.

Agora, ele acabou de sair do quarto me deixando estática, acompanhada de um vestido mais apropriado para uma boate de quinta categoria. Eu serei eternamente a piada da noite. E ele nem liga de possivelmente também passar vergonha. Ele estará lindo em seu smoking e deve querer assistir de camarote a minha queda.

Eu estava quase desfalecendo sem saber o que pensar ou o que decidir. Tinha que escolher algo, uma das duas opções ridículas daquele desgraçado. E não tinha a opção: pular da sacada e fugir nadando.

Todos sabem que duas cabeças pensando é melhor que uma.

Ainda de toalha, sem um pensamento lógico na mente, corro ao banheiro, pego o telefone e aperto repetidas vezes em uma das poucas teclas que tem. De dedos cruzados, torço para que tenha alguém do outro lado.

— Serviços gerais, em que posso ajudar? — Uma mulher atende e meu peito desce com o ar soprado.

Ufa! Respira. Tente parecer descontraída. Eu sabia exatamente o que queria, mas devia ter as melhores palavras para convencer.

— Ah... aqui é Josephine, a duquesa.

— Senhora. Ficaremos honrados em servi-la.

Essa merda de título tinha mesmo que me servir para alguma coisa.

Deixo a base do telefone na bancada do banheiro e caminho, nervosamente, para o quarto.

— Esse telefone faz ligações?

— Sim, senhora. Posso fazer a ligação e transferir, deseja falar com alguém?

Não. Eu só estou perguntando para uma tese cientifica.

— Sim... sim. Em Turan. Ah... na família Di Cavalcanti. — Começo a gaguejar, engulo a saliva e, respirando pela boca, tento me controlar. — Allegra Di Cavalcanti. O pai dela é Navarro Di Cavalcanti.

— Alteza, devo adiantar que em uma ligação internacional, precisa aprovar...

— Ah! Que se dane, minha filha. Faça logo essa ligação.

— Sim senhora. Um momento que estou rastreando a pessoa.

Fecho a porta com a chave sem deixar de notar que minha mão treme de nervoso. Minha maior preocupação é ser pega no flagra. E minha intuição até me faz olhar para as paredes em busca de uma câmera.

Sei que é quase madrugada em Turan e a apreensão me toma, com medo de ninguém me atender. Porém, assim que a ligação é completada e Allegra atende, sua voz sonolenta quase me emociona. É como ter uma porta quebrada do Titanic para se agarrar. Um fôlego de vida.

— Fala.

— Allegra, sou eu, Josephine. — Minha voz é quase estridente. — Precisa me ajudar.

— Jojo? Onde você está? — Desperta no mesmo instante. — Tentei falar com você desde antes de ontem, mas seu celular só dá caixa de mensagens.

Caminho pelo quarto, olhando meus pés. Caramba. Estou completamente nua enrolada numa toalha. Phelipo me paga.

— O diabo acabou com meu celular e está tentando me foder. Estou na ilha de Noir-não-sei-lá-o-que com ele.

— Calma, Josephine. Respira. Fale compassadamente. Eu não estou entendendo nada. Você está mesmo em lua de mel? Achei que fosse fofoca da mídia. Saiba que você saiu em capas de revistas e jornais.

— Sim! — lamento. — Eu caí na lábia daquele desgraçado, estou na França.

— França? Uau! Então quanto ao diabo, você está se referindo a Phelipo?

— Óbvio.

— E quando você diz "tentando me foder", é em qual sentido? Só para eu entender mesmo.

Me sento na cama, sinto meu corpo quente e acho que é por causa do sangue acelerado, todavia meus batimentos começam a acalmar, eu desenrolo a toalha dos cabelos e respiro em três tempos.

— Nos dois sentidos — sussurro.

— Caramba! — Allegra berra do outro lado completamente fora de si. Pronto. Ela está sabendo que Phelipo quer ter relações sexuais comigo. Eu devia chorar nesse instante, por não fazer ideia de que passo dar nesse jogo.

Abro minha boca e conto para ela toda a maldita saga até chegar aqui. As chantagens, os joguinhos de escolhas, a casa bonita dele e até a amante perfumista.

Ela se compadece só afirmando cada vez mais que foi a escolha certa para eu recorrer.

— Ah, Jojo. Sinto muito. Eu sei que muitas estariam morrendo para estar em seu lugar, mas se ama o Bart não tem jeito de sentir algo pelo Phelipo, ele tem que entender isso.

Toco em minha bochecha e tem uma lágrima escorrendo. Nem percebi. O mais incrível — e que não irei contar para Allegra — é que, em alguns momentos, minha raiva de Phelipo desaparece e olhar para ele se torna algo bom de fazer. O que deveria ser errado. Ele é um homem muito bonito e seus olhos brilham sempre, parecendo duas safiras que seduzem o tempo todo.

No avião, enquanto ele falava sobre seus negócios, ou quando dormia na poltrona, ou conversava com Levi e ria exibindo um dos mais belos sorrisos, eu me deixei mergulhar na simplicidade que o envolvia. Era quase como o príncipe que toda garota sonha. Ele estava de guarda baixa, me deixando ver um ser humano por trás dessa grotesca casca de sarcasmo e maldade.

Quando ele está tranquilo, a voz se torna melodiosa. Grave e gostosa de ouvir. Phelipo fala sem pressa, em um timbre acabei-de-acordar-e-estou-com-preguiça. Arrepiei duas vezes quando ele falou meu nome. Mas então, o duque demoníaco aparece cobrindo essa delicadeza que eu consigo perceber nele. E aí o ódio renasce em mim.

O pior de tudo é que quando você começa a perceber sutis detalhes em alguém, isso não é um bom sinal. Só mostra a necessidade se apossando cada vez mais e te obrigando a querer saber mais e mais daquela pessoa.

— Josey! — Allegra me arranca de minhas reflexões. Eu fico de pé e conto a ela sobre o vestido. Meu tom dramático dá mais veracidade aos fatos.

— Certo. Vamos pensar. Não surte. — Eu sabia que ela devia estar surtada, mas me pedia para acalmar.

— Que se dane. Vou descer com esse vestido. Chutar o pau da barraca.

— Sem rebeldia, Josephine. Espere um pouco, estou pensando. — Ouço ela mexer em algumas coisas e em seguida começar a digitar. Deve estar pesquisando alguma coisa na internet. — Caramba, não acredito que o miserável fez isso. Faça tudo, mas não tome as roupas de uma mulher.

— Minha fúria está em carne viva, Alle. Quero matar o desgraçado.

— Também quero. Mas tudo em seu tempo. Pense no Bart, lute para resistir a tudo e poder encontrar seu namorado.

Ela toca em um ponto delicado, me fazendo balançar a cabeça afirmando.

— Ele que me dá forças para continuar. Sem o Bart eu simplesmente desistiria de brigar com Phelipo.

— Jojo, tenha foco. Me fale o que tem na maldita caixa.

Vou até a cama. Olhar a caixa faz minha raiva voltar. Tiro um par de sapatos de dentro.

— Sapatos pretos muito altos, plataforma. De muito mau gosto.

— Okay.

Pego o vestido e jogo com brutalidade na cama.

— Um vestido preto de alcinha com decote e muito curto. Estilo tubinho.

— Caramba.

Allegra sabe muito bem o que um vestido desse significa. Mordo meu lábio inferior diante do pensamento de vestir algo assim.

— O desgraçado quer me diminuir. Sabe que eu jamais usaria isso e sendo da realeza as pessoas irão rir, como se eu não soubesse me vestir, como se eu fosse a mais baixa da plebe.

— Isso é muito ruim. As pessoas vão pensar que Phelipo se casou com uma mulher da vida. — concorda me deixando mais aturdida ainda. Ela poderia ter ao menos discordado só para me acalmar. — Me conte mais.

— Colar exagerado de pérolas falsas grandes e brincos de argola.

— Cruzes. Ele exagerou agora. Só isso?

— E luvas pretas. Até parece que ele quer me transformar numa acompanhante de luxo, como a personagem do filme Breakfast at Tiffany's (Bonequinha de Luxo, em tradução BR).

— Ah, ótimo. — Ela vibra e eu nem sei por quê. Luvas com vestido curto só vão me dar o atestado de óbito mais rápido, Allegra não tem mesmo o que comemorar. — Jojo, vamos mostrar a esse merda que ele está mexendo com leitoras assíduas e fiéis fãs de séries e filmes. Se ele quer uma "Bonequinha de Luxo", ele vai ter uma.

Puta merda! Me transformar naquilo que mais abomino?

— Em que está pensando?

— Uma pergunta crucial antes do próximo passo: seu nécessaire está com você?

Olho em volta e vejo em cima de um móvel que se parece um aparador.

— Sim, está aqui.

— Okay. — Ela respira pausadamente, mostrando suspense — diga que você tem seu kit de costura de emergência.

Quase adivinhando o que ela está tramando, corro até minha bolsa de mão e pego a caixinha de emergência, que tem alguns botões, um tubo de linha e agulha.

— Está aqui. — Lógico que estaria, sou uma mulher precavida, jamais iria viajar e não levar um kit desses. Para caso um botão escapar ou uma costura abrir e não ter alguém para me ajudar.

— Ótimo. Agora, corra nesse quarto e procure algo grande e preto. Rápido. Deve ter roupões ou robe masculino.

— Okay. — Deixo o telefone na cama e corro até o armário. Não tem nada. O espaço está vazio onde deveriam estar minhas roupas. Vou abrindo as portas desesperadamente e, na derradeira,

vejo muitas coisas na parte de cima. Inalcançável.

Puxo uma poltrona, subo e jogo tudo para trás. Toalhas, robe florido, entretanto não há lençóis. Numa casa assim, tem lavanderia e a camareira deve vir todo dia trocar as roupas de cama. Tenho um lampejo de ideia. Corro ao telefone, peço para Allegra esperar, vou até a base na bancada do banheiro e aperto o botão para chamar a mulher dos serviços gerais.

— Alteza, em que posso ajudá-la?

Tenho outra ideia bem melhor.

— Ah... você poderia mandar roupas para mim? Um vestido...

— Infelizmente todos os funcionários receberam ordens para não mandar roupas para a senhora. Quer que eu ligue para o duque?

— Não! — berro. — Não precisa incomodá-lo.

— Tudo bem. Mais alguma coisa?

— Preciso de um lençol preto de cetim no meu quarto, nesse momento. Por favor. E recoloque a ligação anterior para eu continuar falando com a senhorita Allegra.

— Sim senhora. Providenciarei. — Ela sai da linha e Allegra volta.

— Consegui. — Estou ofegando, mas não de cansaço e sim pela histeria. — Um lençol de cetim preto.

— Aaah! — Allegra grita. — Josephine, vamos te transformar na personagem mais icônica do cinema. Sente em frente ao espelho e vamos fazer o famoso penteado alto, vou vendo alguns tutoriais aqui e dizendo como fazer. Você vai descer na porra dessa festa e acabar com a raça do duque.

Rio emocionada e corro pelo quarto fazendo tudo que Allegra manda. No instante em que o lençol chegou, uma tesourinha de unha foi o suficiente para cortá-lo e, mesmo tremendo horrores, consegui colocar linha na agulha e começar a costurar.

***

Quando Levi vem saber minha resposta eu nem abro a porta, apenas grito que fale para Phelipo ir se foder e que eu vou descer sozinha, mas que ele tem que anunciar minha entrada. Levi parece concordar, afinal não respondeu.

Puta que pariu. Eu estou toda pronta. Um pouco estranha, mas era melhor do que parecer uma desclassificada que não sabe me vestir.

Allegra me fez cortar o lençol e emendar, alinhavando no vestido, deixando-o longo e com uma fenda enorme mostrando minha perna. Não é uma costura de primeira, mas ela me fez lembrar do *Reality RuPaul's Drag Race,* onde várias drag queens precisam costurar os próprios vestidos e entrar na passarela em tempo limitado. Eu também conseguiria, portanto.

No cabelo, o famoso coque alto com franja que a Audrey Hepburn usou no filme Bonequinha de Luxo; e para completar o visual, um colar de pérolas fora de moda e as luvas pretas. Agora sim elas caíram perfeitamente.

Eu me apreciei no espelho, mais alta e suntuosa. O vestido que Phelipo deixou é no tamanho certo e delineia meu corpo, mas o resto improvisado com lençol ficou mais aberto e rodeando meus

pés, dando um ar elegante.

— Jojo, desça e fode com tudo. Lembre-se de fazer o que combinamos.

Eu sinto a fome de revanche na voz de Allegra me contagiando e me dando coragem.

— Obrigada, Alle. Não é o melhor jeito de aparecer lá embaixo, mas farei meu show.

— Isso. Vida longa à duquesa.

— Ah, cala essa boca.

— Beijos. — Ela ri e desliga.

Fico paralisada, apenas esperando virem me chamar. E quando abro a porta e Levi me vê, seus olhos percorrem pelo meu corpo e ele acaba sorrindo vendo que eu encontrei minha maneira de me safar.

— Está muito bonita, duquesa.

— Não force, Levi. Vamos logo ver essa merda de festa. — Sigo na frente, ele apressa, emparelha comigo e sorri de canto.

— Phelipo nunca teve alguém tão difícil.

— E continua sem ter, porque eu não sou dele.

Levi passa por mim, chega ao início da escada e toca um sininho dourado, chamando atenção dos convidados. Eu paro, respiro profundamente e espero ele anunciar.

— Deem as boas-vindas à Duquesa de Del Rey, Josephine Marrie D'Angelo Miklos. — E então, ergo o queixo e apareço no campo de visão de todos. Paro ao lado de Levi e, apesar de estar morrendo e quase caindo escada abaixo, mantenho-me firme, olhando para as pessoas presentes, até minha visão cair em Phelipo me fitando sério e aparentemente bravo. Com seu maxilar enrijecido e sua boca contorcida, ele já deveria esperar que eu daria meu jeito. Ao seu lado, a ruiva perfumista, em um vestido vermelho.

— Uma boa noite a todos. — Eu digo, desejando que minha voz saia firme e alta. — Entre meus inúmeros vestidos, quis homenagear uma personagem que pode parecer fútil para alguns, mas era a mulher forte em seu tempo. Estou falando da *Holly,* a acompanhante de luxo*,* do filme *Breakfast at Tiffany's*.

Ouço um crescente burburinho de aprovação entre os convidados.

Começo a descer as escadas segurando na mão de Levi, minha perna aparecendo na fenda do vestido improvisado.

— Uma mulher que não se importou com o conservadorismo e focou apenas em seu sonho. Com esse visual, quero apenas mostrar que serei a duquesa de todos e todas, não só de um núcleo. Dos conservadores às acompanhantes de luxo, todos poderão contar comigo.

Chego ao pé da escada, pego uma taça da bandeja do garçom e levanto-a sutilmente: — Agradeço a atenção e peço que aproveitem nossa festa. — Para meu alívio, as pessoas sorriem e me aplaudem calorosamente.

Allegra tinha toda razão. Antes de deixar que as pessoas zombem de minha roupa, eu tinha que chamar atenção para ela.

Respiro fundo e caminho até Phelipo e então rosno em sua cara:

— Não tente me fazer uma boneca de estimação que acompanha suas ordens rigidamente. Pode mandar a próxima cartada. Uma vez na mesa com um excelente jogador, a gente acaba aprendendo os macetes dele. — Não bebo nada alcoólico, mas viro a taça de champanhe na boca e entrego-a vazia para a Cabelinho vermelho.

Phelipo tem a pior expressão que já vi desde que nos casamos. Seus olhos brilham rancorosos e me dizem que ele vai contra-atacar, sua boca tão sexy está bem lacrada em um bico furioso. Abano a cabeça negativamente olhando para os dois, desprezando-os. Rio debochando e saio de perto.

19

A PORRA DO CIÚME



PHELIPO

Eu queria arrastar Josephine e trancá-la em um quarto o mais rápido possível. Não achei que ela fosse descer, esperava uma bandeira branca de rendição e o que mais me assusta é que eu não esperava mesmo estar com muita raiva de vê-la sorridente andando entre as pessoas e sendo cumprimentada calorosamente, principalmente pelos homens.

Olhando daqui, percebo como o vestido se adequou perfeitamente ao corpo dela, mostrando suas curvas bem esculpidas. Não aquela coisa erótica e farta das mulheres que costumo me relacionar. Ela é mais delicada, sua postura ereta e confiante faz olhares acompanharem-na enquanto passeia despreocupadamente, como uma verdadeira anfitriã.

Tomou outra taça de champanhe em um gole só e pegou a terceira. Ela está brincando com fogo.

— Ei! — Sinto um cutucão em meu braço, só então lembro de Jasmim. — O que perdeu lá? — Ela questiona furiosa. — Estou aqui, o que está olhando para essa magricela?

— Não. Fode — respondo, entregando minha taça de champanhe a ela. Jasmim fica aturdida, tinha acabado de entregar a de Josephine para um garçom.

Caminho sem pressa até onde Josephine está, nesse momento conversando com dois homens. Um é empresário do ramo automobilístico aqui na França e o outro é o sócio dele. Mantém negócios comigo e por isso foram convidados. Josephine está tímida e fica sem graça com algo que um deles acabou de dizer.

— Boa noite — cumprimento-os. Ela revira os olhos em desaprovação à minha chegada.

— Phelipo. É uma honra estar aqui, prestigiando esse momento. — Um deles começa a puxar o saco e eu agradeço com um leve aceno de cabeça.

— Adoramos conhecer sua esposa, ela estava nos contando sobre o clima de Turan.

— Pode ter certeza que o clima não está nada bem — retruco sem tirar os olhos dela. Josephine faz uma careta e toma, em um gole, a terceira taça de champanhe.

— Os senhores poderiam nos dar licença um minutinho?

— Claro. — Eles assentem e eu a levo para outro canto, perto da mesa de buffet.

— O que pensa que está fazendo? Bebendo como uma louca, flertando com a festa toda e me

colocando em uma situação ridícula.

— Você já é ridículo sozinho. Me fez vir assim, então, aqui estou. Gostou do meu *cosplay*? — Passa as mãos pelo corpo, me obrigando a olhá-la.

— Vá se danar. — Dou uma risada tóxica, fazendo-a fechar a cara. Para humilhá-la, volto a percorrer os olhos pelo seu corpo com puro desprezo e isso a deixa inquieta. Sussurrando, com bastante arrogância, piso no ego dela:

— Você está uma lástima. Olhe só para essas pessoas. Todos estão cagando se você quis homenagear a porra de um personagem. Você é apenas uma pobre filha de uma criada interesseira que tentou ficar rica às minhas custas.

Sempre consigo desestabilizá-la com minhas palavras. A Josephine decidida e cheia de si cai por terra e a recatada, insegura e inocente volta. Ela olha para a roupa e só então parece perceber que está tão provocante. Puxa a parte do tomara-que-caia um pouco para cima e comprime os lábios sem graça, se encolhendo toda.

— Suba para o seu quarto agora — rosno em tom áspero, deixando transparecer a raiva que sinto por ela mexer tanto comigo sem que eu queira. — Não faça eu ter que te dar duas opções e te garanto que, dessa vez, nenhuma será boa escolha.

Eu quero mesmo feri-la, uma vez que estou sentindo algo perturbador dentro de mim, só por ver os malditos olhares para cima dela. Não quero aceitar a porra do ciúme, afinal nem gosto dessa garota. Mas a raiva em mim está me fazendo ver o contrário.

Josephine cria coragem e revida:

— Ao menos de uma coisa sabemos. Eu posso ser pobre, sem sal ou estar ridícula nessa roupa, entretanto tenho consciência limpa de dormir à noite. — Ela sorri o mais maldosa possível, toca na minha gravata e fala: — E você? Como se sente por ter trazido a morte para sua família?

Não espera eu responder, se afasta rumo às escadas.

Jogo meu pescoço para trás rugindo baixinho, acaricio minhas pálpebras e volto para a festa. Sou parado por Jasmim.

— Phelipo. Onde esteve? Por que está tão estúpido?

Sopro profundamente, tentando segurar o restinho de paciência em mim. Vejo Josephine subir quase correndo as escadas. Ao menos me obedeceu.

— Hein!? — Jasmim grita e puxa meu rosto para eu encará-la. — Esperei durante semanas para te reencontrar, e não tivemos nem um beijo sequer. Você dizia que mal podia esperar para me ver de novo.

Mirando o belo rosto dela, penso um pouco e decido que quero usá-la nesse momento. Tanto para minha satisfação pessoal, como para extravasar a raiva.

— Venha comigo. Vamos para um lugar mais reservado.

Ela ri ansiosa e caminha ao meu lado. Subimos as escadas e parece que ninguém se importa. Ou se importa e não pode fazer nada. Celulares e câmeras são proibidos na noite de hoje, justamente para evitar qualquer fofoca.

***



JOSEPHINE

Caminho rápido pelo corredor, quase correndo, segurando o vestido para não tropeçar, e as lágrimas que teimam em querer descer. Phelipo não deveria me ferir com suas palavras, mas ouvir tamanha afronta me corta por dentro, e o que eu não entendo é que eu digo que o desprezo, todavia se eu o desprezasse de verdade, nada do que dissesse me machucaria assim.

Vou para a porta do quarto, entretanto vejo algo e paro. É o quarto dele, no fim do corredor, aberto.

Olho em volta, parece que estou sozinha. O som da festa vem do andar de baixo, mas aqui em cima está silencioso. Caminho rápido para lá e espio. Tem apenas um abajur aceso. Procuro o interruptor, toco nele e um lustre gigante no meio do quarto ilumina tudo.

Minha mão vai imediatamente à minha boca quando vejo a beleza do lugar. É grande e muito bonito. É quase uma casa inteira. Tem sala de estar, estante de livros e muitos espelhos. Piso um pé para dentro e me encanto mais. A cama é gigantesca e alta. Uma cama de rei. Parece que todos os móveis em cor tabaco são feitos exclusivamente para o quarto. Vejo minhas malas no chão e, em uma poltrona uma caixa grande, como a que ele levou para meu quarto.

Abro e me deparo com sapatos tão lindos, de tirar o fôlego. Parece uma obra de arte, todo cravejado de pedrinhas brilhantes e com a etiqueta *Manolo*. Deixo-os de lado, abro uma caixinha de veludo e reajo com um arfar; tem uma tiara de três arcos e um colar com as mesmas pedras vermelhinhas que ornam a tiara.

E, por fim, o vestido. É cor de ferrugem, com mangas e golas transparentes de tule fininho, e o que mais me encanta é a chuva brilhosa de cristais bordados que desce do busto até a cintura. Uma saia esvoaçante e cheia de camadas dá um ar de realeza ao vestido.

— Caramba! — digo em alto e bom som, abrindo o vestido e vendo a maravilha que é. Phelipo tinha razão. É um vestido de rainha e ele iria me dar tudo isso, só para eu aceitar dormir com ele.

Olho para a cama e tento me ver ali, nua, deitada com ele. Abano minha cabeça.

Jamais.

Entretanto, se ele mandou preparar tudo isso para mim...

Espio para fora do quarto, tudo silencioso. Me ponho a refletir: eu já cumpri o trato de descer com o vestido preto. Portanto...

Como se fosse dada a largada como naquelas corridas das Olimpíadas, começo a me despir, me tremendo com medo de alguém chegar. Medo de Phelipo chegar e me pegar no pulo, pelada no quarto dele.

— Vai, Josephine. — Uma vez só de calcinha e sutiã, visto o vestido novo e calço os sapatos brilhantes. Vou para o espelho, desmancho o penteado alto que Allegra me ajudou a fazer, solto meus cabelos, deixando-os em cascata de lado, e ajeito a tiara na cabeça.

Em cinco minutos já mudei de roupa, apago a luz e saio correndo do quarto. Agora sim tenho

confiança de descer de volta para a festa. Quero ver a cara dele quando me vir assim. O vestido caiu como uma luva.

Os sapatos novos são confortáveis para andar e me sinto ainda mais elegante. Entretanto, antes de ir para a escada, ouço um som repetitivo e abafado. Vem de uma porta entreaberta. Olho para a escada e meu subconsciente diz que eu tenho que descer para a festa. Volto a olhar para a porta entreaberta, e a curiosidade me atiça dizendo que eu poderia apenas verificar.

Começo a dar passos devagar e o som suspeito vai aumentando. É um gemido feminino. Meu coração salta na garganta e algo grita no meu ouvido para eu voltar para a festa e não olhar o que não devo.

Ignoro a voz da minha consciência, empurro um pouco a porta e quase dou um grito ao ver, na mesa de um escritório, Jasmim inclinada de barriga para baixo, a bunda empinada, o vestido levantado e atrás dela Phelipo pelado com as calças arriadas, transando com ela.

Eu fico inerte, sem saber o que fazer. Tinha apenas que deixar de lado e ir embora. Mas meus olhos ficam presos à imagem dele, tão grande e belo com seus fortes braços, rodeando a mulher enquanto bate firme e repetidas vezes o quadril contra a bunda dela, dando alegria a Jasmim, afinal ela sorri e geme.

Então ele me vê e parece gostar de ser pego no flagra. Sorri, segura o pescoço dela e chupa a nuca sem desviar os olhos dos meus e batendo mais forte contra ela.

Saio rápido, quase correndo e vou para a escada. As pessoas me veem chegando e começam a aplaudir, porque estou com outra roupa e isso de certa forma é bom para minha moral.

Estou tão abalada que fico cega. Não devia estar tão atônita. Que merda, eu amo Bartolomeu, e estou cagando para o que Phelipo faz da vida dele.

Merda!

Merda!

Merda!

— Me dá duas. — Pego duas taças de champanhe da bandeja de um garçom e viro na boca, uma de cada vez, sem parar para respirar.

A cena não sai da minha mente e a raiva deixa meu corpo como fumaça saindo dos ouvidos. Minha pele está quente, estou tonta e o estômago embrulha ao relembrar centenas de vezes a cena de sexo.

— Okay. Preciso me acalmar. — Caminho para a outra parte de onde vem um som mais alto. Foi só o susto. Ele pode foder o rabo do capeta que eu não vou me importar.

Saio em uma verdadeira boate.

É uma área externa com DJ. Tem um bar gigantesco e muitas pessoas riem, falam alto e dançam.

Com vontade de chorar por estar em um lugar que não conheço ninguém e totalmente fora da minha realidade, vou para o bar.

— Alteza. — O barman vem até mim.

— Me dê alguma coisa, por favor.

— Bloody Mary?

— Que seja. Bem forte.

Caramba. Eu não posso estar com ciúme do maldito. Não posso.

***



PHELIPO

Termino de me vestir e olho com pouco caso para Jasmim, que sorri de orelha a orelha. Não estava em meus planos comê-la tão cedo, para não dar esperanças a ela. Tem algum tempo que quero terminar tudo com Jasmim, mas hoje o sexo veio a calhar. Eu estava muito nervoso, tinha que de alguma forma me aliviar e acabou me dando um bônus, afinal Josephine viu e seu olhar não escondeu que ela ficou chocada.

— Vamos descer. — Termino de abotoar as abotoaduras na camisa e pego o smoking. Ela vem e tenta me abraçar, mas eu a afasto.

— Quero dormir hoje aqui para repetir a dose. — Seu tom foi como uma ordem e não um pedido.

— Nem vem. Já te expliquei que enquanto Josephine estiver aqui você só vem como convidada.

— Phelipo!

— Jasmim. Já chega. Não encha minha paciência. Sabe muito bem que não tolero desobediências.

— Tudo bem. — Ela abaixa a cabeça, pego minha bengala e saio do escritório ouvindo os passos dela correndo atrás de mim.

Lá embaixo na festa, nem sinal de Josephine. O pessoal está comendo e bebendo à vontade, se divertindo à beça; desvio de algumas pessoas que querem chamar minha atenção, vou até Levi e ele afirma que viu Josephine descer e ir para o outro lado da casa, no bar.

Não foi tão difícil encontrá-la no meio das pessoas. Está mais bonita do que antes, no vestido que ela pegou no meu quarto; seus cabelos ficam em um tom avermelhado por causa das luzes e o sorriso me deixa estático. Ela ri e conversa aos gritos, meio cambaleante, com um cara que a segura pela cintura.

— Ei! — grito e o empurro. — Fora daqui otário. — O cara nem tenta nada, apenas levanta as mãos e sai o mais rápido possível.

— Você vem comigo. — Pego no braço dela e tiro-a da boate, levando-a para a porta mais próxima que é a cozinha. Quando ela vê que sou eu, se desvencilha da minha mão.

— Me larga, caralho! — berra descontrolada mostrando uma versão surtada que eu não conhecia. — Você está cheirando a boceta de piranha, seu filho da putaaaa!

— Olha a boca! — berro de volta e tento segurá-la novamente.

— Não vai tocar em mim. — Ela está totalmente bêbada e continua me empurrando e tropeçando nas pernas e no vestido.

— Caralho, Josephine.

— Eu amo Bartolomeu — balbucia e se escora no balcão cheio de pratos. Os cozinheiros e ajudantes parados olhando a cena. — Eu te odeio, Phelipo. Você jamais conseguirá ser um terço do que ele é.

— Que bom. Agora venha. — Passo meu braço em volta da cintura dela e arrasto-a para fora, tentando sair pela sala de jantar e subir as escadas sem que os convidados percebam.

Ela segura na lapela do meu smoking e tenta fixar em meus olhos.

— Eu quero minha liberdade. Eu quero estar com Bart, com o amor da minha vida e você pode continuar comendo vagabundas.

— Você está fazendo um papel ridículo. Amanhã vou te punir seriamente.

— Seu... patife. — Após me xingar, sente um espasmo e abre a boca, vomitando em cima de mim como uma enxurrada, sujando toda minha roupa.

— Cacete! — Desvio das outras golfadas. Ela continua vomitando no chão da sala de jantar. Deixo a porra da bengala de lado, junto seus cabelos nas minhas mãos e seguro-a firmemente.

Levi vê a situação e vem em meu socorro. Juntos, conseguimos levá-la para meu quarto e colocá-la na minha cama. Tiro a parte de cima do smoking, minha camisa e os sapatos. Subo na cama e começo a despi-la.

— Não toque em mim... alteza do caraaalho. — Fracamente tenta me parar, mas não consegue. Tiro toda sua roupa, deixando-a apenas de calcinha e sutiã.

Quando encosto na sua cabeça para retirar a tiara, ela olha bem nos meus olhos. Suas pupilas ainda dançam um pouco por causa do álcool.

— Por que está fazendo isso comigo? — Duas lágrimas seguidas descem dos seus olhos. — Eu não mereço... — Paraliso olhando seu semblante pálido e derrotado. Meu coração aperta. Quase entrando em inconsciência, ela diz baixinho: — Não devia doer tanto te ver com outra... eu amo Bart... não devia... doer. Por que me trata assim?

Ela vira o rosto de lado e fecha os olhos; em segundos já ressona. As lágrimas molham sua bochecha e eu me sinto tão mal que tenho vontade de me dar uma surra. Quase posso ver o rosto sofrido de Mariah espelhado no de Josephine. Jamais conseguirei fazer outras pessoas felizes. Só causo mágoa em quem está por perto.

Tiro os cabelos dela do rosto e respondo à pergunta, mesmo que ela não escute mais: — Porque você se parece muito com ela... Mariah. E eu não quero me sentir perdido novamente. Gostaria de te odiar por causa disso.

20

TRÉGUA



JOSEPHINE

A primeira coisa que sinto quando minha consciência volta, são pontadas ferozes na minha cabeça. Parece que tem uma furadeira penetrando meu crânio.

Sem conseguir segurar, solto um gemido e tento procurar nos meus arquivos mentais uma única lembrança para me situar. Tudo é um borrão. Lembro das taças de champanhe, do bar barulhento e dos dois Bloody Mary fortíssimos que tomei.

A segunda coisa que sinto é calor. Não algo insuportável, pegando fogo, mas tudo abafado. Abro os olhos devagar para me acostumar com a claridade, jogo meus cabelos para trás e a terceira coisa que me dou conta é que estou só de calcinha e sutiã.

Quase pensei que ainda estava sonhando, entretanto preferi não pagar para saber se era ou não realidade. O motivo do calor é um edredom em cima de mim e nada mais nada menos que um homem me abraçando fogosamente.

E não é qualquer homem. É Phelipo.

Levanto o pescoço e olho para a situação. Horrorizada, vejo que ele está só de cueca, com uma perna e um braço em cima de mim.

— Aaah! — grito desvairada, empurrando-o. Me sento na cama e Phelipo acorda em alerta olhando para mim, seus olhos azuis arregalados.

— Puta que pariu!

— O que você fez comigo? — Com antecipação, já começo a me tremer, com medo do que posso ouvir.

Ele será um completo filho da puta se aproveitou do meu estado e fez alguma coisa.

— Bom dia para você também, Satã. — Volta a se deitar e coloca o antebraço nos olhos, pouco se importando com meu estado de histeria.

Nem um lençol o cobre. Passo os olhos pelo corpo másculo, podendo vê-lo despido pela primeira vez. Ele é bem encorpado e grande em estatura, além de bonito e dono de olhos penetrantes com um brilho safado. Não é de assustar que consegue fácil ter as mulheres a seus pés.

Seus braços são fortes e bonitos, assim como o peitoral reto e malhado, aparentemente duro,

com pelos negros raleados.

Posso sentir meu sangue ir todo para minha face quando pouso os olhos em sua cueca e o contorno de seu pênis enrijecido é visível pelo tecido. Continuo descendo meus olhos e paro na perna. Está enfaixada da coxa musculosa — muito bonita, por sinal — até o início da canela. E por fim, meias vermelhas, visivelmente fofas.

O que é bem estranho, um homem desse tamanho, com essa força muscular e dormindo de meias vermelhas fofas.

— Se quiser avaliar costas e bunda, diga que eu me viro. — Ele fala sem tirar o braço dos olhos.

— O que você fez? — Nem mesmo meu quase grito acusatório o faz tirar o braço dos olhos.

— Se eu soltei um peido enquanto dormia, não me julgue.

Que nojo!

— O que fez comigo na noite passada, patife?

— Pode ficar tranquila que quando eu te comer, vai se lembrar perfeitamente.

Besta arrogante. A resposta basta por enquanto.

— Onde estão minhas roupas? — Meu pânico aumenta e, como se fosse um escudo, agarro o edredom contra meu corpo.

— Já vi que você não vai mesmo me deixar dormir. — Ele se espreguiça, me olhando fazendo careta com um olho aberto e outro fechado (o deboche sempre presente em seu rosto) e se senta, jogando as pernas para fora da cama. — Vá se vestir, nós vamos sair — ordena e, quando fica de pé, mexe na cueca ajeitando o pênis e caminha para uma porta onde deve ser o banheiro.

Coloco a mão no rosto desolada por ter encarado a bunda dele.

A essa altura do campeonato eu deveria estar desdenhando e desprezando-o e não olhando seu traseiro musculoso.

— Por que estou no seu quarto? — falo alto para ele ouvir. Minha mente em confusão acha que manter diálogo pode aliviar meu estresse.

Melhor fingir naturalidade do que fazer o escândalo que minha alma recatada deseja.

— Porque você se casou comigo. — Ele responde em meio ao barulho de líquido jorrando. Caramba! Ele está urinando com a porta aberta. Pulo da cama e vou em direção às minhas malas. Pego o primeiro vestido que vejo e visto, fecho a mala, puxo rapidamente para fora, indo me refugiar no meu provisório quarto.

Uma vez lá dentro, vejo que preciso de um banho e dessa vez, só por precaução, levo a mala para o banheiro e tranco a porta.

Enquanto me preparo após o banho — fazendo um penteado nos meus cabelos, prendendo-os atrás na cabeça e os deixando cair soltos em minhas costas —, reflito que não quero mesmo me lembrar da noite anterior. Tive que ligar para a mulher dos "serviços gerais" e pedir um analgésico e, por isso, sei que a noite não foi nada legal. E se alguém me contar que eu disse ou fiz algo vergonhoso vou querer me punir, me sentindo uma otária.

Portanto, melhor apenas saber que eu bebi demais e acabei na cama de Phelipo, sem roupa e de ressaca.

O analgésico chega com uma ordem de que eu preciso descer. Sei que é ordem de Phelipo e decido não teimar. Desço e ele já me espera, sozinho, numa mesa gigantesca forrada dos mais variados tipos de alimentos. Frutas frescas, pães e queijos diferenciados, bonitos bolos enfeitados, e acho que uns cinco tipos de bebidas.

Tudo isso para duas pessoas.

Uma cadeira é arrastada para mim por um funcionário de uniforme preto. Phelipo nem me olha, mastiga devagar interessado em algo no tablet.

— Café, por favor — peço ao funcionário e ele me serve. Depois se afasta e indaga: — O que deseja no desjejum, senhora?

Vejo que Phelipo come omelete, mas opto por uma fatia de bolo trufado apenas. O homem de uniforme fica recostado na parede e, com um aceno, Phelipo o libera. Assim que ficamos sozinhos, ele deixa o tablet e me encara.

— Mais calma?

— Sim. — Provo o café. O olhar dele pesa em mim e eu encontro algo para puxar assunto: — Onde disse que vamos?

— Vou te levar para conhecer a ilha e uma das filiais de minha fábrica.

Não é surpresa para mim. Phelipo tem uma fábrica famosa de carros de luxo e de corrida, a MaxMiklos, e é o principal patrocinador do Campeonato Mundial de Fórmula 1 desse ano. Me anim com a ideia de conhecer a fábrica. Será algo que eu vou gostar muito de fazer, mesmo sendo ao lado dele.

Após o café, Levi nos espera ao lado de um belo carro preto. Tem um cachorro enorme — julgo que seja da raça Husky Siberiano, mas não posso afirmar com certeza. — sentado ao lado dele, e quando vê Phelipo descendo a escadaria de entrada, corre em nossa direção.

Ele se curva e faz um carinho no cachorro que nesse momento está interessado em mim. Dá um latido alto, como se perguntasse: "quem é essa humana me encarando?".

— Olá, garoto.

— Esse é o Luck. — Phelipo diz.

— Oi, Luck. — Afago a cabeça dele fazendo-o pular animado. — Ele é lindo. — Eu elogio sorrindo para Phelipo.

— Sim. É.

No carro, fomos atrás com o cachorro e Levi à frente, dirigindo. O duque estava bem charmoso usando um pulôver azul escuro e calça preta de sarja. E eu escolhi um vestido verde claro com a saia rodada e um cinto marcando a cintura; as mangas de renda e a gola princesa davam um ar romântico à peça.

O clima está nublado e começando a esfriar, o inverno chegando, por isso, usamos, cada um, um sobretudo por cima da roupa.

Levi para o carro e Phelipo diz que está perto da fábrica e acha melhor caminharmos para sentir um pouco a brisa. Levi vai à frente com Luck e acabo aceitando o braço que Phelipo me estende.

Estou vendo tudo isso como uma trégua.

— Então tem uma filial em cada lugar do mundo? — pergunto olhando o chão.

— Está se referindo às mulheres? — Ele debocha.

A cena do sexo dele com Jasmim me vem à mente e eu luto bravamente para expulsá-la. Não quero me estressar. Além do mais, se eu não quero o duque, não faz sentido eu ficar mal por isso.

— Não me importo com suas mulheres. — Fico feliz por ter sinceridade em minha voz. Se eu gaguejasse, ele poderia zombar, como sempre faz.

— Mesmo? Sobre Jasmim e eu ontem...

Levanto os olhos para ele.

— Não passe pelo ridículo de me explicar. Eu amo outra pessoa, não ligo.

Phelipo fita meus olhos por alguns segundos, e depois assente.

— Sim, tenho filiais da fábrica em várias partes do mundo.

— Menos em Turan. Por quê?

— Não me convém. — Dá de ombros.

Sei do porquê ele ter se afastado do nosso país. As perdas de Phelipo foram inúmeras e não tem mesmo que sentir qualquer afinidade pelo lugar. Ele não tem nada, além do pai, que o prenda ali.

Sei como dói perder uma pessoa querida, passei por isso quando meu pai faleceu e o peso da culpa me corrói por ter usado esse assunto para tentar feri-lo.

— Me desculpe por ontem. — Eu digo e ele me encara.

— Por estragar meu smoking com vômito?

Perplexa, paro de andar.

— Eu vomitei?

— Muito. — Ele ri e voltamos a caminhar nos mesmos passos lentos.

— Ah, meu Deus. Que vergonha! — Eu sabia que eu tinha feito alguma merda. — Mas queria te pedir desculpas pelo que te disse, da sua família. Foi em um momento de raiva.

— Não me atingiu. Não havia verdade em sua fala.

— Sim. — Balanço o pescoço e fico de cabeça baixa, mordendo o lábio.

Continuamos calados e de certa forma é bom passear por aqui. Phelipo ri algumas vezes de Levi brincando com Luck mais à frente. Deve ser muito ruim para o próprio dono não poder correr com o cachorro. Ele usa bengala e seria quase impossível para ele.

Eu queria fazer comentários sobre a bela paisagem. Estamos em uma estrada ladeada por árvores bonitas com folhas começando a ficar amarronzadas; e à nossa esquerda o mar azul se mistura com a imensidão do céu.

Olho para a perna dele mancando e para sua bengala preta e dourada. Isso foi consequência do acidente. O acidente que quase o matou. Às vezes acho que Phelipo gostaria de ter morrido no lugar de Mariah ou do pequeno Alexei.

Eu deveria ficar calada, mas as palavras empurram minha boca para abrir e eu murmuro:

— Por que se envolveu com ela?

Intrigado, me analisa.

— Jasmim?

— Mariah. Ela foi sua ruína.

— Bartolomeu pode ser a sua ruína — retruca.

— Não tente mudar o foco.

Improvisa um sorriso breve. Está tenso e deixou transparecer.

— Não vamos mexer no passado. Não posso me arrepender de ter feito todas aquelas escolhas, isso só me feriria mais ainda.

— Tem razão. O que importa são suas escolhas no presente. — Mais uma vez eu deveria ficar calada, afinal quem sou eu para aconselhá-lo? Porém, não pude prender as palavras: — Tente não decepcionar um número grande de pessoas, para que tenha a quem recorrer na hora do aperto, alguém que de verdade te queira bem e não empregados que são pagos para te servir. O dia que eu for embora, seguir minha vida, você pode ter uma esposa de verdade e tentar consertar seus erros criando apenas acertos.

Ergo o rosto e Phelipo me encara, puramente impressionado. Seus olhos se tornam mais azuis e penso que é algum reflexo do dia claro, apesar de nublado.

— Mal pode esperar para me deixar?

Sem desgrudar os olhos dos dele, assinto. É a verdade e ele sabe disso.

— Você poderia dar uma chance para a gente se conhecer melhor...

— Você não me quer, Phelipo. Apenas deseja ter uma conquista que julga impossível. E ainda bem que existe Bartolomeu.

— Sabe que eu sou persistente, não é? Já deixei claro que quero muito ser o primeiro a te comer.

Eu poderia me fazer de ofendida — como realmente estou —, mas me dou conta que talvez ele esteja batendo nessa mesma tecla porque gosta de me tirar do sério. Apesar de provavelmente estar enrubescida, finjo naturalidade.

— Querer não é poder. Eu me guardei apenas para um homem e ele não usa bengala.

Phelipo dá uma risada, fazendo Luck latir lá na frente.

— Bartolomeu jamais sentirá o gosto de sua boceta. Infelizmente tenho que te informar. — Ele ri mais e eu sinto meu rosto pegar fogo. — Mas não fique desapontada, ela não ficará vazia, estará toda preenchida com meus vinte centímetros duro e grosso.

Que homem nojento! Estou prestes a surtar com essa sem-vergonhice e preciso de muita força para manter-me ao seu lado segurando em seu braço.

— Além do mais, posso não te dar o divórcio. — Ele profere as palavras quase cantarolando.

— Então fugirei para ficar com Bart, a mídia toda ficará sabendo e você sairá como o corno da história.

À nossa frente, Levi e Luck chegam a um grande portão em um muro alto. Na lateral em letras garrafais está escrito: MaxMiklos.

Phelipo torna a puxar minha atenção quando diz:

— Eu estarei de braços abertos te esperando quando for se encontrar com Bart e se dar conta que precisa voltar. Mas deixo logo avisado: se vir para minha cama antes, será muito gostoso e deixarei você se servir à vontade. Entretanto, se fugir e precisar voltar, não terá colher de chá. Cumprirei minha palavra e você vai ter que implorar pela minha benignidade.

Rio tentando ser irônica e sofisticada, escondendo o que de verdade as palavras fizeram em mim.

— Sonhar não faz mal a ninguém.

***

Adorei conhecer a fábrica e os processos de montagem de um carro. Fiquei encantada em como as máquinas de última geração trabalham continuamente junto aos empregados; tudo muito sincronizado. Foi apenas uma rápida visita e Phelipo não parou para falar com ninguém, mesmo com as pessoas ficando em alerta enquanto a gente passeava ali.

Me apresentou apenas a um homem — que era o engenheiro chefe — e se trancou com ele em um escritório enquanto eu esperava em uma sala de estar luxuosa com uma vidraça de onde podia assistir à montagem dos carros.

Saímos e fomos a um restaurante com uma vista linda para um castelo de pedra, o qual Phelipo disse que iriamos conhecer — e do outro lado o mar.

Foi um almoço descontraído, e eu me senti bem, estando com eles. O que era de se espantar.

Levi estava com a gente e a conversa girou na maior parte do tempo para os negócios do duque. Eu me distraí com Luck e debati em alguns momentos sobre os costumes do povo de Turan e sobre o campeonato de rúgbi que começará mês que vem.

Phelipo contou que jogava rúgbi com o irmão Dominic, mas gostavam mesmo era de caçar com o pai, quando ainda eram crianças. Uma prática que, por vontade da rainha Helida, foi extinta do país, por ser uma defensora dos animais.

Tinha sido uma manhã legal e eu até esqueci dos percalços da noite anterior. Criar minha imagem vomitando sobre Phelipo me causa pânico e vontade de rir. Pena que não me lembro perfeitamente.

— Até que não foi nada mal, não é mesmo? — Ele indaga quando chegamos à casa. Andamos lado a lado no jardim, sei que ele me olha, mas eu mantenho meus olhos na grama.

— Sim. Foi. Você conseguiu ser civilizado.

— E ainda temos três dias pela frente.

Comprimo os lábios para não sorrir e me limito a abanar a cabeça. O celular dele toca, mas não atende. Vê quem é na tela e desliga.

— Pode atender. Vou subir e descansar um pouco.

— Espere. — Ele segura no meu braço de um jeito suave. Me arrepio toda quando fito seus olhos e eles estão fixados em minha boca. Phelipo age como se estivesse faminto, até passa a língua no lábio inferior.

É um momento pré-anunciado, como se tudo em volta mostrasse o que estivesse prestes a acontecer. Eu tinha apenas que me mover e fugir o mais rápido possível, mas não conseguia.

Continuo parada encarando o rosto bem próximo do meu. Ele exala um cheiro muito gostoso e isso parece me enfeitiçar.

— Alteza...

— Alteza uma porra. — A voz sai rouca e baixa. E sem eu esperar ele abaixa e me beija, segurando meu corpo contra o seu e movimentando os lábios para fazer o beijo acontecer. Sou pega no susto, e como um passe de mágica, ele faz todos os meus neurônios pararem, uma vez que eu estou estática sentindo a maciez dos seus lábios nos meus.

E quando arfo e ele penetra a língua em minha boca, tudo parece explodir de uma maneira visceral. Como se fizesse sentido estarmos aqui nos beijando, e ter ele me segurando fosse enfim o que meu corpo sempre necessitou.

Tudo dentro de mim revira e eu abro mais minha boca, dando a Phelipo liberdade para aprofundar. E ele fez. Segura minha nuca possessivo, mas suave, e abocanha faminto meus lábios, gemendo enquanto me deixa mole em seus braços.

Só paramos porque uma voz urgente o chamou.

— Alteza! — É quase um grito. Phelipo se afasta do beijo, eu tateio o ar em volta como se precisasse me equilibrar e dou alguns passos para trás.

Nem tenho tempo de me questionar ou me autoflagelar por tê-lo beijado. Levi nos olha com uma expressão de horror e eu quase sei do que se trata. Coloco a mão na boca assistindo à reação de Phelipo quando Levi anuncia:

— Temos que voltar para Turan. A vida do rei está por um fio.

21

REI MORTO, REI POSTO



JOSEPHINE

Não tive tempo para remoer o beijo. A não ser durante alguns minutos no voo de volta. Eu estava em choque para pensar sobre o assunto. E depois, quando chegamos, foi impossível refletir sobre o duque ter me beijado.

O rei Alfred faleceu quatro horas depois que chegamos a Turan. Phelipo está destruído, mas, em compensação, conseguiu ver o pai com vida. Ele não me disse, todavia sei que trocaram algumas palavras antes do rei Alfred ser entubado e entrar em coma logo em seguida.

O clima do inverno chegando deixa tudo mais mórbido e triste. Parecia que as nuvens em torno da cidade estavam de luto também.

Todos vestimos preto e um pronunciamento foi feito na sacada do palácio. Dino o faria, mas Phelipo — com sua voz embargada — tomou a dianteira e ficou em frente ao povo para dar a notícia oficialmente e decretar sete dias de luto no país. Eu estava ao seu lado, de cabeça baixa sentindo meus olhos pesarem com as lágrimas incontroláveis.

Depois do pronunciamento, não o vi mais. Ele apenas me disse baixinho:

— Volte para seu quarto. Eu estarei no meu, preciso ficar sozinho.

E ele estava lá mesmo. Do meu quarto tem vista para a sacada de seus aposentos, e na manhã seguinte o vi de pé, só de calça de pijama, olhando o mar lá embaixo.

Hoje, dois dias após a morte, será o sepultamento. Estou com Phelipo no cortejo fúnebre que passa pelas ruas de Del Rey. As pessoas acenam em silêncio, com dor explícita nos rostos; alguns estão chorando, lamentando profundamente, uma vez que o rei era um homem bom e honesto e talvez muita gente esteja sem saber que rumo tomaremos. Isso me machuca na alma. O meu povo precisa de um pingo de esperança para o futuro e ninguém acredita em Phelipo como o novo rei.

O palacete onde o rei será sepultado fica um pouco afastado de Del Rey, nas planícies da cidade. Um lugar calmo, estilo rural. Foi lá que o rei Alfred morou quando se casou com Helida, quando ainda era um príncipe. Além de ter sido lá que Dom e Phelipo nasceram e onde toda a família de Dominic está enterrada.

É um lugar com forte carga emocional e Levi comentou por alto que Phelipo nunca tinha vindo aqui desde a trágica morte do irmão.

Juntamente com os generais, Phelipo fez questão de segurar em uma das alças do caixão, levando-o para o suporte de mármore. Dezenas de coroas de flores e arranjos rodeiam a alta urna

negra.

São poucas pessoas presentes, apenas a alta sociedade, amigos próximos e alguns membros ou representantes da realeza de outros lugares do mundo. Eu me sento ao lado de Phelipo para ouvir as derradeiras palavras proferidas pelo arcebispo. Uma cerimônia de corpo presente já havia sido feita na Abadia onde me casei.

Juntamente comigo, me dando apoio, estão Allegra, Nádia, Bernadete e Susan.

Ele não olha para o caixão à sua frente. Está mirando o memorial erguido para o príncipe Dom, a metros de distância de onde o rei será enterrado. Filetes de lágrimas descem de seus olhos e, sem pensar no que eu estava fazendo, tomo sua mão coberta por uma luva preta e a seguro. Phelipo não olha, mas aperta de volta minha mão.

Quando o arcebispo acaba de falar as palavras, Phelipo se levanta cambaleante, acudido por Levi, e surpreende a todos curvando-se sobre o caixão e falando palavras indecifráveis em meio a um pranto comedido.

Sei como é um pouco estranho para esse pessoal da alta classe ser visto em um momento tão íntimo de guarda baixa, tão sensível. Visivelmente o duque não se importa com isso; o rei é o último membro de sua família indo embora para sempre e sua ferida é gigantesca; a dor pode ser visível para todos.

— Coitado. É a quarta morte na família. — Bernadete cochichou compadecida.

— Se contarmos a rainha serão cinco. — Susan contrapôs.

Limpo uma lágrima com um lenço de renda e olho torto para elas.

— Não temos certeza se ela morreu. — Bernadete revida.

— Psiu. Caladas. — Allegra interfere sabendo que era o que eu gostaria de falar com elas, mas não tenho forças para pedir silêncio.

— A única certeza que tenho é que esse momento não pode passar em vão; é a hora exata de agir. — Sentada ao lado de Allegra, Nádia cochicha. Ela estava em viagem e voltou no dia que o rei faleceu, para me dar apoio. Até se ofereceu para dormir comigo no palácio, mas minha mãe já me faz companhia.

— Do que está falando, Nádia? — Nós quatro a olhamos quando Susan questiona. — Que oportunidade?

— De conquistar o duque, ué. Olha só para ele! — Ela aponta com um gesto de queixo. — Desolado e sozinho. Todo sensível. É o momento certo.

Meu queixo cai ao ouvir isso. Não por ele ser meu marido, quer dizer, por isso também, mas principalmente por ser o velório do pai dele.

Ela recebe uma cotovelada forte de Allegra. Eu ainda a encaro com cenho franzido, como se não tivesse ouvido direito. Até supus que ela iria rir e dizer: “pegadinha, só quero descontrair”. Mas não disse, continua com sinceridade em sua expressão quase maldosa.

— Nádia! Eu não acredito que disse isso. Perdeu a noção?

— Por que, Allegra? Me diga! Vocês sempre desejaram esse homem. Sem hipocrisia para cima de mim.

Susan arregala os olhos e coloca a mão na boca.

— Será que nosso espanto não é por ele ser marido da Jojo? — Bernadete está tão chocada quanto as outras. Viro-me olhando para Phelipo, que ainda está sozinho de pé ao lado do caixão.

— Ah, mas sabemos que Josephine odeia o duque e agora está mais próxima da liberdade. Era o rei que fazia gosto no casamento. — Sinto meu sangue fugir do rosto e até observo em volta para ver se alguém ouviu isso. Nádia olha para mim e segura minha mão por cima do colo de Allegra, que está ao meu lado. Dá um sorriso amigável. — Sei que não ficaria com raiva de sua amiga caso eu pegasse o que você não quer mais, não é, Jojo?

Estou passada com a ousadia. Em pleno velório e minha amiga pensando em meu divórcio.

— Phelipo é um homem adulto — falo calmamente e baixinho. — Você deveria perguntar a ele sobre isso. Não sou dona dele para te dar.

— Jojo, não fique assim. — Allegra empurra Nádia e acaricia meu ombro. — Não ligue para essas coisas.

— Não ligo. — Sorrio para ela. No fundo, algo em mim se importou sim com essa conversa. Era como se eu possuísse um livro novo, não gostasse do livro, mas não quisesse que ninguém tocasse nele, mesmo não gostando tanto. É estranho pensar em ter ciúmes de Phelipo e isso está me confundindo demais.

— Olha lá. — Nádia volta a falar depois de alguns minutos. — Ele está sozinho. Eu posso ir como amiga consolá-lo e talvez conseguir o telefone dele. Ouvi dizer que ele nunca nega fogo.

Isso me irrita quase ao ponto de me fazer perder a cabeça. Estou aqui triste, compadecida com a dor do duque e ela não respeita nem a mim e muito menos a ele.

Viro deixando minha fúria visível:

— Amiga, se eu e ele nos divorciarmos você poderá fazer o que quiser, mas hoje ele é meu marido, então prega essa maldita bunda na cadeira e não me tira a paciência. Eu fico com ele.

As outras ficam sorrindo de queixo erguido, aprovando minha reação

Phelipo está sozinho em todos os sentidos. Perdeu todos que amava de verdade e isso acabou com meu coração. Nem mesmo o único irmão do rei esboçou qualquer sentimento e isso é bem estranho, sei que eles eram afastados, entretanto pessoas que nem são da família estão com os olhos avermelhados e derramando lágrimas pela reação inesperada de Phelipo.

Me levanto rapidamente e caminho até ele, com o rosto banhado de lágrimas, e ele olha para mim e aceita meu abraço. Me abraça tão apertado que é como se estivesse prestes a cair e precisasse de algo para se sustentar.

Eu o amparo enquanto chora baixo e controlado. Todos tínhamos ciência de que chegou a hora da verdade. O destino empurrara Phelipo contra a parede, obrigando-o a tomar uma decisão. Ele jamais quis assumir o trono ou fazer parte da linha de sucessão e esteve despreocupado, pois antes dele ainda tinha Dom e seu filho Alexei.

Entretanto, com sucessivas perdas trágicas, o país clama por uma posição de Phelipo. E muitos nem esperam que o período de luto seja cumprido, querem respostas imediatas.

Se ele nunca quis ser príncipe, é improvável que queira assumir a posição de rei.

Quando o caixão desce à sepultura, ele pega uma rosa, a beija e joga em cima dizendo: “adeus, pai”.

Abraçando o seu braço, eu e Levi o tiramos dali.

***

Phelipo voltou a se recolher no seu quarto, pedindo para não ser incomodado. Mal falou comigo durante o caminho de volta, apenas disse — sem olhar nos meus olhos — que queria ficar sozinho e que Levi ficaria à minha disposição.

Pedi para servir chá em meu quarto para as meninas que vieram comigo. Nádia está puta da vida e anda de um lado para outro, inconformada. Brigou com Allegra durante a vinda para cá.

Eu me sento e começo a tirar minhas luvas calmamente, como se o mundo estivesse em câmera lenta. Quando Allegra sai do meu banheiro, Nádia fala:

— Sabe o que eu não entendo? É que nós fazemos parte de um clube de livro e somos acostumadas a desejar e admirar todos os personagens masculinos e vivemos nossa pacata vida falando de moda e homens, desejando homens bonitos, mas hoje todas agiram hipocritamente...

— Eu nunca desejei homem casado. — Susan rebate diante do carrinho de chá, se servindo.

— Muito menos eu. Ainda mais casado com minha amiga. — Bernadete aponta a xícara para Nádia que, pelo olhar, está achando uma grande ofensa ninguém apoiá-la.

— É um casamento de fachada. Todas nós sabemos que Jojo odeia o cara. Não é verdade, amiga?

Minha cabeça está explodindo de dor. Eu me limito a ficar calada encarando-a. A todo momento eu penso que ela está brincando e vai revelar que apenas tentou me fazer descontrair.

— Nádia, acho que esse não é mesmo o momento de tratarmos desse assunto. — Allegra fala mansamente para não levantar mais confusão do que já tinha se formado na viagem de volta do sepultamento.

— Okay. — Após verificar que ninguém concorda com ela, ergue as mãos em rendição.

— Sente-se, vamos conversar. — Eu peço.

— Não. — Ela pega a bolsinha de mão preta, caminha em direção à porta e depois volta e posso ver raiva em seus olhos. — Quer saber? Vocês sempre protegeram demais a Josephine e a vida perfeita dela. Ficaram do lado dela quando abandonou o Bartolomeu e foi para um colégio interno, ficavam bestas por ela ter o namoro perfeito com um soldado da casa real e agora ficam babando por ela ser casada com o duque. Eu não me presto a esse papel.

Tocar no nome do Bart me magoa profundamente e a culpa veio como um golpe tórrido. Eu sempre me culpei por ter me afastado dele para ir estudar e agora essa realidade bate em cheio na minha cara.

— Nádia. — Fico de pé. — O que deu em você? Estamos numa boa...

— Eu apenas cansei de ficar em segundo plano. Você nunca quis o Bart e não quer o Phelipo. Decida-se, nenhum dos dois te esperará a vida toda. — As meninas estão pasmas, petrificadas. Bernadete com a mão na boca e Allegra pálida como papel. Nádia olha para cada uma de nós e sai batendo a porta com muita força.

O silêncio recai sobre o quarto e só é quebrado depois, quando Susan diz:

— TPM de vaca. Não se importem.

O clima fica ameno. Não comentamos sobre o episódio e prefiro pensar que é só TPM mesmo Amor é um sentimento muito forte, porém delicado, eu sei o que sinto por Bart e não iria me permitir ficar traumatizada por causa das palavras da Nádia.

Chegaria o momento que eu me libertaria de Phelipo e iria de encontro a meu futuro com Bartolomeu, mas por enquanto não era do meu interesse fazer lista de candidatas à posição de duquesa.

22

COMPLICAÇÕES



JOSEPHINE

As meninas vão dormir comigo essa noite e já estão de pijamas, espalhadas pelo quarto. Allegra fazendo tranças na frente do espelho, Susan folheando uma revista sentada em uma poltrona e Bernadete deitada na cama.

— Jojo... — Susan me chama — Aquele boato sobre Phelipo e Mariah...

— Verdadeiro — confirmo fazendo as três soltarem exclamações de perplexidade. Bernadete está com as duas mãos na boca e os olhos de Allegra parecem que vão saltar.

Desde a morte de Mariah, a casa real escondeu de todos o real motivo de ela e o pequeno Alexei estarem com Phelipo em um carro e quase ninguém questionou sobre os dois. Tinha sido apenas um trágico acidente que tirara a vida da princesa e do pequeno príncipe, deixando vivo apenas o duque.

E isso tinha sido comemorado. O povo estava acompanhando avidamente os noticiários. Ninguém queria perder mais integrantes da família real e quando os médicos afirmaram que Phelipo estava fora de perigo, houve comemoração, mesmo com duas perdas irreparáveis.

Entretanto, aqui dentro do palácio a coisa era outra. Eu não estava aqui, mas minha mãe contou que o caso extraconjugal da princesa veio à tona, deixando as mortes ainda mais dolorosas.

— Meu Deus... que crápula. — Allegra exclama. — Phelipo não tem limites.

— Não mesmo. Ele ficou com a esposa do próprio irmão — revelo o que elas acabam de descobrir. Entretanto, parece que ser dito em alta voz faz as coisas parecerem mais tenebrosas do que são.

Um silêncio aterrador nos abraça e eu respeito esse momento, pois todas elas estão digerindo a informação.

— Por favor, que esse assunto não saia desse quarto. — Nem preciso pedir, mas não custa frisar.

Caminho até a porta da varanda e olho para o céu estrelado. Como se fosse um pensamento alto que escorregou para a boca, murmuro:

— Phelipo está marcado para sempre. Tanto na carne como na alma, pelo que fez com a própria família. Por causa dessa traição com o irmão, o rei adoeceu e nunca mais se recuperou.

Saio na varanda. A luz do quarto de Phelipo está acesa, mas não dá para ver o que ele está fazendo. Será que está bem? Acabou de sepultar o pai e deve precisar de apoio e consolo. Eu poderia ir falar com ele. Todavia, seria íntimo demais. Não quero dar motivos para ele achar que estamos bem.

Toco em meus lábios de leve, sentindo o toque macio e pungente da boca dele. Foi muito bom o beijo e eu desejaria não ter gostado tanto. Sua língua petulante aprofundando em minha boca, fazendo o beijo ser único e muito gostoso, depois ele chupando meus lábios enquanto abocanhava sem pressa...

— Jojo. — Ouço me chamarem e me viro. As meninas me olham compadecidas e só então percebo que tenho lágrimas nos meus olhos.

— Venha aqui. — Allegra me oferece seus braços e eu me aconchego no abraço.

— Foi o dia chegado para o rei Alfred. — Bernadete me consola. — Ele estava sofrendo e foi bom assim.

Eu apenas assinto e não digo a elas que não estou chorando pelo rei e sim pela situação que se encontra meu coração. Cada vez mais tonto e confuso. O amor por Bart deveria ser imenso e ocupar tudo, mas Phelipo, com sua conduta questionável e ironia irritante, está tomando muito espaço, contra minha vontade.

23

PERDAS E DANOS



PHELIPO

Eu tinha chorado e lamentado tudo que podia e mesmo assim não conseguia expurgar a dor que me abraçava ferozmente. Eu já passei por perdas irreparáveis e sei que os sete primeiros dias são os piores de aguentar.

Hoje, vendo meu pai no caixão, eu podia ver estampada ali a minha depravação, que levou todos ao fim. Mesmo que ele tenha me perdoado no último momento e pedido com lágrimas: *"Dê uma chance para você mesmo, agarre seu futuro, meu filho"*.

Ele estava feliz. Partiu tranquilo. Afirmou com veemência que tinha visto Dominic e que agora podia partir feliz. Segundo ele, meu irmão tinha vindo visita-lo mostrando assim um sinal que era chegada a hora de ele também ir.

Gostei de saber que ele teve essa última visão.

Eu já esperava pela morte do meu pai, entretanto a realidade foi bem dura de enfrentar. Era mais uma perda ocasionada pelos meus atos impensados. Anos atrás, quando coloquei os olhos na bela Mariah — sendo apenas namorada do meu irmão —, eu já sabia que estava fodido.

Com o tempo foi impossível manter-me afastado, e eu tentei muito. Nunca resisti tanto a uma mulher como lutei para não pensar nela. O carisma, a força, a simplicidade e a inocência de Mariah me atraíam como um leão à presa. Era devastadora a vontade de ter ela para mim. Sempre fui possessivo e competidor, eu queria que meu irmão tivesse tudo do melhor e fosse muito feliz, mas algo dentro de mim, maldoso e egoísta, queria arrancar dele a jovem esposa.

E ela correspondeu imediatamente.

Fomos muito irresponsáveis, eles estavam começando a formar a família e não pensamos nas consequências. O povo amava Dom e Mariah e eu fui capaz de tocar com meu dedo podre e acabar com a felicidade da pessoa que mais me protegeu e que mais me amou: meu próprio irmão.

As coisas são mais diretas agora, no presente. Consigo manter mulheres longe o bastante e ter pessoas próximas apenas para me servir. Gostar demais, amar demais sempre traz dor; nunca que é

pleno para sempre. E confesso que sou incapaz de aguentar mais uma porrada dessas.

Cheguei do velório do meu pai, tomei um banho e me joguei quase inerte numa poltrona, pensando em todas essas coisas e remoendo junto com meus milhares de demônios em volta de mim, mostrando — com ironia — todos os meus erros.

Ouço um toque na porta e esfrego o rosto, impaciente. Eu pedi a todos que não queria ser incomodado. Devia ter plantado guardas em frente à porta, porque as pessoas são incapazes de entender a porra de uma ordem.

Sem me dar ao trabalho de me vestir, apenas de cueca abro a porta e meu coração salta pasmo, vendo Nádia em minha frente.

— O que quer aqui? — rosno em alerta, olhando para o corredor para ver se há alguém por perto.

Como diabos ela encontrou meu quarto?

Ela passa por mim e entra no aposento.

— Saia! — vocifero.

— Temos um trato. — Cruza os braços e passa os olhos pelo meu corpo com um ar erótico. Fecho a porta.

— Caralho! Eu te procuro, você nunca vem até mim. Qual a dificuldade de entender isso?

— Porque eu estou irritada e não aguento mais. Quero que cumpra o que me prometeu.

Bagunço os cabelos e sopro, de saco cheio.

— Okay. Falta pouco. Você deve sair de Turan imediatamente e...

— Escuta aqui, Phelipo...

— Alteza para você.

— Pois bem, vossa alteza. — Ela cantarola. — Eu quero mais do que me prometeu.

— Como é que é?

— É isso mesmo. — Ela dá um passo, diminuindo nossa distância. — Hoje sua nobre esposa me tirou do sério. Decidi que quero ter alguns momentos íntimos com você. — Mais uma vez dá um olhar sugestivo para meu corpo. — Apenas fantasia de garota. Ou aceita ou vou até o quarto e conto tudo para ela. Você escolhe. — Sorri amplamente, com uma pose de "xeque-mate".

— Deixa ver se eu te entendi. — Acaricio minha barba. — Além de cumprir o que prometi, agora quer transar comigo?

Ela confirma apenas balançando a cabeça, tendo a coragem de manter os olhos fixados nos meus. Até esboça um sorriso chantageador.

Jogo minha cabeça para trás e rio sarcasticamente. Caminho mancando até a garrafa de uísque que Levi trouxe, me sirvo um pouco e volto-me para ela. Faço questão de mostrar minha melhor expressão de ironia.

— Então a cobrinha quer conhecer a serpente do duque. Esperta você. — Aponto para ela. — Querer que eu te coma antes de finalizarmos o trato. Ter a oportunidade que poucas têm.

Ela fica levemente ruborizada, chego bem perto de seu rosto e balanço minha cabeça em negativa, mostrando todo o desprezo que estou sentindo.

— Não se faça de ofendido, alteza. Eu fiquei sabendo de sua vida nem um pouco ética fora daqui.

— Posso fazer isso, claro. Rola e água não se nega a ninguém. — Saio de perto e caminho para a poltrona, me sentando.

Ela desvia os olhos e, com a voz rude, ordeno:

— Olha para mim, caralho. Estou falando com você. — Assusta engolindo seco, sem acreditar que eu pudesse gritar com ela, aqui —. — Acho que Josephine te tirou do sério só pelo fato de que, sem esforço nenhum, conseguiu as coisas que você sonha em alcançar. Aproxime-se dela novamente e eu acabo com sua raça. — Viro o copo de uísque na boca e ela toma coragem para dizer:

— Você não pagaria para ver. Se eu contar para ela...

— Não brinque com fogo, menina. Posso levar um golpe, mas não vai me nocautear. E se eu contra-atacar, você não terá nada para se erguer. Pense bem antes de jogar comigo. — Me levanto com a ajuda da bengala e caminho até a porta. — Saia antes que eu decida acabar até mesmo com o trato anterior. Respeite meu luto, cacete.

Aparentemente ela fica com medo, engole seco e para perto de mim.

— E então? — indaga.

— E então o quê? Fora.

Ela morde o lábio, eu sopro profundamente, perdendo a paciência, e sem eu precisar abrir a boca, dá um pulo para fora. Sai quase correndo sem dizer nada. Bato a porta, caminho até meu celular e chamo Levi.

Me sirvo de mais uma dose de uísque e desabo na poltrona. Já passa de onze da noite e não tenho nem sono para dormir e esquecer essas merdas.

Com mais isso para pensar, eu deixo um pouco a tristeza de lado e reflito sobre minha relação com Josephine. Eu devia estar soltando rojões de alegria por tecnicamente estar livre para me divorciar. Mas onde está a porra da felicidade?

As palavras dela no nosso passeio na Ilha me acompanham desde que cheguei aqui: “Tente não magoar muitas pessoas, para na hora do aperto ter quem fique ao seu lado”. Ela foi a única que me apoiou e se doou por completo quando eu mais precisei de um ombro amigo.

Improvavelmente, minha desafeta me consolou diante do caixão do meu pai. E parece que se eu continuar dessa forma ela será a próxima a ser magoada por mim.

Levi chega ao quarto e eu ordeno:

— Prepare tudo, Nádia veio aqui tentar me pressionar. Vamos fazer tudo na próxima semana.

— Sim, senhor.

Pensativo, rodando o líquido âmbar dentro do copo, tento ver todos os meios que podem acabar me fodendo e preciso me resguardar.

— Mantenha Josephine trancada aqui no palácio. Diga que minha ordem é que não saia e muito menos receba visita sem prévio agendamento. Ela sabe quais as consequências se me desobedecer.

— Sim, senhor.

— Faça mais. Prepare um celular com rastreador e dê a ela. Também quero câmeras no corredor do quarto. Quero mantê-la debaixo dos meus olhos.

— Providenciarei.

24

O BEIJO DO INIMIGO



JOSEPHINE

Oito dias se passaram desde o falecimento do rei.

Phelipo se enclausurou no quarto e eu também não saí para nada. Fiquei apenas nas imediações do palácio, como por exemplo a cozinha para papear com as cozinheiras e ajudar em algumas coisas, contra a vontade delas e da minha mãe, que não tolera meu lado simples.

Primeiro que veio uma ordem do duque para que eu não saísse, deduzi que ele queria me proteger diante do assédio dos repórteres e do povo. Confesso que até me senti bem com essa preocupação de Phelipo. E como eu não queria problemas para ele, fiquei quieta no meu canto.

E segundo que eu não estava mesmo disposta a ir a lugar algum. As meninas vêm até mim sempre e tenho minha mãe para conversar.

Phelipo me deu um celular novo. Levi veio trazer. Fiquei muito feliz, sorrindo como uma besta para o aparelho três vezes melhor, mais bonito e mais caro que o meu antigo; o duque estava pensando em cada detalhe para não me aborrecer tanto.

A primeira coisa que fiz foi ligar para Bart, mas ele não atendeu e eu achei melhor deixar os dias passarem para eu tentar novamente. As noites são longas e solitárias e espero que ele esteja no mesmo poço de sofrimento que eu passo.

Hoje levantei às cinco da manhã. Perdi o sono e não conseguia ficar na cama. O motivo pode ter parecido banal — e de verdade é banal —, mas me deixou inerte e foi o suficiente para encher minha cabeça de pensamentos mais confusos do que eu poderia suportar.

Li até as duas da manhã. Me aprontei para dormir e por maldito costume fui à sacada dar uma última olhada nas estrelas e na paisagem noturna. Então eu vi Phelipo na varanda do quarto dele. Estava totalmente nu — o que me deixou em estado catatônico —, e o que veio a seguir fez meu coração saltar quase na boca. Uma mulher, só de calcinha e sutiã, apareceu no meu campo de visão e o abraçou por trás.

Alguém que nunca vi. Loira, alta, aparentemente bonita.

Saí rapidamente e fiquei recostada na parede com a mão no peito e os olhos arregalados. A respiração acelerada.

— Maldição — praguejei.

Eu não tinha nada a ver com a vida dele, todavia isso mexeu demais comigo. Eu não poderia

recusar as investidas dele e ainda impedir que ficasse com outras. — Persistentemente, eu tentava me convencer.

Phelipo é mulherengo e já deixou claro que não fica sem sexo. Por que eu ainda me espanto?

Foram infundadas as tentativas de explicar o que vi. Deitei na cama, mas a imagem de Phelipo com outra mulher não saía da minha mente, me fazendo ranger os dentes com ódio de mim mesma.

Agora, ainda escuro, entro na cozinha da casa que o rei preparou para o duque e eu, e usamos apenas uma noite antes de viajar.

Eu não queria pedir café da manhã, ou descer às oito para encontrá-lo na mesa da sala, talvez até acompanhado com outra.

Ele seria tão escroto?

Queria preparar meu próprio café, portanto não achei que tivesse problema.

Ligo a máquina de café e vou até a parede onde tem um painel digital. Escolho "Música" e eu posso conectar à internet e procurar meu artista preferido. Digito "pop" e escolho para tocar aleatório. Uma música com uma batida animada começa ecoando pela cozinha. Sorrio e vou procurar ingredientes para panquecas.

A cantora começa e eu olho para o painel na parede, semicerrando os olhos, desconfiada com a letra. É Mercy da Duffy.

"Eu te amo
Mas tenho que continuar verdadeira
Minha moral me deixou de joelhos
Estou te implorando, por favor, pare de jogar estes jogos"

Caramba! Dou a volta ao balcão. Indiretas musicais logo de manhã, não.

Começo a passar o dedo na tela procurando outra música e essa vai para o refrão:

"Você me deixou implorando por misericórdia
Por que você não me liberta?"

— Aham! Não mesmo. — Toco em uma qualquer da Jeniffer Lopez e me afasto de volta para a bancada. Já estou com a cabeça explodindo em confusão e não estou com saco para esse tipo de coisa.

Mexo rapidamente a massa líquida para fazer as panquecas, a frigideira já está posicionada e o café pronto.

— Já de pé, Satã?

— AAAH! — berro e a tigela de massa líquida quase voa longe. Ainda consigo segurá-la e impedir que derrame mais do que foi em meu braço. Phelipo está recostado no batente da porta me assistindo e eu não sei há quanto tempo ele está aí.

Dá uma risada gostando por ter me dado um susto e se senta em um dos banquinhos da bancada. Está vestindo apenas calça de moletom, chinelos e as malditas meias vermelhas.

Não ria, devasso. Estou com ódio de você.

Espera aí! Ódio por que mesmo?

Droga, não posso sentir ódio de um cara que tecnicamente não me interessa nem um pouco e que não me deve explicações.

— Está com raiva de mim?

— Não. — Limpo meu braço na torneira da pia e taco de volta a frigideira no fogão com mais força que a necessária. — Por que estaria?

— Não sei. Porque você é uma Satã e pode me ferir com seu tridente infernal a qualquer momento.

Ele está tentando ser amigável. Completamente abismada, fito-o. Está com um sorriso enorme e um olhar divertido, me observando, adorando me provocar.

— Alteza, tenha certeza que se eu tivesse um tridente ele já estaria devidamente inserido no seu honrado cu. Me deixe em paz.

Phelipo se dobra para frente, gargalhando e me prendendo — sem que fosse sua intenção — à sua boca bonita. Que filho de uma vaca. Eu sou mais vaca ainda pelo que estou prestes a dizer, devia ficar calada, mas já percebemos que perto dele minha boca não tem freios.

— Está feliz por ter tido companhia essa noite? — Phelipo observa eu jogando a massa na frigideira. Pego a espátula. Caramba! Olha em que me resumi: uma mulher que se mostra preocupada com as sem-vergonhices de um patife.

— O quê?

Olho para ele por cima do ombro e apenas faço um gesto de indiferença.

— Deve estar falando da massagista que sempre vem. Onde a viu?

— Tenho uma vista linda do meu quarto, qualquer fotógrafo pagaria uma fortuna para ficar lá na espreita.

— Estava me espiando, Santa Josephine? — Ele zomba e eu tenho vontade de meter a panqueca quente em sua cara.

— Ah, vá te catar. Estou pouco me importando para quem você convida para dormir. Tenho namorado, lembra?

Ele para de rir, fica um pouco sério e balança a cabeça assentindo.

— Ela não dormiu comigo. — Começa a falar. — Foi embora as duas e meia da manhã. Ela vem, faz massagem na minha perna e, às vezes, quando estou interessado, massageia outras partes.

Porco desgraçado.

— Hum. Que bom. Espero que sua perna esteja maravilhosa.

— Você é horrível sendo sarcástica. Me serve um café, por favor. Puro.

Sirvo café em uma caneca para ele e coloco à sua frente. Depois, quando termino as panquecas, sento ao lado de Phelipo para comer. Estou faminta e o dia está nascendo. Ele desligou a música dizendo que odeia barulho pela manhã. Digitou algo no painel e as janelas abriram com as persianas.

— Gostou do celular? — Ele olha para o aparelho na bancada e lambe o garfo melado de mel. A língua enorme para fora passando de um lado para outro.

Eu devia me preocupar porque de repente sinto tesão por línguas?

— Sim. Adorei.

— Que bom. Se quiser sair ou precisar ir em algum lugar, Levi te acompanhará.

— Okay. Como você tem passado? — pergunto enquanto como. Me refiro à morte do pai dele, claro. Ficamos muitos dias sem nos ver.

— Bem. A tristeza ainda é dolorosa, mas tem que aceitar.

— Sim. A superação chega. E sobre as decisões do país? O que decidiu?

— Nada ainda. Vou me reunir com o conselho da coroa e com governadores.

— Hum... faça isso.

Ficamos calados comendo, como o típico casal que toma café da manhã juntos. Até reviro os olhos diante dessa ideia.

— Posso te fazer uma pergunta pessoal? — Escondo uma mecha de cabelo atrás da orelha e o fito.

— Já te falei que são vinte centímetros duro.

Tenho vontade de esmurrar essa cara irônica dele. Respiro fundo, conto até três mentalmente e continuo:

— Por que usa meias fofas vermelhas?

Ele olha para os pés e depois para mim, sorrindo.

— Comprei duas caixas. Tenho pés e mãos gelados desde pequeno. Não consigo dormir sem meias.

— É algo sério?

— Não. Apenas uma disfunção nas artérias que não levam sangue o suficiente para essas partes e se torna mais forte em lugares frios, como aqui em Turan. — Ele vira o resto de café na boca e faz uma cara safada, mostrando que vai falar merda: — Por outro lado, tenho partes no corpo muito bem irrigadas, ficando quase sempre... volumosas.

Me levanto, levando as louças e colocando tudo na máquina de lavar. Bufo nervosa por ouvir essa petulância. Quando me viro, berro:

— AAAH! — Phelipo está bem perto de mim, me encurralando com seu corpão. — O que está fazendo? — Toco no peito dele para empurrá-lo. Grande erro. É duro, quente e gostoso de tocar.

— Vou te dar duas opções.

— Me deixe passar, Phelipo. Pra porra com essas opções.

— Olha a boca. — Ele segura minha garganta. — Opção um: vou te beijar. Opção dois: você pode adiantar e me beijar. As consequências por desobediência, você já conhece.

Eu nem tenho tempo de respirar. Ele se curva para cima de mim e sua boca toca na minha.

Não tive como não tocá-lo. Phelipo me puxa para abraçar e acabo apoiando as mãos em seu peito. Em um acesso de fúria, mordo seu lábio e ele se afasta rapidamente, rindo. Maldito.

— Então você morde. Agora fiquei mais interessado. — Enfia a mão nos meus cabelos na parte de trás, segura possessivamente meu corpo e volta a me beijar.

Seus músculos me circundando e seu cheiro são tão bons que me dá vontade de chorar, tamanha minha fraqueza. Sem falar no gosto do seu beijo com o adicional da barba e bigode. Nunca pensei

que beijar um homem com barba pudesse fazer isso comigo.

Dentro de mim um furacão leve de sensações se forma e quando ele encosta o volume da calça em mim, meu sangue ferve fazendo todos os meus poros se agitarem. O homem emana luxúria.

Nunca achei que eu pudesse odiar uma pessoa e gostar do beijo dela ao mesmo tempo. Phelipo está me mostrando coisas até então desconhecidas, como por exemplo, sentir tudo dentro de mim explodir impiedosamente com o toque dele. Coisa que, mesmo namorando, eu ainda não tinha sentido.

Quando Phelipo se afasta, puxando meu lábio inferior com o dente e sorrindo adorando minha reação, eu quase caio, se não fosse o balcão. Arfando, miro seus olhos.

— Vou te levar para jantar. Levi informará quando.

— Eu não...

— Você não tem escolha dessa vez. — Ele acaricia minha bochecha como se eu fosse um gatinho fofinho. — É algo importante para você, que precisa ver. Irá me agradecer.

Ele vira as costas e pega a bengala encostada num banquinho, me deixando atônita.

— Phelipo. Como assim? Como importante para mim?

— Algo sobre serviços sociais, coisas das duquesas. — Ele sorri bem convincente, me deixando mais tranquila. Fico parada, vendo-o mancar até a porta e piscar para mim antes de sair.

Se contar ninguém acredita: meu marido me beijou depois do café da manhã, me deixando mexida e confusa, pois tenho um namorado que amo.

25

NOITE DE DIVERSÃO



JOSEPHINE

— E foi isso. — Termino de narrar para Allegra tudo sobre a ousadia de Phelipo hoje mais cedo.

— Ele te beijou de novo? — exclama perplexa, me deixando nervosa. — Que safado! — Ela está sentada de pernas cruzadas na minha cama, me assistindo pentear meus cabelos em frente ao espelho. Allegra sempre me dá apoio, mas dessa vez não soou tão verdadeira na ofensa ao duque.

Passei a manhã remoendo o desaforo do patife e por sorte Allegra apareceu para me ver e foi obrigada a sentar e receber toda a história que eu tinha para despejar.

— Ele me deixa louca. É bipolar. — Gesticulo furiosamente com a escova. — Uma hora age truculento, daqui a pouco já está rindo e sendo carismático. Não sei lidar.

E o pior era a confusão dentro de mim, gostando do que deveria ser errado.

— Em ambos os casos está sempre gostoso. — Ela aponta esse detalhe, olhando para o teto despistando. Após um sopro lento de rendição, volto a olhar o espelho.

— Demais. — Jamais pensaria que concordaria com isso.

Todavia, já aceitei o fato de que tudo em Phelipo me atrai, me causando pânico. Sua loucura — que o faz ser ousado e não se importar com regras —, seu ar misterioso — aquela expressão que ninguém nunca sabe o que ele vai aprontar —, sua ironia — que dá ódio, mas o deixa muito lindo sorrindo de modo bem cretino — e, claro, o corpo.

Hoje de manhã senti como é bom tocar nele, os músculos são rígidos como eu imaginava, a pele quente e cheirosa. E a boca... me fez perder o equilíbrio. A língua grande e os lábios macios me deixaram sem ar e toda trêmula por dentro. Completamente à mercê dele. E pelo volume nas calças, não pude duvidar dos tais vinte centímetros.

O que está acontecendo comigo, meu Deus?

A porta do meu quarto se abre sem uma anunciação de quem seja. Nem me dou ao trabalho de assustar. Só minha mãe entra sem bater.

— Olá, Allegra. — Ela olha sorridente para Allegra. Minha mãe é pura alegria depois que nos mudamos para cá e eu passei a fazer parte da família real. Ela não consegue esconder que gosta do luxo, dando assim a ideia de que seja oportunista. Phelipo ainda não se dá muito bem com ela e tenta ignorá-la para não arrumar problemas.

— Olá, senhora D'Angelo. — Allegra se ajeita sentando ereta na minha cama.

— Querida — minha mãe sorri amplo e vem até mim —, a Zoe foi escolher um vestido para você, me contou que vai jantar amanhã com o duque.

Então será amanhã? Que surpresa.

— Sim, mãe. Eu vou. — Reviro os olhos prevendo a comemoração dela.

— Que maravilha! Então vocês estão se dando bem? — Me encara pelo espelho.

— Na medida do possível. — Termino de escovar os cabelos, penteando para o lado. Talvez eu corte, não sei ainda. Gosto da cor, mas o tamanho é muito grande. Zoe me disse que eu não poderia mexer nele sem antes consultar meu marido. Era o que me faltava, estamos na era medieval e não estou sabendo.

— O almoço será daqui a pouco. — Minha mãe anuncia. — Allegra, almoce com a gente.

— Claro que sim. — Ela aceita no mesmo instante, uma vez que já tinha se autoconvidado dizendo que queria ver como era um almoço no palácio.

Eu não disse a ela que é rotineiro: Phelipo com cara de tédio olhando torto para minha mãe, que conversa durante a refeição toda. E eu calada querendo apenas engolir o mais rápido possível para me levantar.

— Então nos encontramos lá embaixo. — Minha mãe acena para a gente e sai, nos deixando sozinhas.

— Então vai jantar com ele? Não me contou hein, alteza?

Com indiferença, ergo os ombros. Me levanto e viro um pouco as costas para o espelho, conferindo meu cabelo bem penteado. Fiz um ótimo trabalho, nunca irei aceitar um bando de mulheres vir mexer nele só porque sou duquesa.

— Phelipo disse que é apenas para eu conhecer essas coisas sociais que duquesas e princesas fazem.

— Jantar burocrático — analisa. — Você está precisando de diversão verdadeira.

— Como?

— Quer esquecer isso um pouco? — Allegra pula da cama com o celular na mão, deixo meu cabelo de lado e encaro-a curiosa.

— Esquecer o quê?

— Tudo sobre o duque e essa confusão que está em sua mente. Espairecer um pouco, viver. — Pontua cada palavra com animação, até sorri para se fazer mais convincente. — Você está precisando.

Semicerro os olhos, desconfiada. Todo cuidado é pouco com essas minhas amigas.

— O que está propondo, Allegra?

Ela vira a tela do celular para mim. Está com um sorriso gigante. Com sobrancelhas erguidas, olho para a cara dela e em seguida para o celular.

É a foto de um lugar todo iluminado com um nome luminoso acima: *Heaven*[1].

[Heaven[1]: Céu, paraíso, em inglês.]

Nem queria perguntar, uma vez que já posso imaginar do que se trata.

— O que é isso?

— Vai inaugurar hoje. É mais que apenas uma boate ou uma casa de shows. É um espetáculo em Del Rey. — Ela faz propaganda do lugar com um olhar iluminado e sonhador.

— Não posso ir. — Ignoro a proposta e me afasto.

— Como assim?

— Phelipo acha melhor que eu não saia. — Sem muita convicção, explico enquanto arrumo uns livros na estante, que estavam na poltrona. — Creio que por causa do assédio dos repórteres e do povo.

— Ah, Josephine, pelo amor de Deus. Ouça o que você está dizendo. Desde quando decidiu acatar as ordens ridículas do duque?

— Eu só não quero trazer problemas e deixá-lo furioso. — Passo a mão nas lombadas dos livros, tendo certeza que estão bem alinhados. Allegra já está ao meu lado e me obriga a encará-la, segurando em meus ombros.

— Okay, você vai como uma mulher normal e não como duquesa, ou princesa, sei lá o que. Sem fazer alarde. Não precisa falar com a Zoe ou com Levi. Phelipo está enfiado no quarto dele e nem vai saber.

De braços cruzados, encaro-a, refletindo. Estou mesmo precisando sair um pouco, não aguento mais ler, andar pelo pomar, papear com as cozinheiras e maldizer meu destino.

— Vamos, Jojo, meu pai conseguiu convites. É amigo de um dos sócios.

— Um barzinho, talvez? — sugiro.

— Não. Na Heaven será melhor, estará lotado, tem as luzes, o show, ninguém nem vai prestar atenção em você.

Puxo todo ar que consigo e já me tremo por dentro em antecipação, toda temerosa com o que pode acontecer se eu fizer algo assim, tão imaturo para uma duquesa.

— Uma hora apenas. — Allegra advoga em defesa de sua proposta. — Saímos daqui às oito e voltamos às nove.

***

Sim. Eu aceitei.

E ainda por cima fui obrigada a escolher minha roupa em frente à câmera do computador para Allegra aprovar.

Nunca tinha me sentido tão delinquente em toda minha vida.

Ela brigou comigo por causa das opções que eu sugeri. Queria algo mais marcante. Essa foi a palavra usada.

Já estava fazendo coisa errada demais, não iria colocar algo indevido. Se bem que Zoe acabou com todas as minhas roupas que julgou descabidas.

Na cor chumbo e com mangas de renda indo até o antebraço, o vestido é conservador e moderno. Sua saia rodada tem comprimento até os joelhos e não há decote. A gola reta de renda chega até meu pescoço.

Deixo os cabelos soltos, partidos de lado e jogados nos ombros e costas. Na orelha exposta um brinco discreto de pérola.

Por sorte, ninguém me pega no flagra quando saio na surdina, espiando pelo corredor para ver se a barra está limpa. Esperei o horário do jantar para escapar. Em minutos eu já estou dentro do carro do pai de Allegra e, como se estivéssemos fugindo, ela bate no volante.

— Depressa, Matt. Rápido!

É Matthew, o Pernalonga? Eu não estava acreditando na petulância de Allegra.

Matt pisou no acelerador e quando o carro já está em movimento, olha para mim do retrovisor.

— Boa noite, alteza.

— Hoje ela é apenas Jojo. — Allegra avisa e vira para trás, sorrindo.

— Uma hora apenas. — Lembro a ela. Dá um sorrisinho pirracento, me mostrado que não será apenas uma hora. Deus ajude que Phelipo esteja bem ocupado e que minha mãe não dê por minha falta.

— Sem bocão vermelho, sem credibilidade. — Susan saca um batom de sua bolsa e aponta para mim.

— Sou proibida de usar cores fortes. — Coloco culpa nos protocolos reais só para esconder meu verdadeiro motivo, que é não gostar de chamar atenção para mim.

— E vai mesmo concordar com isso? — Ela cutuca meu braço com o batom. Não recebo.

— Escutem vocês, eu já estou fazendo demais saindo sem avisar, à noite, sozinha sem meu marido...

— Uhuuu. — Elas zombam juntas em uma vaia odiosa.

— Olha como a duquesa está toda obediente com o homão dela. — Susan cantarola mostrando os dentes.

— Então agora chama ele de marido... — Bernadete ironiza.

— Calem essas bocas, suas megeras! — berro saindo dos eixos.

— Sim senhora, alteza. — Allegra zomba e dá uma gargalhada. Até Mathew riu, mas quando vê minha cara fechada, fica sério.

Chegamos à boate e ainda estou de cara virada para as três. Mathew vem logo atrás como se fosse nosso guarda-costas.

Nossa entrada é liberada sem nenhum contratempo, assim que Allegra apresenta os convites.

Bom Cristo! Eu estou pasma.

Não frequento muitas boates para ter uma base de comparação. Fui apenas uma vez em uma, no aniversário de Bernadete. Mas essa tem tudo que o nome propõe: um verdadeiro paraíso.

Levanto os olhos e me flagro sorrindo encantada para o teto côncavo que é um céu noturno com estrelas que parecem de verdade. Os lustres são feitos de milhares de bolinhas de cristais, o que dá a

impressão de que são gotas caindo.

— Gostou? — Allegra acompanha meu olhar.

— É lindo.

— Olha tudo à sua frente.

Passeio os olhos pelo lugar. Não é aquela boate lotada que não dá para se mexer. É algo muito requintado, luxo puro. As pessoas estão muito bem vestidas, mostrando que são de um nível social bem superior.

Nesse primeiro ambiente em que estamos, tem poltronas altas brancas, mesinhas para duas pessoas, sofás de couro branco, e muita luz de led azul, no piso e nas paredes.

Garçons passeiam com bandejas de champanhe e até parece uma festa em uma mansão.

No andar superior tem mais coisas, daqui de baixo dá para ver as pessoas rindo e conversando e a música vem de lá, provavelmente onde fica a pista de dança.

— Vamos nos sentar. — Allegra puxa a mão de Matt e nós três a seguimos ocupando um sofá esplendidamente macio, daqueles curvos que rodeiam o canto da parede.

Estou me sentindo livre. Como se os problemas tivessem ficado fora daqui.

— O que vão beber? — Um garçom praticamente brota em nossa frente.

— Uma...

— Não servem água aqui, Josephine. — Susan me interrompe e volta sorrindo para o garçom. — Traga Piña Colada para ela.

— O quê? — Entro em pânico.

— Relaxa. — Bate na minha perna. — Você vai gostar. — O garçom nem pergunta se eu vou querer mesmo o drinque e anota. Matt pede uma cerveja sob o olhar reprovador de Allegra e as três meninas pedem Margarita.

— Eu não posso beber, Susan. Não faça mais isso — critico-a e ela nem se importa, apenas dá de ombros. Bernadete não concorda e intervém:

— Que chato vir a uma boate e não beber. Piña Colada é leve, não vai causar danos.

Decido não discutir. Suspiro e olho meu celular. Nenhuma chamada, graças a Deus.

— Allegra, querida, nos conte essa história direito. Sobre você ter tido companhia essa noite. — Susan atiça. Eu fico desconcertada, pois Matt está aqui. Allegra deixou que ele dormisse no quarto dela essa noite e creio que deveríamos debater sobre isso longe dele.

Matthew ri e dá um beijo em Allegra.

— Eu sempre dou meu jeito, ué. Não vou ficar sem meu pobretão gostoso.

Nós rimos, inclusive Matthew que não liga nem um pouco.

— Visivelmente, Allegra se inspira na animação da Disney, “A dama e o vagabundo”. — Bernadete comenta.

— E como conseguiu burlar a segurança do seu pai para ele entrar? — indago.

— Pela janela do quarto dela. — Matt explica sem nenhum pudor. — Sou amigo dos seguranças. Eles sabem do caso e até me desejaram sorte dizendo: “Acabe com ela, garoto!”. Afinal, sou um representante da classe trabalhadora fodendo alguém da elite.

Sinto que sou a única enrubescida no meio de todos, que riem como hienas. Allegra encontrou o par perfeito.

Ela está nesse momento abraçando o pescoço de Matthew, adorando tudo isso.

As bebidas chegam e eu preciso mesmo de algo para refrescar. A tal Piña Colada não me decepciona. É feita de rum, leite de coco e abacaxi. Céus! É delicioso.

Espero não ficar bêbada.

26

PRESSIONADA



JOSEPHINE

Depois de mais outra Piña Colada e uma Margarita para experimentar, eu estou mais solta. Fomos para o andar superior e sentamos em outro sofá enquanto Mathew e Allegra foram para a pista dançar. Os dois têm uma química incrível. Estão compenetrados um no outro, dançando bem perto e dando beijos de língua a todo instante. Impossível olhá-los e não lembrar de Bart e eu.

Tiro o celular da bolsa, já são quase dez. Engulo seco e tento chamar a atenção de Susan e Bernadete.

— Meninas, precisamos ir — falo alto para elas escutarem. — Já tem duas ligações da minha mãe.

Sem se importar, Bernadete arranca o celular da minha mão.

— Vamos ver o que temos aqui. — Ela diz e Susan curva para cima espiando o celular. — O que acha de passarmos um trote para Bart? — Vibra achando essa a melhor ideia. A aflição me toma.

— Não, nem pensar. — Tento tomar o aparelho, mas ela o levanta com o braço esticado.

— Por que não? — grita — Deixa de bestagem, Josephine. Apenas vamos ligar, rir da cara dele e depois você se desculpa e ainda dá boa noite a seu amado.

— É. — Susan concorda. — Liga logo — incentiva Bernadete.

— Meninas, parem com isso. Deixem o Bart em paz. — Nem faço mais força para impedir, não digo a elas que esse número de Bart não atende mais, consta como inexistente. Ainda tenho que ir à casa da mãe dele pegar um novo número.

Elas tentam e quando veem que nada acontece ficam com cara de tacho. Eu sorrio quase vitoriosa, todavia o sorriso morre na minha boca dando espaço ao terror quando Susan diz:

— Vamos passar trote no Phelipo.

— Não! — berro e pulo, ficando de pé. Tento arrancar a todo custo o celular da mão dela, entretanto as duas lutam me afastando.

— Calada, Josephine. Vou acionar o bloqueador de identificação. Ele nunca vai saber. — Bernadete age como meliante.

Sem ter como brigar, sento ao lado delas completamente desesperada. Rindo como duas vadias, elas encontram o nome dele.

— Não faça isso, Bernadete, devolva meu celular. Vou ficar com muita raiva de você.

Maior tola sou eu que ainda tento dialogar com pessoas teimosas e com alto teor de álcool no sangue.

— Xiu. Já está chamando. — Ela empurra meu rosto.

— O quê?

Susan coloca o dedo nos lábios para eu me calar.

Com as batidas do coração suspensas, fico dura apertando os dedos, quase me sentindo tonta enquanto elas esperam atender; já está no viva-voz.

E ele atende.

Mesmo com o som alto, dá para escutar.

— Oi. — Sua voz é séria e grave. Começo a tremer.

— Oi alteza. Como está? — Bernadete cantarola — Onde está o papel?

— O quê? Quem está falando? Que papel? — Meu Deus! Esse timbre dele evidencia que as coisas não estão boas.

— O papel que você veio enrolado, bombonzinho! — Bernadete berra, rindo em seguida.

Arregalo os olhos mortificada diante dessa insensatez sem tamanho. As duas choram de rir, um pouco altinhas pelas bebidas.

Estou sem reação. Susan toma o celular de Bernadete e fala:

— Alteza, você faz aula de canto? Não? Então vamos ali no canto que eu te dou uma aula.

— Ah, já chega! — grito e tomo o celular da mão dela. Coloco no ouvido e parece que o barulho da boate está ecoando no telefone, o que é muito estranho. Como se Phelipo estivesse... aqui?

— Que bonito, hein, duquesa? Sozinha na noite passando trote para seu marido.

Puta que pariu!

Quase tenho um ataque. Com o meu pulo do sofá, meu celular acaba voando longe, me viro e dou de cara com Phelipo acompanhado de três homens: Levi e outros dois enormes que não conheço. Está com o celular na mão e me olhando muito feio. Completamente puto da vida.

Lascou. Olha a cara dele.

— Phe... Phelipo? — gaguejo. As meninas já levantaram e estão ao meu lado, também apavoradas. — Como me encontrou?

Puta merda. Até Levi me olha com raiva.

— Não era para te encontrar? — Ele retruca e dá um passo em minha direção.

Miro Bernadete e em seguida Susan e corro os olhos em volta observando o local cheio de gente, como se eu pudesse ter um lugar para onde fugir. A presença de Phelipo me deixa tensa, causando uma inquietação no meu ventre.

Mais à frente, atrás de uma parede de vidro, as pessoas pulam enlouquecidas na pista de dança. Tem telões de led nas paredes e o teto parecendo ser feito de gelo, reflete as pessoas.

— Pra casa, Josephine. — Phelipo ordena como se eu fosse sua filhinha de cinco anos.

Claro que eu tenho que ir embora. Extrapolei minha cota essa noite. Saí sozinha vindo para uma

boate, dando brecha para inúmeros problemas para a casa real, bebi e ainda deixei que passassem trote no duque pelo meu celular. Entretanto, não acho justa essa pose dele.

Tudo que ele já me fez, chegando até a me humilhar, cobre minha mente e eu nem percebo quando discordo.

— Hum... acho que não. — Abaixo, pego meu celular e enfrento Phelipo. — Vou voltar com as meninas.

— Como é que é? — Coloca as mãos na cintura contorcendo as feições, com pura raiva.

— É isso — desafio sem medo. A Piña Colada me deu coragem. — Eu não vim com você, sou adulta e sabemos que não se importa comigo. Não queria estar casado comigo, e não creio que dê importância para o que eu faço, com quem fico ou beijo. Está apenas tendo um surto de capricho. — Me sinto até mesmo leve por ter descarregado as palavras na cara dele.

— Jojo... — Susan alerta, apertando meu braço. É como se eu estivesse cutucando um leopardo e ela tentando me impedir de ser tão imprudente.

— Beijou alguém, Josephine? — Phelipo rosna.

— Não. — Cruzo os braços diante dos seios. — Mas posso beijar.

Ele sorri e se empertiga, como ele sempre faz quando está furioso. Seu sorriso é estranho, algo malicioso, demoníaco eu diria, mostrando que adorou ser desafiado.

— Eu vou te dar duas opções. — Ele fala e isso me revolta. Na verdade, a cara linda dele me revolta. Eu não deveria achar esse cara tão gostoso.

Que saco!

— Enfie suas opções no local onde o sol não bate. Vamos, meninas. — Puxo uma delas, nem sei quem foi, e praticamente corro entre as pessoas, indo me refugiar atrás da parede de vidro, bem no meio da pista de dança.

— Vadia louca! — Susan grita morrendo de rir.

— Ele vai te matar, Josephine! — Bernadete também berra já começando a pular ao som de uma música da Sia, automaticamente me fazendo balançar junto, afinal está segurando minha mão. — Meu Deus, eu queria tanto ver o duque te pegar. — Ela gargalha me fazendo gargalhar também.

A petulância com a qual tratei Phelipo faz minha adrenalina subir quase a níveis de cocaína e, quando me dou conta, estou dançando Cheap Thrills da Sia com as meninas. Elas, completamente loucas, fazem coreografia de Macarena numa música que não tem nada a ver.

E eu as acompanho.

Baby I don't need dollar bills to have fun tonight

(I love cheap thrills...

Querido, eu não preciso de grana para me divertir hoje

(Eu adoro uma diversão barata)

Bernadete canta a plenos pulmões a música, agora fazendo coreografia de Single Ladies, da Beyonce.

Eu rio, me viro e dou de cara com dois belos rapazes se aproximando da gente. Um deles segura um copo de bebida. Eu fico tímida inicialmente, entretanto no meio do povo pulando, eu posso ver um ser maligno, parado, com olhos em brasa me fuzilando.

Caralho! Phelipo está plantado no meio da pista de dança me encarando; eu deveria fugir, mas como sei que ele odeia ser contrariado, arranco o copo da mão de um dos rapazes e tomo em um gole só, fazendo careta sentindo o álcool rasgar minha garganta. Em seguida, fico de frente para o desconhecido, aceitando a dança dele.

Entretanto, recuo. A covardia bate na porta quando, cego de ódio, Phelipo avança em minha direção. E eu corro, sem rumo, entre o povo.

Agora a música é uma deliciosa batida indie com remix, da Lana Del Rey.

Sinto minhas pernas pesadas, e as pessoas à minha frente parecem se duplicar. Vou abrindo espaço empurrando todo mundo e a voz suave e preguiçosa da Lana canta:

"...Porque sou louca, amor
Preciso que venha aqui e me salve
Sou sua pequena Scarlet, estrelinha..."

E eu rio e continuo correndo, vejo de relance Levi parado me fitando e ele olha para trás de mim e eu sei que Phelipo está perto.

O cara manca de uma perna e mesmo assim vai conseguir me alcançar? Que droga!

Meu coração explode várias vezes como um louco e, infelizmente, não tenho chance alguma.

Mãos fortes me seguram e no mesmo instante me empurram para uma parede. O povo em volta está louco demais para se importar.

Facilmente Phelipo me segura por trás, enrola meus cabelos em sua mão e fim. Estou presa contra a parede, sentindo o volume imenso em sua calça me cutucar.

Ai não! Fui pega na blitz dos 20 centímetros.

Céus! Isso com certeza não é normal. O cretino fica de pau duro quando está morto de raiva, descobri esse detalhe da forma mais devassa possível.

— Você está fodida, garota. — Ele ofega.

— Ah rá. Me conte uma novidade.

— Vou te fazer entender que deve me respeitar.

Minha vontade era de bater nele e em mim, pois quando abaixou a boca e mordeu meu pescoço, minha parte devassa ganhou vida e gritou no meu ouvido para eu mandar Bartolomeu se danar e chupar esse homem todinho. Todavia, minha racionalidade apenas mostrou como Phelipo é perigoso, cretino e desordeiro, e que eu devo me segurar e controlar esse desejo obsceno.

Ele desce sua mão e pousa na minha bunda. Estremeço porque é algo impensável para mim. Sem parar de morder meu ombro e pescoço, a mão de Phelipo entra por baixo do meu vestido.

— Abra. As. Pernas — sussurra no meu ouvido. Não abro, mas ele força com a dele, me deixando exposta para sua mão, que chega à minha calcinha.

Tento me retrair fechando, todavia ele é enorme e forte e me mantém assim.

Meu Deus! Isso não pode estar acontecendo, o que eu mais temia: sentir meu corpo aflorar com as poucas vergonhas dele.

— Hoje mesmo estará na minha cama — murmura. — E me certificarei que irá implorar quando a cabeça do meu pau preencher devagarinho sua boceta. Vai querer sentir cada centímetro, mas terá que merecer. — Me contorço, e me arrepio por completo quando ele vira meu rosto para trás e beija minha boca de uma forma crua, verdadeira, forte demais. Sua língua quente adentra minha boca aberta e é muito delicioso seu beijo possessivo.

Sinto seus dedos massageando, por cima da calcinha, meu sexo quase dolorido. Ele apenas provoca sem ir mais fundo e ri com isso, adorando o efeito que está causando.

— Bem molhadinha. Toda para mim.

Phelipo me vira de frente e nosso olhar se colide. Fogo puro me atinge, me fazendo suspirar. Os lábios dele são convidativos, eróticos e muito sexys, rodeados por uma barba perfeita.

Suas características me fazem molhar entre as pernas, uma vez que é tudo muito intenso. Seu corpo musculoso, seu cheiro único, sua constante cara de mau, de rebelde. E eu deixo que me beije novamente. Dessa vez o seguro forte, abraçando-o. Meu rosto entre suas mãos e meu fôlego quase expirando por conta de sua boca grande sobre a minha.

Me agarro ao último pontinho de dignidade.

Ele só se afastou porque criei coragem e vergonha na cara e levantei meu joelho, indo certeira em suas partes. Phelipo se assusta, se curva e coloca a mão entre as pernas.

Eu estou tremendo, tonta, sem saber o que fazer. Mais cedo ou mais tarde ele vai conseguir o que quer, porque eu dou brecha. Como um lobo que consegue sua presa.

Com o rosto contorcido de raiva e dor, ele me segura e vocifera:

— Amanhã, depois do jantar, vai me pagar caro. Traga ela. — Ordena para Levi. Me deixa recostada na parede, e sai mancando mais que o normal, por causa da perna e agora pelas bolas doloridas. E eu me deixo ser levada por Levi e seus homens. Será que fui longe demais?

Me sinto de alma lavada por ter chutado ele, mesmo sabendo que vou me ferrar amanhã.

***

Mas essa não é a realidade quando chego em casa e sento na minha cama olhando para um ponto qualquer na parede. Uma lágrima desce do meu olho e limpo imediatamente. Phelipo não vai me dar o divórcio. A promessa dele hoje e o tal jantar para assuntos sociais são provas disso.

Além do mais, vou acabar cedendo, pois ele me atrai.

Não tenho outra solução.

Corro para meu closet, pego uma mala pequena e nem limpo mais as lágrimas. Apenas vou colocando o máximo de coisas que consigo.

Em seguida, saio do quarto e vou até a ala dos empregados. Eu conheço quase todos e tenho uma relação muito próxima com eles.

Bart não atende minhas ligações e a mãe dele não vai querer me dar o endereço. Mas consigo com um dos guardas, além de fazer um aliado. Ele vai me ajudar a sair agora de madrugada do

palácio. Sem falar que precisarei sacar todas as minhas economias para voar até Andrômeda, a quase mil quilômetros daqui.

Volto para meu quarto, escrevo um bilhete para minha mãe e deixo sobre a cama.

Não vou continuar aqui batendo de frente com o duque. Não vou pagar para ver, posso sair destruída desse joguinho. Preciso de alguém que me ame e me acolha nesse momento tão difícil. Preciso de Bart.

27

QUEM COM FERRO FERE...



PHELIPO

— O povo precisa de uma resposta, alteza. Sabemos que acabou de passar por uma perda, todavia o país necessita de uma liderança, para não darmos espaço a oportunistas. Pode não querer o título de príncipe, mas o senhor é e precisa assumir o trono, como novo rei de Turan.

Alguém está falando atrás de mim, e as palavras não me fazem refletir. Estou de pé em frente à janela, de costas para a mesa de reuniões preenchida por membros do conselho real e governadores. Minha mente está na noite de ontem e em tudo que envolve Josephine.

Minha raiva atingiu proporções inimagináveis. Jamais esperaria algo assim dela, entretanto, quando Levi veio me avisar que as câmeras captaram a saída de Josephine, eu deixei de confiar no bom senso dela. Seguimos o sinal do celular dela até a porra da boate, encontrando-a em estado vergonhoso. Uma duquesa, possivelmente futura rainha, se portar daquele modo, inaceitável.

Claro que eu não sou a melhor pessoa para julgá-la, entretanto as coisas erradas que faço são sempre longe do público. E o pior é que ela, além de errada, ainda me enfrentou e foi debochada.

Odeio deboche. Aqui apenas eu posso ser debochado.

Não deixo de lembrar a mim mesmo que ela vai pagar pelo chute que me deu. Farei Josephine se arrepender de ter me desrespeitado daquela forma.

— Alteza, se quiser mais tempo para pensar no que irá fazer, deve ir à frente do povo e se pronunciar, dando esperança para nossos compatriotas. — Outra pessoa fala e nem me viro para ver a cara deles.

Olho para a aliança em meu dedo e tento não me revoltar mais do que já estou. Me sentir assim por causa de uma mulher é algo impensável. Sou um homem experiente e nunca me deixei levar por sentimentos tão fúteis, capazes de tirar qualquer nocividade de um homem.

Exceto, é claro, Mariah. A única a me tirar dos eixos; e parece que existe uma cópia — em personalidade — tão semelhante àquela que me encantou um dia.

— Alteza...?

Me viro e olho para as pessoas em volta da mesa oval.

Ir embora de Turan e deixar o circo pegar fogo é o meu desejo, mas isso seria pisotear na memória do meu pai e do meu irmão. Está em meus ombros o dever de carregar esse país e não posso decepcionar mais ainda as duas pessoas que mais me amaram e que morreram em consequência de minhas ações egoístas.

— O que deve ser feito? — questiono e me sento à cabeceira da mesa.

Um senhor, o mais velho de todos à mesa, se anima por eu demonstrar interesse e se prontifica para falar:

— O saudoso senhor seu pai já te nomeou junto ao operador histórico e ao órgão eleitoral, ainda em vida, como príncipe dinástico, portanto isso não pode mais ser revogado, a não ser por sua morte ou renúncia.

Assinto tentando não parecer perplexo por saber que não sou mais um duque. Meu pai mexeu os pauzinhos dele e me deu, oficialmente, o título de príncipe.

— E devo acrescentar que conforme a lei, o senhor já está a frente do povo como rei. Antes da coroação, o parlamento desse país deve ser reunir para assegurar a legitimidade de sua linhagem.

— Como assim?

— A monarquia de nosso país segue a lei da sucessão agnatícia-cognitiva, que nada mais é que a prioridade de herdeiros do sexo masculino em ordem de primogenitura. Só depois que acabarem todas as opções, as mulheres são levadas em conta.

— Um tanto retrógado isso, não?

— Sim. Foi assinada pelo seu bisavô. Uma vez que não queria que a filha irresponsável dele herdasse o trono.

— Que coisa. — Rio de deboche.

— Para resumir, deve ser confirmado pelo parlamento que não existe um herdeiro antes do senhor.

— Não existe — afirmo em tom quase ameaçador. O homem engole seco e assente rapidamente.

— Sabemos, alteza. É apenas uma questão burocrática. Aconselho a fazer um breve pronunciamento deixando claro a sua condição de príncipe e novo rei de Turan, logo após a coroação.

— Façam isso.

Nesse instante a porta da sala se abre e Levi aparece, um pouco pálido e apreensivo. Quando ele me fita, sei que aconteceu alguma coisa.

— Levi? Precisa de alguma coisa? — indago.

— Perdoe-me, alteza, mas preciso de um segundo da sua atenção.

Me levanto, apoiando na bengala, peço licença aos presentes e saio da sala.

— O que houve?

— A duquesa. — Ele demonstra apreensão em me contar tudo de uma vez, isso é nítido.

Porra!

Fecho os olhos e acaricio a testa. Josephine disposta a tirar minha paz uma hora dessas da manhã. Quando eu a castigo, acha que sou mau.

— O que ela aprontou? — questiono com urgência.

— Ela fugiu do palácio.

— O quê?

— Sim. Não vimos as imagens da câmera mais cedo, e só agora a mãe dela descobriu um bilhete de despedida. Ela saiu com uma mala às cinco da manhã.

Cacete!

Olho no relógio, são oito e meia.

— Como ela conseguiu sair sem ninguém ver? — Gesticulo exasperado, sem me importar que possam estar escutando meus gritos. — Que espécie de caralho de palácio é esse que deixa essa mulher sair duas vezes, sem qualquer intervenção?

— Ela teve ajuda de um guarda, pude ver pelas imagens das câmeras. — Levi fala baixo, quase balbuciando. — Josephine é amiga de muitos funcionários.

— Demita tudo! Esse miserável vai se ver comigo. Quem se virar contra mim nessa porra não receberá clemência.

Levi apenas assente, pronto a me obedecer.

— Olhou o rastreador do celular?

— Sim senhor, o sinal vinha do aeroporto internacional...

— Caralho! — rosno sentindo a raiva me abraçar e ando rápido, sem rumo, saindo no corredor. Levi me segue. — Mande interromper todos os voos. Agora!

— Receio que é tarde demais, alteza. Ela já embarcou em um voo para Andrômeda. E tudo indica que foi atrás do soldado Bartolomeu.

— AAH! — Meu urro assusta Levi, que dá um pulo para trás quando ergo minha bengala e em movimento de taco de basebol, acerto com toda força um vaso de porcelana em um canto do corredor.

Os cacos voam pelos ares com um estrondo seco.

Eu vou acabar com essa filha de uma vaca!

Meus planos caíram por terra. Hoje eu iria mostrar a Josephine todas as provas da traição de Bartolomeu, com a ajuda de Nádia. Era minha chance de fazer Josephine recuar e me olhar com outros olhos. Entretanto, agora, prestes a descobrir a verdade por trás de tudo, ela vai querer me atacar.

Todavia, não darei chance alguma a ela. O ódio que estou sentindo será necessário para trazê-la de volta arrastada. Ninguém me desrespeita nesse nível e sai impune. Fugir para ir se encontrar com outro homem é a maior das ofensas contra minha honra e preciso agir rápido, antes que ela consiga alguma coisa.

28

XEQUE-MATE



JOSEPHINE

Consegui embarcar graças ao meu título de duquesa. Prometi que o usaria uma última vez, afinal, em breve, eu estarei divorciada. Assim que eu chegar, ligarei para Phelipo e o ameaçarei: ou me dá o divórcio ou a mídia saberá que tenho um caso extraconjugal. Ele é um homem arrogante e não vai aceitar que pese sobre ele o rótulo de corno.

Não tive outra escolha senão me fazer de arrogante e ordenar que me dessem uma passagem. Eu jamais faria algo assim se não fosse necessário.

Algo aconteceu com o dinheiro em minha conta. Tudo que eu juntei por longos anos para meu casamento e a construção da casa, praticamente sumiu. E eu sei que foi Phelipo que raspou minha conta para que eu fosse totalmente submissa a ele. Desgraçado!

Eu não podia voltar atrás, então fui arrogante e a companhia aérea não se recusou a me deixar embarcar de graça. Tenho dinheiro apenas para um almoço e estou guardando para a condução, quando chegar em Andrômeda.

Sorrio completamente aliviada e feliz da vida. Posso visualizar minha vida de agora para frente. Ficarei com Bart até que ele possa voltar para Del Rey e então casaremos quando eu estiver livre. Nossos planos se concretizarão.

Na primeira classe do avião, recosto na poltrona e fecho os olhos, sorrindo absoluta. Já arranquei a aliança do meu dedo e guardei na bolsa, nunca me senti mais independente.

Sei que Phelipo vai dar chilique, querer partir pra cima de mim, entretanto serei obrigada a usar o caso dele e Mariah para chantageá-lo e fazer com que deixe eu e Bart em paz.

***

Foram mais ou menos quatro horas de viagem. São quase mil quilômetros, mas para o amor, não existe distância. Soube disso quando desci do avião completamente sorridente; e não foi difícil pegar um táxi. Aqui eu sou apenas Josephine, e não uma duquesa. Esse peso tirado de minhas costas é libertador. Até deixo a janela do carro aberta para sentir o ar da cidade.

Meu celular toca mais uma vez e vejo que é minha mãe. Sorrio e ignoro a ligação. Phelipo não ligou uma vez sequer. Deve estar com o ego ferido, além das bolas pela joelhada que dei ontem.

Rio sozinha e o taxista me olha pelo retrovisor.

Coloco a mão nos lábios, escondendo o sorriso. É apenas felicidade e emoção do reencontro, meu senhor. Não me julgue.

Confiro mais uma vez o endereço no papelzinho quando o táxi para diante de uma casa muito luxuosa, quase uma mansão. O motorista saiu batendo a porta e foi pegar minha mala. Muito grosseiro.

Creio que deve ser por causa da chuva que começou. Ainda está fraca, mas o céu todo escuro mostra que virá um temporal.

A casa fica em um bairro alto da cidade, onde só existem casas de porte elegante e isso me causa muita estranheza, uma vez que Bart é apenas um soldado assalariado.

— Tem certeza que é aqui? — pergunto ao taxista. Rudemente, ele toma o papel da minha mão e olha.

— Número 37, rua di Giuseppe, bairro das Alamedas. É aqui, alteza.

— O... quê?

— O mundo todo te viu pela televisão e nas revistas. Espero que o príncipe e você tenham projetos decentes para o país.

— Na verdade...

— Isso é tudo? — Ele me encara com tédio, mostrando que acabou o papo.

— Sim. Está dispensado.

Espero ele sair e então ajeito minha roupa, subo a pequena escada, sopro longamente e bato a argola dourada da lustrosa porta de madeira negra.

Bart deve estar morando de aluguel, com alguns amigos. A construção é estilo vitoriana, com um belo jardinzinho aberto à frente; toda ornada de tijolinhos brancos com portas e janelas de madeira escura.

Bato novamente e em segundos uma voz feminina grita: "Já vai!". E quando a porta se abre, eu recebo um golpe tão forte que preciso me segurar no batente para não cair.

— Nádia?

Ela não está tão diferente de mim. O pânico toma seu rosto e torna-se lívida como papel.

— Josephine...?

— Sim. O que está fazendo aqui? Em Andrômeda? Nesse endereço que me deram como sendo de Bart?

— Ah... — ela fica totalmente sem chão —, eu acho que se enganaram quanto aos endereços, amiga... Veio sozinha? — Olha porta afora. — O duque...

— Nádia! — berro em pura aflição. — O que está acontecendo? O que está fazendo aqui?

— Porra. — Ela murmura e massageia as pálpebras. — Josephine, você precisa ir... — Aparentemente desiste de encenar.

— Eu não vou para lugar algum. — Empurro-a e entro na casa já gritando: — Bart! Está aí? Amor...? — Não ando dois passos, recebo um puxão pela gola do meu vestido que até escuto o barulho de tecido rasgando, me viro para Nádia e ela está completamente transtornada.

— Saia da minha casa! — grita.

Mais revoltada ainda, empurro-a. Meus olhos arregalados presos em suas feições contorcidas de raiva. E não entendo o porquê da raiva dela.

— Você tinha que ter essa ideia mirabolante, não é, sonsa?

Fico completamente sem fala. Isso é muito surreal para minha mente assimilar. Estou sozinha e completamente de mãos atadas, sem saber que rumo tomar.

— Nádia. Deixe-a. — Escuto a voz atrás de mim e giro nos calcanhares; foi quase em câmera lenta. Quando vejo Bartolomeu, sinto uma sensação tão ruim que julgo ter sintomas de desmaio, bem pior do que desmaio, na verdade. Minha visão até fica turva.

— Bart...! — murmuro, quase sem voz, com a mão na boca. Os olhos, por pouco, não saltaram das órbitas, tamanha minha perplexidade. Minha pulsação é como batidas de tambor ecoando na cabeça.

— Phelipo me ligou para que eu saísse de casa, pois você estava chegando. — Ele começa a falar, com uma voz pesada, porém tranquila. — Ele não queria que você descobrisse tudo, não dessa forma — explica calmamente, me olhando sem nenhum apreço. Como se eu fosse apenas uma intrusa em sua vida.

— Bart... — Soluço já em lágrimas. — O que está acontecendo?

— Josephine, preciso que entenda.

— Entender?

— Eu não pude te esperar. Nádia e eu... — Ele engole o restante da frase e nem precisa continuar. Eu já percebi tudo. Mais dilacerante que uma facada no peito.

— Ai meu Deus! — Choro com a mão na boca, encarando-o; ele mantém apenas a expressão de "sinto muito".

Nádia passa por mim e se posta ao lado dele, se apoiando em seu ombro. No meu namorado. O homem que eu amei desde sempre, que eu lutei para que ficássemos juntos, que foi o principal motivo que me deu forças às noites enquanto eu estava no colégio interno, morrendo de saudade.

O homem que teve meu coração e minha pureza e agora pisoteia nos dois, bem na minha cara.

— Desculpe... eu vou me casar com Nádia.

Estou de cabeça baixa, gotas de lágrimas pingando no assoalho. A traição é uma das piores dores. A facada roda dentro de mim quando ouço isso, que vai se casar... com minha amiga. Ex-amiga.

— É isso aí, alteza. — Ela ironiza. — Já viu o que tinha de ver, agora saia, antes que tenha que te botar para fora.

— Nádia. — Ele reclama.

A dor que estou sentindo é tanta que me causa falta de ar.

— Josey... — Bartolomeu murmura e, como se fosse ligado um interruptor, a dor da traição é substituída por ódio maciço, como eu jamais senti. Meu rosto arde com a raiva, minha espinha vibra pela fúria.

Deixo a bolsa cair no chão e levanto o rosto para eles. Estão me assistindo como se eles fossem as vítimas.

Nem me dou conta do momento que arranco com toda velocidade, diminuindo a distância entre

a gente; Bartolomeu defende o tapa de um lado, mas não consegue se esquivar da outra bofetada que veio logo em seguida.

Ele é alto e ágil e não pude feri-lo muito, entretanto foi o necessário para distrai-lo e eu me virar contra Nádia. Ela não teve a mesma agilidade e o soco que dei em sua cara a fez desequilibrar-se, bater a cabeça na parede e cair de joelhos. Posição perfeita para eu puxar seus cabelos ao menos por segundos, uma vez que Bartolomeu me puxou.

E eu, aos gritos: — Morra, vadia! — Me ver agindo assim nunca tinha me vindo sequer em suposição.

— Está louca, Josephine? — Bart grita comigo e se abaixa para socorrer a naja vagabunda e não vejo oportunidade mais perfeita de levantar meu joelho com toda força e atingir a boca dele. Foi pego desprevenido, o filho da puta. Até dou um passo para trás e olho para a porta aberta, para fugir a qualquer momento.

Os dois estão conscientes, mas caídos no chão. Ele coloca a mão na boca, vê se tem sangue e fica de pé, furioso.

— Quer saber? Eu nunca te amei! Só estava com você para conseguir a posição na guarda real, que a burra de sua mãe providenciou. É a verdade que quer ouvir? Pois essa é a verdade! — Eu me afasto a cada palavra que ele cospe com palpável ira, até me recostar na parede e olhá-lo de rosto levantado; agora, não só a raiva me abraça, mas também o medo e o rancor. Não consigo segurar as lágrimas por cada palavra que Bart joga em minha cara.

— E quer saber mais? — Ele berra totalmente fora de si, com o semblante carregado e transfigurado pela possessão da raiva. — Phelipo, aquele desgraçado, armou tudo isso. Ele descobriu que eu e Nádia tivemos um caso quando você estava fora, e não perdeu a oportunidade de vir nos chantagear.

Essa informação é nova.

Nádia se levanta, massageando a nuca que deve estar dolorida.

Eu mantenho as duas mãos no peito, encarando Bartolomeu.

— Phelipo queria você livre para ele, me disse com todas as letras que eu não tocaria e nem falaria com você, senão eu seria expulso do país. — Ele está bem perto me mantendo pressionada contra a parede, com o dedo na minha cara. — Enquanto você brincava de princesa, ele foi até minha casa e mandou eu escolher: ou vinha embora com Nádia, para que ele tivesse provas de minha traição, ou então minha vida estaria acabada.

— Se você aceitou... é porque queria ela...

— Cala sua boca! — Ele berra me fazendo calar. — Ele não tem nada a perder, é um homem bilionário e praticamente manda nesse país, olha bem para mim, não sou ninguém. Ele nos ofereceu dinheiro e comprou essa casa para a gente. E ainda prometeu à Nádia uma posição de destaque no mundo da moda. Ou aceitávamos sua bondade e embarcávamos no joguinho dele, ou éramos dizimados.

Olho para minha bolsa no chão e nem tenho forças para me abaixar e pegá-la.

Bartolomeu se vira impaciente, visivelmente descontrolado, passando as mãos pelos cabelos. Eu apenas choro.

— Eu não queria te ferir, Josephine, juro que não. Mas seria impossível uma vida juntos. De

uma forma ou outra, Phelipo sabia que eu gostava mesmo da Nádia. Agora, por favor, pegue suas coisas e vá embora. Eu e minha noiva temos um trato com o duque e não queremos problemas com ele.

Juro que se eu tivesse uma arma, eu o mataria agora mesmo, e iria feliz para a cadeia. Entretanto, o que posso fazer sozinha aqui? Lutar contra um homem desse tamanho e que tem treinamento do exército? Tive sorte em atingi-lo. O que resta é pegar os cacos de minha dignidade e ir mesmo embora.

Ir embora. Para onde?

Eu não tenho outra casa, não tenho outra pessoa para me acolher. Bem que Phelipo disse que me faria implorar. E agora chegou o momento. Tenho certeza que ele usará isso para me humilhar e me fazer implorar para eu estar novamente no meu quarto, com minha mãe.

Limpo minhas lágrimas, pego minha bolsa no chão e dou uma última olhada para os dois. Estou destruída.

Caminho para a porta, mas algo me vem à mente e agora faz todo o sentido. Bart tinha acesso à minha conta bancária.

— Você pegou meu dinheiro?

Ele sorri cinicamente.

— O que é aquele valor perto de tudo que você tem no palácio? Não seja muquirana.

Desgraçado. Saio na porta e a chuva está bem forte. Nem Bart ou Nádia se importam. Batem a porta às minhas costas.

Outro soluço deixa meu peito durante o choro compulsivo. Tenho que voltar para o aeroporto e pedir para viajar novamente de graça. Não tenho dinheiro nem para comer.

Saio correndo, puxando a mala no meio da chuva e me refugio debaixo da marquise de uma casa. Estou ensopada.

Abro a bolsa e conto o dinheiro. Eu não contava com imprevistos e gastei com táxi em Del Rey e aqui quando cheguei. O que restou dá apenas para um café.

Passo a mão no rosto molhado de lágrimas e chuva, pego meu celular e penso em ligar para Allegra. Ela pode fazer uma transferência bancária para minha conta, sei que ela vai me ajudar.

Todavia, meu celular está com sinal bloqueado. Não entendo o que está acontecendo. Não faz chamadas e uma mensagem aparece na tela quando tento:

"Esse aparelho foi bloqueado para chamadas. Favor solicitar o desbloqueio na central de segurança da sua operadora".

Merda! Berro revoltada e jogo ele dentro da bolsa. Preciso esperar a chuva passar para procurar um telefone público.

Me sento em um cantinho, escoro na mala e me encolho tremendo de frio. Os pensamentos autoflagelantes, as lágrimas e a tristeza acabam me cansando e durmo sem perceber.

Acordo com chutes na minha perna. Pulo, ficando de pé, em um sobressalto, arrumando depressa meus cabelos.

— Ei, precisa sair daqui. — É um segurança. Olho para a rua, ainda chove forte e já está um pouco escuro. Cheguei aqui na cidade meio-dia, por certo já devem ser seis ou sete horas; ou a

escuridão é só pela chuva mesmo.

Olho para o homem e ele não parece me reconhecer como duquesa. Afinal, nesse estado lamentável estou longe de parecer uma princesa. Eu poderia usar meu título para conseguir coisas. Uma hospedagem ou comida. E não tenho outra saída a não ser fazer justamente isso.

Algo que está completamente fora da minha ideologia. Usurpar de direitos que não considero meus.

Não digo nada. Pego a mala e sem nenhuma pretensão apenas caminho de cabeça baixa pela rua deserta. A chuva fria me ensopa novamente em segundos, deixando meus cabelos grudados no meu rosto.

O bom é que ninguém vê minhas lágrimas incessantes.

Ouço um barulho, é um carro que se aproxima. Ele vai perdendo a velocidade, e o vidro da janela desce quando chega ao meu lado.

— Entre no carro, Josephine.

É Phelipo. Nem preciso me virar para ver. Essa voz está profundamente marcada em mim. Não digo nada, continuo andando puxando a mala e o carro emparelhado comigo, indo devagar.

— Josephine, seja boazinha e entre na porra do carro, agora! — O tom de voz dele eleva e mesmo assim não respondo. Que se dane! Já estou na merda mesmo. Não tenho mais nada a perder. Phelipo venceu, ele disse que me deixaria destruída, implorando por migalhas e é onde estou.

— Garota, eu não quero ter que molhar minha roupa. Entre no carro, cacete!

Apresso meu passo, mas o carro continua em minha cola. A raiva cresce cada vez mais em mim. Minha mente acha que se Phelipo não tivesse ido chantagear Bart, hoje eu teria um namorado.

Mas por ironia, tenho apenas um marido.

— Okay. Vamos lá. — Ele diz e de canto de olho vejo ele tirar o terno dentro do carro. — Você pode entrar no carro sendo obediente e tudo ficará bem, quer dizer, quase bem. Ou pode teimar, esperar eu sair na porra da chuva e te trazer à força. E se isso acontecer não quero estar em sua pele mais tarde.

Foda-se. Eu pago para ver. O carro para, a porta se abre e Phelipo desce, sem a bengala.

Merda! Que porra de homem é esse que não dá trégua?

Apresso o passo, mas ele me pega facilmente. Mesmo mancando, ele sempre consegue me pegar. Acho que nesses momentos fica com tanta raiva que a dor na perna some.

Levi pega minha mala e minha bolsa enquanto eu sou carregada nos braços.

— Me largue! Socorro! — berro desvairada, mas sem sucesso. Não tem ninguém na rua em uma chuva como essa. Ele me joga dentro do carro, Levi entra à frente e arranca.

— Seu desgraçado! — berro e avanço para cima de Phelipo, desferindo golpes nele, mesmo que nenhum pegue em seu rosto, e continuo como uma boxeadora treinando. Ele me segura, mas estou possessa demais para me deixar ser presa, me chacoalho tentando me soltar.

— Josephine! — grita comigo.

— Por que fez isso? — Pronto. Já perdi a razão chorando. Passando vergonha na frente dele. É isso que ele quer, me ver nessa situação. — Por que fez isso? — Torno a gritar. — Por que foi chantageá-lo? Por que tem que acabar com a vida das pessoas? Será que não pode sentir um pingo de

empatia pela felicidade dos outros? Olha para mim, ou o que sobrou de mim, é isso que te dá prazer? Me ver nessa situação? O que eu sou aqui além de seu fantoche?

Surpreso com minha explosão de lágrimas, ele me solta e fica apenas me encarando. E nem desvia mais dos meus socos. Acerto seu peito, pescoço e Phelipo apenas me observa. Meus braços perdem a força, eu os deixo caírem no meu colo e choro copiosamente.

O carro avança pelas ruas, a chuva batendo nos vidros e, no interior, nada além do som de meu choro.

— Ele nunca te mereceu. — Phelipo sussurra e eu tiro os cabelos do rosto, levantando os olhos para fitá-lo. Está me encarando com uma expressão que nunca tinha visto antes. Seus olhos azuis até parecem tristes. Então ele me puxa para seus braços.

— Me largue! — Tento me soltar, entretanto Phelipo não deixa.

— Cala a boca, Satã. — Foi uma ordem suave, sussurrando mansinho. Ele me aperta muito forte em seus braços. Sou pequena em relação a ele e facilmente me ajeita em seu colo; nossos corpos estão molhados, mas é reconfortante.

— Cala essa maldita boca, pois ele não merece. — Faz cafuné no alto da minha cabeça e sussurra: — Precisa ser forte para encarar o que está por vir. Não te darei trégua, seremos nós dois de volta ao jogo.

Soluço com o rosto no peito dele e desisto de lutar. O cheiro de Phelipo me inebria fazendo meu corpo reviver lembranças e isso cria uma sensação de lar, de estar a salvo, como se eu tivesse voltado para casa.

E essa é a maldita verdade: não tenho para onde fugir. Phelipo é meu lar.

— Fique quietinha. — Acaricia minhas costas. — Você agora é toda minha e eu zelo pelo que é meu.

29

DE VOLTA AO JOGO



JOSEPHINE

O carro para diante de um luxuoso hotel e imediatamente um funcionário vem correndo com um guarda-chuva para nos receber. Espio pelo vidro olhando para o alto, admirando a altura imponente, todo de vidro. Discretamente, acima das enormes portas de entrada, o nome em letras garrafais prateadas: Graham Plaza Hotel.

Algo em torno de oito homens fardados estão plantados na frente do hotel. Dois deles correm e tomam posição de guarda no carro. Cada um segurando armas longas. Levi deve ter contatado as forças especiais de Andrômeda para virem fazer a segurança do duque.

O funcionário do hotel oferece o guarda-chuva para Phelipo e ele me puxa, abraçando meu ombro para compartilharmos o mesmo guarda-chuva, entrando comigo. Apesar do terno dele em volta do meu corpo — o qual fui obrigada a colocar porque, segundo Phelipo, eu poderia me resfriar —, ainda estou tremendo e acho que nem é tanto pelo frio. O nervosismo balança meu corpo.

Encostamos no balcão de mármore e metal para fazer o check-in; as pessoas ao redor estão atentas, pois nos reconheceram. A recepcionista escolhe seu melhor sorriso para mostrar a Phelipo.

— Alteza, é uma honra recebê-los.

— Eu quero um quarto, separado — digo imediatamente. Phelipo me olha como se eu tivesse acabado de dizer que as adaptações para o cinema são melhores que o livro. Ele nem se dá ao trabalho de discutir, porque provavelmente está achando uma gigantesca afronta. Volta a olhar para a bela recepcionista e diz:

— Uma suíte presidencial e um quarto ao lado, para Levi, um amigo que viaja conosco.

Isso me impressionou; por mais arrogante e filho da puta que o Phelipo seja, ele não rebaixa Levi como lacaio ou criado, o que com certeza minha mãe faria. Acho que minha mãe nem se preocuparia com hospedagens para empregados.

Ainda me mantendo contra seu corpo, ele recebe a chave, dá uma assinatura rápida em um papel e saímos em direção aos elevadores. Os funcionários agitados, prontos para servir a maior autoridade do país. Um deles chega à frente e aperta o botão do elevador.

Incrivelmente, parecendo truque de mágica, chegamos e Levi já estava lá dentro com dois homens fardados. Paramos e ficamos esperando eles fazerem uma rápida vistoria dentro da suíte. Levi sai e assente para Phelipo e só então podemos entrar.

Eu não sou acostumada com luxo, apesar de morar há algum tempo no palácio, e cada vez me impressiono mais com lugares assim. Tudo à minha frente é preto e dourado. O chão é preto lustroso e em volta, nas gigantescas janelas, tem cortinas de tecido leve dourado. Passo a mão no sofá preto; é fofo, assim como o tapete. São dois sofás grandes e quatro poltronas, com uma mesinha de vidro oval no centro. Os lustres e luminárias altas nos cantos dão uma claridade sublime e a televisão parece apenas uma placa de metal negro posicionada em um painel preto.

Eu continuo no mesmo lugar, abraçando meu corpo e tremendo. O funcionário deixa minha mala no quarto e diz que em breve alguém subirá para arrumar no closet.

Phelipo o dispensa e vem até mim.

— Vá tomar um banho, não pode ficar molhada. — Sua voz é macia e diria que educada até.

— Não quero dormir no mesmo quarto que você.

Ele revira os olhos e se afasta já arrancando a camisa molhada. Eu fico embasbacada com o desprezo que ele dá a meus protestos e mais ainda por vê-lo se despir assim, sem nenhum comedimento. Se senta em uma poltrona e se livra dos sapatos, desses tão perfeitos que provavelmente são costurados a mão. Se levanta e caminha para a outra sala — que é uma sala de jantar —, desabotoando o cinto e ordena: — Já para o banho, Josephine. Não me faça vir te buscar.

Suspiro, desabo no sofá curvada para frente com o rosto entre as mãos. Não tenho mais lágrimas para chorar, apenas uma tristeza profunda me abraça. Meu coração está partido, é como se eu tivesse perdido um ente querido.

Bart estava em um pedestal que eu construí só para adorá-lo. Era meu foco de vida, por ele eu lutava e tinha forças para resistir, o amor que eu nutria era o combustível para meu ânimo; só quem ama sabe como esse sentimento é forte, capaz de segurar a pessoa em seus momentos mais dolorosos, e nem todos compreendem como o amor nos faz mais esperançosos e otimistas, uma vez que almejamos a felicidade em dobro.

Entretanto, eu não era correspondida. O meu verdadeiro e único amor jamais foi mais que uma ilusão.

Não sei quanto tempo fiquei de cabeça baixa lamentando minha vida decadente. Só levanto o olhar quando Phelipo diz:

— Acho que você gosta mesmo que eu te pegue. — Ele está molhado, com uma toalha ao redor da cintura. Já tomou banho.

Ele dá um passo e eu me levanto.

— Okay — digo e recebo um de seus sorrisos maliciosos.

Vou para o quarto, passando pela sala de jantar e por outra salinha pequena com duas poltronas e uma estante de livros. A suíte mais parece uma casa.

O quarto me impressiona. É imenso e tem espelhos e vidro por todo lado. As paredes são claras e apenas uma, atrás da cama, é negra. Um belo quadro impressionista decora a parede escura.

Olho para minha mala e abaixo para escolher uma roupa. Antes de entrar no banheiro, tenho uma visão rápida da bunda dele. O safado arrancou a toalha e caminhou tranquilamente pelo quarto.

Eu me pergunto por que eu não fechei a porta e fui cuidar da minha vida, em vez de ficar espiando da fresta. Phelipo pega o telefone do quarto e, quando a pessoa atende ele pede roupas, creio que deve ter uma loja nesse hotel.

— Cueca boxer, sem costura, tamanho G. — Então ele me flagra. Arregalo os olhos e bato a porta, não antes de ver o sorriso arrogante brincar em seus lábios.

Puta que pariu! Ele me pegou no pulo, espiando. Agora que o ego explode para valer.

Eu demorei bastante no banheiro, acho que em uma tentativa inútil de tentar ser forte. Não estou conseguindo, o baque que recebi hoje me deixou em estado de inércia profunda.

Fiquei alguns minutos debaixo do superjato do chuveiro, sentindo a água quente em minhas costa e cabeça. Não adiantou nada. O desânimo circulava em meu corpo junto com o sangue.

Me visto, penteio meus cabelos e quando saio, Phelipo está sentado na cama, só de cueca, passando um spray na perna e massageando. Os pedidos dele já chegaram. Há um carrinho com pacotes de roupas e algumas ataduras.

Só agora posso ver de perto a situação de sua perna. Tem uma enorme cicatriz de cirurgia que começa no fim da coxa, passa pelo joelho e desce até a canela. Sem falar que dá para ver como ela é um pouco torta no joelho.

— Uma prótese de metal no fêmur, patela e menisco de silicone e parafusos internos na tíbia. — Ele diz, sem se virar para mim, todavia ciente de que estou observando. Termina de passar o spray e pega uma das ataduras. — Às vezes gostaria de ter amputado.

Ouvir isso me causa uma estranha sensação de apreensão e empatia por ele.

— E mesmo assim... ainda dói? — indago, baixinho, um pouco tímida.

— É suportável. A coisa fica feia quando eu me esforço. As cirurgias não reconstruíram tudo, ainda tem partes danificadas pelo acidente, entretanto não desejo passar por mais procedimentos.

Ele termina de enfaixar a perna e pega ao seu lado um pacote de meias aparentemente fofas como as dele, mas listradas de preto e branco. Sei que ele não trouxe nada para a viagem e deve ter pedido no serviço de quarto. Decide não vesti-las ainda e se levanta.

— Já pedi nosso jantar. Vou fazer algumas ligações, fique à vontade.

***

Quando o jantar chega, saio do quarto e me deparo com Phelipo vestindo um robe preto de seda, sentado à mesa enquanto é servido por um funcionário do hotel. Me sento também e à minha frente é colocado um prato de cordeiro ao molho de vinho tinto acompanhado de palmito pupunha assado e puré de abóbora com especiarias.

— Sem entradas. — Phelipo me explica. — Estou faminto e pedi apenas o prato principal.

Concordo e provo um pouco do puré. Estou sem um pingo de fome, não sinto nada além de tristeza e dor pela traição.

De cabeça baixa, sinto lágrimas deixarem meus olhos e limpo rapidamente com um guardanapo.

— Eu não quero ver você chorando por causa de um filho da puta. — Phelipo sibila e eu levanto os olhos para ele.

— Você nunca amou. Não sabe mesmo o que estou sentindo. Não tem a ver com Bartolomeu, vai além disso.

Seus movimentos ficam suspensos, segurando o garfo paralisado, me encarando com expressão de choque. Algo como ter levado um soco sem esperar. Pela primeira vez vejo Phelipo sem reação. Ele se recupera rapidamente, corta um pedaço de cordeiro e mastiga devagar.

— Sabe, Josephine, as valas em meu caminho me ensinaram muita coisa, me moldaram para o que sou hoje. Meu pai dizia que se a gente não aprende no amor, aprende na dor. Se Bartolomeu te amasse, ele teria enfrentado tudo, pois o amor é isso. Passa por cima de leis, da família, de um país inteiro, a pessoa se torna refém desse sentimento, disposta e entregar tudo de si para ter a pessoa amada.

Arrepiada, engulo seco, quase tendo certeza que ele está se referindo a si próprio e seu caso tórrido com Mariah. Phelipo esteve mesmo disposto a tudo por ela?

Volto o foco para meu caso e murmuro:

— Você obrigou o Bart...

— É mesmo? E você aceitaria estar com um homem que mente para você?

— Eu não saberia que ele mentia...

— Portanto, acha que seria melhor se manter cega? Garota, não se iluda. — Ele limpa os lábios, me fitando seriamente. — Ele poderia negar minha proposta, ir atrás de você contar tudo e propor para fugirem juntos, viver de amor, porque quando se ama, o resto será acrescentado. Ele teve medo de perder a posição na sociedade, o dinheiro, a vida boa. Você precisa acordar para a realidade e seguir em frente quando seu grande amor te deixa em segundo plano.

Mais uma vez, sinto que ele fala de si próprio, tamanha é a tensão em sua voz, noto inclusive que seus dedos seguram com força desnecessária a taça.

Abaixo a cabeça e olho para meu prato, quase intocado. Ele tem razão. Bart roubou meu dinheiro e isso não foi uma ordem de Phelipo, ele roubou porque nunca teve caráter. Ou será que estou enganada? Ergo meu rosto e Phelipo ainda me encara e eu poderia jurar que vi uma sombra de revolta passar em seus olhos.

— Mandou limpar todas as minhas economias? Para eu ficar mais ainda dependente de você?

Ele descansa os talheres no prato, pega a taça de vinho e recosta na cadeira, sem desviar um milímetro sua visão de mim. Calado, com seu costumeiro maxilar enrijecido.

— Estou esperando você olhar para minha cara e decidir se eu sou ou não a porra de um moleque. Tenha certeza que se eu fizesse uma merda dessa para te deixar submissa, eu já teria usado isso a meu favor.

Desvio o olhar e mordo forte meu lábio inferior. Mais uma vez ele tem razão. A culpa do roubo é toda do Bart e chegar a essa conclusão me dói mais ainda. Como ele pôde? O dinheiro da nossa casa, nosso casamento.

— Me conte que porra é essa, Josephine. — Phelipo me fita muito mais sério em sua pose imponente.

Não vejo motivo para não contar.

— Eu estava andando na chuva, já que não tinha dinheiro para voltar, comer ou me hospedar. Todas as minhas economias sumiram da conta... e Bart tinha senha de tudo. Depois ainda foi

debochado dizendo que eu não ia precisar do dinheiro, visto que... me casei com você.

Agora sim a expressão de Phelipo é o próprio Belzebu. Ódio o abraça.

— Depois de tudo que eu dei para ele, o filho da puta ainda te roubou?

— Deixa isso para lá...

— O cacete que eu vou deixar. — Ele se levanta, vai até a outra sala, pega o celular e pede para Levi ir buscar Bartolomeu e Nádia. Meu coração dispara ao nível de taquicardia. Pulo da cadeira e vou até ele:

— Phelipo, por favor, o que vai fazer?

— Encerrar de uma vez por todas esse assunto. — Ele volta para a mesa, se senta e volta a comer, agora mais rápido com movimentos quase truculentos, até para cortar a carne.

Quero correr e me esconder no quarto, não estou com vontade de olhar para cara de Bart novamente. E pela cara de Phelipo, esse encontro não será nada amigável.

30

MANDA QUEM PODE, OBEDECE QUEM TEM JUÍZO



PHELIPO

Eu não estou com um pingo de vontade de olhar para a cara do Bartolomeu. Na verdade, gostaria de bater nele, só não faço porque agora tenho uma imagem a zelar. Se fosse três meses atrás, o rosto dele estaria esmagado pelo meu punho.

Meu ódio por ele começou no momento que fiquei sabendo que era o namorado de Josephine, ela era minha futura esposa e estava apaixonada pelo estúpido? Nem a pau que eu deixaria. E agora o ódio extrapolou quando liguei, ordenando que saísse da casa imediatamente para ela não descobrir dessa maneira, uma vez que eu deveria contar, mas ele me desobedeceu. E isso é uma séria afronta.

— Não é melhor acabar com esse assunto deixando esses dois de lado? — O murmúrio temeroso me faz virar. Josephine ainda paralisada na sala, onde a deixei.

— Não. Ele não vai roubar a princesa de Turan e ficar por isso mesmo.

— Como é que é? Princesa...

Me levanto da mesa com uma taça de vinho e dou alguns passos em direção a ela. Me apoio em uma coluna da sala e fico observando-a. Josephine ainda está com olhos avermelhados por ter chorado bastante e se porta como um coelhinho acuado. Tenho que ensiná-la a ser mais confiante e cheia de si. Bebo um pouco de vinho.

— Descobri que meu pai me fez príncipe antes de falecer. Contra minha vontade.

— Então...

— Está olhando para o futuro rei dessa porra toda.

Josephine leva a mão à boca e não é apenas perplexidade que brota em sua face, os olhos brilhantes dizem que sua alma patriota acordou.

— Vai mesmo assumir seus deveres?

Faço um bico mostrando indecisão e meneio a cabeça, mexo o vinho com o dedo e chupo ele em seguida.

— Talvez. Quer me persuadir a aceitar? — Abro de leve o robe que uso, deixando-a ver meu corpo nu, apenas com uma cueca.

Não consigo mais que um sobressalto de susto e um revirar de olhos logo em seguida.

— Como será isso, Phelipo? Marcou a coroação? O povo já sabe?

Caminho até ela e passo o braço em volta do seu ombro.

— O pessoal do conselho já está tomando as devidas providências. Enquanto eu vinha, alguém se encarregou de anunciar que sou príncipe regente. Se eu desistir, meu tio assume e não darei a ele esse gostinho. Venha me acompanhar na sobremesa, princesa Satã.

Ela se afasta do meu abraço e já está sorrindo sonhadora.

— Então é verdade! Você aceitou seu povo, sua obrigação... Eu sabia que isso ia acontecer. Por favor, reveja o caso das fábricas de cimento e outros materiais como granito e quartzo, para devolver empregos à população. Também pode criar uma lei que beneficie as mulheres no âmbito...

— Ei. Calma aí, garota. Estou fazendo isso apenas por ego. Não estou a par de nada sobre o país. Vou nomear alguém para tratar dessas coisas.

— O quê? Você será o rei, não pode deixar o país ser levado de qualquer jeito.

— E não vai, minha querida. — Puxo a cabeça dela e lhe planto um beijo na testa. — Venha comer a sobremesa.

Ela continua paralisada, e agora posso ver uma breve revolta em seus olhos.

— Fique tranquila. Eu construí um nome e um império sozinho, longe daqui, sem precisar usar meu título para isso. Sou um bom administrador, darei conta do país e de minha acidental esposa implicante. Venha comer antes que eu vá te comer. Você decide.

Ela sabe que eu falo sério; sem nem discutir, volta a sentar no lugar dela e se serve da sobremesa.

***

Não demorou muito para Levi anunciar que Bart e Nádia estão aqui. Eu visto apenas uma calça de moletom e coloco novamente o robe por cima. Exigi a presença de Josephine na sala enquanto olho para a cara do casalzinho, mais amedrontados que ave em toca de raposa.

Levi volta do quarto acompanhado de Josephine, assente para a gente e sai da suíte.

Ela troca um olhar com Bartolomeu e isso me deixa mais possesso. Sei que não foi uma troca cúmplice entre eles, ela está triste e ele quase se borrando todo; mesmo assim isso mexe comigo.

— Sabe, tínhamos um trato. — Começo a falar, mas em uma tentativa de se safar, Nádia me interrompe:

— Alteza, fizemos tudo que pediu, e se ela foi falar alguma coisa, posso garantir que...

Eu nem precisei gritar para ela se calar, apenas meu olhar demoníaco a calou e fez o medo nascer em sua face.

— Por acaso, estava eu passando no meu carro e vi a Josephine andando na chuva sem ter um lugar para se refugiar ou dinheiro para ir embora.

— Ela veio para cá por conta própria. — Bartolomeu aponta para Josephine, a delatando. Isso alimenta ainda mais minha fúria.

— Sabe quem é essa aqui ao meu lado? — pergunto a eles, apontando para Josephine com o queixo.

Ambos olham para ela e de volta para mim. Ficam em silêncio e eu digo:

— A futura rainha de vocês. — Em seguida, berro: — E é assim que tratam a minha esposa?

Bartolomeu se torna mais pálido que um fantasma. Ele engole seco e seu olhar implora clemência.

— Perdoe-nos, alteza. — Nádia, que parece ter mais forças que ele, implora. Mas não vejo sinceridade em sua fala. Ela só quer mesmo fugir daqui.

Ando até eles, passeio em volta bem devagar e me posto novamente em sua frente, deixando-os ainda mais amedrontados.

— E não é só isso. Acabo de descobrir, para meu completo espanto, que essa mulher, a minha esposa, a futura rainha, foi roubada.

Nádia solta um "puta que pariu" bem baixinho e quase posso ver os olhos de Bartolomeu lacrimejarem.

— Você. — Aponto para ele. — Como integrante das forças especiais de Turan, diga a mim, o que merece uma pessoa que rouba a princesa?

Ele treme e seu olhar foge do meu, indo pousar em Josephine. Ela está completamente assustada com essa acareação. E posso ver que ela vai ceder vendo esse olhar de cachorro atropelado que Bartolomeu está fazendo.

— Eu te fiz uma pergunta! — Agora grito o mais rude possível.

— Por tudo que é mais sagrado, alteza. Eu não sabia... Me perdoe, apenas me deixe ir, eu imploro.

— Não é a mim que tem que pedir desculpas. É a ela. Rápido.

Ele assente em movimentos urgentes e junta suas mãos como em uma prece, mirando Josephine.

— Jo...

— Alteza. — Corrijo ele.

— Alteza, por favor, imploro perdão.

Isso eu quero assistir de perto. Ela mantém sua atenção toda nele e está também quase chorando.

Puta que pariu. Ela vai ceder.

— Apenas saia da minha frente. — E ela cedeu. Bartolomeu se empertiga, mais aliviado, olha para Nádia e os dois sorriem.

— Não acabou. — Rio, sádico. — Você não vai mais entrar em Del Rey, se não quiser ser preso.

— Sim senhor. — Ele concorda.

— E está demitido das forças especiais.

— O quê? Mas você tinha me prometido que...

— Se o trato fosse cumprido, como não foi. E nem irei interceder por ninguém no mundo da moda — digo a Nádia. — Se deem por vitoriosos por não serem presos. Josephine. — Olho para ela. — Me diga, concorda com minha punição quanto a ele ou devo deixá-lo no cargo aqui em Andrômeda?

Bartolomeu acha que tem ainda uma chance e se segura na última linha de esperança. Volta-se a ela.

— Josephine...

— É alteza, caralho! — berro e ele quase cai de susto.

— Alteza, por tudo que você ama, você me perdoou, interceda por mim.

Aperto meus dedos em punho e juro por Deus que se ela se compadecer com esse filho da puta, eu a punirei, terei que despejar minha raiva e ela será meu alvo. Mas não é o que acontece. Ela o enfrenta.

— Como quer servir ao seu rei e à sua rainha se horas atrás tinha me humilhado?

— Você sabe que esse sempre foi o meu sonho, por favor, reconsidere, foi uma briga de namorados...

— Ex-namorados. — Ela corrige e olha para mim. — Eu quero que esse homem nunca mais trabalhe para qualquer meio de defesa desse país. — Ela fixa os olhos em Nádia e conclui: — E que essa mulher seja riscada do mundo da moda. Quero os dois trabalhando para conseguir o sustento.

Assim que eu vejo o ódio no olhar dos dois, antecipo: — E se ousarem xingar a princesa na minha frente, a prisão os aguarda. Como dizem, manda quem pode, obedece quem tem juízo. Saiam.

— Você não é a mesma Josephine, deixou se corromper por ele. — Quase em prantos, Bartolomeu grita.

— Se eu estivesse corrompida, você nem estaria aqui falando. Pode acreditar, Phelipo não costumava fazer coisas legais. — Ela me fita e estou sorrindo, gostando dessa postura. Josephine vira e sai da sala e eu vou até a porta:

— Levi, nossas visitas estão de saída. — Junto com Levi, dois homens das forças especiais de Turan, residentes em Andrômeda, entram para tirar o casal da suíte.

— Espero que um dia morra engasgado com a soberba. — Bartolomeu me olha nos olhos para dizer isso e eu gargalho na cara dele.

— Não te disseram? Eu sou a própria soberba e quem queria provar um pouco e se engasgar com a soberba é sua namoradinha aí. — Pisco para Nádia. — Saia da minha frente.

Os dois homens precisam arrastar Bartolomeu, que grita insultos a mim, mas estou muito de boa para foder mais ainda com a vida dele. Apenas fecho a porta e viro essa página.

***

Tiro a calça de moletom, voltando a ficar só de cueca, e vou para o quarto; encontro Josephine sentada na cama com as mãos enfiadas nos cabelos. Ela está sofrendo, jogou na minha cara que eu nunca amei, mas não tem ninguém melhor que eu para entender o que ela sente nesse momento.

— Eu não irei dormir aqui. — Ela avisa pela terceira vez. Tranco a porta do quarto, puxo um pouco minha cueca e antes de jogar a chave dentro, sorrio e pisco para ela.

Aterrorizada, ela tenta se levantar, mas eu sou mais rápido e jogo-a para trás e, devagar, me ajeito por cima. Levanto seus braços prendendo-os no alto da cabeça, mantenho-os seguros com uma mão e a outra pousa em sua garganta. Ela me encara assustada, seus seios subindo e descendo em

consequência de sua respiração acelerada.

— O que vai fazer? Eu não quero transar com você.

— Calma. Não sou tão animal assim, vou respeitar seu luto pelo finado relacionamento.

Ela fica levemente aliviada, mas se enrubesce quando esfrego sensualmente meu pacote contra ela. Desço meu rosto e planto um beijo em seus lábios. Afasto para olhar seus olhos e sorrio por ver um brilho de excitação, o qual eu sou acostumado a reconhecer nas mulheres.

Volto a abaixar a boca e beijo-a de língua, molhado e gostoso. Josephine geme e tenta se mexer, mas é pequena e fraca embaixo de mim. Disposto a seduzi-la aos poucos, giro eroticamente meus quadris e sinto suas pernas abrirem mais, como se quisesse me posicionar melhor contra sua boceta.

Para comprovar que estou certo e ela vai ceder, solto suas mãos e imediatamente ela segura meus braços. Para o beijo, olha meu peito nu completamente ofegante e levanta os olhos, cravando nos meus.

— Você gosta de mim — concluo. Ela apenas respira rápido. — Hoje não farei nada, mas virá para mim por conta própria, te garanto. — Beijo o queixo dela, sorrio e na minha análise percebo que meu sorriso é algo que mexe bastante com ela.

— Tem uma frase do matemático e filosofo Blaise Pascal que meu pai sempre usava: "Eloquência positiva é aquela que persuade com doçura, não com violência, ou seja, como um rei, não como um tirano". É o que farei com você.

Deixo minha boca a centímetros dos lábios dela, muito pertinho, quase tocando e então ela levanta o rosto e me beija, passa as pernas em minha cintura e suas mãos em minha nuca, com a outra apalpando meu peito.

O beijo e a atitude dela deixam meu pau quase pulando para fora da cueca, mas me controlo, tiro as pernas dela da minha cintura e me afasto.

Josephine se senta como se não acreditasse no que tinha feito.

— Vá se aprontar para dormir. Não quero que venha até mim porque está magoada ou com raiva. Nosso momento ainda vai chegar.

Saio da cama pouco me importando se ela está me olhando ajeitar meu pau na cueca. Até sorrio de canto, bem arrogante. Ela desvia o olhar e ajeita os cabelos. E eu me sento em uma poltrona para vestir as meias e pular na cama para dormir.

31

REFLEXÕES



JOSEPHINE

Eu preciso de dinheiro.

Esse fato me atinge com impacto quando desperto com o sol entrando pelos vitrais do hotel. Eu tenho mil coisas para me preocupar, como por exemplo braços fortes e musculosos me abraçando, mantendo-me aninhada em um corpo escultural, entretanto a falta de dinheiro é a única coisa que minha consciência joga em minha cara quando acordo.

Eu e minha mãe não fazemos nada da vida, ela recebe uma boa pensão do meu pai e está tranquila, mas eu morro só de pensar em ter que depender de alguém. Principalmente se for depender de Phelipo. Como meus planos para ser independente junto a Bart foram por água abaixo, estou colocando minhas necessidades básicas à frente de qualquer outra coisa.

Como a atração, por exemplo, que deveria ser minha primeira e única preocupação. Estou cada dia mais atraída por Phelipo, mesmo com suas atitudes ridículas.

Por que ele cisma de me abraçar dessa forma? — questiono-me, tentando me afastar.

Phelipo, além de espaçoso, é abusado. Ele acha que tem permissão para tudo e tem propriedade de fazer o que quiser. Sabe que não somos um casal apaixonado e não dá a mínima importância para isso, me abraçando como se eu fosse sua mulher amada.

E para completar, tinha que estar com uma evidente ereção, bem pressionada atrás de mim.

Ah, mas eu não deveria estar reclamando, afinal, eu o agarrei — vergonhosamente — ontem à noite.

Deus! Sou tão puta.

Tento me afastar, mas ele se mexe e sobe sua mão, quase tocando em meu seio.

Claro que não sou. Ele é meu marido. — Convenço a mim mesma.

Mas eu o odeio. Deveria odiar, na verdade.

O pênis duro ainda me cutuca, e o corpo grande e caloroso me envolvendo.

Chega! Não vou ficar aqui me fazendo de palhaça, refletindo e sentindo o pau duro do príncipe nas minhas costas.

Quando saio do banheiro, ele já está acordado de costas conversando com alguém no celular.

Não se abala com minha presença e continua numa boa, de cueca e meias listradas, sorrindo quase encantado enquanto fala melosamente com a pessoa do outro lado.

Será que é aquela tal perfumista? — Inexplicavelmente, sinto um gelo desconfortável percorrer meu estômago.

Mas o que eu tenho a ver com isso?

Tenho sim a ver. Ele fica me pressionando, dizendo que vai transar comigo de qualquer forma, veio aqui atrás de mim, me protegeu diante de Bart e agora tem a cara de pau de manter caso com outra, ou outras mulheres?

Ele vai ter que se decidir. Nunca irá tocar em mim enquanto manter esses relacionamentos paralelos. Não serei apenas mais uma na lista de conquista de Phelipo e terei força para evitar qualquer aproximação.

Entro no closet, solto meus cabelos do coque e o observo pelo espelho. Agora está sorrindo feliz da vida. Nossos olhares se encontram e eu não desvio. Ele vem andando e antes de desligar posso ouvir pouca coisa, mas uma frase soa nítida: "Também estou *morrendo de saudades e logo nos encontraremos."*

Patife.

Desliga o celular após se despedir e para na porta do closet, recostado no batente, sorrindo preguiçosamente como se nada tivesse acontecido.

E por que precisa ser tão gato assim até pela manhã?

— Pulou cedo. Tinha formiga na cama?

Ignoro-o e passo um pente nos cabelos.

— Devo deixar claro que não era a bengala que estava te cutucando e sim a minha bengala.

Olho para Phelipo e ele está mostrando os dentes, rindo da minha cara. Rindo cinicamente; creio que devia estar acordado quando eu me mexia inquieta contra a cueca volumosa dele.

Será que ele achou que eu estava empurrando a bunda para ter uma fricção melhor? Que babaca.

— Me poupe e se poupe, Phelipo. Que horas partiremos?

— Logo após o café. Sabe, Josephine, você é uma incógnita. Ontem quase mostrou sua eu interior, a conhecida Satã, quando me agarrou ali na cama, e agora se faz de ofendida.

— Talvez uma de suas amantes tenha a resposta. — Passo por ele e uma onda de constrangimento me toma por ter acabado de fazer papel de trouxa, me mostrando ciumenta. Não tenho que demonstrar ciúmes de alguém que nem é meu e ainda por cima tem um ego do tamanho desse quarto.

— O quê? Tá louca? — Ele fica no mesmo lugar, me olhando com uma falsa cara de desentendido. Quero distância de homens falsos e mulherengos, como Phelipo.

Pretendo curtir minha depressão pós-fim-de-relacionamento por muito tempo ainda.

***

Dentro do avião, ignoro todos (leia-se Phelipo e Levi) e foco na minha leitura. O Rei um dos livros da série Irmandade da Adaga Negra. Do nosso grupo de leitura, só a Nádia não gostava dessa série. Safada de uma figa! Ainda bem que não terei que aturar mais os comentários depreciativos dela sobre os livros.

Enquanto leio, não consigo deixar de fazer uma comparação com o rei Wrath e meu marido cretino, o quase rei Phelipo.

Por longos meses sonhei com um homem tão valente, forte, fiel, decidido, único como os machos da irmandade, e eu até achava que Bart era isso tudo. E agora o destino me presenteia com uma bela cópia do playboy clichê. Totalmente diferente do rei cego, personagem do livro que leio.

Olho para Phelipo por cima do livro e ele discute algo com Levi, está sério e compenetrado. Volto minha atenção para o assunto deles quando Phelipo diz, pensativo:

— Outra coisa que devemos rever e eu andei observando, é a segurança do palácio. Está uma merda.

— Por que diz isso, alteza? — Levi questiona. Com olhar vago, Phelipo dá de ombros.

— Josephine escapou duas vezes e Nádia conseguiu andar pelos corredores até encontrar meu quarto. Eu, o príncipe, e último herdeiro da linhagem de meu pai, ser surpreendido...

— O que disse? — Não consigo me manter calada e minha voz sai mais aguda do que eu pretendia. — Nádia foi ao seu quarto?

Phelipo me olha parecendo que só então se lembrou de eu estar à sua frente. Inacreditavelmente, sorri apenas, sem falar nada.

— Transou com a Nádia? — O nojo expresso na minha voz sai em um grito.

— Levi, poderia nos deixar a sós? — Ele pede calmamente, sem desviar dos meus olhos.

Levi se levanta e sai para o outro lado do avião e um sorriso arrogante brota nos lábios de Phelipo.

— Está com ciúmes de mim?

Fecho o livro com muita força e o encaro.

— Não é uma questão de ciúmes, é questão de respeito e limites. Ela era minha amiga!

— Amiga? Mesmo?

— Eu achava que era — contesto.

— Que coisa.

Trêmula, desafivelo meu cinto e quando fico de pé, ele também se levanta, tampando minha passagem.

— Me deixe passar.

É em vão pedir. Phelipo segura meu braço e me puxa para junto ao seu corpo, afasta meus cabelos, deixando minha orelha livre e sussurra:

— Apenas algumas selecionadas têm o privilégio de provar um pouco de mim. — Afasta um pouquinho para fitar minha expressão e fica satisfeito por me ver tão cativa ao azul profundo de seus olhos. — Nádia não é uma dessas selecionadas, e fiquei feliz por você ser.

Que arrogante.

— Eu tenho que ficar feliz por estar em sua listinha escrota?

— Sim. Tem que ficar. — Ele arruma meu cabelo na testa. — Eu estava disposto a te aniquilar, uma vez que julgava você uma piranha interesseira. Mas meu pai sempre dizia para mim e meu irmão: "O homem tem três principais sentimentos íntimos: amor, ira e medo. Se uma mulher tem o poder suficiente para tocar em um desses, dê tudo de si, ela merece".

— Oi? — questiono e ele emenda:

— E eu quero te dar tudo de mim, ao menos na cama.

Fico completamente sem falar. Embasbacada, mirando o sorrisinho arrogante dele. Phelipo deve ser o único homem que consegue elogiar uma mulher ou se declarar sem deixar o ego cair.

Voltando um pouco: ele disse que queria me aniquilar, mas eu causei ira nele e por isso quer transar comigo, o que ele considera um presente.

Meu Deus!

— Eu te amedronto? — Sim. Tudo que eu tinha para perguntar ou gritar rebatendo ou mostrando um dedo do meio na cara dele, isso foi a única coisa que consegui dizer. E ele nem pisca, me olhando vidrado quando responde:

— Um ser humano de um metro e meio? Não mesmo. — Sua mão grande segura firme e suave no meu maxilar, ela quase cobre toda lateral do meu rosto. — Mas me causa algo que me dá vontade de te comer sem parar. — E eu nem corro quando ele se curva e mergulha seus lábios nos meus, com língua e tudo, me fazendo ofegar em mais um de seus beijos eróticos e gostosos. Phelipo mexe os lábios devagar, me dando o sentimento de plenitude e desejo de ter mais e mais; chupa superficialmente meus lábios e rola a língua para dentro, abocanhando minha boca em seguida.

Lastimavelmente, eu estou agarrada ao corpo dele.

Quando o beijo acaba, eu reviro os olhos irritada com seu semblante orgulhoso.

— Quando o dia chegar, você estará preparada. — Ele sussurra. — E tem duas opções: — Ou vai até meu quarto, ou irei ao seu. E se não me receber e nem aparecer, sabe quais são as consequências.

32

INCONTROLÁVEL



Josephine

Os dias se passaram normalmente, eu diria. Não fosse minha profunda depressão causada pela traição de Bartolomeu...

Não tinha como eu simplesmente esquecer. E parecia que quanto mais eu pensava, mais me afundava em um poço fundo de tristeza. Eu doei metade de minha vida àquele homem e mesmo com todas as fofocas que ouvi quando voltei do internato, tentei seguir firme no meu propósito de ter uma família feliz.

Eu seria uma arquiteta reconhecida e ele logo subiria de patente, um general talvez. Seríamos respeitados na cidade e criaríamos nossos filhos com muito amor.

Mas era um sonho sonhado apenas por mim.

E Phelipo acabou martelando o último prego no caixão onde estava meu sonho com Bart.

Phelipo percebeu como estou ultimamente e tenho a impressão que ele tenta levantar meu astral. Até me fez rir ontem no jantar, fazendo um comentário sobre Levi. E quando ele me viu rindo, parou seus olhos em meu rosto e foi uma das poucas vezes que ele não sorriu com ironia.

E o inesperado ainda estava para acontecer.

Hoje cedo ele apareceu pela primeira vez no meu quarto. Nunca tinha entrado aqui, pelo menos não depois que eu o ocupei. Não voltamos mais para nossa casinha preparada pelo rei na ala leste. Nesses quatro dias, desde que voltamos de Andrômeda, eu o vi pouco, apenas na hora das principais refeições ou quando espio na janela e ele está lá embaixo com Luck, se exercitando com o apoio de um fisioterapeuta.

Quando abri a porta achando que se tratava da camareira, eu me travei toda, apavorada. Estava vestindo um pijama horrível, o cabelo nas alturas, pois estava debaixo do edredom, lendo.

— Meu Deus! A visão do inferno. — Ele tripudiou e passou por mim. Estava lindo com os cabelos penteados e ainda úmidos, e vestia apenas um roupão.

Apoiando em sua bengala, olhou em volta cada cantinho do quarto, parou alguns segundos na estante de livros e um pouco mais na cama. Depois virou-se para mim.

— Está melhor? — Se aproximou, ficando bem pertinho. Precisei levantar um pouco o rosto para olhá-lo.

— Sim.

Ele ajeitou meus cabelos, passou o polegar em minha bochecha e disse:

— A sua beleza interior é o que te torna única entre outras. Não deixe que aquele cara, mesmo longe, tire esse brilho de você.

Meu coração pulsou no pescoço e eu fui obrigada a desviar os olhos dos dele.

E acabei sorrindo e ele ergueu gentilmente meu queixo, vendo meu sorriso.

Eu estava admirada. Mesmo com seus demônios, dores carnais e espirituais das perdas irreparáveis, com uma alma tão escura e destruída, Phelipo estava mais preocupado em me fazer sorrir e curar minha ferida, que era pequena em comparação a todas dele.

— Quer alguma coisa, Phelipo? — Controlei o sorriso.

— Você não faz exercícios? Só lê e mofa nesse quarto?

— Sim.

— Amanhã tem jogo de polo no haras do meu pai. Vai comigo. — Ele anuncia sem nem perguntar se quero ir.

— Odeio polo — desdenho.

— Porque ainda não me viu em cima do cavalo. Você cavalga?

Noto uma ambiguidade na pergunta dele e elaboro a voz mais fria que consigo.

— Sim.

— Mas aposto que não sabe da forma correta. — Ele sorri de lado, olha para a cama e diz: — Acho que aquela cama aguenta as aulas que te darei.

Que babaca.

Ele observa mais uma vez o quarto todo, passa os olhos no meu corpo e caminha em direção à porta. Não sei o que ele veio fazer aqui, mas assim como eu, está solitário e cheio de tédio. Não tenho visto movimento de mulheres no quarto dele e estou impressionada com isso. E inacreditavelmente, eu estava com vontade de vê-lo.

— Phelipo — chamo e ele se vira. — Não vai me dar o divórcio, não é?

Ele pensa um pouco, faz uma careta ficando muito mais gato e, como resposta, diz:

— A coroação foi marcada. Amanhã farei um pronunciamento. Uma coroa de rainha pesará em sua cabeça, Josephine.

Não sorriu irônico. Apenas se manteve sério e saiu mancando.

***

Agora, já à noite, eu estou com a impressão de que algo vai acontecer. Na verdade, estou sendo muito modesta em dizer que tenho a impressão, uma vez que é a certeza que bate contra mim.

Levi veio mais cedo avisar que Phelipo quer um jantar a sós comigo nos aposentos dele. Espiei há pouco da minha varanda e ele estava lá olhando o sol se pôr no mar. Parecia pensativo e distante da realidade. Phelipo olhava o sol mergulhando nas águas e eu olhava para ele.

Como sei que não foi um convite e sim uma ordem para jantar com ele, fiz uma sessão com Allegra por conversa de vídeo e ela me deu dicas, não só na questão do vestiário como também conselhos para eu cair na cama de Phelipo.

Ignorei essa parte, escolhi um vestido rosa claro comportado, com mangas esvoaçantes e saia em camadas. Prendi um pouco dos meus cabelos atrás na cabeça, deixando-os soltos nas costas.

Tomo ar puramente nervosa antes de levantar a mão e dar dois tímidos toques na porta do quarto. Ela se abre, mas não é Phelipo, é Levi.

— Fique à vontade, alteza. O príncipe já vai lhe receber. — Ele sai do quarto e me deixa sozinha. O lugar é gigantesco, o dobro do meu. É masculino e frio, sem cores. Preto, cinza e muitos vitrais ao redor. Mesmo assim é lindo. Phelipo nem precisa sair na varanda para ter uma visão esplêndida lá de fora.

Esse cômodo se parece com o quarto da casa dele na França. Os móveis são escuros e modernos, com acabamento de metal e a cama, suponho, é feita sob medida, pois é muito espaçosa.

Não me surpreende, já que ele é um homem grande e gosta de dormir relaxado.

— Phelipo — chamo e dou um grito assustador quando ouço:

— Bu! — E ele está parado, só de cueca, recostado na lareira me vigiando esse tempo todo. Como eu não o vi aqui praticamente do meu lado?

Com a mão no peito, refeita do susto, encaro-o. Ele nem vai se dar o trabalho de se vestir? Questiono interiormente.

Ele diminui a distância entre a gente, se movendo de um jeito galante, todo cheio de si, com seu corpão escultural à mostra. Chega bem perto de mim, me segura e abaixa para me beijar. E eu deixo.

Caramba! Eu sempre deixo. Eu digo que não vou mais beijá-lo, entretanto é como uma pessoa que tenta fazer uma dieta, mas as guloseimas não permitem e a pessoa fica tentando se convencer: só mais esse, só mais esse.

Quando ele se afasta, estou ofegante e ele sorrindo. Sinto que estou corada. Sopro suavemente, a mão dele corre pelo meu pescoço e chega ao meu queixo.

— Você me chamou para jantar — digo.

— Para eu te jantar. — Abro a boca para revidar, mas ele coloca um dedo sobre meus lábios e diz: — Chegou o momento, Josephine. — Se afasta e caminha para perto da cama, senta e estende a mão para mim. — Você vai andar até aqui, até mim, para consumarmos nosso casamento.

— Phelipo... — Arfo e olho para a porta. Puta que pariu, eu estou inerte porque, de verdade, um fogo desesperado arde dentro de mim. Mas o orgulho briga ferrenho.

— Você tem a opção de dar meia-volta e ir embora. Mas fique sabendo que não vou esperar a vida toda. No máximo uma semana, e já esgotou esse tempo.

— E se eu não aceitar, com certeza vai para os braços das suas amantes...

Ele dá de ombros.

— Sou um homem viril e uma semana é bastante tempo para mim. Venha, Josephine, eu sou como uma embarcação, estou ancorado te esperando. Se eu partir, não haverá volta.

Meus pés se desprendem do chão e eu miro a porta, mas não vou em direção a ela. Sou uma mulher adulta e tomo minhas decisões. E no momento não há nada que me impeça de ficar com Phelipo.

Se for para ter a primeira vez, que seja com alguém que eu sinta atração.

Paro diante dele, olho sua mão e coloco a minha em cima, entretanto aviso:

— Não estou me rendendo. Saiba que eu não saí porque eu quero você. E por isso, não pense que venceu, Phelipo.

Ele sorri vitorioso, coloca uma mão em cada uma de minhas coxas e sobe por debaixo do vestido.

— Essa batalha eu venci, Satã. — Levanta a saia do meu vestido e sorri ainda mais; antes de dar um beijo na minha calcinha, murmura como se fosse para si: — Minha Satã.

Eu quero parecer forte, mas estou me dissolvendo por dentro. Com sensações nunca sentidas. Meu estômago revira, mas de uma forma agradável, meu ventre agita e meu sexo pulsa a cada toque de Phelipo.

Com sua ajuda, retiro o vestido, deixando-o cair leve aos meus pés; incrivelmente não me sinto mal por estar de lingerie e saltos na frente de um homem, visto que tudo em mim diz que não é errado.

Phelipo me brinda com um olhar encantador. Passa a mão gentilmente no meu ventre, sobe até meus seios e eu não desgrudo os olhos do rosto dele, não quero perder um segundo.

— Você é pequena e bonita. — Sorrio com as palavras dele, mas enrijeço quando ele emenda: — E tem um cheiro tão gostoso que faz meu pau babar.

Ele nem dá tempo para eu reagir e sai beijando meu corpo, do umbigo até meus seios. Beijos suaves e demorados em vários pontos de minha pele, me fazendo sentir tão sensual e agradável como Bart jamais conseguiu. Eu me arrepio toda e sei que ele percebe, afinal está tão próximo e segurando minha cintura com suas mãos grandes.

Quando nos beijamos, percebo que não quero dar um passo para trás e essa é uma escolha acertada.

Ele fica de pé, sorri de lado e me vira de repente, me jogando na cama de cara para o colchão. Eu não sei nada sobre sexo, apenas as coisas que leio nos livros, entretanto sei que essa não é uma das melhores posições para uma virgem.

Confusa, me sentindo muito exposta, olho para trás e me deparo com uma visão única. Perco o ar. Phelipo tira a cueca e segura no seu pênis. É sem dúvida algo nas medidas que ele havia mencionado; grande, com a cabeça protuberante, mas não é surpresa, é proporcional à sua altura. O mais impressionante é que não tem muitos pelos, apenas um pouco acima, na virilha. Os testículos grandes estão lisos, me pergunto se ele raspa. Com certeza.

Em antecipação para o que vai acontecer, meu coração arrebenta ferozmente bem rápido, ecoando nos meus ouvidos. Respiro entrecortado e Phelipo monta na cama. Chega bem atrás, me ajeita para ficar de quatro, abre um pouco minhas pernas com seu joelho, se posiciona bem acochado em minha bunda e beija minhas costas, me dando o arrepio mais gostoso que eu poderei sentir. Depois, circunda minha cintura com um braço.

Minha carne está em fogo vivo. Estou ardendo de tanta excitação e cada cantinho de mim se arrepia. Phelipo me coloca de joelho, se mantém atrás de mim me agarrando firme, afasta meus cabelos e morde meu ombro.

Droga! Droga! É muito bom ser abraçada por trás e sentir o corpo dele colado ao meu. Eu gemo e sopro longamente. Levo a mão para trás e toco na curva do quadril. Sua pele é quente e tem

músculos duros. É uma delícia tocá-lo.

Depois que ele tira meu sutiã, chupa meu ombro alternando com mordidas, me fazendo sentir, enquanto isso, seu membro bem duro em uma fricção gostosa na minha bunda. Gemo mais uma vez e ele cochicha:

— Ainda é cedo para eu montar em você e você montar em mim. — Me abraçando deliciosamente, ele desce sua mão na frente e enfia os dedos na minha calcinha. — Quando estiver acostumada, te comerei assim, de joelhos, dedilhando sua boceta ao mesmo tempo.

Tudo que mais abominei, está me dando tesão.

Ele puxa meu queixo fazendo meu rosto virar para trás e então me beija, e foi nesse exato momento que um de seus dedos adentrou na minha vagina. Arfo contra a boca, me estremeço e ele não me liberta, me mantém apertada em seu braço acariciando minhas dobras suavemente, enfiando um pouquinho, puxando em seguida, e tornando a circular o dedo.

Eu achei que iria me dissolver em uma sensação deliciosa e desconhecida, mas não aconteceu. Phelipo me vira, me joga na cama e vem por cima.

— Que espécie de príncipe eu seria se não te desse um orgasmo?

Eu fico tensa, sei que a maioria não chega ao orgasmo da primeira vez, tem dor, desconforto, tensão. Mas Phelipo não estava falando sobre penetração.

Ele arranca minha calcinha, fica meio sentado apoiando em sua perna sã e levanta a minha perna, beijando-a do tornozelo até a coxa. Levanto meus braços e aperto os lençóis nos dedos. Sua boca vai se aproximando, chegando mais, até que toca superficialmente meu sexo latejando de desejo. Me sinto ensopada.

Ele passa o polegar na minha vagina de cima a baixo e fala:

— Tão bela, rosada e molhada. Vai estar toda recheada, em breve. — Abaixou o rosto entre minhas pernas.

Não leva muito tempo para eu me abalar toda, gozando descontrolada. Phelipo me chupa lento e gostosamente, passando sua língua em toda a extensão, e me penetrando com os dedos. Primeiro um e depois os dois juntos. Não há dor, apenas um prazer enlouquecedor que me faz quase arrancar seus cabelos.

Só explodo de verdade quando ele enfim chupa meu seio e mantém seu dedo indo e vindo e o polegar balançando meu clitóris.

Eu acabo de ter um orgasmo sem uma penetração e quase choro agradecida por ele não ter sido um libertino agindo como um animal. Me sinto segura nos braços dele, protegida e desejada, agarrada firmemente ao seu corpo nu, ainda sentindo espasmos do meu primeiro orgasmo.

Assim que me acalmo, ele me olha sorrindo, um sorriso doce e gentil. Acaricia meu rosto e pergunta: — Pronta?

E eu assinto que sim.

Ele coloca um preservativo, me posiciona contra os travesseiros e deita por cima, bem no meio das minhas pernas. A tradicional posição, entretanto, essencial para o momento.

Nem começou e eu já estou respirando rápido, nervosa.

Phelipo segura minhas mãos, coloca no alto da minha cabeça e olha nos meus olhos. Estamos

de alguma forma mais ligados do que nunca, vislumbro um brilho de satisfação cobrir seus olhos e seu corpo endurecer sobre o meu.

Quando ele solta os meus braços e começa a me penetrar, agarro em seus bíceps e tento relaxar o máximo. O prazer me domina e mesmo assim não é o suficiente.

— Relaxe, seja minha Josephine, me dê tudo de si. — Aprofunda mais alguns centímetros, arqueio as costas e aperto seus músculos quentes. — Vamos, garota, aguente. — Ele continua murmurando.

Não é uma dor descomunal, é incômoda e conforme ele vai forçando mais eu me sinto invadida, com a dor latejando ao redor; todavia, meu interior o acomoda perfeitamente. E foi assim até ele enfiar tudo e eu gemer alto, apertando sua bunda.

Seguro-o firmemente, me sentindo toda preenchida, tentando mexer um pouco porque está apertado demais, toda sua grossura atolada em mim.

Sinto como se meus pulmões se fechassem e eu ficasse sem ar.

Phelipo sabe o que está fazendo e gira de leve os quadris enquanto beija e chupa meus seios.

— Isso — murmurou. — Tente retrair e soltar ao redor do meu pau — orienta mansamente e eu faço. A sensação é de alívio e prazer.

— Mais uma vez, pisca, deixe sua boceta chupar meu pau. — Mexe mais um pouco o quadril e eu contraio meus músculos interiores, me fazendo gemer, e a ele também. Phelipo está sorrindo, levanta o rosto, morde o lábio e exclama:

— Caramba! Que delícia! — Chupa meu queixo. — Vou precisar disso todos os dias. — Sorri, ofega contra minha boca e cochicha: — Agora é comigo. — Ele sabe que eu relaxei.

E ele vem. Saindo devagar e voltando até o fim. Tira todo e insere novamente, duro e grosso, me dando dor, prazer e excitação fora de comum.

Apalpo seu corpo, descendo minhas mãos em suas costas e seus braços fortes. No espelho, posso vê-lo sobre mim e é sem dúvida a imagem mais erótica que poderei ver em toda minha vida.

Eu não consigo chegar ao orgasmo, mas ele chega e se endurece, vibrando em cima do meu corpo. Eu estou tão pequena debaixo dele, mas forte o suficiente para agarrar seu corpão delicioso.

Ficamos calados, agarrados, com o cheiro um do outro impregnado na pele e nos lençóis. Minha primeira vez tinha sido melhor do que imaginava e com o cara que tecnicamente eu odiava.

Deus! Ele é muito gostoso!

Sem dizer um “A” sequer, ele se afasta, levanta e caminha até o banheiro. Eu fico quieta na cama e o medo recai sobre mim. Puxo o lençol, me cubro e lágrimas brotam em meus olhos, porque o temor me abraça.

Sinto que Phelipo foi frio quando terminamos. Apenas se levantou e foi se lavar, sem me dizer nada. Temo que ele vá me humilhar ou fazer chacota, eu não aguentaria.

Só preciso sair logo antes de me ferir mais do que Bart já fez.

Me sentindo tocada na alma por ele, levanto da cama e procuro minha calcinha. Quero gritar, chorar, dar uma surra em mim. Por um instante eu cheguei a achar que pudéssemos ao menos ser amigos.

Limpo uma lágrima, acho o sutiã, mas, antes de vesti-lo, Phelipo sai do banheiro, ainda pelado e me olha confuso.

— Algum problema? — indaga.

— Não. — Mal consigo dizer. Se ele for irônico eu acho que desabo no choro.

Ele vem até mim, toma o vestido e sutiã das minhas mãos, joga no chão e me pega no colo sem que eu esperasse.

— Phelipo!

— Xiu. — Me leva para o banheiro e me surpreendo com a arrumação do ambiente. É um belo banheiro, grande e moderno, adornado nas cores preto e branco; está com uma luz tênue, com velas acesas espalhadas e flores naturais em vasos enormes e champanhe ao lado da banheira.

Ele me coloca no chão, me vira de costas e tira a presilha que ficou emaranhada nos meus cabelos.

— Prepararei um banho para tentar aliviar um pouco sua dor.

— O quê?

— Sais relaxantes. Vi na internet que pode relaxar os músculos após a primeira relação sexual. — Ele sorri. — Entre, eu sou o príncipe dessa porra, não é? Tenho que fazer jus ao título.

Ainda fico boquiaberta o encarando.

— Não vai me dizer que está esperando que eu te coloque aí dentro?

Acabo sorrindo sem acreditar que ele se preocupou comigo dessa forma, a ponto de pesquisar na internet. Aceito a ajuda para entrar na banheira, sento recostada em um dos lugares, sentindo a água morna abraçar meu corpo tensionado, e ele se acomoda à minha frente. Me entrega uma taça de champanhe e fica com a outra, me olhando.

— O que foi? — pergunto.

— Apenas recordações... antigas. — Ele bebe champanhe e recomenda: — Relaxe, vai dormir comigo aqui hoje porque preciso te comer de novo.

Pela primeira vez eu troco um sorriso cúmplice e sincero com ele após ouvir essa promessa totalmente fora dos protocolos de um príncipe.

33

A SOMBRA DA MORTE



PHELIPO

Eu sorria como um bobo e acariciava o rosto dela. Nós dois nus na minha cama. Mariah sorria feliz, quase em plenitude e ali era meu paraíso.

"Eu te amo, Mariah."

"Eu sei."

Abro os olhos completamente assustado, mas não me mexo, sobressaltado. Respiro fundo e massageio os olhos, tentando limpar da minha mente as imagens do sonho recente.

Estou deitado de lado e à minha frente está Josephine, dormindo tranquilamente, também de lado virada para mim. Nossos rostos a um palmo de distância.

Essa noite foi deliciosa, mais do que eu imaginava. Depois do demorado banho, vestimos roupões e jantamos na varanda do meu quarto, em pleno céu estrelado de Del Rey.

Josephine cedeu, e talvez possam até julgá-la como fraca por ter caminhado até mim. Mas a atração pulsa feroz entre a gente e não devemos segurar isso, somos casados e não há erro nenhum. Eu poderia correr atrás dela, ir a seu quarto, ou agarrá-la ou até chantageá-la, entretanto jamais deixarei uma mulher sem a chance de escolher. Quero que fique comigo por vontade própria.

— Ainda sente ranço por mim? — perguntei enquanto jantávamos.

— Hum... — Ela fez um bico e pensou um pouco. — Talvez não ranço, mas antipatia, sabe...?

— Sério?

— Você é muito arrogante, e nós mulheres odiamos arrogância, ainda mais de homens que se acham a última bolacha do pacote.

— Talvez eu seja a última bolacha do pacote. — Dei um sorriso despretensioso e acrescentei: — A última quase sempre é quebrada.

Josephine ficou de boca aberta, quase chocada. Eu odeio climas tensos, ainda mais quando envolvem minha intimidade. E acabara de abrir uma brecha sobre às vezes me sentir destruído. Não devia ter dito aquilo.

— Posso te perguntar uma coisa? — Eu sabia que ela não deixaria passar em branco.

— Não. Não entre nesses assuntos que não te dizem respeito, Josephine.

— Ok. Só não deixe isso te dominar a vida toda. Todo mundo tem chance de redenção, Phelipo, agarre a sua. — Ela colocou a mão por cima da mesa e tocou na minha. Dei um sorriso irônico e murmurei:

— Mesmo depois das sacanagens que fiz a você, ainda é gentil comigo?

— Você foi gentil comigo, no sexo... Respeitou minha primeira vez. — Deu um sorriso encantador e concluiu: — Como eu disse, uma leve antipatia ainda existe, mas gentileza pode ser retribuída.

Ficamos apenas na primeira transa, porque eu sabia que ela ainda não estava preparada para fazermos novamente. Eu não quero machucar essa garota, nem na carne e nem na alma e eu soube disso quando a vi chorando em Andrômeda, semana passada.

Parecia que a cena se repetia... e eu me senti muito mal, porque eu vi Mariah ali, chorando e me culpando.

Engulo seco e faço uma careta de dor. Ter tudo aquilo de volta na minha mente poderia me destroçar, mais do que já estou.

Como se pressentisse, Josephine acorda e olha assustada para os lados e depois para mim.

— Oi — murmuro, tranquilizando-a.

Ela parece se acalmar, mexe nos cabelos e tenta sorrir um pouquinho.

— Oi. Estava me olhando?

— Talvez.

— Você é estranho, alteza.

— Bastante. Estou pelado e com meias vermelhas, isso é bizarro.

Ela ri e ajeita o travesseiro em uma posição confortável. Os olhos começam a se fechar, prestes a dormir novamente.

Toco no rosto dela, e seus olhos voltam a se abrir, me fitando.

— Venha tomar uma ducha comigo — cochicho. — Sei uma maneira eficaz de te despertar.

— Me deixe dormir, Phelipo. — Ela se mexe e vira de costas para mim.

Claro que não permito. Estou todo duro de tesão e preciso me saciar. Ter mais dela é a única coisa que me importa no momento.

A faço levantar e ir para o banheiro. Espero um pouco, deitado com as mãos atrás da cabeça, de olhos fechados, concentrado. Quando ouço o chuveiro ligar, descarto as meias e vou ao banheiro.

Josephine está no box tomando banho e não me vê diante da pia, escovando os dentes. Só se dá conta quando abro o box e entro.

Ela abraça o próprio corpo e dá um passo para trás, o grito fica preso em sua garganta. Sem acreditar no que estou fazendo.

Providencio um sorriso sedutor, entro debaixo do chuveiro, me molhando por completo. Ela continua no mesmo lugar em alerta e é muito fácil puxá-la para junto de mim.

— O que está fazendo? — indagou nervosa.

— Vou te beijar e depois vamos transar aqui no chuveiro. — Os olhos dela ficam presos aos

meus até se fecharem, quando nossos lábios se tocam. Meu beijo é profundo e manhoso, deixando-a relaxada diante de mim.

Me afasto e seguro a mão dela. — Sinta o que está fazendo comigo. — Coloco-a em meu pau. E nesse instante os olhos dela se arregalam. — Aperte ele, Josephine. Me faça feliz um pouco. — Mantenho-a presa junto ao meu corpo e desço minha mão em seus seios, indo para o ventre e aprofundando meus dedos no meio de suas pernas.

— Oh! Meu... Deus! — O tesão lhe atingiu com voracidade. Ela geme e fecha os olhos. Ainda segura meu pau, sem apertar. Acaricio sem pressa sua boceta e isso está lhe causando um prazer incontrolável, ela se agarra a meu corpo e morde de leve meu peito. Abaixo a boca até seu pescoço e começo a fazer um caminho de chupadas breves até o queixo.

— Aperte meu pau — sussurro sorrindo preguiçosamente. E quando ela aperta, o gemido que sai da minha garganta é rouco, vindo acompanhado do sorriso. Ela aperta mais e faz um tímido movimento com sua mão em volta dele, observando minha expressão de tesão.

— Me deixe ter você aqui, Josephine — sussurro incapaz de esperar mais.

Ela não hesita e assente, apertando meu pau e segurando meu pescoço.

— Sim... — murmura. — Eu quero.

Empurro-a para o vidro do box e me ajeito por trás.

— Precisa abrir as pernas — peço mansamente. Ela abre, eu me posiciono pincelando sua boceta com meu pau dolorido de tão duro; com certeza dá a ela uma sensação nunca imaginada, contorce mexendo a bunda e, de olhos fechados, geme e respira rápido, sentindo a explosão de excitação que acompanha o momento. Continuo passando meu pau contra ela, seguro seus cabelos em minhas mãos, puxo um pouco, fazendo ela virar o rosto e olhar em meus olhos.

— Não faz ideia de como é deliciosa — digo contra a boca dela, chupo brevemente seus lábios e vou descendo minha boca: nuca, costas, bunda. — Não feche as pernas — peço, seguro nas nádegas dela e passo minha língua em sua úmida e latejante boceta que me espera vorazmente.

Josephine se contrai e relaxa em seguida, gemendo alto. Ela estava quase gozando com minhas lambidas quando fico de pé por trás, me posiciono segurando novamente os cabelos dela, peço que fique paradinha e começo a deslizar meu pau para dentro.

A boceta o suga faminta, me fazendo estremecer por completo, sentindo meus músculos e nervos pulsarem de prazer. Meu sangue parece correr a mil por hora em todo meu corpo.

Rujo junto ao gemido dela quando me coloco todo para dentro. E então, dessa vez, não tenho cerimônia, nada de piedade. Minha intenção é fazê-la gozar no meu pau e eu vou conseguir. Segurando firme em sua cintura, eu bato meu quadril contra ela chegando ao fundo repetidas vezes, alargando-a para que de agora em diante consiga praticar todo tipo de perversão que imagino. Quero ensinar Josephine as melhores coisas que duas pessoas podem fazer juntas.

Ela geme quase ao tom de grito e é como uma canção para meus ouvidos, a cada batida que dou, sentindo meu pau ser engolido pelo interior aveludado e quente. Aperto firme sua cintura, chupo seu pescoço, batendo firme e me aprofundando mais.

— Oh! Phelipo! — Ela choraminga. — Que... merda! Que delícia. Seu filho de uma... — Dou uma risada, puxo seu rosto e a silencio com um beijo.

Ela chega ao orgasmo com minhas investidas e meu beijo. E eu vou logo em seguida, sentindo

meu prazer ser liberado em fortes jatos dentro dela.

Josephine está trêmula e as pernas fraquejam. Viro-a de frente para mim, abraçando apertado. Ela me agarra fortemente com seu rosto pregado no meu peito. Nós dois ainda ofegantes, nos recompondo.

***

— O que foi? Está corada.

Josephine me olha por trás dos óculos escuros, ajeita o belo chapéu e sopra, mostrando que não está confortável. Estamos no haras onde daqui a pouco acontecerá o jogo de polo e eu participarei. Já estou trajando o uniforme e estamos em uma das várias mesas brancas do jardim da cantina, tomando o café da manhã.

— Não sei. Tenho a impressão de que todos sabem que estávamos... fazendo...

— Sexo?

— Fala baixo.

— Bom, na verdade todo mundo já tinha feito essa suposição desde o dia seguinte em que nos casamos. Não é novidade.

Ela olha em volta e pega a xícara de café.

— Suas amigas não vêm?

— Talvez. — Volta a mirar meu rosto. — Convidei a Allegra, mas não me deu certeza. Susan não acorda cedo no sábado e Bernadete está ocupada com algumas coisas da faculdade.

— Em pleno sábado?

— É. Apenas algumas obras para visitar.

— O que ela está cursando?

— Arquitetura. — Ela se mostra triste e completa: — Como eu estava.

— Por que parou?

— Como assim? — Até tira os óculos para me olhar incrédula. — Os protocolos reais, até achei que você tinha dado a ordem.

— É verdade, tinha me esquecido. Mas não fui eu que dei essa ordem.

— Tive que abandonar a faculdade e nem pensar em trabalhar, segundo a Zoe eu tenho que ficar à disposição apenas dos compromissos do príncipe e de serviços sociais.

Fico calado observando-a. Josephine precisa crescer além das paredes do palácio. Ela tinha tudo para ser uma ótima profissional, uma vez que é nítida sua paixão pelo curso. Sei que não posso quebrar esse tipo de protocolo e seria mesmo muito desgastante para ela continuar em uma faculdade e ter que lidar com todos os compromissos.

Mas sei que ela quer ser útil, mais do que apenas visitar creches, doar cheques para instituições e discursar na comissão de direitos humanos. Ser a rainha do povo exige mostrar força e garra acima de tudo e gostaria de dar isso a ela.

— Você tem ideias para a extração de minérios e que as fábricas não têm?

A pergunta a pegou de surpresa, mas reage imediatamente.

— Sim. Tenho muitas. — Se anima.

— Por que não marca um horário comigo para expor suas ideias? Se forem tão boas, poderá tomar a frente dessa questão.

— O quê? Eu, uma mulher, à frente da produção do maior tesouro do país?

— Sim. Não acha certo?

— Muita gente não acharia...

— Manda essa gente se foder. Você será a rainha.

O sorriso dela morre nos lábios e seu olhar se torna tenso, sem deixar de me fitar.

— Está mesmo disposto... a manter o casamento?

— Achei que já tínhamos resolvido isso. — Tomo um gole de suco e me levanto. Ela fica sentada me observando. — Não é o momento de pensar em separação quando tem um país inteiro esperando por uma boa notícia. Seria pisotear o desejo do meu pai e o sonho do meu irmão. Venha, o jogo vai começar.

Josephine assente, um pouco a contragosto. Coloca os óculos, pega a bolsa e segura no meu braço. Levi e mais quatro homens ficam em prontidão e nos seguem a passos de distância.

Josephine olha para o chão e depois levanta os olhos, sorrindo.

— Então, sobre as fábricas...

— Marque uma reunião com sua alteza — ironizo. — Pode ser na sala de reuniões do palácio ou na minha cama.

Rimos e nesse instante tudo acontece muito rápido.

Eu ouvi o primeiro disparo e em seguida gritos das pessoas que estão no local. Então tudo fica em câmera lenta. Eu sou puxado para trás com brusquidão e praticamente arrastado pelos guardas e por Levi. Um deles, além de me proteger, atira contra um alvo que eu ainda não tinha identificado. As pessoas correm apavoradas e eu não faço nada a não ser me deixar ser levado e protegido.

Eu o vejo. Um homem se aproxima correndo e atirando sem parar, vestindo colete a provas de balas, com outra arma na cintura e atirando contra os guardas, tentando me atingir.

Levi é atingido e me toco que estou sozinho sendo protegido pelos guardas.

— Josephine! — Aterrorizado, grito e a vejo abaixada a passos de distância, com as mãos na cabeça na linha de tiro. O homem que atira contra mim a vê também e sorri sadicamente, apontando a arma para ela.

Uma força bruta me toma, empurro os guardas e em um pulo eu me jogo em cima dela, cobrindo-a com meu corpo. Sinto a dor dilacerante da bala perfurando meu braço, e outro tiro não acontece. O homem é parado a tempo.

Ela chora e treme, seu queixo bate descompassadamente como se estivesse morrendo de frio.

— Caralho! — Apalpo seu corpo. — Você se machucou? Fale comigo, Josephine, se machucou?

— Estou bem. — Ela murmura. — Estou bem. — Agarra meu pescoço, abraçando forte.

Depois do alívio que abraça meu peito, sinto a dor do tiro e os gritos incessantes do homem.

— Eu vou te matar, seu miserável! — Olho para ele e o reconheço no mesmo instante. — Você acabou com minha família! — Continua gritando.

Muitos homens fardados estão chegando, vários para me socorrer e fazem uma muralha humana protegendo Josephine e eu. Eu não consigo mais ver o homem, porém escuto gritar:

— Vai pagar por tudo que fez. Me devolva minha filha e meu neto. Você está com eles. Seu desgraçado!

Caralho! É o pai de Mariah.

***

— Você quase morreu por minha causa. Por um assunto pessoal — digo, amargurado, me sentindo muito culpado, deitado na cama do hospital. Josephine está ao meu lado acariciando meu braço.

— Cala a boca. Eu estou bem.

— Não iria me perdoar se...

— Mas não aconteceu, Phelipo. Já passou, todos nós compreendemos a dor daquele homem, perdeu a filha e o neto... Mas não se culpe, ele é o culpado por não conseguir superar.

— Quero te pedir uma coisa. — Miro os olhos dela.

— Diga.

— Tome uma pílula do dia seguinte.

— O quê?

— Fizemos sexo desprotegido, não quero colocar um filho no mundo, nesse mundo onde sou alvo de muita gente. Fazer inocentes sofrerem por causa dos meus erros. Não suportaria isso. Um filho meu sofrer por minha culpa... Cristo! Não posso.

Ela fica me olhando pasma, boquiaberta. Passa as mãos nos cabelos, toma ar, dá um giro e volta a me encarar completamente descrente do meu pedido.

— Você só pode estar de brincadeira.

— Isso é uma ordem. — Elevo meu tom de voz. — Peça a uma enfermeira e ela trará.

— Phelipo... Meu Deus, isso é um absurdo. Além do mais, você sabe que é contra as leis para pessoas da realeza. Não podemos interromper uma gestação.

— Não é um aborto. Você ainda não está grávida, é precaução apenas. Não teime comigo, Josephine. Faça o que estou te mandando.

— Okay. Acalme-se. Eu pedirei para minha mãe comprar e tomarei quando chegarmos em casa.

***

Voltamos para o palácio quando já estava noite. Levi está bem, o tiro pegou no ombro dele. Pedi que fosse ficar na casa dos pais se recuperando, mas ele faz questão de ficar comigo, para caso

eu precise de algo. Ao menos essa noite consegui fazê-lo ir embora. Josephine ficará comigo.

— Obrigado — digo a ela quando me cobre com um cobertor e deita ao meu lado. — Além de manco, agora com um braço na tipoia. Você tem um belo exemplar de marido.

Ela ri e se vira para me olhar.

— Eu que devo agradecer. Você se arriscou para me salvar.

Como posso dizer a ela que morreria se sofresse mais uma perda? E como dizer que, desde a morte de meu pai, ela se tornou um ponto fixo para eu me agarrar e não surtar?

Não digo nada disso, mas falo:

— É o mínimo que os maridos podem fazer.

Ela ri, me beija e volta a deitar em seu travesseiro, olhando para mim, aliviada por tudo estar bem.

34

O SEGREDO



JOSEPHINE

Phelipo está sonolento pela anestesia e pelos analgésicos. Eu também estou com sono, o dia foi tenso e perturbador. O medo ainda pulsa em meu coração e me sinto trêmula por dentro.

Minhas lembranças parecem cenas de filme. Os gritos, os estampidos dos tiros. Me arrepio aterrorizada só em lembrar.

Antes de dormirmos, tive que fazer uma pergunta que martelava minha mente desde cedo, na hora do incidente.

— Phelipo — chamei e ele abriu os olhos, prestando atenção em mim.

— O quê?

— Por que o pai da Mariah ficava gritando que você tinha que devolver a filha e o neto dele?

Phelipo deu um sorrisinho e respondeu sem se abalar:

— Na época ele queria enterrar ambos no jazigo da família dele. Mas ela era uma princesa e Alexei, príncipe herdeiro. Era impensável que ambos fossem sepultados longe de Dom.

— Seu irmão morreu antes do Alexei? — Eu já sabia desse fato, mas me faço de desentendida só para ter algumas respostas.

Phelipo assente mostrando que é um assunto dolorido para debater e eu respeito isso.

— Tudo bem, durma.

E ele dormiu.

***

Na manhã seguinte, algo mais estranho ainda acontece. Eu levanto bem cedo e vou à cozinha tomar um pouco de café, minha cabeça dói e eu não gosto de tomar comprimidos.

Quando chego, uma das cozinheiras me puxa para um canto e sussurra:

— Alteza, precisa vir comigo.

— O quê? Ir para onde?

— A senhora Dália quer te ver desde ontem. Mas parece que a senhora sua mãe não lhe deu o recado.

Dália é uma senhora de setenta anos que trabalhava na cozinha do palácio desde sempre. Era a chefe de tudo e praticamente viu Phelipo e Dom crescerem. Eu conheço a mulher que me chamou e a sigo para os aposentos da idosa.

Dália está sentada numa cadeira perto da janela, já acordada, vendo o sol nascer.

— Senhora. — Vou até ela e, com as vistas um pouco cansadas, ela tenta me enxergar.

— Alteza — murmura sorridente ao ter certeza de que sou eu. — Que bom que veio. É muito importante, chegou o momento.

— O quê?

— Minha filha, pegue o envelope. — Ela pede à mulher.

— Tem certeza, senhora?

— Sim. Josephine é de confiança. Ela é a pessoa que eu esperava todo esse tempo para lhe entregar.

Assustada e confusa, fico olhando a mulher tirar uma tábua do canto da parede e pegar uma caixinha de metal enfiada lá dentro. Em seguida, puxa uma corrente que está em seu pescoço e tem uma chave pendurada. Abre a caixinha e traz para a Dália.

Com as mãos trêmulas, ela abre, tira um pequeno envelope de dentro e coloca em minhas mãos.

— Preste bastante atenção. Não abra e nem conte ao príncipe. O que tem aqui dentro pode trazer a morte a você e a ele, assim como veio a Dominic. Que Deus o tenha.

— Meu Deus! — murmuro. O pavor me consome e eu me petrifico.

— Cabe a você proteger o futuro rei, só vai abrir no dia em que o príncipe Phelipo se perder ou estiver à beira de um precipício. Quando não houver mais respostas para ele. E tenha certeza que esse dia não tarda.

A curiosidade bate forte em mim. Se eu abrir antes posso levar Phelipo à morte, mas se ele se meter em enrascada, o que está aqui dentro poderá ajudá-lo? Que coisa macabra.

— Sim, entendi.

— Prometa que não abrirá antes.

— Eu prometo. — Enfio o envelope pelo vestido, deixando-o perto do meu coração, que bate descompassado.

35

ALIADA



JOSEPHINE

Eu precisava desabafar. Mas sem mencionar o envelope. Não podia contar para ninguém, nem mesmo para Allegra que apareceu no palácio para me visitar. Algo martelava minha mente e eu vi nela a chance de compartilhar minha aflição. Então contei sobre o envelope para ela. Allegra estava tão assombrada como eu. Ela é discreta e sabe que a coisa é séria, vendo tudo estampado em meus olhos.

Sento com ela, bem pertinho e cochicho: — A morte do príncipe Dom. A senhora Dália me contou que o que está no envelope levou Dom à morte, e concluo assim que não foi a traição de Phelipo que o matou.

Ela fica pálida e de olhos saltados. Mostrando que compartilha da mesma perplexidade que eu.

— Como assim, Jojo? Que assunto sombrio é esse? Dom morreu em um acidente, todos sabemos.

— Pois é. Mais uma peça do quebra-cabeça solta. Há algo por trás disso tudo que a família real guarda a sete chaves. Nem mesmo minha mãe sabe nada relevante. Dom estava indo para o local do acidente de Mariah quando também sofreu uma tragédia. Essa é a informação oficial divulgada.

Eu antevejo a pergunta que ela quer fazer, uma vez que é a mesma coisa que me perguntei sem parar desde que essa suposição começou a me perturbar.

— Se ele não morreu assim... como seria a verdadeira versão? — O tom de voz dela abaixa mais ainda e, quase sombria, ela murmura: — É sobre aquele boato... do suicídio?

— Isso — assinto. — Até ontem eu acreditava nisso e acho que Phelipo também acredita, uma vez que ele se sente muito culpado. Penso que ele não queria se tornar príncipe em exercício porque julga ser do irmão esse posto.

— Meu Deus! — Allegra exclama baixinho. — E como é esse boato? Quem começou com isso? — Ela interroga mostrando que precisa de mais informações para acreditar.

— As teorias dizem que, naquela noite, Dom recebeu a notícia do acidente e ficou muito abalado por perder sua esposa. Daí, quando soube que Phelipo estava junto, pois tinha um caso com Mariah, ele não suportou e tirou a própria vida. E ninguém chegou a uma conclusão de como ele fez isso.

— Que horror.

— Agora entendo por que Phelipo foi embora e recusou receber títulos e honras.

— Sim. Ele devia achar que estava usurpando o que é do irmão. — Solto o ar dos pulmões, me sentindo esgotada com essa história. A tristeza bate em mim quando penso em Phelipo e tudo que aconteceu por causa de suas escolhas. Levanto os olhos para ela e confidencio: — Ele decidiu ser coroado rei, iria dar o aviso, mas o atendado aconteceu. Ele acha que seria uma afronta à memória do pai e do irmão se ele abandonasse tudo.

— Essa é uma ótima notícia, Jojo.

— Sim. Muito boa para nós, para o país. — Allegra concorda. — Eu juro que estava com medo de Phelipo ser um babaca e abandonar você e o país.

Não digo a Allegra, mas compartilhava dessa mesma preocupação dela até dias atrás. Tudo aqui se transformaria em um caos se ele voltasse a abandonar Turan. Mas sei que isso não é mais algo a se cogitar. Interiormente, um frio gostoso toma meu estômago quando lembro da minha noite com Phelipo.

Nunca sonharia que eu teria essas sensações gostosas apenas com lembranças. Ainda mais sendo lembranças sobre o príncipe o qual eu passei longos anos nutrindo ódio. Estou quase sorrindo quando ouço suaves batidas na porta e me viro. Minha mãe entra e não vem até a gente, me chama até o canto e eu já desconfio que há algo errado.

— O que houve, mãe?

— Aqui está. — Ela puxa minha mão e destaca um comprimido da cartela. — Você não tem noção do erro que está cometendo. Eu e seu pai não te educamos para agora você impedir uma gestação, ainda mais podendo gerar um herdeiro do trono.

— Mãe! — Tomo a cartela da mão dela e ajeito o comprimido de volta. — Primeiro que eu tenho que tomar na frente de Phelipo. Segundo: essa não é minha decisão. Ele não quer um filho e eu não irei brigar por isso, e por último, pílula do dia seguinte é apenas precaução.

— E vão ficar assim a vida toda? Interrompendo, usando métodos contraceptivos...

Eu não estou acreditando no que estou ouvindo. Coloco a mão nos olhos tomando força para não surtar. Me recuso a debater sobre minhas intimidades com minha mãe.

— Okay, Mãe. A senhora ficará a par quando houver novidade. — Vou até a porta e abro, indicando que é para ela sair. — Obrigada por ter comprado a pílula.

Ela olha para Allegra na cama e sabe que não é bem-vinda no assunto. Me lança um olhar duro e sai.

36

FAMÍLIA REAL



JOSEPHINE

Allegra não tardou em ir embora; Eu disse a ela que precisava resolver alguns assuntos referentes à breve cerimônia de coroação. Na verdade, eu queria ver como Phelipo estava e não queria admitir. Já passava das dez da manhã, eu o tinha deixado dormindo quando saí mais cedo e não voltei mais ao quarto. Além do mais, quero tomar o comprimido na frente dele.

Não quero que venha pensar que eu sou uma golpista querendo um filho dele para segurar casamento. Nem mesmo sei se essa união será duradoura. Portanto não é mesmo justo trazer uma criança para esse cenário um tanto instável.

Levi me atende quando bato na porta do quarto de Phelipo. Olho para seu braço preso em uma tipoia.

— Como está se sentindo, Levi? — Levanto o rosto para mirar seu rosto sempre sério.

— Muito bem, alteza. — Meio desconcertado, passa a mão na cabeça quase raspada.

— Você não deveria estar aqui. É domingo, está ferido, vá para casa descansar.

— Estou bem. O príncipe pode precisar de mim.

Ouço vozes e espio o outro lado do quarto, onde fica a cama. Tem uma mulher loura encostada na cama.

Mas que merda é essa?

— Eu vou pedir a Phelipo que te dê uma ordem, para você descansar — digo a ele e nem espero uma resposta. Ando até a cama que fica em uma parte mais alta do quarto, tendo que subir dois degraus. A mulher está de costas, é perceptível que está massageando a perna dele, na verdade terminando o processo. Paro a passos de distância, observando, e nenhum dos dois me vê.

Abro a boca para fazer um barulho e revelar minha presença, mas calo quando ela fala:

— Mas, alteza, se me permite dizer, devemos colocar o desejo pessoal à frente de tudo.

— Nem sempre. — Ele discorda.

Ela recolhe algumas coisas que usou na massagem, como recipientes de óleo e compressas, coloca em um carrinho de metal e volta-se para ele, sorrindo:

— Deseja que eu lhe sirva em mais alguma coisa, alteza?

Que cara de pau!

Arranho a garganta, pigarreando forte e ela se vira com brusquidão. Phelipo se assusta levemente, mas se recupera de imediato fingindo que não se abalou.

Me aproximo e fico do outro lado da cama.

— Alteza. — Ela me cumprimenta com uma breve reverência.

Apenas faço um gesto de cabeça aceitando o cumprimento dela.

— Está liberada. — Phelipo diz a ela. — Pode ir. — Ele está só de cueca, se senta na cama e pisca para mim. Desvio o olhar.

— Sim, senhor. — A massagista ainda está enrolando para ir embora. — Me chame quando tiver qualquer necessidade.

Eu finjo que não percebi o oferecimento dela. Aliso meu vestido um pouco sem graça, ela sai desfilando atrás de Levi, que empurra o carrinho e só então olho na cara deslavada de Phelipo.

— Como está se sentindo? — Ele abre a boca para responder, mas eu adianto: — Visivelmente muito bem, tinha até massagista particular.

— Então você é dessas que abandona o cara na cama logo pela manhã? — Tenta mudar de assunto.

Ok. Eu devia apenas ignorar qualquer mulher que cerca Phelipo. Ele é acostumado com isso, e gosta de receber essa atenção delas. Entretanto, há vários motivos que fazem meu lado ciumenta agir e dois deles são: ele é meu marido — mesmo com as circunstâncias em que nos casamos — e ontem transamos e tivemos uma ligação boa.

Não adianta tentar explicar, eu apenas não consigo ficar de boca fechada.

— Se eu soubesse que você teria uma visita tão ilustre pela manhã, teria ficado, para ajudar na hospitalidade. — Soo ranzinza e ele ri.

— Já disse que você é horrível tentando ser irônica. — Em seguida me faz ficar ruborizada ao dizer: — Nem vou vestir calça, caso você queira me fazer um agrado e me mamar.

Pervertido descarado!

De braços cruzados, fico observando-o se levantar e mancar até uma poltrona, pegar um robe preto e tentar vestir, sem sucesso. Levi não está no quarto e não me resta outra saída senão ajudá-lo.

— Calma — corro até ele —, vamos primeiramente deixar o braço livre. Desabotoo a tipoia e o ajudo, segurando o braço enquanto ele passa a manga do robe. Abotoo novamente e afasto para ver o resultado. Ficou legal, sem surpresa. Phelipo fica bom até vestido em um saco de farinha. Muito sexy e gostoso só de cueca boxer e o robe aberto por cima. E ainda com meias vermelhas.

— Onde foi tão cedo? — Ele se vira procurando a bengala, depois calça um chinelo e me fita, esperando a resposta.

Ainda bem que tenho o comprimido para provar meu álibi e omitir a loucura do envelope.

— Tinha que providenciar isso. — Mostro a ele a cartela da pílula.

Inesperadamente o semblante dele se torna lívido e posso ver nitidamente a rápida sobra de surpresa em seus olhos. Ele olha para a cartela, faz uma cara de dor e se recupera em milésimos de segundo.

— Que bom que lembrou.

Pego água em uma jarra de cristal ao lado da cama dele e nem pergunto se é isso mesmo que ele deseja. Jogo o comprimido na boca e engulo.

Phelipo não parece aliviado como eu achei que ele ficaria. Na verdade, flagro-o com o maxilar enrijecido e sei que está tenso.

— Gostaria de te pedir que ordene descanso, ao menos de dois dias, a Levi. Ele precisa e só se afastará se você ordenar seriamente.

— Farei isso.

— Bom, é isso. Mais tarde nos vemos no almoço. — Giro nos calcanhares, sopro pausadamente e caminho para a porta.

— Josephine, espera.

Eu paro e me viro.

Maldição! Ele está mesmo muito provocativo com esse robe. Um surto de desejo me toma inesperadamente: abraçar Phelipo sentindo seus músculos me envolverem e aspirar profundamente seu cheiro.

É tão estranho e erótico um homem desse tamanho vestindo apenas cueca e meia vermelha.

Freio meus pensamentos e finjo desinteresse.

— Oi.

— Venha aqui. — Me chama, deixando um sorriso malicioso brotar em seus lábios. Ando até ele.

— Diga.

— Mais perto.

Reviro os olhos e me aproximo mais.

— Mais perto.

— Ah, pronto! Vai fazer exame de vista em mim?

Ele dá um passo, ficando bem pertinho com seu peito nu quase tocando nos meus seios. Levanto os olhos para encará-lo.

— Quero transar novamente com você. Mas estou meio impossibilitado, você poderia conduzir a foda?

Me pergunto que tipo de mulher eu sou que arrepio com essa pouca vergonha.

Sem eu esperar e sem me segurar, curva-se e beija minha boca. Eu penso em resistir e empurrar e dizer que a partir de agora seremos apenas meros parceiros, amigos talvez. Entretanto, eu estou louca para beijá-lo. Acaricio seu rosto, beijando-o de volta.

— Eu deito na cama e você me monta e fode como uma louca. Por favor. — Empurro o peito dele e dou um passo para trás ao ouvir tamanha baixaria.

— Me respeita, cara.

Ele deixa a bengala cair e me puxa com o braço são. Toco em seu peito e tenho vontade de apertar e morder.

— Desculpa meu jeito peculiar. Morei fora por anos e acabei perdendo o requinte.

— Okay, agora me solte. — Ele me solta, abaixa e pega a bengala.

— Espere só eu me recuperar, você vai me pagar por fazer eu ficar de pau duro.

— Eu? Não estou fazendo nada.

— Mas estou de pau duro, esse é o ponto. Quero te mostrar uma coisa.

— O quê?

Ele vai até a cabeceira, pega seu celular e pede para Levi comparecer no quarto. Ele devia estar por perto, pois chega em instantes. Enquanto esperávamos, Phelipo sentou na poltrona e tirou as meias.

— Levi, prepare a guarda para nos levar ao cofre. — Phelipo pede, sentado na poltrona com a bengala entre suas pernas. — E você está dispensado hoje e amanhã. Se eu vir sua cara por aqui, estará definitivamente demitido.

Levi olha para mim e eu apenas dou de ombros.

— Mas, alteza, eu...

— Cara, não discuta comigo. Você vai para sua casa e fim. Volte na terça. Não se preocupe, Josephine me fará companhia. — Pehlipo e Levi, ao mesmo tempo, olham para mim, para verificar se eu vou ou não me opor. Eu apenas concordo com um rápido aceno.

— Claro. — Levi assente e sai do quarto.

Pouco depois, ele volta com dois guardas e Phelipo fica de pé.

— Venha. — Me precede indo em direção à porta e só me resta segui-lo.

Andamos atrás dos guardas e de Levi para uma parte do palácio que eu ainda não conhecia. Descemos um elevador que foi ativado com uma senha digitada por Phelipo e em seguida teve que pressionar sua digital.

Saímos em uma parte subterrânea do palácio, me causando falta de ar. Andamos por um corredor com as paredes aparentemente feitas de metal ou algo muito duro e resistente; o chão parece de concreto e as luzes fluorescentes fazem parecer ainda mais um ambiente restrito. Tem câmeras e luzes vermelhas, possivelmente de alarme.

Chegamos a outra porta de metal, Phelipo faz o mesmo procedimento, ela abre e cada guarda se posta de um lado, ficando de fora com Levi, deixando apenas Phelipo e eu entrarmos.

Ele abre uma última porta, tendo que usar, dessa vez, todos os dedos para comprovar a sua identidade e, quando as duas partes se abrem, me vejo em uma sala redonda toda branca com luzes fluorescentes acendendo automaticamente; não há janelas, apenas pequenos dutos de ventilação e, ao redor, vitrines repletas de joias. Uma voz eletrônica dá as boas-vindas:

“Seja bem-vindo ao cofre da coroa, Príncipe Phelipo Maxwell.”

— É isso aí. — Ele diz sorridente para mim. — Seja bem-vinda ao cofre da coroa.

Com a mão na boca, giro meu corpo admirando tudo.

— Que lindo!

Eu não fazia ideia que a família real tinha uma riqueza tão imponente assim. Vou até uma vitrine onde tem só pulseiras e braceletes de todos os tipos: diamantes, esmeraldas, rubis. Inicio uma

volta olhando todos os mostruários: abotoaduras, colares, tiaras. Paro diante de uma parte específica com várias coleções completas. É deslumbrante, tem inclusive a tiara com a qual me casei.

— Todas aqui dessa vitrine eram as joias da minha mãe. — Ele fala ao meu lado e meu coração se parte, pelo tom dramático e baixo. Então ele me deu as joias da mãe para que eu as usasse no casamento. Me sinto mal por ter tripudiado, quando os guardas vieram trazê-las para eu colocar.

Olho para Phelipo e ele me brinda com um sorriso triste e sincero, chegando aos olhos.

— Você e minha mãe foram as únicas que as usaram. Dom a odiava e não as deu para Mariah.

Boquiaberta, observo seus olhos azuis tranquilos.

— Posso te fazer uma pergunta bem pessoal?

— Sim, meu pau é maior que a palma da minha mão, já fiz questão de medir.

Ele não perde a oportunidade. Solto um arfar e esboço um olhar mordaz, o encarando.

— Você não odeia sua mãe? — De verdade, fico intrigada, uma vez que Phelipo é o mais rebelde e problemático. Deveria ser o primeiro a odiar a rainha.

— Não. — Ele sai de perto da vitrine. — Depois eu entendi o lado dela. Eu também fiz a mesma coisa, abandonando tudo e indo viver minha vida.

— Ela deixou dois filhos — contesto e ele se vira, me olhando. Penso que Phelipo vai se calar e parar de falar no assunto, mas ele prossegue:

— Porque não podia nos levar, foi o que deixou explícito no bilhete. Ela achou melhor ter a certeza de que ficaríamos bem.

Isso faz sentido e eu mostro que acredito em suas palavras, assentindo com um balançar de pescoço.

— Nunca tentou procurá-la?

— Já. Várias vezes, entretanto não fiz muito esforço para não criar atrito com meu pai e Dom.

Ele vai até o meio da sala, digita uma senha em um painel eletrônico e, após colocar o dedo no leitor de digital, o chão se abre e vem de dentro um mostruário todo forrado de vidro. Aproximo e fico maravilhada ao ver duas coroas dentro. Uma é maior e mais alta, com cinco pontas e tem milhares de pedras preciosas. A outra é mais delicada e da mesma forma adornada com pedras.

— Nossas coroas. — Se vangloria. — Todos os monarcas desse país usaram-nas. Agora será a nossa vez.

— São lindas. Muito mesmo. — Dirijo minha atenção para o rosto dele. — Por que está me mostrando tudo isso?

— Porque você é a única mulher na família real, na verdade... — faz uma pausa e sorri, pensativo — a família real se resume a nós dois. — Ri e completa: — E você usará metade disso aqui.

Eu sorrio de volta e não fico receosa por ele estar dizendo que somos uma família. Na verdade, até tenho uma boa sensação que só sentia quando planejava meu mundinho perfeito com Bart. Entretanto, o que sinto agora vendo Phelipo na minha frente é bem mais palpável e real. Eu não consigo parar de desejá-lo e de querer conversar e ficar perto dele.

Sorrio mais ainda e até mordo meu lábio. A atração que sinto por esse homem me deixa sem ar.

— Para de me olhar assim. — Ele zomba.

— Assim como?

— Com essa cara de que quer me foder.

Mais uma vez sorrio, trocando um olhar cúmplice com ele. Até que não é ruim estar casada com esse príncipe cretino.

37

BEM CASADA



JOSEPHINE

À noite não fui eu que corri do sexo, na verdade eu dei o pontapé inicial. Phelipo tinha me dito que gostaria que eu dormisse novamente com ele. E eu disse que iria pensar.

E pensei bastante. Para chegar à conclusão de que eu o queria em um desejo voraz e puramente carnal. Queria repetir tudo novamente e tinha que ser com ele e dane-se o resto.

Eu saí preparada do meu quarto, não era do meu feitio e jamais agiria assim. Precisei tomar uma dose de uísque para ajudar na coragem. Vesti uma camisola fina e provocante — que eu ainda não tinha usado —, Allegra tinha me presenteado antes de eu casar, por sorte não a joguei fora.

Coloquei um robe de renda por cima e deixei meus cabelos soltos em cachos cascateando nas costas e ombros. Respirei rápido várias vezes em frente ao espelho e saí do quarto.

Phelipo lia compenetrado quando entrei. Ele me olhou e sorriu, mas foi pego desprevenido quando tirei meu robe, deixando-o cair como um manto aos meus pés. Em seguida, foi a vez da calcinha, tirei e a deixei no meio do quarto. Um rápido strip-tease silencioso sem desviar meus olhos dos dele.

Phelipo suprimiu os seus sorrisos eróticos e debochados, tamanha era sua surpresa.

Ok, eu me sentia poderosa, mas o nervosismo era tanto que comecei a ficar tonta. Torci para não desmaiar pelada nos pés dele. Montei em seu colo e segurei sua camisa.

— Acho que você pretende algo. — Phelipo se recupera do choque e curva seus lábios em um sorriso rasgado e muito sexy.

— Já que vamos continuar com esse casamento, que seja fazendo coisas boas.

— Certíssima. — Ele enfia os dedos nos meus cabelos e puxa meu rosto para me beijar.

Eu estou tão quente e excitada que abro sua camisa em um único impulso. Com seu peito à mostra, desvencilho da boca e aspiro profundamente o pescoço largo, me inebriando com o cheiro puro de macho; isso tudo me faz perder a racionalidade e ser controlada apenas pelo prazer; mordo o ombro e volto para sua boca, dessa vez conduzindo ferozmente o beijo, agarrando seus cabelos.

É sem dúvida a melhor maneira de terminar o domingo. Nunca achei que faria sexo por cima, de uma maneira libertina sentada sobre um homem, mas fiz e não me arrependo. Foi delicioso cada segundo.

Ele me leva para a cama e nos amamos lá, com toda volúpia possível nos envolvendo. E o melhor é que eu me sinto no controle, em cima do seu corpo grande suado, subindo e descendo várias vezes seguidas até nos levarmos à porção do clímax.

Mais tarde, no entanto, já deitados abraçados para dormir, o celular dele toca. Finjo que dormia e sinto Phelipo se afastar lentamente como se não quisesse me acordar e ir atender o celular.

Baixinho, ele diz:

— Amanhã às dez, ótimo. Estarei lá. Mal posso esperar. Obrigado, Levi está de folga, mas pedirei aos guardas para me acompanhar. Atenção, toda discrição é pouca. Ninguém, absolutamente ninguém, pode saber da chegada de vocês. Ok, mande outro e diga que estou morrendo de saudades.

Ele desliga e volta a deitar, me abraçando por trás. Fico dura de tensão pensando nesse telefonema. Quem está chegando e ninguém pode saber? Só há uma maneira de descobrir.

Levanto cedo, ligo para Allegra e ela se prontifica a ir comigo seguindo Phelipo. Allegra adora essas coisas. Eu saio bem antes e faço questão de me despedir dele dizendo que estou indo na casa dela.

Eu, ela e Matt ficamos dentro do carro em uma esquina esperando, até que às nove e meia o carro de Phelipo sai do palácio, acompanhado de outro carro.

Matt é perfeito seguindo-o sem ser descoberto e fico surpresa quando chegamos ao campo de voo particular da realeza. Nada de aeroporto comercial. Eu poderia me identificar e entrar, mas sei que Phelipo não iria gostar de ser pego no flagra. Armar encrenca era a última coisa que eu desejava.

No fim, volto desanimada para o carro e vamos embora.

Eu não consegui nada nessa espionagem. Só sei três coisas a respeito desse mistério: alguém muito importante para meu marido chegou em Turan. Possivelmente veio para ficar e não pode ser descoberto, ou descoberta.

Eu só consigo pedir, na verdade, implorar fazendo preces fervorosas para que não seja uma amante. Eu estou mesmo gostando para valer de Phelipo, descobrindo sensações e sentimentos que eu nunca tinha experimentado.

38

CONVIVENCIA



PHELIPO

— Phelipo, você é como um filho para mim e, na falta de seu pai e sua mãe, cabe a mim dizer o quanto estou feliz e grata por você ter aceitado seu título de príncipe. — A mãe de Josephine diz; estamos na mesa tomando o desjejum e eu apoio meu queixo no punho, olhando-a com desdém. Pena que não consegue ler minha expressão e continua falando merda.

— Mãe. — Envergonhada, Josephine resmunga. Aretha se refere às matérias sobre minha vida que saíram hoje nos principais jornais do mundo inteiro. Eu dei carta branca para que noticiassem sobre a coroação já marcada para breve.

Consegui pegar o povo de surpresa e, no momento, só falam disso. Hoje mais cedo assisti na CNN um bate papo com especialistas em geopolítica e eles analisavam todo o cenário político de Turan e o que meus conterrâneos podem esperar de mim e Josephine como autoridades máximas.

As pessoas estão apostando em mim, uma vez que sou um bom empresário. Tenho fama e fiz fortuna fora daqui; dirigir um país requer pulso e visão de futuro, justamente o que me define.

— O que foi, Josephine? — Aretha se volta rudemente para a filha. — Não é apenas por você ser princesa, e sim por Phelipo ter enfim olhado além do que sua soberba permite e ter aceitado o que é dele por direito.

Josephine tampa o rosto com as duas mãos antevendo uma possível explosão minha. Sorte a de Aretha que a filha dela soube me domar muito bem essa manhã com um sexo delicioso e isso me deixou calmo. Sorrio com ironia.

— Cuidado para eu não olhar além da soberba e enxergar você aqui nessa mesa todos os dias. — Tomo um gole de café apreciando a rápida palidez que cobre seu rosto. — Talvez você seja mais humilde que eu e vá fazer companhia aos serventes na cozinha.

Ela engole seco e abaixa a cabeça. Conheço bem Aretha, ela é diferente da filha, se acha superior demais para fazer refeições com empregados. Ignoro-a e olho para Josephine.

— Quer dar um pulo na Austrália comigo?

— O quê? Austrália?

— Sim, praticamente aqui do lado. Hoje à noite vai acontecer uma exposição dos novos modelos da Maxmiklos Motors. Será um evento muito importante e minha presença é indispensável.

— Claro que ela vai. — Aretha intromete. — Como será o traje? O que deveremos vestir, alteza?

— Infelizmente o convite se restringe apenas à minha esposa, Aretha. — Até tento não ser rude, mas ela força a barra. Josephine morde o lábio, bem pensativa. — Não posso ficar muito tempo longe de Turan. — Eu digo —. Iremos agora, dormiremos lá e voltaremos amanhã pela manhã.

Ela assente concordando e em seguida sua voz confirma: — Eu aceito.

— Ótimo, pode ir arrumar suas coisas.

Sozinho no meu quarto, faço algumas ligações necessárias e tento arrumar minhas coisas, todavia Levi intervém e traz uma camareira para preparar minha mala. Apenas ajeitar as roupas, pois eu já tinha escolhido o que levar.

— Eu disse para você não aparecer aqui — falo a ele, com o celular no ouvido, esperando atenderem minha ligação.

— Hoje é terça, alteza, o limite que o senhor impôs.

A pessoa atende e eu tiro a atenção de Levi. Depois que termino, viro-me para ele.

— Você vai ficar.

— Alteza...

— Eu preciso de você aqui, Levi. Sabe o que tem que fazer. Não vamos dar brecha para o azar.

— Sim senhor. — Ele fica aliviado em saber que não o estou descartando por completo. Levi é o único em quem confio cegamente para me ajudar.

Ele nos acompanha até o campo de voo particular e só parte depois que o jatinho se coloca em movimento.

— Desculpa pela minha mãe. — Josephine diz. Eu deixo o celular de lado e encaro-a.

— Tranquilo.

— Ela não tem freios na língua.

— Eu a tolero por sua causa.

— Eu sei. — Ela ri em seguida, me fazendo semicerrar os olhos, intrigado. Faz uma pausa antes de dizer o motivo do seu riso: — É tão estranho isso. Semanas atrás você estava me ameaçado no jardim do palácio e agora... — Não termina de falar, dá de ombros, deixando o final subentendido.

— Agora somos amigos que transam. Antes eu era seu desafeto que iria te comer e descartar.

— Iria fazer isso comigo? — Ela cobre a garganta com a mão, completamente atônita.

— Eu não sou uma pessoa muito boa, achei que você já tinha aceitado esse fato.

— Mas... sei lá. Nunca tinha feito nada para você — fica desconcertada e tira os olhos do meu rosto — para merecer algo do tipo.

— Mas na minha concepção era uma Satã. Eu estava muito puto e queria te ferir.

Ela volta a colocar seus belos olhos meio saltados em mim. Sorrio galanteador, observando-a por segundos a fio sem nada dizer. Até ela começar a corar.

— Você teve sorte.

— Eu? — Ela ri nervosamente. — Eu, sorte?

— Sim. Conseguiu atingir algo dentro de mim e me fazer revogar tudo de ruim que eu planejava para você e sua mãe. E eu não iria desistir, dificilmente eu desisto de meus planos.

— Devo agradecer por me falar isso?

— Estou sendo sincero. Não vamos nos separar, nosso rolo está gostoso...

— Rolo?

— É. Nosso rolo de foda e descobertas. Portanto, devemos ser sinceros um com o outro.

Ela não está mais corada, mas bem compenetrada na conversa. Cruza as pernas e fica ereta em uma posição altiva.

— Isso é bom. Devo então acreditar que dispensou suas amantes?

Dou um sorriso. Mulheres são todas iguais, podem estar apenas saindo com o cara que vão querer exclusividade. E eu as entendo, afinal, eu sou desse jeito: se está comigo, é só comigo.

— Não tenho necessidade de buscar fora o que tenho em dobro em casa. — O brilho nos olhos dela mostra que gostou da resposta.

— Então... você julga que homens que tenham necessidades podem...

— Não vamos falar de outros homens e sim de mim. Eu descobri os dotes da minha esposa, que é pequena, mas faz destruição na cama e no momento é minha única amante.

Josephine vira o rosto, escondendo o sorriso. Ela era apenas uma garota recatada ensinada a ser gentil, servir e ser uma boa esposa. Mas a cada dia que passa consegue perder mais um pouco dessa casca.

Ainda é dependente da mãe e das amigas, não consegue fazer quase nada sozinha ou tomar uma decisão, todavia, creio que ela conseguirá crescer sendo mais forte e independente e vai precisar, afinal temos um país para comandar juntos.

Chegamos no hotel e vou direto para a cama. Estou com dor de cabeça e preocupado com coisas importantes que ficaram em Turan. Um voo de cinco horas só piora as coisas.

Dormi às três e acordo às sete e meia. Josephine lê tranquilamente deitada de um jeito estranho, atravessada em uma poltrona. Sua cabeça em um braço, o corpo no acento e as pernas no outro braço. Josephine é o tipo de pessoa que quando vai viajar corre para a estante de livros, preocupada em quais vai levar. Isso mesmo, mais de um livro. Ela me contou que sempre viaja com dois ou três, caso termine de ler um ou a leitura não a prenda.

Às oito eu já estou arrumado e recebo a informação que a limusine nos espera. Mas Josephine corre de um lado para outro, dizendo baixinho: “Ai meu Deus, Ai meu Deus”.

Sorrio e a observo sem que perceba. Ela coloca um vestido comprido rosa claro com um formato de sereia, delineando com perfeição o corpo dela. Há minúsculas pedrinhas brilhantes no busto e uma abertura atrás, deixando as costas descobertas.

Há poucos minutos, abri uma caixa preta na frente dela. São joias que eu mesmo escolhi no cofre para que Josephine use nessa noite, que é muito importante para mim. Mais uma vez são joias da minha mãe.

Ela fica boquiaberta, completamente pasma enquanto eu coloco o colar. O pingente lembra um sol com diamantes e ouro. O conjunto é composto também de brincos.

— Se chama "A rainha sob o Sol". Meu avô presenteou a minha mãe no dia que ela me deu à luz. — Eu explico olhando-a no espelho. Josephine admira a joia emocionada e me agradece com sinceridade por confiar a ela joias tão importantes para mim.

Agora ela está quase pronta. E creio que demoraria mais se tivesse feito a própria maquiagem e cabelo. Fiz uma ligação pedindo ao hotel para trazer alguém imediatamente para ajudá-la; em trinta minutos, duas pessoas se apresentaram e a deixaram tão bela que me causou palpitação.

Sinto meus olhos se encherem de brilho, e involuntariamente meus lábios se curvam.

Ela ainda fica insegura, perguntando ao cara que veio maquiá-la:

— Ai meu Deus. Não ficou muito chamativa?

— Está perfeito, alteza. — Ele a tranquiliza. E está mesmo perfeito. Eu estou admirando uma mulher que até dias atrás desconsiderava, estava me deixando levar pela ocasião e pela segurança que ela oferecia. Josephine não vai a lugar algum, é algo permitido, pois somos casados e não tenho preocupações, isso me deixa tão confortável que nem tento parar meus sentimentos quando estão alvoroçados, como agora, vendo-a desesperada, jogando algumas coisas na carteira e olhando em volta aturdida, talvez verificando se esqueceu de algo.

Quando entramos na limusine, sirvo champanhe para ela e depois para mim.

— Para se acalmar um pouco.

— Obrigada. — Ela bebe um gole e sopra profundamente. Quando se vira e me vê rindo, fecha a cara.

— O que foi? Estou estranha?

— Não está de se jogar fora. — Pisco para ela.

Josephine revira os olhos e se preocupa em ficar imóvel, talvez para não amassar a roupa.

Estamos em Melbourne, uma das cidades mais populosas da Austrália. O evento acontecerá em um clube particular.

— É muito lindo. — Josephine exclama olhando a rua movimentada e muito iluminada, uma festa aos olhos.

— Sim. Melbourne é um centro financeiro, por isso investi em uma fábrica aqui. Essa cidade é considerada a quarta mais cara do mundo e a melhor para se viver. Talvez voltemos aqui outras vezes e te levarei para navegarmos na Baía de Port Philip, lar de golfinhos e baleias.

— Eu irei adorar. — Ela pensa um pouco e opina. — Não é muito diferente de Del Rey.

— Sim. Meu avô e meu pai fizeram um bom trabalho em nosso país.

— Espero que esse bom trabalho continue nas próximas gerações. — Ela diz com bastante esperança bailando em seus olhos; não respondo, apenas ficamos nos olhando.

39

BELA NOITE



JOSEPHINE

Somos recebidos como estrelas da noite. Estamos escoltados por seguranças e tenho certeza que não é apenas isso que chama atenção. As pessoas estão a par de tudo que anda acontecendo em Turan nos últimos anos; todos, no mundo inteiro, conhecem Phelipo e eu. Além, é claro, dele mesmo ser a estrela do lugar, pois são seus carros, sua exposição.

— Senhor Phelipo, seja bem-vindo. — Um homem na casa dos cinquenta anos, vestindo um smoking, vem imediatamente nos recepcionar. Olha para mim e me cumprimenta: — Senhora, seja bem-vinda. Espero que tudo esteja do gosto de vocês.

— Quero dar uma volta e olhar tudo, Wilker. — Phelipo diz e o homem assente. Andamos atrás dele. Estou encantada com tudo. As pessoas, muito bem vestidas, andam tranquilamente pelo gigante salão iluminado. Há um som ambiente que ainda não distingui de onde vem e carros de luxo exibidos em mostruários. Acompanhando cada um dos carros, um casal para apresentar o veículo aos visitantes.

— Esse é o que o senhor mais esperava. — O homem para diante de um carro branco. Sem dúvida é um carro esportivo. É rebaixado e parece uma Ferrari. Não entendo nada de carros, mas sei que esse deve valer uma fortuna.

Como se fosse um bebê, Phelipo passa a mão no carro brilhante sob as luzes do salão.

— Ficou exatamente como eu queria. Acabamento perfeito. — Ele vira-se para mim e explica: — Esse carro é a estrela da noite, é a primeira vez que está sendo exibido em público, era um mistério para todos.

— É muito bonito. — Eu digo.

— Venha, entre nele. — Phelipo se apressa em abrir a porta para eu entrar. O interior do carro é na cor vinho, os bancos são de couro e abraça o corpo perfeitamente, o painel à frente é de última geração. Um luxo só. Estou de verdade deslumbrada. Ele senta ao volante e, muito animado, diz: — Trezentos e oitenta cavalos, alcança uma velocidade de duzentos e vinte quilômetros em onze

segundos e chega a trezentos e cinquenta como velocidade máxima. Eu mesmo programei e desenvolvi cada parte do motor.

Eu não tinha o que falar, afinal não entendo nada dessas coisas, entretanto estou muito feliz com o entusiasmo dele. De verdade eu estou gostando muito de Phelipo, pois sua felicidade me faz feliz e isso só acontece quando a gente gosta mesmo da pessoa. Admirá-lo de olhos iluminados — mesmo com tantas coisas ruins acontecendo em sua vida —me conforta.

Saímos do carro e ele pergunta ao homem: — Alguém já se interessou?

— Sim. O rei Filipe da Espanha, que já tinha reservado um, e mais sete nomes. O senhor decidirá a quem dará a preferência.

— Ótimo. Vou dar uma volta, cumprimentar as pessoas. São apenas cinco carros desse. — Phelipo diz para mim, pega uma taça de champanhe de um garçom e me entrega, ficando com outra para ele.

— Por quê?

— Esse é o segredo. Fazer um grande mistério em um carro, depois soltar apenas alguns para poucos adquirem, item exclusivo. Daqui há alguns meses abro as vendas, mas com uma versão um pouco inferior para os cinco primeiros não se sentirem enganados.

— É uma boa tática.

— Penso nos detalhes. Venha, vamos ver essas belezas.

Phelipo faz questão de mostrar os carros de perto e me explicar sobre cada um.

A noite está sendo maravilhosa. Eu tinha imaginado que seria tedioso, um lugar onde eu ficaria deslocada e esquecida por ele. Mas o príncipe foi um príncipe comigo, não me deixa sozinha um segundo, faz questão de me inserir nas conversas e ainda me mantém entretida, falando das pessoas ali presentes.

E no fim, deixamos a exposição para conhecer mais do país, o qual Phelipo estava ansioso para apresentar. O céu era revestido de um negro bonito, parecia um tecido coberto de brilhos, que eram suas estrelas.

Saímos do carro e me deparei com uma praia. E para minha surpresa havia bastante movimentação naquela hora, e que soou estranho para mim.

Descalços caminhamos de mãos dadas. Olhar para Phelipo a noite, naquele luar glorioso com o cheiro marítimo ao nosso redor, fez algo em meu coração. Algo que já vinha se instalando a bastante tempo e eu não tinha coragem de aceitar.

Até seus olhos pareciam mais azuis, em um tom reluzente.

Chegamos a uma enorme roda de pessoas clareada por tochas de fogo e no meio havia um tipo de dança que mais tarde fiquei sabendo que era um estilo australiano de polca, uma dança oriunda da Chéquia.

Ao som de acordeons e palmas eles dançavam sublimemente, com seus giros perfeitos e pulinhos orquestrados. A poeira levantava, mas ninguém se importava, e eu dividia meu olhar com o espetáculo e com meu marido, que sorria e batia palma junto com os outros espectadores. Gostei de ser apresentada a um Phelipo diferente.

Me pegando de surpresa um dos homens que dançavam veio até mim.

— Princesa. — Disse em um sotaque diferente. — Princesa de Turan. — Mostrou que me conhecia. Bom, Austrália é um país vizinho, não estava surpresa por me conhecer. — Me dê a honra de uma dança. Me convidou e imediatamente neguei balançando a cabeça.

— Não. Levantei os olhos para Phelipo com medo de encontrar uma carranca, mas ele sorria.

— Vai. — Me incentivou.

— Alteza. — O dançarino cumprimentou Phelipo e me puxou para o meio da roda. — Na ponta dos pés, como se o chão fosse de larva. Dois pulinhos seguidos. — Ele me instruiu e segurando na minha mão nos embalou com o ritmo animado. Eu fiz dança no colégio interno, tenho um pouco de desenvoltura. Olhei para Phelipo e ele tinha o sorriso mais bonito que eu tinha visto, porque era um sorriso genuíno, ele estava alegre de uma forma palpável, mesmo que não podia dançar comigo. Rodando e pulando, seguindo os passos do dançarino eu me vi na noite mais bela da minha vida.

***

Phelipo agarra meu corpo e eu praticamente subo em cima dele, sua mão em minha bunda e nossas bocas se chocando vorazmente em um beijo destruidor. Eu estou muito vadia. Se as freiras do colégio me vissem, mandariam eu fazer penitências a madrugada toda.

Me entrelaço com Phelipo na limusine na volta para o hotel assim que entramos e, pasmem: eu que me atiro em cima dele.

Estou completamente louca no homem, como ele tinha previsto que aconteceria: “Farei você ficar dependente de mim”. E eu estou. Mal consigo aguentar para estarmos juntos, sozinhos, nem precisa ser transando, desde que eu esteja com ele. E tenho certeza que ele sente o mesmo.

— Meu Deus! — Me afasto ofegante. — Seu braço.

— Devia se preocupar com meu pau, aqui, dolorido. — Ele tenta me puxar novamente, mas eu resisto e desço de seu colo. Ajeito meus cabelos, completamente sem ar. Ainda bem que o motorista não viu quando eu me joguei em cima do príncipe, o que ia pensar de mim?

Phelipo sorri perversamente, passa o dedo nos lábios e em seguida ajeita o volume imenso nas calças.

— Para de me olhar com essa cara — digo, abro a bolsa, pego o espelhinho e me olho. Preciso estar com uma boa aparência quando descer no hotel.

— Me obedeça e volte para meu colo, Josephine, senão terei que te punir.

— O quê?

— Venha terminar o que já começou, ou eu acabarei com você daqui a pouco. — Ele está recostado no banco, girando a aliança no dedo e me olhando sarcasticamente.

Não duvido da palavra dele, Phelipo gosta de se impor e de mostrar seu poder. Essa promessa dele acaba fazendo o contrário do que eu esperava. Esfrego minhas pernas me sentindo estremecer ao pensar em nós dois nus na cama do hotel.

— Inferno! Em que me tornei?

— Uma princesa Satã, louca por mim. — Ele fala todo arrogante e eu me dou conta que falei ao invés de pensar. — Você tomou sua decisão, Josephine. Aguarde só.

E eu aguardo e faço o que tem que ser feito para facilitar o serviço dele. No quarto do hotel,

finjo que nada está acontecendo e nos despimos calados, cada um no seu lado. Tiro a maquiagem, as joias, o vestido e, quando olho para trás, Phelipo surge como uma aparição pornográfica, grande dentro da cueca e me mostrando — em um sorriso muito malicioso e irresistível — o que está prestes a acontecer.

Me sentindo confiante, com muito champanhe no organismo, ando até ele e passo os braços em seu pescoço.

— O que tinha dito que faria, príncipe?

Sem deixar de me fitar, ele tira minha mão do seu pescoço, abre a cueca, coloca ela dentro e diz:

— Ações falam mais que palavras.

Aperto em minha mão fazendo-o gemer, sorrindo. Os romances que eu tinha lido estavam certos, é muito bom e excitante dar prazer a outra pessoa. Eu estou dando prazer a Phelipo e me sentindo poderosa com isso.

Ele me abraça apertado e me leva para a cama; caímos agarrados nos beijando gananciosos, totalmente incorporados com tanto prazer que arde em minha pele.

O corpo quente, duro e cheiroso em cima de mim, faz meu estômago flutuar de tão gostoso que é. Levo minhas mãos pelas suas costelas, arranhando manhosamente até chegar à cueca e puxá-la para baixo; quando Phelipo a descarta eu seguro novamente seu pênis enorme, duro e grosso. Um primor, a fonte de prazer que eu preciso para me saciar.

Ele enfia as duas mãos nos meus cabelos e aperta de um jeito dominador e provocante, ajeita seu corpão em cima de mim com suas pernas entrelaçadas nas minhas e eu agarro seus braços.

— Vou... (ofegou) te foder... (ofegou) tanto agora (ofegou) que vai mancar como eu, amanhã.

— Faça o seu melhor, vossa alteza — provoco e ele ri. Avança e me beija dilacerando minha boca com seus lábios macios. Soluço desesperada quando ele abaixa sua boca, segura firme meus seios e chupa, bem devagar, como um gato toma leite: uma lambida de cada vez, me fazendo contorcer de prazer.

Ele é bem alto e pode me segurar como quiser, mas recosta na cabeceira e faz com que eu me sente de costas para ele.

— É uma montaria de costas. — Ele sussurra.

Phelipo abraça deliciosamente meu corpo, com a mão em meu seio, e se desliza para dentro me fazendo fechar os olhos e morder os lábios a cada centímetro avançado. Me sinto abrindo para recebê-lo como uma luva acomoda a mão; não é mais tão apertado, é o envolvimento perfeito, abraçando toda sua extensão dura e poderosa, tornando nossas peles mais quentes e arrepiadas que o normal.

Chega ao fundo, tocando bem interiormente de mim e o gemido escapa da minha garganta como um grito de libertação.

Eu estou em brasas, deleitando de tudo que ele pode me dar quando puxa seu pênis e o mete fundo novamente. Completamente presa, com ele me abraçando por trás, relaxo e deixo que me conduza nas arremetidas fundas e impiedosas.

Eu o recebo avidamente, apertando sua coxa musculosa, flexionando embaixo para dar impulso e aprofundar cada vez mais as estocadas.

— Phelipo... vou gozar.

— Ainda não — rugiu.

— Jesuuus! Não vou aguentar, vou gozar. — Já estou vendo estrelinhas, meu ventre pegando fogo, a loucura subindo pelo meu estômago e chegando à minha garganta, quase tampando minha respiração. É a explosão chegando, e é muito gostoso sentir tudo isso.

— Vai aguentar sim, quero ver você gozando, ainda não é o momento.

Eu já estou quase chegando ao ápice quando ele se vira, me ajeita de lado, se acomoda por trás sem deixar de me abraçar e avança, socando gemendo rouco no meu ouvido, me apertando faminto, me devorando deliciosamente, da maneira que eu queria.

E ainda não foi o momento em que me libertei.

Ele se vira mais uma vez, fica em cima de mim, olha nos meus olhos e sorri irresistivelmente. Puta que pariu. O filho da mãe é muito gostoso. Se movendo dentro de mim e sorrindo assim. Eu estou morta de paixão por ele.

Desgraçado! Ele sabe como pode ser fascinante e usa isso a todo momento. Entretanto não sou eu que me declaro, sou pega de surpresa quando ele sussurra feliz:

— Você me ganhou, Satã. — E me beija, gozando junto comigo em seguida.

Dormimos agarrados, meu rosto em seu peito e seus dedos fazendo cafuné em minha cabeça. Não dizemos nada, só tomamos um banho, voltamos para a cama e nos enrolamos nos cobertores. Soube que ele dormiu quando parou de acariciar meus cabelos.

Eu o ganhei? Que porra!

A felicidade me abraça e eu durmo.

***

Tínhamos que embarcar nas primeiras horas da manhã porque Phelipo disse que tinha um assunto para resolver às quatro da tarde em Turan. Nos preparamos, tomamos café e descemos. Um carro nos esperava na porta. Eu andei ao lado dele, segurando em seu braço. Conversávamos sobre algumas táticas para as fábricas do nosso país, para as quais eu tenho muitas ideias.

Ele inclusive marcou uma reunião com os governantes para eu expor minhas ideias.

Saímos na porta do hotel, com dois seguranças atrás da gente e um homem à nossa frente. Ele mira uma chave para o carro e destrava o alarme. O carro pisca duas vezes e em questão de segundos ouço um barulho ensurdecedor, fogo à minha frente e eu sou arremessada para trás com uma força inesperada. As portas de vidro do hotel se quebram e meu corpo bate com força no chão.

Não fico inconsciente. Tento levantar, mas meu corpo não responde muito bem.

Eu ouço ao longe — além do zumbido em meus ouvidos — alguns gritos e ainda posso ver o clarão do fogo. O carro explodiu. Alguém se abaixa diante de mim falando alguma coisa e em seguida me pega nos braços, mas não entendo e tento levantar a cabeça e olhar para os lados. Vejo vultos de muitas pessoas correndo em uma direção para socorrer alguém também caído.

Meu Deus, é Phelipo. Ele sofreu um novo atentado.

40

VIDA EM RISCO



PHELIPO

— Nem que olhem a porra de cada continente, em cada país, eu quero que encontre o culpado! — berro enlouquecido para uma plateia de agentes especiais da casa real. — Eu vou acabar com a porcaria da vida do desgraçado.

Já se passou um dia desde o ocorrido e estou na segurança do palácio. Os ferimentos em mim e em Josephine foram superficiais, nada alarmante. Apenas cortes provocados pelos estilhaços. Sorte que estávamos longe o bastante para não sermos atingidos pelo fogo.

Por pouco não morremos, foi por pura sorte que a bomba explodiu antes no carro que nos levaria ao aeroporto. Ela seria ativada quando ligasse a ignição, entretanto é um carro de luxo, moderno e tem a função de ser acionado antes de entrar. A pessoa liga o carro apertando um botão na chave apenas para conforto como, por exemplo, o ar-condicionado estar em funcionamento quando os ocupantes entrarem.

Eu trabalho com carros e sei que, quanto mais comodidade, mais atrairemos clientes.

O motorista ativou a ignição do carro assim que saímos do hotel, ligando-a antes de entrar. Foi a nossa sorte.

Todavia, não é uma sorte estar na mira de patéticos criminosos. Eu quero matar quem fez isso. Nunca tive tanto ódio correndo em minhas veias.

Deixo o capitão das forças especiais resolvendo isso e saio da sala de reuniões. Levi me segue. Tento caminhar apressado, mas minha perna dói pra caralho, mais que o normal. Ele emparelha comigo e me olha desconfiado.

— Tem alguma suspeita, alteza?

— Não. Quer dizer, tenho dezenas de inimigos, deixei uma lista com o capitão.

— Sim. Isso é bom. Eu vou supervisionar tudo bem de perto, o senhor poderá descansar.

— Ok. Muito obrigado. — Paro diante da porta do quarto de Josephine e bato de leve antes de girar a maçaneta e entrar. Ela me olha da cama, a mãe está sentada com ela. Josephine se senta aflita quando me vê. Não tínhamos nos encontrado desde ontem, quando viemos embora. Mesmo feridos, eu não queria ficar mais um segundo em outro país, queria vir para casa e proteger a mim e a ela.

— Oi — cumprimento.

— Oi. — Ela responde e se volta para a mãe. — Mãe, pode nos deixar a sós um pouquinho?

— Claro. — Aretha me lança um ácido olhar de crítica despeja palavras de revolta: — Minha filha está correndo perigo por sua causa. Espero que tenha uma boa estratégia, isso não pode continuar, ela não pode pagar pelos seus erros. Eu só tenho a ela.

— Mãe. — Josephine murmura fracamente. Eu não digo nada, fico olhando-a sair do quarto. Ela tem toda razão, meus inimigos estão atrás de mim, e como Josephine está comigo, acaba ganhando uma fatia da torta também. Me sento na cama, ao lado dela.

— Como está? — pergunto. — Dormiu bem?

— Sim, estou bem... e você?

— Também estou legal. Foi por pouco. Cacete! — Passo a mão no rosto, ela pode perceber como estou tenso. — Quase conseguiram dessa vez. — Assanho meus cabelos, sem querer pensar nessa hipótese.

Josephine segura minha mão e aperta transmitindo seu conforto.

— Estamos bem, é o que importa. Descobriu quem pode ser?

— Ainda não. Mas as investigações estão em andamento. Estão noticiando no mundo inteiro.

— Eu vi, as pessoas estão assustadas. Alguns apostam no Estado Islâmico.

— Eu não acho que seja. Turan nunca foi foco deles. — Reluto antes de acrescentar: — É algo comigo.

— Então, quem?

Tiro meus sapatos, jogo a bengala no chão e me ajeito na cama, deitando com Josephine e abraçando-a.

— Eu tenho uma lista de pessoas que gostariam de me ver morto. O pai de Mariah é um deles. Também tem alguns maridos que me juraram morte, inimigos de negócios, outros concorrentes nas fábricas automobilísticas... Nádia, Bartolomeu...

— Acha que eles poderiam fazer isso? — Ela levanta o rosto para me olhar.

— Com certeza, não posso descartar ninguém. Mas por enquanto vamos esquecer isso. Estamos seguros aqui. — Beijo os cabelos dela e, um pouco mais tranquila, volta a deitar a cabeça no meu peito.

Eu não saí mais do quarto dela. Não queria deixar Josephine sozinha e nem queria ficar isolado no meu quarto. Eu devia agir, mas também precisava que pensar na minha segurança. Nada de colocar a cabeça fora do palácio até tudo estar resolvido.

Passamos a tarde juntos e me surpreendi por ter gostado de compartilhar com ela seu espaço e suas coisas.

Um banho de banheira foi ideal para relaxarmos e esquecer um pouco toda porra acontecendo ao nosso redor.

Só quando a noite cai, Levi vem me chamar com urgência. Nem precisa abrir a boca, seu semblante o entrega: puro conflito estampado; já sei que tem respostas.

— Encontramos, o sujeito confessou.

Saio correndo atrás dele, pouco me importando para minha perna que lateja. Meu coração a mil por hora. Louco para saber quem é o culpado. Todas as suposições que formei mentalmente havia fritado meu cérebro. Chego à sala de reuniões do palácio e vejo uma televisão ligada. A imagem é de um homem sentado numa mesa em uma sala pequena, sendo interrogado por agentes da coroa.

Mal consigo respirar tamanho é meu estresse. E para minha completa perplexidade noto que já o tinha visto: era um dos inimigos número um do meu pai e até já brigou publicamente com Dom.

— Derek — murmuro, sentindo meu sangue subir para o rosto; fecho meus punhos querendo socar a tv, mas me controlo.

— Ele é um democrata, alteza. — O chefe da investigação me entrega o laudo. Aqui em Turan, os democratas mais radicais são aqueles que querem acabar com a monarquia, dando espaço para o povo escolher seu governante. Os mais amigáveis querem apenas que a monarquia não seja o poder prevalecente.

Folheio o laudo e levanto os olhos para o homem quando ele fala:

— Conseguimos pegá-lo na câmera de segurança da concessionária que emprestou o carro para te servir em Melbourne. Ele tentou fugir, trocou tiros com a polícia, mas o baleamos na perna e agora ele confessou tudo, veja:

Aperta um botão e a imagem sai do modo "pause".

— Era o plano perfeito. — Derek começa a falar de cabeça baixa, nem um pouco ressentido. — Phelipo sofreu um ataque dias atrás, se sofresse outro poderia culpar o velho novamente. Mas deu errado. — Ele olha para a câmera e grita: — Será que não vê que a monarquia precisa acabar? Se Phelipo não assinar a renúncia ou a lei que tira o poder da monarquia, ele vai encontrar um futuro muito ruim. Não existe só eu nessa empreitada, somos uma legião e não descansaremos enquanto não exterminarmos toda a família real. A menos que ele se renda e dê ao povo o poder de escolher seu governante.

— Desliga — rosno, sem olhar para a tela escondendo minha fúria. O chefe da investigação demora a desligar e eu berro: — Desliga esse caralho! — E ele desliga, puxando o fio do aparelho.

— Alteza, ele passará por interrogatórios. E no momento o senhor está em segurança.

De cabeça baixa, apoiado na mesa, ouço alguém falar, mas nem olho. Meu peito sobe e desce descompassado pelo ódio que me domina. Se isso fosse meses atrás eu assinaria essa porra sem pensar duas vezes, mas agora, depois de viver tudo isso, de ver meu pai morrer praticamente em meus braços, não serei tão lixo humano, apunhalando tudo que ele e meu irmão sonharam.

Penso em Josephine. A mãe dela tem toda razão. Ela está na mira por minha causa.

— Não vamos ceder, ouviu? — Fito cada um dos rostos presentes, eles precisam encarar minha intenção de contra-ataque. — Ninguém nessa merda de país vem me ameaçar e fica por isso mesmo. Não quero negociação alguma com ele, quero que pague pelo crime.

— Sim senhor. — Alguém fala e eu saio da sala e Levi me segue.

Meu olhar duro direcionado a ele se torna brando e eu abaixo a guarda confidenciando:

— Ah! Merda. — Massageio as pálpebras. — Não é só Josephine que me preocupa, tem nosso segredo.

— Que vai continuar em segredo. — Com tranquilidade, tenta me acalma — Ninguém vai descobrir. Sua defesa nesse momento é manter a princesa ao seu lado, em segurança.

Não esboço movimento algum discordando ou concordando, embora ele tenha razão quanto a isso. Enquanto tomo uma decisão, preciso mantê-la ao meu lado. Balanço a cabeça mostrando fadiga, volto a andar e entro no quarto dela.

Ela estava sentada e fica de pé, em alerta, quando entro.

— Arrume suas coisas, vai se mudar para o meu quarto.

41

O VISITANTE MISTERIOSO



JOSEPHINE

As coisas se ajeitaram e parecem ter se acalmado. Já se passaram dias desde o atentado, o que nos dá um pequeno alívio para voltarmos à nossa rotina. Foram dias bem tensos, eu mal saía no jardim do palácio com medo de algo acontecer e Phelipo se transformou em um maníaco por controle e proteção. Já estava começando a encher minha paciência.

Tinha que lindar com ele a todo instante querendo saber cada passo que eu dava, as meninas tinham que agendar visita e, quando elas vinham, guardas plantavam na porta da biblioteca — meu novo ponto de encontro com elas — enquanto estivéssemos lá dentro.

Nem mesmo no pomar eu poderia ir, ele já dava chilique e eu desistia de debater e ia me afundar na leitura — que era uma coisa ótima —, nunca reclamo de ler, quanto mais, melhor. Phelipo percebeu minha ansiedade e me surpreendeu com um cartão de crédito *platinum*. Eu estava comprando mais livros do que conseguia ler e isso estava salvando minha rotina tediosa.

Claro, o sexo se tornou mais vezes que o normal. Phelipo se tornava a cada dia mais insaciável, a monotonia no palácio o fazia ficar tenso e mais libertino.

Mudei para seu quarto e lá fizemos nosso mundinho particular. Eu sentia como íamos ficando cada dia mais próximos e mais íntimos, e tudo tinha se tornado um hábito para a gente: o sexo, as noites dormindo abraçados, as refeições — a maioria realizada na varanda do quarto —; era como se estivéssemos em lua de mel. Só agora eu estava tendo uma lua de mel.

Eu não quero pensar no passado e nas minhas convicções, em tudo que eu julgava sobre ele e me fazia abominá-lo. Hoje estou apaixonada por Phelipo e não quero dar meia-volta em nosso relacionamento. Já aceitei que me apeguei a ele e a paixão faz meu coração bater descompassado. Aceitar é a melhor coisa.

***

Acabo de sair do quarto de minha mãe, estou trêmula, em pânico, e ela parece muito feliz com minhas suspeitas.

Com as mãos no pescoço, praticamente corro até parar em um canto do corredor e tomar ar, o máximo que meus pulmões aguentam. As palavras da minha mãe me causam calafrios:

“Minha querida, você tem que comemorar, está esperando o herdeiro do trono.”

Na verdade, eram apenas suspeitas. Eu não queria estar grávida. Minha relação com Phelipo está muito boa e pode estremecer com essa novidade. Ele pode achar que eu armei tudo.

Preciso vê-lo, nesse momento.

Caminho pelos corredores do palácio, passo pela cozinha cumprimentando as mulheres e vou para o outro lado onde tem piscina, sauna e academia. Sei exatamente onde Phelipo está.

Há guardas do lado de fora da academia e eles abrem a porta para eu passar. Phelipo está lá no meio, só de short dando golpes em outro homem. Paro a uma distância segura e assisto ao treino. Não sei que tipo de luta é essa, mas me agrada vê-lo mover seu corpo grande com agilidade, desviando dos golpes do oponente e acertando-o em seguida.

Ele me vê, pede tempo e vem até mim. Rapidamente o homem entrega uma garrafinha de água e uma toalha de rosto para ele.

— Oi. — Me cumprimenta.

— Oi.

— Problemas? — Estuda meu rosto e eu relaxo minha expressão para que não perceba algum vestígio de tensão. Sim, estou com problemas sérios, mas não vou falar nada até ter certeza.

— Não. Só estava passando...

— Hum... — Ele bebe água, enxuga o rosto e sorri para mim. Está muito gostoso todo suado, com os músculos tensos pelo treino, e sorrindo dessa forma, safado. — Está a fim de um carinho real?

Ele vai brigar comigo se minhas suspeitas forem confirmadas. Estou em apuros. Sorrio tentando parecer sedutora.

— Estou decidindo... — Acaricio o peito dele. Está quente e suado. Ele olha minha mão e seu sorriso provocante aumenta mais ainda.

— Está louca para montar em mim, não está?

Giro o pescoço observando em minha volta, com urgência, vendo se alguém pode ter escutado. Mesmo que sejamos casados, não é legal que funcionários escutem esse tipo de coisa. Estamos apenas nós dois aqui dentro e os guardas lá fora, protegendo a entrada. Mais tranquila, volto-me para Phelipo.

— Só se montar em mim depois.

Caramba! Não acredito que disse isso. — Estou começando a ser tão depravada como ele. Phelipo gargalha e, sem eu esperar, ele me pega no colo.

— Seu desejo é uma ordem, alteza. — Dá um beijo nos meus lábios e me leva para fora. Desço de seus braços na porta de entrada para a ala em que estamos morando, seguro sua mão entrelaçando nossos dedos e troco um olhar cúmplice cheio de desejo. É bom que os funcionários vejam que a família real, no caso, o casal real, está muito bem e não será qualquer coisa que vai nos separar.

Entretanto, no fundo, eu sabia que havia muitas coisas que poderiam sim abalar nós dois e acabar com meu mundinho cor de rosa de princesa encantada: minha suspeita de gravidez e o

visitante misterioso.

Somos um casal que esconde coisas um do outro, não temos confiança para nos abrir com sinceridade. Eu estou com medo de revelar minhas hipóteses e ele surtar. Ele se transformou em mais que meu marido, é meu amigo e amante. Não quero perder isso.

Phelipo entrará em pane quando descobrir a gravidez, mas não faz esforço algum para tentar esconder que está indo sempre visitar alguém que eu não posso descobrir. E cada dia que passa, me dá mais certeza que é uma amante.

Quase sempre no mesmo horário: quatro da tarde. Quase sempre eu questiono e ele muda de assunto e se faz de desentendido. Quase sempre, quando chega, tenta mudar o foco querendo sexo para me distrair ou falando sobre os problemas do país.

Maldição! Eu mal consegui pregar os olhos na noite passada pensando sobre isso. Era comigo que dormia e fazia as refeições, mas ainda assim o ciúme queimava dentro de mim, e esse sentimento tão incômodo me fez observá-lo mais de perto.

Ele sai escoltado, mas troca de carro na saída do palácio para não chamar atenção e vai se encontrar com a pessoa que ele trouxe para Turan, um mês atrás.

Allegra acha que eu devo investigar ou segui-lo, mas não quero picuinha com ele. Phelipo está sendo meu porto seguro, eu gosto demais dele e não quero que nada estrague isso.

Todavia, depois de dias sem respostas, vendo-o sair com frequência, resolvi averiguar. Descobri essa coisa de que ele muda de carro, e decidi segui-lo de um jeito lento e certeiro.

Allegra me ensinou, funciona assim: eu sigo o carro até determinada rua, marcando-a como ponto de início e deixo-o ir. Na próxima vez já o espero nesse ponto e quando o carro com Phelipo passa, eu o sigo por mais uma quadra, marcando como novo ponto de início e deixando-o seguir sozinho.

Ele muda de rua às vezes, mas consegui alcançá-lo no ponto final depois de várias tentativas.

Eu estou no carro da minha mãe e o deixo afastado, para não ser reconhecido.

Atrás de uma árvore eu tenho visão nítida do lugar onde ele vai quase todos os dias, no mesmo horário.

É uma casa aparentemente normal, com jardim, cerca branca e de aparência não muito luxuosa. Não é afastada e nem tem seguranças ou guardas na porta. Ele desce sozinho, usando boné e óculos escuros, casaco de moletom e calça jeans. Totalmente diferente do príncipe bem vestido e elegante que sempre foi.

Uma mulher atende à porta e ele entra. Meu coração se quebra dolorido e seguro uma lágrima.

Phelipo fica aproximadamente quarenta minutos lá dentro. Em seguida sai, novamente disfarçado, olha em volta, entra no carro se portando com naturalidade e vai embora.

Eu volto para casa e, quando chego — depois dele, logicamente —, não parece se importar e já adianto onde eu tinha ido:

— Precisa de escolta quando for ver uma de suas amigas.

Eu queria bater nele, minha raiva está me cegando. Ele seria tão descarado de me trair quase todos os dias e depois vir me provocando, querendo sexo? Esse cara não seria tão baixo.

— Fique tranquilo, sei me cuidar. — Fui para a biblioteca e lá, chorei nervosa. Eu poderia

estar grávida dele, de um homem que não me respeita. Ou pelo menos suponho. Eu deveria fazer uma escolha: tirar minhas próprias conclusões ou passar tudo em pratos limpos.

Dois dias depois ele volta a fazer o mesmo procedimento. Se arruma, desconversou quando eu perguntei aonde estava indo e saiu às quatro da tarde.

Eu já sei onde é, vou atrás e fico de longe observando.

Espero pacientemente até ele deixar a casa. Quero fazer uma coisa de casa vez: ver a pessoa e depois confrontá-lo no palácio, para não dar chances de defesa.

Olho para os lados, ajeito minha roupa, respiro rápido tentando me dar coragem e atravesso a rua até a casa.

Uma mulher abre quando eu bato na porta. Com certeza só abriu porque viu que era eu, pela câmera acima identificando quem chega. Semicerro meus olhos e analiso ela dos pés à cabeça. Não é uma mulher nova e bonita como eu achei que seria, para ser uma amante dele. Phelipo é muito seletivo, ainda mais com mulheres.

Essa parece ter uns sessenta anos, é alta, magra e tem cabelos grisalhos. Os olhos dela arregalam quando me vê.

— Alteza.

— Olá. Phelipo me disse para encontrá-lo aqui — minto descaradamente, torcendo para ela não me desmascarar. Minha voz tem uma ondulação que evidencia meu nervosismo. Torço os dedos, tentando me concentrar.

A mulher não parece entender minha presença, mas aceita.

— Ah! Ele acabou de sair. Não me disse que a senhora viria.

— Saiu? Já? Combinamos que não podíamos vir juntos para não levantar suspeitas.

— Sim. Ele está sendo o mais discreto possível. — Ela pegou a isca que joguei.

— É. Tudo tem que ser feito com sigilo. Eu poderia entrar? Sou a princesa, sei o que está acontecendo aqui, meu marido me contou.

— Contou? — A palidez lhe toma a face indicando que essa informação não era esperada.

— Sim. — Engulo seco e respiro antes de encenar: — Somos sinceros um com outro e hoje ele iria me mostrar, mas devo ter demorado e ele desistiu de me esperar.

— Com certeza. Por favor, perdoe, alteza, entre.

Eu estou no caminho certo. Não tenho vergonha de ter usado minha posição como princesa para convencer a mulher. O importante é que funcionou, ela me deixou entrar na casa. Estou quebrando a confiança de Phelipo, e não quero nem pensar em como ele reagirá quando descobrir que estou a um passo de seu segredo.

Me deparo com uma sala bonita muito bem arrumada e limpa. Tem cheiro de flores, na verdade há flores naturais em vasos. Admiro o ambiente com poltronas altas e brancas, um sofá aparentemente confortável, também branco. Não tem tapetes e nem mesinha de centro. É uma sala com poucos móveis, com bastante espaço entre um móvel e outro.

Com o coração pulando na garganta, encaro dois guardas na entrada de um corredor, ao longe uma escada e mais um guarda sentado ao lado.

— Sente-se, alteza. Vou ligar para o príncipe.

— Não! — Me adianto com um grito.

Ela me olha espantada, com uma gigantesca interrogação pairando nos olhos.

Me acalmo e tento tranquilizá-la:

— Desculpe. Já estou de saída, voltarei depois com ele.

— Sim, é melhor.

— Mas antes, será que eu não poderia dar apenas um olá a... — Como não sei quem é, aponto sugestivamente para cima. Sei que tem alguém lá e está sendo protegido pelos guardas, o visitante misterioso.

— Ah... — Ela pensa um pouco, tomada pela dúvida, está muito nervosa a mulher. Para ajudar, eu digo:

— Não se preocupe, meu marido já falou de mim, preparando para minha visita.

— Já?

— Sim.

— Ah, então a senhora poderá dar um olá para ele.

Ele?

— Venha comigo.

Eu a sigo, atravessamos o corredor e chegamos à escada. Minhas mãos estão suando e meu coração pulsando tão furiosamente que tenho a impressão que vou enfartar. O suspense quase deixa minha visão turva.

A mulher para diante de uma porta. Há mais dois guardas aqui. Aceno para eles, que me retribuem o cumprimento.

Ela abre a porta e, antes de eu entrar, diz:

— Não force muito dando muitas informações, converse o básico. O Príncipe está desenvolvendo aos poucos a percepção dele sobre o nosso país.

Eu assinto, louca de pedra pela curiosidade sufocante, querendo olhar para dentro.

Não é uma mulher que está no quarto. Um gelo toma todo meu corpo quando ela diz:

— Alexei, querido, você tem visitas.

— Visita? Quem é?

Com as duas mãos na boca e o choro entalado na garganta, assisto petrificada ela ir até um menino e ajudá-lo a descer da cama. Estou completamente desestruturada, com o coração em frangalhos. Uma lágrima desce do meu olho ao ver que ele não tem uma das pernas. É amputado do joelho para baixo. Uma criança, uma pobre criança trancafiada.

O verdadeiro herdeiro do trono, na linha de sucessão. O filho de Dom e Mariah.

42

PEQUENO PRÍNCIPE



JOSEPHINE

Eu não me lembrava do Alexei. Na verdade, não tinha como, ele era muito pequeno na época do acidente. Tinha aproximadamente um aninho ou dois — não tenho certeza. Agora ele é um menino crescido na faixa de cinco anos.

Eu ainda estou me recuperando do choque que foi descobrir isso. Minha mente gira em uma confusão dolorosa. Não consigo assimilar um motivo para algo assim estar acontecendo, Phelipo pode estar protegendo o sobrinho, claro, lógico que todo esse circo se baseia em proteção. Todavia, meus sentimentos dizem que há coisas bem mais duras do que apenas a benevolente intenção de manter o pequeno em segurança.

A senhora coloca a prótese na perna do menino e ele fica de pé, sorrindo com os olhos azuis cintilantes.

Meu Deus! São os olhos azuis, parecidos com do Dominic e os cabelos claros, como os de Mariah.

— Ela é a princesa Josephine. — A cuidadora da criança me apresenta.

— Uma princesa? — O menino mostra animação, que não deveria existir em uma criança trancafiada e com uma deficiência. — Minha mãe era uma princesa. É a minha mãe que veio me ver? — Esperançoso, sorri.

Dorothy sorri para mim e eu limpo as lágrimas tentando não demonstrar o abalo que me pegou desprevenida. Acostumada com a condição física do menino, ela está calma e responde a ele:

— Você vai conhecê-la e talvez ela poderá ser sua mamãe.

Como é que é?

— Ebaa! — A felicidade vibra pelo quarto, junto do gritinho de comemoração. Meu coração se parte ainda mais, estão enganando um inocente. A mulher passa por mim e diz que vai me deixar a sós por dois minutos com ele enquanto prepara um chá.

Espero ela fechar a porta e o encaro.

— Olá, Alexei. — Minha voz falha, é quase um balbucio. Pigarreio e tomo uma grande lufada de ar para me estabilizar.

O menino olha para os lados e sorri, mas não foca em meu rosto, como se...

Aproximo um pouco mais e tento não gaguejar.

— Sou a Josephine, mas pode me chamar de Jojo.

— Olá, Jojo, posso conhecer seu rosto?

Minhas suspeitas se confirmam. Ele sempre sorri, mas não olha diretamente para mim, a sala lá embaixo com poucos móveis e bastante espaço entre eles, elaborada para uma pessoa com necessidade de não trombar.

Duas lágrimas antecipadas saem dos meus olhos e eu as limpo imediatamente.

Caramba! O pequeno príncipe, além de amputado, é cego.

— Claro que pode, querido. — Me ajoelho em sua frente. Ele dá um passo tímido e com as mãozinhas um pouco trêmulas, toca meu nariz, desce para minha bochecha e boca. Fecho os olhos e luto para controlar minhas emoções. Ele pega nos meus cabelos passando as mãozinhas de cima a baixo, medindo o comprimento; enquanto faz isso seu semblante se torna compenetrado. Afasta as mãos e diz:

— Você é bonita, princesa Jojo.

Eu rio com minha visão turva pelas lágrimas que tendem a querer escapar.

— Obrigada, você também é muito bonito.

— Você tem uma coroa na sua cabeça? — Antes de eu responder, ele prossegue: — Eu não sei como é uma coroa, mas a tia Dorothy disse que é muito bonita e tem pedras brilhantes.

Seguro as mãos dele e digo:

— Eu tenho uma coroa e vou deixar você tocar nela. — Mentira, não tenho. Mas sei que ele poderá tocar na coroa que era de sua mãe.

— De verdade?

— Sim, de verdade.

Os olhos dele passeiam acesos pelo quarto, coloca as mãos para trás e fica pensativo.

— Jojo?

— Diga, estou aqui.

— Você também vai contar uma história para mim? Eu também gosto de escutar músicas e estou aprendendo a tocar piano. A tia Dorothy me ensina. Mas é um pouco difícil porque eu não consigo ver as teclas.

— Sim, irei contar quantas histórias você quiser.

Isso não é certo. Phelipo está mantendo esse menino longe de todos, quando é dele o direito ao trono. Tudo seria resolvido se o menino aparecesse, daria mais esperanças ao povo. Sei que aqui, escondido, ele está protegido, mas não é justo.

Penso em voltar e confrontar Phelipo, exigir que ele leve o menino para o palácio, onde é o lugar dele. Todavia, sei que ele vai brigar comigo e pode querer levar Alexei para outro lugar mais escondido ainda. Até quando? Ele terá mesmo coragem de ser coroado rei sabendo que o verdadeiro sucessor está vivo? Tenho certeza que o conselho não aprovaria isso.

Ou será que vai manter o menino escondido até se tornar rei? Ou até que o menino complete dezoito anos para poder abdicar legalmente de seu direito?

Jesus! São muitas hipóteses.

Agora eu entendo por que ele não queria o título de príncipe em exercício, pois sabe que não é dele o direito, e sim do sobrinho que está vivo.

Meu Deus! Estou enojada, Phelipo não pode ter sido tão mesquinho. Deixou o próprio pa morrer sem saber que o neto sobreviveu.

Volto-me para Alexei. Tão pequeno, esperto e feliz. Mesmo não tendo uma perna e sendo cego. Tudo consequência do acidente, com certeza deve ter sido.

"Fique alguns minutos com ele, vou preparar uma xicara de chá." — A fala da mulher volta em minha mente. Ok, ela não foi preparar chá porcaria nenhuma. Ela deve responsabilidade a Phelipo e com certeza deve estar pendurada no telefone avisando a ele da minha visita. Ele vai chegar aqui puto da vida, me colocar para fora e sumir com o menino.

Não posso deixar isso acontecer. O conselho precisa ser avisado o quanto antes. Eu poderia ligar para alguém resgatar o menino e desmascarar Phelipo, entretanto ele chegará aqui antes. Não tenho tempo.

— Alexei, querido, você gostaria de fazer um passeio comigo?

— Um passeio? Eu gostaria muito — o semblante dele se torna tenso —, mas eu não posso sair. É perigoso.

Abaixo perto dele para convencê-lo. Meu coração espancando minha caixa torácica.

— Escute, vou te levar ao palácio, onde o Phelipo está. Quer ir?

— Sim! Eu quero ir. Ele que pediu para você me buscar?

— Sim, foi ele que pediu. Vamos? — Me corta por dentro estar mentindo para ele, mas é para seu bem e para o bem do país. É minha única chance de não perder o menino de vista. Depois me resolvo com Phelipo, todavia o conselho e os governadores saberão da existência da criança antes de dar a coroa ao Phelipo.

— Vamos! Eba! — Ele comemora. — Eu só preciso do Panda. Não posso sair sem ele, nunca Pegue ele para mim, princesa Jojo?

— Certo. — Olho em volta, vejo um ursinho panda, pego e trago para ele. Seguro na sua mão e o levo para a porta. — Você não precisa falar nada até estarmos lá, certo?

— Certo.

Abro a porta, e vejo os guardas no fim do corredor, conversando.

— Oi — chamo a atenção deles.

— Alteza. — Eles se colocam em posição. Não tem por que desconfiarem de mim, eu sou a princesa do país, esposa de Phelipo, que os colocou aqui, tecnicamente não represento ameaça.

— Eu só preciso saber onde é o banheiro, o Alexei precisa usar.

— No quarto tem banheiro, alteza.

Puta que pariu.

— Ah... sim, mas está com defeito.

— O outro fica no andar de baixo, desça e a Dorothy te mostrará.

— Muito obrigada. Venha, querido. — Penso em ligar para Allegra, mas decido não colocar mais ninguém nisso. É um segredo importante demais, e se for para sofrer as consequências, que eu sozinha sofra.

Não me dou conta do que estou fazendo, do quão arriscado e perigoso é raptar uma criança,

ainda mais sendo o príncipe de Turan. Apenas não posso deixar Phelipo sumir com o menino novamente. Isso já foi longe demais e ele precisa aceitar que as coisas não podem ser como ele quer.

Agora, preciso de um plano para passar pelos guardas da sala e pela Dorothy. Não tem jeito, terei que incluir outra pessoa nisso. Pego o celular e faço a ligação.

43

RAPTO



PHELIPO

Saio do banho e não vejo Josephine no quarto. Ainda não chegou ou está chegando. Acabo sorrindo sozinho enquanto me visto. Josephine achou mesmo que me seguiria vários dias seguidos e eu não iria notar? Claro que soube no mesmo instante, Levi inclusive achou melhor eu proibir a saída dela, mas eu recuei e refleti. Eu poderia contar a ela o meu segredo, ou esperar ela tentar descobrir e vir até mim, e então contarei tudo e darei a ela a confiança que estamos precisando.

Eu poderia ter contado, mas mudei de ideia e decidi deixá-la chegar ao ponto final, ver até onde ela iria.

Chegou a hora de Josephine fazer parte dos meus planos. Não posso ainda revelar o menino para o povo, não antes de eu ser rei para ter poder total e protegê-lo.

Já temos semanas juntos e conheço suas qualidades e defeitos, creio que ainda não confiamos cegamente um no outro, é ainda uma relação de conhecimento, todavia se nossa união for duradoura, tenho certeza que seremos um casal promissor, que representa o país.

Ela não é ambiciosa, é vaidosa como toda mulher, mas não deixa que isso a defina. Já percebi que é muito inteligente, mas às vezes muito inocente, como se vivesse no mundo da fantasia, por ler demais.

Josephine está de verdade entregue ao nosso relacionamento. E eu não vou negar que em muitos anos não tinha encontrado alguém que me fizesse sentir bem só em estar perto.

Termino de me vestir e, antes de eu fechar a porta, meu celular começa a tocar. Eu iria deixá-lo tocar, mas volto e quando vejo o número, atendo de imediato.

— O que houve, Dorothy? — Pressinto que ela vai dizer que Josephine está lá.

— Alteza, me perdoe... por favor, eu... — Começa a gritar quase chorando e eu piro.

— Dorothy, o que houve?

— Eu não pude evitar... senhor...

— O que houve, mulher? — berro descontrolado, sentindo meu coração quase parar em antecipação com o que pode ter acontecido.

— Eu tentei ligar mais cedo... A princesa veio visitar o menino...

— Sim, e daí?

— Apareceu uma senhora idosa gritando na porta e eu fui ver, os guardas vieram para proteger e... agora... não consigo encontrar a princesa e o menino. Acho que foram raptados. Me perdoe, alteza.

A tontura de um desmaio me faz fraquejar e me desequilibro, deixando o celular cair. Me apoio em uma coluna no quarto, sentindo um mal-estar terrível em minhas pernas.

Alguém os encontrou. Essa realidade quase me mata.

Tudo parece ter sido em vão. Todo meu esforço, toda minha dor em ter que manter ele distante de mim esses anos, tudo começa a se resumir a apenas uma coisa: fracasso.

As únicas duas pessoas importantes na minha vida, meus dois únicos pontos de equilíbrio estão em perigo e a única coisa que consigo fazer é buscar ar desesperadamente.

Pego o celular e chamo Levi. Ele aparece em poucos minutos. Já reagi e estou saindo correndo do quarto quando ele entra. Soube na hora que algo muito grave tinha acontecido assim que olhou minha cara.

— Alteza!

— Mobilize toda a porra desse país. — Saio correndo, pouco me importando com minha perna fodida. Ele me segue já digitando em um celular e eu ordeno: — Feche aeroportos, rodoviárias, portos marítimos, tudo. Não quero ninguém entrando e nem saindo de Turan. Alexei e Josephine estão em perigo.

— Como é que é?

— Eu vou matar o desgraçado que ousou colocar as mãos nos dois. — Com fúria, uso o punho para limpar uma lágrima. Me recuso a qualquer suposição mais grave. Vai ficar tudo bem. Tenho certeza que conseguirei recuperá-los. Pelo cacete! Vai ficar tudo bem, tem que ficar, não é justo comigo. Não posso perdê-los.

Quando chego à frente do palácio, um pequeno exército de agentes especiais já me espera. Levi tinha contatado.

— Alteza. — O capitão entra na frente, atento, esperando qualquer ordem.

— Quero todo tipo de segurança nas ruas. Cerquem todas as possíveis saídas da cidade e avisem a força aérea para interceptar qualquer voo, privado ou não.

— Sim senhor.

— Um grupo venha comigo, agora! — Nem paro de andar para exigir aos gritos, seguro com tanta força na bengala que sou capaz de amassar o cabo platinado. Eu vou conseguir, não será tudo em vão. Eu sei que vou.

Entro no carro com Levi; o barulho seco de várias portas de carros blindados batendo em sincronia mostra que os guardas estão a postos para me seguir. Levi mexe, concentrado, em um tablet.

— Conseguiu?

— Sim. Alexei é um menino esperto, ele levou o ursinho consigo. A central de segurança já me mandou a localização do rastreador.

— Ótimo.

— Tem mais uma coisa, senhor.

— O quê?

— Recebi uma ligação dos guardas que estão na casa. Eles viram Josephine saindo com o menino sozinha no carro.

— O quê?

— Foi ela que o raptou e está com ele nesse momento.

Ouvir isso foi pior que uma facada, perfurou diretamente meu coração.

Por que ela fez isso?

***



JOSEPHINE

— O que eu fiz? Meu Deus! Que merda eu fui fazer? — Ando de um lado para outro na sala de dona Lili. Ela será a última pessoa que Phelipo pensará em ir atrás, por isso a chamei e pedi ajuda.

Enquanto dona Lili chamou a atenção de Dorothy e dos guardas em um portão pequeno de serviço na lateral da casa, eu consegui descer as escadas, abrir a porta da frente e fugir com Alexei.

— Minha filha, fique calma. — A senhora me oferece um copo de água. Pego, mas nem dou atenção a ele. — Por que você não liga para o príncipe e conta tudo?

Começo a tossir descontrolada, engasgando com saliva. Tomo um gole da água e nego veemente a sugestão dela.

— Não posso! Ele vai ficar com muita raiva de mim. Eu estou arrependida, dona Lili, deveria ter conversado antes com Phelipo. Eu coloquei a vida do menino em risco.

— Você seguiu seu coração, minha querida, e sua intenção foi das melhores. Queria salvar o garoto e dar ao país uma pequena esperança de futuro.

— Sim. Isso. Tenho que me convencer que ficará tudo bem. — Tremendo do dedão do pé ao pescoço, miro os olhos cúmplices dela. — Eu gosto muito do Phelipo, na verdade... estou apaixonada por ele. E se ele não entender?

— Venha aqui. — Ela toma o copo da minha mão e segura meus ombros. — Não se martirize. O garoto está a salvo e isso é o que basta, o príncipe não vai fazer nada contra você. Seja sincera com ele e sei que vai te entender.

— Sim. — Me sento desolada no sofá com as mãos na cabeça. Eu vou ligar para ele. Vou fazer isso. Eu agi como uma imatura, no calor do momento, como eu vou querer sinceridade da parte dele se nem dei a chance de se explicar?

— Jojo! — Alexei grita por mim. Ele está no quarto e eu disse que viria só buscar um copo de água. Levanto correndo e entro no quarto.

— Oi pequeno. Estou aqui. — Seguro a mãozinha dele. Está gelada, seus olhos estão saltados buscando compreender, nitidamente tensos.

— Estou ficando com medo, Jojo. Nós já estamos no palácio?

— Estaremos daqui a pouco. Por que não se deita para eu contar uma história? Daqui a pouco iremos.

— Tudo bem.

Ajudo ele a subir na cama e me deito do lado.

— Era uma vez um menino muito esperto.

— Qual era o nome dele, Jojo?

— Alexei.

— Como o meu. — Ele levanta o dedo, rindo feliz.

— Isso, como o seu.

Não demorou muito e ele caiu no sono. Respiro profundamente, olhando para o teto e pensando em todos esses acontecimentos. Eu podia ligar para minha mãe, mas vou mantê-la longe disso. Levanto da cama, olho para o menino dormindo tranquilamente abraçando o ursinho e saio do quarto.

Dona Lili me espera com uma xícara de chá, mas recuso e pego meu celular para ligar de uma vez por todas para Phelipo. Digito o número, porém, antes de chamar ouço barulho de carros parando e em seguida batidas ferozes na porta.

— Não! Dona Lili! Não abra. — grito apavorada. Não sei quem pode ser e agora eu tenho comigo o menino e tenho que protegê-lo com minha vida, já que o tirei de onde ele estava.

— Minha filha... mas...

— Não abra. Talvez desistam e vão embora.

— Josephine! — Caramba! É Phelipo e, pelo timbre, está muito surtado. — Abra essa merda de porta antes que eu derrube.

Ai meu Deus! Enfio os dedos nos meus cabelos. Dona Lili não me obedece, o medo de sobrar estilhaços para ela a faz agir: corre, abre a porta e, como se fosse uma manada poderosa e barulhenta, um monte de homens entra, Phelipo na frente. Ele está bufando, soltando ar pelas narinas, seus olhos em brasa pura e, quando me fita, me encolho sentindo sua raiva bater em mim.

— Eu só vou perguntar uma vez. — Ele abaixa o rosto bem próximo ao meu, muito ameaçador. Os lábios em uma linha rígida, os belos olhos quase negros, todo o rosto completamente transfigurado. — Onde está o menino?

— Phelipo... por que... — gaguejo — o escondeu todo esse tempo? Por que fez isso com o verdadeiro herdeiro...

— Eu não quero saber porra nenhuma! — grita, completamente possesso. — Onde ele está? Por que inferno fez isso, Josephine?

— Não grite comigo! — berro de volta, ganhando coragem e o enfrentando. — Você mentiu para uma nação.

— Eu não tenho que dar conta a ninguém! Por que o tirou lá da casa? Por que expôs ele ao perigo?

— Então iria ficar por isso mesmo? Ia manter ele escondido até quando? Até poder entender e passar o trono para você? É poder que você quer?

Foi como se tivesse dado um tiro nele. Phelipo faz uma cara de mágoa, com os olhos banhados

de lágrimas, me olhando com incredulidade, como se não acreditasse no que estava ouvindo.

— Se pensa isso de mim, você não me conhece um por cento — fala em tom mais baixo. — Eu estou decepcionado com você, Josephine. Não achei que seria tão imatura. Eu sabia que estava me seguindo e achei que seria o momento de você saber a verdade, mas eu estava enganado.

Levo a mão na boca. Então ele sabia que eu o seguia...

— Eu achei que... Alexei é o único herdeiro do trono aqui e...

— Não ouse colocar ele nessa sujeira de porra de trono. — Outra vez berra com olhos fervendo em cólera. — Ele é muito mais precioso que isso, ouviu?

Me calo, completamente trêmula, as lágrimas incontroláveis banhando minha face. Phelipo arqueia o corpo e tenta se acalmar, mas é inútil.

— Onde ele está?

— Eu errei. — Abaixo a cabeça. — Eu te segui... — aceito minha derrota e decido confessar. — Porque gosto... demais de você e achei que era uma amante. Eu não pensei, só queria fazer a coisa certa para o país.

— O caralho do país! — Ele vira rindo revoltado e bate as mãos nos quadris. — Será que você só pensa nisso? Não pensou em meus sentimentos, muito menos nos seus? Olha em que posição você deixou nosso casamento, tudo pela droga do país.

Quando Phelipo se cala, conseguimos ouvir gritos e choro. Ele passa por mim correndo desesperado e vai até o quarto. Eu o sigo e, quando ele abre a porta, Alexei está encolhido, chorando em um canto do quarto.

— Ei, meu garoto. Estou aqui.

— Papai! — Ele grita assim que reconhece a voz de Phelipo. Um tremor quase convulsivo me toma, chocada com o que acabo de ouvir.

— Sim, sou eu. Fique calmo, estou aqui.

Agitado e tremendo de medo, Alexei toca rapidamente no rosto de Phelipo, certificando que é ele mesmo e depois o abraça.

— Eu fiquei com muito medo, papai. Não quero ficar aqui.

— Já está tudo bem, fica calmo. — Phelipo usa uma voz doce e baixa, enquanto limpa as lágrimas de Alexei. — O papai não vai deixar você sozinho.

Se não fosse o batente da porta, eu teria desabado.

Pai? Não pode ser.

Os olhos azuis... são parecidos com os de Dom, mas na verdade são idênticos aos de Phelipo!

Phelipo pega Alexei nos braços e passa por mim. Corro atrás.

— Phelipo.

Ele se vira bruscamente, há lágrimas nos seus olhos.

— Está acabado, Josephine.

— Não... Phelipo... me escute. — Seguro forte no seu casaco; ele se solta, tento correr atrás, mas ele sai porta afora e os guardas se colocam no meu caminho.

Levi me olha um pouco complacente.

— Levi... eu não sabia — lamento.

— Alteza... eu sinto muito. — Ele vem até mim. Estou tremendo, com o choro quase se libertando. — O príncipe só queria manter o filho em segurança até a coroação e então ninguém iria contra o rei.

— É mesmo filho dele?

— Sim. O menino é muito mais que briga de trono, é a única coisa que mantém o príncipe seguindo firme e forte. É por ele que Phelipo ainda resiste.

Me sento no sofá, com o rosto entre as mãos. Sinto alguém sentar ao meu lado e, em seguida, a voz de Levi:

— Dê um tempo a ele, alteza. Parece mau, mas tem bom coração.

Levanto o rosto.

— Não vou correr atrás dele, Levi... mas e se ele quiser divorciar...

— Ele não vai. Tenha certeza. Fique aqui e descanse, deixarei dois guardas do lado de fora essa noite.

— Obrigada.

***



PHELIPO

Entro no meu quarto carregando Alexei e só o deixo no chão quando enfim está em segurança. Vim abraçando-o de lá até aqui. Ainda há vestígios do medo que senti quando Dorothy me ligou. Mas agora só tenho mágoa.

Sei que não fiz muita coisa para merecer a confiança de Josephine e sempre fui o pior dos exemplos. Mas que espécie de homem eu seria ao manter uma criança fisicamente comprometida apenas para alcançar poder?

Eu não sei ainda que atitude tomar e o que farei. Meu filho ainda continua em segredo e isso é o mais importante. E chega de mantê-lo longe de mim; depois da dor e do desespero que passei hoje, não permitirei que se afaste mais.

Pego meu celular e peço para trazerem roupas no tamanho de Alexei, principalmente para dormir.

— Aqui tem o seu cheiro, papai. — Ele fala sentado quieto na cama, onde o deixei.

— É porque aqui é meu quarto. Venha aqui. — Puxo ele mais um pouco e o coloco no meio da cama. — Essa é minha cama. — Ele tateia em volta e seu sorriso chega aos olhos.

— É muito grande. É uma cama de um rei grande, como você.

— Sim. — Rio. — Ela é grande.

Suspiro resignado, olhando para ele, tão imerso na inocência infantil que nem desconfia de tudo que está acontecendo.

— Não se levante, vou pedir nosso jantar.

— Oba! — Ele grita. Peço uma sopa de legumes e, após tirar o casaco e os sapatos, me sento com ele no meio da cama.

— Papai.

— Oi.

— Onde está a princesa Jojo? Você brigou com ela?

— Jojo fez uma coisa muito ruim, mas depois vou conversar com ela.

— Que bom! Quero que ela conte história para mim de novo. Eu vou dormir com você hoje?

— Sim! E vai ser atacado pelas garras das cócegas. — Derrubo-o na cama, enchendo de cócegas e provocando gargalhadas incessantes.

Mais tarde, depois do jantar, visto nele o pijama que trouxeram, tiro a prótese da sua perna e o ajeito ao meu lado na cama. Batem na porta e, sabendo que é Levi, mando entrar.

— Fique aqui, filhão. Já volto.

— Quem chegou? — Ele estava quase dormindo, mas desperta no mesmo instante.

— O Levi.

— Levi. — Alexei senta na cama. — Hoje eu vou dormir com o meu pai.

— Tenha bons sonhos, pequeno príncipe. — Levi diz e se afasta para falar comigo.

— E aí?

— Ela está devastada. — Ele diz. — Não tome uma atitude precipitada, Alteza. Eu gosto mesmo daquela garota, é cabeça de vento, mas... é do bem, eu a vi crescer...

— Eu sei. — Acaricio minha testa tentando esquecer as cenas de hoje mais cedo. Josephine pensou o pior de mim. Levanto os olhos para Levi. — Apesar das minhas palavras, não penso em nada radical, só não quero ainda conversar com ela.

— Entendo.

— Deixou guardas lá com ela?

— Sim. Tem dois na frente e dois no fundo.

— Ótimo. Mais alguma coisa?

— A mãe dela está fazendo escândalo, mas eu não permiti que os guardas deixassem que Aretha te incomodasse.

— Fez bem.

— Ela implorou para eu te trazer isso. — Levi me entrega um bilhete. Nem quero ler. Amasso-o na mão. Hoje não quero mais pensar em nada. Apenas tentar descansar por causa do estresse que passei.

Me despeço de Levi, fecho a porta, jogo o bilhete no chão e volto para a cama. Dou um beijo na testa de Alexei e digo:

— Boa noite, meu pequeno. O papai te ama muito.

44

RESTAURANDO-ME



JOSEPHINE

Sentada no meio da cama, abraçando os joelhos, eu olho fixamente para o esmalte branco descascado de uma das minhas unhas do pé. A mente voando a quilômetros daqui, precisamente lá no palácio, junto à minha mãe, minhas coisas... Phelipo.

Essa noite foi bem difícil para mim; difícil a nível infernal, foi praticamente uma luta acirrada entre minha racionalidade e emoção.

Mas não pense que fiquei em posição fetal chorando demasiadamente ou que fiquei de olhos grudados no teto vendo a noite passar; meu organismo trabalhou forçadamente com minhas emoções e consegui vencer a guerra e dormir, finalmente. Mesmo sentindo falta do corpo masculino me abraçando.

Eu sei que fiquei em uma posição bem ferrada, estou ciente de que minha vida está prestes a descer uma ladeira até o precipício — se já não desceu —, e tenho que tentar pensar com calma e maturidade, coisa que não tive ao agir impulsivamente.

Phelipo vai me deixar, e essa é a parte mais difícil de encarar. Duas decepções amorosas em dois meses. Não é coisa pouca para suportar. Entretanto, eu mesma procurei chifre na cabeça de cavalo e levei Phelipo a tomar essa decisão.

— Pronto, aqui está. — Allegra entra no quarto, mas eu continuo fitando minha unha. Preciso urgente de uma pedicure. — Dia frio, com um chazinho de camomila. — Sinto a cama se mexer quando ela senta. Sopro pesadamente antes de levantar o rosto para ela.

— Essa não é uma cara de princesa. — Ela diz, sorridente.

Balanço minha cabeça negativamente, sem um pingo de ânimo.

— Sou a merda de uma ninguém. — Bebo um golinho do chá e apoio a xícara no pires. Allegra passa a mão nas minhas costas e estou quase pedindo a ela para não fazer isso porque vou acabar chorando com esses carinhos que geralmente as pessoas fazem em quem está em condições deploráveis, como eu, no caso.

— Ei, para com isso. Nem tudo está perdido. — Ela me consola. Tomo mais um gole de chá e deixo que queime minha língua, só assim para eu engolir o choro. — Você vai encontrar uma saída, Phelipo sabe que você errou bastante, mas tudo acabou bem. Está tudo bem.

— Eu pensei mal sobre ele, Allegra — sussurro como se Phelipo estivesse no quarto e pudesse

escutar. — Não foi só colocando o menino em perigo, agindo imaturamente. Eu o caluniei.

— Sim, coisa que as pessoas fazem continuamente. Pensam mal de outras... Ah, me poupe, Jojo, ele nunca foi um bom exemplo para que pudessem pensar bem a seu respeito. Phelipo não pode exigir muita coisa quando sempre foi um completo imbecil quase a vida toda. Olha o que ele fez com o irmão, olha essa merda toda na família dele, mortes, traições, tudo gerado por ele.

— Não o culpe...

Uma lágrima quase escapa, mas eu a seguro a tempo. Mordo o lábio.

— Não estou culpando. É a realidade. Ele fez coisas ruins também, com outras pessoas, e tenho certeza que busca uma forma de redenção pelos erros.

— Sim. — Seguro firmemente o pires, mirando quase sem piscar o líquido fumegante.

— Portanto ele precisa te ouvir. Você errou em ter feito essa cagada, colocando o garoto em risco e em ter caluniado seu marido, mas está arrependida, converse com ele.

— Eu prometi que não iria atrás...

— Ah, agora a madame vai se fazer de difícil? Jojo, olhe para mim. — Tiro uma mecha de cabelo da testa e observo. Allegra está de pé, com braços cruzados e testa franzida, me fitando. — Infelizmente Phelipo está dando as cartas no momento e você vai...

— Quer que eu me humilhe? — questiono sem deixar ela terminar, usando minha expressão de incredulidade sofrida.

— Não. Nunca, mas deve sim desculpas; se explicar, expor seu lado. Mostre a ele que você é bem mais do que ele imagina, vá, se mostre madura e uma mulher forte.

— Hoje eu não quero...

— Sim. Eu entendo. Vamos dar uma volta, vou ligar para Matt vir nos pegar aqui, podemos passear no parque, ir em uns sebos garimpar uns livros antigos. O que acha?

Eu ia sorrir e dizer que seria um ótimo programa. Mas quando ela fala em "antigos", algo me veio à mente como uma marretada e eu dou um pulo da cama, quase derramando chá na colcha de dona Lili.

— Allegra. — Entrego a xícara para ela. — Meu Deus, como eu não pensei nisso antes? O envelope! É a minha saída! — Penso que ela vai vibrar junto comigo, mas seus olhos se comprimem, mostrando que ficou intrigada.

— Envelope? Aquele envelope?

— Sim. Preciso ir ao palácio, é a hora de abri-lo.

— Josephine...

Corro para o espelho e solto meus cabelos do elástico e começo a penteá-los. Sem olhar para ela, explico:

— Dália disse: "Quando não houver uma saída, quando estiver no fundo do poço, então abra o envelope e ele dará a resposta". Algo assim, não me lembro.

— Ei! — Ela coloca a xícara em uma cômoda e me segura, obrigando-me a olhá-la. — Não foi isso que você me contou.

— Foi.

— Josephine — toma a escova da minha mão —, o envelope tem a ver com Phelipo e não com você. Não é ele que está aparentemente no fundo do poço.

— Mas...

— Venha aqui, está precisando dessa chicotada faz tempo. — Ela me puxa, me fazendo sentar na cama e se senta de frente para mim.

— Jojo, eu te adoro, é a irmã que não tive, e por isso você vai me ouvir.

— Allegra...

Sei que ela vai desconstruir minha ideia e isso me causa pânico, é minha única saída. Phelipo pode me dar uma chance se eu lhe mostrar o envelope.

— Xiu! Escute.

— Não! — grito. — Será que não percebe como estou, sem nada para me agarrar? — Ela não me deixa levantar, seus olhos transbordam irritação e, conhecendo-a, sei que lá vem bronca.

— Pare um pouco de pensar em você. — Eleva o tom de voz tão alto como o meu. — Foi a época que você era apenas uma universitária e saía com as amigas, sem preocupações.

— Eu sei. — Desvio o olhar, ouvir isso se torna mais cru e difícil de encarar.

— Jojo, esse não é um casamento qualquer. Pense nisso. Está lidando com assuntos pesados que envolvem vidas alheias e o país. Você não pode simplesmente um dia fugir e ir atrás do Bart, como se estivesse matando uma aula.

— Não foi assim... Essa decisão foi difícil para eu tomar...

— Difícil e errada. E sua imagem, segurança e caráter em relação à casa real? Você não pode seguir o futuro rei, descobrir algo poderoso e sair por aí fugindo como se tivesse pegando o gatinho de estimação dele. — Limpo uma lágrima e mantenho meus olhos na expressão intensa de Allegra. — É uma criança que pode ser alvo de criminosos, é uma vida e talvez o futuro de nosso país.

— Estou arrependida... e sei que vou...

— Escute, não terminei. — Autoritária, aponta um dedo em riste na minha cara — E agora, por fim, você não pode querer expor um segredo que a cozinheira guardou a vida toda só para tentar resolver seu lado. Minha amiga, a partir de agora você tem que pensar como rainha, como autoridade, como uma figura que não tem mais só a você para se preocupar. Você tem seu povo, seu marido e agora uma criança para manter em segurança.

— Eu?

— Sim. Quem aqui se casou com o sucessor do trono? Eu não quero ser a dama de honra de uma mulher fraca e cheia de chiliques. Aceite Phelipo como seu marido de uma vez por todas, aceite os erros dele e tente, como uma rainha, consertá-lo, para então vocês dois poderem mudar alguma merda nesse país.

— Você faz parecer fácil...

— Sei que Phelipo não é um homem fácil, mas ele nunca vai te dar o valor merecido se continuar apenas fazendo birra, mostrando uma idade mental muito inferior à sua idade real. Por enquanto, por tudo que me contou, você é apenas o brinquedinho dele. Ai de meu futuro marido se um dia chamar nossa relação de “rolo”. Eu acabo com ele.

— Eu não posso competir com ele... Phelipo é arrogante, irônico...

— E ele sabe que isso te tira do sério. Você tem que começar a se impor, com ele, com sua mãe, com os empregados.

Sem querer mostrar que ela está certa, eu não levanto meus olhos. Engulo o choro junto com minha vontade de gritar. A verdade dói, é difícil aceitar, ainda mais quando a gente percebe o quanto a tal verdade atinge.

Sinto a mão dela segurar meu pulso e acariciar.

— A Jojo que sonha com um macho da *Irmandade da Adaga Negra* já morreu. — Levanto os olhos para ela e agora sim minhas lágrimas descem livremente. Allegra mantém seu tom manso e um sorriso nostálgico nos lábios. — Seremos para sempre integrantes do clube de leitura, ainda vamos discutir muito sobre quem vence: Christian ou Gideon. Mas agora você é a Josephine da vida real que se casou com um homem de carne e osso e que é tão complicado como nossos heróis literários.

Ela tem toda razão. E eu acabo cedendo. Na verdade, foi como tirar um caminhão das minhas costas. Rindo e chorando, avanço e a abraço suspirando pesadamente, entretanto me sentindo leve e pronta para recomeçar.

***

Eu tive uma tarde fantástica na companhia de Allegra e Matt. Foi melhor ainda porque eu pude digerir o pequeno sermão que ela tinha me dado mais cedo. Se Phelipo não terminar tudo comigo, em breve serei a rainha e carregarei o peso de uma coroa e de todo o povo.

Alugamos bicicletas com cestinhas, compramos chapéus de palha e comemos cachorro-quente. Era como minha despedida do mundo gentil que eu sempre tinha enxergado. Meus erros precisam ser consertados e para isso eu preciso aceitar meu destino.

***

Deixei passar mais um dia, eu preciso de um tempo sozinha e Phelipo também. Allegra me leva a um salão para dar um trato nas unhas e cabelo, depois vamos ao shopping comprar algumas roupas, já que não tenho nada comigo, senão minha bolsa e o cartão *Platinum* que Phelipo me deu. E, por sorte, ele não bloqueou. Ainda está com um saldo que eu não seria capaz de gastar nessa vida.

Chego na casa de dona Lili e crio coragem para pegar meu celular e ligar para Phelipo.

Me surpreendo quando ele atende, tão seco como eu esperava:

— O que foi, Josephine?

— Mande um carro vir me buscar, estou preparada para conversar.

— Não seria eu que teria que decidir isso?

— Então decida, alteza. Há muitos "is" sem os pingos e precisamos colocar tudo em pratos limpos. Estou esperando. — Desligo e deixo o corpo cair para trás na cama. Foi quase doloroso escutar a voz dele. Já se completam dois dias que tudo aconteceu e foi bem difícil ficar afastada.

O carro não demora a chegar e vem escoltado, mas Phelipo não está dentro. Está na hora de apagar os erros e tentar fazer alguma diferença na minha vida e na de pessoas que vão depender de

mim.

***



PHELIPO

Acabo de ordenar a Levi que prepare a condução para trazer Josephine. Já estava mesmo querendo conversar com ela. Hoje cedo recebi algo que não me desceu muito bem. é um jornal local e na primeira folha estava ela com um rapaz, alto, andando juntos no parque.

Senti meu sangue ferver no mesmo instante e quase piquei o jornal em mil pedacinhos, todavia é uma prova para tirar satisfação.

Eu deveria estar com muito ódio dela. Era o esperado depois da besteira que ela fez. Mas não é o que sinto. Quero ouvir o que ela tem a dizer e já descartei a hipótese de um divórcio.

Mas há males que vêm para bem. Por causa da insensatez de Josephine, Alexei está comigo agora, e se ela não tivesse feito o que fez, ele só viria para cá depois da minha coroação. Se for para eu continuar em Turan, que seja como autoridade máxima, para ter total poder e proteger meu filho.

A porta do quarto se abre e uma mulher sai. Olho para dentro e vejo Alexei debruçado em uma mesinha de blocos para montar. Ela é a psicóloga que o acompanha desde que ele chegou aqui. E agora ela faz sessões mais frequentes com ele, uma vez que a cirurgia está se aproximando e precisamos prepará-lo.

— Alteza. Ele está progredindo, Alexei é um menino inteligente e muito perspicaz. Ele notou que algo não está bem aqui e está ansioso e possivelmente se culpando.

— Ele... se culpando?

— Ele falou que o senhor não está muito feliz e está com medo de que o mande de volta para a casa da tia Dorothy.

— Ah meu Deus!

— A cirurgia é daqui a um mês, sugiro que tente dar um pouco mais de segurança a ele.

— Como é a melhor forma de eu fazer isso?

— Comece dando um lugar fixo para ele ficar, um quarto, por exemplo, e avisando a ele sempre que for sair ou ter que se distanciar dele. Alexei pode estar sofrendo de transtorno de separação. Como já ficou muito tempo separado do senhor, está a todo instante esperando o momento de ser levado para outro lugar.

— Obrigado, doutora. Farei isso. — Ela sai e eu entro no quarto onde ele está.

— Oi filho.

— Eu queria fazer um carro, mas não sei como é um carro. — Ele diz, mexendo nos bloquinhos.

— Eu vou te ensinar e te prometo que em breve poderá ver um carro.

— Jura, papai? — Ele fica de pé, animado e sorridente.

— Juro. — Abaixo à sua frente. — Agora, venha comigo. Eu tenho que conversar com uma pessoa e está na hora do seu banho. Depois irei te ver.

— Tá bom.

Eu o pego no colo e falo:

— Não fique preocupado, o papai já vai voltar. — Ele sorri ainda um pouco tenso e balança a cabeça positivamente.

— Tudo bem? — Torno a perguntar.

— Tudo bem. — Ele responde e eu dou um beijo em sua bochecha, levando-o para fora.

Deixo-o no quarto com Dorothy e recebo uma mensagem de Levi dizendo que Josephine acaba de chegar ao palácio. Saio rápido, entretanto, meus olhos pousam em um papel no aparador no hall de entrada do meu quarto. Reviro os olhos com os primeiros sintomas de paciência esgotando. É o bilhete de Aretha, eu o embolei e o joguei fora, mas quem limpou o quarto deve ter deixado aqui, achando que se tratava de algo importante.

Pego-o, desdobro e preciso me segurar no aparador para não cair.

"Traga minha filha de volta, ela espera um filho seu. Não ouse abandoná-la grávida."

Puta que me pariu! Meu corpo reage imediatamente, algo como um choque gelado me toma por completo e eu estremeço. Caralho! Um filho? Outro filho? No meio de toda essa porcaria que está acontecendo comigo?

Tenho a impressão que meu coração vai explodir como um tiro de bazuca. Quase tonto com a notícia, saio correndo do quarto, levando a bengala na mão sem apoiá-la no chão. Não consigo discernir meu sentimento, o choque ainda impera.

Não acredito nisso. Não acredito que Josephine escondeu isso de mim.

45

ACERTO DE CONTAS



JOSEPHINE

Phelipo já me esperava no escritório em que fui levada. Paro dois segundos na porta e sinto o baque profundo de nossos olhares chocando-se.

Caramba, que clima ruim.

Me lembro de já ter entrado aqui uma vez, no dia que fui coagida a assinar o acordo pré-nupcial sem saber do que se tratava.

Tiro a atenção do rosto tenso dele e olho ao redor. Não é qualquer escritório. É uma sala íntima tipicamente para trabalho e lazer, e que nitidamente pertencia ao rei Alfred. Passo por uma reunião de quatro poltronas amarelas ao redor de uma mesa de xadrez toda de vidro. Como todo o resto do palácio, a sala é bem decorada, com adornos, lustres brilhantes que parecem obras de arte e tapetes luxuosos. Quadros grandes na parede me chamam a atenção, por serem fotografias da família real. Tem o rei sozinho em um, o rei e seu irmão Domenico em outro, o rei e seus dois filhos e, no último, só Phelipo e Dominic.

Nenhuma foto da rainha Helida.

Os saltos que eu escolhi para o momento ecoam pelo chão, se tornando o único barulho do ambiente depois que a porta foi fechada atrás de mim, por Levi. Sinto o frio do ar-condicionado me abraçar e agradeço por ser algo que disfarçará meus arrepios.

Os olhos dele se tornam hipnotizantes e passeiam, sem pressa, pelo meu corpo e quase posso sentir o peso de sua apreciação silenciosa em mim. Está de pé ao lado da mesa, com as mãos nos bolsos, tão perigoso e devastadoramente lindo que me dá desejo em dualidade: abraçar e manter distância.

Eu sei que ele nunca foi muito afeito a piedade, pelo pouco que eu o conheço. Faz o que quer, na hora que quer e com quem quiser. Por sorte tive ótimos conselhos de Allegra e consegui enxergar mais do que minha mente aprisionada conseguia. Phelipo precisa de uma oponente à sua altura e, mesmo que eu não seja, preciso fingir ser.

Ele senta-se atrás da grande mesa de mogno e acena para eu acomodar em uma das duas poltronas marrons à frente.

Sento, tendo o cuidado de cruzar as pernas com elegância. Meu vestido azul claro dentro dos padrões das vestimentas reais chama atenção por ser comportado, mas deixando as minhas curvas em evidência.

— Sinceridade, Josephine. — Ele recosta na grande cadeira executiva e não faz questão de aliviar sua expressão rude. Nem parece que somos casados.

Pigarreio e abro a boca para falar, mas Phelipo intervém: — Não esqueça de mencionar isso. — Empurra um jornal em minha direção. Vejo a manchete e suspiro sofridamente. Eu já vi isso e achei ridículo a mídia manipular uma foto, cortando a Allegra da imagem e deixando apenas eu e Matthew.

— Tenho certeza que quando eu explicar, você irá ligar para esse jornal pedindo uma retratação para a imagem de sua esposa. — Nem pisco para não desligar nosso momento "briga de olhares" e assim não demonstrar fraqueza. O maxilar dele se tenciona e, de seus lábios travados de rancor, saem duas palavras baixas:

— Vou, é?

— Vai.

Desvio o olhar, miro meu vestido, até aliso o tecido para me antecipar e tomar coragem e quando volto a atenção para o belo rosto fechado em raiva, sinto o segundo arrepio desde que entrei aqui.

— Antes de tudo, quero te pedir desculpas...

— Apenas uma desculpa e pronto?

Noto que ele parece estar com mais raiva do que eu imaginei. Não caio na tática de provocação em uma nítida tentativa de discussão e mantenho meu roteiro que já havia ensaiado.

— Quero te pedir desculpas pela falta de diálogo. — Phelipo não revida, todavia se mostra ainda mais revoltado. — Eu devia ter te confrontado, e não te seguido. Fiquei com medo de ter alguma amante...

— Nunca escondi amantes de ninguém. Você deveria ter confiado na minha palavra, se eu afirmei que não tenho a porra de uma amante, é porque não tenho.

— Eu sei. Peço desculpas por isso. Eu estava amedrontada e confusa com nossa aproximação nos últimos dias, nossa intimidade, e não foi uma sensação legal... ter essa suposição.

Ele mexe minimamente a cabeça, aceitando minhas desculpas. Isso é o suficiente por enquanto; continuo:

— Quando eu vi o Alexei... eu não soube o que pensar. Meu Deus, era o pequeno príncipe que tinha sobrevivido ao acidente e estava ali, preso em uma casa cercado de guardas.

— E não passou na sua cabeça que era proteção e não aproveitamento da minha parte?

— Sim. Passou. E o meu erro foi mais uma vez não ter dialogado. Eu estava mais uma vez confusa, achando que você estava errado e pensando que talvez, se eu te confrontasse, iria novamente sumir com o menino. Eu achei que era a saída para nosso país. Por favor, me desculpe por ter colocado ele em risco e por ter pensado isso de você.

— Escuta, Josephine, tudo que eu tinha para te falar em relação a isso, já foi dito. Já sabe que o menino é meu filho e só esse fato deixa o mais claro possível que ele é muito mais precioso para mim que qualquer merda do país.

Balanço a cabeça concordando.

— Eu não sabia desse fato quando fugi com ele. Vim, sinceramente, dizer que estou

arrependida e gostaria de te convencer disso.

Phelipo cruza os dedos sobre a mesa e me encara pensativo, a expressão continua rude.

— E isso é tudo que tem para me dizer? — questiona e no mesmo instante uma sombra de indignação toma sua face.

— O cara da foto é Mathew, namorado da Allegra, você o viu no dia do nosso casamento. Estávamos nós três no parque, mas o jornal preferiu cortar a Allegra por sensacionalismo.

— Ok.

Ficamos calados, ele me fitando quase em modo "dissecação".

— Então...

— E o que mais? — indaga.

— Mais o que, Phelipo? Não espere que eu vá ajoelhar a seus pés...

O sorriso que vejo é de irritação e não entendo por que ele ainda está irritado. Enfia os dedos nos cabelos pretos, penteia para trás e nega com um gesto de cabeça.

— Não acho que haja sinceridade o suficiente para continuar.

— O quê? Então... não teremos uma chance?

— É isso mesmo o que quer, Josephine? Estar comigo, criar uma família ao meu lado, ser a rainha?

— Quer saber? — Fico de pé. — Eu acho que também sou como uma embarcação. E no momento estou aqui ancorada te esperando. Eu te juro que, por mais que doa, se você me fizer partir, não haverá retorno. Estou aqui de peito aberto sendo sincera com você e humilde acima de tudo, mas não pense que me terá assim a vida toda.

Ele dá um sorrisinho irônico, se levanta também, tira algo do bolso e bate na mesa na minha frente; chega bem perto do meu ouvido e diz:

— Tente ser mais convincente da próxima vez.

E sai sem esperar eu revidar.

Em estado de choque, me movo rapidamente e desdobro o papel. Quando leio, meu sangue ferve. Giro rapidamente nos pés e corro o mais rápido que consigo, batendo a porta com toda força e impedindo que ele saia.

Nada amigável, ele me fita.

— Ah, então é assim? — grito — É assim que age quando descobre que supostamente será pai?

— É assim que você agiu comigo omitindo a informação! — Ele berra de volta.

— Eu estava ali agora te pedindo desculpas por não ter dialogado e é essa sua reação? Meter essa merda de indireta na minha cara? Por que não me pergunta aqui na minha cara ao invés de acreditar em um bilhete da minha mãe? Ah, então eu não sou tão imatura, não é, príncipe?

— Essa é a porra de um assunto sério e olha como eu descubro! Em meio a uma chantagem. — Só espero que essa sala tenha isolamento acústico. Phelipo tem a voz grossa e gritando se torna quase um cantor de opera; não me aflijo e o enfrento também gritando.

— Não com minhas palavras. Você não vai reagir todo espinhento para cima de mim quando o mérito é de outra pessoa.

— Da sua mãe!

— Não somos a mesma pessoa. E quer saber? Se tivesse vindo me perguntar, eu teria dito que não te informei nada porque não tem nada certo, não fiz exame, não tem todos os sintomas e é só uma suposição da cabeça da minha mãe. Aliás, desejaria mesmo essa gravidez, alteza?

— Não me chame assim.

— Vossa Alteza sim, caralho! — Já estou a nível estridente. — Desejaria essa gravidez? — Limpo uma lágrima.

— Olha a boca, porra.

— Eu te fiz uma pergunta.

— Não. Sabe que não desejei.

— Então pronto. Somos dois. Nunca planejei estar grávida, mas se eu tiver, ai de você se ousar levantar um "A" contra meu caráter. E talvez esse tenha sido o meu medo de te contar a suposição. Esperava algo concreto para só então te mostrar.

— Quem pensa que eu sou?

— Eu não sei. — Abaixo o tom. — Até hoje você não me mostrou ser algo muito legal. O que você me deu para que eu pudesse me sentir segura? Chamou nosso casamento de caso. Isso diz muito sobre o que eu devo esperar.

Ele recua e também, em tom baixo, mas ainda raivoso, diz:

— E o que você sente em relação a tudo isso? Me diga, já que deseja ser sincera, olhe para mim e confesse: o que desejaria que fosse diferente?

— Eu não...

— Se apaixonou, não é? Diga. Você já está totalmente caída por mim.

— O quê? Deixa de ser arrogante.

Ele me segura e me empurra contra a porta segurando em meu rosto e em minha cintura. De olhos saltados, encaro-o.

— Diga o que a motivou a vir até aqui. — Seu nariz quase toca no meu de tão próximo que estão nossos rostos. — Se apaixonou rápido pelo cafajeste, não é? Confesse agora, já que é a porra de uma embarcação e está me esperando, diga agora.

— Me largue. — Seguro nos braços dele. — Seu olhar intenso, um azul forte e letal, tem um tom de urgência, como se precisasse da minha confissão para sobreviver. Talvez Phelipo precise ouvir que alguém ainda goste dele depois de todas as merdas que já fez.

— Então é isso? Veio aqui fazer esse circo todo com que intenção?

— Não me faça achar que eu estava enganada, Phelipo. — Não tento empurrá-lo, mas mantenho minhas mãos agarradas a ele.

— Quer voltar para mim?

— Sim.

— Então me fale — rosna rudemente entre dentes. — O que sente por mim, Josephine?

— Não é assim que funciona! — grito.

— É assim sim. É assim porque eu quero que seja, estou ferrado aqui querendo ouvir e te

trancar na porra de um quarto e fazer você gritar para esse palácio todo ouvir. Diga. Por que se importa tanto que eu te perdoe e te aceite de volta? É pelo dinheiro? Joias, poder?

— Sabe que não.

— Então vai me confessar a verdade. O que sente por mim?

Sei que ele não vai me largar e decido jogar tudo na cara dele, colocar para fora tudo que vem de dentro de mim, do fundo do meu coração.

— Eu me apaixonei por você! Tá feliz? É isso que quer ouvir? Pois então aqui vai mais uma vez: tem outro coração derretido por você para adicionar à sua coleção. Eu me apaixonei e estou no fundo do poço por causa disso.

A revolta some do rosto dele e seus olhos se iluminam, estão inclusive brilhosos, com vestígios de lágrimas. Não há mais carranca e o belo rosto másculo se torna aliviado, o canto da boca até se volta para cima em uma presunção de sorriso malicioso.

— Não estará na minha coleção — sussurra junto a meus lábios. Um calor de alma nos mantém ligados, compenetrados. Corro uma de minhas mãos pelo seu braço e toco em seu peito, o coração batendo descompassado.

— Que...?

— Por que você é única e toda minha e tem muita sorte de me fazer sentir assim.

— Assim...

— Também apaixonado por você. Caralho!

Minha reação? Chocada, quase sem batimentos. Mas nem tenho tempo de reagir e desenvolver melhor essa confissão dele. Phelipo ataca minha boca com sua costumeira gula, me beijando vorazmente, provocando ainda mais lágrimas escorrendo em minhas bochechas. É forte demais o que sinto, provocando minhas emoções mais profundas.

Soluço entre nosso beijo, Phelipo para de beijar e descansa a testa na minha.

— Não vai mais mentir para mim, Josephine.

— Não vou — confirmo. — E nem você para mim.

— Tenha certeza disso.

Bruscamente, todavia suave, ele me pega nos braços e me leva para a mesa. Me empurra, fazendo eu cair para frente e começa a levantar meu vestido, ficando de pé atrás de mim. Uma cena nojenta me vem à mente e eu me viro rápido o suficiente para interromper.

— Não. Não vai me pegar como fez com a vagabunda de sua perfumista. — Phelipo me mostra seu costumeiro sorriso irônico, eu enrijeço esperando uma piadinha, mas ele diz:

— Tem toda razão, alteza. — E me coloca sentada em cima da mesa, de frente para ele, abre minhas pernas e começa a arrancar minha calcinha, sem querer interromper o beijo caloroso que nos consome. Fogo vivo nos envolvendo.

Com as mãos trêmulas, desabotoo a camisa dele e não tenho paciência, abro-a arrebentando os botões e nenhum de nós ligamos para isso. Com seu peitoral à mostra, deixo a boca dele e avanço para beijar o peito musculoso. Phelipo geme, e eu flagro seu sorriso deleitoso antes de me empurrar e se abaixar em minhas pernas.

— Merda!

— Segure na mesa, Satã, vou te levar ao céu.

E ele não decepciona.

Quase quebro minha unha ao segurar bem forte na borda da mesa; a cada lambida e chupada, Phelipo me faz contorcer de prazer. Me deixando quente, em combustão por dentro, prestes a explodir como um vulcão em erupção. Seu dedo e língua me penetrando ora devagar, e ora forte, está se tornando meu maior e mais delicioso tormento, pois eu preciso de libertação.

Ele só me deixa livre quando fica de pé, arranca o cinto e desce a calça junto com a cueca. Me olha indeciso e ofegante. Seu pênis grande e muito duro melado na ponta.

— Não tem preservativos. Você pode ou não estar grávida. Vamos no seja-o-que-Deus-quiser?

— Vamos — concordo, pois não aguento mais, tremendo e me dissolvendo de tesão.

Quando ele entra em mim, eu estou tão molhada e excitada que uma única socada, tudo de uma vez indo até a base, é a melhor sensação que já senti, o recebo avidamente, queimando por dentro, implorando para ser toda preenchida. Phelipo arqueja o corpo e retira-se, metendo tudo novamente em seguida. Meu grito é abafado pela sua boca, que sorri de prazer.

— Eu senti tanta falta... — sussurra. E isso cola tudo que antes estava quebrado em mim por dentro.

— E eu também! — Choramingo e agarro nele para me segurar e aguentar suas bombadas fortes e fundas, tão fundas e deliciosas que me fazem ver pontinhos brilhantes em seu rosto. Está muito gostoso com os cabelos assanhados, a camisa aberta mostrando o peitoral forte que sobe e desce arfante.

Seu cheiro é único e delicioso, me envolvendo de uma maneira sublime.

— Veja como sua boceta me recebe gulosamente. — Rindo, ele fala.

Olhamos para baixo ao mesmo tempo, vendo seu pau entrar e sair de dentro de mim. Uma visão bem erótica que me faz querer mais ainda. Levanto meus olhos para os dele e não me surpreendo quando encontro a paixão estampada. Eu estou mesmo no céu.

Foi meu primeiro sexo de reconciliação e não faria nada de diferente. Porque foi perfeito.

É esse homem cretino, quebrado e louco que eu adoro e que é meu marido.

— Vou ter que ser um pouco duro com sua mãe — aviso a Josephine enquanto me visto. Ela também se veste e, quando eu a olho, está acenando positivamente. — Sabe que ela errou ao empurrar uma informação que você deveria me dar.

— Sim. Infelizmente minha mãe sempre passou por cima de minhas vontades. — Ela se apressa em vir até mim e ajeitar minha camisa. Sua testa se enruga e ela olha os botões no chão.

— Pois é. Isso é culpa sua, toda enlouquecida como se nunca tivesse visto um homem na vida. — Eu a provoco e abotoo apenas os dois primeiros botões intactos. Escondendo o rosto, Josephine ri, eu a abraço e giro seu corpo em meus braços, a obrigando a me encarar.

— Temos que começar a criar rotas de fuga para transar — digo. — Não abro mão das fodas, já antecipo. — Pisco em seguida, mostrando meu sorriso charmoso. Josephine comprime os olhos.

— Como é que é?

— Alexei está ficando no nosso quarto até o dele ficar pronto.

— Posso ficar no meu... e podemos nos encontrar lá.

— É uma boa ideia para as trepadas da realeza. Mas quero você dormindo com a gente.

— Não seria estranho para ele?

— Ele precisa começar a se acostumar com você, nada melhor do que dormirmos os três juntos por esses dias. Alexei está conhecendo uma nova vida, uma rotina fixa, então podemos mostrar aos poucos a ele, teremos todo tempo do mundo.

— Farei tudo que estiver ao meu alcance para deixá-lo confortável.

— Espero. — Dou um beijo em seus lábios, pego a bengala e Josephine segura em minha mão. Saímos da sala e Levi nos olha com expressão de: "Fizeram as pazes com sexo, não é, safados"?

— Levi, não olhe para seu futuro rei com essa cara. — Eu digo e passo por ele, nem preciso olhar para saber que Josephine está vermelha como um tomate.

— Fico feliz que tudo tenha se resolvido, alteza.

— Sei que fica. — Olho de relance para ele e comando: — Vá buscar Aretha. Precisamos conversar com ela. E me traga o número do jornal que publicou uma infâmia contra a minha esposa, vou mostrar como se respeita uma princesa.

— Sim senhor. Achei mesmo que faria isso. — Ele sai e eu me viro para Josephine antes de chegarmos ao corredor que dá acesso ao quarto. Ela se adianta e sussurra:

— Eu disse que você ia ligar.

— Você sabe como eu costumo agir. Ficou fácil adivinhar.

— De qualquer forma, obrigada.

— Não por isso. — Beijo os lábios dela, e voltamos a caminhar. Chegamos ao quarto, mas a obra acontecendo ao lado chama atenção dela.

— O que está acontecendo aqui?

— Mandei modificar o quarto ao lado para Alexei e abrir uma porta interligando ao nosso quarto; assim ele não se sentirá tão sozinho.

— É uma ótima ideia. — Sorrindo, ela fita meu rosto. — Você parece ser um bom pai. Se vier surpresa por aí, estará acostumado.

— Eu faço o que estiver ao meu alcance. Jamais deixaria um filho meu padecer.

— Eu aprecio isso e fico confortável em saber que posso confiar em você, se tivermos um resultado positivo.

Bem no fundo, dentro de mim, sinto quase uma euforia se formando ao pensar nessa possibilidade. Um dia vai acontecer e, se for agora, receberemos de bom grado. Alexei se tornou mais que meu filho, se tornou minha redenção. Por ele farei qualquer coisa e até minha vida daria para salvá-lo, e se outro filho chegar, será ainda mais a comprovação de minha nova vida, da esperança ao nosso povo, que meu pai nunca acreditou que eu fosse capaz.

Está comigo a missão de fazer a linhagem prosperar e eu só queria que alguém estivesse aqui para ver. Dói demasiadamente o fato de eu ter perdido todos que acreditavam em mim.

***

Pedi a Dorothy que levasse Alexei para dar uma volta no pomar junto com Luck, que eu tenho negligenciado esses dias. Parte meu coração ver como ele sente minha falta, Levi o traz todos os dias para eu dar um abraço nele e ele pula doido em cima de mim, fazendo festa, me lambendo e chorando baixinho.

Assim que eles saem, Aretha chega e olha atentamente para mim, sentado em uma poltrona, e depois para Josephine, de pé ao meu lado.

— Você voltou? Quando? Por que não foi me ver?

— Oi mãe. — Ela diz. — Eu cheguei agora, estava em reunião com Phelipo. — E que reunião Pensei e infelizmente não consegui deixar de mostrar o que veio em minha mente; sorrio de lado, olhando Josephine de relance. Ela revirou os olhos pelo meu deboche implícito.

— Veio para ficar? — Aretha questiona, tensa.

— Sim. Josephine não vai mais embora, aqui é o lugar dela. Aretha, te chamei aqui apenas para dizer uma única coisa, na verdade te dar duas opções.

— Diga, alteza.

— Ou você se comporta nesse palácio, ou infelizmente terá que se mudar daqui. É isso.

— O quê? — Seu olhar chocado não me deixa surpreso.

— Sua filha é adulta e agora é minha esposa e com responsabilidades com o país. Não podemos ter ao nosso lado uma pessoa que não passa confiança.

— Josephine. — Ela berra. — Vai deixá-lo falar assim comigo?

— Mãe, escute o Phelipo.

— Você foi irresponsável ao pegar um assunto que diz respeito a mim e à sua filha e tentar usar isso contra mim ao deixar o bilhete.

— Eu só queria que minha filha voltasse...

— Isso eu teria que decidir. A questão é: você passa a se comportar e repensar seus atos ou não fará mais parte dessa casa. Não tolerarei mais coisas desse tipo.

— Vai mesmo deixar ele me colocar para fora? — Torna a questionar Josephine, pressionando-a na minha presença. A ira começa a me tomar e respiro fundo na tentativa de me acalmar.

— Mãe, ninguém está te colocando para fora. Precisa apenas pensar duas vezes antes de agir. Eu odiei o que fez, mandando um bilhete para Phelipo. Eu deveria ter contado a ele sobre minhas suspeitas, não a senhora.

— Eu fiz pelo seu bem. Não seja ingrata.

— Eu entendo, mas estamos passando por momentos de crise. Já sofremos dois atentados, todo cuidado será pouco e precisamos que reveja algumas de suas atitudes. Assim como ele, eu também não vou tolerar que a senhora se ache no direito de expor assuntos que não são do seu interesse. Eu vou tentar dividir com Phelipo todo o peso da responsabilidade do país e precisamos de aliados e não de desconfianças.

Enfim ela abaixa a cabeça e assente. Josephine dá a volta na poltrona e a abraça.

— Mãe, apenas me deixe resolver minhas coisas. Já sou adulta e agora casada, sei me virar.

Ela se afasta dos braços da filha, me olha e, com sinceridade, diz:

— Desculpe, alteza. Isso não voltará a acontecer.

— Ótimo.

Fita Josephine e mostra sinceridade no olhar.

— Vá ao meu quarto, precisa me contar como estão as coisas.

— Sim mãe, eu irei.

— Você se saiu muito bem. — Me levanto da poltrona e aproximo de Josephine, que ainda observa a porta depois que a mãe saiu. — É impensável um filho ter que dar um sermão na mãe, mas foi necessário.

— Me senti horrível, mas é algo que meu pai aprovaria.

— Com certeza. Agora, por que não vamos relaxar um pouco fazendo um replay da nossa reconciliação?

— O que...?

— Ali na cama. Eu, você, os vinte centímetros... o que acha? — Passo o braço ao redor dos ombros dela e a conduzo para a cama.

— Você não cansa?

— Não disso. — Empurro-a e Josephine cai deitada na cama. Olhando para ela com meu lábio preso nos dentes, desabotoo minha camisa, tiro meu cinto e desço a calça até as coxas. Subo em cima dela e rapidamente as suas mãos se movem pelas minhas costas e adentram na minha cueca.

— Só se falar de novo. — Ela sussurra na minha boca.

— De novo? O quê?

— Que está caidinho por mim... alteza.

— Deixa de ser sacana. — Tento beijá-la, mas Josephine coloca a mão na minha boca.

— Fala, quero ouvir.

— Sabe que vou te punir por me pressionar, não é?

— Que seja, já estou ferrada soterrada debaixo de cem quilos. — Suas mãos passeiam devagar pelo meu corpo, ela belisca de leve meu mamilo, desce arranhando meu abdômen e chega na minha virilha, passando a mão de leve bem em cima do meu pau sob a cueca. — Vai ou não dizer?

— Estou fodidamente apaixonado por você, safada.

— Ai meu Deus. Você tocou meu coração, Phelipo.

— E agora vou tocar seu útero.

***

Mais tarde, eu e Josephine sentamos na varanda para apreciar a noite, com uma taça de vinho. Eu tinha acabado de colocar Alexei na cama, que dormiu mais feliz do que nunca esteve. Meu coração ficou gigante por vê-lo tão contente com pequenas coisas. Não queria jantar, queria hambúrguer e seu pedido foi atendido. Nós três comemos hambúrguer com coca-cola, ouvindo

histórias que ele inventava na hora.

— Ele adorou sua presença — digo a Josephine. — Obrigado por compreender e aceitá-lo.

Ela me olha e não sorri, me fita seriamente.

— Não por isso. Alexei é um menino precioso. Como pretende expor ele ao povo?

— Não sei. Se eu disser que é meu filho, logo vão dizer que é um bastardo. Não aceitarei esse tipo de comentário contra ele. E se eu disser que é filho de Dom...

— Você terá que abdicar do trono quando ele completar dezoito anos.

— Isso. Mas quer saber? Não penso muito nisso. Que se foda a opinião alheia, quero o bem-estar dele acima de tudo. — Giro o vinho na taça, pensativo, e decido falar com ela algo que é segredo. — Ele irá passar por uma cirurgia em breve, para tentar reverter a cegueira e no momento é apenas isso que me preocupa.

— Sério? Phelipo... que noticia ótima. — Um vasto sorriso mostra o contentamento dela.

— É. Fico com o coração na mão só em pensar nisso. Eu adiei até agora porque ele era novo demais para passar por uma cirurgia, o cirurgião afirmou que tudo ficará bem e que ao menos sessenta por cento da visão será restaurada. As retinas e córneas estão em perfeito estado. O acidente ocasionou uma pequena lesão e agora eles vão tentar reverter.

— Meu Deus. Essa notícia é ótima. Quanto antes você aceitar o procedimento, melhor será para ele. Será o maior presente que poderá dar a seu filho e fique sabendo que estarei por perto, caso precise.

— Com certeza precisarei de você ao meu lado. — Seguro na mão dela, abraçando seus dedos com os meus. — Nós dois precisaremos. Meu pai estava certo quando te colocou em minha vida.

— Eu não canso de agradecê-lo por isso. — Ela beija minha aliança e volta a olhar para o céu estrelado à nossa frente, sem largar minha mão.

46

MEU DESTINO É COM VOCÊ



PHELIPO

Pegue minha mão, pegue minha vida inteira também
Pois eu não consigo evitar de me apaixonar por você
ELVIS PRESLEY - Can't Help Falling In Love

Essa foi a primeira noite sem Alexei na nossa cama. Ele não teve problema algum em dormir no quarto ao lado que enfim ficou pronto depois de cinco dias.

Eu e Josephine o levamos para a cama, e o tranquilizei dizendo que eu estava a alguns metros de distância.

Como a psicóloga havia dito, o quarto deu a ele uma sensação de segurança, uma prova de que vai continuar aqui comigo e, por causa disso, Alexei foi com um sorriso no rosto para a cama; era a noite feliz dele.

Agora, despertei e a manhã me faz sorrir levemente. Há anos não me sinto tão satisfeito e calmo. Em paz comigo mesmo e com quem me cerca. Sei que ainda levará muito tempo para eu restaurar cada uma das cicatrizes dentro de mim, mas o começo da redenção chega a ser prazeroso.

Rolo para o lado e encontro o corpo pequeno e quase nu de Josephine. Praticamente me acomodo em cima dela, abraçando-a confortavelmente e passando meu rosto em suas costas. Primeiro o queixo, depois os lábios e, por fim, uma mordida de leve no ombro.

— Ahm... — Ela geme e se mexe, entretanto não consegue escapar. — Phelipo... — murmura quase em letargia.

— São seis e meia. — Afasto os cabelos dela e fricciono meu queixo em círculos em sua nuca. Ela geme mais um pouco e posso ver um leve sorriso de satisfação brotar nos lábios. — Vamos para o banheiro, Alexei acorda daqui a uma hora.

Meus dedos descem tamborilando nas costas dela e, com calma, puxo o elástico de sua calcinha. Solto-a, fazendo um pequeno estalo em sua pele. Ela ri e tenta afastar minha mão para que eu não faça novamente.

— Quero foder amavelmente sua boceta, por trás, de pé, para ficarmos com aquela gostosa

sensação de pernas bambas.

Ela encontra uma maneira de se mexer até conseguir virar-se e abraçar meu corpo, mexendo covardemente seu quadril, provocando meu pau rígido. Seus braços envolvem meu corpo e uma das suas mãos desce, adentrando um pouco na minha cueca na parte de trás e ficando ali, estacionada, tocando em meu traseiro.

Josephine beija devagar meu pescoço, aspira em seguida e fica um tempo com o rosto ali, descansando na curva de meu ombro.

— Você é muito grande e sedento, e bem difícil de se saciar.

— Ninguém disse que seria fácil. — Aproveito que ela está me abraçando para levantar e me sentar na cama, trazendo-a comigo.

— O que está fazendo? — Ri e joga os cabelos para trás.

— Adiantando nossa manhã.

Ainda com olhos sonolentos, ela acaricia meu rosto e seu olhar se torna apaixonante, um brilho terno mostra como ela gosta de mim, com sinceridade. Palavras podem mentir, pequenos gestos como um olhar não podem.

— Não me avisaram que príncipes são tão devassos e apaixonantes — sussurra, enrubescendo em seguida — Eu teria me prevenido.

— Não dá para se prevenir de mim, a surpresa é muito mais satisfatória.

Ela ri e sussurra no meu ouvido:

— Como a surpresa de ver o príncipe com ereção e usando meias vermelhas fofas.

— Pois é. Aqui é natal todos os dias, pacote volumoso e meias vermelhas. Peça seu presente e ganhará.

Me levanto da cama e ando com ela agarrada ao meu corpo, até o banheiro.

De porta fechada, saboreamos um delicioso sexo matutino debaixo do chuveiro, o qual me levou a mais um degrau na felicidade de ter ela comigo. Jamais imaginaria que uma garota tão fora dos padrões impostos por mim poderia ser a pessoa que me daria essa sensação de estar em casa, e ter onde me refugiar e em quem confiar.

Desde Mariah eu não me sentia assim. Adorava quando chegava o momento de encontrá-la, de ao menos olhar para ela. Era uma sensação que tomava minha racionalidade e eu pensava apenas no meu desejo. Mariah soube no mesmo instante que me viu, que eu seria sua ruína e ela não se resguardou, ela se jogou no nosso caso de amor também, sem se importar com consequências.

Josephine a cada dia se mostra bem mais intensa e admirável que minha ex-paixão Mariah. As qualidades de minha esposa me fazem pensar que a perfeição que eu julgava conhecer não era real; só agora consigo sentir de verdade a sensação de comprometimento.

— Seus pensamentos deixaram rugas em sua testa. — Olho para Josephine sentada diante do espelho, ajeitando os cabelos.

— O quê?

— Está aí parado com a testa franzida. Preocupado?

Eu termino de abotoar minha camisa e abano a cabeça negativamente. Essa breve comparação que fiz, mentalmente, entre as duas mulheres me fez ter uma lembrança.

Eu estava resistindo à Mariah porque era uma brutal sacanagem contra meu irmão. Em uma certa noite de tempestade, em que Dom estava fora resolvendo assuntos em Andrômeda, a porta do meu quarto abriu-se repentinamente e uma figura feminina brotou na escuridão. Era Mariah, ela mostrava-se assustada, em pânico, e pulou na minha cama, dizendo que tinha muito medo de trovões.

Eu fiquei estático, ela estava quase nua, apenas com uma pequena camisola de renda tampando seu corpo. E eu somente de cueca.

Eu nunca tinha entendido o fato de ela sair da ala em que morava com Dom, atravessar os corredores e ir se meter no meu quarto, quando tinha no quarto ao lado a dama de companhia que era a melhor amiga dela.

— Phelipo. — Josephine me chama e eu a olho confuso. Ela faz uma expressão de: "o que está acontecendo?".

Para não tocar nesse assunto que me faz mal e deixá-la desconfortável, eu digo algo que vem à minha mente:

— Ainda não fez o teste de gravidez.

Ela abaixa os olhos e assente.

— Estou com medo. De qualquer que seja o resultado.

— Venha aqui. — Puxo-a e ela se levanta. Abraço-a apertado, mostrando que quero confortá-la, mas algo dentro de mim diz que eu é que preciso de conforto dos braços dela para tentar amenizar a culpa que voltou a me abater por ter traído meu irmão e provocado a morte dele. Tudo por causa de uma mulher.

Antes de descer para o café, peço para Levi preparar tudo, incluindo ligar para o laboratório, para realizar o teste de gravidez. Sempre lembrando de manter tudo em sigilo.

Uma pessoa virá, colherá amostras de Josephine e mandará o resultado para o palácio, sem precisarmos sair daqui e levantar suspeitas.

Descemos para o café, que sempre é servido a partir das sete. Essa casa ainda segue costumes do meu pai, todavia são coisas que não faço questão de mudar. Às vezes, mesmo acordando bem cedo, espero o horário exato para descer e comer alguma coisa. Sei que sou o dono disso tudo, mas manter um cronograma dos empregados é a melhor administração.

Pouco depois Dorothy desce com Alexei e o coloca na mesa, servindo leite e biscoitos para ele. Ele gosta de ser independente, mesmo tendo limitações. Comer é uma das atividades que ele gosta de fazer sozinho.

Ele come devagar, tateia em volta procurando a caneca, leva à boca e, com cuidado, a descansa na mesa. E eu sempre agradeço aos céus por ver o brilho nos olhos dele e saber que ainda temos uma esperança.

— Papai, vamos andar a cavalo hoje? — Ele pergunta, sem virar diretamente para mim, o rosto parado fixamente para frente.

Eu tinha prometido a ele que andaríamos de cavalo, mas hoje eu e Josephine iremos nos reunir com governadores e o conselho para falarmos sobre as fábricas. Por sorte o compromisso é mais tarde e eu decido dar a Alexei um pouco de diversão.

— Claro que sim. Levi já preparou os cavalos para a gente dar uma volta.

— Oba! — Ele grita esbanjando felicidade. Quase nunca o vejo triste, apenas quando morava sozinho, protegido e escondido e eu ia visitá-lo e tinha que ir embora, deixando-o sozinho. Sempre partia meu coração ver os olhinhos encharcados de lágrimas. Assim que eu o trouxe, prometi a tudo que é mais sagrado que faria o possível e o impossível para nunca o deixar sofrer novamente.

***

Dois enfermeiros chegam para realizar o exame de Josephine. Dorothy leva Alexei para o jardim, e eu fico no quarto, ao lado dela, enquanto colhem o sangue.

— Tudo bem? — A conforto quando termina. Josephine está pálida, me olhando apreensiva.

— Não sei o que pensar — sussurra e me abraça, colando a bochecha em meu peito. Eu não estou diferente dela. Sinto tudo em mim pulsando de antecipação, drasticamente desestabilizado.

Segundo o enfermeiro, o teste levará de uma a duas horas para ser concluído e eles poderiam mandar o resultado por e-mail, mas prefiro que Levi busque pessoalmente o resultado no laboratório.

Eu sabia que tinha que pensar nos dois resultados. Não quero ter essa imaturidade de "deixo para pensar mais tarde". Me sento calado em uma poltrona e Josephine na outra, também em silêncio. Ambos sabemos que cada um tenta imaginar os dois cenários para o resultado do teste.

Meus pensamentos me levam de volta ao passado, no dia em que Mariah veio me contar que Alexei era meu filho. Eu duvidei, lógico. E mesmo duvidando eu fiquei louco.

Me lembro de ter pegado um carro e cortado a cidade na maior velocidade e parar no bar mais distante possível e beber o máximo que eu poderia aguentar.

No fundo, naquele dia, eu queria cair inconsciente e acordar mais tarde, tendo a certeza de que tudo tinha sido um sonho.

Mas não foi.

Mariah me torturou durante toda a gestação. Ela poderia não ter me contado, ou contado mais tarde. Ela não queria deixar meu irmão e nem queria que eu assumisse o menino, então não fazia sentido ela ter contado e ter continuado a esfregar a gravidez na minha cara.

Me mandava mensagens de celular com fotos de roupinhas e dizeres como: "seu primogênito".

Trouxe pessoalmente o primeiro ultrassom que fez e aquele momento foi dúbio para mim, fiquei momentaneamente feliz porque possivelmente era meu filho, todavia seria fruto de uma traição contra meu irmão. Eu me senti destruído por não poder tomar nenhuma decisão.

Ela me obrigou a batizar o menino, chorando copiosamente quando eu recusei, dizendo que eu precisava tomar uma posição diante dos fatos. E eu tomei. Secretamente propus a ela um exame de DNA, e estava lá, na minha cara: positivo.

Hoje, diante da hipótese de uma nova gravidez, não tenho mais nenhuma sensação que me corroeu no passado. Mas o medo me toma por completo, sei que é uma gigantesca responsabilidade, em um momento de crise para mim.

Levi bate na porta e nos entrega o resultado, uma hora depois.

Peço a ele que prepare os cavalos e entrego o envelope lacrado a Josephine. Sua mão treme

quando recebe.

Ela ofega e engole a saliva. Com um gesto mínimo afirmando com a cabeça, a apoio para que abra de uma vez.

Assim que Josephine abre o envelope, meus olhos param na palavra em negrito.

Puta que pariu. Fecho os olhos e sofro em pensamento. Abro os olhos e ela está me encarando, tentando buscar em mim algo para tranquilizá-la, algo que diga que tudo ficará bem, todavia eu não posso dar nada a não ser minha expressão deplorável.

Dessa vez não tem mais como eu pegar um carro e cortar a cidade em alta velocidade. Não é um sonho e muito menos o momento de eu tomar um porre para esquecer. Josephine tem lágrimas nos olhos e sofre intensamente, esperando uma reação minha.

E mesmo não comemorando e rindo enlouquecido, a puxo para meus braços e prometo:

— Seremos bons pais.

— Não está com raiva? — Ela cochicha, um tanto temerosa.

— Não pense isso de mim. É meu filho a caminho, aqui, dentro de você. Não há coisa mais sublime que a criação de uma vida. Não era o momento, mas, se chegou, vamos encarar.

— Obrigada. — Ela soluça. — Estou com muito medo.

Eu ainda sinto minha expressão lastimável, mas engulo o rápido pânico que se alastrou em mim e tento mostrar força. Eu estou feliz, no entanto. Assustado, mas feliz.

— Vamos ficar bem. — Beijo o alto da sua cabeça.

47

TRAIDOR



PHELIPO

Na área externa do palácio, expande-se um grande espaço com quadra de tênis, piscina, e até um haras que meu pai mandou construir, uma vez que era apaixonado por esses animais. Ele deixou uma coleção preciosa de vários exemplares de raças puro-sangue.

Descemos para o local cercado próximo aos estábulos. Alguns guardas esperam em posição, sob o comando de Levi, para nos receber. O sol está quase descendo para se pôr. Deixo Josephine descansar; ela conversou com sua mãe e preferiu ficar um tempo sozinha, absorvendo a novidade. Ela é nova, acabou de se casar e já será mãe. Ainda mais em um momento bem conturbado para o país.

Mais tarde, convido-a para cavalgar e ela diz que aceita porque precisa se distrair.

Os cavalos estão prontos e devidamente selados. Eu peço para preparar dois Paint Horse, um branco e um rajado.

— Alteza, esse foi preparado para o príncipe. — Levi diz quando Josephine escolhe o cavalo branco e se prepara para subir.

— Não tem problema, Levi. — Eu digo. — Vou nesse aqui.

— Sim senhor. — Ele assente e vai ajudar Josephine a montar. Eu subo com Alexei sentando-o na minha frente e, no outro cavalo, Josephine se mostra muito íntima com a situação, sabendo exatamente como manusear rédeas, sentada em uma posição ereta e segura de si. Ela mentiu anteriormente quando negou dizendo que não cavalgava.

— Então monta mesmo cavalo e não apenas outra coisa. — Pisco para ela e quase pude ver a hora de ela cair dura de vergonha. Olha urgentemente para os lados procurando saber se alguém tinha ouvido. Irritada, me mostra o dedo do meio e sai na frente, galopando.

Devagar, vou atrás.

— Alexei, esse é o cabelo do cavalo. — Conduzo a mãozinha dele para tocar na crina. — E se chama crina.

— É macio o cabelo dele. Que cor é?

— É preto e branco. Logo você poderá ver todas as cores. Agora sinta o pescoço dele. — Continuo conduzindo a mão dele e mantendo o cavalo marchando mansamente.

Olho para o lado e Josephine sorri vendo minha interação com ele. Com certeza está vendo em

mim a imagem de um ótimo pai. E é justamente isso que quero passar a ela em uma tentativa de tranquilizá-la quanto à notícia recente que ainda me abala por dentro. Sorrio de volta para ela e digo a Alexei:

— Agora vou te ensinar como controlar o cavalo.

— Me ensina, papai. — Ele grita, muito eufórico.

— Tome, segure essa corda bem forte. — Coloco uma parte da rédea na mão dele. — E com a outra mão segura essa parte aqui. — Faço-o segurar, junto comigo, na rédea.

— Agora vamos fazer o cavalo andar um pouco mais rápido.

— Vamos!

— Se eu der um tapinha aqui no pescoço, ele vai andar. — O cavalo é treinado e bastam dois tapinhas no pescoço para ele começar a trotar mais rápido. Alexei vibra de emoção, fazendo Josephine rir, ainda parada no mesmo lugar, mais interessada em me assistir.

— Pronto, filho, ele está andando.

— Eu acho que ele está pulando. — Alexei corrige.

— Sim, está pulando. Para fazê-lo parar, basta puxar um pouco a corda dessa mão aqui. Puxe — incentivo e ele dá um puxão, usando sua força infantil. E quando o cavalo para, ele comemora como se tivesse ganhado um prêmio.

— Eu consegui! Eu sei controlar um cavalo.

— Sim, e você será um excelente montador, quando for grande.

— É melhor do que tocar piano.

Eu estava no meu mundinho feliz e privado com meu filho e nem percebi quando o cavalo de Josephine deu o primeiro tropeção. Fiz o meu cavalo trotar mais um pouco e deixando, em seguida, Alexei pará-lo, e só me dei conta de que algo acontecia quando ela deu o primeiro grito. Já estava um pouco afastada e segurava desesperadamente na rédea, tentando fazer o cavalo parar de pular e se contorcer.

— Meu Deus! Alguém me ajude! — Os gritos de Josephine são arrepiantes, como um presságio de que algo ruim aconteceria. Me causa frio na espinha. O cavalo corre em pânico, para e pula, relinchando como se estivesse com dor, e volta a correr.

Caralho!

— O que houve, papai? — Com os gritos de Josephine, Alexei se apavora. E eu nem posso correr atrás dela porque estou com ele.

— Está tudo bem, fique tranquilo. — Olho para o lado e Levi vem em nossa direção galopando a toda velocidade, percebendo o perigo que vem ao encontro de Josephine.

— Leve o Alexei! — grito para ele.

— Alteza, eu posso... — Começa a contestar, todavia não faz quando eu berro:

— Eu disse para pegá-lo, agora! — Ele obedece instantaneamente e para ao meu lado. Em meio à confusão, preciso agir com brandura para acalmar Alexei: — Filho, vai com o Levi. O cavalo da Jojo está pulando muito e vou ajudá-la.

— Tudo bem. — Com os olhos saltados, pálido de pânico, ele assente e eu o entrego para Levi.

Dois cavaleiros reais vêm em disparada montados em cavalos para também ajudar Josephine, que ainda resiste sobre o animal correndo desesperado pelo campo.

Usando toda velocidade, curvo para frente e meu cavalo dispara, o conduzo perseguindo o cavalo branco em que Josephine está. Os cavaleiros também estão quase alcançando e um deles porta uma arma de tranquilizante.

Eu penso na oportunidade que o destino está me dando de fazer tudo diferente com esse filho que vai chegar. Ter uma família e acompanhar desde a gestação o crescimento de um herdeiro, coisa que não pude fazer com Alexei. E essa oportunidade parece balançar fraca em minha frente, prestes a sumir, se algo acontecer com ela.

— Não, não, não. Deus, não! — grito ao ver que não dará tempo nenhum de nós três a alcançarmos. O cavalo branco empina as patas dianteiras e relincha alto, e então Josephine cai.

Ela parece desacordada e o cavalo cai logo em seguida, cambaleante, pois foi atingido com o tranquilizante.

Desço do cavalo e corro mancando até onde ela está caída, prostrando ao lado, já suplicando.

— Josephine. Ah, cacete! Josephine. — Bato de leve no rosto dela. E não reage. Sentindo minhas veias inflarem com a pulsação acelerada, penso em pegá-la no colo, mas desisto. É perigoso, pode ter fraturado alguma coisa. Conheço os primeiros socorros o suficiente para esperar ajuda.

Fico com ela, segurando sua mão e sentindo em mim uma das piores sensações que já experimentei. Parecida com a vivida no acidente que ceifou a vida de Mariah.

A emergência chegou em tempo recorde.

Assim que Josephine foi colocada na cama, e as botas de montaria retiradas, ela começou a reagir, mas ainda estava gelada e pálida pelo choque. Os paramédicos examinaram rapidamente o corpo, procurando machucados expostos, felizmente nada foi encontrado.

— Ei, reaja. — Massageio seus pulsos. Josephine geme e começa a se mexer. — Está tudo bem, não se mexa. Fique parada.

Ela abre os olhos, voltando à consciência totalmente, e lamenta:

— Ah, meu Deus! Phelipo.

— Está tudo bem. Você está bem. — Aperto firme suas mãos e torço para que minhas palavras estejam certas. Sei que ela compartilha o mesmo pensamento que eu: o medo de um aborto.

— O que houve? — Afastado, pergunto a Levi: — Que porra aconteceu com o cavalo?

— Não sei, alteza. Eles pareciam sadios... e agora... ele está morto.

— Morto? — repito, abalado com a notícia.

— Sim, ele teve um surto e não resistiu. Já chamei a equipe veterinária para investigar o que aconteceu. Se for alguma doença, devemos colocar todos os animais em quarentena.

— Faça isso. Verifique tudo isso e me traga respostas.

— Sim senhor.

Me sento ao lado de Josephine e seguro sua mão. A cor voltou em seu rosto e ela parece mais tranquila.

— Vossa alteza teve apenas alguns hematomas, felizmente nenhuma fratura ou hemorragia. — O

paramédico diz a Josephine. — Mas sugiro que faça um exame mais aprofundado para ter certeza quanto à gravidez.

— Ela fará — garanto imediatamente.

— Enquanto isso, o melhor é que fique de repouso.

— Eu não sei o que houve, Phelipo. — Ela tenta se justificar quando os paramédicos vão embora. — Em um momento estava parada e daí ele começou a pular, juro que não fiz nada. Eu sei montar desde os dez anos. Não sei o que houve.

— Tudo bem, não se preocupe com isso. — Beijo sua testa e acaricio seus cabelos, agradecendo intimamente por ela estar bem.

— Alexei está bem?

— Sim. Ele ficou assustado, mas já se tranquilizou.

— Phelipo... — murmura, mostrando pânico em sua voz.

— Diga.

— Já parou para pensar que... poderia ter sido você e o Alexei?

Eu estava tão preocupado com tudo que só agora me toquei disso. Ela tem razão.

— Estamos todos bem, é o que importa — digo apenas para acalmá-la. Por dentro estou enlouquecido com a hipótese de que isso pode ter acontecido para me atingir. Beijo a mão dela e me afasto quando a porta se abre sem anúncio e Aretha entra correndo.

— Minha filha! Por Cristo! — grita desesperada e quase se joga em cima de Josephine.

— Ei, acalme-se, Aretha. Ela já foi examinada, está tudo bem. — Olho para Josephine: — Fique um instante com sua mãe, irei buscar respostas, não consigo ficar parado.

Ela assente e eu saio apressado, só tendo tempo de pegar minha bengala. A perna já lateja dolorosamente pelo pequeno esforço que fiz ao subir a escadaria dos fundos com Josephine nos braços.

Chego escoltado ao estábulo. Levi não está, encontro a equipe veterinária examinando o cavalo. Prontamente, um deles fica de pé em minha frente.

— Alteza.

— Alguma resposta?

— O cavalo foi envenenado, senhor.

— Como é que é? — A suposição de que era para me atingir se torna realidade.

— Teremos que levá-lo ao laboratório para uma autópsia e descobrir qual veneno foi usado e como foi administrado. Mas já sabemos que foi isso que causou o colapso no animal.

Decido não contar a Josephine. Chamo o chefe da segurança na sala de reuniões, junto com os cuidadores dos cavalos; Dino, que era cavalheiro de honra do meu pai — e agora também cuida da segurança — e Levi.

— Será possível que nem na minha própria casa eu terei segurança? — berro revoltado e atinjo uma cadeira com um chute. Todos de pé em volta da mesa ficam calados, de cabeça baixa. — Que porra está acontecendo que nenhum de vocês consegue prever ou nos proteger?

— Alteza... — Levi tenta falar, mas eu direciono um olhar fumegante para ele, calando-o.

— Você! — Aponto para ele. — Onde estava que não vistoriou a porcaria desses cavalos? Como deixou isso acontecer?

— Desculpe, alteza... eu...

— Como alguém entra na minha propriedade e atenta contra a minha vida e a do meu filho? Para que serve a porra da segurança?

— Desculpe, alteza. — O chefe da segurança diz. — Podemos ter falhado, mas garanto que nenhum estranho entrou a não ser os enfermeiros do laboratório hoje mais cedo, todavia circularam apenas nas alas permitidas. Pode ter sido qualquer um.

Sim, pode ter sido. E só em saber que posso estar rodeado de traidores, sinto todo meu corpo gelar. Não sei mais o que fazer, não estamos seguros nem mesmo aqui dentro e temo amargamente pela vida de Alexei e Josephine.

— Quem preparou os cavalos? — Levanto o rosto para eles.

— Fui eu, alteza. — Um cavalariço diz, aparentemente tremendo de medo.

— Investigue-o — digo ao chefe da segurança. — Mantenha-o sob custódia e não o libere sem minha autorização.

— Sim senhor. — Ele faz um gesto e imediatamente um dos guardas se coloca ao lado do cavalariço.

— Mas eu... — Se mostra apavorado ao tentar falar, mas eu o interrompo:

— Se você não deve, não tem que temer. Leve-o daqui — comando e espero levar o homem que sai quase chorando, de cabeça baixa. — Levi, você vistoriou os cavalos antes da montaria?

— Sim, senhor. Conferi selas e rédeas e estava tudo okay.

— Quem foi o último a tocar neles?

Sem desviar os olhos dos meus, ele engole seco e sua expressão se torna lívida.

— Fui eu, alteza.

Ficamos alguns segundos calados, nos encarando.

— Saiam! — grito para todos os outros. — Voltem a seus afazeres. Quero respostas o quanto antes. — Todos começam a sair, mas Levi não se mexe, me olha com cumplicidade também, mostrando sua revolta quanto à impotência de não ter conseguido me proteger.

— Irei investigar, alteza. — Ele promete e sai rápido. Eu fico de cabeça baixa, apoiado na mesa, colocando todas essas informações no lugar e pensando em uma saída para manter Josephine e Alexei em segurança.

Dois toques na porta me fazem levantar os olhos. Dino, o homem de confiança do meu pai, entra.

— Esqueceu alguma coisa?

— Só quero dizer, alteza, que tenha cuidado com quem está muito próximo do senhor. Veja tudo que já aconteceu, somente uma pessoa sabia de cada um dos seus passos. Somente uma pessoa sabia que cavalo o senhor tinha escolhido. Se me der licença, poderei investigar.

Eu estou atônito. Ele não disse um nome, mas nem precisou. Faço um gesto para ele sair e

desabo na cadeira, devastado, apoio a testa na mão e nego veementemente o que minha mente me mostra.

Em um pulo, fico de pé e bato em outra cadeira, derrubando-a.

Caralho, isso não!

Não. Levi não, tudo menos ele. Não pode ser.

Mas as coisas começam a ficar claras. No haras, na Austrália, hoje com o cavalo. Levi é mais que um empregado, é meu companheiro fiel e único amigo que eu confio. Eu não quero acreditar que ele tenha feito isso comigo.

48

NOVOS ALIADOS



PHELIPO

Depois de chutar outras cadeiras e remoer sozinho na sala de reuniões, desisto e vou para o quarto em que Josephine está. Ela me olha em alerta assim que entro e sei que percebe logo de cara que algo muito ruim está acontecendo. Eu quero explodir de raiva, desgosto, revolta e não faço questão de esconder. A mãe dela fica de pé, temerosa com minha cara nada amigável. Preciso de forças vindas do âmago para não ser hostil com ela, em respeito a Josephine.

Aretha não tem culpa de nada, mas no momento não estou com saco nenhum para tolerar mediocridade.

— Aretha, preciso falar com sua filha. A sós. — A rouquidão em minha voz denota meu estado crítico de revolta e ela deveria perceber isso.

— Você não devia trazer problemas para ela. Minha filha precisa descansar. Não é o momento de ela se envolver com nada. — Ela me enfrenta e minha reação se limita a massagear minha testa, pedindo forças divinas porque a minha se esgotou.

— Mãe, por favor, nos dê licença. — Prevendo que eu não trago boas notícias, Josephine intervém para ficar a sós comigo e saber logo do que se trata. — Esse é o nosso quarto, precisamos ficar sozinhos.

— O que está acontecendo com você que deu para ficar contra mim sempre? — Aretha explode em um ataque de raiva sem que a gente esperasse. — Está trocando sua mãe por homem, Josephine?

— Meu Deus, mãe! Phelipo é meu marido, vocês dois têm importância diferente em minha vida. O problema dele é meu problema também, a senhora pode nos dar licença?

Aretha assente consentindo, mesmo mostrando uma cara que não condiz com a decisão de nos deixar. Ela passa por mim lançando um olhar rude e sai do quarto. Eu temo que precisarei lembrar a ela que eu não sou a porra de um genro qualquer, sou o príncipe e vou impor respeito.

— Phelipo. — Josephine tenta se sentar e mantém uma expressão carregada de tensão. — O que houve?

Exalo todo o ar dos pulmões e me sento na cama, deixando visível minha cara de derrota. Desejei não ter esses sentimentos que deixam um homem fraco, mas é em vão resistir. Sem olhar para

ela, lamento:

— Como já tínhamos deduzido, foi mesmo atentado. Era para eu ter caído.

— Ah, meu bom Cristo. — Ela clama com as mãos na boca. Encaro-a e confidencio baixinho, como se fosse segredo:

— E pode ter sido o Levi.

Expressar isso faz meu estômago revirar. Considero o cara como meu amigo, meu fiel companheiro. Ele não pode ter feito isso comigo. Posso sentir minha pulsação na garganta, o desgosto e a tristeza me abraçam em uma profusão intensa, quase em uma sensação de esgotamento. Sinto as mãos de Josephine nas minhas e miro os olhos dela.

— Ele não, Phelipo... tenho certeza. — Ela pensa um pouco, apertando minha mão nas suas. Vejo em seus olhos o momento que a confiança dela vacila e seus ombros abaixam. — Quer dizer... não posso ter certeza.

— É isso que está me matando, a desconfiança. Estamos passando por um momento difícil, eu não sei mais como proteger você e o Alexei, estou me sentindo a porra de um fracassado. Gostaria de renunciar ao trono e ir embora daqui com vocês.

— Não diga isso. — Urgentemente, ela me abraça por trás. — Não quero ouvir você falar isso.

— Agora até meu fiel companheiro pode ser um traidor, não sei mais o que pensar.

— Isso é bom para nos fazer abrir os olhos e não confiar em mais ninguém. Escute. — Ela segura meu rosto e me faz virar para olhá-la: — Não tome nenhuma decisão precipitada, dê a ele o direito de se defender. — Ela dá um beijo terno nos meus lábios e, quase implorando, diz: — Não quero te ver derrotado.

Beijo-a de volta e aperto em meus braços, suspirando e sentindo seu cheiro doce me acalentar. Sem pressa, acaricio seus cabelos de olhos fechados, sentindo a sensação de calma.

Josephine se afasta do meu abraço, exibindo um brilho nos olhos.

— Vamos raciocinar: o que na verdade o faz pensar que foi o Levi?

Me viro para ela e mentalmente escolho as possibilidades. Agora estou pensando com calma e racionalmente, consigo ver além da revolta.

— Foi o último a mexer nos cavalos, queria que eu ficasse com o branco e sabia qual eu tinha escolhido. Apenas ele sabia.

Ela pensa um pouco mordendo o lábio e franze a testa.

— Inicialmente. — Ela contesta. — Entretanto ele pode ter dado a ordem para alguém, dizendo para preparar o branco para você, essa informação pode ter se espalhado. Não podemos ter certeza.

— Ele sempre sabe de tudo, qual é meu próximo passo. Mas muita coisa não está clara. Eu não sei o que planejaram hoje, afinal, mesmo se fosse eu em cima do cavalo, não teria morrido na queda, se a intenção é me eliminar.

— Isso é verdade. — As sobrancelhas dela se juntam, mostrando que está tentando entender. — É muito arriscado atentar contra sua vida, aqui dentro do palácio.

— Sim.

— O resultado deveria ser certeiro e não apenas uma queda de um cavalo.

— Com certeza. Para dar certo, seria melhor um tiro em mim.

O pavor passa rápido pelos olhos dela, mas Josephine se recupera e não perde o foco.

— Phelipo, Levi está com você desde quando?

— Desde a morte de Dom, quando eu parti de Turan. Mas eu já o conhecia bem antes, desde quando eu servi ao exército.

— Se ele passou todo esse tempo sendo traidor, ele não seria estúpido a esse ponto, de armar algo tão banal como uma queda de cavalo, ainda mais sabendo que você é bom em montaria. Teve mil momentos perfeitos para acabar com você, soube esse tempo todo sobre Alexei e não fez nada além de ser seu cúmplice.

— Tem razão. — Fico de pé com a mão no queixo, pensativo, deixando aparente minha apreensão. Me volto para Josephine, ela parece acompanhar meus pensamentos, como se nós dois compartilhássemos da mesma ideia.

— Essa queda não foi para me matar, foi apenas um recado de meus inimigos para me mostrar que podem me aniquilar quando quiserem, que estão mais perto do que eu imagino.

— Sim. É isso. E, talvez, para tirar o foco do verdadeiro culpado. — Apesar do momento sombrio, ela se anima perante minha conclusão. — Eu pensei em algo e acho que você poderá fazer. Chame Levi, precisamos conversar com ele.

Josephine me conta o que pensa; eu considero uma boa saída e, após aperfeiçoar a ideia dela, chamo Levi por mensagem de celular. Ele aparece prontamente minutos depois.

— Alteza. — Me cumprimenta, eu posso ver o pânico espelhado em seus olhos. Ele não poderia ser tão dissimulado a ponto de encenar emoções.

Josephine está na cama recostada nos travesseiros e eu sentado em uma poltrona, o olhando com dureza, sem um pingo de piedade.

— Levi, você não estará mais ao meu lado.

— O quê? Alteza, peço clemência, eu não fiz...

— Não fale. — Levanto a mão, ordenando silêncio — Não terminei ainda. Você tem se mostrado fiel e bom amigo, mas no momento isso não é suficiente. Eu não posso estar com alguém que gera desconfiança em mim, preciso proteger minha família.

Levi é enorme, um armário. Negro, careca e com barba cerrada, sempre com pose de truculento. Ele é um exímio combatente, tem postura séria e expressão quase sempre fechada, provocando temor. Todavia, sempre foi um coração de gelatina. Levi mostra que faz tudo além do dever, ele está comigo porque de verdade gosta de mim, senão não teria suportado metade da minha estupidez todos esses anos.

Ele se vira para Josephine.

— Alteza... por favor, interceda por mim. Eu posso encontrar o verdadeiro culpado, eu jamais faria algo contra a vida de algum de vocês.

— Sabemos, Levi. E é isso que vai fazer.

Confuso, mas exultante, ele me olha, buscando entender.

— Preciso te demitir, uma vez que realmente não posso estar com alguém que eu desconfie. E segundo que, se há um traidor aqui, ele precisa saber que você está levando a culpa e achar que eu

relaxei. Te darei a oportunidade de limpar sua imagem.

— Eu agradeço muito por me dar uma chance.

— Quero que prove sua inocência e de quebra descubra o que aconteceu aqui. Vai começar assim que eu tiver a informação do laboratório e descobrir que tipo de veneno foi usado no cavalo; em seguida, quero que você rastreie todas as compras desse veneno no último ano e siga cada uma delas.

— Sim senhor. Farei isso.

— Não converse com mais ninguém aqui no palácio. E não conte a verdade nem mesmo a seus pais, ninguém pode saber de meus planos. Me deixe a par de tudo que descobrir. E vai precisar encenar, todos precisam acreditar que você está sendo expulso.

— Faremos isso. — Ele se anima e até sorri, vibrando com a notícia. — Entretanto, o senhor e a princesa não podem ficar desprotegidos, sem alguém que esteja a seu lado na posição que é minha.

Olho para Josephine. Eu e ela já tínhamos debatido sobre isso e chegamos à conclusão de que ninguém desse palácio poderá substituir Levi, uma vez que não sabemos quem é o traidor. O mais responsável a se fazer é trazer alguém aleatório de fora.

— Allegra e o namorado Mathew virão para cá. Faremos a proposta para eles. Allegra é o mais próximo de confiança que Josephine tem, nem na Aretha ela confia cem por cento.

— Minha mãe às vezes age por impulso e pode ser facilmente manipulada. — Ela explica, mostrando que não tem nada a ver com "filha desnaturada", é apenas precaução. Levi assente.

— Eu entendo, Alteza. A senhora Aretha é impulsiva. — Ele olha para mim. — Quer que eu verifique todos os antecedentes desse dois?

— Faça isso como último trabalho aqui no palácio. Amanhã você estará presente quando eles se reunirem comigo, apenas para passar algumas informações e mostrar como Mathew deve agir. Josephine precisa ir ao médico agora e pedirei ao Dino para nos acompanhar.

— Sim senhor. Começarei agora verificando toda a vida de Mathew e Allegra.

***

Logo pela manhã, a chegada de Allegra e Mathew é anunciada e eu os vejo e os recebo na antessala dos aposentos reais. Levi tinha trazido a pasta com tudo sobre os dois. Eu li e me senti satisfeito com o que estava lá. Por enquanto, era o que tinha para confiar.

— Josey! Meu Deus, fiquei sabendo agora. — Allegra se apressa em correr até a poltrona onde Josephine está sentada.

— Oi, Alê, estou bem. Não me feri, é o que basta.

— De novo? — Ela olha para mim. — E agora aqui dentro do palácio?

— Sim, e por isso que estão aqui, vocês dois.

— Por isso? — Mattew diz incrédulo e troca um olhar com a namorada. — Eu achei que era sobre a foto que tinha saído sobre Josephine e eu semana passada.

— Não, isso eu já resolvi. O caso é o seguinte: sentem-se, irei explicar do início. — Esperc

eles se acomodarem, apenas Levi fica de pé, com seu costumeiro olhar cáustico. — Basicamente Levi precisará se afastar e necessitamos de pessoas confiáveis, para morar uma temporada aqui e servir à casa real. E sugiro que aceitem a oferta do futuro rei de vocês, esse é um momento de guerra pré-anunciada e quem não está comigo, está contra mim. Entendido?

— Sim, alteza. — Mattew é o primeiro a concordar, ele é da base trabalhadora e sabe dos perigos de se voltar contra a realeza. Veio de baixo e é criado para trabalhar para se sustentar, eu sabia que ele não iria falhar. Eu não posso ficar sempre ao lado de Josephine e ela precisará de uma acompanhante também, e então olho para Allegra, esperando que concorde comigo.

Antes troca um olhar com Josephine, em seguida com Mathew e só então concorda:

— Sim, alteza.

49

VISITA SURPRESA



JOSEPHINE

— Obrigada por ter aceitado, amiga. — Aperto as mãos de Allegra e a abraço após ela assinar os contratos para servir por um mês aos interesses da realeza.

— Não ia te deixar na mão em um momento que está sem poder confiar em ninguém. Não é só por você e pelo meu futuro, mas dos meus pais e de todos nesse país.

Allegra diz isso porque nós sabemos que se algo acontecer a Phelipo e a monarquia cair, o que virá depois será desconhecido. Ninguém aqui em Turan sabe o que esperar caso uma tragédia aconteça. É, portanto, nosso futuro em jogo.

Olho para Phelipo conversando com Matthew, com certeza explicando alguma coisa para ele. A saída de Levi, mesmo sendo falsa, me arrancou lágrimas. Já estava acostumada com ele, sem falar na sensação de desamparo que me toma.

Ele soube exatamente fazer o teatro, implorando na frente de todos para Phelipo ter piedade dele. Vi a tensão e o temor no rosto de cada guarda e empregado presentes. Phelipo fez questão de reunir todos para que a expulsão servisse de lição.

O pai de Levi chorou calado, mas não se opôs e Phelipo gritou a sentença:

"Não pisará mais no palácio e será afastado de Del Rey para o bem da família real. E quem tiver contato com ele antes da coroação, será considerado traidor e renegado em seguida."

Agora, viro-me na cadeira para Allegra e digo:

— Seus pais aceitaram numa boa?

— Sim. Na verdade, festejaram. Fui convidada para ser dama de companhia da princesa; para eles, isso levanta minha moral. Eles só não sabem que o carinha filho do motorista que veio junto é meu namorado secreto.

Eu rio e abano a cabeça, balançando meus cabelos.

— Bom, você ficará no meu antigo quarto e Mathew no quarto de Levi.

— Espero que seja perto um do outro. — Ela se curva em minha direção e cochicha. — Você não sabe o quanto Phelipo facilitou minhas fodas clandestinas com Matt. Devo essa ao príncipe.

— Eu não devia estar tão chocada por ouvir isso — cochicho de volta. Ela apenas sorri toda

feliz, possivelmente pensando nas noites sem limites que terá com o namorado que até então era considerado apenas como aprendiz de motorista do pai dela.

Eu estou feliz e um pouco mais tranquila. Confio na Allegra e ela me faz bem. Será uma companhia ótima para mim, ainda mais nos últimos dias, quando coisas horríveis estão acontecendo.

Essa estadia deles aqui tem limite. Será apenas até a coroação, quando o trono estiver em segurança e então Levi voltar. Contando a partir de agora, temos apenas vinte dias para passarmos juntas.

Tentando não ser pessimista, eu desconsidero o fato de que vinte dias é muito tempo e pode acontecer muita coisa. Eu gostaria de fazer o tempo passar bem depressa, mas sou apenas uma espectadora do destino, tenho que esperar e assistir o que vai acontecer.

Allegra e Mathew foram levados para conhecerem seus aposentos e Phelipo veio até mim, exibindo um semblante mais relaxado. Foram duas pequenas vitórias para nós dois: Levi possivelmente não ser o culpado e não ter acontecido nada com minha gestação.

— Tudo bem? — pergunto, de pé diante dele.

— Sim, tudo bem. Estou bem quando vocês estão bem. — Phelipo segura minha mão, coloca na curva do seu braço e saímos do escritório. Ele está mancando um pouco mais que o normal devido aos esforços de ontem. Olho para sua perna antes de dizer:

— Precisa de uma massagem.

— É, preciso.

— Me ensine a fazer, porque nem ferrando massagista loira gatona vai vir colocar as mãos na sua perna.

Ele me olha surpreso e instantaneamente seus lábios formam um sorriso debochado.

— O que foi isso? Ciúmes?

— Chame do que quiser. Você fica lá de cueca na cama e uma safada aproveitando para tocar em você. Não no meu turno, querido.

— Eu sabia que Satã era perigosíssima.

Incrédula e ondulando a testa, eu paro de andar para encará-lo.

— Eu, perigosa?

Sou presenteada com o sorriso mais lindo. Na verdade, todos os sorrisos de Phelipo são belos e provocantes. E eu já mapeei todos, guardando-os em um lugar especial na minha memória, penso que se acontecesse comigo o mesmo fim da Allie de “O diário de uma paixão”, o sorriso de Phelipo seria a única coisa que eu jamais esqueceria. Desde os de deboche aos humorados. Agora é relaxado, sincero e apaixonado, eu diria.

Ele curva-se e dá um selinho em minha boca entreaberta. Em seguida, puxa de leve meu lábio inferior com os dentes.

— Você é perigosíssima para meu coração, Satã.

Agora eu sou a surpreendida. Ele pisca para mim e volta a andar, me puxando. Simples assim: faz uma declaração, me deixando palpitando de emoção, e age com naturalidade.

Ele me olha e vê que ainda estou encarando-o. Sabe que estou levemente chocada e complementa:

— Se você soubesse o bem que me fez, conseguiria medir o meu grau de paixão nesse momento.

Paro de andar e me arremesso contra o corpo dele, abraçando-o apertado, como uma fã abraça um ídolo. Phelipo circunda os braços ao redor de meu corpo e beija o alto de minha cabeça.

— Obrigada por também me fazer sentir bem.

— Ah, Satã. Você veio no momento perfeito para minha vida.

É engraçado como o tempo e a proximidade podem ser o remédio para muitas coisas, inclusive a raiva. Eu odiava Phelipo e o desprezava, porque eu o julgava com base na sua superfície, sua casca grotescamente babaca. Mas depois de o conhecer interiormente, os seus defeitos passaram a ser pequenos diante das nossas emoções. Ele me conquistou e isso é eterno.

Nada do que eu sentia com Bart pode ser comparado. Eu estava completamente enganada, Phelipo é meu único e verdadeiro amor.

Levanto os olhos para fitá-lo e acho que ele percebeu que eu cheguei a essa conclusão. O azul anil de seus olhos se torna brando como um mar quieto sob o céu de verão. Eu mergulho profundamente, não dizendo com palavras, mas deixando claro que jamais o deixarei partir. O polegar dele acaricia minha bochecha e, quando nossos lábios se encontram, um tornado varre tudo dentro de mim. Tão gostoso e poderoso, me fazendo ter certeza que, é sim, puro amor.

Chegamos ao quarto, Phelipo se despe todo e deita só de cueca na cama, um monumento esculpido meticulosamente pelos deuses. Certeza.

Ele pediu que trouxesse óleos de massagem, analgésico spray e compressas. De pé ao seu lado, analiso sua perna ouvindo-o falar como deve fazer a massagem com o óleo e em seguida com o spray.

Eu nunca fiz isso, mas quando começo, vejo que não é difícil e pela expressão de agrado dele, fico animada por estar fazendo certo.

Como ele me ensinou, vou da coxa ao joelho fazendo movimentos circulares e pressionados, Phelipo morde o lábio e fecha os olhos, deitando a cabeça para trás.

— Está bom assim?

— Só não está melhor porque você não está de lingerie.

— Costuma receber massagens de mulheres com lingerie? É isso que quer dizer?

— Não distorça as coisas. O caso aqui é você e eu. Jogo óleo na perna e começo a massagem ocasionando um volume crescente na cueca de Phelipo, como se nunca tivesse sido massageado.

Eu não respondo o que ele diz porque somos interrompidos com batidas na porta.

— Alteza, sou eu, Mathew.

— Entre. — Phelipo grita, pouco se importando com sua ereção gigantesca. Alcanço uma almofada e coloco em cima, fazendo-o rir.

Mathew entra um pouco ressabiado, olha para mim demonstrando temor e, bastante tímido, fala com Phelipo:

— Ah... o senhor tem visitas.

— Visitas? Quem? Não estou esperando ninguém.

— Ela disse que é sua... — Ele engole as palavras e torna a olhar para mim, que já mantenho uma expressão intrigada. — Sua... amiga... íntima.

— Como é que é? — Me viro para Phelipo, buscando explicações.

— Eu não estou sabendo de nada. — Ele contesta, senta-se na cama segurando a almofada contra a cueca e fala com Mathew: — Mande ir embora, seja lá quem for.

— Ela se apresentou como Jasmim e disse que se não a receber, fará escândalo.

— Mas... que porra é essa? — berro com as mãos fechadas em punho. — Phelipo!

— Calma. Vou resolver isso. — Ele se levanta e caminha para o closet. Olho para Matt e ele ergue as mãos mostrando que não é culpado de nada. Não vou direcionar minha fúria a ele.

— Obrigada, Matt. Pode ir.

— Leve-a para o escritório daqui dez minutos. — Phelipo grita do closet e minha vontade é ir até ele e dar uma sucessão de tapas doloridos. Não acredito que vai receber essa mulher aqui dentro. Ontem tivemos uma conversa sobre confiança, Levi teve que sair por causa disso e agora me vem uma amante tentar acabar com minha paz.

Vou até o espelho, ajeito meus cabelos, passo um pouco de blush e um batom de cor leve. Quando Phelipo sai vestido do closet, me olha desconfiado.

— Não está achando que vai ter uma conversa em particular com ela, não é?

— Não achei mesmo. — Ele sorri, pega a bengala e sai do quarto comigo segurando em sua mão.

Phelipo senta na cadeira executiva e eu fico de pé ao seu lado, com a mão pousada em seu ombro. A porta se abre e Jasmim entra sorridente, escoltada por Matt e mais dois guardas. Assim que ela me vê, seu semblante se torna sério e faíscas saem dos olhos negros.

— Jasmim. — Phelipo diz. — A que devo a visita?

— Como assim, a que deve a visita? Eu sou sua namorada, não pode simplesmente se casar com outra, fazer promessas e me deixar plantada esperando.

— Era o que me faltava — resmungo revirando os olhos.

— É isso mesmo, querida. Quando ele se casou por obrigação, ele me ligou e disse que nada mudaria, que continuava gostando de mim e você não representava nada e que em uma semana estaria esmagada como qualquer inimigo dele. Foi isso.

Eu não vou cair nesse joguinho. O próprio Phelipo já me contou isso, que queria me destruir achando que eu fosse uma oportunista; ele foi sincero e agora apenas sorrio tranquila e certa do que sentimos um pelo outro.

— Jasmim! — Ele grita. — Eu não vou permitir que fale assim com ela.

— O quê? Você foi coagido a se casar, esqueceu de tudo que tínhamos? Temos uma história juntos.

Eu pigarreio antes de falar:

— Bom, se você está aqui implorando atenção de um homem casado, não parece ser eu a

esmagada. — Olho para Phelipo e ordeno: — Querido, dê um jeito nessa situação. Irei escolher o cardápio do nosso jantar. — Me curvo, beijo os lábios dele só mesmo para exibir e saio passando por ela, desfilando em meus saltos. Sim, fiz questão de calçar saltos para vir aqui.

Na verdade, eu enlouqueço sozinha no quarto, andando de um lado para outro. Soprando pelo nariz, mais que um búfalo nervoso. Ouço pela porta aberta no quarto ao lado as risadas de Alexei e me sento na cama, me acalmando para não armar escândalo quando Phelipo voltar.

E nem tem por que eu armar escândalo. Ele não é culpado e eu preciso me mostrar forte e certa de meus sentimentos.

Quando a porta se abre e ele entra desconfiado, eu fico de pé prontamente.

— Ela vai ficar. — Sem graça, ele caminha até mim devagar, alarmado, como se se aproximasse de uma cobra.

— Como é? Ficar? Aqui?

— É. Fez chantagem. — Ele joga a bengala na mesinha e começa a desabotoar a camisa. — Disse que já que vai abrir mão de mim...

— Abrir mão de você? Que vadia! Você não é nada dela.

— Escuta. Fica calma, você está exaltada. — Toca gentilmente no meu ombro.

— Não, nem um pouco. Impressão sua.

Ele ri e suavemente massageia meus ombros.

— Para de tentar se sarcástica. Você sempre falha. Confie em mim, não tenho mais nada com ela. Só vou me manter passivo para evitar alvoroço.

— O que ela quer? — Empurro o peito dele impedindo que me abrace.

— Jasmim é uma mulher difícil e disse que quer o melhor quarto e o melhor jantar essa noite e amanhã um jatinho particular para voltar para casa e, na despedida, que eu a surpreenda com uma joia bem cara. Quer se sentir princesa.

— E você permitiu?

— O que queria que eu fizesse? Ela sabe coisas sobre mim, foi minha amante por quase três anos, não quero que isso saia por aí em um momento que a monarquia está tão abalada.

Caminho para longe dele, segurando na minha garganta com o desejo de estrangular a infeliz me possuindo.

— Eu não estou acreditando que sua amante...

— Ex-amante.

— Que seja! Irá passar a noite aqui, em nossa casa. Comer na mesa com a gente e ainda ganhar uma joia amanhã.

— Jo...

— Não vai pegar nenhuma joia daquele cofre, ouviu?

— E onde acha que vou arrumar uma joia?

— Não sei. É problema seu. Você disse que aquelas joias serão para o uso da única mulher da família real, no caso, eu. Nenhuma vaca irá usá-las. Que fique claro.

Ele ri e consegue me segurar em seus braços, dando múltiplos beijos em minha cabeça.

— Você fica muito fofa com raiva. É tão pequena e adorável, raiva não combina com você.

— Não sou eu que sou a Satã? Pois é. Hoje você pode conhecer a verdadeira Satã. Essa mulhe
veio me afrontar na minha casa, estou muito puta.

50

A VOZ DE DOMINIC



JOSEPHINE

Chega a hora do jantar e eu só quero voar em cima da mesa e atacar a desgraçada. Phelipo achou melhor não trazer Alexei para o jantar, para não ser revelado a existência dele. Então somos só nós três na mesa farta; ela escolheu o cardápio.

— Eu me pergunto o que você usou para deixar Phelipo preso aqui e ainda por cima nitidamente apaixonado. Você não tem porte das mulheres que ele gosta de transar. Me conte o segredo.

— Jasmim, por favor. Você prometeu que se comportaria. Não faça eu mandar sua chantagem à merda e foder com sua vida. Sabe que eu posso.

Eu esperei uma atitude de arrependimento por parte dela, mas me surpreendi ao encontrar seu olhar desafiador encarando Phelipo. Ela não tem medo, e não veio aqui para ser submissa. Com que propósito essa mulher veio hoje aqui?

O que ela diz a seguir comprova o que eu acabo de pensar.

— Ok, *honey*. — Ela toma um pouco de champanhe e olha para mim com ironia. — Sabe, Josephine, eu não estou mesmo indignada ou revoltada. Sei como ele é. Meu caro ex-amante sempre seguiu em frente. Foi assim com todas, inclusive com Mariah. — Como se tivesse dado uma cartada de mestre, ela olha para Phelipo quase boquiaberto. — E quando o irmão dele se suicidou de desgosto, foi a mim que ele recorreu. Mas ele deve ter te contado isso, já que são tão íntimos. Bom, o jantar estava não ótimo, menos do que eu esperava, mas estava bom. Vou para meus aposentos.

Ela se levanta elegantemente, seus sapatos ecoando no assoalho como o único barulho na sala silenciosa; passa por Phelipo, toca em seu ombro e sai da sala de jantar deixando nós dois de cabeça baixa.

Sem dizer nada, ele se levanta e caminha para a varanda.

Merda!

Encho uma taça de vinho e vou atrás dele.

Phelipo não olha para mim quando me aproximo.

— Tome. — Entrego a taça, ele recebe e só então fita meus olhos, notavelmente tenso, querendo saber o que estou pensando.

— Está tudo bem. — Acaricio seu braço.

— O pior é que é verdade. — Toma um gole de vinho e olha para cima.

— Ela não tinha o direito de trazer isso à tona.

— É a verdade, Josephine. Meu irmão se matou por minha causa.

— Não é o momento de reviver isso.

— Não. — O rosto se fecha em desgosto. — Deveria ser a cada minuto de cada dia, eu deveria reviver para saber que sou a porra de um filho da puta.

— Phelipo! — Seguro nos braços dele e dou uma leve sacudida. — Não vou admitir esse tipo de coisa.

Ele me deixa de lado e volta a olhar para o céu.

— Ela soube exatamente como te ferir, te derrubar. Precisa ao menos tentar se mostrar forte.

— Não! — Ele grita. — Toda vez que toca nesse assunto eu me sinto um merda.

— Ok. Dom se foi... e... não sei, mas pode ter sido acidental... — digo qualquer coisa na tentativa de tranquilizá-lo. Odeio vê-lo tão destruído, a sua dor rebate em mim.

— Que eu provoquei. Dom era... Meu Deus! Era excelente motorista e jogou seu carro contra o despenhadeiro.

Então foi mesmo acidente de carro. Ou suicídio? Isso está muito estranho.

— Mesmo assim, nada pode provar.

— Ele deixou uma gravação de voz se despedindo do nosso pai. Nunca consegui ouvir.

Ah, Meu bom Cristo. Agora sim prova que foi suicídio. Afinal, não poderia ser outra coisa. Quem poderia querer o mal do príncipe a ponto de matá-lo?

— Ouça comigo. — Seguro na mão dele; surpreendido, ele me encara. — Eu estarei ao seu lado, podemos encarar juntos. Talvez não seja tão horrível como está pensando. E se ele não te culpou? E se estiver lá a resposta para essa dor que te atormenta dia e noite?

— Meu pai me culpou.

— Tem que ouvir do seu irmão, não de outras pessoas. Precisa tirar essa mágoa de dentro de você. Como poderá ajudar o país se não consegue se ajudar? Não pode viver para sempre com essa dor. Por favor, Phelipo.

Se convencendo sozinho, em pensamento, ele me estuda pensativo. Escorrega o olhar para nossas mãos e, em seguida, assente. Phelipo sabe que hoje foi a gota d'água e que não pode ter essa fraqueza, para qualquer um usar isso contra ele.

Caminhamos de mãos dadas, sendo escoltados até o cofre da coroa. Então aqui estão armazenadas as últimas palavras de Dom. Ele ignorou totalmente isso, no dia que viemos aqui.

Repetindo todos os procedimentos de reconhecimento de digital, Phelipo olha para mim e comenta: — Quero que registre as suas digitais aqui. Nem sempre estarei disponível.

— O quê?

— Esse lugar, além de tudo, é um abrigo. Precisa ter uma rota de fuga, caso algo aconteça comigo.

— Não fala besteira. Não quero registrar digital porcaria nenhuma.

Ele não contesta. Chegamos ao cofre e a porta fecha atrás da gente. Phelipo vai até o outro

lado, digita em um painel na parede e uma porta desliza, mostrando algo como um armário. Ele abre e pega um pen drive.

— Aqui.

— Está aí?

— Sim. — Conecta o pen drive no painel na parede, aperta um botão e se afasta. Imediatamente eu reajo, segurando forte a mão dele. Phelipo me olha pálido e eu aperto suas mãos com mais força.

Lendo mensagem de voz arquivada. — Uma voz mecânica fala e, em seguida, após segundos em silêncio, uma voz masculina e sofrida começa.

"Oi pai. Então, aqui estou eu e nem sei como te dizer isso. Me perdoe, mas não dá mais. Eu não posso continuar depois de tudo que aconteceu. Eu te amo tanto que me dói ter que deixá-lo, mas espero que um dia entenda. Quero que enterre meu corpo ao lado de Mariah e Alexei, se ele não resistir. Me deixe descansar com minha família. E se meu filho se salvar, ame-o como se fosse sua própria vida."

— Ah, cacete! — Phelipo murmura e se vira com as mãos no rosto, mas eu o seguro. Uma lágrima deixa seu olho. A respiração arfante de Dom enche todo o ambiente. É muito doloroso e triste ouvir o barulho do carro em movimento. Após uma pausa, ele continua na gravação:

"Não culpe o Phelipo. Se ele quiser partir, deixe-o. Na verdade ele precisa partir para não se machucar mais. Estou nesse instante me lembrando da mamãe e tudo que perdemos por não conseguir perdoá-la sem saber a versão dela; por isso não quero mágoas em relação a ele. Eu quero que o senhor fique bem, pois eu partirei tranquilo. Ah! Lembre-se do que o vovô dizia: na festa da cabeça, monte seu exército e não confie em ninguém. Adeus, pai."

Gravação encerrada. Deseja ouvir novamente, armazenar ou deletar? — A voz mecânica diz. Phelipo retira o pen drive do painel e o guarda novamente no armário embutido.

— Ok. — Vou até ele. — Você o ouviu, Dom não te odiou.

— Ele era bom demais para se rebaixar. — Phelipo limpa mais lágrimas e sobe seu rosto para o meu, completamente ferido interiormente. — Dói muito... Queria tanto não ter feito ele sofrer.

Apresso-me em abraçá-lo, tentando a todo custo amenizar seu sofrimento. Phelipo descansa o rosto no meu ombro e chora baixinho.

Lágrimas escorrem dos meus olhos também. É horrível ver alguém que a gente ama sofrendo assim e nada poder fazer para amenizar. Dou a ele tudo que tenho, que no momento é o meu apoio e meu amor.

***

Em nosso quarto, ele se joga demasiadamente entristecido na poltrona e começa a tirar os sapatos.

— Quer ouvir sobre ele? — Há ausência de qualquer emoção em seu rosto. É horrível vê-lo sem seus sorrisos atrevidos e, no lugar, apenas mágoa. Me sento ao seu lado e balanço a cabeça que, sim, quero ouvir. Falar sobre o irmão fará bem a ele.

Phelipo entrelaça os dedos nos meus e prende seus olhos ali.

— Dom nasceu para ser príncipe. Ele amava estar com o povo, queria aprender sobre tudo e usar sua inteligência para o bem das pessoas. Sempre foi intuitivo e muito generoso. Eu o admirava visceralmente. Nunca consegui um terço da devoção que todos tinham pelo meu irmão, mas não

ligava, eu mesmo o devotava e ficava feliz só em estar do seu lado.

Em uma pausa, ele observa minha expressão, mas me mantenho calada e atenciosa, dando a ele o caminho para continuar.

— Se eu tivesse morrido...

— Phelipo...!

— Se eu tivesse morrido naquela noite, o país não o tinha perdido. Meu pai não tinha arruinado e... Alexei teria um pai.

— Alexei tem um pai. Meu Deus! Talvez você não seja metade do que Dom foi, mas você tem um amor poderoso por esse menino, que é sincero e não apenas por questão de culpa.

— Não é mesmo. Eu já o amava bem antes. Eu vivia de longe vendo-o com Mariah e meu irmão, sabendo que era meu filho e não poderia fazer nada. Mas hoje, Dom seria tudo de melhor para a vida dele.

— Sabe, seu pai errou bastante, me desculpe afrontar a memória do rei.

— Por que diz isso? — Ele enxuga uma lágrima com o punho e me olha com uma sobrancelha erguida.

— Pela gravação, podemos ver claramente que Dom não te culpou. Seu pai o fez, ele te machucou todos esses anos e ele sabia da gravação, devia ter respeitado as últimas palavras do príncipe.

— Meu pai sempre amou Dom mais do que me amou. Compreendo ele ter se sentido assim.

Assinto e volto a olhar para nossas mãos. Tenho algo para perguntar e aproveitarei esse momento.

— E se... ele foi assassinado?

— Quem? Dom? Claro que não. Não tinha como. Tem a gravação, tem toda a perícia mostrando que o carro saiu da pista sem ter ao menos freado. Os freios estavam intactos. Além do mais, quem poderia querer isso? Se alguém tivesse de ter um inimigo, seria eu, não Dom. — Ele se levanta, vai ao telefone e pede para trazer um uísque. Tira a roupa e me olha com um tom diferente da tristeza que sentia.

— Não vamos mexer mais nisso.

— Na festa da cabeça, monte seu exército... — repito a frase, pensando em cada palavra que ouvi de Dominic.

— Segundo Dom, nosso avô falava isso. — Phelipo caminha para o banheiro e eu vou atrás.

— Tem a ver com a festa anual da cabeça?

— Sim. É uma tradição que é ofensiva à monarquia. — Ele tira a cueca e entra no box.

Balanço a cabeça anuindo e continuo pensando. A festa da cabeça a que ele se referiu é uma festa tradicional do país que marca a queda de um monarca da Idade Média, um dos primeiros reis de Turan. Ele era um desordeiro e foi descoberto que chegou ao trono após uma traição. Os civis, revoltados, clamaram por justiça e um reino vizinho achou o momento propício para uma guerra. O palácio foi invadido. O rei morreu na barbárie e sua cabeça foi colocada em uma bandeja de prata na praça da cidade, que é essa em que moramos hoje.

O outro rei que venceu a guerra tomou o trono e, desde então, Turan comemora a festa da

cabeça, mas atualmente ela representa a queda da monarquia.

Me pergunto por que Dominic alertou o pai sobre isso? Essa tal festa será em breve. Massageio meu peito, sentindo meu estômago completamente revirado. Meu corpo treme com todas essas pistas que parecem explodir em nossa cara, mostrando que algo muito ruim pode acontecer a qualquer momento.

"Monte seu exército e não confie em ninguém". Essa frase dita por Dom bomba fortemente na minha cabeça e eu preciso correr e vomitar no vaso. Phelipo sai do banho, me olhando em alerta.

— Está tudo bem, só estou um pouco enjoada... A gravidez. — Que Deus tenha piedade da gente.

***

Na madrugada, acordamos com batidas fortes na porta. Phelipo pula da cama assustado e faz sinal para eu me calar. Corre até a porta de Alexei, verifica se está tudo bem e fica parado, em expectativa, no canto. As batidas voltam e ouvimos a voz de Matt logo em seguida:

— Alteza, sou eu, Mathew.

Phelipo faz sinal para eu esperar e vai até a porta. Mathew entra assustado.

— O que houve?

— A hóspede... ela... tentou algo.

— Como é que é?

— Os guardas da sala de controle viram pelas câmeras de segurança quando ela entrou em seu escritório e plantou isso lá. — Fecho o robe e corro até eles. Mathew entrega um aparelhinho para Phelipo.

— Uma escuta? — Horrorizado, Phelipo murmura após examinar.

— Sim. Essa visitante é uma espiã e veio a mando de alguém.

Ah! merda! Não pode ser. Outra tentativa de atacar a realeza. É como os cavalheiros do Apocalipse descritos na Bíblia. Vinha um de cada vez trazendo horrores antes do extermínio final.

51

A FACE DE MARIAH



PHELIPO

Anos antes

A briga entre meu pai e eu tinha sido uma das piores naquela noite. Meu negócio de carros estava crescendo, a marca ganhando nome e destaque e eu não podia ficar preso em Turan apenas como um rostinho feliz na foto da família real. Meu pai queria a família mais bela e invejável e não aceitava minha desobediência — como ele cismava em nomear minha vontade de ser independente.

Dom era o filho perfeito para ele focar na sua missão de monarquia perfeita, era nele que meu pai devia creditar o futuro de Turan e era dele esse direito, afinal eu vinha por último na linhagem.

Naquela noite discutimos, e eu decidi sair de casa. Decidi de uma vez por todas deixar o palácio. Eu não tinha um apartamento ou casa na cidade, meu pai não permitia esse tipo de afronta. Dom estava construindo seu próprio palacete nos arredores de Del Rey e logo estaria distante do nosso pai, o que remetia a mim a obrigação de permanecer no palácio real.

— Vou te responsabilizar por qualquer boato maldoso que a mídia divulgar sobre essa sua decisão infantil. — Continuei jogando algumas coisas na minha bolsa, ignorando meu pai na porta do quarto.

Terminei e o encarei.

— Não sou seu fantoche, majestade. — Passei empurrando-o com o ombro e quase corri para deixar logo aquele lugar que estava me afogando.

No caminho encontrei Dom e ele tentou me segurar.

— Phelipo.

— Me deixe, cacete. — Me soltei e fui para a garagem, pegando um dos meus carros e rumando a toda velocidade para fora. Mariah estava, como sempre, no jardim aproveitando o fim de tarde com Alexei. O carro fez a poeira levantar quando fiz uma curva fechada, voltando e parando ao lado dela no jardim.

— Entra, Mariah — ordenei.

— O quê? Por quê?

— Eu disse para entrar, caralho. Apenas entre nesse carro. Vamos dar uma volta.

— Phelipo... o que houve? Brigou de novo com seu pai?

— Vai entender tudo depois. Entre.

Ela observou em volta, nem precisava olhar para sua cara para ver a apreensão. Segurando Alexei, ela negou, balançando os cabelos quase loiros.

— Dom está em casa. Não posso.

— Se não entrar eu vou até ele nesse momento e conto que Alexei é meu filho. O que acha?

E ela entrou.

Não discutimos, eu não queria discutir com ela, não era meu foco. Entretanto, para eu tomar um rumo em minha vida a partir daquele dia, tinha que resolver meus problemas com ela.

Mariah estava séria e calada, nem mesmo foi na frente comigo. Do retrovisor, eu a mirava vez ou outra, seus olhos me encarando friamente.

Fui para um hotel e, quando sozinhos no quarto, beijei-a loucamente sentindo meu sangue fervente bombear todos os meus instintos.

Alexei estava na cama de luxo e nós dois grudados contra a parede, beijando ferozmente.

— Você vai ter que decidir hoje — sussurrei contra sua boca, ofegando mais de nervosismo do que de excitação pelo beijo.

— Phelipo... eu...

— Shh. — Coloquei um dedo nos lábios dela. — Não agora, estou louco para ter você. Faça sexo comigo, Mariah.

— Não posso. — Ela me empurrou e saiu dos meus braços. — Alexei está aqui. Vamos conversar.

— Sim, vamos. Venha comigo, querida. Vamos ser felizes. Estou prosperando no meu negócio, podemos criar o menino...

— Ficou louco, Phelipo? — Virou-se bruscamente. — Eu *não vou compactuar com uma idiotice dessa.*

— Idiotice é continuarmos sofrendo. Faça isso por mim, Mariah, pelo nosso amor.

— Amor? — Deu uma risada irônica. — Amor não é garantia de nada. Não vou deixar seu irmão, não vou deixar minha segurança e a de meu filho de lado. Se quiser continuar, é nas minhas condições.

Nossa discussão apenas se acalorou, entrando para a noite. Dom ligou preocupado, querendo saber onde ela estava. Mariah me obrigou a levá-la de volta. Na verdade, eu queria levá-la. Preferia sofrer pela nossa paixão do que continuar sendo apenas mais um encosto na vida de todos naquele palácio.

Eu gritava furioso naquele carro na noite chuvosa, pois estava abrindo mão de tudo: meu título de nobreza, minha sucessão no trono, minha paixão por Mariah e o mais precioso de tudo: meu filho. Eu iria esquecê-lo, deixar que Dom o criasse, e com certeza seria um homem de valor no futuro.

Só não esperava o caminho que o destino estava preparando para mim, mais à frente, quando o carro se chocou com um caminhão.

***

ATUALMENTE

A mão de Josephine se aperta contra a minha, enquanto andamos em passos rápidos seguindo dois guardas. Atrás da gente, Dino e Matthew nos acompanham. A mistura de ira com medo que explode dentro de mim é visível por cada gesto do meu corpo, meus poros exalam emoções cruas que fariam qualquer um se afastar para me deixar passar.

Toda essa merda está indo longe demais e eu não nasci para ser feito de trouxa. Preciso dar uma lição em meus inimigos para que sirva de exemplo a qualquer um que tenha a triste ideia de me desafiar.

Porém, preciso, antes, descobrir quem são meus inimigos. E a cada dia está mais difícil distinguir.

Chegamos a sala de segurança onde estão mantendo Jasmim detida. Antes de entrar, me pergunto por que ela foi tão estúpida. Se entrou para espionar, deve ter passado e repassado esse plano várias vezes, todavia se deixou pegar na primeira oportunidade. Não sabia que no escritório teria câmeras de segurança? Não passou pela sua mente?

O que de verdade tem por trás disso? Era o que todos os meus sentidos gritavam em busca de respostas.

Eu quase podia ver meu pai ali parado com uma expressão de: “eu avisei”. Sim, avisou. Para eu me empenhar mais, para eu me preocupar mais, me tornar um monarca não só de sangue, mas de coração.

Um dos guardas na porta leva a mão à maçaneta e abre para a gente passar. Jasmim, sentada em uma cadeira, levantou o rosto quando nos viu entrar e seu sorrisinho debochado só fez confirmar mais ainda que há algo muito maior que apenas uma vingança de ex-amante.

— Altezas. — Ela ironiza.

— Você é tão desprezível, garota. — Josephine dá um passo à frente, mas eu seguro seu braço. Ela me olha indignada e eu faço um gesto para ela se acalmar.

— O que foi, princesa? Perdendo a compostura? Ah! Esqueci. Phelipo se casou com uma pobre coitada que não tem pedigree.

— Uma pobre coitada e futuramente rainha. Viva com isso. — Josephine se afasta de braços cruzados. preferindo olhar para a parede do que para a cara da outra. As palavras de Josephine causam revolta nos olhos negros de Jasmim e ela me deixa perceber que não está tão superior como quer aparentar.

— Jasmim, vou perguntar apenas uma vez: quem te mandou aqui?

— Me poupe. Phelipo. Você não vai vir aqui com sua pose de falsa aristocracia e me ditar o que fazer. A resposta é: ninguém!

Meus nervos vibram de fúria e, quando abro minha boca, saem apenas gritos:

— Você está na minha casa, no meu país e eu sou o regente dessa porra toda aqui. — Ela

reclina o corpo para trás, assustada com minha explosão. — Vai responder sim, se não quiser ser jogada na prisão e apodrecer por lá esquecida. Ninguém em lugar nenhum do mundo vai salvar uma acusada de conspiração contra a vida de um monarca.

— Eu não conspirei...

— Você vai me dizer agora quem é o mandante fodido que te mandou aqui. — Empertigo diante dela e, um pouco mais frio, emendo: — Acabo com a vida de seus queridos pais. Deixarei garantido que eles não terão nem mesmo uma lona para colocar sobre as cabeças. Você decide.

Ela me conhece, sabe que não costumo brincar com promessas, ainda mais quando envolve uma tentativa de puxar meu tapete. Jasmim já presenciou eu aniquilar alguns desafetos que acharam uma boa ideia bater de frente comigo nos negócios.

Ela é uma mulher esguia, bonita e muito delicada e, acima de tudo, expressiva. Seus olhos rebatem minha ira, mostrando um brilho furioso também. O maxilar anguloso se contrai, indicando que mordeu os dentes. Ela balança os cabelos vermelhos vivos e quando levanta os olhos para mim novamente, sei que vai me contar.

— Mariah.

Nem vou dizer que minhas pernas vacilaram com o nome que deixou os lábios dela. Josephine até veio para perto e se postou ao meu lado, igualmente surpresa.

— Surpreso? Pois não deveria. Eu sou amiga de Mariah e desde que você a matou, eu busco uma forma de vingar a memória dela.

— O que está dizendo? Como assim, amiga de Mariah... Nos conhecemos na França...

— Quem te deu seu primeiro perfume de uso exclusivo criado por mim? — Mantém meu olhar cativo aos olhos dela. Estou assombrado. O primeiro perfume que usei feito por Jasmim foi Mariah que me deu.

— Como...

— Ela sabia que você não valia nada, sabia que você não iria aceitar o filho de vocês e ainda seria o primeiro a jogar a primeira pá de terra nela, caso fosse descoberta a traição.

— Mentira! — grito. Meu coração pulsa duramente, com batidas quase doloridas e até a respiração está comprometida, me fazendo ofegar diante dessa vergonhosa afronta. — Ela mentiu! Eu queria estar com Mariah, eu queria meu filho e aceitei passar por cima dos sentimentos e honra do meu irmão apenas para tê-la comigo, eu queria fugir de Turan com ela. Como pode ter dito essas coisas a você?

De soslaio, vejo Josephine me encarar horrorizada. Balanço a cabeça tentando tomar de volta minha racionalidade, e, mais calmo, falo: — Mariah nunca quis de fato ficar comigo, ela não ia abrir mão do título.

— Você, como todos os outros, está culpando a mulher por seus sentimentos. Ela é a vítima, ela não é a culpada. Foi feita de brinquedo por você e o escroto do seu irmão.

— Não fale dele! — Junto com o grito, impulsiono meu corpo para frente com o dedo em riste e Josephine abraça meu braço, me puxando.

— Eu estou aqui porque eu prometi à minha amiga que iria até as últimas consequências para fazer você pagar. — Ela se ergue gritando na minha cara, me enfrentando com muita petulância. — Por isso me aproximei de você na França e fiquei em sua vida, aguentando sua arrogância, apenas

para saber sua podridão mais profunda. E eu sei muita coisa. — Ri vitoriosa, me fazendo arder de raiva.

— Leve essa mulher daqui. — Viro as costas para ela, encaro Mathew e ordeno: — Chame a polícia e faça uma denúncia oficial por atentado à coroa. — Mal consigo puxar o ar, como se eu estivesse em uma caixa apertada e fechada. O ódio que transborda de mim faz o sinal de alerta soar em todos à minha volta.

Viro o pescoço e Josephine encara Jasmim com um olhar desconfiado.

— Vamos. — Toco no braço dela.

— Não posso dizer que foram ruins esses anos, querido. — Jasmim volta a se sentar, cruzando as pernas. Os pés de Josephine se prendem no chão, sem querer sair. — Você é bilionário, me propôs muito conforto, alavancou minha carreira, além de ser bom entre lençóis. Na verdade, é uma pena que seja tão bom na cama, mas sua monstruosidade faz com que não valha a pena.

— Você sabe muito bem com quem mexeu, Jasmim. — Aponto um dedo para ela. — Vamos, Josephine. — Dou dois passos e percebo que não estou sendo seguido. Josephine ainda está de braços cruzados encarando Jasmim.

— Então, Mariah é a mandante? — De olhos semicerrados, ela questiona. Observo as duas em alguns passos de distância de mim.

— Sim, querida. Lide com isso. Seu marido foi e ainda é louco por ela.

— Não seja tão idiota achando que vai me desestabilizar, eu que estou casada com ele e não Mariah ou você, ponto final.

— Então o que ainda quer aqui parada me olhando?

— Eu vou ser simples e direta. — Josephine avisa com uma voz calma, porém letal, antes de perguntar: — Mariah está viva?

— Como é? Além de pobre, é burra? — Jasmim dá uma gargalhada ácida. — Você sabe que ela está morta.

— Eu só quero entender como uma morta te mandou vir colocar escutas no palácio. Aprendeu a psicografar?

Jasmim tira os olhos de Josephine, vira para mim e faz um estalar de língua irônico.

— Ela foi a mandante intelectual, sua burra. Ela me fez prometer que arrumaria uma forma de se vingar de Phelipo.

— Ela te fez prometer? — Josephine deixa claro sua expressão de incredulidade. — Quando foi isso?

— Pouco antes do acidente.

— Phelipo — Josephine vira-se para mim —, você e Mariah estavam em pé de guerra pouco antes do acidente?

— Não. Ao contrário, estávamos melhor do que antes. Só brigamos no dia exato do acidente porque eu queria que ela fosse embora comigo e ela não queria deixar tudo para trás.

Ainda com expressão fechada, Josephine volta-se para Jasmim e levanta uma sobrancelha petulante.

— Eu ainda estou me perguntando, por que ela faria você prometer uma vingança contra o

homem por quem estava apaixonada?

— Ela não estava apaixonada.

— Mas estava tudo bem entre eles. Diga logo a verdade, o que veio fazer aqui?

— Ignorante! Plantar escutas, não se deu conta ainda?

— Para quê? A mando de quem? — Josephine continua fria, instigando.

— Me recuso a continuar. — Jasmim se levanta e abana o cabelo liso com a mão.

Irada, Josephine vira-se para mim e seu tom de voz é quase estridente.

— Essa vaca tentou te desestabilizar com esse papinho de Mariah. Elas podiam até ser amigas, mas ela só está mascarando o verdadeiro culpado. — Com pose de xeque-mate, olha para Jasmim e questiona: — O que a merda de uma escuta iria ajudar você a vingar a morte dela? Se sabe tanto da vida de Phelipo, por que não fez um escândalo na mídia? Por que logo o escritório dele?

— Porque lá ele discute assuntos oficiais! — berrou de volta na cara de Josephine.

— Enganada. Discutimos assuntos oficiais em uma sala apropriada. — Eu me coloco entre as duas, mas não faço questão de me intrometer, estou gostando da impulsividade de Josephine, colocando-a contra a parede. — Você sabia que no escritório tinha câmera de segurança, entrou lá quando chegou. Você sabia que seria pega. Por que quis ser pega?

Pressionada, Jasmim recua e faz uma expressão de choro. Em seguida endurece o rosto e o ergue na minha direção.

— Quero um advogado. Não falo mais nada.

— Precisa de dois. Está muito fodida, Jasmim. Até um dia, no tribunal. — Seguro na cintura de Josephine, caminhando para a porta. Lá fora, digo para Dino e Mathew: — Sabem o que fazer. Quero ela denunciada e presa hoje ainda.

— Sim senhor.

Eles dizem e dois guardas nos seguem para a escolta até o quarto. É inadmissível que até no meu próprio lar eu precise de escolta. Espero que isso mude logo.

52

QUESTIONAMENTOS E DECISÕES



PHELIPO

— Você se manteve firme e centrada enquanto era provocada — digo a Josephine; ela passa por mim no nosso quarto e, mais nervosa do que eu imaginava, anda até o espelho e volta olhando o chão.

— Ei. — Seguro em seu braço fazendo-a parar. — Está tudo bem.

— Não está. — O medo respinga rápido em seus olhos. — Eu vi a jogada dela ali. Estou muito preocupada, Phelipo. Tem algo muito errado nisso tudo.

— Calma, amanhã ela será interrogada e com certeza fará um acordo para falar tudo que sabe. — Acaricio os cabelos dela e sorrio de leve para tranquilizá-la. — Mulheres como Jasmim não aceitam cadeia.

— Não. Há algo muito além de... Olha, meu instinto investigativo ativou naquele momento que ela falou sobre a Mariah. Leio bastante para entender sobre manipulação psicológica. E foi o que ela fez. Ela jogou Mariah na conversa, te deixando daquele jeito, exaltado. Ela mexeu com seu psicológico para não ter que dar nenhuma declaração sobre o verdadeiro mentor.

Coço a barba olhando fixamente para ela, conseguindo enxergar seu raciocínio. Sento em uma poltrona e mantenho a bengala entre minhas pernas, pensando em tudo isso, vendo por visão periférica Josephine andar cabisbaixa, também refletindo. A ideia de vingar a Mariah não faz mesmo sentido. Jasmim só queria ganhar tempo, todavia não duvido que tivessem sido amigas.

— E o que seria? Quem seria? — pergunto como se fosse para mim mesmo.

— Não sei. Mas pense comigo: mesmo que fosse para se vingar de você e fazer justiça a Mariah, ser pega não deveria estar nos planos dela, e foi muito fácil pegá-la.

— O que quer dizer?

— É confuso, mas é igual à queda no cavalo. Era pouca coisa para te matar, mas foi necessária por alguma razão.

— Culpar o Levi?

— Pode ser, ou mostrar que os inimigos estão mais próximos. É como agora, algo não faz sentido.

A preocupação cerca nós dois. Devagar, caminho para a cama, me sento na ponta e meus olhos

pousam em minha aliança. Que eu dizia que seria provisória, que logo estaria solteiro novamente e longe de Turan. Hoje essa pequena argola de ouro é a única coisa concreta que me faz ter certeza de que eu tenho algo para me agarrar no meu constante lamaçal de pecados e demônios.

— Você acha mesmo que a Mariah pode ter... — Começo a pergunta e engulo o resto, olhando temeroso para ela. Não queria levantar esse tipo de discussão, ainda mais com ela, que é minha esposa. Josephine se senta ao meu lado, corre seus dedos finos e delicados pelo meu antebraço e sua mão chega à minha.

— Você quer saber se Mariah seria capaz de armar contra você?

Levanto os olhos para ela e nem me preocupo em esconder meu sentimento de receio, não queria encarar isso como verdade.

— Não sei...

— Aqui dentro. — Ela toca em meu peito. — O que sente de verdade... por ela? — Há expectativa em seu olhar, chegou o momento de ser sincero.

— Hoje, vendo tudo de outro ângulo, por fora da situação, vejo que ela jogou comigo e com Dom. Brincou com nossos sentimentos, se preocupando com o bem dela. — Bem baixinho, confesso: — Eu a amei e ela me fez rastejar.

— Não fale mais. Não quero ter ódio de uma morta. Porque não tem como eu ir dizer a ela que perdeu a chance de ter um amor verdadeiro vindo de um homem especial.

— Não sou uma boa pessoa, Josephine. Não é porque me apaixonei que meus erros estão apagados.

— Só em ter se apaixonado mostra que ainda tem chance para você, não está totalmente morto por dentro. — Os dedos dela entrelaçam nos meus e nós dois olhamos juntos. — Escute. — Coloca uma mexa de cabelo atrás da orelha. — Eu estou feliz com nossa aproximação, feliz em te conhecer além de meus pré-julgamentos.

— Eu digo o mesmo. — Meus lábios começam a se abrir e, quando todos os meus dentes aparecem no sorriso, ela indaga:

— O que foi?

— Nada. Apenas algumas coisas. — Inclino tentando beijá-la, mas ela empurra minha boca.

— Que coisa? Sobre mim?

— Besteira, Satã.

— Que coisas, Phelipo?

— Sei lá.... as coisas que te fazem única. Você é tão estranhamente apaixonante, é pequena e graciosa, ainda mais estando de saltos. Sorri sozinha lendo, sem falar que pragueja penteando os cabelos o que não deveria ser tão charmoso. Fica ruborizada quando me vê pelado, gosta de me ver de cueca e meias vermelhas, a propósito, a única até agora a gostar de minhas meias, eu apenas gosto de olhar para você e o sorriso já vem automático.

Ela curva o pescoço de lado, dando um sorriso tímido.

— Isso foi uma declaração?

— Uma análise. — Beijo os lábios dela e afasto um milímetro para sussurrar: — Obrigado porque, mesmo eu sendo um fodido, você ainda levanta minha moral.

Ela abraça forte meu pescoço, tocada sentimentalmente pelas minhas palavras.

***

Eu quase não dormi. Josephine também demorou a se render ao sono, mas dormiu, por fim. Estávamos calados, ambos sabendo que o outro estava acordado. Ela estava abraçando forte meu corpo, como se precisasse ter certeza de que eu estou aqui ao seu lado e pertenço a ela. Eu quis dizer isso para acalmá-la, mas não disse. Por quê? Talvez ainda não consiga expressar em palavras tudo que sinto.

Ela ganhou algumas coisas na cara, principalmente meu passado com Mariah, e pude ver insegurança em seus olhos.

É minha esposa e está grávida de um filho meu. Ter a segurança de que estou aqui para ela é o que Josephine precisava ouvir e mostrou isso se apertando contra mim na cama.

Na manhã seguinte, agora, dou um beijo em Alexei, que se prepara para levantar. Quando volto para o meu quarto, Josephine olha pela sacada. Me vê se aproximar e corre até mim.

— Algo aconteceu. Há um alvoroço lá embaixo. — Nem preciso me apressar para verificar. Batidas fortes na porta nos fazem virar juntos naquela direção. A voz de Matthew vem em seguida e eu o mando entrar. Ele está ofegando e confuso e, acima de tudo, com medo.

— Alteza.

— O que houve? — Caminho em sua direção.

— A nossa prisioneira fugiu. — Olha para o chão, totalmente perdido.

— O quê? — grito pasmado. — Como fugiu?

— Ah, não! — Josephine se vira lamentando com as mãos no rosto, vendo nossa derrota em letras garrafais quase palpáveis.

— Eu não sei. — Mathew fala alto e urgente em uma tentativa de mostrar sua inocência. — Eu e Dino a entregamos nas mãos dos guardas. Não sei como eles...

— Alteza. — Dino entra quase correndo no quarto, os olhos saltados. — Mil perdões! Eu deveria ter acompanhado, eu deveria ter averiguado.

Não falo nada com eles. Passando a mão nos cabelos, viro-me exasperado. Sem que ninguém esperasse, arremeto a bengala contra o espelho, segurando-a como se fosse um bastão de basebol. Josephine corre até mim.

— Phelipo... Meu Deus!

— Caralho! Nós somos a porra de uma chacota? Não conseguimos nada? Nem mesmo uma merda de escolta não dá certo?

— Foi o traidor, senhor... — Dino fala.

— Como é que é?

— Não houve uma fuga programada, deixaram ela escapar. Simplesmente abriram a porta e a deixaram sair.

— É. Foi tudo filmado pela câmera. — Matthew acrescenta. — Um guarda fugiu com ela e os

outros pareceram não se importar em impedir.

— Por favor, não surte. — Josephine segura forte meu braço. — Precisamos agir com racionalidade. Eu perco a noção quando você perde a cabeça.

Engulo minha frustração. Está acontecendo, o fundo do poço parece mais real agora. Eu tinha em minhas mãos a chance de descobrir algo mais com Jasmim presa, agora é estaca zero.

— Desculpe. — Levanto os olhos para os dois à minha frente. — E agora? Dino, ficou ao lado do meu pai por anos. Me diga, o que ele faria nesse momento?

Chega a ser vergonha eu, o futuro rei, pedir opinião de um empregado, mas sempre administrei empresas e não vivia muito para coisas do palácio. Agora é uma questão de jogada, eu tenho a certeza de que uma escolha errada pode custar minha vida ou das pessoas que amo.

— Alteza. O rei era muito habilidoso nessa parte e ele poderia querer mudar toda a guarda desse turno. O traidor fugiu com a prisioneira, mas pode haver outro. Não podemos arriscar.

— Isso. Dino tem razão, Phelipo. — Josephine concorda. — Novos guardas podem trazer tranquilidade.

Penso bastante na nossa situação no momento. Eu estou quase de mãos atadas e preciso de algo bem maior que apenas substituição de guardas. Quando tem um líder máximo, talvez o respeito e temor seja maior. Preciso de aliados, mas não conseguirei muita coisa quando tudo que fiz até agora foi fugir do meu destino. A decisão está em minhas mãos, basta eu ter coragem o suficiente para me tornar o que meu pai queria.

Balanço a cabeça, aceitando a ideia da troca de guardas.

— Ok. Quero soldados vindos de outros estados e eu escolherei.

— Sim senhor. — Dino assente. — Vou imediatamente preparar. — Ele se vira para sair, mas antes toca no ombro de Matthew. — Venha, vou precisar de você.

— Não, Dino, Matthew vai fazer outro serviço para mim. Pode ir. — Ele não contesta e sai fechando a porta.

Olho para Josephine e pergunto:

— Confia em mim?

— Claro — diz sem titubear.

— Obrigado. — Volto-me para Matthew. — Escute. — Encaro-o seriamente. — Essa é a oportunidade de você me mostrar lealdade.

— Diga, alteza. — se mostra avido a me provar lealdade.

Corro até a cama e abro uma gaveta na cabeceira. Pego uma caneta e rabisco um recado em um papel, volto-me e entrego a Matthew.

— Precisa ir até o arcebispo sem que ninguém lhe veja e diga que eu quero que ele reúna o conselho; em seguida, entregue isso. — Matthew pega o bilhete da minha mão, imediatamente abaixa nas botas, retira uma e coloca o bilhete dentro, calçando-a em seguida. Ele se ergue novamente diante de mim e eu digo:

— As pessoas que querem derrubar o trono estão de olho no palácio e não no arcebispo. Por enquanto você deve fazer apenas isso. Não conte a ninguém onde está indo e não deixe que ninguém te siga.

— Farei isso, senhor.

— Eu acredito em você. Agora, seja rápido e discreto.

Ele sai e só então, mais relaxado, fito Josephine. Os olhos dela imploram por respostas.

— Precisa confiar em mim. — Eu falo. Rapidamente ela balança o pescoço positivamente com o olhar compenetrado no meu.

— Eu confio.

— Vou adiantar a coroação — revelo meu plano, a decisão que tomei e que meu pai e Dom gostariam que eu tivesse tomado. A leve palidez que toma o rosto dela mostra o breve choque que teve.

— Fará mesmo isso?

— Sim. Preciso ser coroado rei o mais rápido possível. Acho que tenho mais chances de fazer o povo acreditar em mim. Se eu deixar passar muito tempo, é como se eu estivesse fugindo de minhas responsabilidades, dando mais poder aos discursos do inimigo.

— Sim, precisa dar esperanças ao povo. — Ela tenta sorrir, mas está tensa demais e falha.

— E ter a opinião pública do meu lado é essencial.

— Então será uma coroação surpresa?

— Quase. Vou avisar no último momento, para não dar tempo de fazerem planos. Mas e você? Está pronta para ser rainha? — Busco em seu olhar um comprometimento que eu sei que sempre existiu nela.

— Sinceramente? — Dá um sorriso raso. — Não. Mas não vou fugir do meu dever.

— Eu só tenho você para confiar nesse momento, Josephine. Preciso contra-atacar usando o que tenho. Fique ao meu lado, seja minha rainha, vamos juntos subir ao trono.

— Eu estou aqui para isso. — Ela segura minha mão. — Ficar ao seu lado e proteger nosso país. Conte comigo.

53

VÍCIO



JOSEPHINE

Termino de me preparar para dormir, vestindo camisola e robe por cima, recosto no batente da porta para o quarto conjunto e observo Phelipo cobrir Alexei com um cobertor. Ele dormiu cedo, indiferente de tudo que está acontecendo à sua volta, de todo o perigo que nos ronda. Fico imensamente feliz em saber que o menino mantém sua felicidade inabalável.

Me enche o peito de emoção ver essa cena, do Phelipo cuidando dele, mostrando sua habilidade paterna. Nem preciso me preocupar com nosso filho que vai chegar. Phelipo é protetor ao ponto máximo com aqueles que ama. Seremos bons pais.

Ele apaga a luz do quarto e vem até mim.

— Hoje ele está tranquilo — fala baixinho, voltando sua atenção para Alexei dormindo. — Dormiu cedo.

— Claro, você não quis empurrar sopa para o coitado. — Saímos para o outro quarto. Phelipo ri atrás de mim.

— Tenho medo de dar coisas pesadas à noite para ele. — Começa a desabotoar a camisa e vai para o closet, eu o sigo e fico na porta, vendo-o se despir. — Acabou de completar cinco anos, não pode se empanturrar. Só estou refletindo a maneira que fui criado. Não podíamos comer tarde e nem comer coisas pesadas antes de dormir.

— É algo comum entre alguns pais. Na minha casa meu pai dava as regras, minha mãe não se importava muito.

Phelipo fica só de cueca, pega uma calça cinza de moletom e a veste.

— Hoje Alexei aprovou o risoto que pedi para preparar. — Relembro o momento em que ele se animou na mesa ao descobrir que eu pedi para preparar risoto.

— Quero vê-lo feliz, lógico, mas você mima demais ele. — Vira-se para mim e noto relutância em seus olhos; a seguir ele expõe sua opinião: — E não gosto disso.

— O quê? Como assim, não gosta? — Phelipo passa por mim e vai para o banheiro escovar os dentes. Eu me posto ao seu lado na pia.

— Ah, deixa isso pra lá. — Coloca creme dental na escova.

— Deixa pra lá nada, precisa dizer para eu saber do que você não gosta.

— Ok. Algumas pequenas coisas que andei observando.

— Como por exemplo...

— Raramente ele tomava leite com essas porcarias que só fazem mal. Mas já vi você ordenar várias vezes para colocar achocolatado no leite dele. — Olho para suas mãos, ele está contando nos dedos. — Ele sempre soube que Coca-Cola ou qualquer refrigerante só pode uma vez por semana, mas aqui está tomando quase todo dia, porque você intercede por ele. — Abaixo a cabeça e o deixo falar, não está com raiva em sua voz, apenas expondo os fatos, como eu pedi. — Ele precisa se exercitar, só que odeia isso, e aqui ele quase nunca anda ou coloca a prótese porque prefere ficar no chão brincando ou ouvido música e já flagrei você mandando Dorothy deixar o menino à vontade. Sem falar no piano...

— Ele odeia piano, Phelipo.

— Não é essa a questão. Alexei vai voltar a enxergar, tenho fé, mas ele precisa de coordenação motora. Ele não pode fazer só o que gosta. Você ouviu a psicóloga falando, ele tem limitações, mas precisa entender que é uma criança e não o dono de tudo.

Começa a escovar os dentes e eu fico ao lado, refletindo. Ele tem razão. A psicóloga conversou com a gente e disse que essa é a idade em que alguns traços da criança começam a se formar e não podemos abrir muito a mão para ele, ou vai se tornar soberbo e egoísta.

— Tem toda razão. Eu fico com pena por ele ter limitações e só queria deixar os dias dele melhores.

Phelipo termina e, com calma nos olhos, afirma:

— Ele não sofre por suas perdas, pode ficar tranquila. Ele deixou de enxergar muito novinho, então não sente muita falta da visão. Alexei sempre foi muito feliz e otimista, ele gosta de estar com as pessoas, de conversar e é apaixonado por música.

— E logo ele voltará a enxergar. — Demonstro a confiança que estou sentindo.

— Sim. Vai sim, em breve, logo após a coroação marcarei a cirurgia. E isso apenas eu, você e Levi sabemos.

Ele passa o braço em meu ombro e caminha comigo para fora do banheiro; paramos no meio do quarto, olho em seus olhos e prometo:

— Desculpe. Prometo amenizar os mimos para o Alexei, respeitarei o que você disser.

— Ótimo. Mas e a mim? Não vai mimar?

— Como é? — Pressentindo o que virá, meu sorriso se alarga automaticamente.

— Faz um mimo para seu príncipe. Hoje nosso dia foi uma merda, amanhã cedo vou receber os novos soldados e estou com a cabeça a mil, preciso de um carinho.

Arrasto minhas mãos pelos braços dele e toco em seus ombros. Está mesmo tensionado. Hoje Phelipo passou raiva, gritou, deu ordens, e nosso nível de tensão chegou a um ponto quase insuportável. Eu tive que engolir meus temores e mostrar força e racionalidade, já que ele estava surtando por tudo estar dando errado.

A única notícia legal que tivemos foi a missão bem-sucedida de Matt indo convocar o arcebispo.

Aperto minhas mãos nos músculos duros de Phelipo e ele fecha os olhos, esbanjando ao mesmo

tempo um sorriso preguiçoso. O peito largo sobe e desce ao exalar profundamente.

— Bom?

— Maravilhoso. Mas ainda está pouco, quero mais. — Suas mãos acariciam as abas do meu robe em uma sugestão silenciosa do que ele deseja. Eu quase preciso ficar nas pontas dos pés para alcançar os cabelos de sua nuca. Massageio vagarosamente, puxando-os um pouco, e desço rumo ao pescoço.

Phelipo abre meu robe e em um instante a peça cai leve como ondas pelo meu corpo. Seu sorriso se abre maliciosamente e creio que, em resposta, o meu está no mesmo nível.

Mordo meu lábio e imediatamente o polegar dele puxa meu queixo, liberando o lábio. Rimos juntos sem piscar, nos mirando.

— Qual mimo espera de mim, alteza?

Phelipo enfio os dedos nos meus cabelos e os penteia para o lado, deixando minha orelha livre. Abaixa e cochicha:

— Experimente meu sabor...

— Seu sabor?

— Conheça por completo o pau de seu marido. Com a boca.

Afasto o rosto para olhar em seus olhos. Caramba! Uma intensidade potente, quase esfomeada, faz o azul de seu olhar ser quase escuro, como o início da noite mais clara. Uma gota de paixão invade meu corpo, provocando tudo em mim a se acender. Phelipo emana fogo e tesão, ele todo é escultural e poderoso, como a obra de arte mais letal feita pelos deuses.

Nunca imaginei que ouviria algo assim e sentiria meus seios implorarem por alívio, duros de desejo. Mexo minhas pernas uma contra a outra, incapaz de aguentar toda carga erótica de pé.

O polegar dele passa gentilmente na minha bochecha, em contraste com seu pedido libertino.

— Você é tão doce e simples, faz aflorar meus instintos mais insanos — declara, envolvido com meu olhar. — Compreenderei perfeitamente se ainda não estiver à vontade.

— Quero descobrir cada uma dessas sensações com você. — A expressão dele denota excitação, olho para baixo e sua calça de moletom está estufada para frente, comprovando o que diz seu olhar. Rio satisfeita, espalmo minhas mãos em seu peito e o empurro. Phelipo vai andando de costas, mantendo sua cara de safado inveterado, com sua boca apetitosa esticada em um sorriso.

Quero devorar esse homem e não sei por onde começar.

Chegamos na cama, empurro-o de leve e ele se joga deitado, me olhando vidrado.

Eu mal posso esperar.

Subo na cama ficando de pé, elaboro uma cara de malvada, com cada pé de um lado do seu corpo. Phelipo mostra que está adorando o espetáculo, coloca as mãos atrás da cabeça, assistindo festeiro minha performance.

Seguro a barra da minha camisola, puxo-a pela cabeça e jogo-a longe.

— Ah, cacete! Senta em minha cara, Satã.

Rio e digo: — Tosco.

Ele ergue as mãos e toca em minhas pernas, acariciando-as.

— Que tipo de monarcas somos? — Desço, ficando de joelhos sobre o abdômen dele. — O país está em crise, nossa segurança comprometida e estamos aqui, pensando em desejos carnais.

— Foda-se a crise. — Se levanta bruscamente e me derruba contra os travesseiros. — Agora vou foder você.

Com sua boca grudada na minha, arrasto minhas unhas em sua pele quente e puxo sua calça para baixo. Phelipo a descarta e me cobre novamente, com seu corpo colossal. Gemo de prazer só em abraçá-lo, pelado em cima de mim.

Meu rosto suspende para trás, dando espaço para sua língua percorrer minha garganta e chegar sedenta aos meus seios. Eu me sinto quase em pane, a cada chupada doce e feroz em meus seios. Ele massageia com calma e chupa vagarosamente, e me faz tremer mais ainda, me fazendo sentir sua nudez magnífica.

Esse é o marido que pedi a Deus. Puta merda, esse cara detona com minhas emoções e calcinhas.

Cravo minhas unhas em cada um de seus fortes bíceps e gemo alto de tanta excitação, precisando dele urgente dentro de mim. É quase como um apetitoso prato. Só em lembrar dos seus "vinte centímetros" grosso e duro, me contorço na expectativa.

Phelipo levanta a cabeça só para me mostrar seu sorriso e fala, roucamente sensual:

— Só vou te chupar se você me fizer um agrado. Direitos iguais.

— Ah... Phelipo... dê um desconto, fui criada praticamente em colégio de freiras.

Ele gargalha e faz *tsc*, *tsc* com a língua.

— Pelo que vejo, precisará de uma desconstrução. Preciso de sua boca atrevida chupando a cabeça do meu pau e vou te ensinar isso. Mas agora, vamos ao essencial. Vire-se para mim, por favor, princesa, me mostre a retaguarda real.

Ele me faz virar de costas, pega uma pilha de almofadas e me coloca deitada de frente sobre elas.

Desliza minha calcinha e eu ofego de tanta excitação, de olhos fechados, apenas saboreando cada sensação. As duas mãos apalpam minha bunda e, sem sentir, rebolo de leve quando ele passa a língua na minha vagina. Jesus! Estou pulsando, estou me sentindo ensopada e pegando fogo em todo meu interior.

Ele ri, lambe novamente devagar e quando seu dedo pousa de leve em cima, brincando despreocupadamente com meu clitóris, eu quase pulo pra trás, como um cavalo dando coice.

Aperto os olhos, morta de vergonha. Quase dei um chute para trás acertando a cara dele por causa de um único dedo.

— Calma, Satã já está manifestando. — Phelipo ri mais, lambe novamente e não deixa de circular o dedo no meu clitóris prestes a explodir. — Só lambidas, como eu prometi, não chuparei até que você me chupe. — Ele disse, lambe mais uma vez e nada é tão delicioso comparado ao grosso calibre que sinto do seu pênis tocando na minha entrada, lambuzando e passando de um lado para o outro.

Ele estava me matando aos poucos, impiedosamente. Contraio e ele coloca apenas a ponta. Contraio mais uma vez e ele retira e mete mais devagar, indo aos poucos, abrindo passagem calmamente como se tivesse todo o tempo do mundo. Rebolo mais uma vez automaticamente e

quando ele chega ao fundo, todo socado, curva-se em cima de minhas costas para morder meu ombro.

Phelipo praticamente montou em cima de mim, arrastando o pênis para fora, deslizando em seguida, fazendo várias vezes até conseguir um ritmo rápido e bem fundo, me fazendo sentir meu peso a cada arremetida.

— Ahh!! Oh, meu Deus.

— Satã, pare de chamar por Deus. — Segura meus cabelos rindo e bate dentro de mim tão forte que a explosão de orgasmos inicia no mesmo instante, me deixando em combustão. Estava vindo muito rápido e eu queria sentir cada sensação.

Meus olhos fecham, minhas mãos apertam o lençol, mordo os lábios e me contorço toda com a potência de cada investida deliciosa.

— Não pare! — grito e ele não para de maneira alguma, segura no meu ombro e na minha cintura e dá o seu melhor; com sua força máscula me fez sentir cada arremetida poderosa e funda. Quando os espasmos do orgasmo me abraçam, ele não para e isso deixa tudo ainda muito mais gostoso. Eu estou gozando, berrando como uma louca e Phelipo atrás, diminuindo o ritmo até parar todo em meu interior.

Eu nem estou mais de quatro. Estou totalmente caída contra as almofadas. Esgotada. Ele me vira e, rindo, se ajeita sobre meu corpo, me abraçando forte.

— Tudo bem... já passou... — cochichou de mansinho. — Pode voltar para a terra, Satã.

— Ai meu Deus. Phelipo... você é demais. — Abraço-o fortemente, meu nariz em seu pescoço. O cheiro dele me deixa implorando por mais. — Cara, assim fica difícil não viciar.

— Não existe antídoto contra Phelipo, minha gostosa esposa. Já está marcada como minha.

— Toda sua — confirmo.

— E eu sedento em te servir. Sou seu.

— Não esperava menos. — Tento parecer orgulhosa, mesmo estando pasma com a declaração. Phelipo ri e me beija manhoso.

Recomeçamos, um pouco mais lento e mais romântico. Abraçados e nos olhando fixamente. Quando gozo a segunda vez, me sinto amada e feliz. Eu vejo em seu olhar quando ele também está chegando ao ápice. O amor expresso ali fazendo os olhos brilharem.

Phelipo me beija docemente, cansado, e me envolve em um abraço confortante. Me sinto pequenininha e protegida, afagada com seu corpo. O mundo poderia estar acabando à nossa volta, mas temos um ao outro e é o que importa.

***

Pela manhã, no desjejum, parecemos adolescentes idiotas, sorrindo de lado um para o outro. Eu não consigo parar de olhá-lo e ele sempre me flagra. Eu queria me trancar com ele em algum lugar e matar meu desejo, mas finjo naturalidade e me distraio conversando com Alexei, que está muito animado.

Mais tarde, Phelipo e eu vamos ao pátio principal do palácio e ficamos em frente a um pequeno exército de vinte homens, prontos para substituírem os guardas. Ninguém foi demitido, foram apenas

remanejados para outras áreas fora do palácio.

Eu continuo parada no mesmo lugar, olhando Phelipo com sua pose austera e intimidante andar entre os homens, fitando cada um deles.

Já estão com a farda dos guardas reais da cor azul marinho e branco. Botas e luvas são pretas.

— Bom, vocês vieram para cá com o único intento de proteger o palácio e a família real. — Phelipo volta para meu lado e agora fala para os guardas de feições fechadas, olhando-o com atenção. — Vocês são do turno da noite, outra equipe trabalha durante o dia. Acho que isso já foi explicado e eu só tenho uma coisa a dizer: tratarei como crime gravíssimo qualquer um que se levantar contra mim ou confabular algo contra minha família. Esses são Matthew e Waldino. Eles estarão próximos a mim e sempre que tiver algum assunto a discutir, terão que falar com eles, nunca diretamente a mim e à princesa. Isso é tudo, podem ir para o alojamento.

Phelipo dá as costas a eles e sai seguido por mim. Dino nos acompanha e diz que precisa falar em particular. Ele nos segue até dentro do palácio e entramos no jardim de inverno ao lado do primeiro salão de recepção.

— Diga. — Phelipo se senta em um banco e eu fico de pé ao seu lado.

— Matthew vai continuar aqui?

— Sim. Por quê? — A testa de Phelipo se ondula, sinalizando que ficou intrigado.

— Não sei... não é perigoso? Ele que estava responsável por levar Jasmim...

— Ele? Mas foi uma missão dada a você. — Já em tom rude, Phelipo o interrompe.

— Não... eu sei. Mas eu pedi a ele...

Horrorizada, lanço um olhar para Phelipo e ele já capta meus pensamentos. Sabemos nesse instante que Dino não é confiável. Mas que merda, eu lembro dele aqui no palácio desde que eu era pequena e vinha com meu pai visitar o rei Alfred. Não pode ser. Ele sempre esteve na cola do rei.

— Ah, Caramba! — Me viro com as mãos no rosto. Quando volto a olhar, Dino encara Phelipo seriamente, quase com pose de briga.

— Vai me expulsar também? Como fez com Levi? Por simples desconfiança? — Tem um toque de ironia em sua fala.

— Phelipo, infelizmente ele deve sair... — Começo a dizer, mas Dino me corta:

— Ah, cala a boca, garota. Você me conhece, o rei confiava mais em mim do que em você e na sua mãe, que vieram para cá por conveniência.

Em um pulo Phelipo se põe de pé, deixando a bengala cair.

— O que você falou dela, porra? Perdeu a noção do perigo, caralho?

— Perdoe-me, alteza. Eu só fiquei...

— Perdoe o cacete. Você está afastado também. SUMA DA MINHA FRENTE!

— Phelipo. — Seguro no braço dele, impedindo-o de fazer alguma coisa.

— O quê? — Dino está pálido, todavia posso ver sinais de raiva em seu rosto.

— É isso que ouviu. E dê graças a Deus que é só afastado em respeito à memória do meu pai. — Com um dedo em riste, ele ameaça: — E se ousar ao menos olhar para ela sem respeito, cabeças irão rolar.

Dino não fala mais nada, lança um olhar revoltado para nós dois e sai quase correndo. Phelipo anda e gira de um lado para o outro, nervoso, passando as mãos pelos cabelos.

Acaricio seu ombro.

— Fique calmo. É menos um para a gente se preocupar.

— Eu já tinha desconfiado dele, só não quis admitir, mas agora... caralho. O Dino? — Nossos olhares se encontram e vejo mais decepção que ódio em Phelipo. — Meu pai praticamente o criou. Ele veio para cá quando tinha apenas dezenove anos.

— Ele pode ter se corrompido. Mas... agora faz sentido. Ele que acusou o Levi e agora queria acusar o Matthew.

— Sim. Ainda bem que não fui injusto com Levi, não me perdoaria se tivesse feito a coisa errada.

— Sim. Ainda bem. Agora estou ainda mais aliviada por Levi estar bem.

Phelipo dá mais uns passos e me fita furioso.

— Merda! Ele te chamou de "garota". Eu deveria ter socado o nariz do desgraçado.

— Não. Não vale a pena. Temos coisas mais graves para pensar. E eu notei que as pessoas conseguem te tirar do sério muito rápido. Seus inimigos não podem ter controle das suas emoções, Phelipo.

Ele abana a cabeça e mais uma vez vou massagear seu ombro para tentar acalmá-lo.

— Sim. Você tem razão. Eu quase fiz uma loucura e esse não é o momento de arrumar mais desafetos.

— Com certeza. Mas isso vai passar. — Acaricio suas costas em movimentos circulares. — Tenho certeza que quando você for coroado isso vai acabar. As pessoas irão te respeitar.

— Eu quero acreditar nisso. Faltam apenas dois dias. Daqui dois dias seremos oficialmente rei e rainha.

— Sim. — Abraço-o e fecho os olhos, descansando o rosto em seu peito. Sei que minhas palavras não são exatamente certas. Ser coroado não quer dizer que ele será respeitado, pode inclusive haver algo pior no país. Uma revolta popular? Não sei o que esperar.

A única coisa que me deixa ainda confiante é que tenho o envelope que Dália me deu e espero com afinco que, se as coisas piorarem, dentro do envelope tenha a solução para tudo isso.

54

COROAÇÃO



PHELIPO

A saída de Dino não me deixou tranquilo e menos preocupado, como achei que ficaria. Mesmo com a falta de respeito dele contra Josephine, eu não queria que ele fosse culpado. Não queria mais uma pessoa próxima sendo suspeita de traição contra o trono. Contra o próprio país.

Sem falar que ele era o braço direito do meu pai. Durante muito tempo, depois da morte de Dom, eu agradeci a Dino por ter segurado a barra e dado apoio a meu pai. Agora ele pode ser um dos traidores que deseja pisotear o sonho do rei. Isso é quase inconcebível, mas não uma hipótese descartável.

Chegou, enfim, o dia da coroação. Estou acreditando que tudo mudará a partir de hoje, mesmo que a cerimônia seja apenas uma mera formalidade, uma vez que já fui nomeado rei pelo conselho.

Já estou vestindo a farda de chefe de estado, composta por calça preta e parte superior vermelha e dourada. Acabo de resolver os últimos detalhes com clérigos ajudantes e membros da nobreza atuante no país que foram nomeados pelo meu pai. Todos de vestes cerimoniais. Eles acabam de sair. Matthew entra e quem o acompanha me faz sorrir.

— Alteza, o senhor tem visitas.

— Tio. — Caminho até meu tio Domenico e o saúdo com um abraço. — Achei que não viria.

Meu tio é bem parecido com meu pai. Tem olhos azuis como todos da nossa família, seus cabelos grisalhos são cheios e penteados em um topete. Parece um pop star dos anos 80 que envelheceu e continua com o mesmo visual. Também já está vestido com trajes cerimoniais que eu tinha mandado preparar para ele. Não tinha me dado certeza que viria, mas eu fui precavido. Meu pai iria gostar de ter ele aqui por perto.

— Como eu poderia perder esse momento tão importante para nosso país? — Ele se afasta e me observa com olhos brilhantes e um sorriso agradável. — Estou muito orgulhoso de você, das decisões que tomou. Seu pai ficaria orgulhoso.

— Eu sei. Estou fazendo isso por ele. — Olho para Matthew e digo: — Leve Alexei e Dorothy para o lugar que combinamos, eles precisam estar seguros.

— Sim senhor. — Ele sai e me volto para meu tio, que está me olhando interessado.

— Alexei...?

— Pois é. Uma longa história. — Pego minhas luvas pretas e começo a vesti-las. — Vou te contar tudo mais tarde.

— Mas... é o filho de Dom e Mariah? — Franze o cenho, incrédulo.

— Sim. Que na verdade não é filho do meu irmão, e sim meu filho. — Levanto os olhos para meu tio e ele não parece tão chocado, entretanto exclama consternado:

— Ah, meu Deus! Phelipo!

Não digo nada, apenas abano minha cabeça, visto que não quero entrar em detalhes agora. Ele já sabe o essencial e fim.

— Bom, o senhor já está indo para a abadia?

— Sim. Só dei uma passadinha para falar com você e abençoá-lo. Voltarei para Andrômeda hoje ainda.

— Tão rápido?

— Negócios, meu querido sobrinho. — Gesticula desanimado, como se quisesse mostrar que não pode fazer nada a respeito.

— Entendo. Obrigado, tio. Seu apoio é muito importante.

Acompanho ele ao corredor e peço para escoltarem-no até a abadia de Saint Pedro, onde eu me casei e onde escolhi para acontecer a cerimônia.

O aviso à sociedade foi dado ontem no fim de tarde, não deixando muito tempo para opositores tentarem alguma estratégia. Eu ainda estou muito preocupado; mesmo com toda a segurança que os generais planejaram, ainda me sinto exposto demais. O acesso à abadia será restrito e por questões de segurança não farei o trajeto na carruagem pelas ruas de Del Rey. Já pedi desculpas ao povo por causa disso e farei apenas a aparição na varanda do palácio após ser coroado.

Todavia, tudo será transmitido ao vivo.

Chego ao quarto e, quando abro a porta, Josephine se levanta tensa. Também já está vestida com trajes cerimoniais. Seu vestido é grande, pesado e dourado. O mesmo que minha mãe usou na coroação do meu pai, e só precisou de alguns ajustes.

Hoje ela será coroada também como rainha consorte. Fiz questão de dar a ela uma posição de respeito ao meu lado.

A mãe dela, Allegra e as outras duas amigas estão no quarto compartilhando da mesma tensão que banha os olhos de Josephine.

Ela vem até mim, arrastando o aparentemente desconfortável vestido bege e dourado.

— Tudo certo?

— Sim. Já podemos ir.

— Eu sei que vai ficar tudo bem. — Ela ajeita a lapela do meu traje tentando esconder os olhos aflitos. Quer me tranquilizar quando ela não está tranquila. Levanto seu queixo, obrigando-a a um contato visual.

— Você está linda. É a rainha mais bela que eu poderia apresentar ao país. — Consigo tirar um sorriso dos lábios dela.

— Obrigada. Se o suor não derreter a maquiagem, ficarei feliz. Você está magnífico.

Curvo-me, dou um beijo em seus lábios e olho por trás de seu ombro. Josephine se adianta, explicando:

— As meninas são minhas damas, irão comigo.

— Sim, claro. Pedi a Matthew que leve Alexei para a casa que meu pai mandou organizar para você e eu, quando nos casamos. Ele estará mais seguro lá.

— Sim, com certeza. Em breve estaremos de volta.

***

A tradição da cerimônia de coroação diz que o futuro rei deve fazer o cortejo do palácio até a abadia em uma carruagem aberta, para ser homenageado pelo povo. Mas hoje pulei essa parte e fui com Josephine em um carro blindado, escoltado por batedores. Pelo vidro, posso ver o povo saudar o carro real com gritos de alegria, mesmo não podendo me ver. E isso é uma vitória pessoal, já que metade do povo de Turan me odiava por eu ter desprezado minha linhagem e abandonado o país.

Respiro aliviado e troco um sorriso com Josephine. Eu só preciso da opinião pública do meu lado; enquanto eu tiver isso, o trono estará intacto.

Chegamos à abadia e sou recebido por gritos e aplausos das pessoas aglomeradas. Eles esperaram isso por dias, não sabiam o que poderia acontecer e podem agora ter um pingo de esperança.

Muitos guardas reais fazem uma corrente de isolamento para o carro passar, e só paramos na porta do prédio histórico. Há um helicóptero sobrevoando e tem atiradores de elite colocados em posições estratégicas.

Assim que desço do carro, recebo no meu rosto uma chuva de flashes dos repórteres presentes. Mesmo sendo anunciado em cima da hora, há profissionais do mundo inteiro para a cobertura de uma das coroações mais tensas dos últimos anos.

Caminho escoltado para a entrada oeste, Josephine ficou para entrar depois. Me posiciono ao lado do meu tio e, assim que entro pela porta lateral, sou recebido com um hino cantado pelo coral. Clero, chefes de estado e famílias reais de outros países estão posicionados para me receber. Cumprimento sutilmente todos eles, caminho de cabeça erguida para o teatro, passo pelo coral e me detenho quando chego ao trono.

Josephine entra pela outra porta lateral, acompanhada pelas damas, e para diante de mim.

Junto com meu tio, que é um dos sucessores ao trono, eu e ela nos ajoelhamos, fazendo uma breve oração particular antes de nos sentar nos dois tronos reservados para os monarcas a serem coroados. Meu tio desce e senta na plateia junto aos convidados.

A cada instante meu coração salta descompassado, com medo; a tensão é palpável, é como se eu esperasse algo acontecer a qualquer momento. Nem preciso olhar para Josephine no trono ao lado para saber que ela também está ansiosa, quase em pânico.

Eu só quero que tudo termine logo e eu consiga tira-la daqui.

Enquanto o arcebispo preside a cerimônia, me reconhecendo oficialmente como rei, passo os olhos em todos os rostos à minha frente. As câmeras dos repórteres autorizados focam em mim e eu escondo o olhar.

Tudo que eu lutei para não aceitar, estou nesse momento fazendo. Aceitando para mim todo poder e responsabilidade. Os meninos um dia crescem e não poderia agir como um playboy a vida toda.

Acordo das reflexões quando as pessoas presentes começam a dizer: “Deus Salve o rei”; exalo profundamente e me levanto, coloco a mão sobre a Bíblia e, diante dos presentes e das câmeras, profiro meu juramento, prometendo honrar e ser fiel ao povo, à justiça e às leis.

Volto para o trono e chega o momento mais solene: a unção. Seis cavaleiros sobem ao altar prometendo proteger o rei e a rainha. O arcebispo fala algumas palavras em latim e unge minha testa, mãos e peito e repete tudo com Josephine; depois se volta para a plateia e fala:

— Este é o soberano de Turan. Perante Deus e o povo, ele está apto a cumprir suas funções.

Recebo dos oficiais um manto dourado que me cai pelas costas e as joias da coroa. Um primeiro coloca em mim um bracelete, o outro me entrega uma espada, um terceiro me dá um orbe de ouro e, por fim, Josephine coloca o anel real no meu dedo. Não podemos nos tocar, então retribuo apenas com um breve sorriso para ela.

No meio do altar, de pé diante de todos, com Josephine ao meu lado, recebo o cetro de ouro, seguro o orbe na outra mão e o arcebispo coloca a coroa de Saint Pedro em minha cabeça, quase como a coroa de Saint Edward usada nas coroações britânicas. Ela é alta, muito pesada e tem emblemas, brasões e insígnias. Com mais de dois mil diamantes e vinte esmeraldas, cento e oitenta pérolas e nove rubis.

Quando a outra coroa é colocada em Josephine, a plateia entoa mais uma vez: “Deus Salve o rei”, e nos sentamos novamente nos tronos, agora já coroado como novo rei de Turan.

A seguir, me retiro para uma capela onde sou cumprimentado e abençoado pelo arcebispo; a coroa é trocada por uma mais leve, a coroa do estado imperial. Segurando o orbe e o cetro, passo pelo corredor principal da Abadia ao lado de Josephine e o coral entoa o hino nacional.

Uma lágrima deixa meu olho. Eu daria qualquer coisa para ter meu irmão aqui comigo, ele estaria no meu lugar e eu seria a pessoa mais feliz vendo-o se tornar o que sempre sonhou.

***

— Deu tudo certo — cochicho para ela, ao meu lado, na sacada do palácio, acenando para a multidão que nos ovaciona.

— Sim. — Ela aperta minha mão, mas não nos olhamos, continuamos acenando para o povo. — Eu nem posso acreditar que chegamos até aqui. Obrigada por aceitar seu dever e seu povo, Phelipo. — Quando ela diz isso eu a olho. Josephine tem lágrimas nos olhos.

— Faria qualquer coisa para proteger você e nossos filhos. Qualquer coisa. Em segundo lugar, pelo país.

Ela sorri e assente emocionada.

***

Eu convenci meu tio a jantar conosco e ir embora pela manhã. Instruí para que dessem um quarto para ele. Assim que ele foi para os aposentos se trocar, eu fui ver Alexei sem tirar minha coroa.

Me ajoelho diante dele para comunicar o que ele esperou muito para ouvir.

— Filho, o papai agora é um rei e estou usando uma coroa.

— Deixa eu tocar, papai!

— Claro. Vim só para te mostrar. — Sorrindo, ele ergue as mãos e toca na minha testa e vai subindo até chegar à joia. O sorriso se abre mais ainda, maravilhado em tocar nas pontas e nas pedras preciosas que ornam a peça.

— Parece bonita e dura. Quando eu crescer vou ganhar uma?

— Sim. Uma coroa de príncipe.

— Eu quero crescer logo, papai. Vai demorar?

— Você nem vai ver o tempo passar. — Bato o dedo no nariz dele e me levanto. — Agora vá com a Dorothy tomar banho para o jantar, nos encontraremos lá embaixo.

Com Matthew e mais cinco guardas, abro o cofre para as coroas serem guardadas novamente. As joias da coroação ficam em um cofre na Abadia. Ontem, sob protestos, fiz Josephine registrar a digital dela no sistema de segurança do palácio, assim apenas eu e ela podemos entrar nesse cofre.

— De duque a príncipe, e agora, rei. — Já sem roupa, Josephine vem até mim usando só uma toalha envolvendo o corpo. Eu descartei meus trajes e estou só de cueca. — Gostaria de saber como é transar com um rei.

— Olha só, que coincidência! Você tem um rei bem na sua frente. Vai se viciar mais ainda com o soberano aqui.

Ela ri, me abraça para beijar e não deixa de sussurrar: — Sim, vossa majestade.

Tivemos uma noite maravilhosa. O jantar foi elegante e festivo, com muitos convidados. Fiz um discurso, fui ovacionado, meu tio também fez um e no fim eu estava mais feliz do que achei que conseguiria.

Foi a primeira noite dormindo aliviado, depois de todas as merdas que começaram a acontecer à minha volta. Era como se eu tivesse tomado novamente o controle das coisas e pudesse ter mais poder em proteger. Me senti seguro e dormi rapidamente.

Pela manhã, meu tio partiu cedo, antes do desjejum. Ele veio ao meu quarto se despedir, nem esperou eu me preparar e descer. Pedi que esperasse eu me vestir, entretanto ele achou melhor não esperar mais, porque tinha assuntos importantes para resolver em Andrômeda.

Vestindo um robe preto de cetim, fico de pé na varanda do meu quarto e posso ver ao longe o carro em que ele veio, provavelmente alugado, parado, e a esposa de meu tio entrando atrás; em seguida o carro parte, saindo pela entrada principal. Reflito sobre o papel do meu tio na casa real.

Sempre foi muito afastado de tudo. Inclusive de afeto com a gente, a família dele. Me lembro que ele morou aqui um tempo, mas foi embora quando eu era ainda muito jovem. Ele se casou e cresceu em nome em outro estado, se tornando um ótimo arquiteto. Fui conhecer meus primos quando eles já eram quase adolescentes.

Me pergunto se meu tio tem o mesmo receio pelo trono como eu tinha, ou ele, como último da linhagem, preferiu se afastar do que viver aqui vendo o irmão governar.

Como ainda são seis da manhã, e eu me sinto exausto, volto para a cama me enfiando debaixo do edredom e abraçando Josephine. Acabo dormindo novamente.

***

Os dias se passaram tão leves e agradáveis, quase como um paraíso. Voltamos a sair, eu e Josephine participamos de eventos, reuniões, discutimos sobre as fábricas de extração e produção de minério, esforçando-nos para parecer monarcas do povo, carismáticos e amigáveis. Eu fazia questão de sair na mídia, ao lado dela. E as manchetes eram sempre favoráveis para a gente. A primeira pesquisa após a coroação me mostrava com 84 por cento de aprovação, e isso, vindo de um povo que me detestava, é magnifico.

Voltamos a caminhar no jardim e pomar. Voltei a fazer minhas caminhadas matinais com Luck, apenas nós dois, uma vez que Josephine está sofrendo com enjoos matinais e não se anima a acordar ainda no escuro para ir caminhar.

O receio de que algo pudesse dar errado tinha me abandonado; eu estava tranquilo, e quando acordei em uma madrugada com batidas fortes na porta, o choque me tomou novamente. Fiquei de pé em um pulo e corri em primeiro momento para o quarto ao lado e quase pude sentir uma tontura de tanto alívio ao ver Alexei ainda na cama.

Josephine estava sentada na cama, também assustada. As batidas continuaram e a voz estridente e urgente de Matthew me chamava.

Corri vestindo o robe no caminho e abri a porta. Os olhos dele estavam saltados, os lábios brancos e eu sabia que algo grave estava acontecendo.

— Majestade... está em todos os noticiários... o senhor precisa ver. — Ele me entrega um tablet e eu preciso me sentar para assistir. Minhas pernas fraquejam.

Quinze famílias em lugares diferentes do país estão sendo mantidas reféns por homens encapuzados, cada membro da família com armas apontadas na cabeça. Inclusive crianças.

— Meu Deus! — Josephine exclama ao meu lado, afirmando o terror da situação.

O resgate, apenas eu posso dar. A renúncia ao trono e a saída minha e da minha família do palácio.

Deixo o tablet cair e me levanto sem saber que rumo tomar ou o que pensar.

— Lá fora há dezenas de pessoas nos portões do palácio e repórteres. — Matthew informa. — O povo espera que o senhor renuncie para salvar as famílias. E o Papa já mandou um pedido para que o senhor aja imediatamente para que nenhuma vida seja ceifada.

Aterrorizado, olho para Josephine e ela cai em lágrimas.

— Não... Phelipo. Meu Deus!

Tomo-a em meus braços, sentindo o corpo dela estremecer por completo, assim como o meu. Cheguei ao fundo do poço. Acabou para mim.

55

DEUS SALVE O REI



JOSEPHINE

— Devo chamar agentes especiais? É mais que um sequestro em massa, é uma conspiração contra a coroa. E algo deve ser feito, majestade. — A voz grave de Matthew quebra o silêncio, nos fazendo lembrar que não estamos sozinhos.

Me afasto dos braços de Phelipo e olho para Matt. Sua preocupação me amedronta mais ainda. Nesse instante, Allegra coloca a cabeça na fresta da porta espiando e dá um passo para dentro do quarto, olhos saltados e muito pálida. Não diferente de nenhum de nós aqui.

— Não chame ninguém ainda. — Phelipo ordena pensativo, olhando o chão, acariciando o queixo. — Não sabemos até que ponto isso é um plano deles. E se chamarmos agentes e forem inimigos infiltrados?

Ele tem razão e eu não quero pensar que somos quase como ratos encurralados. Me sinto em disparada ladeira abaixo.

— O que faremos então? Phelipo, você não pode pensar em ceder...

— Ainda não estou considerando isso. Primeiramente... não posso tirar os olhos do Alexei. — Ele me olha tentando não deixar visível o medo em seu semblante. Como se quisesse me preservar de tudo. — Meu filho corre risco, isso não é apenas um sequestro. E eu preciso entender o que eles querem de verdade.

Allegra dá um passo e sei que ela vai opinar:

— Desculpe, Phelipo, mas lá fora ninguém sabe que o menino sobreviveu. — Allegra nem coloca mais pronome de tratamento para se referir a ele, tamanha é a tensão do momento.

— Se eles têm pessoas aqui dentro, como sabemos que têm, o Dino por exemplo, então sabem da existência do Alexei. — Phelipo mantém a voz baixa em uma tentativa de parecer calmo. Eu consigo ler o verdadeiro sentimento de terror emanando dele.

— Então... — Abraço meu corpo e tenho noção da minha testa franzindo na tentativa de chegar a uma conclusão.

— Minha renúncia não significaria nada uma vez que a sucessão ao trono continuaria com Alexei e em seguida...

— Nosso filho — complemento quase não conseguindo proferir a frase. Eu e Allegra levamos

a mão à boca ao mesmo tempo. Preciso me sentar com o rosto entre as mãos para me refazer do pânico.

— Matthew, prepare o vídeo no escritório. — A voz de Phelipo me faz levantar o rosto. — Quero ver com mais calma, do início.

— Sim senhor. — Ele sai rápido, quase correndo. Allegra vem até mim e senta no braço da poltrona, acariciando minhas costas. Phelipo vai em direção à porta que leva ao quarto de Alexei e eu me viro rapidamente para Allegra, com urgência impressa na minha face.

— Preciso contar a ele sobre o envelope — cochicho. — Pode ter nossa salvação lá dentro...

— Calma. — Ela aperta minha mão. — Ainda pode ter uma saída, Phelipo não está totalmente perdido.

— Meu Deus, Allegra! Estou em pânico. A aflição chega a ser dolorida.

— Eu sei. Também estou em pânico. Todos estão, minha mãe ligou e a atenção do país está toda voltada para cá. Mas vamos pensar com racionalidade.

— Sim. Há algo mais que podemos descobrir.

Phelipo volta e eu fico de pé. Não falamos nada, apenas saímos do quarto indo em direção ao escritório, de mãos dadas em uma demonstração de que não queremos nos perder. Lá, Matthew preparou o vídeo na TV e assim que Phelipo se senta em frente, ele começa.

Primeiro temos as imagens das famílias feitas reféns. Parecem ser pessoas aleatórias, todavia tem uma família um pouco mais famosa que é de um dos chefes de estado e isso é preocupante, mostra uma pressão maior contra Phelipo. Não que as famílias comuns tenham menos importância, mas um chefe de estado refém pode movimentar toda a classe política do país.

Ninguém fala nada enquanto o vídeo continua. Um homem mascarado começa a falar com voz mecânica. Com certeza usando algum modificador.

Sua narração é extremamente prolixa, chegando a irritar quem ouve e talvez tenha feito isso de propósito. Ele diz que está agindo pelo bem do povo e que Phelipo é inapto a governar. Ele é rápido e certeiro. Dá algumas regras que devem ser seguidas, como: o palácio está sob vigilância e ele saberá se agentes especiais da inteligência entrarem, e que nenhum membro da família real deve deixar o palácio até o momento exato da decisão de Phelipo. Decisão essa que será dada daqui a quarenta e oito horas. Sim, estranhamente ele deu dois dias para Phelipo decidir.

Talvez ele queira apenas se divertir com a nossa apreensão, aqui sozinhos sem controle de nada ou uma ajuda especializada. É como gato brincando com ratinho preso antes de devorá-lo.

Ele também diz que não adianta tentar invadir as casas das famílias reféns, uma vez que, se uma pessoa morrer, irá para a conta do rei. E ainda, depois do prazo, se Phelipo não renunciar, uma pessoa das famílias reféns morrerá a cada três horas.

Quando o vídeo termina, um silêncio sepulcral cai sobre o escritório. Dá para ouvir apenas o barulhinho leve e mecânico do ar condicionado. Imediatamente aperto a mão de Phelipo entre as minhas. Desanimado, ele olha para mim, como se estivesse mesmo no fundo do poço, prestes a entregar os pontos.

— Ei, vamos pensar em algo — falo baixinho, acariciando de modo intenso seu antebraço, e ele assente, completamente derrotado.

— Põe no noticiário. — Pede a Matt, que se move agilmente alcançando o controle. A notícia

está em todos os jornais. E um deles analisa um gráfico onde uma votação ao vivo mostra o que as pessoas acham que Phelipo deve fazer. Oitenta e sete por cento querem a renúncia.

— Eles querem a opinião pública contra mim — sussurra. — Todos unidos pela minha renúncia.

O olhar dolorido dele me corta por dentro e eu engulo o pânico.

— Desliga isso. — Arranco o controle das mãos de Matt e desligo o aparelho. — Vamos agir com racionalidade.

— Por que quarenta e oito horas? — Allegra indaga, fazendo todos os olhares se voltarem a ela. Deixo meu nervosismo de lado e assinto, pegando esse ponto que ela jogou e usando-o como a ponta da meada.

— Sim, poderiam ser vinte e quatro horas. Ou dez, sete, cinco. — Eu alimento o raciocínio.

— É o que acabei de dizer. Porque eles querem a opinião pública contra mim. — Phelipo levanta e anda até o outro lado do escritório. Para e descansa o quadril na mesa. Cruza os braços e nos fita. — É um tempo grande e quanto mais passa sem eu me posicionar, mais o povo vai entender errado, achando que eu não dou a mínima para as famílias.

— Pode ser. — A expressão fechada de Matt diz que as engrenagens de sua mente também estão funcionando. Mesmo assim é estranho... eles marcaram a decisão do rei para um dia festivo.

— O quê? — Eu e Allegra indagamos juntas.

— A cidade já está enfeitada. Daqui dois dias tudo estará um caos por causa da festa da cabeça. — Ele dá de ombros diante do meu choque pelo que acabo de ouvir. — Mas não se preocupem, creio que nessas circunstâncias não terá mais festa.

— Como é que é? — Phelipo já está perto da gente, tão chocado como eu. Sinto meu sangue fugir do rosto e minhas pernas fraquejarem. Pela aparência dele, posso pressentir que ele se sente igual. É como se estivesse montando um quebra-cabeça de cinco mil peças e conseguisse encaixar várias peças seguidas.

Matt não entende por que Phelipo e eu nos olhamos vidrados e boquiabertos, com cara de *"Puta que pariu, agora fodeu"*.

— Sim, pessoal. — Ele agita as mãos, não entendendo tanto espanto com o óbvio. — Vocês sabem, a nossa tradicional festa que marca a queda de um monarca será exatamente daqui a dois dias.

— Ah! Meu Bom Cristo! — Consigo exclamar com voz totalmente comprometida. — Phelipo A frase que Dom deixou na gravação. — Eu nem termino de falar e ele já está negando com um gesto. — Na festa da cabeça, monte seu exército e não confie em ninguém.

— Não pode ser. — Ele nega repetidas vezes com movimento relutante. — Não pode ser.

— Phelipo — vou até ele e seguro firme em seu robe —, não é coincidência. — Seguro seu pulso e ele continua negando.

— Phelipo!

— Mas ... como? O que Dom quis dizer...? E como ele poderia saber?

E então, como uma explosão, a fala de Dália berra na minha mente: "*O que tem aqui dentro pode trazer a morte a você e a ele, assim como veio a Dominic*".

Dominic deixou a mensagem porque ele descobriu o que iria acontecer. E por isso morreu.

Começo a relembrar cada pedacinho da mensagem do irmão de Phelipo. Quando ele diz que Phelipo devia mesmo se afastar de Turan para não se machucar, ele queria proteger o irmão. Phelipo longe não era alvo das pessoas que querem destruir o trono.

Dom não se matou. Ele foi assassinado.

Já posso prever Phelipo surtando se sonhar com uma coisa dessas. Guardo a bomba apenas para mim. Começo a tremer, quase batendo queixo. É quase como se estivesse sufocada. Eu não quero imaginar o que Dom sentiu... a aflição dele... a sua morte.

Meu completo estado de perplexidade me deixa sem fala. Allegra percebe que há algo errado comigo, mas Phelipo não nota. Vira-se em um rompante e fala em tom irritado:

— É isso! Esse sequestro é apenas uma forma de deixar o povo de Turan furioso comigo, para algo maior que acontecerá daqui a quarenta e oito horas, exatamente na festa da cabeça. Caralho! Matthew! Reúna os guardas...

— Não! — grito intervindo. — Não. Não confie em ninguém ainda.

— Josephine, temos que ter um exército do nosso lado.

Mas e se...

— Tudo bem. — Ele segura meu rosto. — Não vou trazer ninguém para cá, para perto da gente. Preciso pelo menos mostrar que estou agindo. — Ele olha para Matthew e comanda: — Entre em contato com o arcebispo e o ancião do conselho real. Eles são antigos e podem me dar uma saída. — Volta-se para mim e diz: — Tenho que montar meu exército, não necessariamente de soldados.

— Sim — concordo. — Faça isso.

***

Às oito horas da manhã, Alexei já estava à mesa com Dorothy tomando café, indiferente a tudo; pedi a Dorothy que tentasse fazer parecer que tudo estava bem.

Phelipo ainda está em reunião com o conselho por chamada de vídeo e eu e Allegra juntas, de braços atados sem saber o que fazer. Na verdade, tudo em mim dizia que era o momento de abrir o maldito envelope, mesmo sendo perigoso, todavia eu ainda tinha um pingo de esperança de que Phelipo resolvesse algo.

— Phelipo não tem muito o que fazer. — Allegra diz depois de algum tempo calada ao meu lado, na varanda do jardim externo.

Me viro para ela.

— Dependendo do que acontecer nessa reunião dele com o conselho...

— Você deve mostrar o envelope. — Ela completa meu raciocínio. — Precisa compartilhar com ele esse segredo.

Passo as mãos nos meus cabelos, alisando-os até as pontas e, com ardor nos olhos, causado pelas lágrimas, olho para o céu. Me sentir impotente é horrível.

E saber que Phelipo pode não ter outra saída me deixa louca de terror.

— Josephine. — Viro-me ao ouvir a voz da minha mãe.

— Oi mãe. Já está sabendo?

— Sim. Eu e você vamos sair imediatamente do palácio.

— O quê?

— Não vamos continuar aqui, correndo risco. — Eu até achei que era brincadeira dela, mas seu semblante sério mostra indignação como sentimento verdadeiro. — Isso é problema do Phelipo, ele está colhendo o que plantou. Arrume suas coisas, você vai comigo.

Meu Deus! O que deu nela? Nossas vidas um inferno e minha mãe falando merda?

— Eu não estou acreditando que estou ouvindo isso, mãe!

— Josephine não vai a lugar algum. — Me afasto rapidamente de minha mãe e dou alguns passos na direção de Phelipo, que acaba de chegar. — Ninguém sai do palácio. Solicitei apoio da guarda nacional. Em horas o exército estará nas ruas e nos arredores do palácio, já tem agentes nos arredores das casas com os reféns.

— Como foi a conversa? O que eles acham?

— Podemos falar a sós?

— Sim. Claro.

— E então, majestade? Vai nos prender aqui e ficar de camarote vendo o povo ser executado? — Minha mãe provoca e Phelipo vira, não irado como eu imaginei que ficaria.

— Vá procurar o que fazer, Aretha. Como pode ver, tenho coisas mais sérias para me preocupar do que com a senhora. — Olha gentilmente para mim e diz: — Vamos. — Segura minha mão e andamos rápido para dentro do palácio.

Entramos no quarto, único lugar que temos confiança de ficar, onde temos quase cem por cento de certeza que não há escutas.

Desanimado, Phelipo joga a bengala e enfia as duas mãos nos cabelos, antes de me encarar.

— Ah meu Deus... — murmuro, prevendo que nada foi resolvido.

— O arcebispo e o conselho querem minha renúncia.

— Como? — grito batendo as mãos na cintura. — Onde esse povo está com a cabeça? — Giro pelo quarto, sentindo gosto de fel na boca. O nervosismo faz minha pulsação balançar minhas veias no pescoço.

— Eles acham que posso reverter depois que os sequestradores liberarem as famílias. Mas todos têm a mesma opinião de que devo manter segurança ao redor das casas e decidir por eles, e não por mim. Como um rei deve fazer.

— Tem que ter outro jeito...

— Estou entre a cruz e a espada, Josephine. Só nós sabemos que não é apenas a renúncia. O que eles farão depois? E Alexei? Tenho quase certeza que sabem do menino e vão aprontar mais alguma coisa. Não quero pagar para ver, é a vida do meu filho. — Ele me segura e acaricia meus braços, indo com as mãos até os ombros e voltando, como uma massagem. — Eu tenho vontade de deixar tudo para trás e fugir com você e ele. O que acha? Vamos embora daqui; eu tenho muito dinheiro, posso...

— Não! Você precisa confiar em mim. Eu sei que posso ter a solução, apenas confie em mim, por favor.

Confuso, ele se retesa e não me dá uma resposta.

— Phelipo, me prometa que não fará nada e que vai confiar em mim — imploro, fazendo ele sentir a intensidade da minha emoção pairando dentro dos meus olhos cravados nos dele.

— Eu prometo. — Ele diz.

— Então preste atenção no que vou te contar. — Acaricio o pescoço dele e seguro em seu maxilar. — Alguém previa que algo assim aconteceria...

— Como...

— Há um envelope. É perigoso e deve ser aberto no momento certo. A cozinheira Dália me deu. É um segredo que pode nos trazer morte ou salvação...

— Cacete... Josephine, que merda é essa? — Os olhos dele se mexem rápido olhando meu rosto, tentando entender o que estou dizendo.

— É tudo que temos nesse momento, Phelipo. E vamos depositar toda nossa confiança nesse segredo.

Ele está pálido e um pouco gelado. Completamente atônito. Precisa se sentar, tamanho é o choque.

— Dália... ela te deu um envelope...? — balbucia. — Com um segredo?

— Sim. Ela representa algo para você?

— Muito. Era a grande amiga de minha mãe, como você e a Allegra. Era a conselheira da rainha e quando minha mãe fugiu, foi rebaixada a cozinheira.

Eu o levo ao meu quarto, abaixo diante do meu antigo closet, puxo uma tábua de madeira do cantinho que eu tinha arrancado para servir de esconderijo e pego o envelope.

Compartilhamos da mesma intensidade quando nossos olhares se chocam. Nossas emoções nos deixando quase a ponto de enlouquecer. Eu vinha remoendo a curiosidade todo esse tempo, todavia, em contraponto, rezava para que nunca precisasse abrir esse envelope, uma vez que ele representa morte.

— Ela me fez prometer que não te contaria, me desculpe. — Seguro com força o envelope contra meu peito.

— Por quê?

— Porque você é impulsivo e, se abrisse antes da hora, o que tem aqui poderia te levar à morte.

Não digo a ele a parte de Dominic, não é o momento, Phelipo está abalado demais.

— Depois você vai me pagar por ter escondido isso de mim — promete e nem foi de brincadeira, acho mesmo que ele está irritado, mas a apreensão é mais forte. — Agora, abra. — Ele pede baixinho, quase inaudível.

Tremendo muito, rasgo o envelope, minhas batidas cardíacas sacodem meu peito. Phelipo está até arfando, como se estivesse cansado.

Assim que rasgo, encontro dentro um cartão parecido com esses de visita e uma chave pequena. No cartão tem um endereço e, abaixo, escrito: “Senha”, à frente de uma sequência de números.

Entrego a Phelipo, ele lê e digita o endereço no celular e, muito ofegante, volta a me encarar.

— É um prédio comercial, de entregas de encomendas, como uma transportadora. Isso deve ser a chave de um dos cofres particulares.

Ficamos calados olhando a chave, como se ela fosse a pedra filosofal do Harry Potter. Então, em um pensamento alto que acabou saindo, eu afirmo:

— Isso significa que alguém vai ter que sair do palácio.

56

RAINHA SATÃ



JOSEPHINE

Pés, não me falhem agora
Leve-me até a linha de chegada
Todo o meu coração se rompe a cada passo que dou
Born to die – Lana del Rey

— Eu vou. — Tomo o cartão da mão dele. Já decidi isso antes mesmo de cogitar qualquer outra saída.

— Uma porra que você vai. — Phelipo tenta puxar o cartão da minha mão, mas me afasto rápido e saio do closet perseguida por ele.

— Josephine!

— Sem discussão, Phelipo — rosno sem parar de andar. — Eu vou, não tem outra pessoa para isso. — Abruptamente ele me segura e me empurra contra a parede. Eu estava prestes a sair do quarto, mas tinha esquecido que nesses momentos de agitação ele até esquece a perna doente para alcançar seu objetivo.

Estou tão exaltada quanto ele, nossos olhares inflamados de tensão se chocam.

— Eu não vou permitir que saia do palácio, ficou louca? Olha tudo que está acontecendo, essas pessoas furiosas pelas ruas, algo poderia lhe acontecer...

— E o que acha que tem que fazer? — rebato furiosa. — Deixar isso aqui pra lá? — Balanço o cartão com o endereço. — Simplesmente esquecer?

— Não. — Ele afasta um pouco o rosto e pensa em uma resposta. — Mas podemos... sei lá, pedir a Allegra...

— Phelipo, isso foi confiado a mim, porque é algo importante e não pode ser dado a outra pessoa. Sua obrigação é ficar e permanecer no poder, proteger o trono. Eu não sou o que eles querem.

Reconheço que seu nível de raiva está no máximo por causa do maxilar enrijecido e os lábios esbranquiçados em uma linha de revolta. Ele nega várias vezes, balançando o pescoço.

— Temos mais a perder se ficarmos aqui — cochicho com minha voz embargada de dor e

medo causados pelo momento. Seguro em seu rosto e seus olhos azuis brilham fervorosos ao encontrarem meu rosto.

— Não me coloque nessa posição, Josephine — sussurra com pesar, mostrando suas emoções englobadas na voz rouca. — Não me faça ter que engolir esse absurdo.

— Ah... meu querido... — Subo minha mão e acaricio os cabelos dele. — Como as coisas mudam. — Sorrio tristemente. — Se meses atrás alguém me contasse eu não acreditaria. A coisa que mais odeio em pensar nesse momento é ter que te deixar para trás... Estou com tanto medo por você...

— Não... fale essas merdas. — Ele puxa minha cabeça e me cobre com seu abraço apertado. — Não vou deixar você desprotegida. Não vou permitir que faça uma loucura dessas.

— E se esse for o propósito de tudo? — Tentando controlar as lágrimas, levanto o rosto para observá-lo. — E se for meu destino? Dália me entregou o envelope porque eu posso mudar alguma coisa.

— Podemos ligar para Levi...

— E a chave? Está aqui com a gente. Phelipo, me escute...

Abruptamente ele me interrompe, pontuando seu desespero:

— Nós precisamos um do outro, cacete! Eu só tenho você. — E isso é genuíno. Em seu rosto o sofrimento o faz contorcer. Os olhos estão úmidos e ver isso me corta profundamente.

— E sempre me terá. Mas agora precisa me ajudar a sair do palácio. Sem cogitar o que possa acontecer, apenas precisa me colocar na rua sem perceberem, para a nossa própria sobrevivência.

— Vai se arriscar por causa dos outros? Vai colocar a vida do nosso bebê em risco pelo povo?

— Não pelo povo. Por nosso futuro, por você, Phelipo. — Empurro-o levemente, saindo de seus braços e caminhando para a porta. — Gostaria muito que viesse comigo, para me ajudar a esquematizar. Mas se não puder, eu entendo.

Saio rápido e não ouço os passos dele atrás. Allegra já me espera no fim do corredor, torcendo os dedos completamente tensa.

— Abriu? — pergunta sem esperar eu chegar mais perto, mostrando o quanto está perturbada. Ela inclina o pescoço olhando atrás de mim e viro brevemente, vendo Phelipo parado com sua expressão de “soco no estômago”.

— Abri — digo a ela e volto a andar, fazendo-a me seguir. — Preciso planejar algo para sair do castelo sem perceberem.

— Precisa sair? O que tinha no envelope?

— Uma trilha que tenho que seguir. Me dê uma ideia...

— Eu posso ir, Josephine. — Ela para de andar, me obrigando a parar também. — Você está grávida e... é a rainha.

— Eu vou, já está decidido. Esse segredo foi confiado a mim. Precisa me ajudar a bolar uma estratégia.

— Ele não aprovou isso, não é? — Faz um gesto sutil de queixo se referindo a Phelipo; nem olho, assinto sucintamente.

— Não. Mas ele não tem alternativa. Não temos alternativa. — Rapidamente me corrijo, soprando sofregamente.

Ela pensa um pouco e, não muito animada, diz: — Precisamos pensar em todas as opções, não focar apenas no que você quer.

Novamente no quarto, nós quatro estamos calados, pensativos. Phelipo ao longe de cabeça baixa, braços cruzados e aparência não muito amigável. Sabemos que não tem uma alternativa a não ser eu ou ele. E como tanto os olhares do país como dos criminosos estão focados nele, só resta mesmo que eu tome uma atitude.

— No livro *A Seleção*, América e Maxon deixam o palácio no carro da lavanderia — falo baixinho como um pensamento que escapou. Estou cogitando todas as hipóteses.

— Lembra do filme *Shakespeare Apaixonado*? — Allegra praticamente grita para mim, seu rosto iluminado pelo sorriso alarmado. — Que a Viola se veste de homem para atuar na peça?

— Sim. — Anuo retribuindo o mesmo ânimo dela, já conseguindo captar sua ideia.

— É isso. — Ela anda para o meio do escritório e explica, euforicamente, para Matt e Phelipo. — Josephine sairá do palácio se passando por um guarda.

— Você não vai aceitar essa loucura. — Phelipo murmura e eu nem perco tempo discutindo. Preciso ajudar a lapidar a ideia.

— Mesmo assim, vai dar foco em um único guarda deixando o palácio. — Matt opina e isso faz sentido. — É suspeito, alguém pode te seguir.

— Não se estiverem saindo dois guardas me escoltando. — Allegra elabora melhor a ideia.

— Isso! — Vibro enlouquecida de felicidade. — Eu e Matthew nos vestiremos de soldados.

— Josephine, você não vai dar crédito a essa loucura. — A voz de Phelipo está mais alta, denotando sua revolta. Viro-me para ele.

— Não vou discutir com você. Pode ficar com raiva de mim, se quiser. Mas não vou voltar atrás. — Olho para o casal Matt e Allegra. — Por favor, traga um uniforme da guarda real que se aproxime do meu tamanho e você se vista também.

Ele olha para Phelipo esperando um consentimento da parte dele, me fazendo perder a paciência.

— Vai, Matthew! — grito. — Não espere que ele concorde, Phelipo não vai te dar uma aprovação.

Como Phelipo não diz nada e se preocupa apenas em me fuzilar com os olhos furiosos, Matt sai correndo do quarto.

Phelipo pega o celular, digita um número e poucos minutos depois está falando com Levi. Ele se rendeu, sabia que não tinha alternativa. Aquelas armas apontadas para as famílias na verdade estão apontadas para o rei e ele sabe que qualquer passo em falso pode fazer uma delas disparar.

— Ela estará vestida de guarda. — Ele fala rudemente ao celular. — Espere-a na casa da Allegra. Essa é a chance de mostrar sua lealdade, Levi. Se você for um safado traidor eu acabarei com você. — Phelipo fica de olho no chão ouvindo Levi falar, provavelmente o convencendo que é inocente e algo que diz o faz fechar os olhos e praguejar baixinho. Em seguida diz: — Okay, me explique tudo quando voltar. Traga Josephine de volta sem um arranhão. — Ele desliga e levanta seus olhos nublados sem se importar em esconder a raiva que sente; ao contrário, querendo mostrá-la.

Quando Matthew volta, quase meia hora depois, já vestido com uniforme da guarda real, eu

entro no closet com Allegra para me preparar. Phelipo vai para a porta do closet e fica como um fantasma ameaçador me encarando.

— Okay. Agora dobre um pouco aqui. — Allegra se ajoelha me ajudando a dobrar a barras da calça que ficaram grandes, por cima das botas. Em seguida, em frente ao espelho, me ajuda a prender os cabelos e colocar o quepe por cima. Ela se afasta para me olhar.

Não ficou convincente, posso ver, mas não dá para negar que parece um guarda de longe.

— Estou pronta. — Coloco meu celular e algumas coisas em minha bolsa e entrego a Allegra. — Você leva. — Ela ajeita a bolsa no ombro, sai em passos rápidos e vai conversar com Matt.

Eu caminho até Phelipo, parando em sua frente.

— Me deseje sorte — sussurro.

Ele permanece paralisado com olhar duro e não faz nenhum movimento.

— Voltarei, espere por mim — prometo, acaricio de leve o ombro dele e saio para seguir Matthew e Allegra. Todavia, não chego à porta do quarto, Phelipo me puxa e quando eu me viro, ele tem os olhos encharcados; vejo a dor, a raiva e o medo em seu rosto, tudo junto em uma grande profusão.

— Claro que esperarei pela mulher que amo... e que me faz sentir amado. — Sou pega desprevenida, mas nem tenho tempo de reagir. Ele me puxa e aperta em seus braços. Seu calor junto ao cheiro familiar que me dá uma sensação de calma e aconchego me faz agir automaticamente e devolver a declaração:

— Eu nem preciso expressar com palavras o quanto te amo. É isso. — O aperto de volta como se quisesse fundir nossos corpos; descanso o rosto em seu peito, escutando as batidas do seu coração e usando esse som para me dar mais força. Nos beijamos docemente em seguida e, quando nos afastamos, ele limpa minhas lágrimas, sem se importar com as dele.

Me presenteando com um sorriso, sussurra: — Você está se mostrando uma verdadeira Satã. Vá, garota, você tem mais que "boa sorte", tem o coração do rei.

— Obrigada... por confiar em mim. — Seguro apertado as duas mãos dele, beijo cada uma delas e me afasto. — Ainda terá muito que me aturar, alteza. — Eu digo e rimos juntos, com lágrimas nos olhos.

— Majestade, por favor. — Ele corrige, me fazendo rir mais. Saio do quarto seguindo Allegra e Matthew, que me esperam no fim do corredor. Phelipo fica lá com sua bengala e sua pose aristocrática, parado nos olhando e levanta sua mão a meia altura, dando um até logo para mim.

Escolha suas últimas palavras

Esta é a última vez

Porque você e eu

Nós nascemos para morrer

Born to die – Lana Del Rey

57

O GRANDE SEGREDO



JOSEPHINE

Saímos do palácio sem enrolar muito; andamos de cabeça erguida enquanto atravessávamos o pátio para não demonstrar a apreensão que sentimos. Me sinto gelada quando passo perto da minha mãe e ela fica nos encarando.

Planejamos que o carro tinha que estar fora do palácio para as pessoas poderem ver que estavam saindo dois guardas. E foi feito dessa forma.

Phelipo mandou que um soldado levasse um carro oficial e estacionasse nos portões principais do palácio, onde tinha maior ajuntamento de pessoas e repórteres.

Allegra vai na frente e eu e Matt um pouco atrás. Faço de tudo para parecer ter uma postura masculina. Atravessamos o jardim, toda a passarela e chegamos ao portão. As pessoas se aglomeram quando os soldados abriram para a gente passar. Eu mantenho o olhar fixo no chão e, para dar um pouco mais de credibilidade, Allegra para diante dos repórteres para tomar o foco de todos eles e eu poder entrar no carro parado. Ninguém se importa com os dois soldados saindo com ela.

Ela é muito convincente explicando rapidamente:

— Sou dama de companhia da rainha. Tive autorização para ir à minha casa visitar minha mãe, que não se encontra bem por tudo que está acontecendo. Isso é tudo. — Matt a cobre e a faz entrar no carro.

— Será que deu certo? — Allegra pergunta, olhando para trás. Matt, ao volante, está muito tenso passando entre as pessoas que fazem vigília nas ruas laterais e próximas ao palácio.

— Sim, parece que sim. Não creio que os criminosos se importaram com a saída de Allegra; mesmo assim, devemos manter o jogo.

— Vou ligar para minha mãe e dizer que estou chegando, para ela esperar. — Allegra diz e pega o celular.

Eu torço meus dedos, abalada com tudo. Meus tímpanos pulsam, tamanho é meu nervosismo. Ver todas aquelas pessoas na porta pedindo uma atitude de Phelipo e somando com a nossa despedida me causa náuseas.

O plano básico que traçamos era de irmos para a casa de Allegra. Chegando lá eu seguiria com Levi para o endereço descrito no cartão. Allegra e Matt nos esperariam na casa dela para voltarmos novamente ao palácio, da mesma forma que saímos.

E assim se fez.

Sozinha com Levi, em um carro comum, seguimos para o endereço onde o grande segredo nos espera.

Eu estou tremendo muito, deitada no banco de trás para não ser vista por ninguém. Ainda usando a roupa de soldado que, por sinal, esquenta horrores, me fazendo derreter. De nervosismo e calor.

Eu tenho vontade de chorar, gritar e correr tentando acordar desse pesadelo, mas preciso ser forte. Agora está tudo em minhas mãos, nenhum momento foi mais importante que esse. Para o país e para o homem que amo.

— Majestade. Precisamos convocar os soldados que foram afastados e trocados por outros. — Levi diz enquanto dirige.

— Por quê? Descobriu algo?

— Sim. Eu contei ao rei quando nos falamos por telefone uma hora atrás. Descobri que há milicianos dentro do palácio. Eles foram trocados pelos soldados reais, com aquela suspeita de traidores. Provavelmente o Dino fez isso.

O pânico me faz sentir em estado catatônico.

— Como assim? Com que intenção?

— Não sei ainda, eu estava investigando. Ainda estou. Tem a ver com toda essa baixaria de sequestros.

Me sento aterrorizada no banco de trás.

— Meu Deus! Phelipo, minha mãe, Alexei...! Estão lá dentro. Eles correm risco, Levi.

— Eles ainda não correm perigo. Ao menos eu acho. — Levi tenta demonstrar que está calmo, mas pelos seus olhos vistos do retrovisor e sua voz, sei que está tão aterrorizado quanto eu. — Não descobri muito, e não sei por que invadiram e estão calados. Mas creio que essa invasão é apenas um plano B. Caso Phelipo não aceite a renúncia. Ou...

— Ou o que, Levi? — Minha voz quase não sai.

— Ou Phelipo renunciará e será atacado em seguida, por isso temos que agir o mais depressa possível. Os criminosos disfarçados de guardas são do turno da noite, os que estão lá nesse momento ainda são confiáveis.

Devastada com essa notícia, me calo e volto a deitar no banco de trás. Não acredito que estamos passando por esse pesadelo. Agora eu que gostaria de fugir daqui e viver em um lugar sossegado, sem guerra. Não vou conseguir me perdoar se algo acontecer a Phelipo ou minha mãe, lá dentro do palácio com os inimigos tão perto deles.

Agora tudo faz sentido. Foi por isso que Jasmim precisou ser pega naquela noite. Ela não queria colocar escuta coisa nenhuma, ela queria justamente que pegassem ela. Para toda a guarda do turno da noite ser colocada em dúvida e serem expulsos e trocados pelos inimigos. Dino armou tudo e, para ele ter esse poder, Levi tinha que ser expulso.

— Como descobriu? — pergunto a Levi.

— Pelo veneno que foi administrado no cavalo. Eu rastreei e descobri que Dino comprou desse mesmo veneno. E então eu o segui quando fui expulso do palácio, roubei seu celular e vi tudo nas últimas mensagens que ele não tinha apagado. Ele se comunica com alguém apelidado de Soberano.

Minha mente está em confusão total.

— Jesus! — exclamo em choque. Foi algo planejado há tempos, muito bem organizado. Eles vão conseguir o que planejaram. Espero que esse segredo seja muito bom para que eu possa salvar o trono e as nossas vidas.

E quem será esse Soberano?

***

Paramos diante do prédio. Antes de eu descer, Levi verifica se está tudo limpo e se não tem vestígios de alguém nos seguindo. Quando ele tem a certeza que está tudo bem, abre a porta para mim e saio, atravessando a rua ao seu lado e entrando o mais rápido que posso no prédio. É algo como uma agência de correio, mas particular.

Um homem me olha intrigado, atrás de um balcão e eu abaixo os olhos.

— Precisamos acessar um cofre particular. — Levi fala.

— Claro. Tem a senha? — Entrego o cartão a Levi, mantendo um pouco de distância do balcão, despistando olhando para o chão, de costas para o homem. Ele digita algo no computador e diz para Levi:

— Pode entrar à direita na primeira porta. Alguém vai te levar aos cofres particulares.

— Obrigado. — Sigo Levi, entramos onde o homem informou e uma mulher sorridente nos atende e nos guia até uma parede cheia de gavetas de cima a baixo, com numerações e chaves.

— Creio que o senhor tenha a chave.

— Tenho sim. — Levi confirma e ela assente. — Fique à vontade.

Tremendo muito, procuro o número correspondente e, quando encontro, tenho dificuldade em abrir. Levi me ajuda forçando a chave e empurrando a tampa quando destranca. Meu coração parece que vai explodir de ansiedade.

Dentro há um bilhete. Pego e leio. Pareço uma pessoa vendo comida depois de dias passando forme.

“Se você chegou até aqui, as coisas não devem estar muito boas para o rei. Venha imediatamente a esse endereço e te daremos a resposta.”

O endereço não é daqui de Del Rey. É de uma cidade vizinha a uns trezentos quilômetros daqui.

— Temos que ir. — Guardo a caixinha e saio correndo, mas Levi me segura.

— Tem certeza?

— O que temos a perder, Levi? Voltar ao palácio e nos render?

— Não tem como isso ser um truque dos inimigos?

— Não. Quem me deu isso foi Dália; Phelipo tem confiança nela. Vamos agora viajar e descobrir quem está nesse endereço.

Ele apenas assente e sai comigo.

Já quando estávamos no caminho, pegando a estrada, envio uma mensagem para Phelipo:

"Não se preocupe. Está dando tudo certo."

"Onde você está?" — Ele pergunta.

"Cuide de Alexei e da minha mãe. Mantenha-se atento, pelo amor de Deus. Estamos chegando. Eu te amo."

Envio e escrevo outra rapidamente.

"Desejei tanto poder dizer isso a você. Te amo, Phelipo."

"Também te amo. Estou te esperando."

Meu Deus! Proteja-o. Ele está sozinho naquele palácio, sem ninguém. Matthew, Levi, ninguém E quando anoitecer os guardas serão trocados pelos inimigos. Limpo uma lágrima e peço fervorosamente aos céus que o protejam enquanto eu busco uma solução. Eu não disse nada a Levi, mas havia algo mais no bilhete que guardei para mim.

"... Para ter certeza que inimigos não tenham pegado esse bilhete, temos uma frase de segurança que somente o rei ou seu filho podem saber. A última frase dita pelo príncipe Dominic."

***

A viagem foi rápida. Geralmente levaria quatro horas, mas gastamos duas horas e meia. Ele estava correndo e eu não contestei.

Como saímos de Del Rey, fui para frente me sentando ao lado dele. Digitei o endereço no GPS e não demorou muito para chegarmos a uma rua movimentada de um bairro periférico. Tinha muita gente circulando por ali e percebi que era uma rua comercial. Deixamos o carro na esquina e entramos em uma ruazinha que não passava carro. Em frente ao endereço descrito no bilhete, me surpreendo ao ver uma mercearia.

Eu e Levi entramos e uma senhora sentada em uma cadeira confortável atrás de um balcão nos olha, pouco interessada.

— Bem... eu não sei o que dizer... mas buscamos respostas — digo sem saber exatamente o que falar. — Pegamos o endereço daqui em um cofre de uma agência em Del Rey.

O interesse surge rapidamente nos olhos dela. Ela olha para mim e depois para Levi e de volta para mim. Permanece de cara amuada.

— Vai dizer apenas isso?

Eu não tinha certeza, mas era tudo que eu tinha naquele momento. Então cruzo os dedos e falo, gaguejando:

— Na festa da cabeça... monte seu exército e não confie em ninguém.

A velha sorri e não diz nada. Se levanta andando para uma porta. Eu e Levi nos entreolhamos e não resta alternativa a não ser seguir. Ela atravessa um corredor, sai em um depósito com muitos sacos de farinha e pacotes de mantimentos, e abre outra porta. Toca um botão no canto da parede, espera um pouco e então uma porta de metal semelhante a de um elevador começa a se abrir. Ela sorri e fala:

— Esperamos até o último momento, pois sabíamos que alguém viria resgatar, por sorte ainda há tempo para o rei contra-atacar. — Ela mostra a porta aberta para a gente passar.

Engulo seco e entro ao lado de Levi. Chegamos a uma porta comum, branca, parecendo de apartamento. Lá atrás, no corredor, a porta de metal se fecha; dou três toques na porta branca sem saber o que esperar.

E nada me prepararia para o que vejo quando ela se abre. Eu preciso me segurar para não cair.

A rainha Helida está de pé à minha frente e, lá atrás, em pose de ataque, segurando uma pistola, está um homem alto, barbudo e com cabelos grandes; nem preciso chegar perto para reconhecer. Mais vivo do que nunca, o príncipe Dominic.

58

O ACORDO



POV | HELIDA

Naquela noite, quando entrei no quarto, não estava tranquila e Alfred percebera no momento em que olhou meu rosto. Tínhamos uma ligação única e especial, ocasionando assim a percepção de emoções escondidas, bastando um simples olhar.

Durante muito tempo guardei um segredo obscuro do meu marido, quando ainda éramos recém-casados, e foi o maior erro da minha vida; naquela época eu era fria e calculista e consegui com perspicácia fazê-lo acreditar no que eu queria. Todavia, naquela noite, eu não conseguia disfarçar meu nervosismo. Tínhamos vinte anos juntos e com o tempo passamos a conhecer qualquer piscar de olho diferente um do outro.

— Aconteceu alguma coisa? — Ele me encarou intrigado, por cima dos óculos de leitura.

Sim. Acabo de ouvir seu irmão ao telefone e estou tremendo.

— Não. Está tudo bem. — Sorri e desviei o olhar. Mas eu precisava de algo para convencê-lo da minha apreensão. Virei novamente e falei: — Quer dizer... estou preocupada com Phelipo... esse problema dos pés gelados. Morro de preocupação.

— Ah, não fique assim, querida, você ouviu o que o médico falou, é algo que não atrapalha a vida dele.

Fingi uma risada e assenti, abraçando meu corpo.

— Coitado do meu filho, vai espantar suas pretendentes por ter que dormir de meias.

Alfred se levantou e veio até mim. Retirei seus óculos para olhar dentro de seus olhos. Os olhos que saíram impressos em Phelipo mas não são iguais aos de Dom, que por sorte vieram da minha família.

— Ele tem charme para compensar as meias. — Alfred contestou e eu anuí. Beijei-o tentando parecer normal naquele momento.

Na mente ainda chacoalhavam as palavras que ouvi da porta do quarto onde Domenico estava. Ele estava ficando em outra ala do palácio e era perto da biblioteca. Eu estava saindo de lá quando passei pelo seu quarto e ouvi:

"Eu já falei para não me ligar aqui, porra! Eu é que sempre irei ligar, de um telefone

público." Ele fez uma pausa, ouvindo o que a pessoa dizia, e falou em seguida: *"Sim, eu avisei que é perigoso. Se meu irmão sonhar, eu estou completamente perdido, e nenhum de nós queremos uma acusação de conspiração... sem nem ter feito nada ainda."* Risos a seguir.

Eu decidi naquela noite que iria investigar o que estava acontecendo. Era estranho Domenico vir morar no palácio quando tinha sua própria casa. Ele estava conosco há alguns meses e isso tinha deixado Alfred e os meninos felizes. E por isso, eu sabia que acusar ele sem provas só faria meu marido ficar receoso e talvez com raiva de mim e nunca do próprio irmão.

Se eu tinha ouvido certo, era meu dever como rainha proteger o país e minha família de qualquer tipo de conspiração.

Os dias se passaram e comecei a enxergar coisas que não tinha ainda visto, entretanto depois de escutar a conversa, estava ali na minha frente o tempo todo: o jeito rude que Domenico se dirigia, às vezes, a Alfred, a maneira que ele demonstrava revolta silenciosa quando Alfred tinha algo para resolver, como o rei do nosso país, e até a forma que ele tratava os nossos funcionários.

Domenico era um ser invejoso e rancoroso. Mas nenhum de nós tínhamos culpa de ele ser apenas um príncipe sem nenhum tipo de poder.

Eu consegui provas concretas um mês mais tarde.

Ele havia saído para caçar com Alfred e os meninos e eu entrei em seu quarto. Temos um código de honra de respeito com o ambiente de cada membro da família real, mas não era o momento de eu olhar para protocolos.

Se houvesse uma prova, ele não deixaria em qualquer lugar, claro, e por isso procurei em lugares mais improváveis. E encontrei. Duas correspondências que ele recebera. Era algo aterrador. Não mostrava muita coisa, mas o suficiente. Alguém estava solicitando um mapa do palácio e dando algumas dicas de como infiltrar milícia entre os guardas no palácio e, ainda, a escolha do dia da festa da cabeça como o melhor dia para o ataque; por fim, algo que eles tinham que pensar para desaparecer com Phelipo.

Meu coração gelou ao ver que a conspiração era apenas contra Alfred e Phelipo. Não havia algo mais, eram coisas difíceis de entender, porém, se eu mostrasse a Alfred, ele entenderia.

Fui ao meu quarto, peguei uma câmera fotográfica e fotografei as cartas para começar a arrumar meu acervo de provas que o incriminariam. Eu teria que ser rápida, afinal a derrocada estava marcada para dali a um mês.

Fui ao encontro de uma das únicas pessoas que eu tinha confiança ali, a não ser meu marido. Dália era minha dama de companhia e minha amiga desde que vim para o palácio quando Dom nasceu.

— Helida! Por Cristo! — Mostrou-se pasma com a mão na boca. — O que vai fazer? — Ela estava desestruturada, mais que eu mesma, assim que contei tudo que tinha descoberto.

— Preciso agir. Preciso ter mais provas e mostrar a meu marido.

— As tais fotos que você tirou não são o suficiente? Precisa revelá-las urgentemente.

— Não. Não são. Preciso de mais. Precisamos ficar de olho em tudo que Domenico faz. — Voltei-me para ela e quase implorei. — Por favor, estou sozinha nessa. Me ajude, estou em pânico, é a vida do meu filho em risco.

— É lógico que ajudarei. Será a vida de todos nós se essa invasão acontecer.

— Não vai acontecer, Dália. Vamos agir antes.

E desse dia em diante passamos a ficar de olho na entrega de correio.

Dália era funcionária e tinha mais espaço no palácio, circulando em todas as áreas de trabalho, para espiar e pegar as cartas antes de Domenico.

Eu estava lá sempre verificando e abrindo meticulosamente cada correspondência e tirando fotos delas. Fortalecendo minha acusação, quando enfim eu o confrontasse na frente do meu marido, para ele não ter como escapar.

Ele tinha total controle de tudo e estava muito tranquilo, pois sabia que no palácio havia protocolos demais a serem seguidos, que impediriam qualquer um de bisbilhotar suas coisas, ainda mais correspondências. Ele era um príncipe, irmão do rei. Quem iria investigá-lo? Seria inclusive uma infâmia caso algo assim se levantasse contra ele.

E por que ele não tinha ido planejar em outro lugar?

Supus que era mais fácil ele estar com a gente e ser uma espécie de vítima sobrevivente, para não levantar suspeita quando acontecesse a invasão ao palácio e o rei fosse morto junto com um dos príncipes.

Sim, apenas um seria morto, meu filho mais novo. E eu sabia exatamente por quê. Dominic não representava perigo ao tio, e eu não sabia se ficava triste ou feliz, uma vez que meu filho mais velho seria poupado, todavia mostrava que um inimigo sabia do segredo que eu escondia com minha própria vida.

Revelei todas as fotos, fiz cópias delas e tinha que entregar a pessoas de confiança para que pudessem interceptar, caso algo acontecesse comigo.

Dália não recebeu, uma vez que seria a primeira suspeita.

Esperei meu marido sair, me vesti com roupas simples e caminhei para fora do palácio, atravessando o pátio externo, passando pela grande área de recreação e chegando ao lugar onde eu sabia que ele estava trabalhando naquela noite.

Era o chefe da guarda real e praticamente o braço direito do meu marido. Amigos desde o exército, e foi a minha perdição quando o vi pela primeira vez.

Tínhamos seguido nossas vidas porque era errado dos dois lados. Eu era a futura rainha e ele estava prestes a se casar. E, vinte anos depois do nosso primeiro encontro, ele tinha se tornado pai de uma bela garota que jamais saberia que era irmã de sangue de um dos herdeiros ao trono.

Petrônio D'Angelo, general honrado, tinha um elo comigo. Ele me viu aproximar e se retesou intrigado com minha visita.

— Precisamos conversar — falei imediatamente. Eu tinha pouco tempo, ninguém poderia me ver por lá no fundo do palácio, falando com um oficial.

— Majestade...

— Sem cerimônias, Petrônio. O caso é sério e confio em você para me ajudar.

Ele olhou para os lados verificando se não estávamos sendo observados e fez um sinal para que eu o seguisse. Atrás do pomar, estendi a ele o envelope com as fotos das cartas de Domenico.

— Essa é uma prova de uma conspiração contra o rei. Se algo acontecer comigo, precisa mostrar isso a ele.

— De que está falando? Conspiração? De quem?

Foi minha vez de olhar em volta, verificando se era mesmo seguro. Respirei fundo e falei baixinho:

— Domenico. Ele está armando uma invasão para acontecer no dia da festa da cabeça e deseja matar meu marido e meu filho Phelipo. Assim, o caminho fica livre para ele subir ao trono.

Petrônio nem perguntou por que Dom não estava na lista para ser aniquilado, sua indagação foi em outro rumo:

— Ele sabe sobre eu e você... e sobre Dominic?

— Provavelmente. Fomos falhos em esconder.

Passou as mãos no rosto, olhou para cima e exalou quase dolorosamente, tudo isso mostrando o quanto estava mexido e totalmente abalado.

— Tudo bem. Vou analisar isso com calma quando chegar em casa. — Enfiou o envelope na farda e me fez quase chorar com seus olhos nostálgicos e tristes. Eu queria abraçá-lo em gratidão, mas ficamos afastados em silêncio, nos olhando. Então ele prometeu: — Farei de tudo para salvar o rei e o país. Confie em mim.

— Sempre confiei.

Eu estava pronta para enfrentar Domenico e expor toda sua armação nojenta. Petrônio me ajudou a organizar as ideias e marcou comigo e Dália um dia para contarmos ao rei. Ele estaria com a gente, de testemunha. Não seria só eu.

Mas algo deu muito errado.

Eu fui descoberta.

Domenico me esperava na biblioteca quando entrei. Ele bateu a porta me fazendo dar um gritinho, e se recostou nela, me fitando com seus olhos de rapina. Me refugiei atrás da mesa, morrendo de medo. Sim, o medo tomou cada célula do meu corpo, eu queria ter tempo para ao menos avisar Phelipo. Ele tinha dezesseis anos e com certeza acreditaria em mim. Mas, pela cara de Domenico, eu não teria essa oportunidade.

— O que está fazendo? — Tentei me fazer de desentendida e ganhar algum tempo; eu poderia gritar ou pular a janela, mas tinha grade. Ele caminhou lentamente até a mim e, sorrindo vitorioso, falou:

— Uma mulher traída descobriu que o marido dela andou se encontrando com a rainha. Aretha veio me dizer que vocês estão armando contra mim. — Curvou o pescoço de lado, sem deixar o sorriso maldoso. — Isso é sério, Helida?

— O quê? Ela está mentindo...

— Eu tinha notado que alguém estava me vigiando, só não tinha ainda descoberto quem era. Até pedi para não mandarem mais correspondências para cá. — Balança a cabeça negando, puxa a cadeira e senta relaxado. — Tsc, tcs. Helida, minha cara Helida. Você está em maus lençóis.

Decidi jogar o papel de sonsa para o lado e me expor. Eu tinha segurança, eu tinha cópias das provas em mãos de pessoas de confiança e poderia acabar com a vida desse desgraçado.

— Você tem um dia para levar sua presença podre para longe da minha casa e dos meus filhos, está entendendo? — rosnei em sua cara.

Então, seu olhar se inflamou e a fúria banhou sua face. Me animei, me sentindo a dona da jogada.

— Você não achou que poderia vir aqui armar contra minha família e sair impune, não é? Seu pedaço de merda. Eu quero ver você em um tribunal pagando pelo que fez, ou que pensou em fazer.

— É? — Sorriu sem se alterar muito com minhas palavras. — O que seu marido vai dizer quando souber que o filho que ele tanto ama, que é o predestinado ao trono, na verdade é filho da porra de um soldado? Fruto de um vergonhoso adultério?

Congelei no mesmo momento e senti meu coração falhar uma batida. Recuei e minha armadura de ataque caiu por terra. Ele se levantou e seus olhos azuis brilharam, cheios de ódio. Deu a volta na mesa e ficou em minha frente.

— Vá, conte a seu marido. E eu farei da vida dele um inferno. E será mais fácil. Eu tenho outros aliados, posso ser preso, mas meu legado continuará. Alfred estará destruído com as boas novas, o povo não aceitará Dominic, o bastardinho...

— Não fale assim dele! — gritei e minha mão voou para acertá-lo no rosto, mas conseguiu se defender.

— Bastardo sim! — Domenico berrou de volta. — Ele será humilhado nesse país, e você? Estará longe do palácio, divorciada. Será mais fácil pegar Phelipo em uma emboscada. É isso que quer, majestade? O fim de sua preciosa família? Tudo por sua culpa?

— Você não tem prova alguma! Será sua palavra contra a da rainha.

— Mas um assunto assim será o suficiente para o conselho exigir um exame de paternidade para comprovar a sucessão do trono. Eu estarei rindo, vendo seu marido e seu filho sendo desmoralizados. Dom se acha o príncipe e na verdade é um bastardo filho da puta.

Eu tinha fracassado. Estava em pânico. De qualquer forma sairia perdendo. Pensar em minha família destruída dessa forma, com meu filho sendo motivo de chacota pelo país e sem o apoio do rei, me fez repensar meu plano. Abaixei a cabeça, rendida.

— O que você quer?

Ele riu. A gargalhada mais escrota e nojenta que já escutei. Minhas lágrimas eram de ódio. Eu estava pagando pelo meu erro do passado.

— Talvez possamos fazer um acordo. — Domenico se afastou e deu uma voltinha pelo ambiente. — Não quero ir para trás das grades. Mesmo que eu continue com o plano de matar geral, serei facilmente descoberto, pois você e a vadia de sua amiga armaram contra mim.

— Sim. Não importa o que fizer, as provas aparecerão.

— Okay. Mas não aceitarei que você permaneça aqui. Vá embora, suma daqui com tudo que você sabe sobre mim, e eu também me afastarei. É pegar ou pagar para ver.

— Isso é um absurdo. Não vou embora... meus filhos...

— Ah, vá se danar. Que porra de filhos que nada. Você é uma piranha vagabunda que abriu as pernas para o primeiro soldado que viu. Então encare isso. Eu recuo com meus planos e irei viver longe, mas você não vai continuar aqui com tudo que sabe sobre mim. — Após mais uma risada, emendou: — Bendita Aretha que abriu meus olhos.

— Como posso ter certeza que você não está blefando?

— Não vou pagar para ver, assim como você não vai. Você tem cópias de meus planos e eu sou muito novo ainda para passar o resto da vida preso. O trono ainda não vale esse sacrifício. Ainda. Todavia, se você teimar, eu cairei, mas cairei atirando e tenha certeza que um de seus queridos filhos sairá alvejado.

Eu estava convencida. Não precisei pensar muito para fazer o que deveria ser feito.

Naquela mesma noite eu fui embora sem me despedir deles. Eu nunca chorei tanto na minha vida. Fui ao quarto de Phelipo e o fiquei olhando por algum tempo, aquele garoto alto e magrelo, dormindo de cueca e meias listradas. Ri chorando e o cobri com o cobertor. Dei um beijo em sua testa em seguida.

Deixei um bilhete para ele e parti sozinha, disposta a fazer tudo para pegar Domenico de alguma forma.

Ele cumpriu com sua palavra e também foi embora, um mês após minha partida. Ele poderia continuar com o plano, mas sabia que, com provas de sua conspiração rodando em mãos desconhecidas, era arriscado demais.

Sozinha, eu tinha que reconstruir minha vida e fazer de tudo para não ser encontrada. Voltei escondida, anos depois, para o velório de Petrônio e tentei falar com Alfred. A morte era suspeita, tinha certeza que ele tinha sido assassinado. Eu estava devastada, assim como a viúva e a filha adolescente.

Os garotos não estavam presentes e foi bem mais fácil para eu abordar o rei. Alfred ficou furioso quando me viu e não quis me escutar. Eu agarrei em sua roupa, em desespero; sentia meu sangue esquentar meu rosto, a raiva me corroía.

— Você corre perigo, você e nossos filhos. Pelo amor de Deus, me escute. Há uma tentativa de conspiração. — Ele arrancou minhas mãos de sua roupa, com repulsa.

— Eu acabo de perder um amigo, será que pode deixar de ser cretina e sumir novamente?

— Alfred, pelo amor de Deus! Seu irmão quer...

— GUARDAS! — Ele gritou e imediatamente vários homens avançaram para cima de mim Não tive chances de entregar nada a ele. Até tentei, joguei o envelope, mas um jovem que andava com ele apanhou o envelope e o rasgou todo em minha frente, jogando na minha cara. Ainda ouvi a ameaça do homem que foi meu marido por anos:

— Se tentar se aproximar mais uma vez de mim ou dos garotos, acabo com sua vida e inventarei a maior mentira para eles te odiarem para sempre. Adivinha em quem vão acreditar?

Não desisti. Continuei mandando anonimamente as provas para ele. Mas nenhuma reação aconteceu. Supus que ele não acreditou ou que nunca as recebeu.

Anos mais tarde, Domenico voltou a atacar. Eu sabia que era coisa dele quando vi na televisão a notícia do acidente de Phelipo. Ele iria matar meu filho de qualquer forma e eu tinha que achar alguém para me ajudar. Mandei uma mensagem secreta por Dália, para entregar a Dominic; teria que ser meu novo aliado, eu iria revelar tudo a ele. Era missão dele salvar o irmão e o filho pequeno, que lutava pela vida no hospital.

59

ME SALVAR



POV | DOMINIC

Entrei desesperado e escoltado no hospital para onde trouxeram Mariah e Alexei, sem pensar em outra coisa a não ser fazer o possível para salvá-los. Eles eram minha vida, a razão de eu ainda respirar e naquela noite a dor me consumia mais do que eu conseguia assimilar.

Disseram que Phelipo estava com eles no carro, todavia nada do que dizia respeito a ele me importava naquele momento. Eu estava com raiva do meu irmão, uma vez que não conseguia entender o motivo de minha esposa e filho estarem com Phelipo em um carro, debaixo de uma chuva torrencial. Sabia apenas que ele tinha sido um babaca, brigado com meu pai e saido do palácio.

— Alteza, sua esposa está sendo preparada para a cirurgia nesse momento. — Um médico apareceu em minha frente.

— Preciso vê-la. Não me negue isso — implorei a ele. — Por favor, preciso apenas olhar para ela.

Vendo meu tocante desespero, ele assentiu e praticamente correu, fazendo eu o acompanhar a passos apressados.

Quando cheguei à sala em que ela estava sendo estabilizada para a cirurgia, quase desisti ao ver várias pessoas ao redor da cama. Havia sangue em sua roupa, o rosto deformado por hematomas e seu peito ofegava como se estivesse muito cansada. Ela girava a cabeça de um lado para o outro, como se procurasse algo. Ainda estava consciente.

Me aproximei tremendo, quase vacilando minhas emoções; então seus olhos, um pouco anuviados, pousaram em mim. Segurei sua mão fina e delicada e chorei copiosamente. Mariah pareceu ganhar um pouco de força ao me ver e abriu os lábios em desespero, querendo falar. Me aproximei mais até sua boca e ela murmurou fracamente apenas para eu ouvir:

— Me perdoe... eu te amei de verdade, mas ... fui obrigada a fazer tudo. Me perdoe... — Ela chorou e eu estava confuso, sem saber o que falar. Tomou fôlego uma última vez e o médico interceptou dizendo que ela precisava ser levada. Mariah segurou na minha mão com suas últimas forças e terminou, quase inaudível: — Phelipo... é a chave de tudo. Eles o querem. Fuja... Dom.. fuja com Alexei.

Essas foram as últimas palavras dela para mim. Colocaram a máscara de oxigênio nela, mas continuamos nos olhando por alguns poucos segundos até o médico dizer que ela precisava ser

operada naquele instante. Mariah estava com uma grave hemorragia. Fiquei no mesmo lugar paralisado, olhando-os se afastarem levando-a dali.

Alexei estava também lutando pela vida, em estado grave. Supunha-se que ele estava no banco da frente no colo de Mariah, pois ficou preso às ferragens e corria o risco de perder uma perna.

Mariah faleceu minutos depois do início da cirurgia. E eu tentava me agarrar na esperança da sobrevivência do meu filho. A dor era minha única companheira, e a solidão a única a me entender por completo, porque naquele silêncio da sala de espera, com lágrimas quentes ensopando lenços, minha solidão era o mais caloroso abraço de afago que eu poderia receber.

Naquela noite, passei sozinho na sala de espera do hospital, com apenas os guardas me velando. Não tinha mais lágrimas e nem maldições para blasfemar contra meu destino. Phelipo estava fora de perigo, tinha saído bem da cirurgia e estava se recuperando. Meu pai tinha ido vê-lo, mas eu não quis saber.

O que todos estavam comentando era que minha mulher tinha um caso com meu irmão e eu não queria pensar naquilo em um momento tão complicado. Entretanto, as palavras dela não saíam de minha mente, me pedindo perdão e dizendo que tinha sido obrigada.

Obrigada a quê?

Mesmo relutando, cheguei à conclusão que eu jamais saberia do que Mariah estava falando.

Mas não foi o que aconteceu no dia seguinte. A resposta que eu precisava enfim veio. Era meu destino saber de cada coisa que acontecera pelas minhas costas; nem precisei ir atrás, tudo veio em minhas mãos.

Eu precisava ir para casa, descansar e me preparar para o velório de Mariah. Como Alexei estava estabilizado, eu decidi deixar o hospital por alguns instantes.

Minha vida desmoronava, meu paraíso perfeito estava se transformando em um lamaçal de areia movediça que me engolia a cada segundo para um inferno mais aterrador.

Tudo em mim queria explodir e sumir para não encarar todas as pragas que estavam vindo. Mas eu ia permanecer forte até o último momento e essa força de pensamento positivo foi essencial para não me deixar perder o juízo.

Dália foi a primeira a me cercar quando cheguei. Ela era íntima de mim e do meu irmão, tratávamos como uma tia, e não vi problemas em deixar que ela viesse até mim em meus aposentos, provavelmente para me dar condolências.

— Oh, alteza... eu sinto muito. — Ela me abraçou apertado e eu pude sentir enfim um calor aconchegante. Desde que tudo acontecera, todos haviam me tratado com muita cerimônia e distância, como se eu fosse um robô. Apenas Dália contribuiu para minha dor ser liberada.

— Obrigado. — Minha voz estava embargada, quase balbuciando.

— Você terá que ser muito forte para o que está por vir. — Ela sussurrou após nosso demorado abraço.

— Eu sei. — Assenti.

— Não. Você não faz a mínima ideia. — Seus olhos me mostravam o quanto ela estava preocupada. — O caso é de extrema urgência. Seu irmão e seu pai correm risco de vida e está em suas mãos protegê-los.

— Como? — Dei um passo para trás. — Dália... que conversa é essa...

— Aqui. — Puxou minha mão e colocou um papel dobrado, fechando meus dedos em seguida, obrigando-me a segurá-lo. — Você precisa me prometer que vai a esse endereço. Lá vai ter alguém com todas as respostas que precisa.

— Respostas? — Abro o papel e leio o endereço. Não é aqui em Del Rey, é em uma cidade próxima. — Sobre o quê? — Levantei os olhos para o semblante tenso à minha frente.

— Sobre sua mãe, o acidente de Phelipo e Mariah, sobre tudo.

— Minha mãe...? — ofeguei. — O que você sabe sobre ela?

— Nada que possa te contar. Mas você vai a esse endereço agora e descobrirá por conta própria o que está acontecendo pelas costas do rei. — Ela caminhou rapidamente para a porta e, antes de sair, falou:

— Ah! Perdoe pelo que vou dizer, alteza. Me perdoe verdadeiramente por parecer insensível com a sua dor. Mas precisamos saber mais sobre Mariah.

— Precisamos? — Eu estava pior que um papagaio, apenas repetindo palavras. Mas minha mente não conseguia assimilar todas essas incoerências.

— Você precisa encontrar alguém da confiança dela que possa te contar o que sua esposa estava escondendo. Estamos confiando em você, alteza.

Eu fiquei bastante tempo olhando para o bilhete com um endereço. Os pensamentos ricocheteando em minha mente como balas de canhão.

E se fosse uma armadilha?

Mas Dália armaria algo assim?

E por que ela faria isso?

Eu poderia confiar na amiga de longa data da minha mãe?

Ou eu deveria apenas ignorar, vestir luto e chorar por Mariah?

O que eu tinha a perder?

Tomei banho, me troquei, afinal ainda vestia a roupa do dia anterior e precisava vestir luto. Rapidamente fui ao quarto de Serena, a dama de companhia de Mariah. Quem mais poderia saber os segredos de minha esposa?

Não estava nos aposentos. A encontrei no pátio do palácio, fazendo orações, voltada para o poente.

— Serena — chamei. Ela virou-se rapidamente, se mostrando surpresa ao me ver. Seus olhos estavam cheios de dor, inchados pelo choro.

— Alteza...?

— Preciso falar com você.

— Sim, senhor.

Ela me seguiu até o escritório, a fiz sentar-se e, diante de sua presença inquieta, falei disposto a ser o mais convincente possível:

— Mariah me disse para procurá-la, foram suas últimas palavras — menti. Foi a maneira que encontrei para persuadi-la.

— Ela disse?

— Sim. Me pediu perdão, disse que fora obrigada a fazer alguma coisa. — Lembro dos boatos que ouvi sobre ela e Phelipo; tomo uma grande lufada de ar, me dando força para dizer e disparo: — Sobre ela e Phelipo... Ela disse que você me elucidaria e contaria tudo que aconteceu.

Ela abaixou a cabeça e limpou uma lágrima.

— Mariah imaginava que algo pudesse acontecer com ela. Achava que poderia ser apenas um peão do xadrez e ser descartada no fim da jogada.

— Como é que é?

— Eu não sei de muita coisa. Mas ela deixou uma carta. Não porque achava que poderia morrer, mas Mariah sabia que quando os segredos explodissem, o senhor deveria saber toda a verdade.

Em mim nem sobrava espaço para mais aflição. Depois de tudo que passei, pensava que nada seria tão espantoso.

Ela buscou a carta e lá estava a letra arredondada de Mariah. Tremendo, eu li cada linha, sendo destruído a cada palavra.

A mulher que eu conheci, me apaixonei e me casei era na verdade uma espiã que fora treinada para vir ao palácio e minar minha relação com meu irmão. O dever dela era fazer nós dois brigarmos perante toda a sociedade. Um de nós seria morto por alguém não mencionado, jogando assim a culpa no outro irmão. E todos acreditariam, afinal a briga seria pública. Segundo a carta, eu deveria ser o ofendido e Phelipo escolhido para morrer e eu me tornar culpado. Sobraria meu pai no trono, que logo seria também assassinado.

Então, eu, como um dos herdeiros, não poderia assumir por estar preso? Não conseguia entender por que só Phelipo e meu pai corriam risco de vida.

Uma briga entre irmãos, para se tornar épica e pública, deveria ser por algo grandioso e então Mariah conseguiu engravidar... não de mim... mas de Phelipo e em algum momento ela mesma iria deixar vazar isso para a mídia e era dessa maneira cruel que eu iria descobrir toda a traição.

Segundo ela descrevia na carta, Phelipo já estava no limite, querendo assumir a criança e ir embora com ela e Alexei. Ele também caiu como um pato no jogo de poder em que Mariah estava inserida.

Naquele momento eu amassei a carta na mão e chorei aos gritos, agachado no canto do nosso quarto. Tive certeza que a dor em meu grito podia ser sentida e não só ouvida pelos corredores do palácio. O desespero de perder tudo em pouco tempo me envolveu e eu só podia me afundar na cólera dos meus sentimentos.

Em dois dias eu tinha perdido tudo de importante. Mariah morrera e na verdade nunca tinha sido minha mulher, foi uma peça de xadrez. Alexei lutava pela vida e não era meu filho...

Eu não tinha mais nada a perder. Fiquei por horas deitado no chão duro, repassando cada momento da minha lastimável existência. É inacreditável como o amor pode ser mais letal que qualquer arma produzida pelo homem.

Quando um grande amor é quebrado, dói bem mais que uma espada transpassada ao corpo.

Sem falar com ninguém, entrei em meu carro e dirigi usando velocidade expressiva. Estava

pouco me importando para o que poderia acontecer. Estava indo acabar de retirar totalmente a casca da ferida, saber os tais segredos que Dália falou e assim sofrer tudo de uma única vez.

Todavia, jamais poderia esperar o que encontrei, ou melhor, quem eu encontrei.

Minha mãe.

Eu me virei no mesmo momento para ir embora. Mas ela se irrompeu na minha frente e se agarrou em mim.

— Por favor, me escute, meu filho! Você é nossa única esperança!

— Me largue! — Tentei tirá-la, mas ela estava determinada. Chorou e continuou implorando.

— Precisa me escutar! Precisa ouvir meus motivos! — E eu escutei. E me arrependi de ter ficado e escutado, porque a dor da verdade acabou com qualquer esperança que eu tinha em algo bom no meu destino.

Ela não trazia boas notícias para mim.

E quando ela me colocou a par de toda a história, desde o início, eu tinha certeza que nossos gritos podiam ser ouvidos do lado de fora do sítio onde ela estava se escondendo. Eu tinha acabado de perder também um pai. O homem que eu amava e admirava profundamente era pai apenas de Phelipo, e a única coisa que eu podia fazer era vegetar, como o inseto inútil que eu era.

Então eu entendia por que só meu pai e Phelipo corriam risco de vida. Eu era um bastardo e, diante das leis antigas, não apto ao trono.

— Eu sei o quanto está sofrendo, meu filho... — Tentou falar comigo depois de me deixar quieto por quase uma hora.

— Sabe? — gritei: — Será que sabe mesmo? O que eu sou? A porra de um bastardo sem ninguém mais na vida. Por sua culpa!

— Sim, foi minha culpa. Tudo é minha culpa, se eu não tivesse me envolvido com o...

— Ah, vá se danar!

— Dom... me escute. Você não perdeu tudo. Você ainda tem a mim, o Phelipo e o Alexei, precisa me ajudar a protegê-los.

— Ajudar? — meu sorriso maldoso de ironia a fez recuar — Você só pode estar de brincadeira com minha cara. Olha para mim! — Berrei revoltado. — Eu fui traído da pior forma possível. Pela mulher que eu achava que amava e pelo meu irmão. Meu tio me usou como peça descartável e tiraram de mim meu filho e agora você arranca meu pai, a única coisa que eu ainda tinha para me agarrar à sanidade. E ainda quer ajuda?

Minha mãe já estava em prantos diante do meu lamento. Eu podia ver que não era algo superficial, era mais que culpa, ela sentia por me ver tão mal.

— Eu também fui obrigada a me afastar de tudo, eu perdi tudo. Minha casa, meu marido, meus filhos, meus pais...

— Por um erro seu! Nem eu e nem o Alexei temos culpa de sermos troféus de adultério.

— Então é isso? Vai mesmo permitir que o desgraçado do seu tio entre no hospital, mate seu irmão, depois mate seu pai e fique por isso mesmo?

Essa suposição fez evocar em meu interior um resquício de racionalidade. Apesar de tudo, ele é o único pai que conheço e ninguém pode tirar isso de mim. Phelipo é meu irmão e também caiu na

armação do meu tio e Mariah. Respiro fundo, tiro um lenço do bolso e limpo as lágrimas. Viro para minha mãe e, em seu semblante destruído, vejo brilhar um pingo de esperança.

— Eu não tenho nada a oferecer, a não ser tentar dar um fim à minha medíocre vida.

— Não diga isso... nem por brincadeira.

Me sento com o rosto nas mãos e penso bastante. O silêncio ajudou em cada peça que consegui arrumar nesse quebra-cabeça todo.

Quando fiquei de pé, minha mãe estava mais calma e sentada em uma cadeira surrada, me olhando atentamente.

— Sim, me matar é a saída.

— Dominic! — Se levantou também, aflita. — Meu Deus, você não pode...

Contra minha vontade, lágrimas deixaram meus olhos banhando minha face.

— Dane-se que estou sendo um bundão covarde. Mas eu quero fugir, mãe. Eu preciso ir embora, eu preciso... sair de lá.

— Não diga isso... — Cúmplice a meu sofrimento, também começou a chorar.

— Eu perdi tudo pelo qual eu tinha forças de lutar, eu quero distância e quero silêncio, para manter minha sanidade.

Com as mãos na boca, ela deixava a tristeza a corroer até não ter forças e sentar no sofá velho.

— Mas não irei me matar, literalmente. — Ela me olhou e eu complementei: — Escute. Se eu me matar por não ter suportado tanto desgosto e Phelipo for embora de Turan, tio Domenico vai fazer uma pausa em seus planos.

— Vai se fingir de morto?

Olhei pela janela a relva verde lá fora, amadurecendo meu plano. Nesse momento o Dominic estrategista estava no controle.

— Até que consigamos montar uma estratégia. Hoje você não tem nenhuma credibilidade com o rei e o povo, então essas suas provas podem não surtir muito efeito. Isso foi há anos... Petrônio... seu... maior aliado, já está morto.

— Então vai ajudar...

— Apesar de tudo, esse país não merece sofrer por consequências impensáveis suas ou pelos planos de um paranoico. Minha educação patriótica não me deixa mandar um foda-se para tudo e sumir no mundo.

— Meu filho... Será mais fácil para o Domenico. Seu pai estará sozinho e ele acabará de vez com o rei.

— Não. Ele não fará isso — discordo no mesmo instante. — Uma vez que tem Phelipo como herdeiro ainda vivo. Se ele matar meu pai, Phelipo assume imediatamente. Nós dois sabemos que Phelipo não quer nada com o trono e nem vai querer depois da minha morte, então tio Domenico vai esperar o momento certo para coagir Phelipo a renunciar. Ele fará isso, convencê-lo será melhor que matar.

— E Phelipo vai aceitar. — Minha mãe deduz.

— Com certeza. Meu irmão estará devastado e se sentindo culpado pela minha morte.

— E você vai... deixar ele sofrer...por algo que é mentira?

— Por quê? — vociferei. — Ele não pode sofrer? Eu fui enganado esse tempo todo por pura safadeza. Meus motivos para enganá-lo são mais nobres.

— Sim, eu sei. Claro, não estou dizendo isso. Apoiarei qualquer decisão que tomar.

— Talvez a dor torne Phelipo um homem melhor e talvez a distância me ajude a curar as cicatrizes.

— Obrigada, eu sei que não mereço, mas obrigada por aceitar...

— Vou garantir que meu tio não vá agir pelos próximos meses, minha morte garantirá isso. Ele não tentará nada contra o rei. Com tantas tragédias tão perto uma da outra, alguém poderia desconfiar. Ele vai esperar, e se ele agir antes, voltaremos para enfrentá-lo.

Caminho para a porta e minha mãe vem correndo até mim.

— Já está indo?

— Antes de qualquer coisa, preciso encontrar alguém confiável para guiar Phelipo para fora do país e que leve meu filho com ele. Alexei não terá ninguém por ele lá fora, se sobreviver. Phelipo vai ter que cumprir as responsabilidades. — Engulo a mágoa e a dor ao dizer isso. — Depois resolveremos a questão do corpo que me substituirá e como faremos as pessoas acreditarem que sou eu o morto.

— Vou pensar em algo. Obrigada, meu querido. Obrigada, eu estava morrendo de saudades. Obrigada. — Deixei-a me abraçar e senti bem no fundo o conforto que eu procurei por todos os dias depois que ela partiu. Eu estava contente e aliviado por minha mãe ter partido por uma chantagem e não porque nos abandonou e foi ter uma nova vida com outro homem, como meu pai dizia.

O reencontro com ela colou uma pontinha do meu coração destruído.

60

DE VOLTA



JOSEPHINE

Após ouvir calada e muito chocada toda a história que Dom e sua mãe narraram, eu consigo juntar forças nas minhas pernas trêmulas e ficar de pé. Agora faz sentido, o rei Alfred disse que tinha visto Dominic no hospital e ele acaba de afirmar isso, foi ver o pai, se despedir. Tenho percepção que todos me olham esperando um surto, gritos ou qualquer outra reação que seria esperada ao se descobrir o segredo do pai.

Meu Deus! Dom é meu irmão...!

Aturdida, dou alguns passos pela sala da casa esconderijo onde estamos. Eu tento assimilar cada uma das coisas que me foram ditas, principalmente o sofrimento de Dom e tudo que ele teve que renunciar.

Olho para a rainha Helida, ainda com o mesmo corpo, apenas mais velha, e os cabelos que eram pretos têm os primeiros sinais prateados do tempo. Meu olhar escorrega para Dominic. Está com barba grande e cabelos pretos lisos quase nos ombros. Creio que uma tática de camuflagem. Sinto meu peito doer ao tentar encontrar algo do meu pai no rosto dele. Dom sempre foi muito bonito, com olhos azuis que todos achavam ser herança de Alfred.

Cada peça foi colocada em seu lugar e agora entendo muita coisa. Com relutância, ainda analiso Dominic e ele parece entender que eu não consigo ainda digerir a ideia de nossa ligação sanguínea.

Meu irmão?

Que absurdo!

Viro-me para Levi que, igual a mim, mantém uma expressão pasma.

— Você sabia? Sobre Dominic estar vivo?

— Não. Ele conversou comigo na época do acidente e pediu que eu ficasse constantemente ao lado de Phelipo, e confidenciou que achavam que o acidente era criminoso. Eu fiquei com medo, contei a Phelipo e ele decidiu esconder o Alexei, logo depois da suposta morte de Dom.

Então por isso Phelipo escondeu Alexei. Ele achava que poderiam querer matar o menino.

É algo complicado de se entender. Todavia, é certeiro: Alexei, como filho de Dom, não faz parte da linhagem do rei Alfred, mas como filho de Phelipo, faz parte e ainda corre risco. O menino,

embora concebido em relação extraconjugal, tem sangue real.

Meu Deus! Phelipo e Alexei correm risco sozinhos no palácio. O tio dele já deve ter chegado a essa percepção, que Alexei também deve ser tirado do caminho. Me assombra concluir que Mariah sabia que o filho poderia correr risco de vida e mesmo assim participou desse joguinho escroto de poder.

O medo estampado no meu rosto faz Helida dar um passo em minha direção, como se precisasse me acalmar.

— Eu tive que aumentar os fatos quando recorri a Levi. — Dominic diz, chamando a nossa atenção. É estranho vê-lo aqui, com a gente, ouvir sua voz, um morto que volta à vida. — Minha intenção era colocar medo em Phelipo, obrigando-o a ir embora de Turan. E foi o que aconteceu. Era perigoso para qualquer outra pessoa saber, que não fosse eu e minha mãe... E, claro, as pessoas que me ajudaram na minha falsa morte.

Chegou o momento de eu enfim falar com ele, cara a cara.

— Mas... eu não entendo. Por que ficou todo esse tempo escondido? Foram três anos desde a sua morte. — Faço aspas com os dedos.

Ele assente, se mostrando comprometido a explicar tudo.

— Ficamos esperando dia após dia algum sinal de tio Domenico, para que pudéssemos atacar. Mas ele se aquietou e, se eu aparecesse, ele poderia me ver como uma ameaça e tentar algo.

— Acomodamos. — Helida intervém. — Dom precisava de tempo e deixamos o tempo passar. Só quando Alfred adoeceu é que viemos a entender que Domenico estava novamente atacando pelas sombras.

— Ele assassinou o próprio irmão? O rei? — Olho para Levi e o vejo com uma cara de "putz".

— Tudo indica que sim. Dom estava prestes a voltar e mostrar a verdade ao povo, mas então Phelipo voltou e paramos para ver o que iria acontecer... e então vocês se casaram...

— Meu Deus! — berro, começando a perder a compostura. — Vocês ficaram aqui, vendo o Phelipo sofrer tudo aquilo, sendo que podiam intervir?

— E como poderíamos intervir? — Dom se posiciona na defensiva. — Estávamos sem nenhum tipo de apoio ou plano para poder impedir o canalha...

— Não justifica! — interrompo o discurso dele. — Se você aparecesse, Phelipo e o rei Alfred acreditariam em você. Eu sei que foi melhor para você ficar afastado de tudo e fingir sua morte, mas Phelipo ama vocês dois, ele sente culpa por sua suposta morte e disse que nunca guardou rancor da mãe. Isso foi sacanagem. — Já estou ofegando e desejaria poder falar sem parecer uma garota desesperada. Olho para cada um deles, até Levi está de cabeça baixa e penso que ele não concorda comigo. Levi é daqueles que, se o fim justificar o meio, então está tudo bem.

— E eu não sofri nenhuma sacanagem? — Dom dispara, de braços cruzados, olhar inquisidor. — Eu também fui enganado...

— Por uma pessoa que não te amava. Mariah nunca amou ninguém, nem mesmo o próprio filho. Ela usou o menino para jogar com vocês dois. — Meu sangue ferve de ódio dessa nojenta, após ter ouvido tudo que Dom me contou sobre ela. Se eu não fosse tão bem-criada, iria no túmulo dela cuspir.

E falando em bem-criada, não quero nem pensar que minha mãe tenha alguma coisa a ver com

essa conspiração; se tiver, não poderei fazer nada para livrá-la da justiça. Olho para Helida.

— Então o envelope que deixou com Dália... devia ser usado no momento certo. Que momento?

— Domenico não esperava que Phelipo fosse assumir o trono, então aconteceu o primeiro ataque.

— Que foi o pai de Mariah. — Levi completa, dando linha à argumentação.

— Sim. O pai de Mariah, matando-o, faria com que parecesse um crime de vingança. Mas não deu certo. Então, houve o segundo ataque.

— A explosão do carro... — sussurro.

— Morto pela pessoa que quer a democracia, seria o plano perfeito. — Dom endossa a explicação. — Mas ele sobreviveu novamente. Então nos preparamos para voltar e mandamos o envelope para Dália. Sabíamos que tio Domenico queria uma morte acidental, para ter apoio quando subisse ao trono. Ele seria o gentil herdeiro que nunca quis o trono, mas foi pressionado a aceitar.

— Se eu abrisse antes o envelope, poderia trazer morte a ele? Como?

— Se você abrisse antes ou contasse para Phelipo, ele viria nos encontrar, antes do momento, saberia que o tio quer derrubá-lo e, conhecendo-o, sabemos que ele iria enfrentar Domenico. Não era ainda o momento.

— Não? — Mais uma vez grito indignada. — E qual é a merda do momento para vocês? Quando ele morrer e não tiver mais volta?

— Josephine! — Helida levanta a voz no mesmo tom. — Não estamos lidando com um inimigo despreparado. Domenico armou isso por anos. Ele não ia colocar o plano a perder. Agora é o momento exato de denunciá-lo. Estávamos esperando que ele desse um passo sem volta. Não tem mais como ele tentar se esconder, uma vez que já começou a rebelião.

— Sim. Esperávamos justamente ele atacar explicitamente para que não conseguisse escapar. É o momento de desmascará-lo.

— Olha, preciso ir embora. — Me adianto, o desespero voltando a tomar meu coração. — Tenho que voltar para o palácio e contar tudo a Phelipo.

— Temos que armar um bom plano. — Helida entra em minha frente.

— E o que estão pensando em fazer?

— Bom, Domenico deve estar nesse instante prestes a entrar no palácio. Ele precisa estar lá dentro para que, quando o ataque acontecer, possa sair como vítima sobrevivente, como ele planejou no passado.

— Meu Deus! — Agarro minha garganta, em pânico.

***

Eu estou praticamente em transe na volta para Del Rey, com Levi. Estou louca para chegar, ver Phelipo e poder abraçá-lo. Nunca fiz tanta prece na vida, de olhos fechados no banco de trás do carro em velocidade alta. É noite já e devemos chegar ao palácio para armar todo o esquema.

Eu voltarei com Allegra, Helida e Matthew para o palácio. Dom ficará para trás com Levi porque precisam convocar todos os soldados que foram dispensados com a suspeita de traição. A guerra começará literalmente, pois eles vão invadir o palácio.

Queríamos que Helida ficasse refugiada e protegida na casa de Allegra, mas ela não concordou e quer ver o filho.

A perplexidade de Allegra e sua família ao verem Dom e Helida só não é pior que a minha. Eles ficam pálidos e mudos, estáticos com os dois reaparecidos. Nem me dou ao luxo de explicar tudo. Apenas conto brevemente que eles haviam sobrevivido e Dom tinha inventado sua morte, coisa que ainda não sei como ele fez.

Com a mãe de Phelipo abaixada atrás no carro, chegamos ao palácio cercado por pessoas pedindo alguma posição do rei. Haviam mascarados, bandeiras e cartazes de repúdio.

Meu desejo, e expressei isso a Dom e sua mãe, é que eu pudesse fugir com Phelipo, ou apenas convencer ele a fugir. Eu sei que não vou conseguir protegê-lo e ele não vai querer recuar diante de uma possível rebelião.

Limpo uma lágrima e imediatamente Allegra segura minha mão, me fazendo olhá-la.

— Vai ficar tudo bem. Agora temos a resposta de tudo.

— Sim, eu sei. Até o início da manhã, tudo acaba — falo, sorrindo nervosamente, tentando convencer a mim mesma. No fundo, sei que não será tão fácil assim. É noite, e sei que quem está no comando aqui dentro não são os guardas e sim a milícia criminosa implantada por Domenico.

Matt levou Helida para os fundos, como planejamos; ela desceria e se esconderia na ala dos funcionários. Enquanto isso, eu prepararia Phelipo para encarar toda a verdade. Eu e Allegra praticamente corríamos pelos corredores; as botas que eu estou usando são um pouco grandes demais para meus pés, e fazem um barulho estranho enquanto eu atravesso o palácio e subo as escadas.

No corredor que leva ao nosso quarto, Phelipo já espera na porta e eu não aguento mais andar e corro até ele. Mancando, ele também vem em minha direção e me encontra; a bengala cai com um baque seco e ele me agarra fortemente em seus braços. Não quero nem respirar, tamanho é meu alivio. Não quero me mexer, quero apenas sentir seu corpo quente e confortante. Seu coração bate acelerado denotando sua apreensão.

— Você quase me mata... — Ele murmura. — Caralho, quase morri aqui esperando. — Me afasto para ver seus olhos sofrendo em ânsia.

— Você está bem. — Seguro firmemente seu rosto. — Ah, meu Deus! Que bom, você está bem.

— Agora estou. — Ele também segura meu rosto, me beija e, muito preocupado e curioso, questiona: — O que descobriu? O que encontrou?

Olho para trás e faço sinal para Allegra vir.

— Vamos, tenho que te contar tudo. Aqui não é seguro.

***

Decidimos que ainda não vou falar de Dom para Phelipo. Uma coisa de cada vez. Primeiro falarei de Helida e que o culpado de tudo é o tio dele. É um momento delicado e não podemos perder tempo com Phelipo surtando, pois ele vai surtar se souber de tudo de uma única vez.

— Que porra está falando? — Ele rosnou apático, de pé no quarto, me olhando muito chocado.

Seus belos olhos saltados indicando assim que eu estava certa sobre não ter contado tudo a ele, de uma vez. — Minha mãe estava no endereço?

— Sim. Você precisa manter a calma. — Fico de pé e ando, com cuidado, até ele. Usando um tom suave, com relutância, eu digo: — Há muita coisa por trás disso que...

— Onde ela está? — Vira-se bruscamente, me assustando.

— Phelipo...

— Onde ela está? Apenas isso que quero saber. Se ela não vier falar essas merdas na minha cara eu não acreditarei. Meu tio? Está dizendo que o cara que dizia amar a família pode estar planejando isso?

— Sim, mas podemos...

— É meu tio, Josephine! — Ele grita e, com as mãos nos cabelos, anda pelo quarto. Allegra acuada em um canto e eu procurando uma maneira de acalmá-lo. — Ele me ensinou coisas, ele veio chorar no enterro do meu pai... não pode ser.

— Phelipo! — grito chamando sua atenção. — Eu sei que é difícil entender. Mas fará sentido mais tarde. Por favor, sente-se e me ouça. Eu vou contar tudo que sei, você precisa ter calma para só então encontrar sua mãe.

—Só preciso de respostas.

— Venha aqui. — Seguro em sua mão e ele abaixa sua resistência. Senta comigo e fica de cabeça baixa, sofrendo toda a verdade que acaba de bater contra ele.

— Seu tio armou cada um desses momentos que estamos vivendo. Há provas contra ele, agora você vai ter que ser forte para encarar todas as verdades inescrupulosas que aconteceram à suas costas.

— O que...

— Sua mãe foi obrigada a deixar o palácio porque ela descobriu que Domenico estava planejando. Ele a ameaçou e ela foi embora.

Não recebo nenhuma resposta dele. Está pasmo demais para falar. Mas seus olhos dizem tudo, e estão encharcados. Os lábios dele tremem e quase posso sentir que ele está revivendo a época em que a mãe o abandonou.

— Seu tio fez muita coisa má durante esses anos e agora ele quer te derrubar por meios acidentais, digamos assim. — Ele nem pisca me fitando, e nossas mãos se apertam. — Os atentados que você sofreu, ele estava por trás. A queda do cavalo foi para afastar Levi, e agora... vem a parte mais perigosa. Jasmim quis ser pega para você achar que a segurança estava comprometida e trocar os soldados. — Olho para Allegra, que está mais próxima a mim, ouvindo tudo, e nós três compartilhamos da mesma expressão de horror; mais baixo, eu termino de dizer: — Quem está aqui no turno da noite não são guardas, Phelipo, são criminosos implantados pelo seu tio e estão esperando um sinal para atacar. Você... Alexei... e possivelmente eu, se souberem que estou grávida.

Ele se levanta e não caminha mais desesperado como antes. Posso ver como respira rápido e pensa em alguma saída, olhando para o nada.

O alcanço por trás e acaricio seu braço.

— Sairemos dessa, temos que confiar. Sua mãe já está aqui no palácio. — Ele me olha rápido. — Ela quer muito te ver, você gostaria de...

— Sim. Traga ela aqui.

Eu apenas olho para Allegra, ela assente e sai rápido do quarto.

— Você está sendo tão corajosa diante disso tudo. — Ele sussurra, ajeitando uma mexa do meu cabelo atrás da minha orelha. — Eu estou desmoronando, não conseguiria dar um passo se não tivesse sua ajuda.

— Você consegue sim. Esteve no exército, foi criado e educado para governar. Eu acredito em você, Phelipo. E eu nem sou tão corajosa assim. — Minha risada sem graça o faz sorrir também. E isso me dá ânimo. Abraço-o e peço, quase implorando: — Fique calmo, por favor.

Não sei quanto tempo ficamos abraçados, só nos afastamos quando a porta abre e Allegra entra, seguida de Helida. Ela coloca as mãos na boca assim que vê Phelipo e a reação dele não é diferente. Só consegue mostrar-se menos afetado.

Ela dá os primeiros passos depois de longos segundos se olhando e ambos têm lágrimas nos olhos. Helida até soluça pelo choro. Quando chega a passos de distância dele, balbucia:

— Me perdoe.

É tocante e emocionante. Eu engulo seco e não me movo um passo, como se tivesse medo de assustar uma fera.

— Por que ainda... está aí tão longe...? — Ele abre os braços para recebê-la. Rindo e chorando ao mesmo tempo, ela diminui a distância e se choca ao corpo do filho, abraçando-o sofregamente. O choro de Helida ecoa no quarto e Phelipo tem lágrimas mudas escorrendo em sua face, mantendo a mãe em um abraço que ele deve ter guardado por todos esses anos.

— Me perdoe, meu filho. — Ela continua pedindo sem parar, com o rosto afundado no peito dele. — Eu gostaria tanto de ter visto cada momento da vida de vocês dois, eu senti tanta falta. Doeu a cada minuto de cada dia.

Ele limpa as lágrimas dela e fala, embargado de sofrimento:

— Soube do... Dom? — Meu coração se aperta ao ver ele gaguejar. — O que houve com ele... não pude fazer nada para impedir...

— Sim. — Ela arranha a garganta, troca um rápido olhar comigo e fala: — Escute, Dominic não guarda mágoa de você.

— Eu sei. Eu sei que ele me perdoou antes de partir. Eu sei.

— Meu filho, virão muitas surpresas por aí. — Helida agarra o rosto de Phelipo, com urgência em sua voz, como se precisasse fazer ele entender o mais rápido possível. — Tem que ser forte para encarar o que está prestes a acontecer.

— Eu sei. E já me sinto tranquilo só em poder te ver de novo.

— Eu também estou. Irei explicar cada detalhe a você. Prometo.

Phelipo se afasta um pouco, limpa as lágrimas e visivelmente se torna eufórico, após mostrar que se lembrou de algo:

— Ah! A senhora vai conhecer o meu filho.

— Sim. A Josephine me falou sobre ele, estou muito ansiosa para conhecê-lo.

Eu fico ao lado de Allegra vendo os dois caminhando em direção à porta que leva ao quarto de

Alexei.

— Ele vai surtar quando souber de tudo — falo e exalo todo o ar do peito.

— Nem me fale. — Allegra murmura.

Logo depois de Helida ver Alexei, Phelipo pede a Matthew para chamar o conselho e a operação tática para expor toda a farsa de Domenico e começar a procurá-lo antes de completar as quarenta e oito horas dos sequestros.

Todavia, Matt não conseguiu. Pouco tempo após ter saído, volta entrando aos tropeços no quarto, pegando todos desprevenidos. Está sangrando, segurando o braço.

Allegra dá um grito e corre para acudi-lo. Muito ofegante e assombrado, ele fala:

— Vocês precisam sair, os empregados foram capturados e alguns mortos. Homens mascarados e com armas, atirando em quem encontrar na frente. E estão vindo... para cá.

Maldição. A rebelião de Domenico tinha começado.

61

REBELIÃO



JOSEPHINE

Não houve tempo de sentarmos e planejar uma estratégia, não houve tempo de contarmos a Phelipo cada mínimo detalhe, inclusive o fato de o irmão dele estar vivo. Os inimigos de alguma forma sabiam que tínhamos descoberto toda a armação deles, e a única explicação para isso é que alguém devia estar infiltrado na sala de segurança, e assim, podem ter visto Helida pelas câmeras.

Sabíamos então que Domenico adiantara sua manobra. Ele não tinha mais tempo para chantagens na televisão, a resposta só podia ser uma: matança no palácio e colocar culpa nos indignados por Phelipo não tomar atitude diante do sequestro.

— Foi de raspão. — Phelipo conclui após analisar o ferimento de Matt. Sabemos que ele está quase surtando, mas se mostra centrado. Olha para cada uma de nós e comanda: — Temos que agir rápido. — Helida sai para o outro lado do quarto com um celular no ouvido e todo esse clima faz Alexei ficar atento, de olhos saltados, sentado na cama; ele não pode ver, mas o pânico brotando é palpável.

Na direção de Allegra, Phelipo ordena: — Há material de curativo no banheiro, ajude-o, vou precisar do Matthew. — Ela não discute, corre para nosso banheiro e quando Phelipo me olha, eu sei que ele já pensou no que fazer comigo.

— Vou precisar de sua ajuda.

— Não vou sair do seu lado. — Eu praticamente berro descontrolada adiantando. Arfando e um pouco trêmulo, ele me segura.

— Você não vai discutir nesse momento. — Seus olhos estão vidrados e posso ver a sombra do medo, o mesmo medo que me faz perder o ar. — Eu preciso manter você a salvo e fará tudo que eu disser, no próximo minuto. — Ainda tenta mostrar serenidade.

— Phelipo... — agarro aflita em sua camisa branca de linho — eu farei qualquer coisa... te ajudarei, enfrentarei quem tiver de enfrentar, mas não...

— Eles estão armados, droga! — grita na minha cara, perdendo a paciência. — E estão dispostos a matar. Josephine...

— Eu não vou te deixar! — Elevo meu tom de voz a nível estridente, também na cara dele. — É loucura, porra! Você sozinho aqui com Matthew, e ele está ferido.

Nesse instante, por causa dos nossos gritos, Alexei entra em pânico.

— Papai! — Está desesperado na cama, virando o rosto em todas as direções, como se o procurasse. — Papai...! Você está brigando?

— Não, meu filho. — Phelipo vai rápido até ele e Alexei abraça com força seu pescoço. — Estou aqui, você precisa ficar calmo e fazer tudo que o papai disser, tudo bem?

— Sim. Eu estou com um pouco de medo.

— Não precisa ter medo, está tudo bem. — Com Alexei no colo, Phelipo volta até mim e, quando uma lágrima desce do olho dele, eu quase desabo porque sei que a coisa é muito mais grave do que eu poderia imaginar. Um soluço sai da minha garganta e eu engulo o choro.

Mais baixo, implorando, ele diz:

— Você precisa proteger nosso filho. — Ele olha para minha barriga. — Por favor, é tudo que eu te peço. Vá agora para o cofre da coroa. Ninguém poderá entrar, a não ser eu ou você.

— Não! — Balanço a cabeça rapidamente e tento segurar nele. — Não vou.

— Vai sim, caralho! Você precisa levar o Alexei! Salve meu filho por mim, Josephine.

— Jojo... ele tem razão. Só vamos atrapalhar se ficarmos. — Allegra me segura.

— Temos que ser rápidos. Eles já estão no corredor lateral. — Matt fala, vendo por um monitor pequeno na parede do quarto. — Acabaram de entrar no antigo quarto da Josephine.

Phelipo assistia as câmeras do corredor do meu quarto para me vigiar quando eu ameaçava fugir. Ao menos está nos servindo de alguma coisa, agora.

Helida termina de fazer a ligação e, também compartilhando do nosso medo, diz:

— Levi disse que já está nos noticiários ao vivo. Abriram o portão principal e arruaceiros estão invadindo. O Palácio está sob ataque... Levi já está vindo.

— Mãe... por favor... leve a Josephine e o Alexei. — Ele entrega Alexei para Helida. — Vocês precisam se proteger no cofre. É o lugar mais seguro.

— Você vem com a gente, sem negociação, Phelipo. — Ela ordena em tom brusco e eu fico feliz de mais alguém estar do meu lado. Torço para ele obedecer a mãe. Mas é inevitável.

— Não. Eu e Matthew tentaremos chegar ao dormitório dos guardas, pelo que vocês me contaram os criminosos são apenas do turno da noite, os do outro turno estão aqui no palácio, só precisamos chegar até eles. — Ele não fica com a gente para debater; corre até um quadro na parede e o tira, jogando-o longe. Há um cofre escondido, Phelipo o abre, pega uma maleta grande, coloca-a na cama e a abre.

De onde estou, meu corpo todo se congela ao ver ele pegar uma pistola, colocar um pente de munição nela e enfiá-la atrás na calça. Pega outra pistola, recarrega e, mancando, vem até mim. Empurra ela no meu peito, me obrigando a segurá-la.

— Use-a no último momento.

— Phelipo... eu não sei...

— Aqui vai destravá-la. — Ele mostra a trava da arma. — Segure firme com as duas mãos, aponte e dispare. Você pode, eu sei que pode. — se movendo rápido vai até a mãe, pega Alexei e fala baixinho, com tremor evidente na voz, mas tentando transparecer calma:

— Filho, agora você vai dar uma volta com a Jojo e a vovó, que acabou de chegar. Tudo bem?

— Sim. Tudo bem.

— Seja bonzinho e faça tudo que a Jojo disser.

— Eu quero ficar com você, papai. — Alexei envolve com força o pescoço de Phelipo.

— Eu volto em breve para te buscar. Você confia em mim?

— Sim.

— Ótimo. O papai te ama. — Ele beija Alexei e o menino fecha os olhos enquanto o abraça apertado. Helida volta a pegá-lo no colo, pois está sem a prótese da perna.

— Tem que ser agora, pessoal! — Matt grita já com a porta aberta. Allegra se apressa indo até ele, o beija e, quando seu olhar se encontra com o meu, todos os meus nervos vibram de terror. Está acontecendo a pior coisa que eu já pude imaginar. Não sei onde está minha mãe e nem posso ir atrás dela nesse momento.

Choro por ser *uma nada* nesse momento, não conseguir proteger ninguém e ver tudo escorrer como areia entre os dedos. Helida caminha para a porta e Phelipo me segura.

— Por favor... — suplico uma última vez entre a lucidez e a loucura.

Ele acaricia meu rosto e seu polegar passa em meu lábio. Me embebedo de sua beleza que nesse momento está transfigurada por pura tristeza e agonia.

— Obrigado por... — Ele começa a falar e eu tampo sua boca com minha mão.

— Não admito porra de despedida. Daqui a pouco estaremos juntos. — Ele assente e quando eu tiro minha mão, ele me beija e confessa:

— Dizer que ama alguém é libertador, já tentou? — Tenta sorrir, mas falha e isso me dói muito, visto que seu sorriso poderia me dizer que há esperança.

— Já. Eu te amo, Phelipo.

— Saber que é enfim correspondido é ainda melhor. Eu te amei fácil demais, Satã.

Grudo meu rosto no peito dele, agarrando fortemente seu corpo. Seu cheiro me embala, seus braços me cercam e eu me sinto segura e confiante.

Mas a separação vem. Phelipo se afasta, segura minha mão e saímos do quarto. Ele e Matt nos escoltam até o andar inferior e nos deixam no elevador que vai para o cofre.

Helida dá um abraço apertado em Phelipo, e fala algumas coisas que só ele pôde ouvir. Phelipo fica tão pálido que, na minha concepção, penso que ele vai desmaiar. E logo vejo que no último momento, ela pode ter falado de Dom, como uma forma de dar forças a ele para lutar.

Ela entra no elevador, em seguida Allegra beija Matt, ele limpa as lágrimas de pânico dela e ela também entra. Sobra eu, olhando fixamente para Phelipo, que também me olha compenetrado.

Na expressão aterradora dele, posso perceber que ele já sabe o que estou planejando.

— Vai. — Sussurra e eu me sinto a Rose indo para o bote e deixando o Jack no Titanic. Entro no elevador e coloco minha palma para ler as digitais que eu tive que registrar um mês atrás.

As portas vão se fechando com nosso olhar preso um no outro e eu grito:

— Continue no poder, Phelipo! — Ele pisca para mim e as portas se fecham.

Eu repito todos os processos que ele fez o dia que viemos aqui. Até que enfim chegamos ao cofre. Quando ele se abre e a voz mecânica me dá boas-vindas, entro acompanhando Allegra e

Helida e falo:

— Tem entradas de ar, aqui no painel tem um telefone de emergência.

— Josephine. — Allegra tenta me segurar, ela é minha amiga e sabe ler cada uma de minhas expressões. Já sabe qual minha intenção.

Me afasto dela, bato a mão para fechar a porta e pulo para fora.

— Cuide de Alexei! Volto em trinta minutos.

As portas só vão abrir com as digitais. Sei que talvez o cofre ainda responda às digitais de Helida, mas é remota essa possibilidade. Não sei o que estou pensando, posso ser considerada imatura ou irracional, mas eu só não vou ficar lá dentro presa enquanto o mundo acaba aqui fora. Preciso encontrar minha mãe, não posso ficar lá dentro.

Quando saio de todas as etapas do cofre, pego a arma, seguro-a na minha frente e volto correndo pelas escadas rumo ao andar superior.

62

CONFRONTO



PHELIPO

Eu não tive tempo para temer pela vida de Matthew, ferido e desarmado ao meu lado. Ele está se mostrando nobre e valente ao me acompanhar por pura lealdade quando nada mais resta para me apoiar.

Enquanto andamos rápido na espreita pelos corredores que levam ao hall do grande salão de recepção, as palavras da minha mãe quase fazem minha cabeça se partir em pedacinhos.

"Seu irmão... você poderá vê-lo pessoalmente em breve. Aguente firme, meu garoto."

Que merda ela quis dizer com isso? Algo sobrenatural? E o que Josephine omitiu quando voltou da sua investigação? Pensar essas coisas está fodendo tanto minha sanidade que quase perco a percepção do espaço e tempo. Matthew é responsável por me trazer para a realidade.

Com um puxão, ele me afasta do caminho e nos escondemos. Ele em uma pilastra e eu em outra. Dois caras passam sem nos ver e cada um entra em um cômodo, é respectivamente a biblioteca e um quarto desocupado. Eles chutam as portas e já entram com arma em punho, prontos para atirar caso haja alguém no caminho. São armas pesadas, posso apostar que é um M16. Não teremos chance alguma, portando apenas uma pistola, a não ser que...

Caralho! Eu servi ao exército por alguns anos, não irei fraquejar agora. Guerra é guerra.

Sem pensar duas vezes, saio do meu esconderijo, faço sinal para Matthew permanecer onde está e ele não se mexe mesmo. Está aterrorizado, fazendo sinal para eu não me mexer. Ando na ponta dos pés, com a destreza que aprendi quando servia nas forças especiais, até a porta onde um dos homens mascarados entrou, e aguardo; concentrado, prendo a respiração, escutando no silêncio passos dentro dos cômodos. Eles estão revirando as coisas.

Minha arma apontada para a porta à minha frente; assim, se esse sair primeiro, atiro nele de cara, e se o da porta ao lado em que estou sair antes, desarmo ele e o nocauteio.

É justamente o que acontece. O cara sai mais relaxado, não me vê ao lado e é pego de surpresa, quando golpeio seu braço, seguro rapidamente o outro e dou uma sequência de cotoveladas em seu abdômen, até sua arma cair.

Ele grita por ajuda, me derruba no chão após um chute em meu joelho e facilmente me desarma. Certamente já foram avisados do meu ponto fraco: minha perna.

Em cima de mim, começa a desferir socos em meu rosto, mostrando agilidade e rapidez. Sinto meu nariz estalar e pressinto que quase quebrou, até fico zonzo por ter levado socos com rapidez.

Reajo em segundos e me defendo com os antebraços, mas vejo os pés do outro cara e o cano do fuzil apontado para mim.

Pressinto minha morte chegar nesse instante, eu luto com o cara em cima de mim, não tenho mais minha arma e estou na mira de um fuzil. Então, um estampido seco o faz cair e logo depois outro estampido ecoa pelo corredor e o outro mascarado que está em cima de mim também cai, mole como um saco de batatas.

Empurro-o para o lado e me sento; Matthew está trêmulo, apontando a pistola que eu deixei cair.

— Você os matou. — Com dificuldade, fico de pé.

— E o que queria que eu fizesse? — exclama arfante, como se ele tivesse lutado. — Eles não estão aqui para brincar. Vão matar qualquer um de nós sem medo.

Olho o estado do meu joelho e agradeço por não ser nada ruim, aparentemente. Apesar da dor alucinante que toma minha perna.

Não vou simplesmente me afastar sem saber quem estava por trás disso. Arranco as máscaras dos dois, revelando homens que não conheço. Não são da guarda aqui do palácio. Com certeza, milicianos.

— Tem razão. — Olho para Matthew. — Você me salvou, obrigado.

— Estou aqui para isso, alteza. Eu fico com essa. — Ele mostra a pistola que era minha e agora está em sua mão.

— Ótimo. — Olho meu reflexo no visor do celular. Há um filete de sangue descendo do meu nariz. Com cuidado, seguro firme e coloco-o no lugar, contorcendo o rosto e espremendo os olhos por causa da dor. Alguém vai pagar caro por isso, já que o fodido que me acertou está morto.

Enfio o celular no bolso e olho para os corpos no chão.

— E eu fico com isso. — Pego um dos fuzis de um dos caras, verifico que está carregado e, mancando mais do que antes, sigo pelo corredor com Matthew.

Daqui podemos ouvir tiros e muitos gritos, o pandemônio perto do salão de onde estamos. Não sei como está a situação nos arredores, no jardim e no segundo piso, mas, pelo barulho, tenho certeza que é uma guerra para valer.

— Eu vou matar o desgraçado que está fazendo isso — digo, espiando no fim do corredor. Faço sinal para Matthew e corro, a pés leves, para o outro lado, chegando ao imenso hall que dá para o salão de recepção e para a sala do trono. Há vários corpos estirados. Conto um total de sete pessoas no meio de poças de sangue, baleadas.

— Puta que pariu — lamento, me sentindo culpado por isso. É um extermínio. São quatro guardas e três mulheres, funcionárias do palácio. Faço sinal para Matthew, mostrando que temos que atravessar o salão, entrar na sala de jantar e sair no jardim de inverno. Assim, teremos acesso a uma saída na lateral.

Ele assente, olha para os lados verificando se está tudo bem, faz um gesto positivo para mim e saímos correndo com as armas em punho. Ouvimos gritos, provavelmente vindos de um cômodo próximo. Parecem gritos de mulheres.

Todos os meus nervos e sentidos estão inflados de tensão. Respiro rápido e não consigo controlar cada um dos meus picos de horror que fazem todo meu corpo arrepiar. Silenciosamente, em

pensamento, faço uma prece para que ainda haja soldados vivos no dormitório, para me ajudarem.

Os gritos, que estavam próximos, vão aumentando e, para meu completo horror, de imediato reconheço uma das vozes. Sem que Matthew pudesse me impedir, saio correndo e encontro uma cena terrível: há duas mulheres caídas ensanguentadas e dois homens mascarados de pé diante de Aretha e, do outro lado, como se tivesse vindo da porta lateral, está Josephine gritando para eles deixarem a mãe em paz.

Eu fico cego quando presencio essa cena estupidamente inacreditável. Eles — surpresos com minha presença — começam a atirar numa tentativa fracassada de me atingir. Me jogo no chão, escorregando para baixo da mesa de jantar. Vejo tudo em câmera lenta: Josephine corre ao encontro da mãe dela, se jogando sobre Aretha, e Matthew aparece me dando cobertura, atirando nos caras.

Por baixo da mesa, fazendo tudo muito rápido, atiro várias vezes e acerto as pernas deles. Vejo Matthew cambalear e escorregar na parede com a mão no peito. Ele me olha incapaz de reagir e eu não tenho um segundo para pensar, ou acabaremos todos mortos. Mais homens estão vindo correndo para a sala. Reajo rapidamente me escondendo atrás de um móvel, conseguindo me proteger. Minha visão presa em Josephine, abraçada à mãe dela no chão.

Um dos mascarados foi atingido por Matthew, o outro rasteja para pegar o fuzil que caiu e eu me levanto rápido e o golpeio na cabeça, fazendo-o desmaiar. Não tenho tempo, há dezenas de homens encapuzados vindo pelo corredor para entrar na sala em que estamos. Sozinho, empurro uma das bandas da gigantesca porta que separa a sala de jantar do corredor que leva ao pátio. A porta vai do chão ao teto e tem quase trinta centímetros de espessura.

Eles começam a atirar e correr para me impedir de fechar a porta, e vejo o momento que não conseguirei fechar a outra pesada banda.

Mas então ela começa a se mover de leve com toda a força que Josephine coloca para me ajudar. Juntos, conseguimos nos isolar com um estrondo das bandas se fechando; eu passo o grosso ferrolho e olho para ela.

— Você está louca? — grito completamente transtornado para Josephine. Sacolejo seus ombros e ela apenas me encara assustada. — O que está fazendo, porra? O que está fazendo aqui, Josephine?

— Eu não podia te deixar. — Explica em um fio de voz.

Seguro o rosto dela nas minhas mãos.

— Olha o que está fazendo... por que não ficou na porra do cofre?

— Desculpe.... eu não podia. Desculpe. — As lágrimas começam a deixar os olhos dela. Descanso minha testa na dela, por segundos, mas não permaneço, uma vez que o barulho é demais. Há batidas incessantes na grande porta que acabamos de fechar e ao redor do palácio, parece que está acontecendo um grande motim.

— Caralho! — Me viro e corro até Matthew. Ele está sangrando, sorte que o tiro não foi no lado esquerdo, mesmo assim seu estado não é nada bom. Arranco a camisa dele, aperto-a sobre o ferimento e coloco sua própria mão em cima. Na outra ele ainda segura firme a arma.

— Pressione, vou te tirar daqui — digo a ele. Fraco, ele apenas assente.

— Minha mãe, Phelipo, salve-a, por favor. — Olho para ela. Aretha também parece mal. Nem preciso verificar para saber que ela apanhou e está desacordada. O que aconteceu para ela estar

assim, apenas ela pode nos contar.

Mas não acabou. Das vidraças laterais temos a nítida visão de muita gente correndo, vindo para cá e pedras começam a estilhaçar os vidros.

— Vamos. Temos que sair daqui. — Pego Aretha nos braços. — Josephine, ajude o Matthew, vamos voltar por aquela porta e nos refugiar na sala do trono.

Dessa vez, corremos de volta desarmados, munidos apenas com a sorte, contando que ela esteja do nosso lado. Se formos cercados nesse momento, nada poderemos fazer.

Com o braço ao redor do ombro de Josephine, Matthew tropeça e permanece em pé, andando, fazendo todo o trajeto atrás de mim, até chegarmos à gigantesca porta de vidro dourada. Josephine a abre e entra com Matthew, eu entro logo atrás empurrando a porta para fechá-la a seguir com um baque.

A sala é toda dourada, ornada de vermelho. Tem colunas brancas com traçados dourados e cortinas vermelhas. Há no centro um gigantesco lustre que mais parece um salgueiro de ponta-cabeça e, ao fundo, dois tronos grandes e suntuosos do rei e da rainha, usados apenas para momentos solenes.

Posso ver a imagem de meus pais ali em noites de bailes aqui no palácio, em um passado distante. Isso me dá tristeza e raiva e até um pingo de esperança.

Desfaço a lembrança da mente, empurro uma porta lateral com o pé e chegamos a um pequeno cômodo que leva às escadas para subir para a galeria.

Deixo Aretha no chão, recostada na escada e, com cuidado, ajudo Matthew a se sentar ao lado dela.

— Cara, aguente firme. O reforço está chegando. — Tento animá-lo.

Ele assente. Está suando muito e a palidez é visível em seu rosto assustado. Tiro a camiseta do peito dele para ver o ferimento. Já parece um pouco estancado, mas ainda é grave e creio que ele está em estado de choque.

— Vocês ficam aqui — digo a ele e viro para Josephine. Ela abre a boca para contestar, mas a impeço. — Josephine, você precisa fazer isso pela gente, precisa se salvar e me dar a oportunidade de te salvar.

— Não vou deixar você sair por aí sozinho, é loucura. Meu Deus, Phelipo! É loucura! Podemos ficar aqui até Levi chegar.

Ela tem razão. Eu abaixo os olhos, vejo Matthew agonizando e Aretha desacordada e bem machucada. Eu não poderei atravessar tudo isso sozinho, desarmado, sendo o alvo principal deles.

— Tem razão. — Beijo demoradamente a testa dela.

— Sério? — Ela chora, rindo de emoção.

— Não vou. Ficarei com você. Meu Deus! Você quase me matou de susto e medo, nunca tive tanto medo de perder alguém! — Eu murmuro e ela me abraça apertado, quase chorando de alívio por eu ter decidido ficar.

Olho em volta. O local onde estamos é apenas algo como um armário embaixo da escada. Um lugar onde eu e Dom brincamos muito quando éramos criança e que geralmente era proibido, afinal aqui é a sala do trono e meu pai não deixava a gente entrar. Eram momentos esporádicos, quando tínhamos chance.

Faço cafuné na cabeça de Josephine, sentindo-a relaxar cada vez mais nos meus braços. Minha mente vai e volta do passado ao presente, em uma rapidez chocante. Em contrapartida, me sinto tranquilo de ter ela a salvo aqui comigo.

Mas ouço um barulho e sei que é a porta principal dourada sendo arrombada. Deixo Josephine de lado e me aproximo da porta, tentando ouvir. Há vozes e passos de muitas pessoas.

Se forem inimigos, eles vão nos achar aqui e nos executar sem pensar duas vezes. Olho para a escada acima que leva à galeria, não há saída. Nada que eu possa fazer antes de eles abrirem a porta e ver a gente.

Ou melhor... há uma única coisa que eu posso fazer. Eles querem a mim, nenhum desses aqui prejudica o plano do meu tio, isso se ele não souber que Josephine está grávida.

Olho para Josephine e ela faz um gesto negativo com a cabeça, o pânico a assombrando novamente.

— Eu preciso — cochicho para ela.

— Não! — Segura forte na minha camisa. — Pelo amor de Deus, por tudo... que você gosta... não.

— A resposta de tudo está aqui. — Acaricio o ventre dela e sinto uma lágrima quente deixar meu olho. — Siga firme com tudo que você acredita, lute pelo que acreditamos juntos.

— Phelipo! Não quero ouvir isso.

— Eu te amo, Josephine, e não tem um dia que eu vá me arrepender de ter aceitado a proposta do meu pai.

— Não... não faça... não me deixe! Você prometeu, iremos começar a viver agora...me escute...

— Não podemos. É a mim que eles querem, salve nosso bebê, e lembre que nada foi em vão.

Empurro-a para se soltar de mim. E abro a porta, fechando-a atrás de mim. Ao contrário do que possa parecer, não sinto covardia ou medo. A coragem toma todo meu corpo, alavancando minha adrenalina.

Há muitos homens do outro lado, eles me veem tentando correr e gritam para eu parar. Eu só corro para afastá-los da porta onde Josephine se esconde.

Eu paro levantando as mãos e então uma voz conhecida fala:

— Ah, aí está o rei fujão.

Me viro com as mãos para o alto e encaro meu tio, que acaba de tirar a máscara do rosto. Outro ao lado dele também tira a máscara. É Dino. O maldito desgraçado.

— Acho que não te apresentaram. Esse é o verdadeiro futuro príncipe. Meu filho, Waldino. Ele foi um soldado e tanto se infiltrando aqui aos dezoito anos para, no momento certo, assassinar seu pai, meu irmão idiota.

Meus nervos tremem de ódio, sinto gosto de fel e sangue, acho que estou mordendo a língua de tanta raiva. Não acredito que esse desgraçado matou meu pai.

— Alfred sabia que Dino é meu filho, mas caiu na lorota de que eu não queria assumi-lo e meu irmãozinho, como um bondoso e honrado rei, o acolheu na casa achando que devia algo ao garoto. Idiota.

— Você vai pagar por tudo que fez. Vou garantir isso — prometo entre dentes.

— Ajoelhe-se diante do verdadeiro soberano, seu filho da puta! — Seu grito não me traz medo. Eu permaneço de pé, tremendo e fazendo prece para Josephine não abrir a porta.

Domenico encosta o nariz no meu:

— Eu disse, ajoelhe-se! — Ele berra na minha cara, mas eu não ajoelho.

— Você jamais será um rei, seu inseto filho de uma vadia. — Eu rosno com toda a raiva que me é cabida e recebo uma pancada forte na cabeça. Dino me atinge com uma coronhada. Caio no chão, tonto, e meu tio segura meus cabelos, me fazendo olhá-lo.

— É o que vamos ver, quando não houver mais ninguém da linhagem imunda do Alfred. Segurem ele! — grita ordenando e imediatamente dois homens vêm para cima de mim; eu me arrasto no chão e me debato, consigo acertar um deles, tento me levantar, mas, usando o fuzil, Domenico atinge em cheio minha perna. Me curvo após dar um grito de dor e, sem eu esperar, uma joelhada atinge meu queixo, me derrubando. Arrasto para o lado, tremendo de raiva, sem querer me render facilmente.

Dino vem para cima de mim, puxa meus cabelos, cospe na minha cara e desfere mais um soco em meu rosto.

— Não será fácil para você, Phelipinho. — Domenico debocha de mim. — Antes irei esgotar minha raiva que juntei todos esses anos por não poder progredir — fala com um sorriso maldoso. — Coloquem ele de joelhos. Dois homens seguram meus braços abertos, mordo os dentes e foco minha visão nele. — E em seguida, encontrarei seu filho bastardo e matarei o pirralho sem deixar de mencionar que o pai dele foi um fraco que não conseguiu protegê-lo.

Sem poder me defender, ganho mais um soco e torço para que Josephine não esteja espiando da porta, me vendo subjugado, perdendo o jogo no meu próprio espaço.

63

CONTRA-ATAQUE



JOSEPHINE

Coloco as mãos no rosto e choro baixinho em uma tentativa frustrante de não fazer barulho. Tentar parar um pranto é quase impossível, as lágrimas saem involuntárias, os soluços tampam a garganta e o corpo treme sem controle. Nesse momento, toda minha racionalidade acabou. Estou à mercê do destino, sem forças para resistir.

Me afasto da porta para não fazer barulho e possivelmente chamar atenção.

Phelipo está nas mãos dos inimigos, padecendo sem que nenhum de nós possa fazer algo para salvá-lo, posso ver a morte chegar cada vez mais perto, está passando por uma tortura humilhante e odiosa apenas para alimentar o ego de Domenico. E os barulhos das pancadas parecem tão altos que ecoam dentro da minha cabeça.

Me viro rápido, fazendo menção de ir para a porta. O desespero me faz agir impulsivamente para tentar impedir que ele sofra mais. Entretanto, uma mão gelada toca em meu calcanhar. Meu olhar desliza para baixo e Matt me faz lembrar que não estou sozinha.

— Fique... — Ele murmura em um fio de voz. — Se sair... tudo será em vão.

— Matt! — Me ajoelho diante dele, pego sua mão e choro mais ainda. — Olha o que aconteceu com a gente. — Seguro firme sua mão gelada. — Eu não posso deixar o Phelipo lá fora.

— Então... faça o que seu instinto mandar. — Ele levanta a outra mão e só então vejo uma pistola que ele não soltou desde que foi atingido. — Se for para morrermos juntos, então será assim. Se for para cair, morra atirando... Majestade.

Recebo a arma de sua mão lânguida, quase sem vida. Limpo minhas lágrimas, olho para minha mãe voltando à consciência, gemendo, e torno a me direcionar a Matt. Olho o ferimento dele e vejo, para meu alívio, que não está mais sangrando como antes. Isso quer dizer que não atingiu uma artéria.

— Aguente firme.

— Obrigado por ter me dado a oportunidade... — faz uma pausa para respirar e prossegue murmurando —... de me sentir alguém importante, aqui no palácio.

— Você é importante. Para todos nós. Fique firme, Matt, pense nos seus pais, na Allegra, que precisa de você, hoje ninguém morre aqui.

— Sim... vossa... majestade. — Ainda consegue forças para dar um vislumbre de sorriso.

Me levanto, olho para a porta e dou passos silenciosos até lá. Minha respiração suspensa, a tensão atingindo brutalmente cada nervo e músculo do meu corpo.

Sairei atirando, é isso. Sem volta, sem arrependimento.

Tenho uma vida sendo gerada dentro de mim, e pensar nesse fato me detém. Posso permanecer aqui ouvindo meu marido agonizar, e um dia mostrar ao nosso filho que ele foi um herói, ou posso sair, colocar minha vida em risco e tentar salvá-lo.

Minha mão toca na maçaneta, meu coração se torna um tambor e até penso que o palácio todo ouve as batidas, de tão poderoso e rápido que bomba.

Dou uma última olhada na minha mãe e em Matt. Ele acena me incentivando a ir, todavia, quando giro a maçaneta, ouço uma voz chegando de supetão do outro lado da porta e as pancadas cessam.

Essa voz...

Coloco o ouvido na porta e ouço quase nitidamente:

"As forças especiais invadiram. Nossos aliados estão sendo mortos impiedosamente."

Essa não! É Bart. Reconheço essa voz em qualquer lugar. O rancor me toma, uma vontade alucinante de moer esse desgraçado na pancada.

Domenico fala:

"Achou o menino?"

"Não, senhor."

"Pai, ele pode estar no cofre da coroa, junto com a rainha Josephine". Dino opina e explica em seguida: "Ouvi quando Phelipo insistiu que ela gravasse as digitais lá".

"Então vão para lá imediatamente. Arrombem o cofre e peguem o menino. Bartolomeu, me ajude a levar esse saco de batatas. Ele será a garantia que não irão nos atacar".

A seguir, Bartolomeu tripudia:

"Esse é o rei imponente e todo poderoso? Posso dar apenas um soco?"

"Seja rápido."

Ouço o barulho seco do soco, e aperto os olhos como se a dor reverberasse em mim; a seguir, as risadas e a voz irônica de Bart:

"Se fode aí agora, alteza."

Não ouço a voz de Phelipo. E quando abro a porta em uma fresta, vejo eles arrastando-o praticamente morto, levando-o para fora da sala do trono.

Seguro o instinto de correr atrás e querer enfrentar todos. Estou sozinha, não irei conseguir. Mas agora será mais fácil, eles se dividirão para ir ao cofre e eu posso ir atrás de Phelipo.

Não posso deixar que o usem como escudo.

— Josephine... — Giro meu corpo para ver minha mãe começar a despertar, acordando da sua inconsciência preocupante.

— Mãe. Estou aqui.

Ela olha para mim, mas é como se não me visse, seus olhos estão vidrados e assustados, totalmente em choque.

— Josephine... eu não te entreguei. Eu juro.

— Eu sei. Descanse, mãe.

Ela segura forte nos meus braços, o olhar amedrontado.

— Ele sabe da gravidez. O Domenico... ele sabe, eu contei.

— O quê? Por que... fez isso? Minha surpresa com a revelação a faz ficar atenta em mim. Segura minha mão com força.

— Eu só gritei para ele que não importava o que iria fazer, você carrega o verdadeiro herdeiro — argumenta com indícios de choro.

— Ah... mãe. — Não consigo suprimir o lamento. — Mas... tudo bem, descanse.

Lamentar não adianta muito agora. Acabo de também entrar na lista de procurados por Domenico.

— Ele mandou me bater — o trauma impresso em sua voz me dá náuseas e preciso fechar os olhos — até eu dizer onde você estava e eu não disse.

— Vai ficar tudo bem. Fique tranquila. Não se mexa, fique aqui com o Matt.

— Onde você vai? — Ela tenta me segurar. — Não saia, Josephine. Vão te matar...

— Ninguém vai me matar, mãe, eu preciso ir. — Beijo a testa dela e sussurro: — Obrigada por não ter me entregado.

— Eu jamais faria isso. Eu te amo, querida.

— Também te amo, mãe.

Dou mais um beijo nela, me afasto e, antes de sair, olho uma última vez. Ambos me fitam e posso ver em seus olhos o desejo de que eu consiga mesmo fazer alguma diferença.

Não há mais ninguém do lado de fora. Há muitas manchas de sangue no meio do salão e, a seguir, um rastro vermelho, possivelmente de onde eles puxaram Phelipo. Engulo o choro. Chegou o momento de ser dura. De tentar fazer alguma coisa digna do meu título.

Espio para fora da sala do trono, ouço muitos gritos, barulhos e tiros e tem até fumaça dentro do palácio. Eu pressinto que algo muito grave pode ter acontecido e eu não tive tempo de impedir. Com a arma na mão, e desejando não parecer uma maria mole tremendo tanto, corro o máximo que posso, na espreita pelas paredes.

Saio no imenso salão de festas e posso, por alguns instantes, me ver vestida de noiva, dançando com Phelipo. Uma lágrima teimosa deixa meu olho, limpo-a com fúria e controlo meu organismo quase ao ponto de cólera.

Conto até dez, de olhos fechados, com a respiração muito pesada. Sinto tontura e torço para não desmaiar aqui. Pensar que podem me pegar e matar me dá medo, a covardia me toma, na verdade não é covardia, e sim bom senso. Eu estou grávida, preciso zelar pela vida do bebê, não por ser herdeiro do trono e sim por ser meu filho.

A indecisão começa a fazer parte de mim, todavia algo me impulsiona a tomar uma direção. Ouço vozes e passos rápidos vindos de um corredor que sairá bem onde estou escondida. Preciso correr.

Saio do grande salão e consigo atingir uma das portas laterais do palácio, que está despedaçada. Passo pelos vidros e já estou em uma das varandas laterais do palácio. Há fogo e muita fumaça em volta. O dia amanhece.

Eu não esperava encontrar o que vejo à minha frente: um verdadeiro pandemônio no jardim e arredores do palácio. Pessoas correndo, muita gente ferida ou morta, no chão. Um helicóptero sobrevoa, e tiros sendo disparados por muitos soldados que que vêm de fora do palácio, tentando invadir. Eles se defendem escondendo-se atrás de grandes escudos de ferro, daqueles usados em operações de choque.

A ofensiva de Domenico é forte e atira contra eles, mas os soldados atrás dos escudos se aproximam cada vez mais em passos ensaiados, um ao lado do outro, como uma muralha humana.

Corro desgovernada e me escondo atrás de uma coluna estilo grega, fecho os olhos e engulo os soluços causados pela respiração rápida. Fito a arma em minhas mãos, que tremem como se estivesse com frio a zero grau.

Não posso mais voltar atrás. Muitas pessoas, possivelmente civis, estão correndo e entrando no palácio e eu penso que querem saquear. Estou em meio a um campo de batalha, desprotegida e sendo um dos alvos principais.

Mas ninguém disse que seria fácil. Eu sou a rainha e, como tal, isso não vai ficar assim. Destravo a arma após duas tentativas e espio através da coluna. E então vejo os homens mascarados arrastando Phelipo e as pessoas abrindo espaço; os soldados que vêm de fora param de atirar.

Os mascarados param no meio do gigantesco jardim, um deles — que eu tenho certeza que é Domenico — destrava uma pistola, aponta para o corpo de Phelipo e dispara o primeiro tiro.

Aquela cena faz meu mundo desabar, Phelipo está praticamente imóvel e há muito sangue em sua camisa. Eu estou armada, mas é como se não estivesse, nunca sequer tinha segurado em uma arma e não sei como funciona. Porém, ao ver o corpo sem vida dele, caído aos pés de seus algozes, eu não temo por nada e apenas corro gritando como louca na direção deles, pegando-os de surpresa.

Eu não paro, não consigo ver nada à minha frente, tendo apenas o corpo dele como foco. Não sei quantas balas tem a arma, mas a cada passo e grito que eu dou, de puro desespero, meu dedo flexiona no gatilho disparando ao redor, fazendo os que estavam rodeando Phelipo pularem para se proteger.

A voz de Domenico ecoa: “Não atirem, peguem essa desgraçada!”

Tive certeza que fui atingida quando sinto meu braço doer, tão fino e quente que parece uma lâmina afiada perfurando a carne; com ódio pulsando em meu peito, me viro para quem está atirando e o faço pular para o lado com os tiros da minha pistola.

Acabam as balas, jogo longe a arma e caio em cima de Phelipo, chorando dolorosamente. Eu iria morrer ali, abraçada a ele, e como se pressentisse, ele abre os olhos e tenta falar comigo.

— Por favor... — Eu imploro. Quero pedir para ele ser forte, o tiro foi no abdômen, está todo machucado e rasgado, mas ele não pode desistir agora. Foi tudo em questão de segundos. Ele tenta tocar meu rosto enquanto balbucia; há terror em seus olhos azuis e eu sei que ele teme por minha vida.

Eu posso sentir que Domenico e seus homens correm de volta em nossa direção, mas nada acontece a mim. Meus olhos não se desviam de Phelipo, mas ouço a voz conhecida de Dom gritar para atacar e isso surpreendeu a Domenico. Ele, com certeza, deve estar surpreso por Dominic estar vivo, e essa perplexidade que toma ele e seus soldados os impedem de me atacar. Os homens com escudos de ferro enfrentam Domenico e seus capatazes, e em instantes chegam ao nosso encontro. De olhos fechados, ouço Levi gritar:

— Protejam o rei! — E eles fazem um círculo em nossa volta, impedindo-os de nos acertarem. Eu sangro junto com Phelipo, que parece querer resistir, ainda me olhando fixamente, mas aos poucos ele se distancia de mim.

— Phelipo... não ouse me abandonar quando eu enfim encontrei o sentido da felicidade — imploro no meio da guerra, protegida dentro do círculo de homens das forças especiais.

— Você... fugiria comigo? — Ele consegue sussurrar, sua boca sangrando muito, o nariz quebrado, cortes no rosto. Eu tenho a noção de que ele perguntou isso, porque uma vez foi rejeitado por Mariah, quando implorou a ela que fugisse com ele, para serem felizes.

— Sim. Sim. Eu gostaria muito de ir embora daqui com você. Eu abandonaria o país e meus deveres... porque, quando se ama... isso basta.

Ele tenta sorrir e não consegue. Isso me dói profundamente.

— Eu precisava ouvir isso... eu sou como uma embarcação, Josephine... e posso estar partindo... fico feliz que posso partir levando você comigo.

— Não. O socorro já vem— falo com ele batendo de leve em seu rosto. — Phelipo, fique aqui comigo. Olhe para mim. — Ele pisca devagar e seus olhos parecem estar se apagando. — Phelipo...! Não ouse! Socorro! — Elevo meu rosto e grito o mais alto que posso!

— Alguém salve o rei, por favor! — Os olhos dele se fecham lentamente, como uma pessoa muito cansada que se entrega ao sono. — Phelipoo! Meu Deus! Não. Nããããooo! Socorro! Ajudem o rei! Por favor.

Me debruço sobre o peito dele e sua respiração fraca ainda me embala. A guerra acontece em volta, e não posso fazer nada a não ser implorar aos céus.

64

PLENITUDE



JOSEPHINE

O tempo voou. Quando vi, os meses pularam. Minha barriga está grande e o lindo pôr do sol diz que cada dia é um dia novo de superação. Vivo cada minuto por vez.

Com um vestido longo, leve e florido, ando pelo jardim e sorrio ao ver ao longe Alexei brincar com Luck. De braços cruzados ao lado, vigiando, está Dominic. Ele me vê e acena.

— Olha a limonada. — Helida entra no meu campo de visão trazendo uma bandeja de copos com uma jarra de cristal. Alexei grita feliz e vai para os braços de Dom. Então eles vêm em nossa direção.

Phelipo não está. A morte dele foi dolorosa, mas não em vão. Ele me salvou e salvou nosso filho. Deu a vida por mim e honrarei isso para sempre. Todavia, isso nunca será o suficiente para me animar e deixá-lo partir para sempre.

Naquela tarde linda, com todos felizes, o desespero me deixa tonta, a dor sobe em minha garganta, algo tão terrível e triste que tenho vontade de gritar, chorar e maldizer por ele não estar mais comigo. Sofreu e não conseguiu o final feliz.

Helida vem correndo até mim.

— Josephine...!

— Phelipo! Por favor! Não me deixe!— berro descontrolada, caindo na grama verde do jardim. — Não! Não pode ser, meu Deus!

— Josephine. — Helida continua me sacudindo. E então eu dou um pulo desesperada e me vejo sentada em uma cama. Ao meu lado estão Helida e Allegra em alerta. Olhando em volta, percebo que só posso estar em um hospital.

Puta que pariu. Tive um pesadelo. Todos os acontecimentos voltam como uma bomba explodindo dentro de mim e minha garganta aperta como se tivesse uma mão ali. Relembro quando encurralaram Domenico e ele foi obrigado a se entregar, uma vez que Levi tinha Dino na mira de uma arma. Por entre as pernas dos homens que rodeavam Phelipo e eu, pude ver o momento exato em que Levi avançou para cima de Dino, gritando:

— Você é meu, seu filho da puta! — Dino apanhou severamente de Levi, não tendo nenhuma chance de defesa. Ele até tentou, mas levou um chute tão forte que caiu quase desacordado e daí em diante os socos que encontraram seu rosto o faziam sacolejar no chão. E eu me senti vingada. Ele tinha todo o direito de atacar o filho de Domenico, já que, por sua causa, ele foi expulso do palácio.

Levi só parou de bater em Dino quando Domenico gritou que iria se render e todos que ainda sobraram com ele se renderam também.

Mesmo após a rendição, Dominic aproximou-se do tio e acertou-lhe com uma cotovelada após dizer: "Olá, titio. Vai se *fuder*, velho filho da puta." — Sangrando pelo nariz, Domenico caiu de joelhos. Caiu desacordado em seguida quando, ainda não satisfeito, Dom acertou-lhe com o joelho.

Depois disso, tudo foi como flashes.

O helicóptero abaixou ali perto e, mesmo com as hélices fazendo um vendaval em volta, eu não soltava o corpo de Phelipo. Eles precisavam levá-lo e teriam que me levar junto, porque de maneira alguma eu o deixaria sozinho. Mas eu não fui. Levi gritou: "Onde estão os outros? Onde está Alexei?".

E eu me toquei que eles também precisavam de mim. Dei um beijo em Phelipo e o deixei ir. Eu precisava libertar Allegra, Helida e Alexei do cofre, e indicar onde estavam Matt e minha mãe. Abraçando meu corpo, tremendo e sentindo a dor do tiro que levei, derramei lágrimas silenciosas assistindo Dominic em pânico, acompanhando Phelipo. Ambos partiram no helicóptero.

Havia muitos corpos por todo palácio, os bombeiros chegaram para apagar o início de incêndio e os primeiros carros de reportagem encostavam a toda velocidade para não perder nenhum detalhe. E quando abri o cofre, agentes especiais ao comando de Levi me colocaram apressadamente em uma ambulância, sem chance para protestar e dizer que eu queria ver minha mãe.

Agora, já no hospital, com o braço enfaixado, encaro as duas.

— Onde ele está? Onde está Phelipo?

— Ei, fique calma. Phelipo acabou de passar por uma cirurgia e está em repouso.

— Eu preciso vê-lo.

— Não agora. — Ela tocou no meu braço, mostrando que iria me segurar caso eu tentasse.

— Me diga que ele está bem, Helida, por favor.

— Ele está estável. A bala não atingiu órgãos vitais, perdeu força ao bater na fivela do cinto que ele usava. Você o salvou, Josephine, Levi nos contou como você foi brava e corajosa ao enfrentar todos eles.

— Ah! — Volto a deitar a cabeça no travesseiro. — Obrigada, Deus! E o Matt?— Olho para Allegra. Ela aproxima da cama, está com os olhos inchados, mostrando que chorou bastante nas últimas horas.

— Matt também está estável. Eu senti tanto medo, Jojo... eles estavam tentando abrir o cofre... Bartolomeu está foragido. Escutei Levi falando.

Coloco a mão na boca, espantada com a notícia. Torci tanto para que o prendesse. Meu estômago revira, caramba! O cara por quem fui apaixonada desde a adolescência... Como Bartolomeu se deixou corromper dessa forma? Sinto mágoa; mesmo ele sendo um completo miserável, eu não quero a morte dele. Quero que ele pague atrás das grades, junto com Domenico. A mãe deve estar nesse momento muito abalada, tenho pena porque ele poderia ter sido um grande homem, se tornado general do exército e lutado ao lado do rei. Mas o poder sempre o corrompeu.

— Ele e outros três que estavam tentando arrombar o cofre.. — Allegra diz. — Segundo Levi ele conseguiu fugir antes.

— Cada um busca seu destino — sussurro, abalada de verdade com a notícia. Detecto

algo como pena no olhar das duas. Helida caminha nervosa pelo quarto e Allegra se mantém imóvel.
— Acham que minha mãe... pode ter alguma coisa com eles...? Os criminosos?

— Não sabemos. — Helida volta para perto da cama. — Ela também está aqui. Mas sabe que ela passará por interrogatório, não é?

— Sim. Eu sei.

— Não pense nessas coisas agora. — Allegra dá um sorriso reconfortante. — O importante é que você está bem, sua gestação está bem.

— Graças a Deus! — concordo e só então, depois de dias, consigo puxar o ar em uma aspiração longa e relaxante, o peso de tudo saindo de cima de mim.

***

Só pude ver Phelipo na manhã do dia seguinte. Eu tinha muita coisa para me preocupar, mas me sentia bem, minha mãe estava bem, apesar da guarda do lado de fora do quarto dela para que não fugisse.

Isso era terrível de encarar: estavam a tratando como uma traidora. E Allegra me adiantou que certamente ela passará por interrogatório e terá que provar inocência.

Então, com todos bem, Phelipo ainda é minha principal preocupação. Passei a noite toda quase em claro e volta e meia estava observando minha aliança, criando assim um peso dolorido no meu peito.

Em muitas monarquias, príncipes e reis não usam aliança. É um protocolo estranho e eu sempre discuti isso com algumas pessoas. Me lembro de uma vez ter discordado com minha professora de história, quando o rei Alfred revogou essa lei, dando direito aos monarcas de usarem alianças. Ela era contra e eu a favor.

Sempre achei aliança uma das coisas mais magnificas e sagradas no casamento, sinal de comprometimento e união. E naquele dia que eu discuti o assunto com minha professora, jamais imaginaria que anos depois eu estaria aqui usando uma aliança de um monarca, o rei do meu país.

Rainha. Eu sou a rainha, e estou aqui viva para contar a história. A tranquilidade chega a ser prazerosa, a vitória se torna mais saborosa quando a luta é amarga.

Foi impressionante o número de soldados me guiando do meu quarto até a ala superprotegida onde Phelipo estava. Levi, como sempre, do lado de fora como um cão de guarda.

— Majestade. — Ele acena para mim. Os soldados param quando eu passo.

— Levi. Eu preciso te agradecer por tudo.

— Nós que temos que agradecer por ter sido tão corajosa. Conseguimos a tempo. — Ele cochicha. — Por pouco, mas conseguimos. Vá lá vê-lo, acabou de acordar.

— Obrigada. — Entro junto com três guardas, um deles abre uma porta e me vejo em um quarto que mais se parece com uma suíte luxuosa de hotel. Helida está com Dom, sentados em uma pequena sala no hall de entrada. Ficam em alerta quando eu entro e, atrás de mim, a porta se fecha.

— Oi querida... você está bem? — Ela pergunta. Fito Dom, que me encara sem conseguir esconder sua breve tensão. Somos irmãos e isso ainda é tão pesado como um elefante no meio da

gente.

— Sim, estou bem. Preciso ver o Phelipo.

— Vá, ele precisa de você.

Passo por eles, puxo uma porta de vidro e me deparo com um quarto grande, branco e todo aparelhado, como se fosse uma UTI. Na cama, Phelipo está deitado, imóvel, cercado de aparelhos Me aproximo devagar e, ao passo que vou chegando, meu sangue pulsa com loucura no meu rosto.

Seguro meu pescoço e engulo um soluço de lamento. Ele está todo machucado, com hematomas cobrindo o belo rosto. Passo os olhos pelo peito e observo os curativos: um grande do lado direito e outro no seu abdômen, onde ganhou o tiro.

A perna está enfaixada e, segundo Helida, passou por uma cirurgia na perna também.

Com as pancadas que levou, uma de suas costelas quebrou e perfurou o pulmão, e precisou ser operado com urgência.

Deslizo meus dedos pelo seu braço forte. Está quente e tem cor, não está pálido. Meus dedos chegam até sua mão, vejo cortes nas palmas e um dos dedos está engessado, com certeza ele tentou se defender durante o ataque e machucou a mão.

Raiva, pena e tristeza me apertam por ver ele nesse estado.

Assim que eu abraço sua mão com a minha, ele se mexe e abre os olhos vagarosamente. Espero ele entender o que está se passando e onde está.

— Oi — sussurro.

Phelipo fica algum tempo me encarando e a emoção é evidente no sorriso arrebatador e na lágrima solitária que deixa seu olho.

— Você aguentou... — Me inclino sobre ele e beijo de mansinho seus lábios machucados.

Ele consegue levantar a mão e tocar na minha bochecha.

— Eu achei que... tinha morrido e acordado no céu. — Sua voz era um fio, não de fraqueza, mas de suavidade. — Mas estava enganado, afinal vejo Satã na minha frente. — Eu rio segurando lágrimas de felicidade e ele completa: — Tão pequena... e tão brava... minha eterna Satã.

Beijo seus dedos, o pulso e o antebraço.

— Meu eterno rei manco. A quem eu amo tanto.

— Não é legal fazer piadas da deficiência alheia. — A voz dele ainda é baixinha. Rio e me curvo em cima dele, abraçando-o apenas com um braço. Também usando só um braço, ele enlaça meu corpo e suspira no alto da minha cabeça.

— E o Alexei? — indaga, me fazendo levantar para olhá-lo.

— Está a salvo. Está bem.

— Ótimo. — Ele acaricia meu pulso, o olhar ainda cansado, um dos olhos nem abre direito por causa dos hematomas. — Eu delirei ou vi mesmo meu irmão no helicóptero comigo?

— É uma longa história.

— Parece que tenho muito tempo para ouvir essa porra toda.

— Olha a boca. — Rio e ele se dá ao luxo de tentar revirar os olhos.

— Eu estou puto e feliz. Me conte.

— Não agora, você deve descansar um pouco.

— Eu já estou aqui deitado, não tem como descansar mais que isso. Me conte logo. Eu ainda preciso decidir o que de verdade escolher: abraçá-lo ou dar um soco.

Só me resta rir, porque vejo a indecisão nos seus olhos. Ele quer mesmo escolher se vai agredir o irmão ou recebê-lo de braços abertos.

— Um momento. — Saio da beirada da cama, passo pela porta e vou até Dom. Ele se levanta assim que me vê, com expressão ansiosa.

— Você já o viu?

— Quando estava inconsciente apenas. Ele está bem?

— Esse é o momento. Venha, ele quer te ver.

Dom se levanta com a mãe dele e, juntos, me seguem. Phelipo tem um visível estremecimento ao ver o irmão.

Dominic fica a uma distância segura da cama e eu me posiciono ao lado, segurando a mão de Phelipo. Helida aos pés da cama, pronta para ser a mediadora do reencontro.

— Oi... Phelipo. — A voz grave de Dom se torna estremecida e relutante.

— Ah caralho! — Phelipo tampa os olhos como se não acreditasse no que está vendo. — Que merda é essa, Dominic...? Que porra você fez, cara?

— Eu... me perdoe. Tem tanta coisa que precisa de explicação.

— Venha aqui me dar a porra de um abraço... cacete! Depois vai explicar tudo direitinho. — A relutância de Dom se torna maior, porém vai até a cama e quando enfim se curva para abraçar o irmão, um som baixinho parecendo choro ecoa, mas não dá para ter certeza.

Quando se afastam, vejo os olhos de ambos encharcados.

— Que porra, cara! — Com a voz embargada, Phelipo resmunga. — Senti tanto sua falta. Quero te dar uma surra.

Eu me afasto e fico ao lado de Helida, sorrindo como tolas vendo os dois dialogando como se tivesse apenas eles no quarto.

— Nesse estado? — Dom tripudia. — Soube que usa uma muleta.

— Bengala. — Phelipo corrige e, prosseguindo, implora: — Me perdoe... eu fui um fraco, fui um filho da puta com você... sobre a... Mari...

— Agora não é o momento. — Dom intercepta. — Temos a vida inteira pela frente para superar. Eu já perdi muito na vida e não quero perder meu único irmão.

— Quero tomar uma cerveja contigo. — Phelipo fala, quase sem piscar, olhando Dom.

— Pena que não poderá jogar uma partida de rúgbi com essa perna fodida.

— Ah, vai se danar. Puxe uma cadeira e conte toda a merda que você aprontou. Não tenho condições de brigar, mas dependendo posso mandar Levi te dar uns cascudos.

— Sei. — Dom puxa a cadeira.

Eles têm muita coisa para conversar. Dominic acena para Helida e juntos começam a narrar a mesma história que contaram para mim. Os olhos de Phelipo acesos, como se assistisse a um filme de suspense. Eu ao seu lado, apenas dando apoio.

65

VIDA LONGA AO REI



PHELIPO

A catástrofe que começou a se abater no país foi impedida a tempo. Essa noite, mesmo com o corpo dolorido, pude dormir em paz depois de noites insones. Não só a preocupação acabou, como ganhei tranquilidade e felicidade absurdas.

Não vou mentir que não fiquei puto com meu irmão e minha mãe, por terem armado tudo, entretanto o motivo foi claro: salvar minha vida. Ambos foram bravos, minha mãe aguentou todo tipo de amargura durante anos para nos proteger, e Dom perdeu tudo em sua vida em um único dia e mesmo assim foi forte para lutar e me proteger.

Por que mais eu deveria reclamar?

Tudo que aconteceu me mostrou que a vida é curta e efêmera demais para guardar mágoas, eu tenho meu irmão de volta, isso é um milagre e vou celebrá-lo até o dia da minha morte. A festa da cabeça não será mais conhecida como uma festa de derrota a partir dessa data, farei questão de relembrar todo ano a vitória do reinado da família Miklos.

O sentimento de plenitude ao saber que toda minha família e meu povo estão seguros faz de mim um homem completo, pronto para governar, como deve ser a partir de agora. Darei orgulho ao meu irmão, que não poderá ter o trono, mas estará comigo nessa longa caminhada.

Já é manhã do terceiro dia que estou no hospital em um quarto especial, protegido até os dentes. Ainda não consigo me levantar, mas já me sinto melhor. As dores são mais escassas.

Dom e minha mãe revezam aqui, passando a noite comigo, uma vez que não permito que Josephine o faça. Ela está grávida e passou por maus bocados todos esses dias, precisa repousar. E ela não quer me contradizer por eu estar preso a uma cama de hospital.

Ouço a porta se abrir e abro os olhos para ver minha mãe vindo acompanhada de Josephine. Quero me espreguiçar, mas estou todo moído, então desisto, continuando imóvel; a porra de um inútil.

— Oi. — Josephine se encosta na cama. — Dormiu bem?

— Não tanto se estivesse em casa, na nossa cama — lamento usando voz fraca.

Ela sorri e se curva, me dando um beijo nos lábios. Seus olhos passam pelo meu corpo e param em meus pés. Cuidadosa, ela puxa o lençol para cobri-los, mas antes massageia meu pé coberto com meia vermelha.

— Eu sabia que dormiria bem, trouxe suas meias ontem...

— Você sabe como fazer seu homem feliz.

— Meu homem fica feliz com pequenas coisas.

Eu gostaria de poder apertá-la em meus braços, porém consigo apenas segurar em sua mão.

— E o Alexei? Como ele está? — Essa é a única coisa que ainda me aflige, meu filho deve estar amedrontado e sentindo minha falta. Eu o prometi que voltaria e ainda não pude cumprir minha palavra.

Minha mãe se aproxima da cama tomando um lugar ao lado de Josephine, e ela é quem responde:

— Ele está bem, meu filho. Sente sua falta, mas já sabe que você está se recuperando.

— Traga-o aqui, ele precisa saber que eu estou impossibilitado de ir ao palácio.

Elas se entreolham e eu nem dou tempo para que meu pedido seja analisado:

— Encontre uma maneira de trazê-lo sem que ninguém veja. — Miro os olhos de Josephine. — Por favor.

— Tudo bem. — Ela se rende fácil, entendendo minha suplica — Pedirei a Levi para trazê-lo.

— Ótimo. Agora me conte como estão as coisas fora daqui.

— Está tudo bem, não se preocupe. — Minha mãe fala e Josephine concorda, acenando com a cabeça. Vejo sinceridade nas duas e isso me conforta.

— O povo já sabe que Dom e Alexei estão vivos. Está um alvoroço. O mundo todo se voltou para Turan, mas ninguém ainda deu algum pronunciamento oficial e nem há qualquer imagem sobre Helida, Dominic e Alexei. O palácio tem excelentes porta-vozes.

Seguro firme a mão dela e puxo-a até meus lábios. Conseguimos. Estamos de pé após a tempestade.

— O que foi? — Josephine questiona após ver meu sorriso.

— Estou pensando... que eu sou cunhado do meu próprio irmão. — Ela me acompanha rindo e eu acrescento: — Dom será tio duas vezes do nosso bebê. Que loucura.

Minha mãe fica sem graça, olhando de relance para Josephine, e eu quebro o clima dizendo: — Quando eu sair dessa cama vou bater em Dominic na parte que ele é meu cunhado, e abraçá-lo na parte que é meu irmão. Vou conseguir equilibrar minhas emoções.

As duas se olham e acabam rindo comigo.

***

Fiquei no hospital por mais cinco dias. Não aguentava mais e me dei alta por conta própria. Eu sou o rei, posso dizer o que devem ou não fazer. A equipe médica concordou em me deixar ir após Josephine dar sua palavra de que iria ficar de olho em mim. Eu não poderia andar pela próxima semana.

Minha chegada ao palácio fora cinematográfica. Era praticamente um cortejo, havia pessoas nas ruas acenando para o carro, muitas câmeras seguindo a comitiva e um helicóptero acompanhando. O rei tinha sobrevivido e estava de volta.

No banco de trás do carro, me virei para Josephine e trocamos um sorriso, compartilhando a felicidade do momento. Eu estava emocionado com tudo aquilo.

Estavam celebrando minha vida e eu daria valor a cada uma dessas pessoas pelos meus próximos anos.

Desci só dentro do pátio. Dom e Levi me ajudaram a sentar em uma cadeira de rodas e meu coração bateu descompassado quando vi Alexei ao lado de Dorothy, sem poder ver, mas sabendo que algo acontecia. Não o levaram para me ver no hospital, acharam melhor não arriscar e eu entendi. Dentro do palácio era mais seguro.

— Traga-o aqui. — Peço, com um leve toque de aflição na minha voz. — E ela o guia até mim. — Ei garotão, venha me dar um abraço. — Estendo meus braços e ele fica visivelmente surpreso com minha voz; o rosto ilumina-se e um ar de incredulidade estampa sua face.

— Papai! — Ele exclama e suas mãos encontram meu rosto tateando, certificando-se que sou eu. Em seguida seus pequenos braços me apertam forte e eu só sei rir, agraciado por vê-lo novamente. Depois de longos dias eu posso respirar aliviado de verdade, tendo meu pequeno menino nos meus braços.

Sei que Dom está nos olhando e, mesmo que ele diga que superou, sabemos que é difícil para ele ver o Alexei me reconhecendo como pai. Isso corta meu coração, uma vez que quero muito a felicidade do meu irmão e me arrependerei todos os dias por ter traído sua confiança.

Beijo sem parar os cabelos de Alexei, sinto seu cheiro e meu corpo o reconhece, como leões reconhecem o cheiro de sua cria. Meu corpo e minha mente se tranquilizam ao ter ele em meus braços.

— Estava com saudades do papai?

— Sim. Mas eu não fiquei com medo, o tio Dom ficou comigo. Ele tem a voz igual a sua, papai

Levanto os olhos para Dom e ele está satisfeito, sorrindo para nós. Me sinto aliviado ao ver seu sorriso tranquilo.

— Você gostou de conhecer o tio Dom?

— Sim. Ele também sabe contar histórias e tocar piano.

— Fico muito feliz em ouvir isso. — Mais uma vez busco contato visual com Dominic e de coração o agradeço por ter dado toda assistência, mesmo sabendo que ele fez gratuitamente, porque ele é bom demais e realmente sente por Alexei um amor incondicional.

— Nossa família não será mais abalada, meu irmão. — Ele afirma, mais confiante que qualquer um de nós. Dominic amadureceu e criou seu próprio casulo de proteção, dificilmente o derrubarão de agora para frente.

***

Mais tarde, estou imerso em uma banheira com água morna e sais de banho, tranquilo e relaxado com minha adorável rainha à minha frente, saboreando um champanhe sem álcool. A paixão flamejando nos olhos dela alimenta a cada segundo meu amor.

O dia tinha sido fervoroso, nos juntamos à mesa para um magnífico e verdadeiro jantar real. As pessoas no salão de festas se levantaram para receber eu e Josephine quando entramos e nos seguiram para a imensa sala de jantar, que já tinha sido reparada dos estragos provocados pela breve rebelião ao palácio.

Os castiçais de ouro estavam acesos, a prataria real disposta corretamente, os lustres

brilhavam, a toalha branca com a insígnia do palácio bordada em dourado e, ao redor, serventes prontos para servirem.

Faltaram no jantar apenas Matthew, que continua no hospital, e a mãe de Josephine, que após a volta da minha mãe, preferiu por gosto próprio se retirar do palácio. Ela foi inocentada das acusações de conspiração após ter dado seu depoimento e não acharem ligação alguma entre ela e os culpados. Entretanto, teve uma troca: deverá depor no dia do julgamento.

Agora Aretha reside em uma modesta casa, próxima daqui.

Eu, como rei, fiquei de pé e levantei minha taça:

— Ao príncipe Dominic e à rainha Helida, que retornaram para o seio de sua família. Meu agradecimento eterno por terem sido guerreiros e corajosos diante da ameaça. À minha brava esposa, rainha de Turan, por ter enfrentado tudo em nome de seu amor e do nosso futuro. — Meu olhar se cruzou com o de Josephine e confessei diante de todos: — Eu a amo profundamente. Que essa união permaneça pelas próximas gerações e que o trono se preserve em nossa linhagem.

— Que assim seja, ó Rei. — Levi disse e os outros levantaram suas taças, concordando com minhas palavras.

Agora, na banheira, consigo me sentir uma pessoa diferente de tempos atrás. Tudo que ocorreu foi necessário para me fazer mudar.

— Em que está pensando? — Josephine pergunta.

— Em tudo. Nossa vida... no julgamento de Domenico, a cirurgia de Alexei...

— Já pensou em uma data?

— Bom, gostaria de fazer o quanto antes, se possível antes do julgamento, que será marcado em breve. E também preciso tomar alguma providência a respeito de Dominic. Se meu tio, aquele filho da puta, abrir a boca, será um verdadeiro escândalo.

Ela deixa a taça de lado e, com as mãos submersas, massageia minhas pernas.

— Mas as pessoas precisam saber por que você ainda continuará no trono, sendo que Dom está vivo e tecnicamente é dele esse direito.

— Sim. Estou pensando nesse detalhe. Mas ainda temos tempo, ninguém ainda o viu. De qualquer forma, quero curtir minha felicidade. Vamos para a cama?

— Sim. Vamos. — Ela se anima e eu desejo que não tivesse tão destruído para poder agarrá-la aqui e matar a saudade.

Ela sai da banheira antes de mim, se enxuga, veste um roupão e me ajuda a sair, mesmo estando com o braço ferido pelo tiro que levou.

Josephine me entrega a bengala e ainda me faz apoiar nela. Em seguida, fico parado e ela me enxuga com uma toalha, passando devagar pelos locais feridos. Tem sido assim todos esses dias e nesses momentos eu vejo como tenho sorte de tê-la em minha vida.

— Me pergunto quando minha jovem rainha decidirá provar com a boca o cetro do rei.

— O quê? — Está enxugando minhas coxas e levanta os olhos.

— Cetro de vinte centímetros. — Dou uma piscadinha apontando meu pau, e ela entende minha jogada. Josephine ri, deixa a toalha de lado e me ajuda, vestindo a cueca.

— Estava demorando. — Ela passa creme hidratante nas mãos e massageia no meu ombro,

pescoço e peito. — Confesso que estava sentindo falta dessas safadezas.

— Isso é um sim?

— Isso é um: "você está de repouso". — Após me ajudar com o antitranspirante, me faz apoiar nela e caminha devagar para o quarto.

Só depois de eu estar confortável na cama, ela volta, se prepara e vem para a cama, mas fica afastada de mim. É nossa primeira noite dormindo juntos desde tudo que aconteceu e não me conformo.

— Venha aqui...

— Phelipo, não...! Posso te machucar.

— Ah, que se dane. Não aguento mais dormir sem abraçar minha pequena Satã. — Consigo puxá-la e com cuidado ela se aconchega a meu corpo, colocando a cabeça no meu peito. É muito confortável tê-la comigo; a perna dela se entrelaça às minhas.

— Até quando vai continuar chamando sua esposa de Satã?

— Sem chances. Será para sempre. Mesmo depois que eu morrer e entrar pelos portões do paraíso, irei perguntar por você: onde está Satã, o meu grande amor? Então o pessoal do Céu me mandará para o inferno, é isso.

Ela dá uma risada e, após alguns minutos em silêncio, fala:

— Te amo tanto... Que bom que está de volta.

66

O REI MAIS FELIZ DO MUNDO



PHELIPO

Minha recuperação foi rápida, assim como os dias que se passaram. Um mês mais tarde e eu aprecio as mudanças em minha vida. Antes, a família real era composta apenas por mim e Josephine, mas agora a mesa, nas refeições, está sempre cheia, causando desejo de estar em cada momento com eles.

Pelas vidraças da academia no palácio, vejo Josephine me assistir sem conseguir esconder a preocupação em seu rosto. Mesmo afirmando várias vezes que está tranquila, consigo ler em seu olhar a apreensão não só em relação a mim, mas em outros assuntos, como a gravidez, a cirurgia de Alexei e a apresentação de Dom e da minha mãe à sociedade, que será amanhã. Ambos permaneceram todo esse tempo trancafiados aqui, e agora sentem-se prontos para serem expostos ao povo.

Com ajuda de um fisioterapeuta, estou voltando aos poucos aos exercícios físicos. Ele segura minhas pernas enquanto faço flexões; chego a cem e paro.

— Por hoje chega?

— Sim. — Mal acabo de dizer e o assistente se apressa e me ajuda a ficar de pé. Me entrega uma toalha de rosto e uma garrafinha de água. Josephine entra na academia.

— Tudo bem? — Coloca-se diante de mim e seu olhar preocupado escorrega para minha perna.

— Estou ótimo. Minha bengala. — Estendo a mão e imediatamente alguém me entrega. — Vamos? — Ofereço meu braço dobrado para ela. Josephine suspira e segura nele.

Eu gostaria de fazer mais exercícios para tentar aliviar minha tensão dos acontecimentos que estão vindo. Mas sei que não posso pegar pesado, não por enquanto. Assim sendo, mantenho minhas inquietudes apenas para mim mesmo, sabendo que Josephine anda muito tensa, e precisa de um elo aparentemente forte para se firmar.

— Não gostaria que usasse os exercícios para aliviar seu estresse. — Ela verbaliza meus pensamentos como se tivesse acesso à minha mente. Olho-a e tento parecer indiferente. — É verdade sim, Phelipo... não quero que force seu corpo por causa disso.

— Ok. — Paro de andar e fito-a. — Amanhã vai acontecer muita coisa. E semana que vem Alexei já será internado para a operação. Eu só não quero enlouquecer antes de ficar cara a cara com os desgraçados que fizeram isso comigo. — Me refiro ao julgamento que ainda não foi marcado, a

defesa do meu tio ainda tenta a todo custo apelar para todos os meios possíveis, inclusive para a ONU. Mesmo assim ele continua preso.

— Você aguentou coisa pior, não vai enlouquecer agora. — Seus lábios começam a se curvar e, de repente, tenho, para meu acalento, um sorriso encantador à minha frente.

— O quê? Está rindo de mim?

— Estou rindo para você.

Ergo uma sobrancelha.

— Está me seduzindo?

— Não. Só fiquei contente. Logo saberemos o sexo do bebê, isso me anima muito... — Segurando minha mão, ela balança meu braço de um lado para outro, com um brilho divertido nos olhos. — Queria uma menina. — Pede como se eu pudesse providenciar isso.

— Hum... não sei. — Voltamos a andar. Josephine ergue o rosto intrigada, me encarando.

— Não sabe?

— Uma menina não poderia herdar meu lugar. Nosso país não permite que mulheres sejam herdeiras do trono, a menos que esgotem todas as possibilidades de um homem assumir.

— Credo, bem machista isso. Mas independente disso...

— Sim, gostaria de ter uma menina. — Quando exibo meus dentes em um sorriso, ela se tranquiliza visivelmente. — Acho que queria saber como é a raiva quando um cara coloca os olhos na filha dos outros. Eu, sendo rei, foderia tanto a vida do otário que ousasse olhar para minha filha.

O doce ar encantado dela me fez parar.

— O que foi? — Rio.

— Você sendo você.

— Minha garota. — Passo o braço em seu ombro, ela abraça minha cintura e voltamos a caminhar em direção ao quarto.

Ver meu irmão metido em um traje real, com insígnia da nossa família no lado esquerdo, foi sem dúvida uma das coisas mais bonitas que aconteceram depois que eu o vi no hospital. É a concretização de seu retorno definitivo, uma emoção singular e gostosa de sentir. Eu o tenho de volta e isso é tudo que eu sonhei todos os anos em que fui um completo pervertido, usando a futilidade para aplacar minhas dores.

Ele me vê, pelo espelho, entrar em seu quarto, e se vira me dando um olhar de agradecimento, sendo que eu é que deveria agradecê-lo, sempre.

— Está nervoso? — pergunto.

— Um pouco. — Dom me olha e seu ar tenso concorda com ele.

— Dominic... já conversamos sobre isso, mas quero te dizer novamente que nunca foi minha pretensão estar no trono, no lugar do nosso pai...

— Cara, desencane. Pare de se culpar. Você está onde deve estar e eu vou continuar com minhas lutas de sempre, sendo um plebeu, um grão-duque ou apenas cavalheiro de honra do rei. Poderei fazer grandes coisas para nosso país. — Ele coloca a mão no meu ombro e afirma. — Estou

muito feliz. Independente de como será de agora em diante, estou feliz.

— Eu também. Ter você e a mamãe aqui comigo, me ajudando a guiar nosso país, é meu sonho concretizado.

Caminhando ao meu lado, saímos do quarto.

— Vamos ajudar no que for preciso. Mas você daria conta se estivesse sozinho, tem que lembrar da Josephine, que é de longe a melhor coisa que o papai arrumou para você.

— Tem toda razão — concordo balançando a cabeça. — Ela me ajuda a raciocinar e me dá forças. O amor que nos une me move.

Dominic enlaça meu ombro me dando um rápido abraço e, quando se afasta, recomenda:

— Só tenha cuidado com minha irmã aí, hein cara? Estou de olho.

— Ah, não fode. — Fecho o punho e soco seu braço, fazendo-o rir e retribuir. Saímos no grande salão onde os outros nos esperam para fazer a entrada na varanda principal do palácio.

Domenico deu sua última cartada. Ele foi preso, mas antes revelou a todos os segredos que a casa real pretendia manter acobertados, ao menos por enquanto. Alguém a mando dele revelou que Dom não tem direito ao trono por não ser filho do rei Alfred, e que Alexei é na verdade meu filho.

Eu queria destruir o desgraçado, mas Josephine me fez parar e pensar com calma. Talvez fosse isso que ele esperava, uma reação explosiva para fazer o povo tomar lados. Não dei a ele chance, recuamos diante da crise que se levantou.

Depois de uma noite de reunião entre eu, minha mãe e Dominic, um porta-voz do palácio ficou responsável para ir à imprensa e esclarecer tudo. Escrevemos o que deveria ser falado e apenas as perguntas que seriam toleradas.

Apesar de tudo, não deixamos o povo sem saber do que acontecia.

Por isso, hoje, na apresentação de Dominic e de minha mãe, todos já estão cientes do que esperam. Sabem que eu continuarei sendo rei e que Dom ganhará algum título nobiliárquico que eu escolherei, que caiba a ele e que não fira as leis do país.

Os guardas estão posicionados, e quando eu e Josephine saímos para a sacada, somos ovacionados com grande furor. A imprensa do mundo todo está em peso atrás das grades de isolamento. Todo mundo quer ver a família real que sobreviveu aos ataques brutais.

Emocionado e agraciado, levanto minha mão cumprimentando a todos e acenando em um gesto respeitoso.

“Vida longa ao rei!” — gritam em euforia. E quando silenciam, me posiciono no púlpito para um discurso preparado.

São breves palavras, todavia certeiras. Agradeço ao povo por estarem com a família real, por terem torcido ao nosso favor, prometo honrar a minha posição herdada e farei de tudo para dar a eles dias melhores.

Em seguida, conto brevemente sobre minha mãe e Dominic e, quando eles aparecem ao meu lado, a comoção é geral. Alguns aplaudem, outros gritam perplexos, e outros apenas se mantém estatelados, entretanto sabemos que cada um ali partilha do mesmo sentimento: alegria por ver a família real unida novamente.

***

E quando enfim o dia da cirurgia de Alexei chega, eu estou pronto para a ocasião. Tenho ao meu lado todo apoio que preciso e a confiança de cada um me faz ter um ansiado alívio.

A operação é arriscada como qualquer outra, ainda mais que ele é uma criança. A equipe médica não me deu total certeza que teria um bom resultado, é algo experimental.

Sinto as mãos quentes segurando a minha e olho para o lado. Josephine oferece conforto em seu olhar. Minhas violentas batidas cardíacas acalmam um pouco. Estou sentado na porta do bloco cirúrgico há quase três horas, sem sair para nada.

— Em breve ele estará de volta para a gente. — Ela sussurra, compartilhando comigo sua fé. Eu assinto.

— Ele ficou... com medo quando o levaram... — Um bolo se forma na minha garganta por causa das lembranças. — E ele chamava por mim... — Eu precisei entrar com ele, segurando sua mão, e soltei apenas quando adormeceu pela anestesia.

— Ele te agradecerá pelo que está fazendo. — Ela puxa minha cabeça para seu ombro, fazendo cafuné nos meus cabelos.

Eu não posso desapontar meu filho. Ele confiou em mim até o último momento. Essa é a única coisa que penso de olhos fechados, sentindo a mão dela ir de lá pra cá nos meus cabelos.

Quase cinco horas de cirurgia depois, o médico sai e eu levanto em um pulo, junto com Josephine, que não me abandonou.

— Onde ele está? — É o que pergunto.

— O paciente reagiu bem à cirurgia, está na sala de recuperação, logo será levado para um quarto apropriado, onde saberemos se o resultado foi positivo.

— Preciso estar ao lado dele quando acordar — imponho em um tom urgente.

— Sim, majestade. Providenciaremos isso. — O médico sai e Josephine está com um enorme sorriso para mim.

— Está vendo? Ele está bem!

— Sim. — Enfim, sorrio. Abro os braços convidando-a para um abraço e ela se entrega.

— Graças ao bom Deus — sussurra contra meu peito e eu agradeço também, em pensamento.

Alexei é levado para o quarto e eu me coloco ao seu lado. Quando ele acorda gemendo e choramingando, seguro sua mão para saber que eu estou com ele.

— Filho, estou aqui com você. Fique calmo.

Ele apenas resmunga e tenta tirar os curativos dos olhos. A cirurgia foi na lateral da cabeça, mas os olhos estão vedados, pois ele tem que se acostumar aos poucos com a claridade.

Seguro suas mãos e ele protesta.

— Papai...!

— Alexei, daqui a pouco vamos tirar isso dos seus olhos e você vai poder ver tudo, mas agora tem que ficar calmo. Tudo bem?

— Hum...

— Eu não vou sair daqui, mas se você não ficar calmo, vou ficar chateado e vou para casa. Promete que não vai colocar as mãos nos olhos?

— Prometo — murmura ainda inquieto, mas convencido de que deveria manter a calma.

Beijo sua testa e falo:

— Josephine também está aqui para te ver.

— Oi, meu querido. — Ela se aproxima e fala mansinho, em uma voz dócil e reconfortante.

— Minha cabeça dói um pouco, Jojo. — Alexei reclama, tenta tocar mais uma vez no curativo nos olhos, mas se lembra que me prometeu e abaixa a mão.

— Eu vou chamar a enfermeira para te dar um remédio bem docinho, para acabar sua dor e você dormir um soninho bem gostoso, tudo bem?

— Tudo bem.

Ainda sob efeito da anestesia, ele dorme o resto do dia e, quando acorda, está bem calmo e com muita fome. E isso é muito agradável de se ouvir. Só quando se é pai ou mãe que se entende como a gente quer que os filhos comam. Não sei explicar essa obsessão por fazer os filhos comerem.

Dom e minha mãe chegam depois e ficam o resto do dia com a gente, até que a noite cai e todos vão embora. Eu fico para acompanhá-lo. A todo momento eu dizia a ele que estou ali no quarto, para ele se acalmar, eu que eu não iria sair em hipótese alguma.

No noticiário, a informação da cirurgia já é uma das pautas, todos cogitam hipóteses sem saber realmente a qual procedimento cirúrgico ele foi submetido. Eu não autorizei que o hospital emitisse qualquer informação sobre o quadro clinico de Alexei à mídia.

Ele fica mais um dia e uma noite no quarto, com a venda nos olhos. Depois, o médico recomenda que as cortinas sejam fechadas, deixando o ambiente escuro, e então retira os curativos.

— Filho, abra os olhos agora. — Eu digo baixinho, segurando em sua mão, morrendo de expectativa, temendo que não tenha dado certo e que eu não possa cumprir minha palavra a ele, já que sempre afirmei que ele voltaria a enxergar.

Devagar, Alexei abre os olhos e vira o rosto, mirando tudo ao redor.

— Ele ainda pode se sentir confuso. — O médico disse. — E o quarto está escuro para a luz não causar desconforto.

— Alexei, consegue ver o papai?

Ele não responde, fecha os olhos e aperta as pálpebras.

— Abra uma cortina, deixe um pouco de claridade natural entrar no quarto. — Uma enfermeira se apressa em fazer o que o médico pediu. Agora tudo está mais visível.

— Filho, abra os olhos de novo, consegue me ver? — Caramba! Eu estou quase tendo um ataque de tanta ansiedade. Olho para Josephine e ela parece prender a respiração, em tensão profunda.

Devagar, ele abre os olhos, em seguida os semicerra e fita a janela.

— Ei, olhe para mim. — Toco de leve em sua mão e ele se vira. Seus olhos saltam de leve e um brilho cobre cada um deles.

— Consegue me ver?

Visivelmente todos nós podemos presenciar quando os olhinhos azuis dele começam a se encharcar e, de repente, em um surto, Alexei está em prantos. Me ergo depressa, sento na cama ao seu lado e o abraço, também emocionado.

Ele não fala nada, mas sabemos que ele me viu e suas frágeis emoções infantis não aguentaram.

Afasto o rosto dele do meu peito e, também com lágrimas nos olhos, limpo suas bochechas. Ainda soluçando, ele levanta o rosto, me encarando.

— Está me vendo? — pergunto.

— Sim. Eu estou te vendo, papai.

Parecia que eu tinha mesmo conseguido remissão pelos meus erros. Todas as coisas que eu desejei com afinco e fé estão acontecendo. Olho rindo para Josephine e a vejo limpando as lágrimas, sorrindo também. A felicidade nos abraça juntos.

Eu sou a porra do rei mais feliz do mundo.

67

O JULGAMENTO



JOSEPHINE

A emoção me dominou presenciando uma das cenas mais lindas da minha vida. Phelipo está extasiado e demonstrando o quanto é agradecido por todas essas coisas que o destino nos presenteou.

Alexei, ainda confuso e amedrontado, olha em volta com muito cuidado, se acostumando com a visão, e volta a esconder o rosto contra a camisa do pai. Ele está assustado, mas não se pode negar sua felicidade.

Ficamos com ele mais dois dias no hospital e, nesse período, Phelipo levou todo tipo de coisa para mostrar ao menino. E o melhor foi que ele me incluiu em seus momentos com o filho, fazendo da gente uma família. Era ali, em harmonia, com nossa pequena família se fortalecendo, me dando emoções que eu não achei que poderia experimentar.

Eu sentava de um lado da cama e Phelipo de outro e mostrávamos a Alexei um livro gigante de animais que Phelipo arranjou e trouxera. É como uma enciclopédia, só que de bichos. Alexei vibrava maravilhado com cada descoberta.

— Este é o cavalo. — Apontei a figura do animal.

— Que pernas grandes. E esse, Jojo? — Apontou para um camelo.

— Se chama camelo — respondei e, quando levantei meus olhos, Phelipo me olhava com um ar que eu poderia facilmente classificar como fascinado.

Na primeira noite dele no palácio, depois de voltar do hospital, Phelipo fez questão de preparar um filme para assistirmos juntos. Ele queria mostrar o mundo para o filho, e o prazer de cada descoberta que eu presenciava me deixava eufórica. Como se estivesse sede, querendo mais e mais ver todas as reações de Alexei.

O filme escolhido foi O Rei Leão. Não podia ter sido uma escolha melhor. É um filme icônico e eu até diria que sua história se parece com o que vivemos recentemente: não consegui deixar de fazer um paralelo entre ambas: uma confabulação contra o rei, a morte dele e a volta do filho para tomar o trono que lhe é de direito.

Na sala de cinema do palácio, eu estava empolgada, sentada ao lado de Phelipo, com Alexei entre a gente. E quando a bela abertura se iniciou, ele ficou de pé na poltrona, quase sem piscar e exclamando coisas como: “Olha, Jojo, um elefante”; “Aquele é o rei *lião*, papai?”.

E no momento da morte do leão, Alexei se encolheu e escondeu o rosto no braço de Phelipo, sem querer ver o pequeno Simba chamando pelo pai.

Ele se acalmou e curtiu cada momento da história de Simba e até mesmo eu fiquei emocionada, olhando a todo momento para Phelipo, porque eu via ali várias semelhanças com ele: como a fuga do reino, uma vez que se achava culpado pela tragédia na família e inclusive quando a leoa diz que "dentro dele o rei existe, mas não quer mostrar". No inicio eu o repudiava, mas no fundo sabia que era nele que encontraríamos a salvação de Turan.

Phelipo enfrentou não só a ganância do tio, mas o pior inimigo que foi ele mesmo e suas convicções infundadas.

Aceitar seu lugar no trono, aceitar nosso casamento e aceitar permanecer em Turan, foram escolhas provenientes de sua culpa pelas mortes do pai e do irmão. Agradeci silenciosamente a Dom por ter se afastado e assim forçado Phelipo a tomar uma posição. De playboy mimado a rei exaltado.

O meu rei corajoso.

Ele e Alexei estavam tão compenetrados no filme que nem notou quando entrelacei meus dedos nos dele e descansei a cabeça em seu ombro, envolvida com minhas emoções.

***

Tivemos um jantar maravilhoso. Convidei as meninas para vir e minha mãe também. Mas ela não aceitou. Eu a visitei e minha mãe está feliz morando sozinha, desde que eu não me afaste dela, que é o que importa.

Bernadete e Susan voltaram ao palácio depois de tanto tempo sem vir, por causa de toda a crise que se abateu. Eu, elas e Allegra nos abraçamos felizes, tendo nosso momento particular na biblioteca, um pouco antes do jantar.

— Agora poderemos voltar às nossas reuniões do clube da leitura. — Eu digo, mais vibrante do que qualquer uma.

— Será mesmo? Tendo um rei desse nível por perto, ainda vai ter tempo de ler? — Bernadete alfineta, nos fazendo gargalhar.

Eu quase concordei, mesmo achando bem inadequado. Coube às meninas fazer as provocações.

— Josephine morria de raiva dele. — Allegra grasna, me fazendo revirar os olhos. — Tinha uma birra eterna. Quem lembra da nossa última reunião que ela deu o dossiê completo do príncipe fanfarrão?

Ela acaba arrancando uma risada de mim. Afinal, tenho que concordar.

— Foi um mico, amiga. — Susan concorda, rindo também. — Sabíamos que ela sofria de amor platônico por ele. Será que rolou algum feitiço? — Mostra um falso olhar de horror provocando o mesmo gesto nas outras, entre risadas debochadas.

— Pensei nisso, afinal o cara caiu de paraquedas no colo dela. — Bernadete pisca para as duas e prossegue: — Allegra, é sua missão averiguar os truques da rainha da safadeza, já que agora que é dama de companhia.

Eu até olho em volta, morrendo de vergonha. Se alguém ouve nossas conversas, eu serei, com certeza, destronada.

— Ok, suas cretinas. Vamos escolher nosso próximo livro, encontrei um que parece bom...

— Sabe quem parece bom? O irmão ressuscitado de Phelipo. — Bernadete sussurra com a mão em concha na boca, como se fosse segredo, e as outras duas aprovam.

— Misericórdia. Eu passei ontem, vindo do bosque com a Jojo e o vi treinar lá na academia. — Allegra começa a narrar, prendendo a atenção das duas. Eu coloco a mãos nos olhos.

— Gostoso? — Bernadete e Susan mal se aguentam no suspense e perguntam quase juntas.

— Gostoso é pouco. Um quarentão daquele faz um estrago dos bons.

— Allegra! — exclamo. — Tenha modos.

— Ah, desculpa, amiga, é seu irmão. — Bernadete diz, provocando risos nas outras.

— Se não fosse meu Pernalonga, eu investiria. Mas amo demais meu varão. — Ela ri e completa em seguida: — Varão no sentido literal.

***

Depois do jantar, quando todos vão embora e Alexei enfim dorme, eu me sinto aliviada pelo dia gostoso que tivemos.

Sirvo uma xicara de chá, entrego a Phelipo e sirvo outra para mim, me posicionando de pé ao seu lado na varanda do nosso quarto, vendo a noite cobrir a cidade como um véu negro, salpicado de pontinhos brilhantes.

Alexei está dormindo feliz em sua primeira noite no próprio quarto, após voltar a enxergar.

— É agradável poder ver a noite descer pela cidade e saber que tudo está tranquilo.

— Há um rei zelando por todos — pontuo e ele assente, concordando.

— Um rei e uma rainha. — Ele deixa a xícara no aparador e levanta suas mãos para mim. — Venha cá. — Entrego minha mão e Phelipo me deixa nervosa por demonstrar sua ansiedade nos olhos tão azuis que quase sempre me hipnotizam, com deleitável sensação de paz, todavia não estão assim agora.

— O que...?

— Sabe que ainda não terminou, não é? — Sabia que ele se referia ao julgamento dos conspiradores, que já tem data marcada.

— Sim, eu sei. Enfrentaremos juntos, estaremos ao seu lado. — Ele sabe que tem apoio e não iremos deixá-lo. Fica em silêncio me olhando e em seguida me abraça.

***

O julgamento está acontecendo em uma corte especial no palácio de Montgomery, lugar onde aconteceu a primeira conspiração contra um rei, dando origem à Festa da Cabeça.

É uma suntuosa construção do século dezessete, ornada com tijolos brancos e grades pretas, com duas torres laterais e um imenso jardim na frente, com nove fontes, cada uma representando um estado de Turan.

Hoje, no local, funciona o tribunal nacional onde são presididos grandes julgamentos.

Eu nem dormi direito essa noite por causa da apreensão. Minha mãe estará como testemunha de

acusação, foi a proposta que ela ganhou: testemunhar contra Domenico e, em troca, não ser denunciada.

Zoe me ajudou a escolher um traje, na verdade ela escolheu o que eu deveria vestir. Sentada no carro, passo as mãos na saia rodada do vestido verde musgo composto de mangas longas e gola em "V". No lado esquerdo do peito, a insígnia real e, na cabeça, ajeitada nos meus cabelos presos, uma coroa simples.

Olho para Phelipo, que está sisudo desde que levantamos hoje. E eu sei que isso é sua raiva se manifestando, afinal ele vai presenciar a justiça ser feita contra as pessoas que quase o mataram.

Está muito vistoso com um traje bem recortado ao seu corpo, delineando sua estatura e seus músculos. Também tem uma insígnia no peito, além da faixa real transpassada e, na cabeça, uma coroa.

É quase um momento solene e, por isso, ele está usando a coroa. Olho para a janela quando chegamos ao palácio de Montgomery. Tem milhares de pessoas ao redor, nas ruas e em frente ao lugar. A segurança muito reforçada, a polícia mantendo as pessoas afastadas e à frente apenas os repórteres, de várias partes do mundo.

Saímos do carro escoltados. De relance, vejo Dominic e Helida descerem de outro carro e quase correrem para dentro do palácio, conduzidos pelos seguranças.

Dois ministros e dois membros do conselho real já estão a postos para nos receber. Fazem uma breve reverência ao ver Phelipo.

— Majestade. A corte os espera.

Andamos atrás deles até um largo corredor luxuoso, com vitrais coloridos e tapetes vermelho vinho, e paramos diante de uma enorme porta de madeira protegida por dois guardas, um de cada lado. De olhos fechados, faço uma pequena prece para que tudo dê certo. Eu estou uma pilha de nervos e se eu pudesse tocar Phelipo, saberia que ele está igual.

Não podemos nos tocar afetivamente em público, portanto me resta a presença dele ao meu lado. Atrás de mim, Helida e Dominic.

Do outro lado da porta, podemos ouvir o juiz dizer:

— A corte recebe com honra o rei e a família real. Todos de pé. — E então os guardas empurram a porta e ela se abre na minha frente, revelando um salão repleto de pessoas. Todos olhando para trás, para nos ver.

Passamos pelo corredor andando de cabeça erguida e então eu sinto algumas batidas falharem ao ver em um dos lados vários bancos com pessoas sentadas, que não ficaram de pé: são os réus e, na frente, estão Domenico e Dino.

Phelipo para de andar e todos nós paramos também. Estou em alerta, quase pirando de medo de ele fazer alguma bobagem, não ficava frente-a-frente do tio desde que tudo aconteceu. Mas ele manteve sua pose austera, assim como Helida e Dominic. Phelipo, a mãe e o irmão apenas olham de cima a baixo para os réus, demonstrando puro desprezo e, em seguida, voltamos a andar para os lugares na lateral, reservados para a gente.

No meio de todos os réus eu vi Bart e meu coração sacolejou. Ele me encara de uma maneira rancorosa, como se eu fosse culpada de ele estar lá. Por um segundo eu até me senti culpada de tê-lo abandonado e me casado com Phelipo, poderia ter fugido com ele e desobedecido às ordens do rei.

Mas eu estaria com um homem que me traía e jamais iria conhecer o verdadeiro amor que eu desfruto com meu marido. Bartolomeu se deixou corromper e deve pagar pelos seus atos.

O julgamento se arrastou por três dias. A defesa dos réus tentou de tudo, incluindo um acordo. Mas de nada adiantou. Nós, da família real, não pudemos testemunhar, mas Levi, minha mãe, Matthew e vários outros funcionários do palácio contaram a todos tudo que Domenico fez.

Principalmente Dália, trazendo à tona as provas que Helida tinha contra ele, desde o passado.

Lagrimas demostraram minha emoção, compartilhada com minha mãe, quando meu pai foi mencionado tendo papel importante.

Não tinha como, estava tudo apresentado ali, para os presentes. Toda a história da fuga de Helida, a traição de Mariah, o acidente que a matou, a morte do rei e a suposta morte de Dom.

Um guarda, que participou do plano de Dominic, sabia da falsa morte e contou detalhadamente para o tribunal em silêncio.

— Não havia corpo. — Começa a contar. — O príncipe tinha nos chamado e contado todo o plano. Eu fui a suposta primeira pessoa a chegar ao local e consegui encobrir, dizendo que o corpo estava muito carbonizado. Ao chegar no IML, outra pessoa que já sabia do que estava acontecendo, entregou ao rei pertences do príncipe "achados" no acidente — fez sinal de aspas com as mãos e olhou diretamente para nós. — Não houve qualquer suspeita depois disso.

Dom ouve tudo de cabeça baixa, com certeza se sentindo culpado, mas hoje sabemos que foi necessário o que ele fez.

E quando chega a vez de Domenico falar, ele não demonstra arrependimento. Sua família e filhos estão presentes, e ele eleva a voz, como um orador.

— Sou inocente! — gritou. — Isso é um julgamento político, com a intenção de exaltar a figura do rei e tentar limpar a sujeira que existe nessa família. Querem calar a voz que se opõe à coroa! — Um burburinho se forma e o juiz bate o martelo.

— Silêncio! Senhor, deve manter a ordem no tribunal. — O juiz pede e Domenico nem olha para ele.

— O que sentiriam se fossem cada vez mais empurrados para o último lugar da sucessão do trono? — Todos estão em silêncio, discretamente aperto a mão de Phelipo por vê-lo tão rígido e tremendo de raiva. — Eu nunca fui respeitado porque Alfred era a porra do príncipe herdeiro e eu apenas um mero duque. Eu nunca fui orgulho para meu pai e nem para o povo. E só me restou remoer e guardar mágoa. Mas o tempo passou, Alfred era rei e isso durou até eu descobrir a vadiagem da rainha e ver que o príncipe primogênito não passava de um bastardo.

— Silêncio! — O juiz grita quando o rebuliço entre os presentes volta. Eu escondo o rosto desejando que isso acabe logo, sem sequelas.

Domenico vira-se para nós e aponta um dedo.

— Esse idiota não passa de um sortudo. Phelipo sempre deu as costas para o trono e para o povo. Usou dinheiro da coroa para abrir um negócio fora daqui e ainda traiu o próprio irmão...

— Meritíssimo! — Um dos membros do conselho real se levanta e eu agradeço, pois estava vendo o momento que Phelipo sairia de onde estamos e iria agredir o tio. — Isso não faz parte do processo, ele está difamando o rei.

— Deferido. Senhor Domenico, mantenha a compostura ou seu direito de falar será retirado.

— Não tenho mais nada o que dizer, a não ser uma indagação. — Olha para a plateia e questiona: — Vocês vão mesmo se curvar a uma família em que a rainha mãe traiu o rei e gerou um filho bastardo, o rei é casado com a irmã de seu irmão e tem um filho que também não passa de um acidente de percurso?

Phelipo está tremendo e eu poderia aplaudir seu controle, ainda mais quando se referiu a Alexei. Sabemos que Domenico quer apenas provocar e não iria conseguir um show, como esperava. Como dizem: veneno só faz mal para quem o toma. E Phelipo não ingeriu.

Cada um dos homens que lutaram com Domenico pegou vinte anos de reclusão. Os que mataram alguém no palácio pegaram cinquenta anos. A defesa de Bartolomeu conseguiu provar que ele apenas deu assistência e foi forçado a fazer o que fez, mesmo eu achando que era mentira. Dino testemunhou a favor dele e de mais cinco homens e com isso Bart ficou com quinze anos de prisão, apenas.

E por fim, quando foi a vez de Domenico, todas as suas penas juntas totalizaram cento e setenta anos, com direito a pedido de semiaberto com vinte e cinco anos, o que gerou revolta por ser considerada pena branda pelo que ele fez.

Ele não parece abalado quando o juiz lê o resultado. Sinto-me muito aliviada em saber que todos os nossos inimigos estarão trancados pelos próximos anos.

Todavia, o juiz dá a palavra a Phelipo e então vemos Domenico perder a compostura.

— Eu, como rei soberano de Turan, declaro que esse julgamento é válido e seguiu todos os trâmites legais, dando aos réus chance de defesa. Todavia, por afrontar o rei e a família real, peço à corte que acrescente na pena de Domenico as seguintes especificações: em sua cela deverá ter uma foto do meu pai no momento de sua coroação, para ele lembrar todos os dias quem foi o verdadeiro rei desse país. — Ele fala compassado, lutando para não permitir que o ódio lhe tome o controle. — A partir de hoje, ele e qualquer um de sua descendência serão indignos em carregar o sobrenome do meu pai e, quando morrer, sua sepultura será isolada de qualquer prestígio que ele teria direito como um duque. A partir de hoje, tomo seu título, sua coroa e desconheço seus filhos como parte de minha família. Um memorial em praça pública deve ser feito, lembrando para todos os habitantes presentes e vindouros, que esse homem atentou contra a vida do rei e não merece qualquer tipo de respeito.

— Seu filho da puta! — Domenico levanta aos gritos e vem correndo em nossa direção, sendo parado no ato por dois guardas. — Você vai pagar por tudo, desgraçado! — Ele rola no chão, sem querer sair, continuando a gritar: — Miserável!

Phelipo permanece de pé, sem demonstrar esboço de suas emoções, embora eu saiba que ele ferve como uma chaleira.

Domenico é levado e Phelipo prossegue:

— Ordeno que o corpo de Mariah seja imediatamente exumado e tirado do lugar de prestígio onde se encontra. Ele será devolvido à família e não poderá mais, a partir de hoje, receber quaisquer títulos reais quando for mencionada. — Ele olha para mim, Dom e Helida e depois volta-se para o povo, finalizando: — Minha família tem erros, não serei um ditador que não aceita críticas, mas não aceitarei em hipótese alguma rebeliões e provocações. Que esse julgamento sirva de exemplo. Devolvo a palavra ao meritíssimo juiz.

Saímos do palácio e é uma deliciosa sensação de fim de ciclo. Encerramos uma etapa e, a partir de hoje, tudo será história. Acenamos para o povo que se aglomera em volta do palácio da justiça e, ao entrar no carro, abraço Phelipo e ele retribui me apertando forte em seus braços. A

tranquilidade nos recebe.

Nossa vida tranquila se inicia a partir de agora.

68

VOSSA MAJESTADE



PHELIPO

É uma menina. Serei pai de uma menina e não me contenho de felicidade, como nunca imaginei que ficaria. Minha boca simplesmente não consegue conter o riso a todo instante, desde ontem, quando recebemos a notícia. Parece algo bizarro para o Phelipo de meses atrás, mas hoje eu até estourei um champanhe porque terei uma menina.

Minha felicidade maior é pela vida a caminho. Estou tendo a oportunidade de acompanhar a gravidez de um filho meu, coisa que não tive quando Alexei foi gerado.

— O que foi? — Deitada na cama, lendo, Josephine me olha sentado em uma poltrona, observando-a, e só percebi que estava sorrindo sozinho feito um besta quando ela me flagrou.

Levanto, ajeito meu robe e subo na cama engatinhando. Tomo o livro da mão dela, deixo-o de lado e fico feliz em ver que ela já sabe o que a espera.

— É uma menina. — Passo a mão no ventre dela. — Está feliz?

— Demais. Como nunca estive. — Josephine me puxa, fazendo com que me deite sobre ela.

— Não quer agradecer ao autor dessa felicidade?

— Você? — Dá uma risada. — Não foi você que decidiu que seria menina.

— Foi sim, cumpri o gosto da minha esposa, mereço uma recompensa.

Seu rosto adquire um ar libertino, indicando que já me dei bem. Minha mulher que se molha toda ao tocar em mim. Só tenho orgulho.

Ela abre meu robe e o tira, me deixando nu, acomodado sobre ela.

— Estou com pressentimento que não será apenas o nosso velho e bom sexo. — Aspira, cheia de luxúria, meu pescoço, e dá uma mordiscada, provocando uma fisgada no meu pau duro.

— Estou radiante com sua intuição. — Começo a beijá-la, Josephine já está totalmente acesa, passando as mãos pelo meu corpo. Mas não fica muito tempo por baixo. Ela se mexe e me empurra. Deito de costas na cama, ela fica de joelhos do lado e eu me preparo, sabendo que algo diferente vai rolar.

Ela arranca a camisola pela cabeça, revelando seu corpo que me deixa louco só em olhar. Os seios estão livres e apenas uma calcinha pequena de renda cobre a fonte da minha obsessão.

— Venha aqui, minha gostosa... — Tento puxá-la ensandecido, querendo arrancar a calcinha com os dentes e beijar em seguida sua boceta enquanto apalpo os seios.

— Não. — Josephine afasta minhas mãos. — Relaxe e aguarde.

— Aguardar o quê? Olha minha situação. — Aponto para meu pau latejando de tão duro. Ela olha, passa a língua nos lábios e usa uma voz sensual:

— Quer fazer algum pedido, majestade?

— Sério? — Semicerro os olhos.

— Use a imaginação. — Josephine enfia as mãos nos cabelos e os joga de lado. Em seguida desce os dedos pelo pescoço e passa pelos seios, me levando à loucura.

— Eu quero foder sua boca desde o dia que me afrontou, mas hoje, como é minha adorável esposa, eu diria que quero adoçar seus lábios com meu pau de mel. Então vou te dar duas opções.

— Pau de mel? — indaga e gargalha em seguida. — Quais são as opções?

— Chupar ou engolir. Você decide. Coloque a boquinha aqui e veja se não é mesmo de mel. Ajude o rei a não morrer de desejo.

Ela desce a mão, toca no meu ventre e tamborila os dedos até meu pau. Prendo a respiração junto com o lábio nos dentes, nem pisco olhando. Josephine segura ele todo na mão e se curva, dando um beijinho na ponta. Seguro o gemido e quase protesto de revolta quando ela o solta. Mas, para minha completa surpresa, ela junta os cabelos nas mãos e, sem quebrar contato visual comigo, prende eles em um coque frouxo malfeito.

Caralho! Prendeu os cabelos, a coisa é séria.

E ela abocanha. Como eu desejei desde que a vi. No início apenas um gesto de pura dominação, mas depois por ter desejos apenas por ela. Josephine não é expert no assunto, e isso que faz ficar mais gostoso. Sua língua desliza junto com os lábios, levando meu pau até a metade para dentro da boca; faz sucção e volta a chupar devagar, acho que temerosa.

Eu sou mestre nas mamadas, sei me controlar e fazer elas lacrimejarem com minhas socadas brutas na boca, todavia hoje não pareço o devasso Phelipo do passado. Eu estou subindo pelas paredes só com a visão de ter Josephine curvada sobre mim chupando meu pau em um ritmo gostoso, ainda em descoberta de sensações.

Quando ela passa a língua nas minhas bolas, eu quase agradeço a Deus em voz alta. Uma depilação escrotal nunca é em vão.

Caralho maldito dos infernos. O êxtase que me toma me faz ver turvo. Como isso é possível? Phelipo Maxwell se dissolver em dois minutos de mamada? Josephine é com certeza a mulher da minha vida.

Ela sabe que está fazendo certo, segura minhas bolas, crava devagar as unhas em minha bunda e dá seu melhor, chupando com tesão. Com certeza ela tem experiência de leitura e sabe como fazer seu homem feliz.

— Aahhh! Vou gozar. — Tento afastar seu rosto, mas ela me segura e continua na sua missão de me fazer encher sua boca com meu gozo.

— Josephine... mummm. — Ela não para e foi meu fim quando puxou devagar minhas bolas. — Sua Satã... — Eu estava com medo de gozar na boca dela e daí não querer mais encostar no meu pau. Puxo ele, mas ela tenta segurar, eu já estou vendo estrelas, sentindo a truculência do gozo chacoalhando meu corpo, e não tem jeito de impedir do jato bater na cara dela e mais outro em seguida. Seguro meu pau a tempo, ainda tremendo e gozando e os próximos jatos acertam o pescoço

dela.

— Phelipo! — Ela passa a mão nos olhos, limpando. Caramba, pareço a porra de um adolescente fazendo lambança.

— Desculpe, amor. — Pego de lado meu robe para limpar. — Caiu no olho?

— Sim. Está ardendo.

Corremos para o banheiro, abro o chuveiro e ajudo-a, lavando com água abundante.

— Ai meu Deus! Está irritado! — Lava com desespero. — Vou ficar cega de um olho!

— Calma, sem estresse. Minha porra não é tão cruel assim. O máximo que pode acontecer é a menina do seu olho engravidar.

Tampando um olho, ela me direciona um olhar mortal com o outro.

— Ok, desculpe. Continue lavando, volto logo. — Corro para o quarto, pego meu celular e ligo para uma pessoa que já sei o número decorado. O oftalmologista que acompanha Alexei.

— Majestade. — Ele atende rápido.

— Oi, doutor, sim, sou eu. Desculpe ligar a essa hora... mas não é nada grave. — Adianto logo. Vou para a porta do banheiro e olho Josephine. O olho está vermelho e ela coloca a cara debaixo do jato de água.

— Aconteceu alguma coisa com Alexei? — O médico me pergunta.

— Não. — Rio sem graça. — É só uma curiosidade.

— Ah... sim. Pode dizer.

— O que está fazendo, Phelipo? — Josephine grita horrorizada ao perceber que estou falando com alguém no telefone.

Ignoro-a e pergunto:

— Por acaso teria alguma consequência grave, caso o esperma de um homem caia no olho de uma pessoa?

Posso até sentir que ele respirou aliviado.

— Meu Deus! Que vergonha. — Josephine choraminga. — Nunca mais vou colocar a cara fora do palácio.

Termino a ligação e entro no chuveiro com ela.

— Veja pelo lado bom, será conhecida por "rainha da porra toda".

— Eu vou te matar! — Ela berra enlouquecida. — Ainda fica zoando de mim.

— Desculpe, amor. Desculpa. — Abraço-a e beijo seu olho irritado. — Vai passar.

— Ligou para o médico do Alexei? Eu quero acabar com você, seu cretino. O que esse homem deve estar pensando de mim?

— Que você é uma mulher bem comida pelo rei. O que mais ele pensaria?

Ela me empurra e sai do chuveiro.

— O que ele disse?

— Só lavar com soro fisiológico, tenho aqui. — Corro até o armário, pego o soro e algodão. — Não tem perigo. A irritação se dá porque o olho é mesmo sensível e o sêmen tem alguns

complementos que podem levar à irritabilidade de uma área tão sensível. Apenas isso.

Após eu limpar com o soro, ela olha no espelho e demonstra estar mais calma.

— Venha, vou te secar e colocar na cama, já que tomou leitinho quente e ainda se lambuzou toda. — Ela acaba rindo e dá dois socos no meu braço.

— Vou te punir. Sem sexo até segunda ordem. — Puxa a toalha e começa a se secar sozinha.

— Não diga isso, não seja uma Satã na minha vida.

Me seco também, tiro o lençol sujo da cama enquanto ela veste uma camisola. Eu coloco uma cueca e minhas meias vermelhas fofas sob o olhar pouco amigável dela. Deitamos, em seguida, debaixo do edredom e eu a abraço por trás em uma aconchegante conchinha.

— Fecha o olhinho e durma. Nessa manhã te darei um delicioso despertar com beijo na boceta, o que acha?

— Não faz mais que sua obrigação. Boa noite. — Eu rio, beijo o pescoço dela e, apesar do acidente, nosso primeiro sexo oral foi delicioso.

— Você tem sorte de ser gostoso, Phelipo. Tem muita sorte — sussurra.

— Eu tenho sorte de ter você. — Agora sim, arranco um sorriso dos lábios dela.



EPÍLOGO

Um mês mais tarde, o país está em festa. É a coroação de Dominic. Deu trabalho, mas consegui mudar algumas leis, tendo votos da maioria do conselho e dos governadores de cada estado.

Agora, como eu terei uma filha, mudei a lei que dá direito a uma mulher herdar o trono só depois de esgotar todas as chances de um homem. Com isso, um primo teria mais direitos que minha filha. Agora, com a lei promulgada, ela é herdeira logo depois de Alexei.

O caso dele entrou em discussão, mas ganhou deferimento para também herdar, uma vez que ele é meu filho legítimo, pertencendo à linhagem real, não importando quem foi a mãe que lhe deu à luz. Alexei entrou oficialmente na sucessão do trono.

Dominic estava participando do conselho e não queria nenhum título, queria apenas ter algo para fazer em prol do povo. Foi dado a ele o domínio da segurança do país. A partir de então, estava decidido que Dom seria primeiro marechal do exército e de toda a guarda real.

E eu ainda lhe dei o título de duque.

Segundo o conselho, esse é o título que lhe cabe, uma vez que pode ser hereditário ou concedido pelo rei. É um título que é usado em algumas monarquias como comandante militar.

Agora, meu irmão ganhará uma coroa de duque e será oficializado na frente do povo. Assim como Levi e Matthew ganharão também títulos de honra por terem lutado em prol do rei.

Uma grande comitiva passou pelas ruas da cidade, sendo ovacionada pela multidão. Eu estava novamente na abadia em que me casei e fui coroado, só que dessa vez, muito mais feliz do que nas duas últimas ocasiões. Meu filho está comigo, aprendi a amar loucamente a mulher que fui forçado a me casar e tenho meu irmão e minha mãe de volta. É a segunda chance que o destino me deu.

É, para mim, um dia festivo, mais do que para qualquer outra pessoa.

Com a coroa e um manto, me sento no trono à frente de todos os convidados, com Josephine ao meu lado. O mundo inteiro assiste a esse momento que fiz questão de criar, para honrar meu irmão. Na minha frente, na primeira fila, minha mãe e Alexei assistem à cerimônia.

Levi e Matthew se ajoelham em frente ao altar, após as palavras do arcebispo. Me levanto com Josephine, ela me entrega a espada e eu levanto a voz:

— Como rei de Turan, declaro a partir de hoje, o respeito e a honra a Levi Marco e Matthew Crispim. Ambos servem à coroa e devem ser tratados como Sir. — Com a espada, toco o ombro e a cabeça de Matthew. — A partir de hoje você se torna Sir Matthew. — Faço o mesmo com Levi e proclamo: — A partir de hoje, você se torna Sir Levi.

A plateia aplaude, eu volto para o trono e ambos ficam de pé, ao lado, após receberem brasões e um anel.

O arcebispo convoca a presença de Dominic, que sobe no altar vestido com um traje de gala de marechal, e recebe as honras. De Josephine ele recebe a espada e, das minhas mãos, um anel. O arcebispo fica responsável por colocar em sua cabeça a coroa de nove pontas, representando os estados de Turan.

— Eu, rei Phelipo, confio ao meu irmão a segurança do nosso país, com o título de duque.

Já coroado, ele faz um breve juramento e todos aplaudem comedidamente.

Na sacada no palácio, acenando para a multidão, eu olho em volta e vejo meu sonho se tornar realidade. Dom nunca esteve tão feliz desde que voltou, e Alexei está vibrando, vendo tanta gente. Quebro os protocolos puxando a mão de Josephine e beijando-a.

— Obrigado — sussurro.

— Eu faria tudo de novo.

— Até se casar comigo?

— Principalmente se casar com você. Majestade. — Rio, inclino e beijo-a. Me ergo novamente e o povo vai à loucura por ter visto o selinho que o rei e a rainha trocaram. Rimos e acenamos para eles.

Alguns meses depois, Josephine deixa a maternidade para se recuperar em casa. Entre eu e Alexei, recostada na cama, ela encara a pequena menininha em seus braços.

— Minha irmãzinha é a mais linda de todas, papai. — Alexei bate palmas feliz da vida. Eu estou explodindo de felicidade e tanta paixão por eles. O amor é o único sentimento capaz de até mudar uma pessoa. Por amor eu aceitei o trono, por amor eu permaneci aqui, por amor eu lutei até o fim.

Amar e exaltar esse sentimento não faz um homem menos másculo, ao contrário, é honroso poder sentir.

Na revista ao lado, a notícia já é sobre a pequena princesa.

O nome da princesa é divulgado: Giulia Marie Miklos. É a primeira filha do rei Phelipo e da Rainha Josephine e herdeira ao trono logo depois de Alfred Alexei Miklos, segundo a nova lei, que permite a uma mulher herdar o trono.

Fim...

Próximos lançamentos da autora:

- Herdeiros Indecentes (spin-off Executivos Indecentes)
- Adorável Selvagem
- Vizinho Secreto

CONTATO

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

Twitter | Facebook | Instagram | Wattpad

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada.